



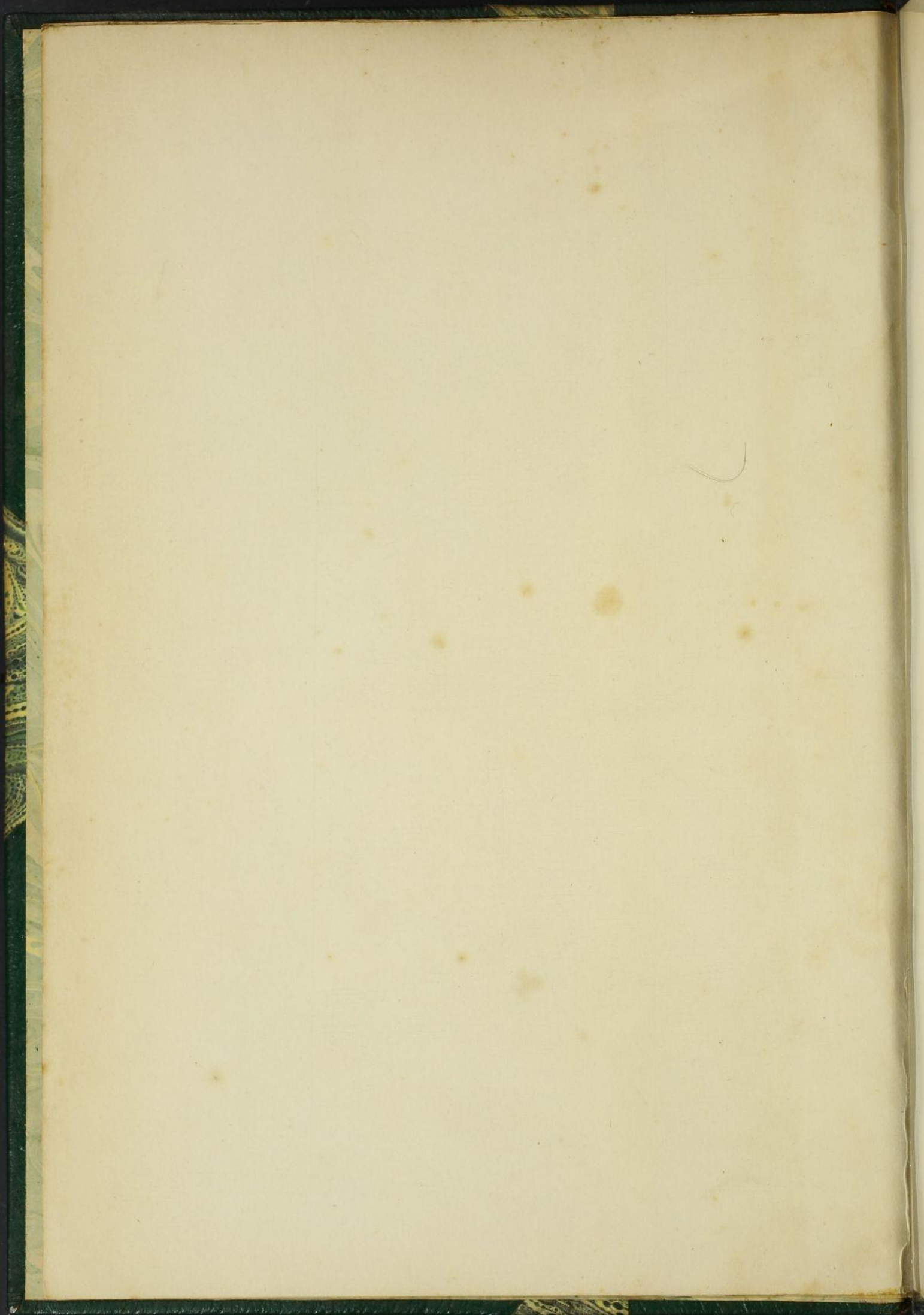
le ne fay rien
sans

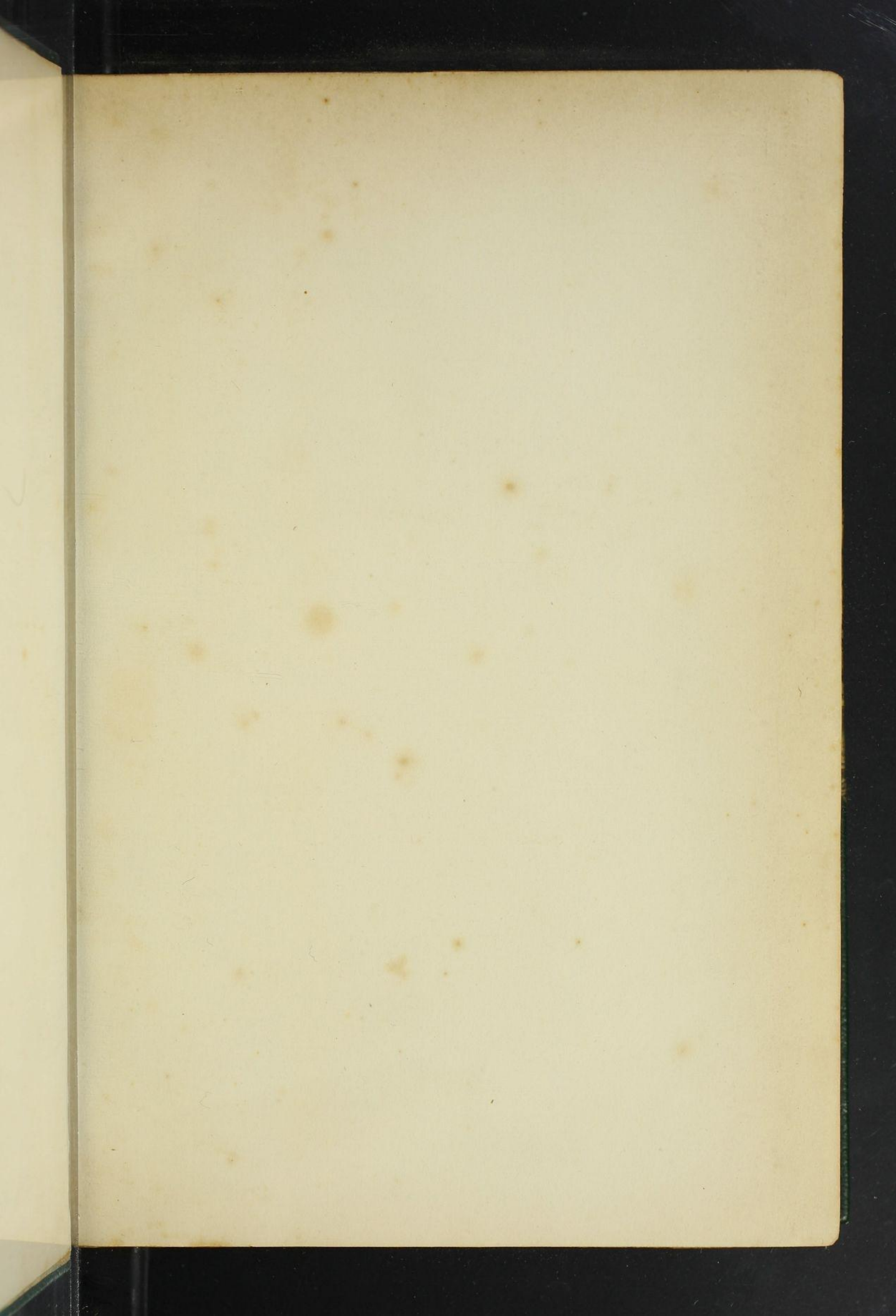
Gayeté

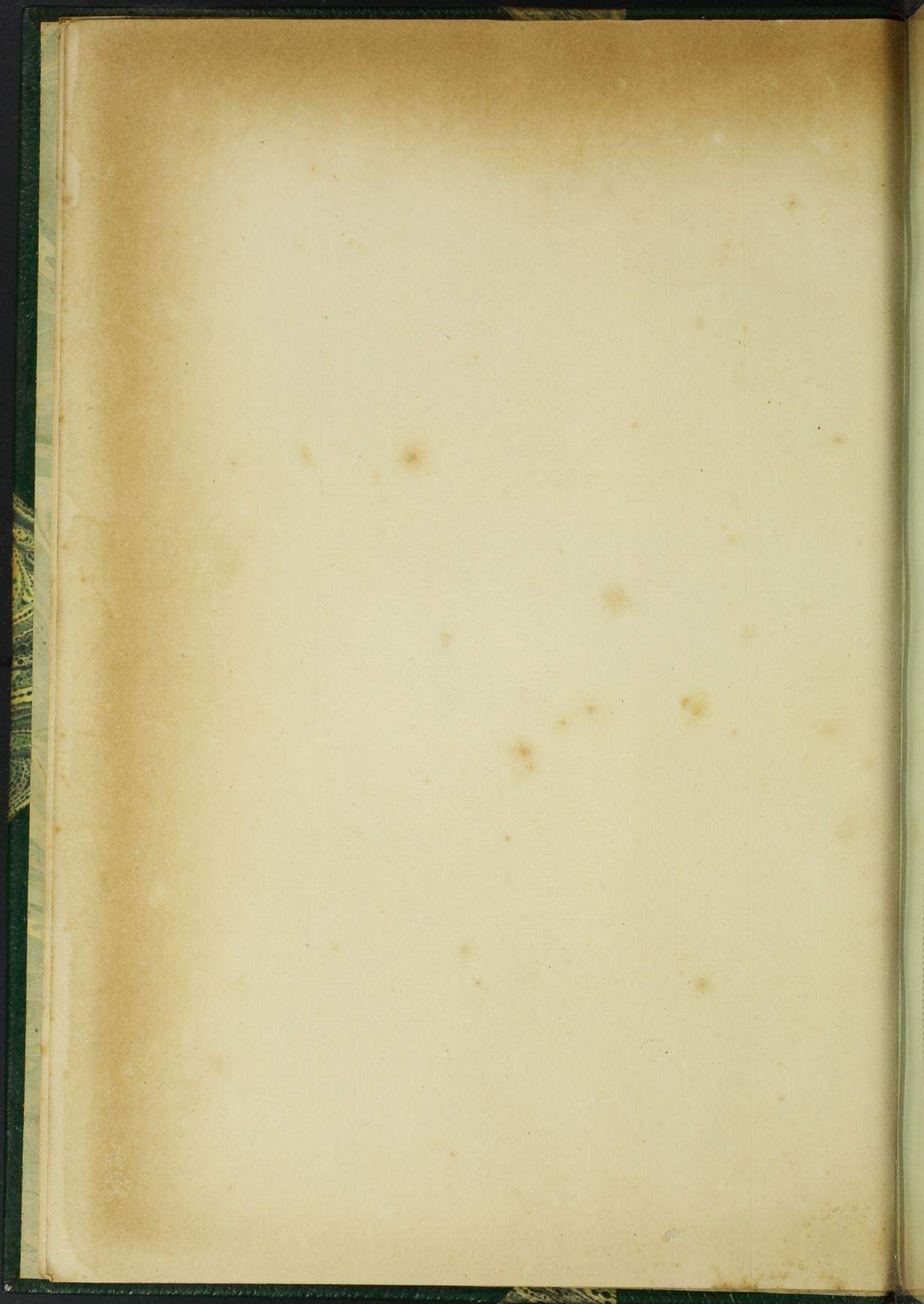
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin









EPAMINONDAS VILLALBA

A

REVOLUÇÃO FEDERALISTA

NO

RIO GRANDE DO SUL

(Documentos e Commentarios)



LAEMMERT & C.^ª—Editores
Rio de Janeiro, S. Paulo e Recife

1897

OPINIÃO DA IMPRENSA

Sobre a carta geographica dos Estados do Paraná, S. Catharina e Rio Grande do Sul, por E. Villalba

(Da *Gazeta de Noticias*, de 30—4—97.)

Recebemos a *Carta geographica dos Estados do Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul*, com o itinerario das forças belligerantes, durante a revolução federalista do Rio Grande do Sul por Epaminondas Villalba.

Este trabalho, que deverá fazer parte do livro sobre a ultima revolução do sul, a sahir do prélo por estes dias parece-nos delineado com esmero, a julgar pelo exame que fizemos. Acha-se n'ella traçada, com grande nitidez, a brilhante rota seguida pela infeliz victima do Carovy.

Aguardamos a publicação do novo livro do Sr. E. Villalba, que é por assim dizer a segunda parte da *Revolta da Armada* que já se acha em 3ª edição.

(Do *Jornal do Brazil*, de 15—5—97.)

A carta geographica dos Estados do Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, com o itinerario das forças belligerantes durante a revolução federalista do Rio Grande do Sul, por Epaminondas Villalba, foi-nos offerecida pelo autor e poderá acompanhar a sua obra prestes a sahir do prélo, e que tratará da ultima revolução politica occorrida no sul do Brasil.

A julgar pela sua *Revolta da Armada*, já em 3ª edição, e pela nitidez e correcção do trabalho a que alludimos, podemos garantir o melhor exito para o novo livro.

Agradecendo o exemplar com que nos mimoseou, aguardamos a publicação definitiva do seu trabalho.

(Do *Jornal do Commercio*, de 5—5—97.)

Epaminondas Villalba, pseudonymo que occulta um erudito escriptor e bibliophilo distincto, remetteu-nos um exemplar de uma carta dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catharina e Paraná, carta que organisou para acompanhar a historia da Revolução Federalista no Rio Grande do Sul que tem no prélo.

Não se recommenda essa carta sómente pela designação das varias marchas e contra-marchas dos revolucionarios federalistas do Rio Grande

Almeida
Calva Verde e Santos
e Vinhetas

A Revolução Federalista

NO

RIO GRANDE DO SUL

Do mesmo auctor;

A REVOLTA
DA
ARMADA
DE
6 DE SETEMBRO DE 1893

3.^a EDIÇÃO

Illustrada com os retratos dos principaes personagens, vistas dos pontos mais importantes da acção, e com a planta colorida do porto do Rio de Janeiro e a do combate naval no porto do Desterro.

EPAMINONDAS VILLALBA

A
REVOLUÇÃO FEDERALISTA
NO
RIO GRANDE DO SUL

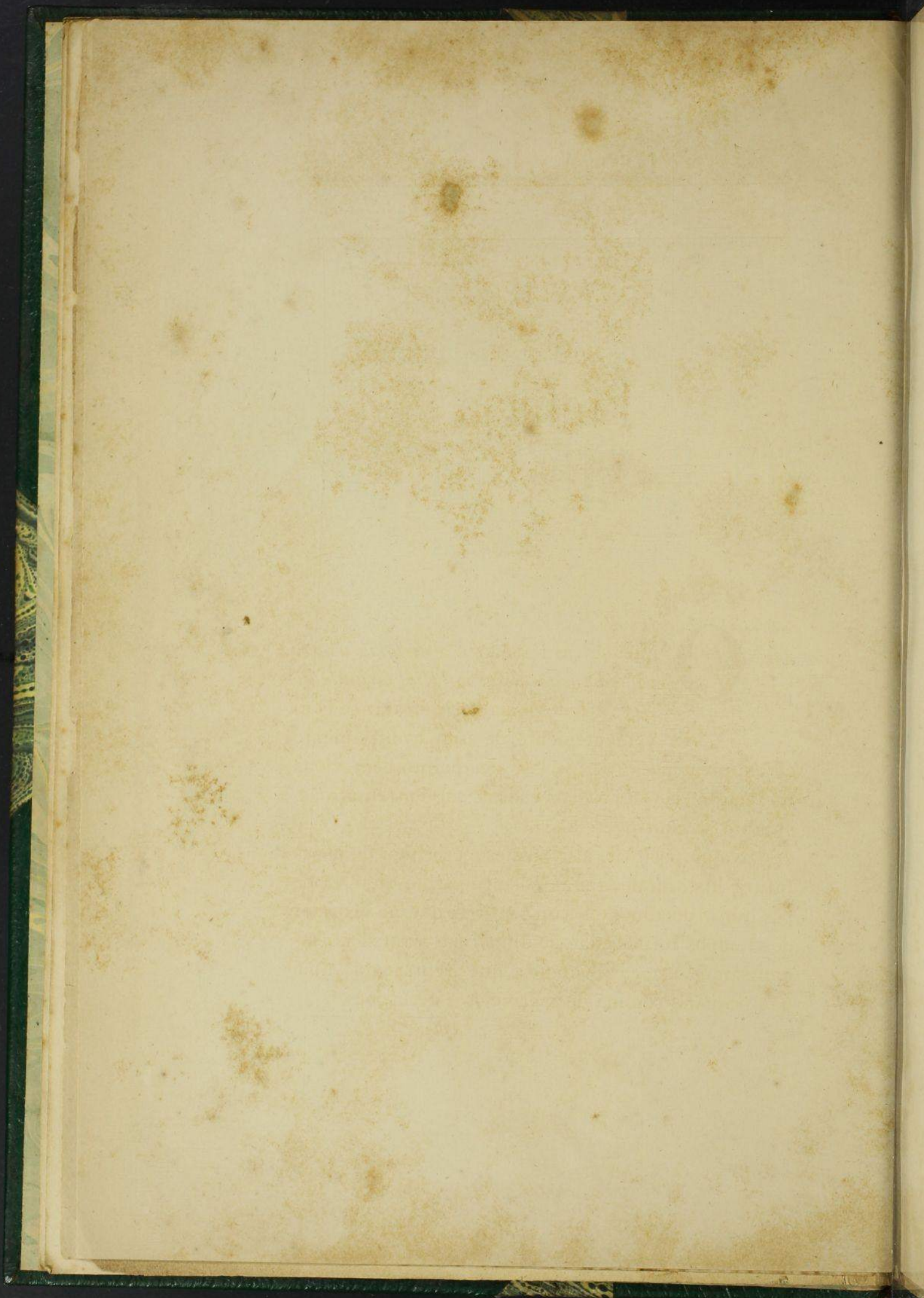
(Documentos e Commentarios)

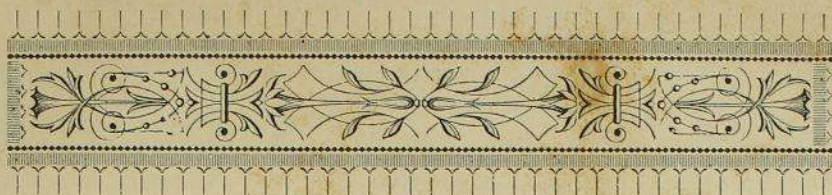
Illustrada com os retratos dos principaes personagens
e com os mappas representando:
— o itinerario das forças belligerantes pelos tres Estados, — o combate de 16
de abril no porto do Desterro, — e a posição da *Marajó*,
durante o bombardeio de Porto Alegre.



LAEMMERT & C.^ª—Editores
Rio de Janeiro, S. Paulo e Recife

1897





Prefacio

O que se vai lêr não é a *historia da revolução federalista no Rio Grande do Sul*; é cedo demais para tratar-se convenientemente de um acontecimento cujas principaes peripecias, comquanto bem vivas na imaginação de nossos coevos, são entretanto assumpto de controversia.

No proposito de alliviar-mos o escriptor da nossa futura historia de um afanoso trabalho, qual o de pesquisar documentos authenticos que no decorrer dos tempos torna-se-ão de difficilima aquisição, organisámos esta collectanea que representa uma não pequena somma de sacrificios e decepções.

Foi contra o retrahido acolhimento de alguns, desprezando e zombaria de outros e, mau grado, a desconfiança de muitos que tivemos de redobrar os nossos esforços em prol desta ingente tarefa.

Não fossem as phrases animadoras e os solictos auxilios de alguns amigos, de cujos valiosos concursos nos confessamos extremamente reconhecido e não teriamos, de certo, concluido esta ardua missão a que nos impuzemos quando publicámos a *Revolta da Armada*.

Continuamente tivemos que examinar centenas de documentos pertencentes a archivos particulares para não poucas vezes utilisarmos de um ou dous exemplares, desprezando os demais pelo pouco ou nenhum valor historico com que se nos afiguravam.

Espurgado do mais tenue vislumbre de partidarismo, somos o primeiro a reconhecer que a leitura deste livro não despertará sympathias em nenhuma das facções que militaram no movimento revolucionario; para estas é mui melindrosa a posição do historiador.

É para o espectador imparcial que escrevemos.

Esta obra deve ser considerada o segundo volume do livro a que já alludimos onde, pela sua natureza, deixou de ser desenvolvidamente tratado o

ultimo movimento politico occorrido nos Estados do sul do Brasil.

A sensível alteração que o leitor observará no seu plano pareceu-nos um melhoramento, qual o de reunir juntos, na segunda parte, todos os documentos para conservar a narrativa sem solução de continuidade.

Procurámos apresentar estes, o mais possivel, com a redacção propria, para dar-lhes todo o cunho de originalidade, apenas alterando-os quanto á orthographia e em uma ou outra phrase que reclamava as regras de concordancia.

Toda a parte expositiva se acha calcada na segunda parte, o que, indubitavelmente, imprime um incontestavel cunho de veracidade ás nossas asserções.

As lacunas que encontrámos devidas á falta de documentos, procurámos prehencher ouvindo a personagens de ambas as facções partidarias que se envolveram na acção, e cujo testemunho nos pareceu acima de toda a suspeição.

Para a carta geographica que juntamos servimo-nos do excellente trabalho publicado pelo coronel Bento Porto afim de assignalar o itinerario das tropas do governo, e da carta do mallogrado coronel Francisco Colombo Leoni para accusar a marcha das forças revolucionarias. Comquanto esta já tives-

se sido publicada em um dos jornaes do Rio da Prata, o seu auctor brindou-nos com o original, corrigido de seu proprio punho. Tambem para mais completal-a nella collaboraram, em pontos que offereciam duvida, personagens que figuraram em ambos os arraiaes, e perfeitos conhecedores do territorio.

Assim, pois, animado pelo brilhante successo que alcançou o nosso primeiro trabalho em tres rapidas edições, ousamos publicar o presente. É em nome da verdade historica que solicitamos dos nossos leitores algumas informações e esclarecimentos attinentes a melhorar as edições vindouras.

Capital Federal, maio de 1897.

E. V.



Precedentes Historicos



estado do Rio Grande do Sul, dentre os demais que constituem a Confederação Brasileira, é o que pela sua topographia apresenta condições mais favoraveis para se tornar um paiz independente.

Com o ser como que uma vasta península cujo isthmo é apenas constituído por um prolongamento da cadeia marítima e onde se encontram as cabeceiras do caudaloso Uruguay do lado do occidente com as do arroio Mampituba da parte oriental, no tocante á sua organização politica a sua historia vem corroborar este asserto registrando as lutas civis que ahi se têm agitado. Em uma destas manteve-se durante dez annos (1835-45) como republica independente e poudo resistir ás aguerridas tropas monarchicas.

Tambem como causa corroborante destes factos não deve ser despresada a origem da maior parte da sua popu-

lação, na qual influe sensivelmente a irrequieta raça hespanhola em virtude do seu avezinhamento com as republicas platinas.

E' realmente digno de particular estudo o typo genuino do gaúcho, habitante da zona campineira, pittorescamente denominado—*monarcha das coxilhas*, porquanto, os seus caracteres, usos e costumes identificam-se mais com os dos orientaes do que com os dos habitantes da região serrana, que mais se approximam do povo brasileiro em geral.

Alliada ás circumstancias da natureza do terreno, a facilidade de se acharem a salvo das perseguições de inimigos quando lhes pareça desfavoravel a luta, transportando-se para esses paizes, podem os riograndenses com o estabelecimento de um bom systema de guerrilhas, embaraçar um forte contingente de tropas regulares.

Um outro facto caracteristico é a sua organização politica. Em nenhum outro Estado da Republica observamos, como ahi, uma regular organização de elementos politicos definidos nos directorios de partidos dirigidos nos municipios por individualidades proeminentes, delegados do povo, que em um momento dado, reúnem-se em convenção para deliberarem sobre questões palpitantes de caracter politico. As medidas votadas nessas assembléas são sempre executadas pelos chefes politicos que não medem sacrificios para realisal-as.

Demais, o principal ramo de industria em que é absorvida a actividade de sua população concorre para o desenvolvimento dessas tendencias especiaes. As *estancias* são de ordinario extensas propriedades territoriaes destinadas á criação de gado e onde um grupo de individuos mais ou menos numero empregado nesse mister acha-se sujeito ao proprietario, (*estancieiro*), que gosa de grande prestigio e sensível influencia sobre os seus subordinados, tor-

nando-se esta mesmo extensiva aos habitantes das localidades proximas. E' ordinariamente o chefe politico, e em alguns logares acha-se até revestido de prerogativas semelhantes ás dos antigos senhores feudaes.

Com a maior facilidade podem em um momento dado armar numerosos grupos de gaúchos, já affeitos a uma vida aventureira, e basta o congraçamento de alguns desses magnates em attitude hostile para collocar o governo em difficuldades.

Antes de occuparmo-nos com os acontecimentos occorridos durante a revolução não é fóra de proposito remontarmos, si bem que succintamente, a seus antecedentes historicos, sem o que, na prosecução desta narrativa, pasmaria o leitor ao contemplar a attitude de alguns seus principaes personagens com relação a seus precedentes durante a phase evolutiva que precedeu á constituição politica actual do nosso paiz. Em franca opposição aos republicanos historicos encontrará seus correligionarios politicos, e que mais é, unidos a chefes de partidos que outr'ora militaram activamente em prol do regimen monarchico.

A guerra civil do Rio Grande do Sul que rompeu a 17 de junho de 1892 em Porto Alegre, extendendo-se simultaneamente á cidade do Rio Grande e a outros pontos do Estado, teve o seu inicio em um acontecimento de caracter puramente local, definido na luta hegemonica dos partidos scindidos nos mais variados e antagonicos matizes de idéas politicas abraçadas pelos principaes cabecilhas do movimento.

Em todo o caso, sob o ponto de vista geral, não se lhe podem negar tendencias republicanas, si bem que os seus intentos tenham sido desvirtuados por seus inimigos que, para

tornal-a odiosa e como arma de combate, procuraram desmoralisal-a emprestando-lhe intuitos restauradores e deturpando-lhe por esta fórma o seu principal objectivo.

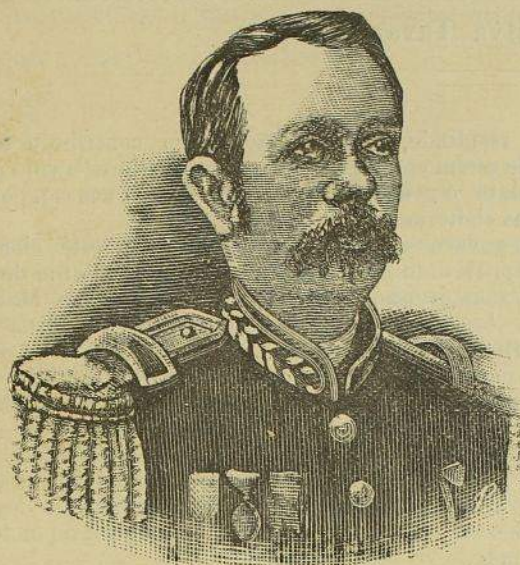
E' fóra de toda a duvida que, sendo esse o primeiro movimento politico de certa importancia que surgiu depois de 15 de novembro contra o governo, para elle deveriam naturalmente affluir os elementos até então preponderantes, anciosos em reconquistar suas antigas prerogativas, e tambem, que esses vislumbres de *monarchismo*, entrevistos na ostentação insidiosa com que se apresentavam aquelles denodados gaúchos nas coxilhas riograndenses ornando seus chapéos com fitas onde se liam disticos evidentemente infensos ao regimen actual, e as coronhas de suas espingardas e cabos das facas com symbolos que revelavam suas sympathias pelo governo da corôa não deveriam passar de um platonismo inconsequente.

Não obstante, em opposição formal a estas manifestações, nella envolveram-se, comquanto em numero limitadissimo, cidadãos que por suas convicções politicas acham-se isemptos de quasquer accusações que os tornem suspeitos á Republica que foi solememente saudada em manifesto firmado pelos mais conceituados chefes, e publicado no *Canabarro*, folha da Rivera. (Doc. n. 1).

A verdadeira acepção dos termos *federalismo* e *parlamentarismo* pouco preoccupou a muitos cabecilhas até a intervenção do almirante Saldanha da Gama; inteiramente mystificados pelo *gasparismo*, só anhelavam a quéda de Castilhos, dedicando o mais entranhado odio a todos os seus correligionarios, com quem sempre se mostraram intransigentes.

Como factor de sensivel importancia para o incremento da revolução figura o nefasto systema de deposições dos presidentes e governadores, sinão promovido, pelo menos tole

rado, logo após o contra golpe de 23 de novembro, pelo vice-presidente da Republica o



marechal FLORIANO PEIXOTO (*).

Participando das alternativas inherentes a situações tão anômalas, prolongou-se essa ingente convulsão intestina até 23 de agosto de 1895, data em que foi ali restabelecida a paz, em virtude de um convenio preliminar celebrado entre as

(*) As questões militares a força de *arranharem a dignidade do governo* na expressão triste e sincera do barão de Cotegipe haviam despertado a atenção dos estadistas do Imperio pela attitudo altiva e arrogante, do exercito que, conquistando dia a dia a maior somma de força moral, já não pedia, mas exigia tudo aquillo que reputava seu direito.

Liberaes e conservadores scindidos profundamente em questões de principios eram accordes todavia, em que alguma cousa convinha fazer de modo a evitar que a força armada viesse a constituir-se arbitro nos destinos da Nação.

Diante da melindrosissima situação de 1888, de todos os alvitres indicados dois foram postos em pratica:—a retirada do Rio de Janeiro do general Deodoro, prestigioso chefe militar, de espirito um tanto aventureiro, e— a chamada urgente do general Floriano Peixoto, então em Alagoas, e cuja tradição de disciplinador acompanhava-o desde a campanha do Paraguay.

partes belligerantes, figurando do lado do governo o commandante do 6º districto militar, general Innocencio Galvão de Queiroz e dos revolucionarios o octogenario general João Nunes da Silva Tavares.

Para esse resultado, porém, não pouco contribuiu ainda assim a circumstancia de serem então governo os conservadores a cujo partido pertencia de longa data o general Deodoro, tão bravo nos campos da batalha, quão nas pugnas eleitoraes.

Facil foi ao governo affastar do Rio de Janeiro este elemento de fundados temores appellando para a sua bravura pessoal afim de que accedesse o commando de uma divisão destinada a impedir, em Matto-Grosso, que pizassem terras brasileiras as forças bolivianas que, dizia-se, dispostas a occupar *Porto-Pacheco*, no Paraguay.

Não seria, porém, igualmente facil realizar a segunda parte do programma, si a desorganisação de serviços trazida pela libertação dos escravos não obrigasse o general Floriano Peixoto a buscar algures recursos que já não lhe davam os seus engenhos de assucar. De facto, retirado do serviço militar, logo que terminou a campanha do Paraguay, recusou-se quasi sempre a accetar commissões, por melhores que fossem, que lhe offerciam os liberaes, seus correligionarios, a tudo sobrepondo os seus interesses industriaes..

Commandante da 2ª brigada logo que chegou e depois ajudante-general interino foi distinguido com a confiança do governo liberal de 1889, em cuja grande intimidade vivia; nenhuma coparticipação pertence-lhe, portanto, nos acontecimentos que precederam ao advento da Republica.

Fosse elle o ministro da guerra, em vez do viscondé de Maracajú e não voltaria tão cedo de Matto-Grosso o general Deodoro, primo e amigo deste que unicamente por estes titulos fôra de preferencia escolhido para gerir a pasta da guerra.

Auzente do Rio de Janeiro havia perto de 15 annos, desconhecendo, portanto, o grão de tibieza a que tão rapido descera a disciplina militar, não acreditava o general Floriano, nem elementos tinha para isso, que o governo de seu partido, que acabava de impor-se pela urnas, não mais tivesse de seu lado a maioria das classes armadas.

Por isso, evitou sempre tomar compromissos, quaesquer que fossem, com todos aquelles que o procuravam da parte do general Deodoro; por isso esteve do lado do governo Ouro Preto até o momento em que reconheceu e annullar-se-ia de todo, si não acompanhasse aquelle general, senhor então de toda a guarnição da Capital.

Não passará, por certo, pela mente do leitor que em seu espirito acalentasse sequer a idéa de que se tratava de mudar a fórma de governo; cahiria o ministerio, talvez mesmo o partido liberal. Em todas as hypotheses nada impediria que o imperador o aproveitasse, uma vez que fraternisara com o levante, não lhe sendo portanto suspeito.

Verificando, porém, pelos factos posteriores, que fôra maior do que pensára o alcance do movimento de 15 de novembro, tratou o general Floriano de amoldar-se habilmente á nova ordem de cousas, não se esquecendo como

Si os rebeldes não puderam ver realizadas suas aspirações, com a victoria da causa, tiveram em todo o caso a satisfação de patentear o grão de resistencia que conseguiram offerecer ás numerosas e mais disciplinadas forças da União, auxiliadas pelos corpos de patriotas.

representante dos *brasis* que era, de vingar-se opportunamente de todos aquelles que o haviam sujeitado ao papel que representára no citado dia.

Foi assim que habilmente e dentro em pouco substituiu-se a Benjamin Constant, o patriarcha da Republica, na pasta da guerra, então a mais importante de todas; foi assim que tempos depois fazia-se sub-chefe do governo, alijando de junto do general Deodoro o dr. Ruy Barboza, o mais eminente dos organizadores da nova instituição, para não falarmos em outras individualidades que se salientaram no movimento, taes como Barreto, Mallet e Solon, e que desapareceram como que por encanto da arena politica.

Pensaria o general Floriano em aniquilar, nos seus mais illustres defensores, a nova fôrma de governo, que se via cercada dos melhores auspicios, promovendo ao mesmo tempo junto do general Deodoro um outro movimento que tudo repuzesse no pé em que estava antes de 15 de novembro?

Si assim era, forçoso é convir que, á violencia do ataque que lhe dirigiu da ilha de Têneriffé o visconde de Ouro Preto, seu antigo chefe politico, deve a Republica a felicidade de ter deixado de solapal-a o homem mais friamente obstinado que já viu a luz do Brasil.

Como ministro, a sua administração não teve mais realce que havia tido o seu exercicio de ajudante-general, ou de commandante da 2^a brigada. Podemos mesmo affirmar, julgando pelos primeiros tempos da sua presidencia, que passaria ella quasi despercebida, si não fôra a resistencia heroica que offereceu á revolta da armada, cabendo-lhe por isso um lugar bem proeminente na galeria dos brasileiros illustres.

E' fôra de duvida que a direcção dos negocios publicos, durante o seu governo, não primou por um espirito adstricto ás prescripções constitucionaes; mas tambem é forçoso confessar que esses desvios, no periodo anterior a 6 de setembro, só foram praticados em reprezalia aos que pretendiam feril-o.

Sob o ponto de vista geral e mais propriamente internacional, a sua politica é digna de ser continuada por seus successores, á parte os actos excessivos, só justificados pela época em que foram praticados.

As medidas de rigor a que, levado pela natureza das circumstancias, viu-se forçado a decretar foram habilmente exploradas por seus desaffectos, em geral, militantes nas legiões do despeito, os quaes não cessavam de conspirar contra a sua administração e contra a prosperidade do paiz, servindo-se de todos os meios.

Tem todo o cabimento a inserção neste lugar do seguinte topico transcripto de um jornal estrangeiro, e portanto insuspeito á nossa politica.

« Accusam Peixoto de supprimir a liberdade da
« palavra no Rio, de prender seus desaffectos nacionaes,

Com a precisa calma e indispensavel isempção de espirito exigidas para o imparcial julgamento desses factos ninguem ha que ouse negar-lhes a mais desinteressada dedicação sacrificada em prol da revolução.

« de ameaçar os estrangeiros com a expulsão, e de gas-
 « tar avultadas sommas em navios e munições de guerra
 « — como si fosse possivel haver perfeita liberdade numa
 « cidade bombardeada, como si estrangeiros que intri-
 « gam contra o governo de um paiz, cuja hospitalidade
 « desfructam, pudessem esperar misericordia, como si não
 « fosse o rigorosissimo dever do presidente gastar o
 « ultimo nickel do thesouro para manter o governo que
 « lhe havia sido confiado, e que o Congresso lhe in-
 « cumbira de defender.»

A' sua perseverança, tenacidade e força de vontade deveu principalmente o ganho da causa, porquanto, limitadissimo foi o numero de officiaes generaes que prestaram reaes serviços. E, quanto ao concurso prestado por seus ministros para a causa da victoria foi insignificante. Durante a revolta jamais convocou-os em conselho, sendo o ultimo realizado em abril e tornado memoravel pela attitude dos seus secretarios Serzedello Corrêa e Custodio de Mello.

Não foi só contra os revoltosos de 6 de setembro que teve de lutar, foi tambem contra a colligação de todos os rancores, preconceitos e interesses prejudicados, contra essa pleiade de despeitados que á sorrelfa preparavam o triumpho de suas antigas prerogativas e que julgando a occasião propicia externavam-se abertamente pela cruzada levantada contra o codigo politico da Nação.

Como um dos mais vigorosos tentaculos desse miseravel polypo erguia-se sem duvida o *sebastianismo*; mas o partido republicano historico, arauto solícito da adolescente instituição, correu pressuroso em apoio do chefe da Nação e poude em tempo suffocar as hosannas erguidas pelos apaniguados da revolta.

Uma das maiores accusações que se lhe tem feito é, sem duvida, a sua interferencia directa no desenvolvimento do militarismo, a mais nociva trave ao progresso de um paiz, attitude acremente censurada por um illustre membro da Camara dos Deputados em uma de suas ultimas sessões.

Em todo o caso, admittindo-se o meio em que sempre viveu e onde contrahi amizades e compromissos, é obvio que em emergencias tão extraordinarias da sua administração procurasse cercar-se de amigos e pessoas de sua confiança escolhidas entre antigos camaradas e companheiros de lutas.

A sua impopularidade ou gloria define-se na contramarcha que ope-

A julgarmos pelos chefes que de ambos os lados dirigiram as operações, cabe aos *federalistas* a maior gloria no bom exito dos combates; o historiador não encontrará difficuldade em enumeral-os aos pares, ao passo que a fortuna foi mui esquiva em visitar os generaes das tropas legaes que se salientaram.

Quando a 15 de novembro de 1889 foi proclamada a republica no Brasil ahi preponderavam tres agremiações politicas; os partidos monarchicos *conservador* e *liberal* desmoralisados pela licenciosa indifferença do segundo reinado e

ron na politica de reacção a que em má hora se entregára contra o governo do seu antecessor.

Não ha duvida que o 23 de novembro desta Capital surgiu como repercussão do movimento operado em Porto Alegre, contra o dr. Julio de Castilhos, e que tambem os factos posteriores ainda mais impossivel deveriam tornar a composição que afinal surgiu em junho de 1892: é do dominio publico a violencia desusada com que o actual presidente do Rio Grande do Sul atacou o marechal Floriano a quem chamou *trahidor, tres vezes trahidor!* alludindo á sua attitude de 15, 3 e 23 de novembro.

Cumpre, porem, convir que a passagem do governo do Rio Grande aos partidarios do dr. Silveira Martins, que não era o continuador do elemento republicano, substituindo-se ao dr. Castilhos, não podia inspirar ao marechal Floriano outro procedimento sinão o que teve, sob pena de ser legitimamente suspeitado de querer faltar ao juramento que prestara ao assummir a vice-presidencia da Republica.

Avêso a ruidosas manifestações pelo seu retrahimento natural, pouco expansivo em suas revelações em virtude da escrupulosa avareza de que era dotado na escolha dos amigos a historia deverá consagrar-lhe os elogios a que tem direito pela resistencia que offereceu aos que pretenderam impôr-lhe a sua vontade, esquecendo mesmo todas as violencias inuteis que então foram praticados em seu nome e, de certo, com o seu consentimento.

A inquebrantavel inergia, invejavel sangue frio, pertinacia nas resoluções e outros caracteres distinctivos de uma organização affeita a grandes vicissitudes e que aliás foram-lhe fataes, valeram-lhe o epitheto de *marechal de ferro*, salvo-conducto com que passará á posteridade.

o partido *republicano*, a cujas fileiras, commandadas outr'ora por intemeratos e denodados cabos politicos, vinham perfilar-se expontaneamente pelotões de despeitados e descontentes que se hombreavam em harmonioso convívio e encontravam fraternal acolhimento da parte dos sinceros collaboradores da grande idéa democratica.

Como é de facil conjectura, logo após o golpe de estado, á influencias do partido militante deveria ser confiada a administração do estado do Rio Grande do Sul, porém o marechal Deodoro, para governal-o interinamente, escolheu o seu velho amigo e camarada visconde de Pelotas, que ahí figurou principalmente pelo prestigio que lhe dava a sua elevada patente no exercito e sympathias que conquistou na questão militar.

Mas, ao organisar o seu primeiro ministerio, não podendo romper com os preconceitos monarchicos e, inspirando-se nesses antecedentes, procurou firmar a sua autoridade em toda a nascente Republica, acercando-se das individualidades mais influentes nos Estados mais importantes. Para representar o Rio Grande do Sul escolheu o dr. Demetrio Ribeiro que, comquanto pouco conhecido no Rio de Janeiro, era-o sufficientemente na sua provincia natal e ahí considerado um dos mais prestigiosos chefes do partido. Demais, o seu nome fôra-lhe lembrado pelo deputado Francisco Glycerio e dr. Benjamim Constant.

E' opinião corrente que a essa indicação não foi tambem extranho o *positivismo* que funcção bem saliente representou no primeiro periodo da nossa actual constituição politica (*).

(*) Proclamada a Republica havia necessidade de um nucleu politico dirigente e em boa hora assumiu essa posição o *Centro Positivista*. Comquanto os seus adeptos sejam invectivados com os mais affrontosos epithetos não ha negar-lhes os relevantes serviços que desinteressadamente têm prestado á Republica.

Em breve tempo, não tanto por si, mas pelo grande espirito de solidariedade para com os directores politicos do Rio Grande do Sul, entre os quaes contava-se o dr. Julio de Castilhos, auxiliar então do visconde de Pelotas na administração, o novo secretario, deixando o cargo de ministro da agricultura por discordar do seu collega Ruy Barboza na questão dos bancos de emissão, veio collocar-se em opposição ao governo do marechal Deodoro.

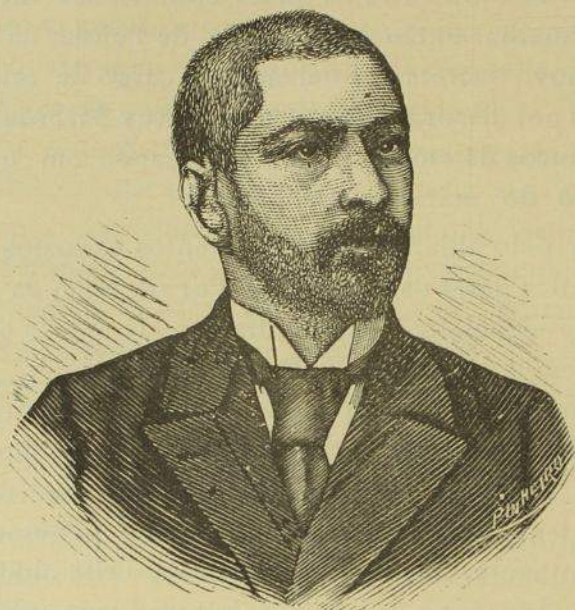
Vem a pêlo alliar aos acontecimentos expostos a evolução da politica geral da Republica. Por occasião da primeira eleição presidencial os representantes da Nação estiveram divididos em dous grupos: o que dirigido pelo dr. Julio de Castilhos apoiava a eleição do chefe do governo provisorio, e o que em opposição e por motivos varios, mostrava-se disposto a escolher para magistrado supremo da Nação o dr. Prudente de Moraes, representante genuino do partido triumphante. Os resultados dessa crise ainda não se dissiparam da mente dos nossos leitores que com certeza divisarão no golpe de estado de 3 de novembro o espirito de solidariedade existente entre o presidente da Republica e o do Rio Grande do Sul.

E' sufficientemente conhecida a tenaz opposição que se desenvolveu no seio do Congresso contra a administração daquelle principalmente, quando ao barão de Lucena foi confiada a direcção dos negocios publicos, luta essa que teve como epilogo o movimento de 23 de novembro.

De passagem seja consignado o acto desse mesmo Congresso que, apesar de tão accintamente aviltado pelo primeiro presidente da Republica, ainda promoveu-lhe a erecção de uma estatua.

Ao general Machado Bittencourt succedeu ainda provisoriamente no governo do estado do Rio Grande do Sul

o general Candido Costa em cuja administração procurou
apossar-se da situação o



DR. JULIO DE CASTILHOS (*)

um dos mais conceituados chefes do partido republicano e
activo propagandista da nova fórmula de governo durante a

(*) Comquanto no decorrer desta narrativa possa o leitor formar ligeiro
juizo sobre o héroe desta epopéa de horrores, julgamos dever ainda consa-
grar-lhe mais algumas linhas.

Si pelo conjunto de traços physionomicos a primeira impressão que
deixa ao seu interlocutor não é favoravel, dentro em breve é esta inteira-
mente dissipada com a amenidade no trato e dicção fluente e attractiva com
que o enleva.

Inteiramente affeito a luta nella desconhece a tolerancia e a moderação
donde naturalmente se origina a sua incompatibilidade para o governo; só
a violencia o seduz.

Foi o mais ardoroso adepto do golpe de Estado de 3 de novembro.

Intelligente, ambicioso e pertinaz sempre procurou desviar do seu *par-
tido*, todos os que de qualquer modo pudessem um dia fazer-lhe sombra
e a prova é que delle acham-se actualmente affastados quasi todos os repu-
blicanos da propaganda.

monarchia. E' este o protagonista do sangrento drama de que foi theatro durante cerca de quatro annos a heroica patria dos Bento Gonçalves, Andrades Neves, Canabarro e de outros vultos que pela bravura e patriotismo conseguiram transpôr os humbraes do pantheon da immortalidade; foi sobre essa individualidade politica que durante esse periodo de tempo repercutiu o choro anathematisador das victimas de tão infernal hecatombe.

Para defender os interesses do partido sempre encontrou de seu lado quasi todos os representantes federaes do Rio Grande do Sul nas duas casas do Congressô principalmente o dr. Cassiano do Nascimento, *leader* da opposição na camara e que posteriormente, como secretario do marechal Floriano, perpetuou-se nesse cargo durante o periodo agitado da revolta da armada.

Desta fórma o partido castilhista adquiriu existencia definida e a sua real influencia no Estado ainda mais se acentuou com a dissidencia republicana que surgiu na organisação da chapa dos representantes á Constituinte.

O dr. Barros Casal, que na direcção politica dos negocios occupava posição saliente, não se conformando com a escolha dos candidatos, declarou-se incompativel com o partido castilhista que caminhava de mãos dadas com o governo da União, tendo por companheiros os drs. Demetrio Ribeiro e Antão de Faria, ambos representantes do Estado na Constituinte.

Na apparencia inimigo fidalgo do dr. Silveira Martins, no intimo é talvez o seu maior admirador, procurando sempre pôr em pratica suas lições.
O poder é o poder — eis o lemma que deixam entrever as entrelinhas da sua constituição.

Tambem a esse novo nucleo de resistencia juntou-se a *União Nacional*, composta dos antigos gasparistas unidos á familia Tavares, de Bagé, que arrastou um grupo de conservadores descontentes de Castilhos. Mais tarde, colligaram-se os elementos republicanos dissidentes, gasparistas e tavaristas, sob a denominação de *partido federalista*, observando um programma francamente republicano formulado pelos dissidentes.

A quéda de Castilhos, logicamente determinada pela sua adhesão ao criminoso golpe de Estado de 3 de novembro, levou ao poder o *partido federalista*, que pouco conservou-se unido, vindo a scindir-se distinctamente em dous grupos, um chefiado por Barros Cassal, que era governo, e do qual a Republica nada tinha a receiar, e o outro de que era chefe o conselheiro Gaspar Martins, sempre suspeito aos republicanos intransigentes.

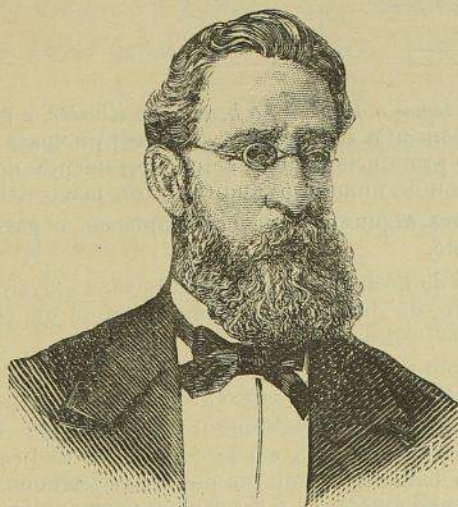
Foi na Convenção de Bagé, de março de 1892, que aquelle schisma se tornou publico e solemne, datando dahi a *differenciação* dos elementos heterogenos que compunham o *partido federalista*.

Subindo de novo ao poder o dr. Castilhos levado pela mão poderosa do marechal Floriano Peixoto, foram os dissidentes afastados do governo ; de novo associados aos *differenciados*, cooperaram de pleno accordo no preparo e inicio da revolução federalista.

Como chefe revolucionario os seus actos têm sido diversamente apreciados: ora transluzindo atravez dos prismas de amisades, ora identificando-se na lia dos rancóres.

Devotado inteiramente ao governo republicano, emquanto a sua existencia fór alentada pelo mais tenue vislumbre de prestigio politico, todo sacrificou-o á pela visão imperecível de seus constantes sonhos, é esta a principal virtude que o caracteriza.

Dessa reagregiação partidaria opposicionista que conservou a primitiva denominação de *partido federalista*, impõe-se como vulto mais proeminente o



DR. GASPARD DA SILVEIRA MARTINS (*).

O conagraçamento destes elementos era a prova mais evidente da fraqueza de cada um, não obstante, apresentaram-se regularmente constituídos e não menos animados pela *Reforma*, orgam do partido.

Porem esta alliança foi impotente para vencer a parte contraria no pleito eleitoral. Julio de Castilhos, dispondo de todo o prestigio official, sahiu triumphante das urnas.

Si bem que aos drs. Assis Brasil e Ramiro Barcellos fosse confiada a redacção do projecto da Constituição do

(*) Este celebre personagem politico, tendo nascido na *estancia* de seu pae, brasileiro residente em Serro Largo, Estado Oriental, adoptou a nacionalidade paterna.

Dotado de natureza irrequieta, caracter franco e violento e sobretudo de excepcionaes qualidades tribunicias... Cedamos entretanto, a palavra ao dr. Julio de Castilhos para dar os traços mais característicos de seu retrato psychologico, ouvindo-o em 1892, no Centro Republicano de Porto Alegre, quando a cidade rejubilava-se por occasião da volta do exilado illustre: *homem de excepcionaes qualidades, o maior*

Estado, appareceu este no seio da Constituinte em nome da Familia, da Patria e da Humanidade, com verdadeira surpresa desses cidadãos que se mostraram inteiramente alheios á sua elaboração.

estadista que nos legou o Imperio, o brasileiro illustre, e riograndense de serviços que tanto honrou a sua terra,... eis as principaes phrases da entusiastica saudação pronunciada pelo actual presidente do Rio Grande do Sul, e que arrancou do numeroso auditorio os mais delirantes applausos.

Retrogrademos alguns annos e contemplemos o passado do chefe mental do *federalismo*.

Pouco depois de formado em direito abraçou a carreira da magistratura no Rio de Janeiro, da qual retirou-se por causa de um conflicto que travou com o ministro da justiça.

O seu tirocinio politico começou no anno de 1861 quando, tomando assento na assembléa de sua provincia, conseguiu fazer prevalecer as suas resoluções, absorvendo por essa forma o maior prestigio entre seus collegas.

Sempre militante exaltado, em 1868, no Club Radical que funcionava na cidade do Rio de Janeiro, foi um dos mais acerrimos propugnadores do *radicalismo*, chegando mesmo a fazer conferencias publicas com grande successo.

Antes de entrar nas lides politicas do Imperio fez uma longa e proveitosa digressão pela advocacia administrativa da sua provincia onde o seu nome acha-se intimamente ligado ás empresas e companhias ahi existentes São ainda de hontem as reminiscencias da sua funesta interferencia na vida industrial riograndense com a legislação especial sobre as tarifas.

No anno seguinte, operando-se a fusão dos liberaes com os *progressistas*, mesmo a despeito das divergencias profundas dos programmas, desertou das fileiras do *radicalismo* para adherir ao novo partido.

Em 1872 foi eleito deputado pela primeira vez por sua terra no suffragio a que se procedeu em virtude da dissolução da camara obtida pelo chefe do gabinete de 7 de março, o visconde do Rio Branco.

Combatendo vigorosamente a politica deste estadista ao lado de uma minoria insignificantissima no memoravel e sensacional discurso com que encetou a sessão legislativa, não trepidou em invectivar a corporação a que pertencia com o epitheto de—*camara de illustres desconhecidos* por prestar apoio áquelle gabinete. Foi esse o primeiro rugido do leão, na phrase feliz de um conhecido escriptor.

Conquistando a amizade e influencia do marechal Ozoric, que era naquella época o chefe do partido liberal no Rio Grande do Sul, conseguiu tomar assento na camara temporaria, sendo distinguido logo depois com a inclusão do seu nome no gabinete de 5 de janeiro de 1878, em razão da tremenda opposição que fez á situação conservadora, não obstante haver declarado que jámais cobrir-se-ia com a *libré de lacão*, e no qual occupava a pasta da guerra o seu patricio e amigo.

Cumprir observar que da tribuna alguns deputados (Marçal Escobar, Francisco Miranda e Lacerda) combateram essa Constituição, bem como alguns orgãos da imprensa rio-grandense (*Rio Grande e Echo do Sul*) verberaram os principaes artigos desse mostrengo politico que, não obstante,

O desaso de suas medidas administrativas forçou-o a solicitar a sua demissão do ministerio, e como não fosse acompanhado por alguns de seus collegas que contavam com o apoio da maioria na camara, rompeu abertamente com o governo e em um dos arroubos de vehemente discurso apostrophou-a de—*camara dos servis*.

Com a morte de Ozorio tornou-se o conselheiro Gaspar Martins chefe do partido liberal na sua provincia. Com o fim de moderar a sua opposição os liberaes fizeram-lhe toda a sorte de concessões, o que veio augmentar ainda mais o seu prestigio.

Si bem que eleito e escolhido senador do Imperio, comtudo conservou um lugar na assembléa provincial do Rio Grande do Sul, onde, occupando sempre o cargo de presidente da commissão de orçamento, distribuia a mãos largas privilegios e favores a seus amigos.

Todos os ministerios encontravam-no sempre de lança em riste si algum de seus membros ousasse negar-lhe a minima concessão, sendo que, em cousas do Rio Grande era mesmo ouvido por seus adversarios politicos.

Poder-se-ia dizer que a sua vontade era absoluta, seus caprichos rigorosamente satisfeitos, e seus desejos promptamente realizados, si a idéa da causa republicana não começasse já a manifestar-se em alguns espiritos bem cultivados e que em tenaz propaganda antepuzeram-se ás suas despoticas deliberações.

Acreditamos que si o governo não tivesse accedido a todas as suas imposições e não lhe prestasse todo o apoio, seria elle o chefe desse partido em seu berço natal. Estes nossos assertos não são de todo destituídos de fundamento, porquanto, no seu discurso publicado na *Reforma* de 25 de julho de 1886 diz: "que indubitavelmente prefere muito, muitissimo a republica á monarchia, o que sempre tem externado por mais de uma vez e que ainda hoje o confirma".

A sementeira de tão puras idéas cuidada por aquelles abnegados cultores pouco tardou em germinar apezar dos obstaculos que os velhos partidos monarchicos antepuzeram ao seu desenvolvimento, e mesmo a despeito de todos os esforços do governo dirigidos no sentido de provocar o seu estiolamento. São ainda bem recentes as reminiscencias do adiantado programma politico com que o chefe do ultimo gabinete liberal iniciou a sua administração; para fiel executor de suas idéas lançou mão do conselheiro Silveira Martins, nomeando-o presidente do Rio Grande do Sul.

A sua administração foi um verdadeiro desastre. Não contente com as perseguições e vexames que inflingiu aos cidadãos reconhecidamente sympathicos ás idéas democraticas, levou mais longe a sua tyrannia a ponto de promover o bandeamento de eminentes personagens politicos militantes no partido conservador para os arraiaes republicanos.

Por occasião da proclamação da Republica achava-se o dr. Silveira

foi a 13 de julho de 1891 convertido em lei (*), em virtude de uma *razão de Estado* sempre invocada por Castilhos.

Essa mesma assembléa presenteou com a cadeira presidencial ao dr. Julio de Castilhos, cujos actos eram exaltados pela *Federação*, organo do grupo governista.

Martins de viagem para o Rio de Janeiro. Temendo o governo provisório que seu regresso ao Rio Grande viesse occasionar perturbações na ordem publica, em razão do seu espirito revolucionario, commetteu o gravissimo erro de emprestar-lhe um prestigio que se poderia considerar agonizante.

Escoltado á bordo do cruzador *Parnahyba* por uma commissão militar chegou á Capital Federal a 27 de novembro de 1886, sendo-lhe dispensadas todas as considerações pelo novo governo que até fez-se representar no desembarque por um de seus membros. Comquanto declarasse franca e leal adhesão ao novo regimen não obstante, tendo occorrido algumas arruaças na cidade, por decreto de 20 de dezembro, foi desterrado para a Europa, para onde partiu a 22 pelo paquete *Lissabon*.

Durante a sua permanencia no estrangeiro pareceu mostrar-se indifferente á politica, tanto que, não respondendo ás continuas consultas que lhe faziam os mais influentes chefes do liberalismo, declararam estes pelos seus principaes representantes Joaquim Pedro Salgado, dr. Joaquim Pedro Soares e Joaquim Antonio Vasques adherir á nova fórma de governo, por um documento que ficou conhecido com a denominação de—*manifesto dos tres Joaquims*.

Derogado o decreto que exilava diversos brasileiros que se salientaram durante o Imperio, alguns destes volveram ao seu paiz e dentre elles o ex-senador, na firme intenção de executar o seu plano. Chegando ao theatro de suas antigas glorias, e reconhecendo-se ainda revestido do antigo prestigio politico resolveu condescender com o pedido de seus antigos amigos e eil-o de novo na liça.

Posteriormente, assumindo a direcção mental do movimento revolucionario sempre procurou conservar uma attitudo compativel com os elementos antagonicos e heterogeneos de que carecia, e jamais em seus manifestos cousou definir claramente a sua posição, pelo que, sempre collocou em difficuldades os seus correligionarios que apenas encontravam fracas defezas para refutar os intuitos restauradores com que se apresentou um grupo de revolucionarios em uma ou outra carta com que pressurosos vinham a publico.

As incoherencias, contradicções, falta de unidade de vistas, a desconnexão de principios politicos são abundantes na fé de officio desse estadista, e si não bastassem as que acabamos de mencionar, por si só era sufficiente para demonstral-as a legenda que inscreveu na bandeira revolucionaria—o *parlamentarismo*.

(*) Pela sua originalidade não podemos deixar passar despercebidas as condições estabelecidas pela constituição desse Estado com relação ao cargo de vice-presidente: além de ser riograndense nato é de livre nomeação do presidente.

Os rancores partidarios accentuaram-se, porém com mais intensidade quando o partido republicano chegou á desillusão de nada tentar pelas urnas em virtude do resultado negativo que haviam apresentado nas ultimas eleições, nas quaes contava com valiosos elementos; appellou para as armas, e o trabalho da sapa, habilmente dirigido, em breve deveria fazer ruir a Bastilha de suas aspirações.

As profundas e violentas convulsões politicas que abalam um paiz são o corollario de um accumulo de odios, paixões e despeitos manifestados em um movimento reaccionario contra os poderes constituídos.

Presentindo a terrivel borrasca que negrejava os horizontes procurou o novo presidente reconciliar-se com os seus adversarios; tentativa infructifera em razão da sua insistencia em manter-se inabalavel em suas convicções politicas.

Tal era a situação do Rio Grande do Sul quando occorreu o golpe de estado de 3 de novembro. A exaltação dos animos recrudescendo de impetuosidade fez convergir os esforços dos mais entusiastas patriotas para o governo da

Quem foi o mais esforçado campeão contra esse prégão politico que ha apenas uma decada era fulminado da tribuna e redicularisado com a mesma tenacidade nas convicções e vigor nos argumentos que actualmente?

Si percorrermos a colleccão da *Reforma* de 1886, e em o numero do dia 18, ahí encontraremos o seu discurso onde figura o seguinte topico: « Procura ser correcto nestas fórmas parlamentares, porque já teve a fraqueza de ser entusiasta do parlamentarismo, do qual já se vai desilludindo, sobretudo quando reflecte nas muitas condições necessarias para constituir um homem politico ».

Acreditamos que até a presente data muitos de seus amigos não conseguiram penetrar no intrincado labyrintho por onde se emmaranhou a sua longa carreira politica. E' assim que:—a principio declarou ser a sua intenção depôr o dr. Julio de Castilhos do cargo de presidente do Rio Grande do Sul;—depois, como este tivesse solicitado e obtido do chefe do Estado, o auxilio de tropas para debellar a revolução, pronunciou-se no sentido de depôr o vice-presidente da Republica, o que realizado importaria talvez na reposição da monarchia;—frustrados ainda desta vez os seus intentos, externou-se pela republica parlamentar;—e por fim, commungando das intenções

União e melhor ocasião não se offerencia ao presidente desse infeliz Estado para rehabilitar-se com os seus adversarios, si a sua politica violenta não o desviasse das verdadeiras normas republicanas, para servir a uma dictadura em torno da qual corvejavam os mais asquerosos abutres de uma putrefacta instituição politica.

Todos esses factos podem ser devidamente apreciados no manifesto do dr. Assis Brazil (Doc. n. 2), peça de grande valor historico não só por conter a fiel narrativa dos successos por uma testemunha occular, como tambem pela elevada posição que esse personagem occupou durante o primeiro periodo da phase revolucionaria.

Esquivando-se o dr. Julio de Castilhos por todos os modos a definir a sua attitude em face dos graves acontecimentos que convulsionavam toda a Nação, procurou pela sorrelfa sustentar o iniquo acto de seu patrono e, neste proposito solicitava-lhe soccorros para preparar a resistencia. O telegramma (Doc. n. 3) que tem a data de 11 de novembro e que se diz apprehendido pelos revoltosos em Uruguayana, define perfeitamente o seu procedimento na questão.

do seu correligionario almirante Saldanha da Gama (*) manifestou-se francamente pelo voto plebiscitario para a escolha das instituições.

Fazemos justiça ao seu bom senso acreditando que nos ultimos tempos infelizes da revolução as suas primitivas esperanças tivessem desaparecido e que mesmo como plano de rehabilitação procurasse fazer constar as suas sympathias pela Republica; mas, tomado de surpresa, no periodo agudo da luta, certamente não vacillaria em confessar-se dedicado arauto da casa bragantina. Pelo que, contemple-se a sua attitude significativa quando alentado pela nova phase que tomaram os movimentos no sul com a invasão de Saldanha da Gama.

Emfim os ultimos successos do Rio Grande vieram justificar a feliz phrase de certo escriptor, em 1877, a seu respeito:

« Um grande comico, um novo João Caetano . . . »; ao que acrescentaremos—um audaz charlatão politico.

* Julgamos haver cabalmente demonstrado as convicções partidarias deste militar em o nosso trabalho. *A revolta da armada de 6 de setembro.*

Os elementos adversos ao dr. Julio de Castilhos congregados começaram então na activa propaganda de suas idéas, e por todas as localidades do Estado percorriam emisarios abnegados, conquistando adeptos á causa revolucionaria, que além disso era quotidianamente endeosada por grande parte da imprensa riograndense representada pelo *Rio Grande e Reforma* em Porto Alegre; *Echo do Sul* na cidade do Rio Grande; *Nacional* em Pelotas; e *Canabarro* em Sant'Anna do Livramento.

Foi este o primeiro Estado que empreendeu o movimento resoluto de que surgiu a victoria contra o memoravel acto de 3 de novembro.

A 12 deste mesmo mez, sob pretexto de que apoiára a dictadura, e em nome da Constituição Federal, foi deposto do poder o dr. Julio de Castilhos pelo partido federal e em seguida acclamada uma junta provisoria governativa, constituida pelo dr. Assis Brasil e generaes Barreto Leite e Rocha Osorio. Por ausente foi este substituido pelo dr. Barros Cassal, e dissolvendo-se depois a junta, ficou só no poder o general Barreto Leite que anteriormente muito se salientára na politica de opposição.

Proseguindo em seus intentos contra o decreto dictatorial do chefe do Estado preparavam-se os revolucionarios para enfrentar com as consequencias de seus actos quando, pretendendo este reparar o enormissimo erro que commettêra, convidou o seu substituto legal, marechal Floriano Peixoto, a assumir o elevado cargo que deixava para não assistir ao derramamento do sangue de irmãos.

A 23 de novembro era restabelecido o dominio da Constituição, e pouco depois, reassumindo o congresso as suas funcções regulares ouvia pela mensagem do chefe da Nação a seguinte declaração solemne: — «... a resistencia armada do Estado do Rio Grande do Sul... foi recebida pelo Paiz e pelo mundo civilizado como um feito civico, revelador da virilidade de um povo cioso de suas liberdades...»

Designado o dia 13 de maio de 1892 para proceder-se ás eleições nesse Estado, e julgando-se o então chefe do governo fraco em elementos que o garantissem no successo, procurou contemporisar addiando-as em successivos decretos (Doc. n. 4).

De posse do poder e sob as mais enganosas apparencias, com poucas variantes no systema, encetou o marechal Floriano a nefasta derrocada dos governadores que tantos males causou á sociedade brasileira. Para quasi todos os Estados enviou agentes da sua confiança que disfarçadamente e com o apoio da união depunham pela força os cidadãos que ahi se achavam pelos votos do povo e em seguida apossavam-se da administração « *em nome da tranquillidade publica e para evitar derramamento de sangue* ». Os commandantes de corpos transformaram-se em governadores dos Estados (Maranhão, Rio Grande do Norte, e Paraná), e sempre a chegada daquelles emissarios coincidia com um movimento que dava em resultado uma deposição. Para exemplo podemos citar Serzedello no Espirito Santo, os irmãos Leal no Ceará, o tenente Machado, que installando-se depois como governador em Santa Catharina foi mais tarde um dos braços da revolta de 6 de setembro, e o major Faria que no Rio Grande do Sul foi o representante da confiança do governo central. Este sem lançar mão de meio algum para punir os principaes culpados, ao contrario, conservava-os nas posições conquistadas.

Para ajuizar se dessa pseudo-neutralidade basta lêr-se o telegramma que foi publicado no *Echo do Sul*, assignado pelo major Faria (Doc. n. 5)

Entrementes, não se descuidou o dr. Julio de Castilhos um só momento em preparar os elementos que deveriam assegurar-lhe a posse do poder e as occurrencias de 4 de fevereiro, de que foi theatro a capital do Estado,

vieram convencel-o da prematuridade de suas aspirações. Sem comtudo desanimar procurou preparar o espirito do marechal Floriano em seu favor, enviando emissarios seus amigos com o fim de predispól-o a inclinar-se pela sua causa.

Decorrido algum tempo, em razão de incómodos de saude, teve o general Barreto Leite que passar a administração ao dr. Barros Cassal, nomeado 1.º vice-presidente. Durante o seu governo mais se acentuou o descontentamento nos arraiaes opposicionistas em razão de certas medidas administrativas taes como: òs addiamentos successivos das eleições para deputados estadoaes, a decretação da lei sobre liberdade profissional, a que regulava a liberdade da imprensa, e outras de character inopportuno.

Desde algum tempo já se achava residindo no Rio Grande o dr. Silveira Martins. Reconhecendo pela brilhante recepção que teve, que o seu antigo prestigio politico ainda se mantinha, resolveu entrar de novo na politica, e como medida preliminar promoveu a convenção de Bagé (*)

(*) Nessa reunião onde compareceram os principaes chefes do partido federal, foi ridicularisada a constituição decretada por Cassal, quando na presidencia em substituição a Barreto Leite; foi votada uma censura aos decretos do governo provisorio do Estado, addiando as eleições da convenção, sobre a reforma judiciaria, liberdade profissional, restricção á liberdade de imprensa, e promulgado o projecto da Constituição.

Foram approvadas as bases desta que deveriam representar o programma do partido na reconstituição do Estado. Essas bases eram resumidamente: presidente eleito por quatro annos, não podendo ser reeleito no periodo seguinte; presidente funcionando com a responsabilidade dos secretarios que poderiam ter assento na camara; eleição districtal com voto incompleto, mandato quatriennial com renovação da metade biennial; iniciativa do governo na camara para leis, salvo as de organização, que seriam da exclusiva competencia desta; municipio com completa autonomia; imprensa livre, julgamento de publicações criminaes pelo jury.

Foi aclamado o directorio central sendo chefe do partido e presidente do directorio o dr. Silveira Martins. Por indicação deste foi aclamado com salvas de palmas o general Tavares para candidato ao poder no Estado, o qual accedeu á honra com a condição de contar com o apoio franco e leal dos seus correligionarios, em todos os terrenos.

A reunião terminou com um grande banquete.

Os trabalhos d'esta assembléa foram inauguradas a 31 de março de 1892 sob a presidencia do general



JOÃO NUNES DA SILVA TAVARES (*)

A verdade é que o partido de Cassal tornou-se cada vez mais enfraquecido, passando uma grande parte a seguir Silveira Martins, e que o partido federal desorganizou-se completamente com a chegada deste que eclipsou todos os chefes.

(*) E' este o personagem mais importante da revolução sulista de 92 e sem duvida o mais prestigioso membro da familia Tavares.

Seu illustre nome acha-se vinculado indelevel nas paginas da historia do Rio Grande do Sul. Si nenhum outro titulo tivesse que o recommendasse á benemerencia de seus compatriotas, qual o de collocar-se á testa de um movimento democratico que, para si, julgava patriotico e elevado,ahi está o seu longo passado inteiramente dedicado aos interesses da Patria.

Si na revolução de 35, militando nas fileiras da legalidade ao lado de seu velho pae, combateu contra os republicanos, foi depois sob o estandarte destes que em 92, tendo rompido o titulo de barão de Itaqui que lhe fôra conferido pelo passado regimen, desembainhou a sua valente espada para pugnar pela liberdade do seu berço natal, ou talvez vingar-se dos ultrages de Bagé, ou ainda em repreciação ás prisões e mortes effectuadas em patricios seus e até em pessoas de sua familia.

Por sua parte Cassal, para não vêr desaparecer totalmente a sua influencia official, apressou-se em restituir o governo ao general Barreto Leite, emprehendendo uma digressão pelo sul do Estado. Foi durante esta curta excursão, além de outras vezes, que procurou demover o dr Gaspar Martins das suas enraigadas e subversivas idéas.

Esta balburdia politica serviu de arma de guerra ao *castilhismo* em proveito de suas pretensões; e os preparativos para a luta activaram-se cada vez mais a ponto de chegar ao conhecimento do governo federal que, depois de procurar por todos os meios conciliar os partidos e, desenganado de chegar a um accôrdo satisfatorio viu-se na emergencia de escolher um dos alvitres: ou entregar o governo do Rio Grande do Sul ao dr. Silveira Martins, o que importaria no triumpho de uma causa incompativel com a orientação republicana, ou dar a mão a Castilhos, esquecendo-se do caso de 3 de novembro.

Por indicação do dr. Silveira Martins que se eximira de toda a responsabilidade em uma conferencia que teve com o dr. Barros Cassal e coronel Salgado, foi apontado o visconde de Pelotas para succeder no governo ao general Leite que, depois de resignar o posto (8 de junho) que tão dignamente occupára na pessoa do venerando marechal a

Jamais a tyrannia enfrentou com mais encarniçado inimigo. Rosas e Lopes tiveram-no sempre como terrivel adversario. Nessas memoraveis jornadas o seu nome foi inscripto em o numero dos que mais propugnaram pela defeza da liberdade.

Indifferente a todas as honras que lhe pudessem advir de tão assignalados serviços e unicamente satisfeito com o regosijo intimo de haver cumprido o seu dever, eil-o sempre recluso á vida privada da qual apenas se arredava para dedicar-se aos interesses do seu querido Rio Grande, quando mister se fazia a sua interferencia.

Foi em uma destas situações e na avançada idade de 78 annos que o surpreendeu o movimento *federalista*. A sua attitude em face dos acontecimentos acha-se sufficientemente definida no decorrer desta narrativa onde bem se patenteia o grande partido que os chefes federalistas conseguiram obter da sua real influencia e elevado prestigio em prol da causa.

quem nomeou vice-presidente, em manifesto ao povo (Doc. n. 6) tornou publicas as razões que o impelliram a esse procedimento.

Ao assumir o poder o visconde de Pelotas nomeou o general *Jóca* Tavares 2º vice-presidente e dirigiu uma proclamação aos riograndenses (Doc. n. 7). Tendo communicado ao vice-presidente da Republica esse acontecimento, teve em resposta o mais laconico telegramma (Doc. n. 8).

Enfim, a suprema direcção dos negocios desse desditoso Estado cahia em mãos do já enfraquecido partido federal cujo chefe, baldo de convicções politicas e ufano do prestigio de que se via cercado, apressou o desenlace da luta com a sua desorientação, desviando-se acintosamente do programma do partido republicano do Estado.

Não podendo a féra dissimular sua voracidade deixava vêr as pontas das garras excitada pela preza que já se lhe afigurava de facil conquista.

Foi então que o partido republicano recrudescceu os preparativos para a acção que, a julgar-se pela exaltação dos animos, promettia ser renhidissima. A *Federação* cuja orientação politica era dirigida pelo dr. Julio de Castilhos, verberou em vehementes artigos o governo do marechal Floriano Peixoto e os escriptos terrivelmente aggressivos de Pardal Mallet publicados no *Combate* tiveram a honra de transcripção nesse orgam da imprensa riograndense.

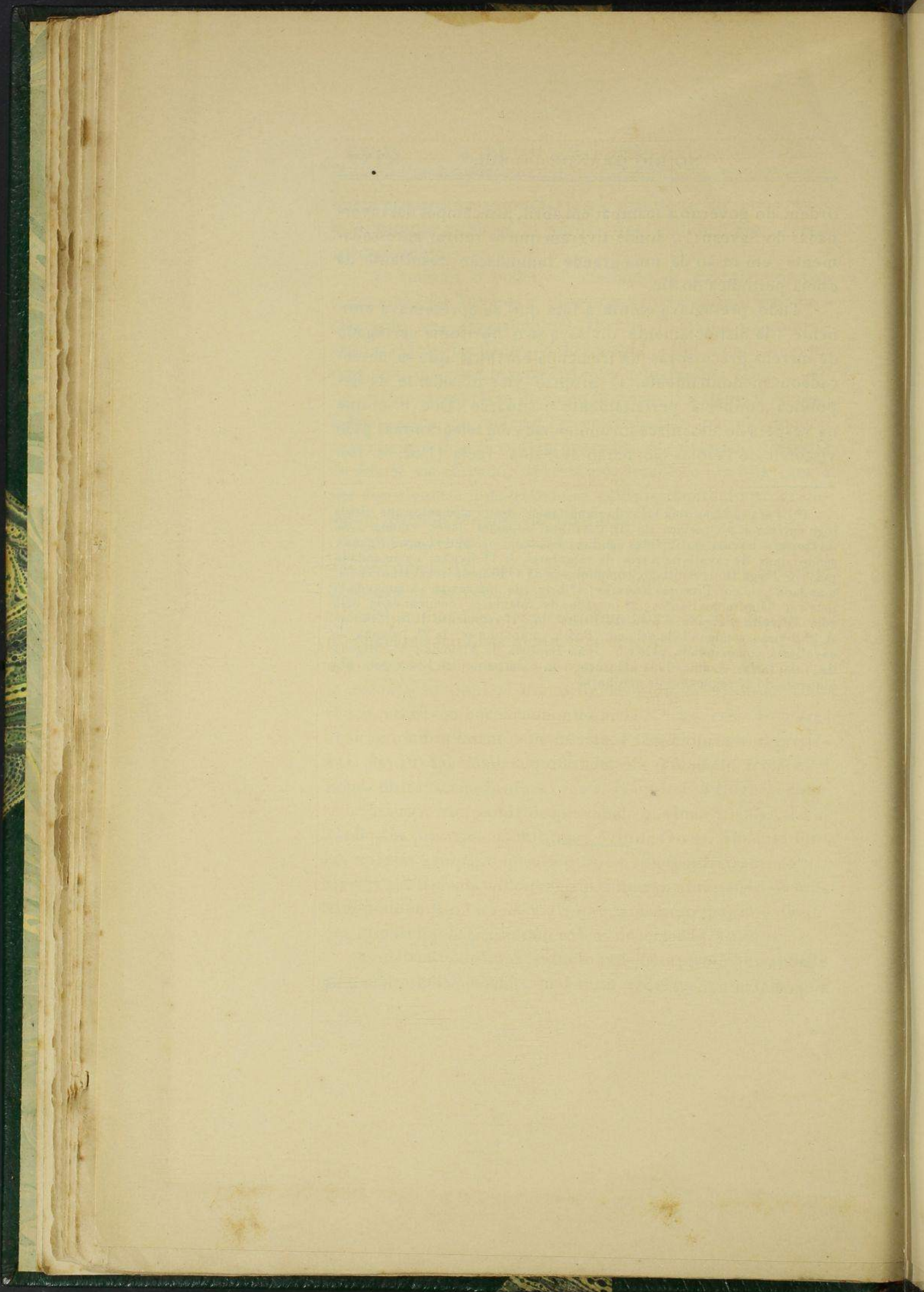
Convem não passar despercebida a vinda á Capital Federal dos prestigiosos militares Arthur Oscar, Thomaz Flores e Cesar Sampaio que, depois de conferenciarem com o marechal Floriano, voltaram a occupar o commando de seus batalhões no Rio Grande do Sul, e tambem o papel saliente que depois desempenharam sob as ordens de Castilhos.

Com o fim de apparentar a mais completa neutralidade na politica desse Estado, as forças federaes passaram por

ordem do governo a acampar em abril, nos campos das invernadas do Saycan (*), donde tiveram que se retirar apressadamente em rasão de uma grande innundação resultante da cheia periodica do rio.

Tudo presagiava enfim a luta que se apresentava eminente ; já distinctamente divisava-se o horisonte carregado de nuvens precursoras da tremenda borrasca que se desencadeou medonhamente. O proprio vice-presidente da Republica conhecia perfeitamente a situação (Doc. n. 9) que na vespera do desenlace foi annunciada em telegrammas pelo visconde de Pelotas ao barão de Santa Tecla (Doc. n. 10).

(*) Para se fazer uma idéa da importancia desses elementos que desde logo entraram ao serviço do dr. Castilhos julgamos dever enumeral-os. As tropas achavam-se divididas em duas divisões, formando cinco brigadas, sendo duas de cavallaria e tres de infantaria. A 1.^a divisão, commandada pelo cor. Jorge Diniz Santiago, compunha-se da 1.^a brigada decavallaria commandada pelo cor. Procopio Tavares ; 1.^a brig. de infantaria, commandada pelo cor. Onofre dos Santos ; 2.^a brigada de infantaria, commandada pelo cor. Oliveira Salgado e pela ala direita do 1.^o regimento de artilharia. A 2.^a divisão, commandada pelo cor. Pedra, compunha-se da 2.^a brigada de cavallaria, commandada pelo cor. João Baptista de Almeida ; 3.^a brigada de infantaria, commandada pelo ten.-cor. Salustiano dos Reis e pela ala esquerda do 1.^o regimento de artilharia.





O Rompimento



17 de junho de 1892, rebentou a revolução, justamente quatro dias antes do em que dever-se-ia realizar a eleição dos membros da convenção.

Tendo um dos periodicos da Capital Federal noticiado este acontecimento, mandou o governo da União publicar um desmentido pelo *Diario Official* (Doc. n. 11).

No entretanto, os factos occorridos por occasião deste movimento e os motivos que obrigaram o visconde de Pelotas a deixar o governo foram fielmente narrados pelo mesmo visconde em um artigo publicado na *Reforma* de 23 de junho (Doc. n. 12); por elle chegou ao dominio publico o mais triste spectaculo occorrido na cidade de Porto Alegre, onde um pelotão de policiaes, sob o commando do coronel Thomaz Flores e do tenente Chachá Pereira depoz o

governo do Estado, que ahi se achava representado pela patente mais elevada do exercito brasileiro.

A esta ligeira narrativa temos ainda que acrescentar as seguintes occurrencias alli acontecidas.

O visconde de Pelotas obrigado a abandonar o palacio pelos republicanos reunidos á guarda civica entregou o poder ao general *Jóca* Tavares, que se achava em Bagé, no commando da respectiva fronteira e que assumiu logo as funcções do cargo (Doc. n. 13); em seguida, telegraphou participando este facto ao vice-presidente da Republica, marechal Floriano Peixoto que si, por telegramma assegurava-lhe «sua politica de não intervenção no regimem interno dos Estados» Doc. n. 14) por outro dirigido ao dr. Victorino Monteiro «fazia votos para que este tivesse a gloria de conseguir o completo triumpho das idéas republicanas» e assegurava-lhe o seu concurso (Doc. n. 15).

Diante destes dous documentos, não era difficil predizer-se a attitude do chefe da nação, com respeito aos acontecimentos que começavam a se desenvolver.

Emquanto o general Tavares, secundado pelos principaes chefes politicos do Estado, que haviam comparecido á convenção de Bagé, instalava-se naquella cidade conscio da neutralidade das forças federaes e distribuia ordens para differentes localidades, em Porto Alegre, era o dr. Julio de Castilhos revolucionariamente aclamado presidente, resignando logo esse cargo na pessoa do dr. Victorino, como vice-governador, em um discurso proferido em palacio. (Doc. n. 16).

Ficou desta fórma o Estado com dous governos.

Declarada a posse do dr. Victorino Monteiro, tratou este de annullar todos os actos posteriores a 12 de novembro (Doc. n. 17) e por decreto de 5 de julho convocou extraordinariamente para o dia 14 a Assembléa do Estado (Doc.

Foldout

Foldout

n. 18) perante a qual, no dia 19, foi lida a sua mensagem, onde apresentava a justificação dos acontecimentos de 17 de junho (Doc. n. 19).

Para tranquillisar as familias residentes nesse Estado os amigos da nova situação publicaram no *Diario Popular*, de Pelotas, um telegramma em que eram alardeados os elementos com que contava o governo (Doc. n. 20).



O dr. BARROS CASSAL (*)

promoveu desde logo os meios de depô-lo. Tendo falhado o apoio promettido pela escola militar, em companhia do dr.

(*) Sem a reserva indispensavel ao melindre das graves questões, sem a incongruencia caracteristica de espiritos apaixonados e sem a pertinacia que tanto celebrizou seu rival dr. Castilhos, é o dr. Barros Cassal dotado de grande actividade, notavel ousadia e rara perspicacia. Si a sua bravura pessoal não tem sido coroada de exito favoravel, deve-o ao seu espirito um tanto leviano. De todos os republicanos dessidentes é incontestavelmente este o que mais popularidade goza em todo o Estado, e sobre tudo na campanha.

Annibal Cardoso dirigiu-se para bordo da canhoneira *Marajó*, commandada pelo capitão-tenente Candido dos Santos Lara, e dahi dispunha-se a proseguir em seus designios, e talvez o conseguisse, si o representante militar do governo federal não antepuzesse ás suas operações bellicas, medidas promptas e energicas, rompendo por esta fórma o accôrdo que celebrára com o commandante da escola militar e o chefe da flotilha.

A deputação enviada de bordo da *Marajó* ao general Bernardo Vasques, com o fim de conseguir a sua neutralidade, foi presa e este fez constar que aos tiros daquelle navio de guerra responderia com os canhões de sua artilheria.

Antes de começar as hostilidades o dr. Barros Cassal dirigiu uma intimação ao general Bernardo Vasques (Doc. n. 21), a qual não foi por este tomada em consideração.

Como o commandante do 6º districto se preparasse para a luta, guardando o littoral por praças de linha e construindo trincheiras guarnecidas por artilheria na praça da Harmonia e nas immediações do arsenal de guerra, á uma hora da tarde a *Marajó*, secundada pelo vapor *Tupy*, armado em guerra, travaram luta com as forças de terra, havendo prolongado e vivo tiroteio, de parte a parte, de canhão e de fuzilaria.

Apenas foi morto um soldado da guarda civica, ficando muitas pessoas feridas levemente. Muitos estragos materiaes foram produzidos em terra pelas balas ; até a chamada torre Malakoff foi attingida por uma granada.

A população, apossada de terror panico, abandonou a cidade procurando, em fuga precipitada para o interior, um abrigo seguro, e o commercio fechando as portas tornou a cidade quasi que deserta.

Depois do combate, a *Marajó* zarpou de Porto-Alegre em direcção ao Rio Grande a entregar-se ao novo comman-

dante, nomeado capitão-tenente Garnier, deixando em Itapuan o vapor *Tupy*; as canhoneiras *Bartholomeu Dias* e *Camocim* foram em sua perseguição. Antes porém de retirar-se para o Rio Grande o capitão-tenente Lara dirigiu um manifesto ao povo riograndense (Doc. n. 22) e mais tarde, pelas columnas do *Jornal do Commercio*, de Porto-Alegre, publicou um protesto (Doc. n. 23), que de alguma fórma veio esclarecer a questão.

Com relação á attitudo tomada pela *Marajó*, foram trocados, entre o vice-presidente da Republica e varias autoridades federaes no Rio Grande do Sul, alguns telegrammas (Doc. n. 24) cuja leitura muito elucida os acontecimentos, bem como a correspondencia telegraphica entre o capitão-tenente Lara, 1º tenente Cordeiro da Graça e ministro da marinha (Doc. n. 25).

Ainda aquelle navio de guerra impediu a viagem do vapor *Mercurio*, prendendo o commandante, e continuou a reconhecer todas as embarcações que entravam ou sahiam do porto e a fazer signaes de intimação á terra.

O vapor *Mercedes* surto no porto, foi o primeiro que soffreu avarias. Tendo recebido uma intimação e negando-se a obedecer-lhe, foi attingido por varios tiros de metralhadora. Ficou crivado de balas em numero de 678.

Com certa insistencia e até mesmo revestindo-se de alguns visos de probabilidade falou-se em «um compromisso de honra» de neutralidade firmado pelo general Vasques, chefe Legey (commandante da frotilha) e cor. Valladares (com. da escola militar); a verificar-se esse facto, os subsequentes acontecimentos vieram demonstrar que foi o com. do districto o unico que rompeu o accôrdo estabelecido.

Em terra, na capital, as perturbações da ordem publica não tomaram grande incremento; apenas foi preso como

promotor de um movimento, o leiloeiro Ernesto Paiva, que foi agredido e gravemente ferido. Teve os olhos vasados pelos tiros desfechados por um subdelegado de policia, que foi grandemente victoriado em palacio ao referir a nova de tão horrivel crime. Ernesto Paiva havia sido delegado de policia no primeiro governo da revolução de novembro e foi o relator da commissão de commercio que, para evitar a revolta, foi pedir a Castilhos que resignasse a cadeira presidencial.

No dia 25, a escola militar publicou o seguinte protesto :

« A escola militar do Rio Grande do Sul protesta contra a referencia absurda que faz hoje o jornal *Federação* sobre a artilharia Krupp do dito estabelecimento.

A escola saberá cumprir o seu dever, diante de quaesquer explorações, pelas quaes o bacharelismo e a ganancia tentem apossar-se do governo, sem se importarem com o desprestigio da nossa primeira autoridade militar, tentativa vã, com lutas sanguinolentas entre corpos do exercito e da marinha, com a ruina da classe militar, e da Republica ».

Convidado o dr. Gaspar Martins pelo dr. Victorino Monteiro para uma conferencia, deixou de comparecer, allegando não ter segurança de sua pessoa.

Para acalmar a excitação publica, apressava-se o governo da União, pelo seu organ de 23 de julho de 1892, a noticiar os acontecimentos alli occorridos em phrases tranquillizadoras (Doc. n. 26).

Como é facil de prever-se, os effeitos da revolução repercutiram em outras localidades do Estado, onde houve renhidos encontros sempre favoraveis aos legalistas. Ao passo que a cidade do Rio Grande, Pelotas, Jaguarão e Santa Maria apoiaram sem luta o governo de Castilhos ; —em S. Gabriel, o coronel Portugal derrotou as forças federalistas que se dirigiam para Bagé, em auxilio de Tavares ; estas depuzeram as armas mediante a promessa de garantias ; —em Sant'Anna do Livramento houve no dia 19 um

encontro de cerca de 400 combatentes de ambos os lados, onde foi derrotada a cavallaria federalista morrendo 13 rebeldes ; Raphael Cabeda e Paulino Vares, chefes revolucionarios, com outros partidarios, refugiaram-se na Rivera ; — em Viamão, noticiou o *Correio Mercantil* de 6 de julho uma derrota infligida a um piquete de cavallaria, que, em nome dos legalistas, para ahi se dirigia em attitude hostile ; os federalistas perderam 48 homens, inclusive o chefe Queiroz

Apenas Bagé resiste.

De quasi todos os pontos do Estado, acudiram bandos de patriotas a incorporarem-se ás forças do general Tavares que, acreditando em a neutralidade das tropas federaes, e, depois de mandar arrancar os trilhos e queimar os dormentes da estrada de ferro, passou a acampar nos suburbios da cidade. Foi então que para ahi convergiram todos os esforços dos governos federal e estadual.

O general Izidoro, á frente do 6º regimento de cavallaria e tendo como auxiliares os generaes Hyppolito, Rodrigues Lima e Alves Pereira, coronel Apparicio e senador federal Pinheiro Machado, pôz-se em marcha contra Bagé.

Reconhecendo aquelle bravo ancião a afflictiva emergencia em que se achava, desamparado por muitos companheiros, e baldo de armas e munições para prover aos poucos que o cercavam ; e ainda, recebendo um telegramma do dr. Silveira Martins, no qual era exhortado a depôr as armas (Doc. n. 27), reuniu os chefes mais importantes em conferencia, ficando resolvida a dissolução das forças, conforme se verifica da acta publicada na *União Nacional* de Bagé, de 7 de julho (Doc. n. 28).

Em a noite desse mesmo dia 4), o general Tavares (*) solicitou do commandante da guarnição de Bagé os seus bons officios junto ao coronel Arthur Oscar, commandante do 30º batalhão de infantaria, que marchava contra aquella cidade (Doc. n. 29). Aos sentimentos humanitarios e patrioticos deste, deveu a familia brasileira a salvação de algumas vidas que, sem a sua interferencia, seriam sacrificadas á sanha infrene desses partidos politicos; infelizmente os seus esforços apenas serviram para adiar a explosão de odio dos crueis invasores.

Para mais completa elucidação destes acontecimentos, transcrevemos *in-fine* valiosos documentos (Docs. ns. 30, 31 e 32), pelos quaes claramente vê-se a violação do compromisso contrahido na capitulação pelo general Arthur Oscar, de impedir a entrada na cidade das forças patrioticas de Pedroso e Motta, o que redundou nas mais terriveis scenas praticadas por estas contra cidadãos que haviam deposto as armas, confiantes na palavra de um militar de elevada patente do exercito.

O proprio general Tavares, para escapar á triste sorte que o aguardava, teve que emigrar para a fronteira do Uruguay, para onde foram mais de 500 pessoas da cidade e entre ellas os chefes mais importantes.

N'um telegramma, publicado na imprensa fluminense

(*) Segundo uma noticia inserta no *Independente* de Bagé, as forças que, acampadas naquella localidade, obedeciam ao general Tavares compunham-se:

Corpo do ten. cor. Joaquim Nunes Garcia, acampado no Prado, 450 homens; corpo do cor. Antonio Netto, 700 homens; corpo do ten. cor. Domingos Ferreira, major Arruda, cap. Vasco Martins, 400 homens; contingentes de S. Gabriel, Lavras e outros pontos, 350 homens; corpo do cor. Guerreiro, 200 homens; batalhão patriotico do com. Alexandre Collares 400 homens; com outros grupos que chegaram de varios municipios subiram a 604 homens.

Além disso, outras forças dirigiam-se para Bagé afim de se collocarem ás ordens do general Tavares. Até o dia 1º, esperava-se que alli podessem estar em pé de guerra 5.500 a 6.000 homens.

em data de 24 de julho, encontra-se em parte a confirmação desta narrativa (Doc. n. 33).

Por essa época, o general Vasques já tinha sido substituído no commando do 6º districto pelo general Pego Junior (Doc. n. 34, o qual, nas suas ordens do dia (Doc. n. 35) procurou debalde conseguir a neutralidade das forças federaes.

Começou desde logo uma desenfreada politica de odios, vinganças e ambições para os senhores da situação, que não pouparam desacatos aos seus adversarios e até mesmo aos cidadãos suspeitos de *federalismo*. Como era natural, as represalias não se fizeram esperar e, desde, então surgiu o dominio do terror e toda a sorte de horrores e atrocidades não se pouparam de parte a parte.

O exodo das familias riograndenses mais influentes operou-se tumultuariamente para a Republica vizinha; o movimento emigratorio, accelerando-se cada vez mais, concorreu para a passagem de mais de 10.000 pessoas, que foram habitar as republicas do Uruguay e Argentina: ahi, os hotéis das cidades limitrophes regorgitavam de estancieiros e tropeiros, revolucionarios extremados, que se apressavam em concorrer com quantias avultadas para a compra de armamento de uma grande parte de correligionarios que se preparavam para invadir o Estado, bem como procuravam proporcionar-lhes todos os meios para o bom exito da causa. Muitos negociantes estrangeiros contribuíram, tambem, para a revolução, vendendo a credito aos revoltosos, e mesmo alguns estancieiros castilhistas, sob o temor de violencias, cederam cavalhadas e mantimentos.

Estas scenas foram fielmente descriptas pelo prelado daquella diocese, D. Claudio, testemunha occular, em uma carta que foi publicada pela imprensa do Rio de Janeiro a 24 de maio de 1893 e da qual destacamos o seguinte topico

« E' impossivel imaginar e ainda menos facil será descrever o estado actual do Rio Grande, com excepção de poucos pontos. A fortuna principal é o gado e este tem sido roubado, até matado sem utilidade alguma, d'onde resultaria necessariamente ficarem reduzidos á miseria muitos estancieros ricos; o povo da campanha não tem trabalho na sua lavoura, e por isso mesmo os generos alimenticios de primeira necessidade vão subir a preços fabulosos, nos faltando até a carne; a mortandade de homens validos tera sido muito consideravel de uma parte e de outra, seja ella produzida nas batalhas e tiroteios, ou pelas diversas pestes que têm atacado os pobres soldados, ou pelo auctor da barbara, inaudita ferocidade; por isso mesmo o numero das viuvvas e orphãos reduzidos á miseria será muito consideravel. Se continuarmos desta sorte, « sem lei, sem garantia alguma para a vida, para a liberdade; para as nossas propriedades, entregues a despotas rancorosos, a feras desesperadas, ficará o Rio Grande completamente aniquilado ».

« Tem-se chegado a amarrar na estaca o pai e feito despir a filha e neta para violal-as diante de seus olhos ». A imprensa está por todos os modos amordaçada e por isso nos outros estados pouco se sabe do que se está passando neste infeliz Rio Grande ».

E tambem o telegramma firmado pelo desditoso general Telles, victima posteriormente dos ferimentos recebidos no combate da ilha do Governador, é um importante documento cuja leitura é de toda a oportunidade (Doc. n. 36).

Na capital do Estado, onde a liberdade de pensamento foi um mytho, os entusiastas castilhistas, sob as mestas sombras de disfarçado devotamento, ou acobertados por apparente interesse em bem servir a causa do chefe do governo, cevaram seus ignobeis instinctos em indefesos cidadãos.

Dia a dia succediam-se essas horriveis scenas com mutações que progressivamente annunciavam um indescriptivel periodo de terror para a historia do Rio Grande do Sul, quando o assassinato do coronel Evaristo Teixeira do Amaral, no municipio da Cruz Alta, e de mais quatro companheiros, seguido da descoberta de um sinistro plano de conspiração, vieram offerecer ensejo a manifestações de estrondosa expansão de resentimentos partidarios.

Em poder do capitão reformado Felisberto Pereira de Barcellos foram apprehendidos, na cidade de Santa Maria, pla-

nos e correspondencias contra o governo (Doc. n. 37); as autoridades reforçaram então a guarnição e effectuaram muitas prisões preventivas, em varias localidades do Estado, nas pessoas de cidadãos influentes.

O dr. Julio de Castilhos, que se achava então no Rio de Janeiro, recebeu do dr. Fernando Abbott, que occupava a vice-presidencia do Estado no impedimento do dr. Victorino Monteiro que viera tomar parte nos trabalhos do Congresso Nacional, o seguinte telegramma:

« movimento abafado, a brigada policial, a força de linha e civis estão com o governo. General Pêgo e os chefes militares têm auxiliado muito o governo; »

apressou-se em conferenciar com o marechal Floriano Peixoto sobre os acontecimentos em questão.

No jornal, que se publica naquelle Estado, *O Rio Grande do Sul*, foi inserto um longo boletim-relatorio (Doc. n. 38) dos factos que deram origem a esse movimento.

A narrativa destes successos feita pelas columnas do *Jornal do Commercio* de 17 de novembro de 1892 (Doc. n. 39) provocou da parte da maioria da representação riograndense na Capital Federal, uma rectificação essencial (Doc. n. 40); peça de alto valor historico e cuja leitura é de todo o interesse.

Singular coincidência! no mesmo dia em que, em Porto Alegre, o major Telles de Queiroz, á frente de uma força de 25 homens, armados a Comblain, espingardeava a casa de Facundo Tavares; na Carpintaria, o seu tio, general Silva Telles, conferenciava com o irmão deste general, Jôca Tavares, talvez em desempenho de alguma missão reservada. Com o titulo « A missão Telles, » publicou *El-Dia* de Montevideo, de 15 de novembro, uma explicação assignada pelo dr. Fran-

cisco da Silva Tavares, a qual traz muita luz a essa entrevista. (Doc. n. 41).

Porém os factos que mais impressionaram a população desse Estado foram :—o occorrido com o cidadão Frederico Haensel que, preso junto de sua familia, foi assassinado pelo official de policia que commandava a escolta e—o do coronel Facundo Tavares (*) que, pela influencia que ahi exercia, quer como membro da familia Tavares, quer como implicado nos acontecimentos, foi uma das victimas da revolução. A narrativa dos transe por que passou fel-a elle proprio, e foi publicada por quasi toda a imprensa (Doc. n. 42).

A estas lamentaveis occurrencias não se conservaram indifferentes os principaes chefes revolucionarios : o coronel Salgado com os drs. Antunes Maciel e Barros Cassal vieram ao Rio de Janeiro afim de conferenciarem sobre os meios reaccionarios, emquanto o general Tavares preparava na fronteira os elementos para operar a invasão. Só o dr. Silveira Martins, o impetuoso chefe do celebre conclave de

(*) José Facundo da Silva Tavares, nascido no Rio Grande do Sul, em 1824, de pais titulares, era ahi relacionado com as principaes familias e pelos relevantes serviços prestados á patria na carreira das armas e pelo seu elevado caracter gosava de real prestigio como chefe politico. Em 1857 fez parte da expedição enviada contra o tyranno Rosas ; no posto de major da Guarda Nacional muito se distinguiu no combate de Paysandú, acompanhando depois o exercito brasileiro até Montevideo. Por occasião da guerra contra o Paraguay e quando o Rio Grande do Sul foi invadido pelas tropas de Estigarribia assistiu a rendição de Uruguayana, permanecendo depois de guarnição á fronteira, no commando do corpo provisório de Guardas Nacionaes ; como recompensa a tão relevante serviço foi galadoardo pela corôa. Depois, sempre considerado e respeitado em sua provincia, ahi exerceu cargos de confiança e, quando se operou a rendição de Bagé, regressou a Porto Alegre onde fixou residencia e achava-se á testa de uma empresa industrial quando sob o regimen castilhistta, foi uma das primeiras victimas. Inscripto na lista dos conspiradores, a 1 de novembro de 1892 era lançado na cadeia de Porto Alegre, depois de testemunhar as horriveis scenas de que foi theatro o seu lar. Emfim, depois de dous annos e meio encerrado entre quatro paredes, e depois que as nuvens se dissiparam do horizonte, foi requerido por seu irmão dr. Francisco Tavares, *habeas-corpus* ao Supremo Tribunal Federal. que lh'o concedeu.

Bagé, depois de simular uma viagem áquella cidade, retirou-se inopinadamente do Rio Grande envolto no mais mysterioso silencio, para a Capital Federal, talvez no proposito de chegar a um accôrdo com Floriano sobre os negocios do Rio Grande, justamente quando a questão attingia ao periodo mais agudo, e ahi apenas limitou-se a uma ou outra publicação afim de arredar de si a responsabilidade dos acontecimentos politicos; e mesmo, depois de commodamente installado em Montevidéo, foi o retardatario da invasão pela attitude irresoluta e mesmo indefinivel que manteve.

A falta de garantias provocou o exilio em massa e motivou muitas detenções nos desprevenidos e incautos, ao passo que alguns chefes federalistas, que nas fronteiras aguardavam ordens, annunciavam a sua presença em um ou outro ponto, com pequenas escaramuças.

Da sua parte, o castilhismo não se descurou em organizar a resistencia; o telegramma do marechal Floriano Peixoto, publicado na *Folha Nova*, de Porto Alegre, de 3 de novembro (Doc. n. 43) e a ordem do dia do coronel Menna Barreto dada á publicidade na imprensa riograndense a 23 de fevereiro de 1883 (Doc. n. 44) merecem particular attenção.

Reconhecendo-se ainda o presidente do Rio Grande do Sul pouco garantido com esses elementos para reprezar a impetuosidade da onda invasora que ameaçava levar de vencida a fraca resistencia que lhe apresentava, solicitou em boa hora o auxilio das forças federaes (*) que por essa época achavam-se distribuidas naquelle Estado da seguinte forma:— em S. Gabriel, o 1º regimento de artilharia e o 4º batalhão de infantaria;—em Sant'Anna do Livramento, o 4º e o 12º regi-

(*) E' o que se deprehende do telegramma dirigido pelo deputado Valladão, secretario particular do vice-presidente Floriano Peixoto, aos governadores dos Estados, noticiando-lhes a invasão federalista e que figura neste trabalho sob o Doc. n. 49

mentos de cavallaria ;—em Bagé, o 4º regimento de artilharia e o 5º de cavallaria;—em Uruguayana, o 11º regimento de cavallaria e o 6º batalhão de infantaria;—e em S. Borja, o 3º regimento de cavallaria.

O governo da União accorreu em prestar o apoio solicitado, enviando pelos vapores *Itaóca* e *Itatyia* grande quantidade de material bellico.

No Rio de Janeiro, em S. Paulo e no Rio Grande do Sul organizaram-se reuniões e *meetings*, onde a oratoria republicana ostentou o maior alarde de reclame de patriotismo. Tambem os federalistas, explorando as perseguições e crueldades praticadas em seus correligionarios, moveram o sentimentalismo do povo em favor da sua causa.

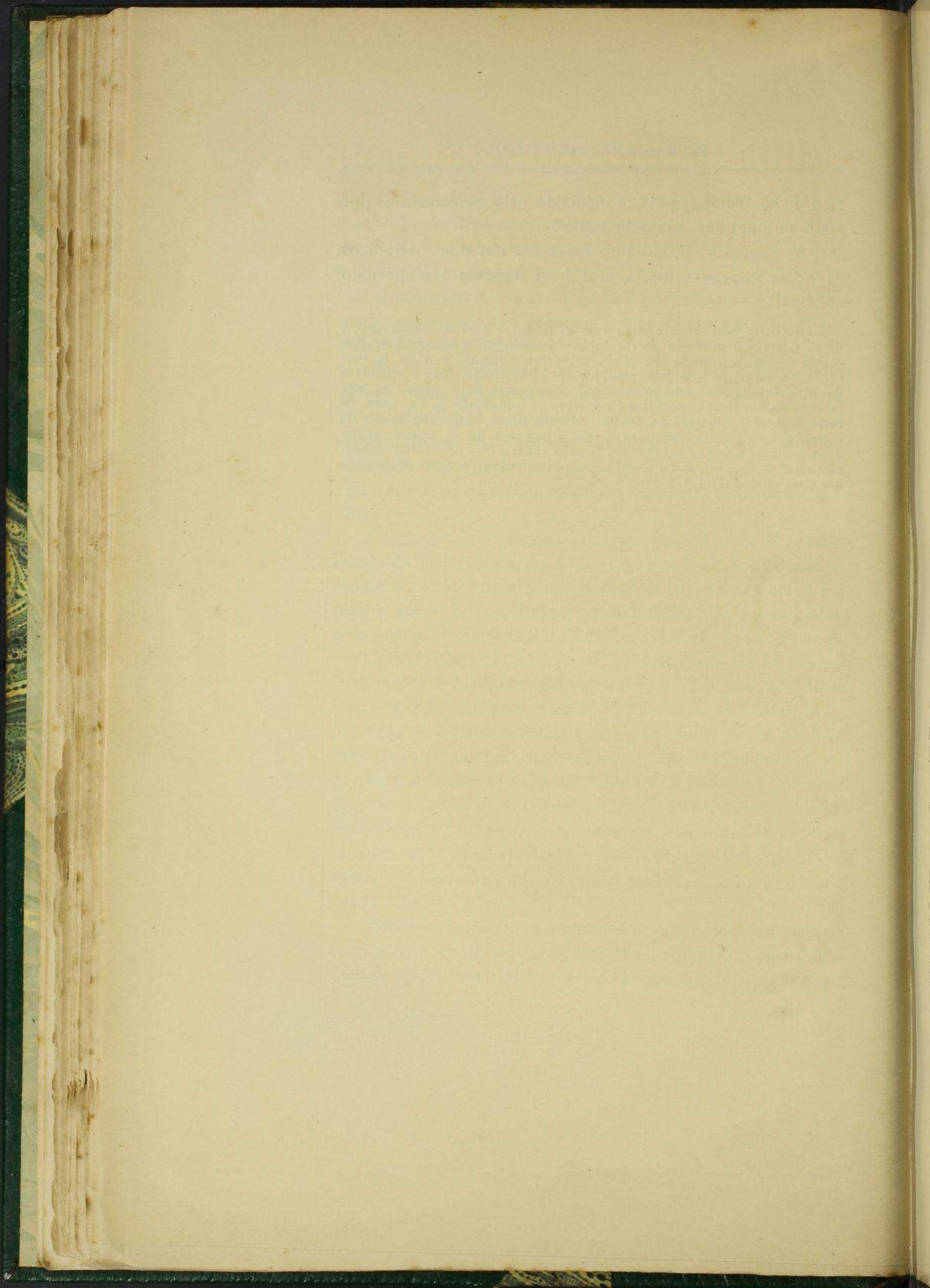
A phase revolucionaria por que então passou o infeliz estado do Rio Grande do Sul, julgamol-a sufficientemente definida em o numero de seus governadores nos tres primeiros annos da proclamação da Republica ; eis a lista delles pela ordem chronologica : 1º, marechal Visconde de Pelotas—2º, general Julio Frota—3º, dr. Francisco da Silva Tavares—4º, general Machado Bittencourt—5º, general Candido Costa—6º, dr. Fernando Abbott—7º, dr. Julio de Castilhos—(vem agora a junta revolucionaria que tomou conta do governo a 12 de novembro de 1891)—8º, dr. Assis Brazil—9º, dr. Barros Cassal—10º, general Rocha Osorio—11º, general Barreto Leite—12º, dr. Barros Cassal (2ª vez)—13º, general Barreto Leite, (2ª vez)—14º, marechal Visconde de Pelotas (2º vez)—15º, general Jóca Tavares—16º, dr. Julio de Castilhos, (2ª vez)—17º, dr. Victorino Monteiro—18º, dr. Fernando Abbott, (2ª vez).

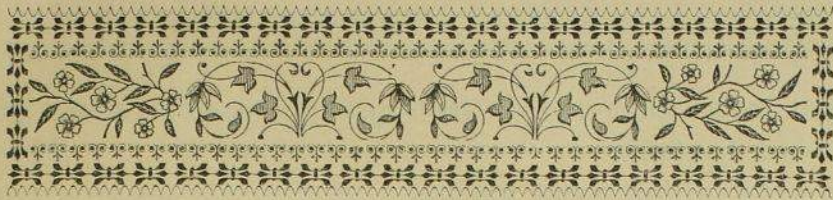
Poder-se-á dizer que o numero de governadores monta a 19, pois, a 12 de novembro de 1891, antes de constituida a junta revolucionaria, havia sido acclamado o general Bar-

reto Leite. Temos, pois, a média de seis governadores por anno, ou um para cada dois mezes!

As seguintes linhas impressas em um dos periodicos da nossa imprensa diaria mui bem definem esse periodo anormal:

« Existem duas constituições : a do sr. Cassal e a do sr. Castilhos. A do sr. Cassal é o producto da revolução de novembro e estava a ser discutida em uma convenção convocada pelos revolucionarios. A do sr. Castilhos é a reposição feita pela revolução de 17 de junho. Mas a legalidade da ultima ninguem reconheceu e por conseguinte tudo quanto se está fazendo no Rio Grande do Sul é o resultado da autoridade de um poder de facto mantido pelo governo federal. Modifical-o, é, pois, attribuição do mesmo governo, tanto mais quanto, com a nomeação do sr. Mursa se poderia pacificar a terra riograndense, ficando ainda a este o trabalho de encaminhar as organizações municipaes, sem desattender, e antes obedecendo aos altos interesses da Republica ».





As invasões e a luta

NA prosecução do funesto periodo que enluto as paginas da historia da nossa adolescente Republica e durante o qual o sangue brasileiro regou o solo occupado pelos Estados meridionaes, ha phases que circumscrevendo uma certa ordem de factos, podem ser agrupadas distinctamente, como sejam as invasões dirigidas por Jóca Tavares, Gumercindo Saraiva e Saldanha da Gama.

Durante esse periodo de agitação, os *federalistas* (*) não conseguiram assolar todo o territorio riograndense ; quasi

(*) Os *federalistas* chamavam *pica-paos* aos officiaes e soldados das tropas do governo por causa do bonet vermelho que usavam e que fazia lembrar o passaro deste nome; e estes appellidavam áquelles de *quero-quero* por causa da instabilidade constante que mantinham em suas posições, circumstancia esta que trazia á memoria o passaro assim chamado que ora nidifica em um logar, ora em outro. *Maragatos* era a denominação dada aos *federalistas* pelos castilhistas, que os equiparavam a um povo de bandidos e ladrões que reside para os lados do Estado Oriental, e *republicanos* chamavam-se a si proprios em opposição a seus adversarios, a quem attribuiam intuitos monarchicos.

sempre foram contidos pelas tropas leaes na zona confinante com a fronteira.

Na maior parte dos casos em situações desfavoraveis, só accitavam combate com as aguerridas tropas do governo, quando se lhes apresentava impossivel a retirada, systema adoptado pelos chefes no proposito de cançarem o inimigo.

— Meu plano, dizia o dr. Silveira Martins quando interrogado sobre a revolução, é um só e simples : cançar o inimigo, vencel-o pelo canção.

Quando se viam desprevenidos de meios pecuniarios para alimentarem a luta, era ao systema de vales que recorriam para se abastecerem dos elementos indispensaveis e urgentes a suas operações, acarretando por essa fórma os maiores damnos aos prejudicados ; ao passò que o governo da União, em plena dictadura financeira, despejava milhares de contos de reis naquelle Estado e distribuia-os com certa longanimidade aos sordidos fornecedores.

A bandeira da *cruz vermelha*, crimosamente levantada pelos apaniguados federalistas foi-lhes de auxilio ephemero.

Errando de aldeia em aldeia e de cidade em cidade, ora em carreiras vertiginosas pelos campos, algumas vezes emboscados nas grotas das montanhas, maltrapilhos, muitos apenas cobertos com pelles de animaes, armados de lanças, espadas, machados, chuços, facas, tesouras e espingardas de todos os systemas, caminhando em bandos desordenados e trazendo aos chapéos fitas vermelhas com disticos diversos, tal é em resumo o aspecto que apresentavam os federalistas das campinas do Rio Grande do Sul, ironicamente chamados de *exercito libertador*.

Cavalleiros sem rivaes nõ mundo, pode-se dizer que o bom exito dos combates sempre deveram ás terriveis cargas

de cavallaria com que destroçavam e esmagavam seus adversarios.

« Eu vi, dizia o grande soldado Garibaldi (*), corpos de tropas mais numerosos, batalhas mais disputadas, mas nunca vi em parte alguma homens mais valentes, nem cavalleiros mais brilhantes que os da bella cavallaria rio-grandense, em cujas filas principiei a desprezar o perigo... »

Sedentos de sangue que saciasse a paixão partidaria, cahiam de improviso sobre os nucleus de povoações; e, entregues a seus proprios instinctos, locupletavam-se nas casas abandonadas ou mesmo habitadas, com o saque de tudo o que lhes aprazia.

De alguma forma, o gráo de criminalidade desses incolas campineiros encontram attenuantes na historia da civilisação. O gaúcho, de vida nomade e exercendo a industria da criação de gado, donde tira a base de sua nutrição, apresenta-se-nos em um periodo quasi barbaro, relativamente a seus irmãos do norte que são agricultores. Assim pois, aquellas scenas de sangue que tanto nos revoltam são por elles mais facilmente toleradas.

Em plena expansão a seus ferozes instinctos, ai do misero que tentasse resistir-lhes ou do descauteloso adversario que chegasse a cahir prisioneiro!

Summariamente era-lhe imposto o castigo que, começando ordinariamente com a tortura (*castração*), terminava com morte atroz (*degolla*) (*)

(*) Memorias de Garibaldi por *Alexandre Dumas*. Rio de Janeiro. Laemmert & C. in-8º

(*) O processo da degolla era o preferido para o assassinato de seus adversarios politicos, porque assim não só economisavam munições, como tambem o ruido das descargas lançaria o desanimo entre os prisioneiros que porventura quizessem alistar-se em suas fileiras.

O côro de maldições, vociferado pelas afflictas viúvas, innocentes orphãos e desgraçadas donzellas contra essa legião infernal de reprobos apenas echoava nas desoladas campinas riograndenses confundindo-se com as suas gargalhadas sarcásticas.

Esses horrores foram augmentados e explorados por seus adversarios, como recurso de guerra para tornal-os odiados e detestados, mesmo pelos que se conservaram neutros á luta; não obstante, aquelles, sob a bandeira da legalidade, corresponderam condignamente aos seus actos selvagens, si não excederam-nos algumas vezes.

A darmos credito aos boatos, na maior parte revestidos de todo o cunho de veracidade, por serem referidos por testemunhas oculares, ha attenuantes de varios generos, de parte a parte.

Jamais a caudilhagem se revestiu de formas mais extravagantes e assumiu mais graves proporções do que nessa luta; impossivel seria systematisar os credos politicos de muitos combatentes, alguns dos quaes não se filiando siquer a nenhum partido, vagueavam por esse chaos de convicções e odios.

Conduzidos para um sitio pouco retirado do acampamento a que denominavam *sanga*, era ordinariamente a victima amarrada com as mãos para traz e recebia a morte de joelhos, com a cabeça presa entre as pernas do algoz.

Si nos arraiaes federalistas o famigerado *preto Addo* mereceu uma promoção pela pericia com que desempenhava esse officio, tambem entre os legalistas o terrivel *Cherengue* se constituiu o seu rival e conquistou a sympathia de alguns chefes pelo sem numero de infelizes que victimou.

Por seu lado, o governo tambem tinha admiradores destas repugnantes scenas, taes como o coronel Elias Amaro, Pedrosco e outros cujos nomes a historia designará ao lado do terrivel coronel Iséas, o sombrio protagonista das scenas de Rioja, na Republica Argentina.

E' em nome daquella que não podemos calar o seguinte facto caracteristico: raros eram os officiaes e praças do exercito que, feitos prisioneiros, eram assassinados pelos *federalistas*; ao passo que o inverso sempre se verificava com os corpos de patriotas.

E qual era a selecção que havia para com os prisioneiros federalistas

Primeira invasão (2 de fevereiro a 10 de agosto de 1893). Sem um programma assentado, em bandos indisciplinados e mal armados, foram iniciadas as hostilidades a 2 de fevereiro de 1893, pelos federalistas que, reunidos no Estado Oriental em numero de 600 e guiados por Gumercindo Saraiva e Vasco Martins transpuzeram a fronteira riograndense e vieram acampar em *Aceguá*.

A' 5 desse mesmô mez, o general Jôca Tavares mandava distribuir pela campanha uma proclamação concitando o povo ás armas (Doc. n. 47) e por uma outra publicada pouco depois e dirigida á Nação Brasileira (Doc. n. 1) repellia energicamente com os seus companheiros as increpações calumniosas de seus adversarios politicos.

Acreditando sempre em a neutralidade das forças federaes, atreveu-se o chefe rebelde a aceitar a 11 de fevereiro, um pequeno tiroteio no *Salsinho* (1) com a tropa civil ao mando do coronel Manoel Pedroso de Oliveira. Depois desta acção que durou cerca de uma hora, foram batidas as tropas castilhistas. A 14, fez este junção de suas forças com as do coronel Elias Amaro, afim de perseguir a columna invasora.

A prematuridade deste primeiro feito de armas arrastou o venerando general Jôca Tavares á luta. Assumindo a chefia das tropas revolucionarias no sitio denominado *Carpintaria* e reunido a Gumercindo, viu-se cercado por um contingente de cerca de 1.300 homens das tres armas commandados pelo coronel Arthur Oscar que tomou as posições do *Rio Negro*, *S. Luiz* e *Pirahy*. Com admiravel habilidade, evitou o chefe revolucionario um combate desigual e operou um rapido movimento sobre *D. Pedrito* (2). A 19, foram atacadas as forças legalistas no passo do *Rocha* e, por fim, o combate da *Lagôa Branca*, a 10 leguas de *Alegrete*, abriu aos federalistas as portas daquella cidade.

A sua guarnição commandada pelo tenente-coronel Alfredo Barbosa compunha-se do 6.º regimento de cavallaria e de 200 populares denominados—*patriotas*, formando um total de 600 homens. Depois de um renhido combate, onde o heroismo salientou-se de parte a parte, Jôca Tavares apôs-se da cidade a 23 de fevereiro. Sempre recuando do vivo ataque dos invasores, tiveram os sitiados por ultimos reductos o theatro, a camara municipal e a praça, e depois, aos vencedores prestaram o mais triste tributo.

Para mais completa elucidação destes acontecimentos, publicamos, na segunda parte, os documentos respectivos (Docs. ns. 45 e 46).

Anteriormente, como a anciedade publica se incitasse com os boatos terroristas que circularam com relação aos acontecimentos do Rio Grande do Sul, procurou o governo dissipal-os publicando no *Diario Official* de 21 de fevereiro algumas linhas nesse sentido (Doc. n. 48).

Depois de receber um reforço de 1.500 gaúchos, o general Tavares, animado com o bom exito da acção de *D. Pedrito*, marchou sobre *Sant'Anna do Livramento*, que desde o dia 20 de fevereiro achava-se sitiada por grupos revolucionarios. A 27 de março acampou no *Cerro da Trindade*, a 3 leguas daquella praça, indo depois completar o cerco.

Com o fim de esclarecer a situação, sahiram publicadas no *Diario Official* de 3 de março de 1893 algumas linhas relativas ao cerco de *Sant'Anna do Livramento* (Doc. n. 49) e a 19, o general Telles annunciava em telegramma (Doc. n. 50) a sua chegada áquella cidade.

Sabendo da aproximação do general João Telles, que com cerca de 3.000 homens das tres armas marchava de *Bagé* em soccorro dos sitiados, resolveu Tavares modificar o seu plano e atacar outros pontos da fronteira para distrahir

e enfraquecer o inimigo. Simulando voltar para *Bagé*, contramarchou para *D. Pedrito*, onde acampou.

Entretanto varios grupos que haviam transposto a fronteira do *Quarahim* a outros formados na serra do *Caverá* tomaram o rumo de *Alegrete*.

A 27 de março, na restinga da *Jararaca*, a meia legua da cidade de *Alegrete*, foi derrotado o coronel Santos Filho que de *Cacequy* marchara á frente de civis tendo um effectivo de 1.000 homens ; feito prisioneiro, tornou-se este combate notavel na historia da revolução, pelas grandes atrocidades praticadas pelos federalistas (*), commandados por Prestes Guimarães, e Laurentino Pinto que quando dirigia a acção, foi ferido por um official de suas proprias forças, cabendo áquelle a missão de concluir o combate.

Após a victoria foram os federalistas á barra do *Quarahim* receber o armamento da lancha *Carmelita* enviada pelo comité revolucionario, tomando então o commando das forças o coronel Salgado que havia desertado das fileiras do governo, depois de dirigir uma carta ao marechal Floriano, na qual dava a sua demissão de official do exercito (Doc. n. 51), arrastando comsigo valioso contingente de orientaes. Por essa época, o exercito federalista attingia a um effectivo de 3.200 homens e ás suas fileiras veiu perfilar-se, si bem que por poucos dias, o prestigioso chefe republicano Dr. Barros Cassal (Doc. n. 52).

Anteriormente, a 28 de fevereiro, dentre os diversos grupos de federalistas que invadiram o Estado, o capitaneado pelo chefe de *S. Borja*, Jacques Simony, teve um encontro

(*) Na celebre carta demissionaria do almirante Custodio de Mello, ao marechal Floriano Peixoto, ha o seguinte periodo referente a este facto: ... "Uma outra ponderação de alcance politico, e que actúa tambem de modo decisivo para a resolução em que estou de demittir-me, é a má direcção que, a meu ver, tem-se dado ás operações da campanha, e de onde resultou o morticínio de *Alegrete* e inevitavelmente provirão outros."

em *Itaroquem* com as forças do coronel Salvador Pinheiro, que sahiu vencedor, castigando com a morte ao chefe contrario (Doc. n. 53).

Com os valiosos recursos obtidos em *D. Pedrito*, onde estacionára por dous dias, reunindo grupos dispersos, dirigiu-se Jôca Tavares para *Alegrete*, afim de encorporar á sua expedição a força vencedora; porém, foram os seus intentos frustrados pelo



GENERAL JOSÉ GOMES PINHEIRO MACHADO (*)

(*) Não soffre contestação que foi este o braço forte do governo em toda a campanha do sul.

Comquanto arredado do serviço militar desde a guerra do Paraguay e actualmente abastado *estancieiro* em sua terra natal que o escolheu para seu representante no Senado Federal, nenhum general das forças da União excede-o em tactica militar, bravura e heroismo.

Inteiramente compenetrado da missão que esposára impulsionado por suas convicções politicas, a sua personalidade se apresenta na luta cercada de todo o prestigio a que fizera jus o seu devotamento á Carta de 24 de fevereiro.

Partidario exaltado e intransigente, durante a revolução dedicou-se convictamente á causa que abraçara.

que á frente da *divisão do norte*, forçou-o a aceitar a grande batalha campal do *Inhanduhy* (4).

Este corpo de exercito que com tanta galhardia se portou na luta, teve a sua origem em *Missões* com um effectivo de 2.800 homens; organizado segundo a arte militar pelo general Francisco Rodrigues Lima, constituia-se definitivamente a 2 de abril na costa do *Botuhy*, tendo-se-lhe mais tarde encorporado o 30.º batalhão de infantaria do exercito ao mando do coronel Arthur Oscar. Em *Uruguayana*, fazendo junção com a columna do general Hyppolito, pôz-se em perseguição das forças do coronel Salgado que, a marchas forçadas, procurava reunir-se a Tavares e Gumercindo, o que conseguiu ao transpôr o arroio *Inhanduhy*.

« O terreno onde se travou a batalha é desigual. Uma cochilha central de onde partem outras pequenas como os dedos de uma mão aberta, terminando sempre em terrenos pedregosos e circumdados por banhados e sangas em diversos pontos. O exercito Castilhistas occupava o alto da cochilha com sua fuzilaria, com sua artilheria: os nossos atiradores, occupavam as baixadas em diversos pontos.» (*)

Foi a 5 de maio que estes tres chefes rebeldes com 6,000 homens travaram ahi renhida peleja, desde as 11 horas da manhã até ás 9 horas da noite, com as tropas leaes, em numero de 4.000 combatentes; havendo Salgado extendido a tropa em linha de batalha entre dous vallados, sustentou nutrido fogo até a chegada de Tavares. No dia seguinte pela madrugada foi renovado o combate com uma tremenda carga de cavallaria das forças de Tavares que foram repellidas. Comquanto incerto o resultado, ao amanhecer, acharam-se senhores do terreno, pela retirada dos *federalistas* que temendo a approximação do general Telles, como falsamente se propalou, e divididos em tres columnas, seguiram rumos differentes.

(*) Os voluntarios do martyrio pelo dr. A. Dourado.—*Pelotas, Typ. de Carlos Pinto & C., 1896, in-8º.*

Em telegramma (Doc. n. 54) o dr. Julio de Castilhos noticiou ao marechal Floriano Peixoto este importante feito de armas.

Foi então que entrou em acção a columna do general João Telles. Depois deste conferenciar (18 de abril), no passo da *Viola*, com o ministro da guerra, que se achava no Rio Grande do Sul para attender mais promptamente ás exigencias da revolução, marchou em perseguição do inimigo. Informados da sua approximação pela estrada de *Sant'Anna*, aquelles caudilhos puzeram-se em retirada pela serra do *Caverá*. Sempre perseguidos pela *divisão do norte* e atacados pelo general Telles, travou-se o combate de *Upamaroty* (5), 12 de maio, onde muito se distinguiu Gumercindo Saraiva, conquistando posição proeminente na revolução e firmando a sua reputação de guerrilheiro astuto, com a habil protecção que offereceu á difficil passagem de suas forças por esse banhado.

Em retirada precipitada diante das divisões do *norte* e do general Telles, e sempre apertados sobre a fronteira de *Assegua* por este, Tavares e Salgado internaram-se no Estado Oriental, entregando todas as armas aos castelhanos, e dispersaram suas forças (6 de junho), ao passo que Gumercindo, escapando aos cercos que lhe moviam e á testa da melhor gente das tres armas, 500 homens, volveu ao interior do Rio Grande até *Caçapava*, assumindo por esta forma a suprema direcção das forças.

Por essa época, o *comité* revolucionario confiava o commando das forças dissolvidas ao coronel Salgado, em virtude do afastamento de Tavares depois das suas conferencias com o senador Cunha Junior.

Divulgando-se pelas tropas legalistas os extraordinarios feitos daquelle já notavel cabo de guerra, accordaram os generaes Rodrigues Lima e Pinheiro Machado em atacal-o

com 2.000 homens. Dispondo de elementos inferiores, Gumercingo Saraiva transpôz a nado o rio *Jaguary* que transbordava.

O encontro sangrento que a 20 teve em *Pirahy* com as tropas da União, preparou-lhe a grande vantagem da *Cerrilhada* a 23, onde foi ferido o general Menna Barreto, chefe da expedição contraria.

A marchas forçadas, em rasão da incessante perseguição das tropas leaes que, na maior parte da arma de infantaria, marchavam sempre quasi ao alcance da celebre cavallaria gaúcha, passou Gumercingo por differentes localidades do Estado, volvendo por fim para *Lavras*.

A luta do Rio Grande do Sul que, com alternativas de exito mais ou menos favoraveis aos *federalistas*, havia já alguns mezes assolava esse infeliz Estado, foi sempre explorada pelas individualidades politicas despeitadas do governo do marechal Floriano Peixoto as quaes, em desafogo ao resentimento de suas paixões, a ella se filiavam.

Esses auxilios sempre foram desfavoraveis aos rebeldes, que por fim negociaram a pacificação definitiva independentemente de qualquer intervenção externa.

A tentativa do almirante Wandenkolk foi um verdadeiro entrave ao bom andamento em que se achavam os preliminares de um accôrdo para o termo das hostilidades.

Não se pôde negar ao marechal vice-presidente as suas boas intenções para o restabelecimento da paz naquelle Estado, porquanto, são ellas sufficientemente conhecidas nas missões confiadas aos generaes Silva Telles e senador Cunha Junior, que teriam-nas desempenhado de modo favoravel e honroso para ambas as partes, si não fossem obstadas pelos lamentaveis successos de Porto Alegre, occorridos a

1 de novembro, e pela triste aventura do ex-membro do governo provisório.

Para definir este os seus intuitos, dirigiu uma proclamação (Doc. n. 55) a seus camaradas, tendo anteriormente, ao ausentar-se do Rio de Janeiro, endereçado, pela imprensa, ao chefe do governo algumas linhas advertindo-o da sua attitude hostile, e uma comunicação ao chefe do estado maior general da armada (Doc. n. 56).

Chegando a Montevideo, procurou entender-se com os chefes federalistas, e pouco depois dahi partiu, em um pequeno barco, e a 8 de julho, todos recolhidos a bordo do *Jupiter*, tomaram a direcção deste navio e forçaram a barra do Rio Grande.

Por sua vez, um outro grupo capitaneado pelo coronel Laurentino Pinto Filho, que conseguira occultar-se na cidade do Rio Grande, apoderou-se do navio mercante *Italia* e com elle ligou-se ao *Jupiter*, tendo antes, em *S. José do Norte*, deposto as autoridades e recebido pequeno contingente de federalistas.

A canhoneira *Camocim* que, rebocada pelo *Manoel Diabo*, fôra em procura do *Italia*, foi tomada pelos revoltosos, sendo presa a officialidade. Os rebocadores *Lima Duarte* e *S. Leopoldo* foram tambem em pouco tempo encorporados á esquadilha revolucionaria.

Diante desses acontecimentos, o commando da guarnição, de pleno accôrdo com a força naval, resolveu fortificar a cidade com canhões *Krupp* e guarnece-la com um grande contingente de infantaria, no que foi extraordinariamente secundado por grande numero de populares. Outras muitas medidas, no sêntido de garantir a paz, foram postas em pratica pelas autoridades.

As tentativas empreendidas pelos navios rebeldes, no dia 9, foram frustradas pela attitude das forças de terra, que

repelliram-nos para a *Barra*, onde permaneceram aprisionando as embarcações que se approximavam e commettendo toda a sorte de depredações. Na madrugada do dia 13, o *Jupiter*, retirando-se para o norte, foi aprisionado pelo *Republica*, que partira da Capital Federal em seu encalço.

A prisão do almirante Wandenkolk, fazendo prever a alguns officiaes de marinha a vingança do marechal Floriano, e com ella o aviltamento da armada, fez com que um grupo bastante numeroso procurasse tramar uma revolução que não foi levada a effeito por não se ter encontrado um official superior que quizesse assumir a chefia do movimento.

Sabedor o governo das reuniões sediciosas realisadas no *Club Naval*, do qual foi eleito presidente o almirante Wandenkolk, tratou de retirar os officiaes mais entusiastas, dos navios em que se achavam embarcados e removel-os para os Estados.

Assim abortaram os planos da primeira tentativa da revolta da armada.

A denuncia, dada pelo procurador seccional da Republica (Doc. n. 57), em Porto Alegre, é um documento de alto valor historico para essa triste aventura.

Segunda invasão (10 de agosto de 1893 a 10 de agosto de 1894). Transpondo a coxilha de *Haedo*, os federalistas, bem armados, em numero de 1.000 homens e commandados por Salgado, inciaram a segunda invasão.

Chegando a *Lavras*, a 10 de agosto, fez este junção com Gumerindo e uma expedição adiantou-se até a *Encruzilhada*, ao passo que Gumerindo passando por *Caçapava* foi até *S. Sepé*, e vendo-se obstado em sua marcha pelos inimigos retrocedeu, ligou-se a Salgado e travaram a memoravel batalha do *Cerro do Ouro*, (6) sendo destruida comple-

tamente a brigada civil commandada pelo governista Portugal, a qual desbaratada, retirou-se até as portas da cidade, sendo ali acolhida pela tropa de linha. Foi nesse celebre feito que muito se distinguiram os cabecilhas Victorio Guerreiro e Apparicio Saraiva. Os castilhistas tiveram a lamentar a perda de 300 mortos, 57 prisioneiros, além de muitas armas e munições. O dia 27 de agosto de 1893 assignala a data desta triste pagina da nossa historia.

Depois da acção do *Cerro do Ouro* muito se accentuaram as desintelligencias entre Gumercindo e Salgado as quaes posteriormente mais se aggravaram com a resolução daquelle em abandonar o Rio Grande para operar de commum accôrdo com a gente da esquadra; as forças de cada um destes caudilhos manifestavam egualmente divergencias até nas divisas. As de Salgado usavam-nas vermelhas e brancas eram as que traziam os soldados de Gumercindo.

A falta de cohesão que bem cedo começou a preponderar na identificação dos principios politicos, logo surgiu em detrimento do triumpho das idéas. Foi assim que já divididos deixaram de acceitar combate com a columna do general Bacellar que impassivel assistiu ao desfilamento das tropas rebeldes; foi assim que a retaguarda de Salgado ao atravessar o rio *Ibicuhy*, no passo do *Marianno Pinto*, soffreu tremenda derrota.

Foi no *Cerro do Vacagud*, a 7 leguas de *Sant'Anna do Livramento*, que os federalistas souberam da revolta da armada no porto do Rio de Janeiro.

Obedecendo unicamente a suas inspirações, resolveu Gumercindo transpôr o *Ibicuhy* no passo da *Liberdade*, atacar *Itaquy* e ligar-se á flotilha do *Alto Uruguay* que acreditava solidaria com os seus camaradas rebeldes. Neste interim, Salgado tinha sua retaguarda alcançada e desbara-

tada pela *divisão do norte*, que lhe tomou quasi toda a cavallhada.

Assim, enquanto o dr. Arthur Maciel procurava catechisar o chefe da esquadilha Coelho que se declarou neutro, Gumerindo atacava *Itaquy* em a noite de 27 de setembro, cuja guarnição, composta de 400 civis, resistiu heroicamente, tendo que ceder com grandes perdas para depois refugiar-se á bordo da esquadilha.

Não podendo ahi se conservarem as tropas vencedoras, em rasão de marcharem contra ellas os generaes Rodrigues Lima e Pinheiro Machado á frente de 2.500 homens, seguiram em direcção a *Povinho*.

A marchas forçadas, e apenas sustentando pequenas guerrilhas, o exercito de Gumerindo e Salgado só cuidava ganhar o territorio que se dizia occupado pelos revoltosos de setembro, atravez a região serrana. Passando por *Cruz Alta*, chegou a 12 de outubro em *Carasinho*, a 13 passou em *Passo Fundo*, a 16 em *Matto Castelhana* onde se travou um combate entre a gente de Chachá Pereira e a de Juca Tigre com vantagens para este, a 18 em *Matto Portuguez*, a 19 na *Lagôa Vermelha*, a 21 na *Vaccaria*, a 25 em *Bomfim* e por fim a 7 de novembro, tendo atravessado o rio *Pelotas*, no passo da *Cadêa*, pisava em territorio catharinense, onde os revoltosos tinham o seu governo provisorio.

Para não interrompermos esta rapida narrativa, detendo-nos diante da enumeração dos multiplos factos que se relacionam á ridicula mistificação da autoridade revolucionaria do *Desterro*, e que fazem o assumpto de um capitulo especial, cumpre proseguirmos nesta exposição. Antes porém de surprehendermos o seu protagonista nesse novo amphitheatro de immorredouras glorias, prestemos a mais justa homenagem e cabido preito ao digno emulo de Xenophonte, que eclypsaria mesmo as memoraveis jornadas

de Garibaldi, si os seus brilhantes feitos fossem exaltados por um Herodoto, um Tacito, ou um Plutarcho.

Um bravo, pois, ao legendario *Napoleão dos Pampas!*



GUMERCINDO SARAIVA (*)

Chegando a *Lages*, pasou por *Canóas* (19 de novembro), onde sustentou um combate de dois dias, e depois de

(*) Natural de Arroio Grande e filho de pais brasileiros, despresando fortuna, familia e as commodidades que lhe offercia a sua posição social, tudo sacrificou, até a propria vida, pela causa a que com tanto ardor se dedicou e que indubitavelmente era uma aspiração nobre e elevada, si bem que eivada do virus de convicções que nos pareceram em alguns pontos adversas ao regimen republicano.

Si, por um dos vulgares contratempos da fortuna, a sua causa triumphasse, os affrontosos epithetos de seus inimigos transformar-se iam nos mais encomiasticos dithyrambos.

Talvez a illustre victima de Carovy ainda contemplasse o seu vulto em bronze; porquanto, a criminalidade só persiste quando não se é vencedor.

Falando mal o portuguez, em rasão da sua continua residencia na fronteira com o Estado Oriental, dispondo de consideraveis bens e de preponderante influencia local, mas dotado de instrução rudimentar, taes são de relance os traços caracteristicos desse denodado gaúcho, que tantas lições de estrategia e tactica militar deu a experimentados generaes legalistas, que

atravessar as extensissimas mattas de *Curitibanos*, onde teve que sustentar varios combates, chegou á colonia de *Blumenau* donde se transportou ao porto de *Itajahy*; dessa localidade partiu para *Joinville* (10 de dezembro de 1893), operando-se antes a junção das forças federalistas com as da armada para juntas marcharem para o Paraná onde a acção se tornou mais renhida.

Em breve tempo viu-se o exercito federalista ameaçado pelas forças republicanas, que do norte e do sul marchavam afim de cercal-o completamente ; foi então que contramarchando sobre *Itajahy*, pela segunda vez cahiu este porto em poder da gauchada, que resistiu durante tres dias, ganhando por fim o oceano.

Anteriormente, Salgado se havia separado de Gumerindo na villa de *S. Joaquim* e seguido para o *Desterro*, tendo deixado suas forças na *Laguna*.

Nesse meio termo, o general Piragibe reforçava o seu exercito com a brigada de Juca Tigre depois de haver batido no *Rio Negro* o general Argollo, retirando-se para o Paraná.

Volvamos agora ao Rio Grande do Sul.

Os boatos que ahi se espalharam acerca das victorias dos *federalistas* em o norte, com o novo auxilio prestado

dispunham algumas vezes de forças superiores.

No tocante aos seus planos de campanha, era de uma reserva admiravel ; a ninguem revelava os projectos de suas expedições militares, nem aos seus mais intimos amigos.

Foi um homem talhado mais para agir do que para discursar ; e seu nome, sempre pronunciado no theatro das operações com acatamento por seus amigos e com respeito por seus adversarios, não o foi menos pelos fluminenses e paulistas, quando se divulgou o seu ousado plano de marchar por terra, através as campinas e serriões de Santa Catharina, Paraná e S. Paulo, para impôr a sua vontade na capital da Republica.

Si bem que o seu prestigio se avantajasse grandemente aos dos demais caudilhos *federalistas*, concorreram todos para o bom exito de alguns combates, cabendo-lhes principalmente a responsabilidade directa da hecatombe de victimas de irmãos.

pelos revolucionarios de setembro, alarmaram os adeptos da revolução que, acoroçados por essas noticias, puzeram-se em campo dirigidos por Joca Tavares e a 26 de setembro tomaram a cidade de *Quarahym* (8) e alli deixaram um destacamento.

Animados com este successo, cahiram de improviso, no dia 27 de novembro, sobre a estação do *Rio Negro* (9), onde se achava acampado o general Isidoro, que se rendeu a discreção, no fim de tres dias de valorosa resistencia, com o 28º batalhão commandado pelo tenente coronel Pantoja, batalhão de policia commandado pelo tenente-coronel Luppi e forças de patriotas sob o commando do coronel Pedroso, que bem caro pagou o seu procedimento em *Bagé*. Foi degollado com toda a sua gente em numero superior a 400 homens; Manoel Pedroso, irmão da infeliz victima, conseguiu escapar disfarçado, depois de haver tentado debalde demovel-o de seu firme proposito de affrontar as iras de seus inimigos.

Foi este o combate mais cruel de toda a campanha; para descrevel-o, cedamos a penna ao sr. Germano Hasslocher, esforçado militante das forças rebeldes:

« Estamos no *Rio Negro*.

Tres dias de um calor suffocante, de combates incessantes, em que os raios do sol abrazador se confundem com os raios dos fuzis; devorados pela sêde, empestados pelos cadaveres de homens, mulheres e cavallos, os defensores do reducto vêem chegado o momento supremo da capitulação. O inimigo tem-n'os presos, não ha uma sahida possível, todas as tentativas naufragavam deante da fuzilaria emboscada, nenhuma esperança mais sob um céu de fogo, calmo e inerte como um cadaver. O rio, que corre além com as suas aguas tão limpidas, é um Argos vigilante, com mil fuzis alerta, vomitando a morte sobre quem ousa acercar-se das suas margens arrastado pela sêde torturante.

A atmospherá enche-se de fumo e cheiro de podridão. Nada ha que fazer. Uma bandeira branca tremula sobre a trincheira, as armas são ensarilhadas e a capitulação acceita com garantias para os prisioneiros. Um instante mais e o inimigo pisa o ter-

reno atulhado de mortos, e, espantado, recúa deante do quadro que attesta o valor indomito da defesa a pertinacia sem nome do vencido.

Na embriaguez do triumpho, não se lembra que a gloria de vencer nascêra do heroismo da resistencia, e, longe de sentir por aquelles bravos que restavam um sentimento generoso de fraternidade, evocou dentro de si todos os odios, todos os desesperos e recommçou a matança, agora impune, de homens desarmados, caçados, cheios de angustias.

Como tropa que levasse para um matadouro, sem attender a que eram nossos patricios, defendendo a sua causa, a soldadesca encurralara-os em uma mangueira de pedras e um por um, friamente, debaixo de galhofas, fal-os sahirem e corta-lhes a carotida, degollando os infelizes. Era a reproducção de *Quinteros*, mais requintada na forma, igualmente hedionda no fundo.

Foi uma hecatombe tremenda, uma orgia de sangue, de gritos de dôr, de espumar de odios! Matou-se a faltar, sem piedade, bestialmente, sacrificando-se dezenas de homens inermes á sanha do vencedor, enquanto a revolução se cobria de lodo, infamava-se, envillecia os seus homens que atufavam-se na vergonha indigna. Desde aquelle instante, nenhum homem de bem podia ser solidario com tanta fereza; a dignidade mandava que se rompesse com todos os laços que podiam ligar um homem de consciencia á abjecção tremenda do *Rio Negro*, e exigia do chefe supremo da revolução, que condemnasse os que ordenaram a carnificina, que em nome da dignidade de seu partido engeitasse a responsabilidade de semelhante crime. O seu silencio seria a tacita approvação do facto, esclareceria o seu proposito, uma vez que nenhum programma existia para indicar o seu objectivo.

E eternamente ficará gravada no espirito dos que lá foram, a lugubre tragedia que a furia das paixões gerou, o quadro sinistro da degollação, o heroismo singular, unico, de Manoel Pedroso, que elles repetem em phrases cheias de pavor, quando descrevem a sua altivez, a sua sobrançeria em face da morte, erguendo-se n'uma convulsão de nojo; com a cabelleira sacudida pelo vento, os olhos inflamados pela raiva, sublime na hora do sacrificio, desprezando a morte tanto quanto aos seus degolladores, ao levar a mão á garganta e dizer: «Degolla, canalha, que degollas um homem de bem e valente!»

O corpo de transporte que tinha sahido a descoberto conseguiu alcançar *Bagé* bem como o corpo de policia.

Como vimos, desde algum tempo jazia em uma prisão de *Porto-Alegre* Facundo Tavares, irmão do chefe federalista, e ahi supportava as mais duras privações e affrontas dos amigos de Castilhos; foi então que o commandante e offi-

ciaes do 28º batalhão procuraram conquistar a liberdade, dirigindo uma carta ao ministro da guerra, na qual communicavam-lhe a resolução do vencedor do *Rio Negro*, que conceder-lhes-ia liberdade a troco da de seu irmão. O emissario desta proposta foi logo preso ao chegar a *Porto Alegre*.

Cada vez mais entusiasmados com essa esplendida victoria, e já então em numero de 4.000 homens bem armados e municados, puzeram-se em marcha sobre *Bagé* (10), onde se achava o coronel Carlos Telles com 1.000 homens.

Antes do rompimento das hostilidades alguns officiaes do exercito que se achavam entre as forças federalistas dirigiram um appello ao commandante da guarnição convidando-o a fazer causa commum com a revolução; porém, semelhante convite teve a mais altiva resposta da parte daquelle brioso militar (Doc. n. 58).

A 24 de novembro, estabeleceram o cerco até 8 de janeiro do anno seguinte e apertaram-no por tal fórma que as forças sitiadas acharam-se apenas circumscriptas á praça da Matriz, donde denodadamente resistiam ainda com vigor, não obstante o ferimento de seu chefe.

Aqui transparece um facto que não deve ser desprezado pela historia. Quando, a 6 de outubro, foi mandada fechar a escola militar do Rio Grande do Sul, os alumnos foram distribuidos por diversos corpos e a guarnição de *Bagé* contava não pequeno numero. Durante o cerco desta praça, os claros nas fileiras dos sitiados tornaram-se notavelmente sensiveis e sobretudo abertos por esses jovens, que, a despeito de seus honrosos antecedentes historicos, desceram á baixa condição de vulgares desertores.

Com tal rigor foi estabelecido o cerco da praça, que o capitão José Antonio de Souza, conseguindo illudir a vigilancia dos sitiantes e apresentar-se em *Porto Alegre* como emissario do coronel Telles, foi preso como desertor, si

bem que posteriormente fossem reconhecidos o seu heroísmo e lealdade.

O ministro da guerra que desde 20 de abril de 1893 se achava em *Porto Alegre*, ao ter conhecimento desses lamentáveis successos, preparou uma expedição, que foi depois a *divisão do sul* (*), com o fim de correr em soccorro dos sitiados.

Na sua organização dispendeu-se um tempo precioso, porquanto só a 6 de janeiro levantava o acampamento de *Pedras Altas* (doc. n. 59), sob o commando do coronel João Cesar Sampaio.

Proseguindo em marcha acelerada, chegou a expedição a 10 no *Parahysinho* e depois de dous dias de preparativos em *Bagé* seguiu ao encalço do inimigo, que com a sua aproximação suspendera o sitio; ainda as forças legalistas acelerando a marcha, tentaram alcançal-o sem o conseguirem, em razão do avanço de tres dias que levavam.

Para maiores esclarecimentos sobre este memoravel episodio da revolução federalista chamamos a attenção do leitor para os docs. que sob os ns. 60, 61 e 62 figuram no logar competente.

Perto de *S. João Baptista do Quarahym*, o exercito federalista dividiu-se em duas columnas: uma de 300 homens que marchou com Joca, Pina e Cabeda para *Alegrete* e outra, ao mando de Ulysses Reverbel, para *S. João do Quarahym*. As forças do governo ficaram nas pontas do *Gurupá* durante um dia, e no seguinte, a divisão de Sampaio, que fizera junção com a do general Hyppolito, marchou cerca de dous kilometros, sendo depois deliberado que Sampaio seguisse para *Alegrete* e Hyppolito para *Quarahym*.

(*) Composta de tres brigadas: a primeira sob o commando do tenente-coronel Francisco Felix de Araujo, a segunda sob o commando do tenente-coronel Netto e a terceira commandada pelo coronel Elias Amaro.

Depois de muitas marchas e contramarchas, a columna de Sampaio encontrôu-se perto de *Sant'Anna do Livramento* com o inimigo e, dando-lhe combate, conquistou o campô; continuando a marcha accelerada e continua em sua perseguição, surpreheudeu-o no *Sarandy*, onde castigou-o com uma completa derrota (1.º de março). O general Isidoro e outros officiaes conseguiram evadir-se. Nesta occasião, foram mortos todos os prisioneiros, dos quaes muitos soldados do exercito e principalmente do 28.º batalhão.

A columna de Sampaio não derrotou as forças federalistas em *Alegrete*, em razão da impericia dos chefes das forças do governo; chegados estes á margem do rio *Ibirapuitan*, passaram um dia e uma noite inutilmente a tirotear com o inimigo, que da margem opposta, abandonou a cidade tendo antes lançado fogo á ponte.

Depois de sete dias empregados na construcção de uma balsa, puderam as tropas de Sampaio perseguir os bandos de Joca, que tomaram o rumo de *S. Gabriel*, em cujas proximidades dividiu este as suas forças em duas columnas; uma, sob o commando de Pina que depois de batido na *Encruzilhada* passou a acampar em *S. Gabriel*, onde sendo surprehendido, logrou internar-se em *S. Sepé*; e com a outra tomou o rumo de *D. Pedrito*.

Constando que Tavares se dirigia para sitiar de novo *Bagé*, moveram-se as tropas do governo em soccorro dessa cidade; posteriormente verificaram a inexactidão dessa tentativa.

Tendo chegado ao conhecimento de Sampaio, em *Bagé*, que Joca Tavares se havia refugiado em uma das suas propriedades, pôz-se em movimento no intuito de aprisional-o, o que não conseguindo, retrocedeu para essa cidade. Mais tarde, soube-se que por enfermo o chefe federalista abandonára a luta, retirando-se para o Estado Oriental e deixando

as forças em operações a cargo de seu irmão Zeca Tavares.

A *divisão do sul* foi subdividida depois em forças sob o commando de varios chefes e o seu commandante foi nomeado para a fronteira de *Sant'Anna do Livramento*, para onde seguiu com alguns corpos.

As memoraveis vantagens do *Quarahym* e *Rio Negro* encorajaram alguns grupos rebeldes que se levantaram em varios pontos do Estado: na serra de *Taquary*, em *S. Francisco de Paula* (Doc. n. 63), em *S. Borja* (Doc. n. 64) e em *Passo Fundo*, sendo que estas duas localidades chegaram a cair em poder dos revolucionarios. A 8 de fevereiro de 1894 foi nesta ultima restabelecido o dominio legal pelo coronel Santos Filho, ao passo que *S. Borja* permanecia sob a autoridade das columnas de Prestes e Dinarte.

Emquanto estes factos occorriam no interior do Estado era a attenção do governo despertada com as operações dos revoltosos no littoral.

Embarcando no porto de *Paranaguá* com o restante das forças de Gumerindo, de accôrdo com Salgado que fôra rechassado pela *divisão do norte*, e talvez movido pelas insinuações daquelle seu correligionario (Doc. n. 65) passou o almirante Mello a operar no *Rio Grande* com o resto da esquadra.

A 9 de abril foi a cidade do *Rio Grande* (12) atacada por mar e por terra e, depois de uma admiravel resistencia de dous dias, a columna do coronel Carlos Telles, que veio de *Bagé*, pôz termo á situação, forçando os atacantes a uma precipitada retirada. A parte official do general Bacellar, commandante do 6.º districto militar (Doc. n. 66) e o telegramma do coronel Carlos Telles ao ministro da guerra (Doc. n. 67) são valiosos documentos historicos desses memoraveis acontecimentos.

Ainda desta vez perderam as forças revolucionarias uma facil e vantajosa victoria em razão do reprovado systema de intimações e manifestos do almirante Mello (Doc. n. 68).

Muitas vezes superiores, as tropas invasoras perderam um tempo precioso com a attitude de seu chefe em proveito da insignificante columna inimiga que poude pôr em pratica poderosos meios de resistencia e aguardar a chegada de numeroso reforço, com o qual repellio com vantagem o general Bacellar as tropas assaltantes de Salgado.

Quando mais renhida se mostrava e peleja entrou á barra do *Rio Grande* o cruzador inglez *Sirius* e pouco depois soube-se que a esquadra legal largara de Santa Catharina em direcção ao sul.

Manifesta e precipitada operou-se a retirada dos rebeldes que, recebendo a bordo de seus navios as forças derrotadas de terra, seguiram em demanda do primeiro porto estrangeiro (*Castilhos*) onde desembarcaram em grande numero.

O combate do *Rio Grande* foi o ultimo esforço serio tentado pelos revoltosos no sentido de se rehabilitarem da serie de revezes que continuamente experimentavam.

Retirando-se o chefe Mello com todos os navios para Buenos-Ayres (Doc. n. 69) afim de pedir asylo ao governo daquella nação, apenas o *Aquidaban* com o seu commandante Alexandrino de Alencar, seguido dos poucos companheiros que quizeram acompanhal-o, permaneceu em Santa Catharina, não para alentar a peleja agonizante, mas para tentar um lance extremo proprio de espiritos que tudo ousam em desespero de causa.

Foi este o ultimo abencerrage da atilnica tribu que de suas machinas infernaes devastou os centros populares que orlam as costas meridionaes da grande Republica Brasileira.

Depois da derrota e retirada da esquadra o general Bacellar mandou distribuir pelo povo um boletim no qual convidava-o a voltar aos labores quotidianos (Doc. n. 70).

Depois de se haver collocado com os seus commandados sob a protecção da bandeira argentina, passou o almirante Mello a publicar o seu manifesto, que foi dado em ordem do dia a seus companheiros de infortunio e publicado na *La Nacion*, de Buenos-Ayres (Doc. n. 71); é um documento de alto valor historico e que merece attenta leitura.

A *divisão do norte* que sahira do sertão de *Blumenau* (Doc. n. 72) ficou pairando pelos campos da *Vaccaria* aguardando roupas e munições e a 3 de março, na serra do *Oratorio* (Doc. n. 73), obrigou o coronel Salgado a retroceder, quando incompatibilizado com o governo do *Desterro* vinha da *Laguna* em demanda do estado Rio Grande do Sul.

Gumercindo Saraiva que se retirava do Paraná para o Rio Grande, tendo conhecimento que aquelle corpo de exercito se achava em *Passo Fundo*, e ignorando o estratagemma que empregára o general Lima no sentido de attrahil-o para a luta, proseguiu em sua marcha já augmentada a sua columna com a de Apparicio que se lhe aggregára perto de *Campos Novos*. Chegando nas proximidades de *Campos de Palmas*, onde as guardas avançadas trocaram alguns tiros, e prevendo máo resultado na empreza, retrocedeu precipitadamente internando-se pelos montes, região fortificada pela natureza. Sempre contornando a zona occupada pelo grosso do exercito legalista, moveu-se em sua perseguição o general Pinheiro Machado á frente de uma pequena força.

A 31 de maio, alcançando a retaguarda das forças retirantes nas margens do rio *Pelotas*, quando a columna do coronel Pahim procurava atravessal-o para reunir-se a Gu-

mercindo travou um renhido combate, onde quasi toda a brigada Fragozo foi disimada

A 27 de junho, depois de atrevesar aquelle rio e na entrada dos campos da *Vaccaria*, achando-se reunidos todos os chefes, communicou-lhes Gumercindo a resolução de atacar *Passo Fundo*, o que de alguma forma ser-lhes-ia vantajoso pelo facto de já se achar a região serrana em poder de seus correligionarios ao mando de Prestes Guimarães.

Pondo em execução o seu plano de retirada teve que sustentar pequenos combates no *Barracão* e nas margens do arroio *Forquilha* contra os generaes Menna Barreto e Arthur Oscar que commandava a *divisão do norte*. A brigada de Torquato Severo, encarregada de proteger os retirantes, contou neste ultimo grande numero de victimas.

E' sem duvida este um dos transeos mais dolorosos por que passou o exercito revolucionario; as vicissitudes que supportou durante os dezoito dias que gastou para chegar a campo aberto foram equivalentes a todas as peripecias occorridas até então.

A 19 de junho, depois de haver deixado a matta, acampou em uma planicie, e tres dias depois, fazendo junção com as forças de Prestes Guimarães, detinha-se o exercito revolucionario á pouca distancia de *Passo Fundo* (13), entre *Umbú e Mello*.

Apenas tres dias eram passados quando surgiu o general Rodrigues Lima á frente da *divisão do norte*, que se compunha das tres armas, em perseguição de Gumercindo que, reconhecendo impossivel a retirada, viu-se na contingencia de accetar a batalha com a sua gente então reduzida a 3.500 homens. Foi este o mais renhido combate que se empenhou durante a revolução federalista e tambem o que mais victimas fez em ambos os exercitos; nelle foram feridos, dentre

muitos outros chefes, Apparicio Saraiva e o general Rodrigues Lima. Da parte das tropas leaes foi esta memoravel jornada annunciada em telegramma do general Lima ao ministro da guerra (Doc. n. 74); e do lado dos revolucionarios encontra-se circumstanciadamente descripta na parte do chefe da 3.^a brigada transmittida ao quartel general (Doc. n. 75).

« Na batalha de Passo Fundo, que durou 6 horas, tivemos 300 baixas entre mortos e feridos : mortos 88, entre os feridos Cesario Saraiva, que perdeu um olho; Apparicio que já está bom; e gravemente meu filho menor Alvaro, que vinha em carreta e não sei que fim terá levado.

Alexandrino consta-me tambem achou-se na batalha e portou-se galhardamente. O inimigo teve mais de mil homens fóra de combate, e salvou-se pela posição que occupava, impossivel a cargas de cavallaria, tendo á esquerda um banhado, á direita o matto, e esgotada a munição das forças de Gumercindo, pois tinham abandonado os cargueiros que a conduziam na picada que abriram para passar ao Estado do Rio Grande, e só 8 dias depois da batalha a recebeu com a metralhadora de 25 que trazia. Assim continuou a marcha para o sul, que era o seu objectivo, sem que o inimigo pudesse impedir-lhe a passagem, quando, depois de vencidas as maiores difficuldades, veio infelizmente morrer de uma bala perdida ». (*)

As enormes perdas soffridas pelos federalistas lançaram o desanimo em suas fileiras e desordenadamente rumbearam para a *Soledade*. Nos primeiros dias de agosto passavam perseguidas a alguma distancia de *Cruz Alta* para evitar combate com a sua guarnição procurando fazer junção com as forças de Dinarte Dornelles (1.200 homens).

Anteriormente o senador Pinheiro Machado havia ido a *Porto Alegre* com as suas tropas afim de munir-se de artilharia e munição e reforçadas estas com a Brigada Militar, volveu á região onde se empenhava a luta.

Completamente extenuada pela activa perseguição que lhe movia a *divisão do norte*, ainda conseguiu ligar-se em *Carovy* ás forças de Dornelles que se retiravam precipita-

(*) Trecho de uma carta do Cons.^o Gaspar Martins ao almirante Saldanha da Gama, datada de 13 de setembro de 1894, de Buenos Ayres.

damente diante de dois regimentos da Brigada Militar commandados pelos tenentes-coroneis Pilar e Bento Porto que faziam a vanguarda das forças legaes.

Foi em uma das guerrilhas destas contra os revoltosos, no planalto de *Carovy* (14), que foi mortalmente ferido Gumerindo (10 de agosto de 1894) quando procurava em pessoa carregar contra os regimentos governistas; nesse mesmo dia exhalava o ultimo suspiro.

« Morreu á tôa, sem combate, indo ver uma guerrilha, travada por força que não era sua, por forças do Dinarte; foi ferido por bala no ventre e sobreviveu sómente duas horas. E' o que informa-me Prestes Guimarães. Apesar de não haver combate em *Carovy*, a morte de Gumerindo produziu uma verdadeira derrota. Prestes, que queria ficar na Serra e só por condescendencia desceu com Gumerindo, com a morte deste separou-se para tornar a Paufundo, onde havia deixado uma guarnição de 600 homens, e vio-se obrigado a emigrar, não tendo nem cavallos, nem armas e munições sufficientes; sua gente eram 900 homens, que em sua maioria seguiam para a Serra, emigrando elle com o seu estado-maior. Dinarte, com sua gente, muito mal montada e mal armada, dividiu-se em 4 columnas, para melhor escapar ao inimigo apetrechado de tudo, que o perseguia.

Apparicio marchou com as forças de Gumerindo, mas não podendo atravessar o *Ibicuby*, cheio e guarnecido por grandes forças inimigas, contramarchou ». (*)

Conduzido o astuto guerrilheiro moribundo em uma carreta foi enterrado no cemiterio de *Santo Antonio*, entre *Itacarovy* e *Camaquan*, sendo depois o seu cadaver encontrado pelo coronel Firmino de Paula.

Testemunha ocular narra que o delirio, a allucinação e a exaltação de espirito dos vencedores foram impotentes para soffrear os seus mais irreflectidos desatinos diante do corpo exhumado de tão legendario heróe.

Confrange-nos o coração e mal podemos conter as lagrimas que orvalham esta ligeira narrativa, rememorando aquellas pungentes scenas condignas de um féro animalismo e praticadas no cadaver de um bravo, de um heróe.

Corramos um lutuoso véo sobre este mesto quadro.

(*) Trecho de uma carta do dr. Silva Martins ao almirante Saldanha da Gama, datada de 13 de setembro de 1894, de Buenos Ayres.

Não foi com a morte do chefe militar da revolução que cessaram as hostilidades; ao contrario, aproveitando-se os commandantes das tropas legalistas do effeito moral que a morte de Gumerindo causara ao exercito inimigo, redobram de esforços para exterminal-o.

As forças federalistas, sempre perseguidas, dividiram-se em duas columnas: a de Apparicio Saraiva (1.500 homens) que procurou seguir a linha oriental pelo *Ibicuhy* para passar para a campanha; e a de Prestes e Dinarte que seguiu afim de ganhar a região serrana.

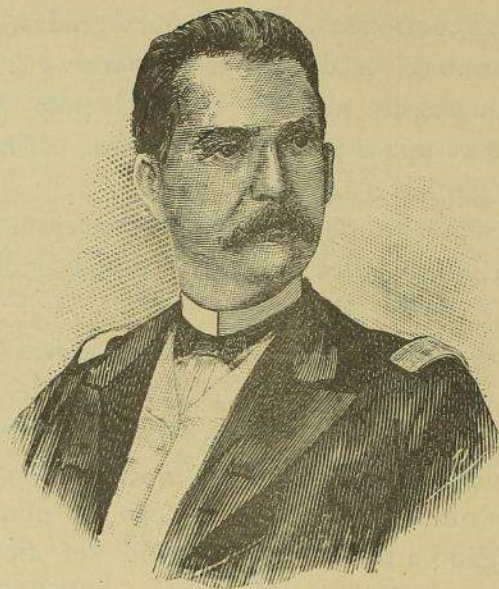
Em perseguição de cada uma moveram-se as forças inimigas dirigidas pelos generaes Lima e Pinheiro Machado.

Apparicio procurando transpôr o *Ibicuhy* no *Passo Novo*, e não o conseguindo por já allí se achar uma columna inimiga, volveu em direcção á cidade da *Cruz Alta* que atacou a 27 de agosto sem resultado, em razão da heroica resistencia que offereceu a sua guarnição. A pequena demora que foi obrigado a fazer importou em ser alcançado pelas forças do coronel Firmino de Paula, no *Povinho do Campo Novo*, e sempre em continuo marche-marche poude transpôr o rio *Uruguay* (5 de setembro), no porto da *Colonia*, debaixo de um vivo tiroteio, e embrenhar-se no territorio das *Missões*.

As forças missioneiras compostas de crioulos da serra procuraram imitar Apparicio; dispersas na *Igreginha* pelo senador Pinheiro Machado, a 15 de agosto, apenas restavam na *Timbauva* pequenos magotes, que em numero resumidissimo de retirantes, puderam atravessar o *Uruguay*.

Posteriormente muitos desses revolucionarios volve-ram á luta e com elles o bellicoso chefe Apparicio Saraiva.

Terceira invasão (22 de abril a 24 de junho de 1895). As languidas forças federalistas que restavam depois da morte de Gumercindo Saraiva ficaram divididas entre seu irmão Apparicio Saraiva, Guerreiro Victoria e o



alm. LUIZ FELIPPE DE SALDANHA DA GAMA

considerado o chefe das *forças libertadoras* do Rio Grande do Sul e que dispunha também dos elementos que ainda restavam da esquadra.

Suas convicções políticas só identificavam-se com as do chefe espiritual no voto plebiscitário.

Havia algum tempo que serias desintelligencias lavravam entre os chefes revolucionarios por questões de mando e de direcção nas operações. As circumstancias excepçionaes em que succumbio no *Rincão de Artigas* o successor de Gumercindo fazem crer que já não havia perfeita identidade de vistas entre elle e os cabecilhas *federalistas* que desalen-

tados com a perda de seu chefe peregrinavam pela fronteira.

Havendo estabelecido a principio diversos acampamentos em *Corrientes*, transferio-os depois para o territorio oriental, junto á fronteira, em razão da interferencia do governo daquelle paiz.

Foi, portanto, em territorio uruguayo, tolerado e auxiliado pelas autoridades deste paiz, como o provam documentos encontrados nos archivos dos revolucionarios, que se gerou mais este novo elemento de perturbação da paz da Nação brasileira; não obstante, ás continuas reclamações da nossa diplomacia junto áquelle governo, só tarde demais foi que este tomou algumas providencias, demittindo autoridades que se mostraram sympathicas aos rebeldes.

Antes de realisar-se definitivamente a terceira invasão, alguns caudilhos percorreram a fronteira, á frente de pequenos magotes armados e sem plano combinado, unicamente obedecendo a suas inclinações naturaes, sem comtudo conseguirem o menor resultado favoravel a seus intuitos; foi assim que: — a 6 de novembro, na costa do arroio *Trahyras*, a 8 leguas de *Bagé*, Apparicio Saraiva, reunindo alguns elementos esparsos, atacou um batalhão da força estadual composta de 200 praças, das quaes mais de metade pereceu na luta: — o caudilho Guerreiro Victoria, em meados de janeiro, conseguindo transpôr a fronteira entre *Bagé* e *Jaguarão* foi ter até á villa de *Camaquan*, para logo em seguida volver ao territorio oriental acossado pelas forças legaes; — e ainda, em fins de fevereiro, entrando Apparicio pelo *Quarahym*, atacou, em *Vacacudá*, o coronel Sampaio que do *Livramento* vinha para *Cacequy* com cento e tantos homens, infligindo-lhe grandes perdas.

Emfim, os telegrammas (Docs. ns. 76) publicados por essa época nos jornaes do Uruguay dão uma idéa approximada da situação.

Por esse tempo as forças legalistas em operações no estado do Rio Grande do Sul constavam : da *divisão do norte* que forte de mais de 3.000 homens e commandada pelo general Lima percorria a fronteira argentina (Alto Uruguay); *divisão do oeste* que com cerca de 2.800 homens guiados pelo general Hippolyto guardava parte das fronteiras argentina e uruguaya, desde a foz do *Ibicuhy* até *Sant'Anna do Livramento*; da *divisão do sul* que com um effectivo de 3.000 homens guarnecia a fronteira oriental e a cidade do *Livramento*; e da divisão Menna Barreto que operava na região central, percorrendo a estrada de ferro de *Cacequy* a *Uruguayana*; sem falar na Brigada Militar do Estado que com 1.400 homens servia de apoio á divisão Menna Barreto; e não mencionando a brigada do coronel Santos Filho acampada na fronteira do Paraná com 1.200 homens e tambem as forças que guarneciam as cidades do *Rio Grande*, *Pelotas*, *Bagé* e *Porto Alegre*.

Até definir-se a terceira phase da luta, com a invasão de Saldanha, permaneceu Apparicio, ora pela fronteira, ora acoutado na serra do *Caverá* e em continuas correrias, devastando os municipios circumvisinhos e soffrendo algumas derrotas das forças legalistas que ahi se achavam representadas pela Brigada Militar, e pelas columnas do general Menna Barreto e coronel Carlos Telles.

O máo exito da acção de *D. Pedrito* teve ligeira compensação para as forças revolucionarias na *Serrilhada* onde se proveram de cavahada e armas, e no *Indurá* (Doc. n. 77).

De volta de uma viagem á Europa onde provavelmente reuniu a maior somma de elementos para proseguir a luta, o almirante Saldanha da Gama estabeleceu da maneira mais ostensiva o seu acampamento no territorio orienta.,

onde se preparou para a invasão ora percorrendo a fronteira em afanosa actividade, ora organisando e animando os pequenos grupos que marchavam a se incorporarem a Apparicio e Guerreiro; mas como o governo uruguayo se pronunciasse no sentido de dissolver as suas forças, para em seguida internal-as, diante das incessantes reclamações do ministro brasileiro, resolveu transpôr a fronteira.

Ao amanhecer do dia 22 de abril, dividindo as suas tropas em varias columnas e ostentando o maior apparatus bellico, invadiu o Rio Grande pela costa do *Quarahim*, á frente de 1.800 homens, perfeitamente armados montados e municidados. (*)

A povoação de *S. Eugenio* ficou completamente deserta.

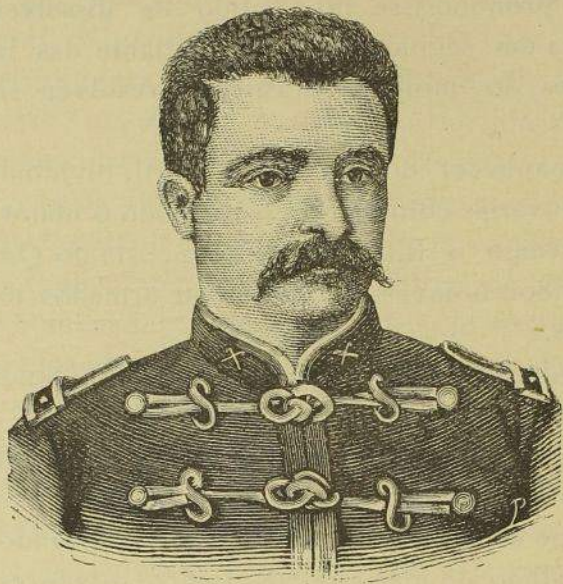
A discordia entre os chefes lavrava com todas as suas graves consequencias; Chiquinote, Lebindo e outros em breve tempo separaram-se do almirante, deixando-o apenas com o batalhão de marinha, os franco-atiradores e a gente de Ulysses Reverbel e Vasco Martins, ficando a expedição reduzida a cerca de 400 homens. Ainda mais critica se apresentou a situação com as continuas deserções.

Desde algum tempo as forças do almirante Saldanha da Gama achavam-se acampadas nas pontas do *Quarahim*, proximo umas trinta quadras do rio deste nome, em frente á barra do *Quarahim Chico*.

As condições estrategicas desse sitio levou o chefe da expedição a preferil-o para ahi acampar e mandou construir trincheiras para a sua defeza, reservando as picadas da *Barra* e do *Osorio* para uma rapida retirada.

(*) As suas tropas compunham-se de: 300 atiradores armados a Remington e Marlin, 700 infantes armados a Mauser, e 800 lanceiros.

O general Hippolyto Ribeiro que pairava por essa região, espreitando todos os movimentos dos contrarios, investiu a 24 de junho, enviando um reforço ao



Ten.-cor. JOÃO FRANCISCO PEREIRA DE SOUSA

que no commando de um corpo civil fazia a vanguarda da sua columna.

Feriu-se mortifero o combate no *Campo Osorio* (15).

O batalhão de marinha que guarnecia as trincheiras recebeu os atacantes com cerrada fuzilaria; porém um incidente veio apressar o desenlace da acção.

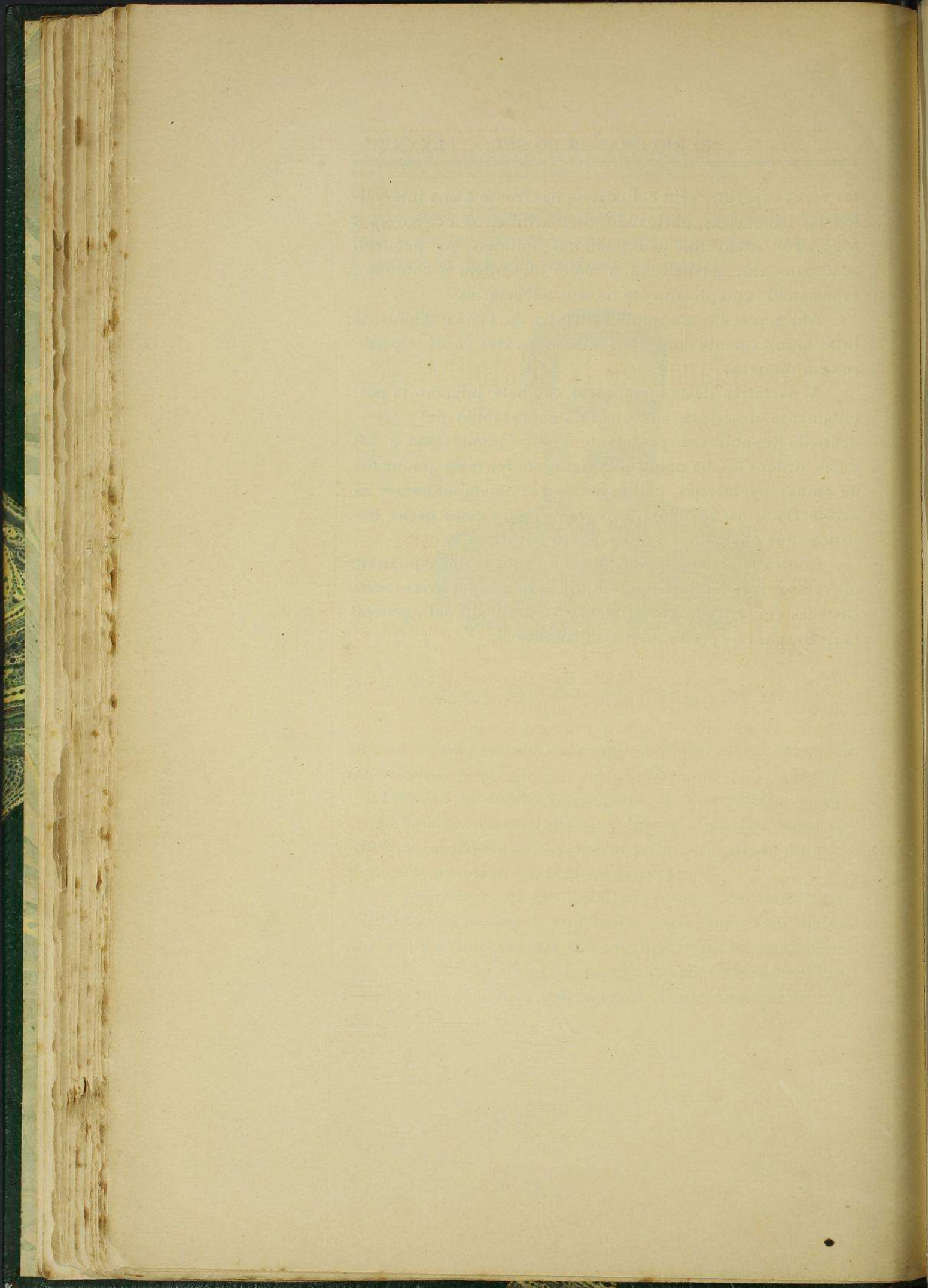
A pequena força de cavallaria que o almirante havia collocado nos flancos da trincheira, carregando sem sua ordem sobre a linha cerrada dos castilhistas, foi vigorosamente repellida, sahindo em perseguição a cavallaria de João Francisco; retrocedendo em debandada diante do numero mui-

tas vezes superior, veio collocar-se na frente e nos intervallos das trincheiras, obrigando os marinheiros a cessarem o fogo. Foi então que penetrando o inimigo no pequeno acampamento, estabeleceu a maior desordem e confusão, esmagando completamente os seus adversarios.

Ahi pereceu o almirante Saldanha da Gama depois de lutar heroicamente contra os atacantes, tres vezes superiores em numero.

A narrativa deste memoravel combate julgamo-la perfeitamente descripta no telegramma recebido pelo presidente da Republica, do presidente do Rio Grande (Doc. n. 78) e nas ordens do dia publicadas pelos chefes mais graduados de ambas as facções belligerantes que se empenharam na acção (Docs. ns. 79 e 80); é, portanto, para essas peças historicas que chamamos a attenção do leitor.

Contra a unica força rebelde commandada por Apparicio moveu-se o general Hippolyto, quando as operações foram sustadas em virtude do armisticio estipulado pelo general Galvão, para os preliminares da pacificação.





Occupação de S.^{ta} Catharina

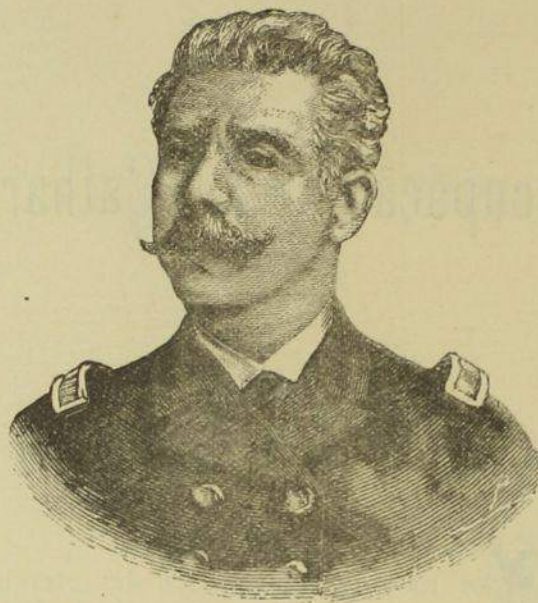
Foi na madrugada de 6 de setembro de 1893 que se manifestou a revolta da armada no porto do *Rio de Janeiro*.

Não cabendo nos estreitos limites desta succinta exposição a narrativa desse lamentavel acontecimento (*) que por longo tempo enlutou a sociedade brasileira limitamo-nos tão sómente com referir os successos mais importantes que se prendem á REVOLUÇÃO FEDERALISTA.

Conformando-se com as desencontradas opiniões de muitos cidadãos de quasi todos os credos politicos que se refugiaram a bordo do *Aquidaban*, e tendo-se mallogrado as

(*) Vide : *A revolta da armada de 6 de setembro de 1893* por E. Villalba (3.^a edição) — *Rio de Janeiro, Laemmert & C.^o ed, 1897, in 8.^o 410 pag.*

ousadas tentativas do immediato do vapor *Centauro*, em *Santos*, o chefe desse movimento o



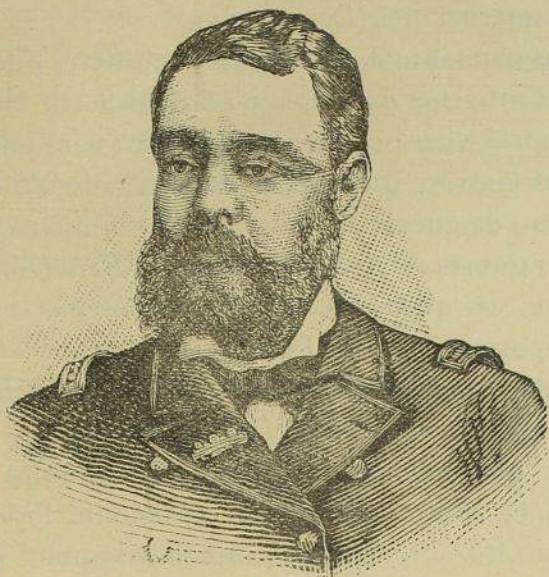
alm. CUSTODIO JOSÉ DE MELLO

permaneceu na bahia do *Rio de Janeiro*, durante longo tempo sem tentar uma acção decisiva, procurando mesmo acceder aos rogos do commandante da fortaleza de *Ville-gaignon* que, com a retirada dos navios da esquadra, achar-se-ia nas mais precarias condições.

Só depois de haver perdido um tempo precioso, em condemnavel inacção, ou antes, quando inteiramente desesperançado de vêr tremular em terra uma bandeira branca, foi que se resolveu operar em outro ponto.

Nestas ligeiras considerações resumbra o traço característico de quasi todos os seus actos durante a triste aventura de que foi o principal protogonista.

Preparou uma expedição de cujo desempenho encarregou o



cap. de mar e guerra FREDERICO G. LORENA

que a bordo da nau capitanea se incompatibilisara com o seu commandante Alexandrino de Alencar.

Ao amanhecer do dia 17 de setembro, foi a pacifica população da *Capital Federal* despertada com o vivissimo bombardeio que se empenhava entre as fortalezas e navios da esquadra; era o cruzador *Republica* (**) que se aproveitando da

(**) A officialidade deste navio compunha-se do chefe da expedição cap. de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, commandante, cap. ten. Candido Lara, immediato, 1.º ten. Alvaro Ribeiro Graça; officiaes, primeiros tenentes Felinto Perry, Manoel Pacheco de Carvalho Junior, Arnaldo Sampaio, Arlindo do Valle, Theotonio Pereira; segundos tens. Honorio de Barros e Eduardo Piragibe. Tambem iam a bordo: Annibal Eloy Cardoso, dr. João Pedroso de Albuquerque Sobrinho, J. J. Cesar, dr. Manoel Lavrador e cap. Miranda Carvalho.

intensa cerração existente na bahia, havia illudido a vigilancia das fortalezas da barra e tomado rumo sul levando a seu bordo o futuro chefe do governo provisorio, munido das respectivas instrucções. (Doc. n. 81).

Era commandante do 5.º districto militar, que comprehendia St.º Catharina e Paraná, o coronel Serra Martins para quem o proprio vice-presidente Floriano, bem como o marechal Enéas Galvão, que estava encarregado do expediente do ministerio da guerra, na ausencia do ministro, dirigiram varios telegrammas relativos á sahida do *Republica* e a outras medidas, os quaes são publicados *in-fine* com as respectivas respostas (Docs. n. 82.)

Animado com o feliz resultado dessa temeraria empreza, o chefe rebelde atreveu-se a fazer sahir outros navios da esquadilha que haviam retrocedido em a noite anterior; eram o *Pallas*, commandado pelo 1.º tenente Pio Torrelly e a torpedeira *Marcilio Dias*, commandada pelo 1.º tenente Francisco de Mattos. Blindados com fardos de algodão transpuzeram o canal da barra debaixo de uma chuva de projectis, conduzindo grande quantidade de material bellico e tropa de desembarque que devia operar no sul (Doc. n. 83).

Durante a acção, o *Aquidaban* com o fim de difficultar as pontarias das peças das fortalezas da barra, projectava a luz de seu holophote com toda a intensidade sobre as baterias inimigas.

A tão decantada inexpugnabilidade da nossa barra transformou-se em simples vocabulo depois deste feito, o qual veiu tambem demonstrar ao governo a urgente necessidade de ser quanto antes melhorado o nosso material bellico e condições estrategicas destinados á defeza do porto.

No día 27 ancorou no porto da cidade de *Angra dos Reis* a torpedeira *Marcilio Dias* que se havia desgarrado da esquadilha em rasão de um accidente occorrido na machina.

Saltando em terra o seu commandante, 1º tenente Francisco de Mattos, inutilisou osapparelhos telegraphicos, apesar da resistencia que lhe oppôz a estacionaria, e apoderou-se de todas as armas do destacamento policial, retirando-se em seguida para bordo e tomando o rumo de *Ubatuba*.

Depois de passar as mais crueis vicissitudes esta fragil embarcação só poud chegar a 12 de outubro diante da cidade do *Desterro* e rebocada pelo vapor *Iris*.

O vapor *Meteóro* (*) foi o quarto navio revoltoso que transpôz a barra (Doc. n. 84) empreza realisada na tenebrosa noite de 12 de outubro, sem entretanto lograr passar despercebido dos raios luminosos dos holophotes. Logo proximo á barra foi attingido por uma granada que motivou a explosão no deposito de cartuxos e outros materiaes inflammaveis ; o incendio manifestou-se logo e, apesar da critica situação em que se viram os tripolantes e cuja descripção minuciosa mal collocada ficaria nesta ligeira exposição, a 16 chegava a *S. Francisco* carregado de feridos e tendo de menos um heróe que teve por tumulo as ondas do oceano.

Dous dias depois ao da sahida do *Meteóro* imitava-o pela madrugada o vapor *Uranus* (**) (Doc. n. 85). Damnificado por mais de 100 projectis, conforme asseverou um de seus tripolantes, só poud chegar ao porto do *Desterro* a 19 de outubro.

Este acontecimento pôde ser convenientemente apreciado com a leitura das partes dos commandantes das fortalezas da barra e ordem do dia n. 811 do chefe da revolta (Docs. n. 85).

(*) A officialidade deste navio compunha-se: do commandante 1º tenente Augusto Monteiro de Barros ; immediato, o piloto David Ben Oriel ; machinistas (mercantes) Justino J. de Mello, Francisco G. dos Santos. Havia tambem cerca de cem pessoas entre marinheiros, soldados e passageiros.

(**) Era commandado pelo 1º tenente Francisco Cesar da Costa Mendes.

A 30 de novembro foram o *Aquidaban* e o *Esperança* que transpuzeram a barra (Doc. n. 86).

E assim sahiram todos os navios, inclusive ligeiras torpedeiras, que quizeram romper com o tradicional temor dos canhões casamattados das fortalezas da barra; só as embarcações que ficaram ás ordens do almirante Saldanha da Gama permaneceram na bahia de *Guanabara* abrigando aos que posteriormente foram implorar vergonhoso asylo a bordo dos vasos de guerra estrangeiros.

O *Republica* e o *Pallas* chegando ao porto de *S. Francisco*, em S.^{ta} Catharina, passaram a fundear em *Canavieiras* e no dia 26, o coronel Serra Martins, á frente de uma expedição das tres armas, marchou para aquelle sitio afim de obrigar os navios a abandonar a posição em que se achavam; si estes, com effeito, levantaram ancoras não foi certamente pelo temor que lhes inspirasse a attitude daquelle militar desprovido como se achava de regular meios de resistencia, mas sim a necessidade de uma operação mais efficaz que garantisse ao chefe da expedição revolucionaria a posse do Estado. Em todo o caso, no cumprimento de seu dever, o coronel Serra Martins se correspondeu telegraphicamente com o governo do centro sobre os acontecimentos. (Docs. n. 82).

No dia 27, depois de trocar algumas balas com o forte de *Sant'Anna*, ancoraram os dous navios defronte do *Desterro* produzindo verdadeiro terror panico na população e pouco depois, por intermedio de uma canôa de pesca, recebiam o vice-presidente em exercicio, o coronel Serra Martins e o capitão do porto, officios redigidos no mesmo theor pelo legato Lorena (Doc. n. 87).

Reunidos em conferencia para deliberar sobre o caso nada resolveram, porém, em outra formada de officiaes effectivos e reformados e convocada pelo coronel Serra Martins foi deliberado enviar uma commissão para entender-se com

o chefe Lorena sobre as bases de uma capitulação, de que se lavrou uma acta que foi assignada por todos os officiaes presentes (Doc. n. 88), lavrando-se posteriormente as bases do accôrdo em virtude do qual foi entregue a praça.

Para mais completa elucidação destes acontecimentos não é fóra de proposito lembrarmos certos factos que se prendem a esta ligeira narrativa.

Por esse tempo era presidente de Sta. Catharina um tenente de cavallaria chamado Manoel Machado, cidadão inteiramente desconhecido no Estado e que se substituiu ao dr. Lauro Müller após os acontecimentos de 23 de novembro.

Ao almirante Mello não era ignorada a sua attitude hostile ao governo do marechal Floriano Peixoto, definida anteriormente em telegrammas publicados na imprensa fluminense (Doc. n. 89) nos quaes condemnava os actos do marechal diante do *federalismo* e declarava-se mesmo solidario com a revolução.

Rompendo por essa fórma com o governo da União e faltando-lhe o apoio deste, não poudo mais manter-se na administração do Estado, e em virtude de um movimento operado em julho, foi deposto pelo partido que lhe era adverso, sendo que, já se achava respondendo a um processo de responsabilidade, pelo qual veiu a ser suspenso.

Foi, portanto, para Sta. Catharina que convergiram todas as esperanças do almirante rebelde, sobretudo quando, por intervenção da esquadra estrangeira, não podia mais bombardear a cidade do *Rio de Janeiro*.

Constitue actualmente um ponto de controversia as relações que porventura existiram entre os dous centros revolucionarios. Ao calmo e imparcial historiador que surgir em uma época necessaria e determinada e de posse dos documentos que nos escaparam, caberá a elucidação desta im-

portante questão para a qual, entretanto, diante dos factos que se nos têm apresentado, faltam-nos solidas bases em que se possam firmar conceitos positivos.

A nosso ver, desencorajado o almirante Mello dos progressos da sua temeraria empreza no porto do *Rio de Janeiro* com a inesperada resistencia do marechal Floriano Peixoto, lembrou-se do FEDERALISMO apenas como um auxilio á sua causa. Elle proprio confessa em seu manifesto:—«*que a questão capital para o estabelecimento de um accôrdo seria o abandono do poder pelo marechal Floriano Peixoto;— e ainda : achar-se no campo da acção revolucionaria para dar combate aos demolidores da Constituição, e restaurar o regimen da lei, da ordem e da paz*».

As ligeiras referencias que nessa peça politica faz ao movimento do sul são apenas pretexto para invectivar o vice-presidente da Republica e phrases de effeito para o seu objectivo.

No dia 30 de setembro foi distribuido entre o povo catharinense um boletim contendo a proclamação do chefe da divisão expedicionaria (Doc. n. 90) e tres dias depois desembarcou este, estabelecendo o seu quartel general na capitania do porto, emquanto o coronel Serra Martins, entregava-lhe o commando do districto (Doc. n. 91).

O commandante do *Pallas*, o 1.º tenente Pio Torrely, munido das respectivas instrucções (Doc. n. 92), foi portador de um longo officio para o chefe da revolta, onde era feita a narrativa circumstanciada da viagem do *Republica* e mais peripecias (Doc. n. 93).

Depois de varias vicissitudes o coronel Serra Martins conseguiu chegar á *Capital Federal* e foi o proprio portador da noticia dos lamentaveis acontecimentos occorridos naquelle Estado, para onde, mesmo sob o novo dominio eram remettidos telegrammas do governo legal em os

quaes eram relatadas as principaes peripecias succedidas no porto do Rio de Janeiro (Doc. n. 94).

A sessão da Assembléa Legislativa desse Estado no dia 4 presidida pelo tenente Salles Brasil foi de certa importancia para a historia da revolução (Doc. n. 95). Depois do presidente explicar os motivos da sua convocação, foram lidas e approvadas unanimemente as moções pelas quaes essa corporação se confraternisava com a attitude da esquadra, convidava o tenente Machado a reassumir as suas funções e agradecia ao 2.º vice-presidente os bons serviços prestados; e ainda, para mostrar a sua completa solidariedade com a revolta, dirigiram os seus membros uma proclamação ao povo concitando-o a tomar armas contra as forças federaes (Doc. n. 96).

No dia seguinte occupava a administração do Estado o tenente Manoel Joaquim Machado (Doc. n. 97) com quem pouco depois communicavam-se os federalistas rio-grandenses por intermedio de alguns personagens importantes da revolução, taes como dr. Barros Cassal e coronel Laurentino Pinto, que ahi chegaram no dia 9 de outubro.

A 12 entraram no porto a torpedeira *Marcilio Dias* e o vapor *Iris* que vieram reunir-se aos demais navios da esquadilha que ficou composta, além desses, do *Republica*, vaporès *Pallas*, *Itapemerim* e *Legalidade* e do rebocador *Sta. Catharina*, do 5.º districto maritimo.

Mesmo bem longe da acção os revolucionarios tentaram obter adhesões ao movimento e procuraram communicar-se por telegrammas com os seus companheiros de classe concitando-os á revolução (Doc. n. 98).

Eis em traços largos as mais notaveis peripecias deste episodio da nossa historia patria até aqui caracterizado na incessante luta de irmãos por uma idéa vaga e indefinivel

cumpre agora contemplal-o sob o ponto de vista do seu governo provisório installado solemnemente em Sta. Catharina, a 14 de outubro, e de que se fez chefe o cap. de mar e guerra Lorena, nomeando para gerir todas as pastas os tenentes João Carlos Mourão dos Santos e Annibal Cardoso.

Nesse dia a sessão da Assembléa Legislativa revestiu-se de toda a solemnidade sendo nella votada uma moção a favor do governo provisório e declarado feriado esse dia (Doc. n. 99).

Foi esse talvez o maior erro commettido pelos revoltosos e que bem caro custou ao seu auctor.

A dissidencia republicana do Rio Grande, como vimos, não podia de fórma alguma amalgamar-se com o *federalismo*, para juntas dar quéda ao *castilhismo*.

Aquella alliança virtual foi unicamente com o fim de hostilisar o governo, porquanto, esses pseudos correligionarios estavam profundamente separados em crenças politicas, e por conseguinte, longe de se auxiliarem viram-se depois compromettidos no embate das idéas. Cumpre tambem observar que entre os chefes *federalistas* muitos havia que agiam de propria inspiração, ao passo que outros obedeciam a certos e determinados caudilhos.

A intervenção da esquadra, a nosso ver, augurando a principio ephemerias vantagens, foi depois mais um elemento de discordia ; e mesmo, pouco tardou a que os revoltosos de 6 de setembro se manifestassem em sensível discordancia — *custodistas e saldanhistas*.

Toda essa balburdia foi em desproveito da revolução que dia a dia mais se anniquilava.

No entretanto o estabelecimento desse governo foi de accôrdo com o chefe da revolta, conforme se deprehende de uma communicação deste ao capitão de mar e guerra Frederico Lorena. (Doc. n. 84).

Na collecção d'*O Estado*, organ official desse governo que se publicava naquella cidade, encontram-se relatados minuciosamente a cerimonia da proclamação (Doc. n. 100) bem como os primeiros actos officiaes delle emanados (Doc. n. 101).

Anteriormente, quando o almirante Custodio, desencorajado do successo da sua ousada empreza, procurou ligar-se aos *federalistas*, como emissario do dr. Gaspar Martins veiu ao *Rio de Janeiro* o coronel João Pedro Salgado negociar as bases da alliança e dessa conferencia, como se deprehende de uma carta daquelle ao chefe da revolta (Doc. n. 102) ficou assentado que do governo de Sta. Catharina faria parte uma junta de tres membros que representassem a armada, o *federalismo* e os interesses locaes do Estado.

Sobre este assumpto o almirante Mello ainda se dirigiu ao seu representante em Sta. Catharina (Doc. n. 103) que por sua vez, bem como os seus auxiliares do governo provisorio corresponderam-se com o chefe do movimento (Docs. n. 104).

A precipitação com que se houve o chefe Lorena de nenhuma fórma deveria harmonisar-se com o pacto *Custodio-Gaspar*, e as divergencias tomaram character decisivo quando o dr. Maciel, delegado de Silveira Martins, chegando a Sta. Catharina revestido da dignidade de membro da junta provisoria e com valiosos recursos, não lhe foram prestadas as devidas honras, nem reconhecida a sua auctoridade pelo representante da armada.

Sob a direcção do engenheiro francez Buette funcionou em *Paranaguá* o arsenal de marinha organizado pelos revolucionarios que desenvolveram grande actividade com os operarios arrancados a suas liberdades e que jamais foram satisfeitos em seus salarios.

Distribuidos, como era natural, os principaes cargos pelos seus correligionarios politicos, coube o commando superior da guarda nacional ao coronel Laurentino Pinto, commissionado em general de brigada, e as primeiras expedições foram confiadas: a do *Rio Negro* ao capitão Borges do Couto; a de *Lages* a Paulino das Chagas Pereira; e a de *Araranguá* a Felinto Perry.

A' proporção que ahí chegavam certas individualidades salientes na revolução procurava o governo contental-as nomeando-as para cargos importantes muitos dos quaes creados *ad hoc*; foi assim que por decreto n. 8 surgiu um Corpo de Exercito Provisorio, sendo nomeado seu commandante em chefe (Doc. n. 105) o coronel Antonio Carlos da Silva Piragibe, que do *Rio de Janeiro* seguira enviado pelo chefe da revolta a apresentar-se ao governo provisorio.

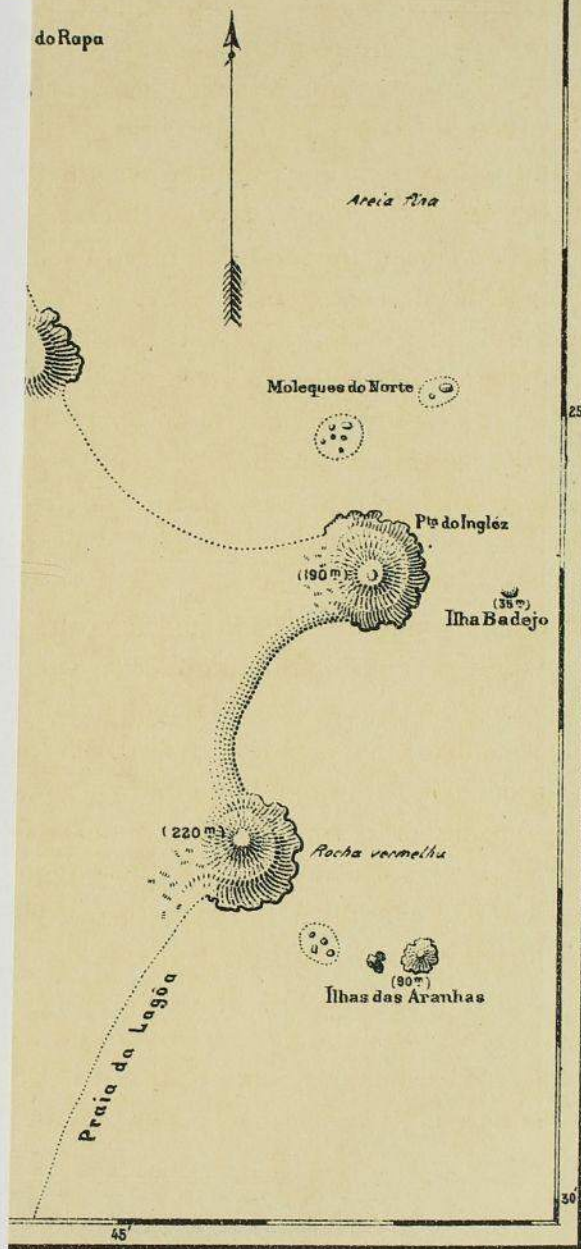
A 19 de outubro chegou ao porto do *Desterro* o vapor *Uranus*, commandado pelo 1.º ten. Costa Mendes, portador da proclamação que o almirante Mello enviava a Lorena (Doc. n. 106 e nessa mesma data o ministro da marinha do governo provisorio em Sta. Catharina, dirigia um telegramma ao marechal Floriano Peixoto communicando-lhe o estabelecimento daquelle governo (Doc. n. 107).

Contra as forças dirigidas pelo major Firmino do Rego que se achava na cidade do *Tubarão* foi enviado o tenente Felinto Perry, commandante da fronteira do sul, o qual, depois de muitas marchas e contramarchas teve um encontro em *Araranguá* nos dias 6 e 7 de novembro de 1893 com a columna do general Arthur Oscar que viera do Rio Grande em perseguição do coronel Salgado.

Chegando á fronteira com grandes perdas, este caudilho pôz-se desde logo em communicação com o vice-presidente do estado de Santa Catharina (Doc. n. 108), dirigindo se depois para *Laguna*.

COMBATE NAVAL
16 DE ABRIL DE 1894.

Foldout



Foldout

Como vimos foi a 7 de novembro que o exercito federalista, tendo atravessado o *Pelotas* no passo da *Cadeia*, pisava em territorios catharinenses; na villa de *S. Joaquim* dividiu-se a expedição em duas columnas: a de Salgado que foi para *Laguna* e depois para o *Desterro*, e a de Gumerindo, que sempre perseguido passou por *Lages*, *Curitibanos*, sendo que na passagem do rio *Canôas*, foi alcançado e castigado com algumas perdas. De *Curitibanos*, embrenhando-se no sertão de *Blumenau*, veio ter a *Itajahy*, donde ganhou o oceano a 10 de dezembro em demanda do porto de *S. Francisco*. A ordem do dia n. 5 (Doc. n. 109) do commando da 1.^a brigada é um documento que convem ser consultado para maiores esclarecimentos.

Foi para o *Desterro* que se dirigiram os principaes chefes da revolução afim de combinarem em commum os meios do triumpho. Pouco depois do almirante Mello, chegaram do *Rio da Prata* os representantes do governo civil (drs. Antunes Maciel, José Joaquim Seabra e Francisco da Silva Tavares,) e da *Laguna*, a bordo do *Iris*, o general Salgado com uma columna de cerca de 1.000 homens.

Nas tumultuosas conferencias que realisaram nunca chegaram a um accôrdo e dessa forma foi consumido um tempo preciosissimo na fomentação de odios e reciprocas ameaças; d'ahi por diante todos se separaram e cada um procurou agir por si.

Os representantes do *federalismo* volveram ao *Rio da Prata* e com elles o dr. Barros Cassal; o tenente Annibal Cardoso desligou-se do governo e foi juntar-se a Gumerindo; o commadante Alexandrino de Alencar velejou para o *Rio de Janeiro* no *Aquidaban* para collocar-se ás ordens de Saldanha; o almirante Mello, embarcado no *Republica*, tomou o rumo do Paraná, talvez com o fim de ligar-se a Gumerindo; e o gen. Salgado se retirou para *Laguna* com a sua tropa.

Foi desta localidade que este depois correspondeu-se com o chefe do movimento, de volta da sua viagem ao norte, sobre varias operações bellicas, inclusive o ataque á cidade do Rio Grande (Docs. n. 110).

Reduzido a um papel secundario e valendo-se dos precarios recursos que conseguia obter via o chefe Lorena desaparecer todas as suas aspirações diante da nova phase que assumia a luta com as frequentes vantagens das forças leaes.

Para se formar um juizo approximado do estado da esquadra revoltada é de todo o interesse a leitura do officio dirigido pelo ministro da guerra do governo provisorio ao commandante chefe da esquadra nacional (Doc. n. 111).

Depois da improficua viagem do *Aquidaban* e *Republica*, ao norte, com o fim de offerecer combate á esquadra do governo e na qual ainda mais se accentuaram as divergencias entre o almirante Mello que sem um plano assentado buscava em um rasgo de audacia libertar-se da enorme responsabilidade que assumira, e o commandante do *Aquidaban* que só obedecia ao almirante Saldanha, vieram reunir-se estes dous vasos de guerra em frente á cidade de *Paranaguá* nos primeiros dias do mez de março.

No dia 11 entrava o *Aquidaban* no porto do *Desterro* onde encontrou o paquete *Itapemerim* ao serviço da revolução e ahi se conservou até a tragica acção de 16 de abril, deixando de tomar parte no assalto desastroso á cidade do *Rio Grande*.

Nos primeiros dias de abril a esquadra do governo foi vista ao longe, e muito fóra da barra; redobrando de vigilancia foi em todo o caso a tripolação do *Aquidaban* surpreendida na madrugada do dia 16 pelas torpedeiras e desse combate resultou ser este attingido por um torpedo da *Gustavo Sampaio* (Doc. n. 112). Em razão de seus compartimentos estanques ainda poude fluctuar durante algum

tempo; esta circumstancia, alliada ao facto de serem inteiramente desconhecidos de momento os effeitos do ataque das torpedeiras da parte do almirante Gonçalves, concorreram para que o commandante daquella machina de guerra, com toda a guarnição, se passasse para o continente e fossem depois de crueis vicissitudes por este relatadas (Doc. n. 113), encorporar-se ao exercito revolucionario.

Notavel coincidencia!

No dia em que o principal instigador do movimento de 6 de setembro, pautando a sua conducta pelo procedimento de seu collega de infortunio na bahia do *Rio de Janeiro*, assignava a humilhante nota (Doc. n. 114) dirigida ao governo uruguayo no proposito de mendigar-lhe um vergonhoso asylo, nesse mesmo dia, o tradicional motor de seus ousados feitos, o unico vaso de guerra revoltoso que ainda permanecia em aguas brasileiras, era posto a pique pelo projectil da *Gustavo Sampaio*.

A desastrosa expedição do *Rio Grande* foi a ultima tentativa séria empreendida pelas forças revolucionarias contra a legalidade; entretanto impõem-se como causa determinante desse insuccesso a discordia militante entre os chefes Mello e Salgado que, senhores de elementos mui superiores ás forças que guarneciam o littoral, podiam facilmente desbaratal-as si não perdessem o tempo com inutil correspondencia (Docs. n. 115).

Occupada a cidade do *Desterro*, a 17 de abril de 1894, por forças do governo legal, com o assentimento e approvação do almirante Gonçalves, assumiu o cargo de governador interino o alferes Aristides Villas-Bôas, que fôra ajudante de ordens do marechal Floriano Peixoto e que capitulára na *Lapa*, sob palavra de honra de não tomar mais armas contra a revolução.

A 19 ahi chegou o coronel Moreira Cesar que, nomeado

pelo governo da União (Doc. n. 116) tomou conta do governo.

O recém-nomeado governador que de modo tão lamentável foi a principal victima da expedição de *Canudos*, já por um zelo excessivo consoante á attitude de subservientes instrumentos de potentados soberanos, já apaixonado pela causa a que cégamente se dedicára, disvirtuou a sua nobre e elevada missão de character puramente conciliador para entregar-se a instinctos inteiramente antagonicos ao melindroso encargo de que se achava revestido.

Começou então para os verdadeiros culpados no movimento, para os suspeitos de manter amistosas relações com os rebeldes, para os seus adeptos, amigos e afeiçoados e sem duvida para muitos innocentes, porquanto o systema de julgamento não foi presidido com a calma e criterio exigidos, começou para esses infelizes a punição de seus verdadeiros ou pretensos delictos.

Sem exemplo nas paginas da nossa historia patria contam-se por dezenas as vidas de muitos desses desgraçados, a quem foram recusados os mais justos meios de defeza e que summariamente foram executados por aquelles que se cognominavam defensores da legalidade e mantenedores da Constituição.

A estes, além do remordimento de consciencia que os obrigará a arrastar uma existencia atribulada e a se curvar diante dos filhos de suas victimas, tambem a posteridade fulminará com estigmatizante anathema, demonstrando a saciedade a gravidade de seus crimes diante mesmo da Carta Constitucional, por cuja causa tão patrioticamente clamavam combater.

Pelo Acto de 24 de fevereiro foi em absoluto abolida a pena de morte ; e, quando mesmo apresentem em sua defeza a lei marcial de 1851, decretada pelo marechal Floriano

Peixoto e que apenas preestabelece a alludida sentença no caso de guerra estrangeira, este subterfugio não procede diante da lei fundamental e soberana da Republica.

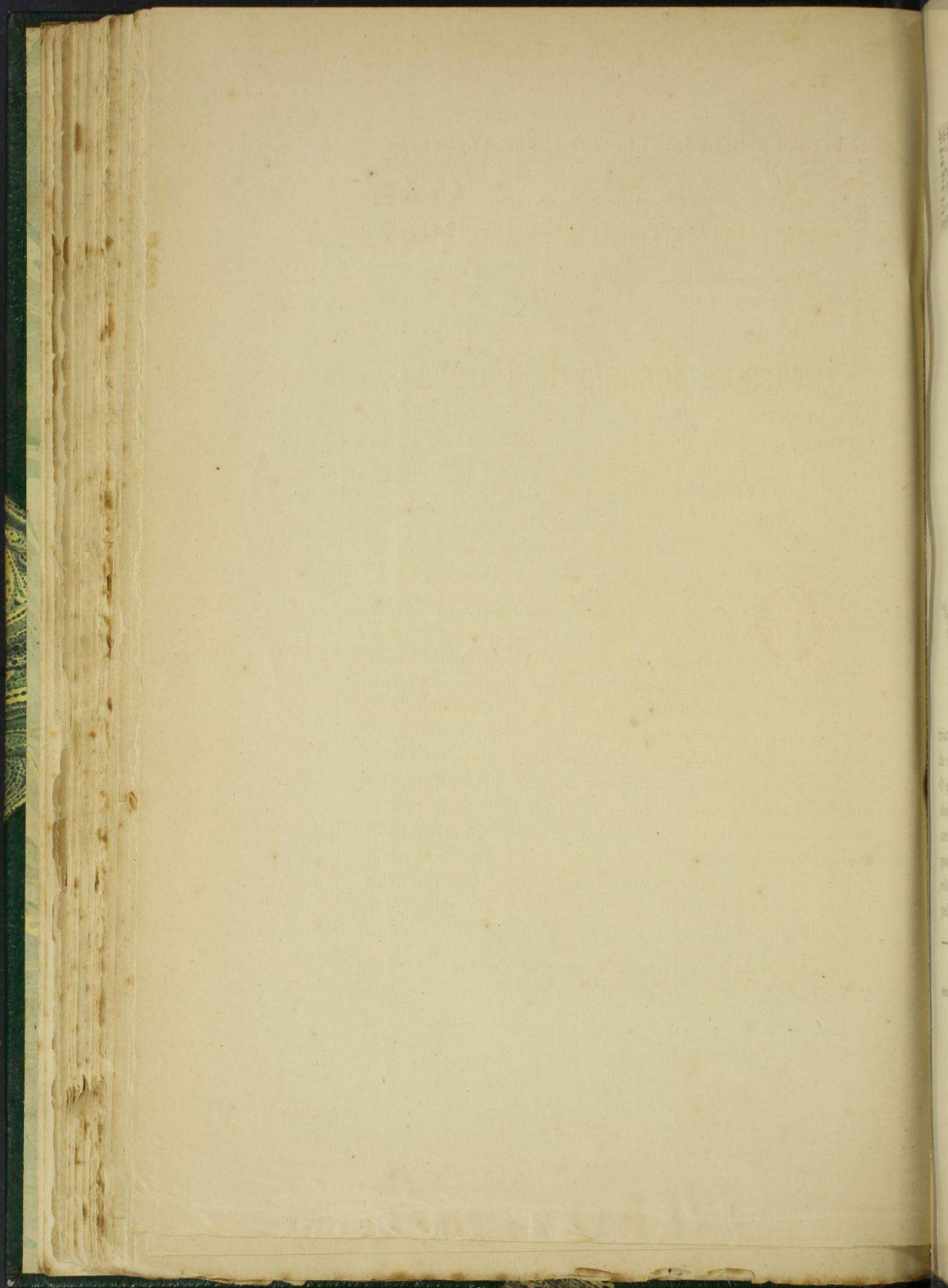
O sangue de nossos compatriotas, tão barateado durante essa funestissima época, talvez seja ainda pouco para manchar as paginas da nossa historia e dellas fazer desaparecer os nomes das victimas.

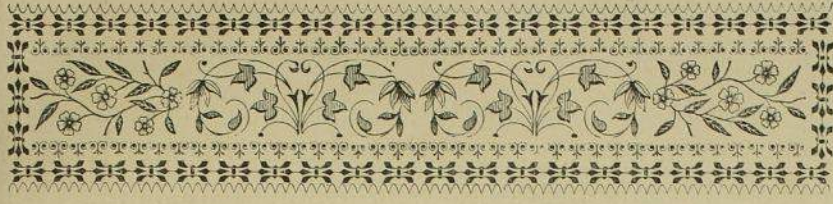
Desprezando os numerosissimos boatos, até mesmo consignados na imprensa diaria, relativos ao assassinato e fuzilamento de cidadãos praticados pelas facções belligerantes e os quaes encontraram formal desmentido com o apparecimento dos proprios protogonistas, forçoso é admittirmos infelizmente a confirmação de muitos delles.

Os horrores do Paraná e Rio Grande do Sul e as scenas intermuraes das fortalezas, com o tempo, tornar-se-ão do dominio da historia que apontará os principaes auctores, atirando-os á execração publica.

Em o numero das prisões mandadas effectuar pelo coronel Moreira Cesar contou-se a do proprio governador interino, alferes Villas-Bôas que, remettido preso para o Rio de Janeiro, foi absolvido em conselho de guerra a que respondeu.

A esquadra ainda permaneceu em Santa Catharina até o dia 23, seguindo na madrugada deste dia para o Paraná. As peripecias occorridas no mar são fieis e minuciosamente narradas no relatorio do commandante em chefe da esquadra legal, o qual encontra-se annexo ao nosso livro intitulado *A revolta da Armada de 6 de setembro*, e com cuja leitura poderá o leitor certificar-se das principaes emergencias operadas pelas forças legaes até o termo da sua missão, com a sua entrada na bahia do Rio de Janeiro a 23 de junho.





Invasão e dominio do Paraná

Os successos occorridos em Santa Catharina fatalmente deveriam repercutir no Paraná. Si naquelle Estado o movimento revolucionario teve o apoio do governo local, neste ultimo foi o commandante do 5.º districto militar quem proporcionou-lhe todas as vantagens de uma facil occupação com o seu censuravel procedimento. O general Pego Junior (*) que com cerca de 800 homens podia embaraçar o inimigo em sua marcha triumphante, concentrando as suas forças em *Morretes*, ponto central e de pouca importancia militar, depois de haver deixado em *Curitiba* wagons cheios de armamento, retirou-se para S. Paulo, pela estrada de *Assunguy* e em seguida para a Capital Fe-

(*) Preso e submettido a conselho de guerra foi condemnado á morte, sentença posteriormente reformada em absolvição.

deral, abandonando as forças do seu commando e entregando, por assim dizer, o Estado aos revoltosos sem aguardar a chegada de seu substituto. Este grave procedimento da primeira autoridade militar lançou o desanimo e o terror entre as forças leaes, com grande vantagem para os insurrectos que quasi sem resistencia apoderaram-se de *Curitiba*.

O governador dr. Vicente Machado, sabendo da aproximação dos revolucionarios preparou-se para a resistencia; e, neste proposito, dirigiu um *boletim* aos paranaenses (Doc. n. 117) do qual destacamos os seguintes topicos:

«Guardando o posto em que fui collocado pelos votos dos meus patricios, delle não me arredarei um momento sequer, provendo a todas as necessidades da ordem publica para que nestes instantes dolorosos que atravessa nossa querida terra, seja garantido o lar de nossas familias.» . . .

«Disposto a morrer ao lado dos ultimos soldados que neste pedaço de terra da patria, se baterem pela Republica, me encontrareis neste posto até que um sopro de vida me anime, prompto para todos os sacrificios, haja o que houver, custe, o que custar.»

e em seguida ordenou o mais activo recrutamento sob pretexto de organizar a guarda nacional, não exceptuando mesmo os estrangeiros e principalmente colonos.

Semelhante attitude provocou um movimento hostile dos polacos de *S. Matheus* e um protesto dos italianos de *Curitiba* que mesmo conseguiram por algum tempo a permanencia, nas aguas de *Paranaguá*, da canhoneira italiana *Andréa Provano*, que do Rio de Janeiro foi enviada para protegê-los.

Vejamos agora a attitude dos revolucionarios diante dos acontecimentos.

No dia 4 de janeiro de 1894, reunidos, em *S. Francisco*, na casa do dr. Baptista Abdon: Gumercindo Saraiva (*),

(*) Por essa época o seu estado maior compunha-se do dr. Arthur Maciel (chefe do estado maior), cor. Norberto Bezerra (commandante general de artilharia), cor. Domingos Rodrigues Ribas (ajudante general), cor.

Piragibe, dr Arthur Maciel e coronel Jacques Ourique, foi apresentado por este um plano de ataque simultaneo do Paraná por mar e por terra (*). Depois de discutido e approvedo, tratou Gumercindo, logo no dia seguinte, de dividir o seu exercito em duas columnas:— a primeira que se dirigiu sobre *Tijucas*, sob o seu commando e auxiliado por Apparicio, Amaral, Carlito, Varella, Maciel, Ourique, Bezerra e Cardoso formava a vanguarda, emquanto que Laurentino Pinto com Perry (commandante do batalhão de marinha e do 25º de linha que capitulou em Sta. Catharina) permaneciam como ponto de apoio;—a segunda dirigida por Piragibe e da qual faziam parte os coroneis Doria, Lavrador, Bandeira, *Juca Tigre* (José Serafim de Castilhos), Fragoso e Folião e secundada pela divisão de Torquato Severo, deveria marchar sobre a cidade da *Lapa*.

A esquadra, que sob as ordens de Mello, estacionava no porto do *Desterro*, era guarnecida por cerca de 300 combatentes sob o commando do coronel Pahim e deveria apresentar-se em *Paranaguá*, quando o ataque se operasse simultaneamente nas praças acima mencionadas.

Como veremos este plano foi coroado do mais feliz resultado; já pela sua fiel e prompta execução da parte dos chefes federalistas, já em virtude da lamentavel attitude assumida pelas principaes autoridades a quem cumpria defender o Estado.

A invasão deste fez-se pelos *Ambrosios* ou *Tijucas* onde Gumercindo Saraiva, á frente da primeira columna do

Jacques Ourique (chefe da commissão de engenheiros), cor. Manoel Lavrador (chefe do corpo de saude), dr. Annibal Cardoso, tén.-cor. Gentil de Figueiredo e cap. Claro Mineiro (aggregados do mesmo corpo).

(*) Em resumo o plano era o seguinte: 1.º Piragibe com o reforço da divisão de Torquato Severo deveria procurar cercar a *Lapa*; 2.º

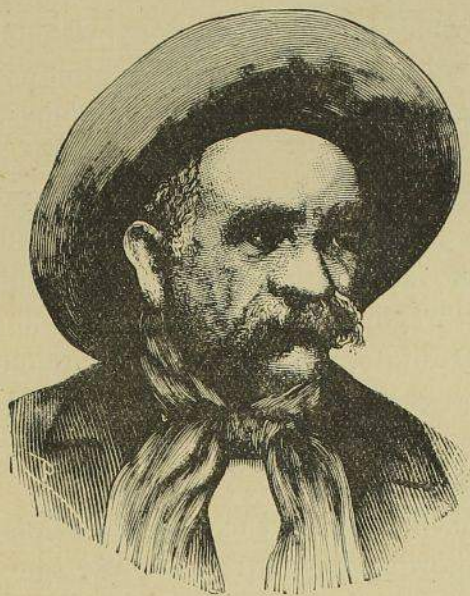
exercito federalista forte de 1.200 homens e dispondo de dous canhões de tiro rapido atacou a 11 de janeiro as forças leaes que se compunham da ala esquerda do batalhão *Franco Atiradores*, de tão triste celebridade, e de dous batalhões da guarda nacional do Paraná.

Commandava esta guarnição o tenente-coronel em commissão Ismael do Lago que se retirou para *Tijucas*, onde procurou fortificar-se com 4 canhões *Krupp*. A 14 foi-lhe enviado o tenente-coronel em commissão Bevilacqua e a 15 o coronel Adriano Pimentel com insignificantes soccorros remettidos pelo coronel Carneiro, passando então o inimigo a estabelecer o cerco da praça na madrugada do dia seguinte. Após uma luta constante de quatro dias, durante a qual os sitiantes tiveram a lamentar a perda de muitas vidas, e considerada a resistencia por mais tempo antes um acto de loucura, do que de heroismo, á vista da falta de recursos de todo o genero, capitulou a guarnição com as honras de guerra, sendo permittido aos officiaes transportarem-se para fóra do Estado, sob palavra de honra de não mais tomarem armas contra o exercito revolucionario. O dr. Annibal Cardoso foi o encarregado da parte dos revoltosos para tratar acerca das bases da capitulação. (Doc. n. 118)

Os prisioneiros foram em numero de 750 e os vencedores apoderaram-se de 652 carabinas, 50.000 cartuchos e 4 canhões *Krupp* com 200 tiros. Neste memoravel feito convem salientar o nome do general Laurentino Pinto a quem cabe papel mui importante.

neste interim, Gumerçindo com o resto da sua força, augmentada com o batalhão naval, sob o commando do ten. Perry e com o 25.º bat. de infantaria, esforçar-se-ia por desalojar a guarnição de *Tijucas*; 3º a esquadra sob as ordens do almirante Mello, deveria atacar o porto de *Paraguá*.

Entretanto, obedecendo ao plano de ataque previamente combinado, o almirante Mello tomava posse do porto de *Paranaguá* enquanto que o



COR. ANTONIO CARLOS DA SILVA PIRAGIBE

que já havia conquistado a posição estratégica do Rio Negro, seguindo para o rio da *Vargem*, dirigia com exito favorável as operações sobre a cidade da *Lapa*.

Foi a 15 de janeiro que a esquadra composta dos navios *Republica*, *Uranus*, *Iris* e *Esperança* assenhoreou-se de *Paranaguá* (17). Neste interim operou-se em terra um movimento com o fim de auxiliar os revoltosos, sendo presos muitos comprometidos, entre os quaes se achava o coronel Theophilo Soares Gomes, posteriormente o primeiro governador do Paraná, quando conquistado pelos rebeldes. Mais alguns dias para a ocupação da cidade e estes infelizes se-

riam passados pelas armas, em virtude dos telegrammas trocados entre o general Pego e o marechal Enéas Galvão.

Apenas defendida por 800 praças, fácil foi a occupação da cidade depois de um combate de algumas horas, aposando-se os vencedores de muitos prisioneiros, entre os quaes o coronel Eugenio Augusto de Mello, commandante da praça, de grande quantidade de munições, canhões, armamento, etc.

As cidades de *Antonina* e *Morretes* foram successivamente occupadas, e no dia 20 o almirante foi recebido em *Curitiba* pelo coronel Piragibe no meio de festivas manifestações e onde, no dia seguinte, por aclamação popular, foi investido do cargo de governador provisório, o dr. Menezes Doria (*) que assumiu o poder depois de dirigir um manifesto ao povo paranaense (Doc. n. 119).

Os recém-vindos não encontraram a menor resistencia em *Curitiba*, porque os proprios amigos do governo acharam-se possuidos do mais desesperado desanimo com a retirada precipitada do general Pego e do dr. Vicente Machado a quem continuava o marechal Floriano Peixoto a dirigir telegrammas que eram recebidos pelos revolucionarios (Docs. n. 120).

(*) Este novo chefe politico, de tempestuosos antecedentes, em companhia do dr. Hilario de Govêa, conseguira evadir-se de uma prisão no Rio de Janeiro e, embarcando-se para essa cidade, passou a fazer parte das forças de Gumerindo, como chefe do corpo de saúde.

Quando mais tarde, alguns dos refugiados politicos do Brasil, em Buenos Ayres, atropellavam-se nas ruas daquella cidade em demanda de uma collocação honesta que os puzesse ao abrigo da miseria; quando cabisbaixos vagavam pelas praças considerando em suas familias que, pezarosas, choravam suas ausencias; não poucas vezes tiveram que desviar-se das patas dos fôgosos corseis que tiravam a carruagem deste celebre personagem, e abrigarem-se dos respingos lamacentos de suas rodas.

Contrastes da sorte e contratempos da fortuna communissimos em uma época revolucionaria !

O novo governo, a titulo de emprestimo de guerra, lançou pesados impostos sobre os habitantes, aos quaes seguiram-se outros mais onerosos.

Para proceder á arrecadação das quotas nomeou uma commissão a que se ligou uma outra que tinha sido eleita pelo commercio e da qual era presidente o mallogrado barão de Serro Azul.

Dentre os cidadãos escolhidos para diversos cargos publicos foram contemplados os generaes Piragibe e Laurentino Pinto com os commandos do 1.º e 2.º Corpo do Exercito Nacional Provisorio e coronel Jacques Ourique com o da guarnição da capital.

Foi por essa época que Gumerindo Saraiva annunciou em telegramma ao marechal Floriano que se preparava para marchar sobre S. Paulo (Doc. n. 121).

Poder-se-ia dizer que todo o Estado havia seguido a sorte de S. Catharina, si a cidade da *Lapa* (18) não fizesse uma excepção; era portanto esse o unico ponto em que ainda tremulava a bandeira da legalidade e o ultimo reducto de resistencia ás armas sempre vencedoras dos delirantes invasores, e onde se abrigava um punhado de bravos que dentro em breve teriam bem caro que pagar o devido tributo ao deus das batalhas e com elles o chefe da praça.

Cumpre, para maiores esclarecimentos destes successos, volvermos á narrativa de acontecimentos anteriores. O general Argollo encarregado pelo governo de organizar uma divisão que deveria operar de accôrdo com as forças de Pinheiro Machado que se achavam em *Lages*, foi em novembro á cidade da *Lapa* no desempenho de sua missão; mas, sabendo que o general Piragibe se approximava do *Rio Negro*, marchou ao seu encontro, e do choque das duas forças resultou

a retirada das tropas leaes, cujo chefe foi chamado ao Rio de Janeiro, sendo-lhe dado por substituto o intrepido



CORONEL ANTONIO ERNESTO GOMES CARNEIRO

Este denodado militar infructiferamente procurou obstar o impeto da expedição inimiga, aguardando na cidade os socorros que lhe deveriam ser enviados pelo general Pego Junior, conforme mandara pedir pelo dr. Lauro Müller, e causando mesmo grandes perdas ás forças sitiadas.

Logo que o coronel Carneiro assumiu o commando tratou de reforçar as tropas com um contingente de 300 homens do batalhão *Franco-Atiradores* e marchou contra Piragibe para castigal-o da vantagem obtida anteriormente sobre o seu camarada.

Foi a 13 de dezembro que, nas margens do rio da *Varzea*, travaram luta as forças guiadas por estes dous chefes; desse combate resultou o desbarato do coronel Carneiro que

se retirou para a *Lapa* onde por ordem do governo deveria aguardar forças de S. Paulo. De facto, a 11 de janeiro o coronel Pimentel ali chegava com uma columna de 450 homens.

Como vimos, no proposito de auxiliar o coronel Lago, em *Tijucas*, teve que se privar de um forte contingente de tropas confiadas ao coronel Pimentel e tenente-coronel em commissão José Bevilacqua, de modo que a sua guarnição se achava sensivelmente desfalcada quando os *federalistas* apprehenderam o sitio da praça.

Desde o dia 14 de janeiro que haviam começado as operações contra a cidade da *Lapa*, havendo Piragibe acampado a 13 kil. da cidade com as divisões de Torquato Severo e Juca Tigre que prefaziam um effectivo de 1.200 homens.

Estabelecendo o cerco, marchou sobre a praça com todas as forças que se achavam acampadas na *Roseira*, em tres columnas assim divididas: a 1.^a composta das divisões riograndenses, commandadas pelos chefes Juca Tigre e Torquato Severo, sob a direcção de Piragibe, que flanquearam pela direita da posição inimiga; a 2.^a composta da brigada de voluntarios do Paraná e uma metralhadora, sob o commando do coronel dr. Menezes Doria, flanqueou pela esquerda; e a 3.^a composta da brigada ligeira, um canhão *Krupp* e uma metralhadora, sob o commando do ajudante-general coronel Sebastião Bandeira que avançou tomando a frente ao inimigo.

Ao clarear do dia 17 foi assaltada a cidade por todos os flancos, depois de inutilizado o telegrapho. A 22, sendo enviado um parlamentar foi recebido á bala pelos sitiados e, realisando-se então um ataque simultaneo á praça, durante cinco horas tiveram os sitiados a vantagem de conquistar mais alguns pontos estrategicos. Nesse mesmo dia, chegando Gumercindo com uma commissão de commerciantes, de

Curitiba, para parlamentar com o coronel Carneiro, não conseguiu obter um resultado favoravel ás suas intenções. Apezar de *Paranaguá* e *Curitiba* acharem-se em poder dos revoltosos e reconhecendo aquelle intrepido soldado a sua grave situação ainda dirigiu uma proclamação aos seus comandados, concitando-os a resistir por mais alguns dias (Doc. n. 122); tal eia a esperança de recursos que sempre o alentou.

A' par de um heroismo digno dos maiores louvores, e de uma coragem jamais excedida nos annaes da historia esta mesma registrará a obstinação deshumana desse bravo militar que, inabalavel ás supplicas das mulheres, velhos e crianças permaneceu firme em sacrificá-los com os seus combatentes aos horrores de uma praça que durante 26 dias supportou os rigores do mais apertado sitio.

Havendo chegado a 31 Laurentino Pinto com algum reforço, foi emprehendido a 7 de fevereiro um ataque geral e decisivo; de posse das casas immediatas ás trincheiras, e quando a acção se empenhava no jardim proximo ao quartel general foi mortalmente ferido o coronel Carneiro, vindo a fallecer 2 dias depois.

O coronel Joaquim Lacerda recebeu no dia 11 uma mensagem do general Laurentino Pinto Filho (Doc. n. 123) e, convocando uma reunião de officiaes della resultou a nomeação de uma commissão para tratar das bases da capitulação que nesse mesmo dia era assignada pelos officiaes de ambas as forças (Doc. n. 124).

Nesse mesmo dia o general Piragibe dirigia uma proclamação aos seus camaradas (Doc. n. 125), tornando-se digna de attenta leitura a parte que dirigiu a Gumercindo Saraiva (Doc. n. 126) narrando as principaes peripecias desse feito.

Temendo o coronel Lacerda o rompimento das estipula-

ções expressas na capitulação, viu-se forçado a refugiar-se nas mattas da serra de *Antonina* e por invias veredas chegou até *Cananea*; e seus receios não eram infundados, porquanto o proprio general Laurentino Pinto viu-se na contingencia de telegraphar posteriormente aos chefes do governo provisorio, ministro da guerra e almirante Costodio de Mello, afim de lembrar-lhes, em phrase energica, o seu compromisso, pedindo-lhes providencias a respeito (Docs. ns. 127 e 128).

Foi assim que todo o Estado cahiu em poder dos revoltosos cujo chefe, em relatorio apresentado ao 1.º tenente Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha (Doc. n. 129) referiu todas as peripecias.

Proseguindo em sua marcha, retardada durante algum tempo pela victoria da *Lapa*, activou Gumerindo a organização de varios batalhões em *Curitiba* (*) para emprender a expedição sobre S. Paulo, por *Jaguariahyva*, cuja direcção confiou a Piragibe, auxiliado pela cavallaria de Juca Tigre. De *Ponta Grossa*, onde se reuniu este contingente de tropas com um effectivo de 3,000 homens nos primeiros dias do mez de março, seguiu para *Castro* e depois de atravessar o *Yapó*, affluente do *Tibagy*, chegava a 12 em *Pirahy*, localidade pertencente á comarca de *S. José de Bella Vista* e emfim dous dias depois acampava nas proximidades do *Jaguariahyva*, na estrada que vai ter a *Itararé* e donde dirigiu uma proclamação ao chefe das tropas legalistas (Doc. n. 130).

De posse do Paraná e S. Catharina preparavam-se os federalistas para emprenderem dessa fórma a invasão do

(*) Com a denominação de *voluntarios* organisaram-se os batalhões: — *Italo-brasileiro* e *Italiano* *Silveira da Motta*, *Voluntarios de S. Matheus* (polacos) *Guarda Civica*, allemães e *Deodoro*, alem da força policial.

estado de S. Paulo, quando tratou o governo de enviar por terra um corpo de exercito de 5,800 praças, composto de 2 divisões, 4 brigadas, e commando geral de artilharia, o qual deveria operar naquelles Estados, iniciadas as operações por *Itararé*, em demanda do interior do Paraná (*). Desta localidade o dr. Vicente Machado dirigiu um manifesto aos paranaenses (Doc. n. 131) e o commandante da divisão antes de proseguir nas operações egualmente se dirigiu a seus concidadãos (Doc. n. 132).

Perfeitamente informado o commandante em chefe das tropas federalistas dos meios que o governo punha em pratica para esmagal-o, e conscio da inproficua resistencia que podia offerecer, resolveu abandonar o campo da acção conquistado á custa de enormes sacrificios, para refugiar-se no Rio Grande do Sul, estado limitrophe com paizes estrangeiros e que, na hypothese de um provavel mallogro, pôl-o-

(*) Este corpo de exercito compunha-se de 2 divisões e 4 brigadas e do commando geral de artilharia, 1.^a divisão, sob o commando do coronel Firmino Pires Ferreira, era composta da 1.^a e 2.^a brigadas e a 2.^a divisão sob o commando do coronel Eufrazio dos Santos Dias, da 3.^a e 4.^a brigadas. A 1.^a brigada commandada pelo coronel Braz Abrantes compunha-se dos seguintes corpos: 3.^o batalhão de infantaria da guarda nacional (batalhão Campineiro), batalhão n. 6 (Frei Caneca), 39.^o e 20.^o de infantaria de linha e 13.^o regimento de cavallaria de linha. A 2.^a brigada, commandada pelo coronel João F. da Silva Braga, compunha-se do 1.^o, 2.^o e 4.^o batalhões de policia de S. Paulo e batalhão n. 7 Silva Telles. A 3.^a brigada, commandada pelo coronel José Maria Marinho da Silva, era constituída dos batalhões 9.^o e 37.^o de infantaria de linha, batalhão *Francisco Glycerio* e batalhão *Operario* e do 1.^o regimento de cavallaria de linha. A 4.^a brigada, commandada pelo coronel Delgado, compunha-se dos corpos que partiram do *Rio de Janeiro*.

O estado maior do general Quadros compunha-se dos seguintes officiaes: chefe do estado-maior, coronel Ricardo Fernandes da Silva; ajudante de ordens e secretario interino, alferes Joaquim Augusto Faria; ajudante de campo, 2.^o tenente Fileto de Oliveira Pimentel ajudante de pessoa, major Carlos Gonzaga e assistente do quartel-mestre-general, capitão Amador Barbosa.

O commando geral de artilharia era exercido pelo coronel Ricardo Fernandes da Silva; commandava a artilharia da 1.^a divisão o major Celestino Alves Bastos e da 2.^a o tenente Manoel José dos Santos Barbosa. Dirigia os trabalhos de engenharia o capitão Villeroy. Era chefe do serviço sanitario o major Candido Mariano Damasio.

ia a salvo do castigo dos vencedores e tambem região extraordinariamente favorecida pela natureza para o seu systema de guerrilhas, posto em pratica sempre com grande exito.

Por ordem de Gumerindo, a columna de Piragibe contramarchou sobre *Ponta-Grossa* onde chegou pouco depois de *Curitiba* o chefe das tropas revolucionarias com o seu plano estrategico completamente transformado, em virtude da nova phase que haviam tomado os acontecimentos. Por essa época o seu exercito compunha-se de cerca de 4,000 homens. Depois de publicar uma apparatusa ordem do dia (Doc. n. 133) resolveu realisar o seu plano. Foi assim que Piragibe se embarcou em *Paranaguá* com destino a S. Catharina e as forças se dividiram em duas columnas: a de Juca Tigre que tomou para a direita em demanda das margens do *Paraná*, encontrando-se depois com a *divisão do norte* no rio *Iguassú* teve que retrogradar, e tomando em seguida a direcção do rio *Paraná*, foi ter completamente disimado ao Paraguay; — a de Apparicio Saraiva com a artilharia, que a principio tomou o rumo de *Curitiba*, foi depois pela *Lapa* e *Rio Negro*, vindo depois unir-se a de Gumerindo perto de *Campos Novos*; — e este vindo pelo centro, transpôz o *Iguassú* no *Porto da União* e, sabendo da retirada da *divisão do norte* para *Passo Fundo* proseguiu em sua marcha.

O estratagemma empregado pelo general Lima, simulando retirar-se, surtiu o effeito desejado; attrahindo o audaz guerrilheiro para a luta e castigando-o com successivas derrotas, seguiu sempre em sua perseguição até o funesto desenlace do *Carovy*.

Durante o periodo de tempo em que *Curitiba* esteve sob o poder das forças revolucionarias os factos mais importantes ahi occorridos foram a adhesão do batalhão Franco-Atiradores, com o seu commandante, ao *exercito liberta-*

dor (Doc. n. 134) o manifesto do contra-almirante Custodio de Mello (Doc. n. 135) e a transmissão do governo do Estado ao general Francisco José Cardoso Junior (Doc. n. 136), que ao assumil-o, a 26 de março, (Doc. n. 137) apenas se conservou no poder até o dia 3 de abril, passando a administração ao dr. Tertuliano Teixeira de Freitas (Doc. n. 139).

Por essa época a estrella das felizes victorias dos invasores já começava a ser obumbrada pela nuvem percursora do turbilhão tremendo de uma phalange de bravos que voavam em defeza do pavilhão nacional ultrajado; e, para maiores males, a discordia e a desintelligencia entre os principaes chefes surgiram com todas as suas graves consequencias, as quaes ainda mais se accentuaram depois do insuccesso da cidade do *Rio Grande*.

O abandono dos navios e fortalezas que se achavam em poder do almirante Saldanha da Gama na bahia do *Rio de Janeiro*, o mallogro do assalto á cidade do *Rio Grande*, e a immobilidade a que ficou reduzido o *Aquidaban* depois do combate no porto do *Desterro*, todos estes desastres concorreram para a reposição das autoridades anteriores á revolta, nos cargos administrativos do Estado.

No dia 7 de maio foram celebradas em *Curitiba* grandes festas em regosijo á entrada das tropas federaes a cuja frente achava-se o general Quadros, e dias depois, em nome da legalidade eram effectuadas varias prisões de officiaes do exercito effectivos e reformados e de muitos cidadãos que occupavam posição saliente na sociedade para servirem de pasto á sanha ignobil de seus algozes.

Tumultuariamente sem responder á mais rudimentar fôrma de processo, e entregues aos caprichos de qualquer official digno de semelhante missão, foram, ás dezenas, victimados esses infelizes, cujo unico crime talvez fosse o

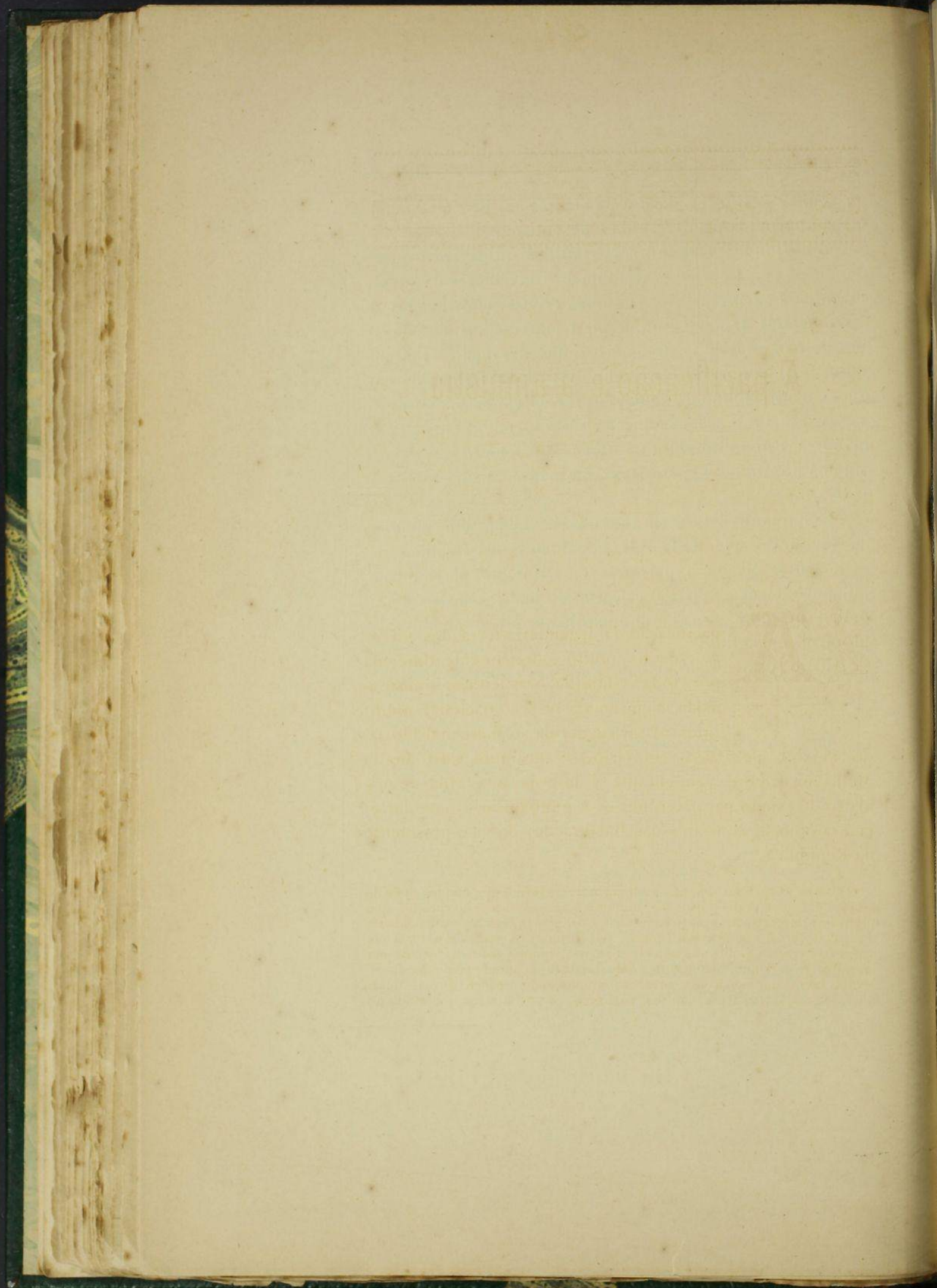
de sonhar melhores destinos para a sua Patria, segundo elles, opprimida pela tyrannia e despotismo.

A hediondez desses horrores avulta diante das precauções de que se cercaram esses deshumanos servidores da Republica, para exercer os seus grandes crimes, classificados de —*homicidios legaes*; porquanto, contam-se ás dezenas os brasileiros, e mesmo estrangeiros, que desapareceram durante essa memoravel época envoltos pelo turbilhão de sangue, e o testemunho dos que, por força de officio, assistiram a essas funebres scenas tem-nas relatado com todos os pormenores, e no entretanto, não existe documento de especie alguma por onde se possa apurar a justiça de seus representantes.

Comquanto descriptas aquellas scenas por um membro da revolução que nella desempenhou posição saliente (*) e portanto eivada a narrativa do virus de parcialidade, julgamos dever chamar a attenção do leitor para esse trabalho que com toda a minuciosidade relata aquelles deploraveis episodios.

Eis o resultado do embate de paixões politicas.

(*) O drama do Paraná pelo cor. *Jacques Ourique*, Buenos Ayres, (s. of.), 1894, 8.º de 88 pp.





A pacificação e a amnistia



A pacificação da legendaria terra dos *farrapos*, de ha muito soffregamente almejada por toda a familia brasileira, e transformada já em uma aspiração nacional, muito antes de ser suggerida ao marechal Floriano Peixoto pelo seu secretario, o almirante Custodio de Mello, na celebre carta em que se despojava da farda de ministro de estado para recolher-se a « modestia do seu lar », já era objecto constante das lucubrações do vice-presidente da Republica.

«Basta considerar que não ha homem de Governo, que não ha chefe de estado por mais refractario aos impulsos e ás solicitações do coração, que prefira os incommodos e as preocupações da guerra civil ás commodidades da paz interna, que é a sua propria paz intima. A vaidade natural em quem governa, aquillo que se póde chamar a *vaidade politica*, consiste em fazer vêr e crêr que nenhum descontentamento, nenhum symptoma de rebeldia layra na massa dos governados ameaçando o poder. Demais qual-quer commoção intestina em um paiz crêa ao seu governo, sobretudo no

ponto de vista financeiro, difficuldades externas que fatalmente vexam os depositarios do poder, diminuindo-lhes o credito, difficultando-lhes as operações de caracter geral e onerando portanto a fazenda publica.» (*)

Porém, lamentaveis contratempos vieram sempre interromper o proseguimento das bases de uma conciliação; alludimos ás missões Silva Telles e Cunha Junior.

No dia 29 de outubro de 1892, de *Bagé* partiu para a estancia da *Carpintaria*, no Estado Oriental, o general João Baptista da Silva Telles, enviado especial do marechal Floriano Peixoto para conferenciar com o general João Nunes da Silva Tavares. A entrevista realizou-se ahí no dia 1 de novembro na estancia de Belchior Silveira, lavrando-se uma acta que ficou em poder do general Telles e cujo teor foi tornado publico em uma carta estampada na imprensa pelo dr. Francisco Tavares (Doc. n. 41).

De nenhum resultado foi essa conferencia em razão dos factos occorridos naquella mesma época e já tratados precedentemente (pag. XLVII) a respeito da prisão do coronel Facundo Tavares, aliás justificada com o seu anterior procedimento.

Com relação á missão do general-senador, comquanto a acta da conferencia ainda não viesse a conhecimento publico e faça parte dos documentos relativos á revolta e pertencentes ao archivo do marechal Floriano Peixoto, podemos, não obstante, adiantar que nenhum compromisso firmou o representante do vice-presidente da Republica com o general Tavares que, tendo proposto como preliminar a reforma da constituição do Rio Grande do Sul, com a retirada do dr. Castilhos, não foi aquella aceita pela razões constantes da Carta de 24 de fevereiro, sendo-o

(*) Ao povo e ao Partido Republicano. Manifesto politico do dr. Martins Junior. — Recife, Typ. da Gazeta da Tarde, 1893, 8.º peq., 44 pp.

egualmente a ultima pelo facto de achar-se aquelle Estado funcionando constitucionalmente. A respeito deste facto são de grande pezo as declarações do senador Cunha Junior feitas pela imprensa do Rio de Janeiro (Doc. n. 139).

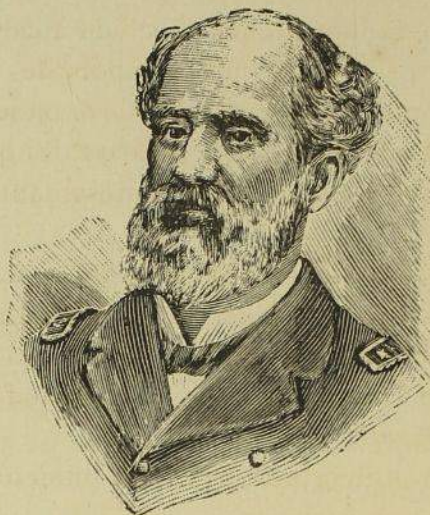
O poder legislativo por um de seus representantes, o deputado Justiniano Serpa por parte da maioria, procurou tambem intervir na questão. Por uma maioria de 72 votos contra 56 foi rejeitado em primeira discussão, a 31 de maio de 1893, o projecto de pacificação do Rio Grande do Sul.

Convem não olvidar que a proposito da pacificação foi publicado, na Capital Federal, pelas columnas do *Jornal do Commercio* e transcripto pela *Federação* de 30 de maio de 1895, um appello feito ao presidente da Republica por alguns republicanos riograndenses no qual era solicitada a pacificação d'aquelle Estado.

E' actualmente do dominio publico a extrema prudencia com que se houve o chefe da Nação nesta tão critica quão melindrosa emergencia. Em carta particular dirigida aos maiores vultos da politica dominante, e appellando para o seu patriotismo, solicitou as opiniões desses cidadãos sobre as principaes clausulas da pacificação. Só depois de inteiramente convicto da sua inadiavel realisação e conformando-se com os votos da maioria foi que se dispôz a effectual-a.

Si bem que anteriormente em sua mensagem dirigida ao Congresso Nacional por occasião da abertura dos trabalhos legislativos assegurasse que a luta do Rio Grande do Sul só poderia terminar pela submissão dos rebeldes, já agora, identificando-se com a opinião nacional e ungido do mais elevado sentimento patriotico procurou resolver este delicado problema.

Para executor de suas determinações escolheu o benemerito



general INNOCENCIO GALVÃO DE QUEIROZ

sendo tambem mui valiosa a interferencia que teve nesse *desideratum* o vice-presidente, dr. Manoel Victorino Pereira.

Antes de partir para o sul o general Galvão confiou ao dr. Francisco Tavares uma carta para o seu irmão Joca Tavares, na qual solicitava-lhe uma conferencia para tratar sobre a pacificação (Doc. n.º 140). Em resposta foi-lhe pedida a demora de mais alguns dias (Doc. n.º 141) e por fim, em virtude dos telegrammas (Docs. n.º 142) trocados entre ambos a entrevista realisou-se a 10 de julho de 1895 na cidade de *Pelotas*.

A acta dessa conferencia bem como os telegrammas relativos fazem parte do doc. n.º 143 que transcrevemos na secção competente.

Parece-nos de algum interesse lembrarmos a seguinte circumstancia que não deve dispensar commentarios a respeito da pacificação: desde 1894 que o general Tavares se achava arredado da luta; tendo recebido a carta do general Galvão em maio, só a 1 de julho, depois de conhecidos os resultados do combate do *Campo Osorio* onde succumbiu o segundo chefe das forças revolucionarias, foi que se mostrou prompto a acceder ao convite do representante do Governo Federal.

Antes de realizar-se a conferencia foi concertado um armisticio entre as partes belligerantes, passando as respectivas forças a concentrarem-se em algumas cidades. Por essa época Appario Saraiva se achava aguardando ordens entre *Pirahy* e *Upamaroty*.

Propalada a noticia desse grande acontecimento por todo o Brasil, de todas as partes foram dirigidos telegrammas de felicitações ao presidente da Republica que, na Capital Federal, foi alvo das mais estrondosas e expansivas manifestações do regosijo popular.

Comquanto o telegramma firmado pelos celebrantes e recebido pela Camara dos Deputados (Doc. n.º 144) provocasse algumas considerações e censuras da parte de varios membros, chegando mesmo o chefe da maioria a qualificar-o de «attentado á autonomia dos Estados, ameaçada pela espada do general legal, de mãos dadas com o chefe rebelde», tambem essa corporação se fez representar nas saudações officiaes com que todas as classes sociaes accorreram a prestar ao chefe da Nação que na mensagem de 26 de agosto (Doc. n.º 145) communicava ao Congresso Nacional a terminação da luta.

Emquanto estes factos se passavam na capital da Republica o commandante do 6.º districto em repetidos documentos officiaes (Docs. n.º 146) annunciava os resultados

da sua missão no Rio Grande do Sul e promovia todas as medidas attinentes á execução do pacto celebrado.

Si o procedimento do commandante do 6.º districto encontrava o mais decidido apoio em uma grande parte da opinião nacional, é forçoso confessar que uma fracção desta, representada pelo presidente do Rio Grande do Sul, permanecia em expectativa, aguardando a marcha dos acontecimentos e até certo ponto não accorrendo em manifestar sentimentos approbativos ás suas medidas, talvez em razão da attitude secundaria em que fôra collocado o depositario da auctoridade presidencial do Estado.

Sempre acostumado a dispensar as continencias de quasi todas as auctoridades elevadas do exercito federal que eram commissionadas em seus dominios, sem duvida deveria extranhar o dr. Julio de Castilhos a feição anomala que tomaram as transacções e aguardava, portanto, azado ensejo para desferrar-se, quando o telegramma dos chefes dos partidos fraternisados offereceu-lhe o mais favoravel pretexto para interromper as relações officiaes com o general Galvão e suspender toda e qualquer correspondencia com o funcionario da Republica cujo nome era em todo o Brasil victoriado com as acclamações de seus compatriotas.

O iracundo *pampeiro* do partidarismo em sua impetuosidade tentava arremessar para bem longe o primeiro piloto que audaciosamente ousava affrontal-o em fragil batel.

Do alto da cadeira presidencial, a cuja ascenção não ha negar a interferencia dos poderes da União, ousou o vehemente representante da soberania riograndense, nas mensagens enviadas em 1895 e 1896 ás Assembléas dos Representantes do Estado, espargir os raios de sua colera sobre o delegado militar da Nação, provocando uma tacita reprovação da parte dos mais eminentes chefes da familia brasileira, e um energico protesto de officiaes do exercito nacional

contra as invectivas com que aquelles documentos da nossa historia administrativa alvejaram o seu chefe.

Sucedeu ao general Galvão, como official mais graduado que era do districto, o general Savaget, que combatêra longo tempo os revolucionarios, e que, de certo por esse motivo, não offerencia a idoneidade precisa, como elle proprio reconheceu, na sua primeira ordem do dia (*), para proseguir na obra da pacificação.

Foi, então, encarregado dessa missão patriotica o general Cantuaria (Doc. n. 147), geralmente conhecido pelo seu espirito conciliador e pela inteireza do seu character, a quem o governo da União delegou os mais latos poderes, no sentido de ser fielmente cumprido o pacto da pacificação e o decreto de amnistia ampla para os civis, comquanto restricta para os militares.

Bem que se mantivesse apenas cinco mezes á testa do 6.º districto, não foi facil ao general Cantuaria corresponder ás determinações que recebera do Presidente da Republica; não fosse o afan com que se entregou ao ajustamento de contas atrasadas de vencimentos e fornecimentos das tropas *patrioticas* do Estado, e de certo, teria rompido desde logo a opposição, quasi revolucionaria que começou a manifestar-se, já nos ultimos dias do seu commando, e cuja origem acha-se perfeitamente delineada na mensagem-libello do dr. Julio de Castilhós, relativa ao anno de 1896.

Não obstante o general Cantuaria protestou sempre, em nome do Presidente da Republica, contra os assassinatos praticados pelas auctoridades castilhistas, ou com a cumplicidade dellas, em pessoas dos ex-revolucionarios amnistiados,

(*) ... Tendo tomado parte na luta que ensanguentou este Estado não posso deixar de ser suspeito áquelles que com armas na mão, pleitearam seus direitos politicos perante os poderes constituidos da Republica—(Ordem do dia n. 1—*Pelotas, Livr. Americana*, pag. 6).

até que a celebre *questão Trindade* determinou que se manifestasse também, o Supremo Tribunal Federal, sobre o modo porque se comprehendia a amnistia na infeliz terra do Rio Grande.

Sejam quaes forem os desgostos que lhe proporcionasse a commissão do Rio Grande, teve ao menos o general Cantuaria a grande satisfação de ver confirmado os seus esforços pela primeira magistratura da Republica com a concessão do *habeas-corpus* Trindade.

A amnistia foi uma consequencia natural e necessaria da pacificação riograndense.

O primeiro projecto de amnistia teve por auctores no Senado Federal os cidadãos almirante Costa Azevedo e dr. Campos Salles. Si a medida proposta não foi logo convertida em lei, tiveram, ao menos, os seus promotores a gloria de assestar o primeiro marco dessa memoravel conquista no escabroso campo das paixões partidarias.

Pelos grupos formados nas ruas de maior transito o jacobinismo de mãos dadas com alguns positivistas mostravam-se infensos aos inimigos de Castilhos; na Camara dos Deputados era radical a intransigencia da maioria, filiada ao Partido Republicano Federal, para com os que se achavam implicados nos acontecimentos delictuosos; e no entretanto no Senado a maioria apresentava uma orientação muito diversa, e foi nesta casa que, depois de uma longa discussão, foi approvada uma emenda a um projecto que veiu da camara e que concedia amnistia ampla e incondicional aos revoltosos de dous Estados.

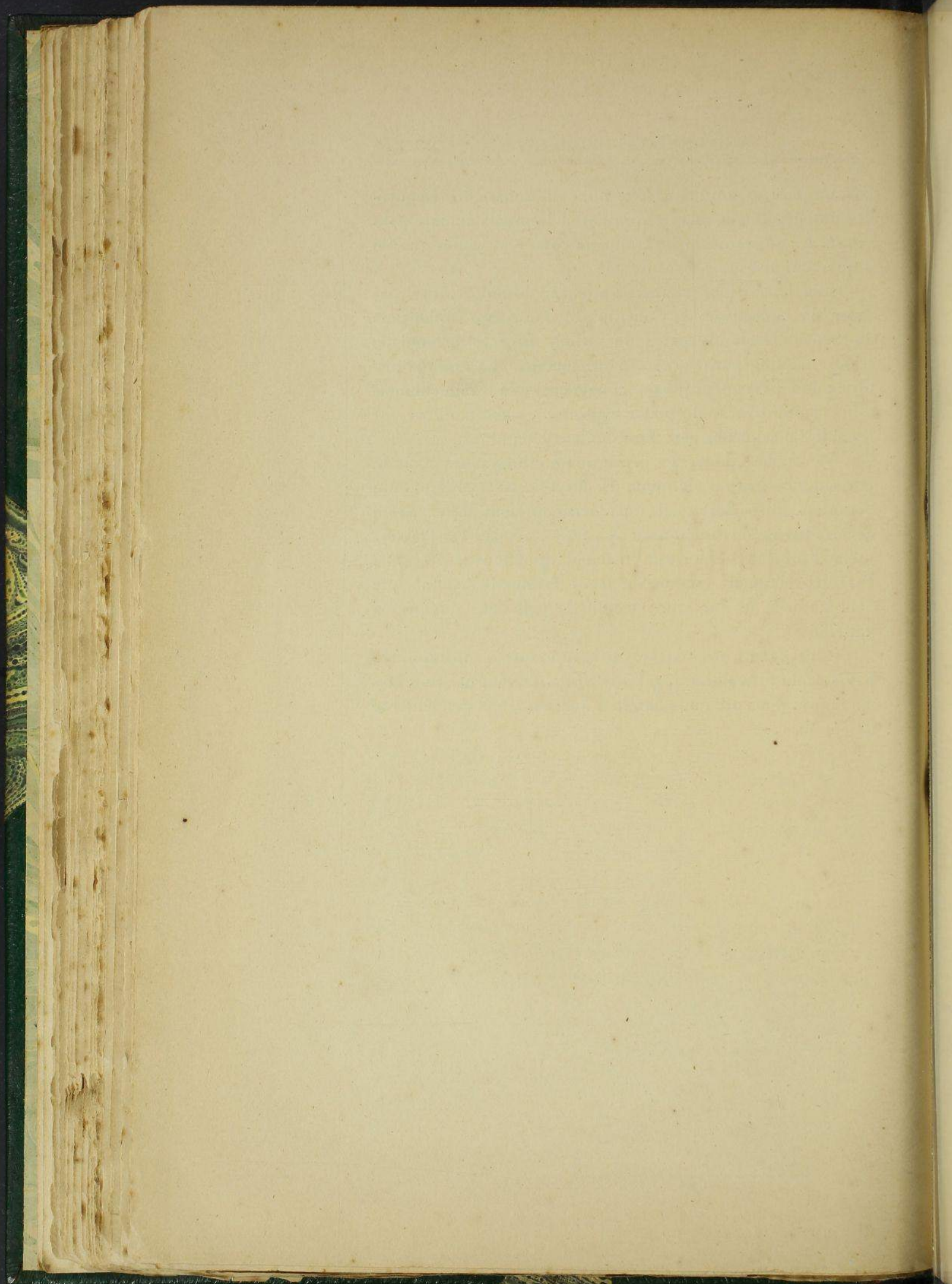
Diante da emergencia de aceitar o projecto tal qual viera do Senado, ou romper com o Presidente da Republica que já dera provas do maior interesse pela questão, declarando publicamente no dia 19 de setembro: «Ou firma-se a

paz, ou eu não sou mais Governo.» a Camara dos Deputados rejeitou a emenda e apresentou immediatamente pelo seu *leader* um projecto de amnistia com restricções que foi o que conquistou os fóros de lei.

Julgamos dever chamar a attenção do leitor para o parecer da commissão de Constituição, Poderes e Diplomacia do Senado Federal acerca do ultimo projecto de amnistia (Doc. n. 148) porque, não só ahi encontrará a resenha historica dos diversos projectos congeneres que foram submettidos á approvação do poder legislativo, como tambem por ter sido sancionado pelo Presidente da Republica.

Os officiaes de terra e mar a quem attingia esta decisão, por seu advogado o eminente dr. Ruy Barbosa, intentaram perante o Juizo Seccional uma acção no sentido de serem declarados inconstitucionaes os §§ 1.º e 2.º da referida lei; julgada procedente por este tribunal, appellou da decisão a Fazenda Nacional para o Supremo Tribunal Federal que pela maioria de um voto decidiu-se pelo provimento da appellação.

O advogado do processo allegando que a decisão não havia reunido maioria legal dos votos dos juizos presentes embargou o accordam, estando a questão ainda pendente de uma solução.

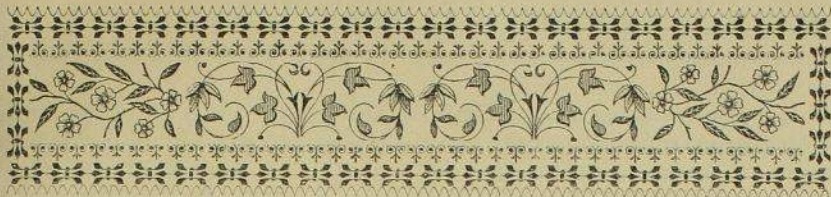


DOCUMENTOS

DOCUMENTOS

D

no. Est
mente
tribun
No
públic
paz co
E
pende
No
a testa
que la
os di
yles
assu
Goren
E
cu
O
longo
de So
etu es
praci
da lra



DOCUMENTOS

Documento n. 1—*Manifesto dos principaes chefes federalistas*

« A' NAÇÃO BRAZILEIRA—Os povos opprimidos, em armas no Estado do Rio-Grande do Sul, estão sendo injusta e atrozmente caluniados em seus nobres e alevantados intuitos patrioticos.

Nossos adversarios, com o designio perfido de tornar antipathica á opinião a revolução Rio-Grandense, apontão-nos ao paiz como restauradores da monarchia.

E' uma monstruosa calumnia. E' uma torpe e miseravel especulação.

Não! O objectivo dos revolucionarios rio-grandenses não é a restauração da monarchia, é libertar o Rio-Grande da tyrannia que ha oito mezes o opprime, restabelecendo a garantia de todos os direitos individuaes, é acabar com o regimen das perseguições, das violencias inauditas, do latrocinio, do saque e do assassinato official, que desgraçadamente tem sido apoiado pelo Governo do marechal Floriano Peixoto.

E' este o pharol que guia os revolucionarios rio-grandenses, cuja causa não pôde ser mais sagrada, nem mais humanitaria.

O paiz inteiro tem sido testemunha dos horrores que ha oito longos mezes têm-se praticado no Rio-Grande, onde o barbarismo do Governo chegou ao extremo de mandar fusilar pelas costas, em suas proprias casas, a dignos e respeitaveis cidadãos, arrancando outros do seio de suas familias para mandar assassinar na lugubre solidão dos matos.

E agora, para coonestar o seu apoio a um Governo, cujo programma official parece ser o exterminio dos adversarios pelo saque e assassinatos e tornar a justiça e santidade de nossa causa antipathica á nação, atirão-nos a pecha de restauradores.

Mentira!

Queremos, sim, a restauração da lei, do direito, da justiça, da segurança á liberdade, e aos bens e á vida de todos os cidadãos.

Lamentamos que os nossos irmãos do norte acreditem em mais esta perfidia official inventada para desnaturar os intuitos patrioticos do unico direito que resta a um povo opprimido — a revolução; ainda com mais profunda dôr d'alma deploramos que esteja servindo de algoz das liberdades Rio-Grandenses, o exercito nacional!

Esse exercito que mereceu-nos tanto respeito e para o qual fomos tão generosos, depois da victoria de D. Pedrito, onde apenas 200 atiradores das forças revolucionarias entrãrão em acção vencendo a guarnição composta do 6º regimento e populares, que depuzerão as armas e munições em numero de 4.000 tiros!

Aos officiaes foi dada a liberdade e concedidas 20 praças armadas para acompanha-los, o restante filiou-se espontaneamente ás nossas fileiras.

Infelizmente, parece que o Marechal Floriano não quer no Rio Grande o governo da opinião e sim o governo que se escude puramente na força material; quer finalmente esmagar-nos.

Se não fôra isso, já estaria brilhantemente triumphante a revolução Rio-Grandense.

De qualquer fórma lutaremos com o exercito, já que o exercito quer ser o algoz das liberdades Rio-Grandenses.

Se succumbirmos na luta, restar-nos-ha o consolo de termos defendido, com o sacrificio da propria vida, o penhor sagrado que nos foi legado pelos nossos antepassados—o amor á liberdade—e a esses que querem governar com o apoio exclusivo da força ficará—o labéo infamante de serem os coveiros das tradições gloriosas e da altivez indomita do povo Rio-Grandense.

O Rio Grande ficará sendo a terra de escravos, mas nós não subscreveremos a tanta vergonha e ignominia.

Nosso sangue será um dia o signal da redempção.

Viva a Republica!!

Viva a Nação Brasileira!

Viva o heroico povo rio-grandense!

Quartel general do exercito Libertador, no municipio de Sant'Anna do Livramento, 15 de Março de 1893.

General João Nunes da Silva Tavares.—Rafael Cabeda.—Coronel José Maria Guerreiro Victoria.—Coronel José Bonifacio da Silva Tavares.—Coronel Laurentino Pinto Filho.—Coronel Antonio Barbosa Netto.—Coronel Marcellino Pina de Albuquerque.—Coronel Domingos Ferreira Gonçalves.—Coronel João

Maria F. de Arruda.—Coronel Lasdilão Amaro da Silveira.—Coronel Gumercindo Saraiva.—Coronel Joaquim Nunes Garcia.—Coronel Juvencio Soares de Azambuja.—Coronel Antero Anselmo da Cunha.—Coronel Antonio M. França.—Coronel Daniel Costa.—Coronel José Serafim de Castilho.—Coronel Antonio Prestes Guimarães.—Coronel David José Martins.—Coronel Manoel Machado Soares.—Tenente-coronel Procopio Gomes de Mello.—Tenente-coronel Estacio Azambuja.—Tenente-coronel Thomaz Mercio Pereira.—Tenente-coronel João de Deus Ferreira.—Tenente-coronel Vasco Martins.—Tenente-coronel Gaspar Sergio Luiz Barreto.—Tenente-coronel José Bernardino Jardim de Menezes.—Tenente-coronel Israel Caldeira.—Tenente-coronel Francisco Vaz.—Tenente-coronel Malaquias Pereira da Costa.—Tenente-coronel Torquato José Severo.—Tenente-coronel Lydio P. Soares.—Tenente-coronel Alexandre José Callares.—Tenente-coronel João José Damasceno.—Tenente-coronel Severino Coelho Brazil.—Tenente-coronel João Barcellos de Oliveira.—Tenente-coronel David Manoel da Silva.—Tenente-coronel João Machado Pereira.—Tenente-coronel Ulysses Reverbel.—Tenente-coronel Sebastião Coelho.—Tenente-coronel Manoel Pereira da Fontoura.—Tenente-coronel Felipe Nery Portinho.—Tenente-coronel Boaventura Martins.—Tenente-coronel João Alves Coelho de Moraes.—Major Luiz Barcellos.—Major Pedro Diogo.»

Doc. n. 2—*Manifesto do dr. Assis Brasil*

O que fiz eu em relação ao meu amigo pessoal que occupava a presidencia ?

Pela rapida, mas exacta narração que vou fazer, se verá que, se alguma censura pôde provocar o meu procedimento, será pelo muito que eu me preoccupei, não com os deveres, que no caso não os havia, mas com o sentimento da amisade.

Eu desde muito estava politicamente separado do dr. Castilhos.

Elle sabia disso tão bem como eu e todo o mundo.

Muitas vezes lhe signifiquei a minha discordancia com a maior franqueza e precisão, a elle e a todos os seus amigos mais intimos.

Elle sabia que eu estava em desaccordo com o seu procedimento e com a sua doutrina : com o seu procedimento, desde a eleição a que se impoz o general Deodoro e que deu em resultado a situação insustentavel, puramente artificial, exclusivamente official, que se creou no Rio Grande ; com a sua doutrina, desde que tive conhecimento da extravagante mistura de positi-

vismo e demagogia contida no projecto de constituição para este Estado, projecto de cuja redacção eu tambem fôra oficialmente encarregado, mas que foi exclusivamente composto pelo dr. Castilhos, sem a minha collaboração, sem a minha assignatura, sem a minha responsabilidade, salvo quanto á collaboração na parte que adiante direi.

Era tal a minha divergencia e foi tal a franqueza com que a communiquei ao dr. Castilhos—que cheguei a ir um dia á sua casa e dizer-lhe positivamente que tinha de ir á imprensa rebater em nome das tradições do partido republicano as affirmações que estava fazendo a *Federação*, para o que lhe pedia que, como redactor daquela folha, mandasse pôr á minha disposição as columnas da mesma para publicação dos meus escriptos.

Depois de pretender demover-me do intento, o dr. Castilhos acabou por prometter-me o que lhe pedia, sem o que eu iria, como lhe disse, para outro jornal. Mandei em seguida o meu primeiro artigo para a *Federação*, e, deixando de parte outros incidentes, basta-me dizer que na mesma tarde procurou-me com o original na mão o dr. Castilhos, tentando convencer-me de que não devia publical-o, para o que allegou muitas razões de ordem partidaria, em sua maior parte, a todas as quaes eu resisti, declarando inabalavel a minha resolução. Houve, porém, uma a que eu tive a fraqueza de ceder, e sou o primeiro a confessar a minha falta, que eu em consciencia nunca justificarei, mas que tinha a sancção do meu sentimento, quando eu a commettia por servir ao amigo que sempre considerei o melhor que possuía.

Essa razão foi a seguinte: o dr. Castilhos declarou-me que, tendo sido feito candidato á presidencia, não acceitaria, entretanto, o logar, si não obtivesse a unanimidade dos votos dos representantes, e que estava certo de que a minha manifestação encontraria echo na Assembléa Constituinte, entre poucos deputados, é verdade, mas, entretanto, o bastante para quebrar a unanimidade que elle fazia condição de acceitar o poder.

Diante desse motivo, confesso que fiquei um instante indeciso e confuso, como quem nunca o poderia esperar. Esse instante foi o sufficiente para me passarem pelo cerebro muitas idéas que, alliadas á predisposição sentimental a que alludi acima, fizeram-me dar, como unica resposta ao meu amigo—levantar-me, tomar as tiras manuscriptas, lançal-as á sua vista em uma gaveta e dizer-lhe: « Bem; a publicação dos meus artigos importaria, em ultima analyse, obstar a tua elevação á presidencia; não está mais aqui quem fallou; apenas me reservo o direito de publicar um dia estas tiras, não só para mostrar o que pensava das cousas que se estão passando, como tambem para ser o primeiro a castigar-me pela fraqueza que vou commetter. »

Os meus amigos e concidadãos vão lêr em breve esse escripto, que nunca julguei realmente adiado para epocha tão proxima...

Longe iria eu, enfim, se pretendesse referir-me a todas as occasiões em que categoricamente fiz ver ao dr. Castilhos e a todos os seus e meus amigos que divergia das opiniões e do procedimento que estavam sendo observados.

Tratemos dos factos da actualidade.

Logo que se soube aqui do golpe de estado com que o general Deodoro, ou o sr. Lucena por elle, procurou infamar ao paiz, fui ao palacio do governo, procurei o dr. Castilhos, que estava com duas ou tres pessoas, ás quaes pedi que não se retirassem, não me importando que soubessem do que ia tratar, e disse:— que, tendo noticia do attentado commettido no Rio, vinha saber como o dr. Castilhos o considerava e o que pretendia fazer em relação aelle; que eu o procurava como republicano e como amigo pessoal; que sabia de alguns adulões de palacio que levavam aos seus ouvidos que eu conspirava contra o governo delle; que devia saber que o que entre nós havia era divergencia de opiniões e que estava certo de que me faria a justiça de concordar que eu podia e devia sustentar as minhas, quando, como e diante de quem quizesse; que no momento, porém, o facto occorrente era tão grave, que poderia fazer esquecer incompatibilidades menores e collocar-nos a ambos na defeza da liberdade, causa que nos era commum; que eu estava prompto para tudo, inclusive para ir até ás boccas dos canhões, se fosse preciso.

Respondeu-me que não havia duvida que estavamos em face de um golpe de estado; mas, que desejava saber ao certo que razões tinha tido para elle o general Deodoro, cujo manifesto estava esperando;—que era preciso tambem conhecer a opinião dos nossos amigos que estavam no Congresso dissolvido, e accrescentou que tinha muito em vista evitar que os seus adversarios se puzessem ás ordens do general Deodoro, quando elle Castilhos porventura se manifestasse contra.

Eu oppuz a tudo as razões de que pude fazer uso no momento, no sentido de mostrar que o esperado manifesto não poderia em circumstancia alguma justificar o golpe de estado, salvo o caso absurdo de se haver o Congresso feito agente da restauração monarchica; que o facto de os nossos amigos que estavam no Rio não se manifestarem, era a prova mais cabal de que estavam contra o golpe de estado, pois, do contrario, teriam o telegrapho á sua disposição; que, finalmente, o meio de evitar que os seus adversarios tivessem preponderancia era collocar-se elle á testa do movimento.

Nessa occasião acreditava ainda eu ingenuamente na palavra do amigo, que me affirmava não conhecer a opinião dos representantes rio-grandenses; entretanto, é hoje sabido e foi attestado pelos proprios representantes que, «mesmo em dias anteriores» ao do golpe de estado, já elles haviam com a maior clareza feito saber ao dr. Castilhos «que se devia resistir» ao attentado.

Os meus detractores certamente querem chamar-me «ingenuo», quando me chamam «desleal». Veja-se bem que esse epitheto, se cabe a alguém, não é a mim.

Dessa entrevista retirei-me, declarando ao dr. Castilhos que, apesar do que lhe acabava de observar, esperaria pelos elementos de cujo conhecimento elle fazia depender a formação da sua opinião, e que não podiam tardar muitas horas. Pedi-lhe que com urgencia me informasse do que soubesse, escrevendo-me ou mandando-me chamar em casa.

O dr. Castilhos, no manifesto que publicou, affirma que eu manifestei-me «plenamente accôrde com os seus intuitos», e logo dá por testemunhas alguns cavalheiros que estavam conosco. Tal affirmação não corresponde á verdade, e ainda que em apoio della viessem todas as testemunhas amigas de quem a proferiu, ella não seria por isso menos falsa.

Eu apenas accordei em esperar os elementos de informação que o ex-presidente aguardava, dentro de poucos momentos; o que não quer dizer que não me esforçasse por tiral-o da situação em que queria collocar-se, para tomar francamente a direcção do movimento. Nessa mesma, ou em outra conferencia que tive com o dr. Castilhos, usei desta phrase bem expressiva do meu pensamento: —O unico modo de quem governa é evitar os males das revoluções, é pôr-se á frente dellas e dirigil-as; se faz o contrario, passa-lhe a onda por cima.

Afinal, chegou o manifesto do sr. Lucena e vieram quantas informações os amigos do dr. Castilhos podiam mandar do Rio; entretanto, o meu antigo companheiro, que ficou de informar-me do que houvesse, nada me disse, ou mandou dizer.

Eu, desde o primeiro momento preveni-o (sem que de tal tivesse aliás necessidade) de que não ficaria em casa, vendo minha Patria e minhas idéas pisadas pelo pé do despotismo grosseiro.

Alguns distinctos amigos, membros da assembléa dos representantes, haviam tentado protestar da tribuna contra a recente dictadura; a maioria, intimamente ligada ao ex-presidente, negou-lhes o direito de fallar, declarando que «não era relevante» o facto que se pretendia discutir.

Esses deputados, privados de fallar na assembléa, resolveram fallar directamente ao povo, e commigo assignaram uma convocação para um «meeting» na praça publica.

Distribuida a convocação, fui logo avisado de que a policia impediria o «meeting».

Mais por evitar o disparate desastroso que ia commetter o meu amigo, do que por qualquer outra consideração, fui a elle e fiz-lhe sentir que seria até um descredito para a Republica impedir-me de fallar, a mim que sempre fallei com a maior liberdade no tempo da monarchia, de que era declarado e reconhecido inimigo. Fiz-lhe ainda muitas outras ponderações no sentido de mostrar quanto elle andaria acertado, se ainda se collocasse á

frente da revolução, salvando-se a si e ao seu partido. Disse que respondia pela boa ordem do «meeting» disse muitas cousas, emfim, que difficilmente reproduziria aqui. Foi-me a tudo contestado, com razões que não citarei, — que era impossivel realizar-se naquelle dia o «meeting».

Eu, então, lhe disse que, se queria realmente manter a calma, mandasse me intimar ainda em minha casa, porque, depois de estar na reunião, não voltaria mais. Accrescentei que não dizia isso por que tivesse vontade de fallar; pelo contrario, estava eu sentindo-me mal e tinha em casa um filhinho doente; mas, uma vez entre o povo, não retrocederia. Na mesma occasião signifiquei uma e muitas vezes ao dr. Castilhos que estava francamente com qualquer movimento que se destinasse a derrubar o desposta e firmemente disposto a não viver na terra infamada pela dictadura. Aqui, disse eu, poderei deixar os ossos; vivo não ficarei.

Entretanto, a agitação popular contra a dictadura recrescia por toda parte. Eu era cercado por distinctos e ardentes patriotas das classes civil e militar, que me apoiavam e arregimentavam-se commigo para a lucta.

Muitas vezes, em successivas reuniões que com esses amigos tive, disse-lhes com toda a franqueza que era amigo intimo da pessoa que occupava a presidencia, que ainda tinha fé no seu caracter e que esperava que a qualquer momento se pronunciasse pela boa causa. Nesse caso, accrescentava eu, irei combater ao seu lado. A insistencia desta minha observação fez mesmo alguns companheiros, menos conhecedores da inteireza do meu caracter, conceberem duvidas sobre as minhas intenções. Percebi essa desconfiança, e cheguei a dizer que não exigia que confiassem em mim, que eu trabalharia só do mesmo modo, senão melhor.

Já a revolução ameaçava alastrar decisivamente, quando eu convoquei novamente os meus amigos, e lhes disse que me ia dirigir ao dr. Castilhos por escripto, affirmando-lhe que conseguiria ainda evitar as desgraças que eu lhe annunciava, se elle protestasse contra a dictadura, e obtive que esses amigos me promettessem estar de accordo commigo.

Então dirigi ao dr. Castilhos, «por escripto», as palavras que se vão lêr e cuja cópia guardei, contra meu costume, parece que prevendo já que estes factos se haviam de liquidar um dia em publico.

Cumpre observar que pôde ter havido alguma alteração de palavras na cópia; a essencia, em todo caso, é a mesma. Eis a carta:

«Julio, posso assegurar-te, pelo que sei hoje, que não conseguirás manter a ordem, se não fizeres valer o teu prestigio e posição no sentido de reprovar simplesmente o acto de Deodoro. «Isso te retiraria de momento o amparo da força federal, mas acalmaria as paixões, tornando esse amparo dispensavel. Seria a

confraternisação. Ninguém te fez, ou faz, imposição disso; mas te «juro» que assim eu conseguiria evitar desgraças que são de outro modo inevitáveis. E' ainda como amigo que te procuro e te digo isto, bem que comecem a vencer o meu desprezo certas vilezas, como a de um irresponsavel qualquer que andou hontem espalhando que eu me tinha ido humilhar na tua presença. Se quizeres que te fale, dize a hora». — *Assis*.

Este documento escripto, cujo recebimento o dr. Castilho não negará e cujo sentido claro e expresso não poderá torcer, nem allegando contra elle as «testemunhas» que costuma invocar para desnaturar e inverter as simples conversações, este documento escripto, digo, seria bastante para trancar na boca dos calumniadores, conscientes ou não, as feias cousas que tentam fazer passar como verdadeiras a meu respeito.

Essa carta mostra tambem qual a indole de toda minha intervenção nos successos. Tudo quanto se disser em contrario será redondamente falso.

Contra o velho dicto popular que—«não ha carta sem resposta—o meu amigo e companheiro limitou-se a mandar-me dizer pela pessoa que lhe entregou a minha—« que estava entregue ».

No dia seguinte, um official de policia procurou-me em casa, da parte do dr. Castilhos, dizendo que este não me dera resposta por falta de tempo e que me pedia para ir ao palacio do governo. Este recado foi recebido por minha mulher.

Eu estava fóra de casa, para onde voltei muitas horas depois. Não era mais tempo de salvar o meu amigo, nem obedeci, por isso, ao seu chamado. Demais, no momento em que me davam o recado, pessoa bem informada noticiava-me que se estava elaborando na casa do governo o protesto que apressou a queda do dr. Castilhos.

Entretanto, respeito tanto a minha palavra—que, apesar da inqualificavel impressão que em todos fez essa resolução da ultima hora, eu declarei a todos os meus amigos que daquelle momento em diante a minha questão era somente com o dictador Deodoro; que não só approvaria, como até combateria qualquer plano de deposição do presidente. Isso mesmo, aliás, tinha eu affirmado antes a dois distinctos officiaes superiores, commandantes dos corpos, que julgo haverem influido na resolução ultima do dr. Castilhos.

Alguns de meus amigos ainda quizeram ver inconsequencia no meu procedimento; eu continúo a crer que andei com a correção de sempre.

Nós combatiamos uma violencia; não podiamos praticar outra semelhante. Se o presidente fosse obstaculo ao nosso fim supremo, deviamos destruil-o, como tal e como cumplice do crime que iamos vingar; não assim, se elle viesse lealmente colaborar connosco, ou fosse ao menos arrebatado na torrente dignificadora em que nós seguíamos.

O publico de Porto Alegre e hoje de todo o paiz sabem que o que se deu não foi uma deposição pela força. O proprio ex-presidente não se deu por arrancado pela violencia da cadeira em que se assentava. Declara que abandonou-a espontaneamente. E outra cousa não podia dizer quem deixou o poder diante da pacifica manifestação popular, realisada por homens inermes, era grande parte commerciantes de grosso trato, infensos a rixas e motins; entretanto que o palacio presidencial era occupado e deffendido por algumas centenas de soldados armados e muniçados.

Pois bem; para este mesmo abandono expontaneo, em face da demonstração popular, eu não contribui de modo algum.

Haja um unico homem integro que affirme que eu jamais tomei qualquer medida tendente a provocar o dr. Castilhos a abandonar o poder—e eu me darei por confundido.

O que se deu é bem conhecido.

A desconfiança, a incerteza, a duvida, o proprio desespero se tinham apoderado da população de Porto Alegre. Todos sentiam e diziam que o patriotismo e a propria dignidade intimavam o presidente a largar o cargo. O commercio paralisara, as portas fechavam-se, a vida se fazia impossivel.

Tudo isso pode ser attribuido pelo despeito e pela surda rebellião intima contra a fatalidade—a sentimentos e machinações miseraveis; mas não ha duvida que artificialmente não se consegue essas conturbações extranhas, que sempre se produzem por causas naturaes irrevogaveis.

Quando me disseram que o dr. J. de Castilhos tinha resignado o cargo, tomei um carro e dirigi-me para o palacio, em busca d'elle. Um grupo de cidadãos fez parar o carro e declarou-me que o povo em extraordinaria multidão, reunido no edificio da Assembléa, me acclamava e exigia que eu tomasse, em nome da revolução a direcção do estado. Eu respondi aos que me cercavam que naquelle momento não podia attender senão ao dever de procurar o meu amigo.

Fui ao palacio, tomei o meu antigo companheiro de parte, offereci-lhe os meus serviços para tudo o que quizesse, a minha casa para si e sua familia e terminei dizendo: «Estou certo de que me farás a justiça de crer que eu fiz tudo para evitar que as cousas déssem este resultado.»

Elle agradeceu-me, mais por gestos do que por palavras, e separámo-nos.

Alguns dias depois surge o seu manifesto, em que attribue a «habilidade» minha a posição que os successos e o meu patriotismo me indicaram e avança que eu «subordinei-me a paixões ephemerass» e que tive «culposa imprevidencia»

A simples e clara, ainda que resumida narração dos factos que ahi fica, bem como o attestado de toda minha vida publica, dispensam qualquer resposta que eu podesse dar a essas injustiças.

Que me basta lembrar que a minha « subordinação a paixões ephemeras » deu-me para protestar com as armas na mão contra o poderoso do dia que, do centro de uma floresta de bayonetas, esmagava a constituição e a liberdade, assim como já tinha protestado com a palavra e a penna, despojando-me de honras e posições a que talvez nenhum brasileiro jamais tenha chegado na minha idade.

Quanto á minha « culposa imprevidencia », foi assim mesmo bastante para assignalar muitas vezes na presença do meu antigo amigo e dos nossos companheiros—que o resultado das primitivas que elle estava estabelecendo seria exactamente o que todos viram.

Mas, a tudo isto, onde está a nota de « trahição » de que sou tão prodigamente accusado nos cochichos dos meus modernos inimigos ?

Eu nem sequer tinha o dever de procurar o dr. Castilhos com a metade da insistencia que revelei.

Bem que fossemos amigos, estavamos separados em materia politica ; e tão profundamente, quanto eu discordava ao mesmo tempo das suas ideias e do seu procedimento, como ficou patente com a eleição do marechal Deodoro, e como eu tantas vezes lhe fiz sentir particularmente.

Entretanto, eu não só busquei o dr. Castilhos, como até fiz o maior esforço para salvá-o, e, sobretudo, tive sempre a lealdade e franqueza de dizer-lhe que estava á frente da Revolução.

Outro disparate que não merece as honras d'uma refutação é o de certos pobres de espirito que assoalham que eu tinha « ambição » de occupar o logar que deixaria o dr. Castilhos.

Mas, isso é mais do que insensato. Sem querer occultar que ha muita honra em presidir ao Rio Grande, não ha duvida que, si eu procurasse satisfazer ambições, si eu as tivesse, não teria recusado posições onde a vaidade encontraria maior satisfação aos seus appetites. O ambicioso não preferiria a essas a modesta, obscura e difficil posição do presidente de uma provincia, que só pôde ser justamente cobiçada pelo mais puro e desinteressado patriotismo.

E, além de tudo, para que essa febre de maldizer, contra o bom senso e contra a propria evidencia, quando na mesma proclamação que, em nome do governo provisório, dirigi ao Estado, jurei que não acceptaria qualquer dos cargos que acabavam de ser abandonados ?

Calumniadores ! levantai os olhos para mim, si ainda sois capazes de aproveitar exemplos de virtude.

Nas linhas que ali ficam trato principalmente de esclarecer a minha situação pessoal, em face dos acontecimentos do dia ; bem que o trabalho já ficasse em parte incidentemente feito, resta-me pôr a limpo a minha situação politica e o que penso das cousas actuaes e do rumo que devem tomar.

Eu disse que a minha presente posição era consequencia logica de todo o meu passado politico; devo pois reatar alguns capitulos desse passado, conhecidos uns, guardados outros, até hoje, em prudente reserva.

Quando se proclamou a Republica, eu estava na minha estancia, não retrahido egoisticamente, como sei que propalam agora alguns dos que deviam ser os primeiros attestadores dos meus trabalhos e sacrificios na propaganda democratica, mas, recém-chegado de uma larga campanha eleitoral, em que por pouco a bandeira que eu empunhava não foi saudada pelos hymnos da victoria.

Chamado pelos companheiros, vim a Porto Alegre immediatamente.

Aqui, comprehendendo desde logo a impossibilidade de reacção por parte da monarchia, que aliás eu sempre entendi e affirmei que, uma vez deslocada, não mais seria reposta no solo do paiz que lhe é naturalmente infenso,—eu declarei logo aos meus amigos que a difficuldade maior que encontrava era a de podermos conviver em harmonia, no verdadeiro conflicto de competencias que se estabeleceria inevitavelmente.

Disse desde logo que deviamos tratar de nos dispersarmos em tempo, no serviço da Republica, é verdade, mas evitando o perigoso contacto diario, onde qualquer questão secundaria poderia ocasionar attrictos desagradaveis.

Não demorou que eu pudesse exemplificar com factos essa observação.

Proclamei, pois, a necessidade de nos separarmos, e dahi nasceu a minha resolução de ir para o cargo de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario na Republica Argentina, e em igual caracter o dr. Ramiro Barcellos, para Montevideo, encontrando-se já no Rio, como membro do governo provisório, o dr. Demetrio Ribeiro.

Começo por assignalar este facto, porque elle prova bem quanto me preoccupé sempre com a sorte do partido republicano, assim como revela que eu nenhuma ambição politica alimentava, tanto que abandonei, sabindo para o estrangeiro, os consideraveis elementos de influencia pessoal que accumulára no periodo da propagandá.

Mais tarde, e depois dos conhecidos successos de 13 de Maio do anno passado, o mesmo dr. Castilhos foi á Capital Federal e, de chegada aqui, fez-me sciente que tinha tomado compromisso mais ou menos expresso de fazer proclamar pelo partido republicano a candidatura do general Deodoro. Pediu a minha opinião. Eu fiz-lhe lembrar a nossa anterior conversação e observei mais que, bem que não visse ainda outro candidato provavel, preferiria que o meu correligionario não houvesse tomado tal compromisso: primeiro—porque as circumstancias poderiam de futuro indicar outro nome que melhor correspondesse á conve-

niencia publica, segundo — porque o compromisso importava uma curvatura desnecessaria que nós faziamos ao general, quando podiamos continuar a dirigir este Estado, apoiados exclusivamente no nosso prestigio, que junto do proprio governo provisorio nos daria mais força.

Com tanta sinceridade pensava eu assim — que expendi este mesmo conceito a um digno sobrinho do general e pessoa da sua casa, que commigo foi hospede da legação brazileira em Montevideo, muito antes da eleição de seu tio.

Se, pois, não me oppuz a que escrevessem o meu nome na proclamação que aqui se fez da candidatura do general Deodoro, foi só e exclusivamente por não abrir dissençação no meu partido, além de que julgava ainda a questão de pouca monta e não entendia que a presença do meu nome em tal proclamação obrigasse o meu voto, desde que successos posteriores viessem mostrar a inconveniencia d'elle.

Esta hypothese verificou-se.

A' observação diaria das patentes provas de incapacidade que exhibia o general Deodoro, factos que eu via commentados com a maior severidade pelos meus proprios companheiros de representação, veio juntar-se o ruidoso escandalo da concessão do porto das Torres, que já tinha sido um dos motivos da minha recusa da pasta de ministro.

Que tambem não foi o desejo de occupar logares honrosos o que me fez sahir — prova bem o meu procedimento por occasião da tentativa que fez o governo provisorio de arrebatar das mãos dos republicanos a direcção deste Estado: immediatamente devolvi ao governo o meu alto cargo diplomatico, declarando com altivez que ficaria aqui ao lado dos leaes defensores da Republica. Foi aliás esse mesmo cargo que eu, mais tarde, e depois de o haver exercido com honra e felicidade, depuz de novo nas mãos do governo que m'o confiára, porque a minha dignidade me incompatibilisava com esse governo.

De Buenos Aires fui directamente ao Rio de Janeiro, desempenhar-me do meu mandato de deputado á Assembléa Constituinte da Republica.

Chegado ao Rio, já encontrei indicado o meu nome ao general Deodoro para um logar no primeiro ministerio constitucional que organisaria o então chefe do governo e futuro presidente da Republica.

Essa indicação, que correspondia a um pedido do general Deodoro, foi feita por todos os meus companheiros, representantes deste Estado, que formavam a maioria, com excepção de um unico, que teve motivos muito respeitaveis e creio que muito justos para pensar que eu não devia ser ministro de estado.

Essa perspectiva de elevação ao poder, que devia exaltar-me a ambição e vaidade, não me arredou, entretanto, uma linha do cumprimento exacto do meu dever; contestei com a palavra e com o voto muitas theses da constituição que o general Deodoro

offerecera, entre ellas algumas que lhe pareciam questões de honra para o seu governo, e, afinal, chegado o dia em que eu devia sobraçar a pasta de ministro da Republica, a coherencia politica, o amor aos principios e o respeito ás indicações da opinião nacional fizeram-me voltar o rosto, sem vacillação, ás honras que outros apeteçiam, ou empolgavam apressadamente.

Nas demoradas conferencias que tive com o general Deodoro e os cavalheiros que deviam ser meus collegas de ministerio, acabei de vencer-me de que aquelle illustre cidadão estava longe de reunir as condições elementares que o tornariam digno da suprema magistratura a que aspirava.

« Acabei de convencer-me », digo, porque desde muito o meu espirito se inclinava para essa conclusão.

Nos primeiros mezes da Republica eu havia ido ao Rio e, de lá voltando, tive occasião de disreterear com o dr. J. de Castilhos sobre a melhor candidatura á presidencia. Disse-lhe, então, que, por emquanto, não via quem podesse substituir o general Deodoro, mas que pensava que não deviamos comprometter-nos desde logo pela candidatura d'elle, porque estava quasi convencido de que faltavam-lhe por completo as qualidades indispensaveis.

O general Deodoro fazia nada menos do que despedir um ministerio e nomear outro, expressamente porque o primeiro negou-se a conceder a um magistrado, compadre d'elle general, uma obra de alta engenharia hydraulica, com o appendice de uma via-ferrea, importando a primeira em alguns milhares de contos de réis, arbitrariamente calculados, sem estudos, nem orçamento, e a segunda tendo garantia de juros a tanto por kilometros, que a phantasia, ou espirito de ganancia dos interessados, poderia prolongar indefinidamente.

Depois de ter resistido ás minhas justas observações, o general Deodoro reflectiu sobre a inconveniencia da sua teimosia, talvez avisado pelo detestavel effeito que produzia na opinião publica o seu procedimento, e um dia, quasi na vespera da eleição presidencial, prometeu formalmente ao dr. J. de Castilhos decretar a concessão, subjeitando-a á approvação do congresso ordinario, e pediu ao dr. Castilhos que se encarregasse de ir ao sr. Lucena ordenar que mandasse lavrar nesses termos o respectivo decreto. Assim fez o dr. Castilhos e, dando-nos, a nós outros, seus companheiros de representação, essa boa noticia, ficámos todos esperando anciosamente o decreto que rehabilitaria o nosso candidato e lhe restituiria grande parte do perdido prestigio.

Os dias passavam-se, entretanto, e o decreto não apparecia.

Começamos todos a recordar, então, que já uma vez o general tinha faltado á sua palavra, dada ao mesmo dr. Castilhos : foi quando prometeu não assignar o tratado americano, que eu chamarei « estúpido », por mais dura que seja a palavra.

Eu deliberei desde logo não pagar com o meu voto o ultrage que esperava e que não se fez demorar.

Publicada a concessão escandalosa, ainda mais quando de fonte segura sabia que o dictador desculpava-se, dizendo que não tinha querido ceder a imposição nossa—deliberei não votar nelle, e não votei.

No mesmo momento resignei o meu mandato de deputado e declarei que ia perguntar aos eleitores se eu tinha ou não razão de proceder como procedi.

O modo de fazer a pergunta era apresentar a minha candidatura na minha propria vaga, e era o que eu ia fazer, declarando com toda a franqueza que significação teria a minha eleição.

Esse trabalho julgo hoje dispensavel.

A opinião do Estado que eu queria consultar sobre a conveniencia, ou não, da candidatura Deodoro, acaba de manifestar-se do modo mais eloquente, senão pelos votos, pelas armas, senão por eleições,—pela revolução que mais unanimemente tem feito bater o coração rio-grandense.

Sou o homem da exactidão e da logica: por motivo da mesma força do que me fez deixar e minha cadeira de deputado, volto a occupal-a, considerando-me hoje mais digno da investidura do que o fôra hontem.

Estando, ha pouco tempo, no Rio, varios amigos, membros do Congresso, allegando que este não tinha tomado conhecimento da minha renuncia, insistiram commigo para voltar, para o que, se eu quizesse, provocariam uma demonstração da Camara a que eu pertencia. Recusei-me quasi indignado a taes convites, e hoje mesmo, não pensem os que me querem mal que eu pretenda o logar abandonado para nelle fazer figura, porque só irei á Camara em circumstancias excepcionaes, mas devo guardar orgulhoso um logar que a opinião rio-grandense virtualmente acaba de devolver-me por um modo tão eloquente.

A eleição do general Deodoro marca, a meu ver, o inicio do periodo de franca e prematura decadencia da politica republicana rio-grandense.

Tambem dahi data o principio da minha separação do elemento director do partido, não digo do proprio partido, porque entendo que eu, bem como os que pensavam do mesmo modo, era quem conservava a doutrina e as tradições theoricas e practicas delle.

Para que se possa esclarecer o juizo nesse sentido, resumirei aqui as observações com as quaes impugnei perante meus companheiros a eleição do general.

Em reunião, que para o effeito realisámos, eu comecei por observar que tudo o que hia dizer representava apenas o meu voto individual, que eu nem sequer recommendaria aos meus compa-

nheiros, porque, não tendo, desde muito tempo responsabilidade real na direcção do nosso partido, não devia pretender aconselhá-lo.

Disse em seguida que a eleição do general Deodoro, em vista da divisão reinante no Congresso, estava dependente do voto da representação rio-grandense, que devia pois, pesar a gravidade da situação que lhe cumpria desatar; que eu individualmente não votaria naquella general: primeiro, por principio de dignidade pessoal e politica, julgando-me offendido com o procedimento que elle havia observado em relação a nós, faltando-nos á palavra empenhada em mais de uma vez e desligando-nos, assim, de qualquer compromisso que porventura tambem nós tivéssemos para com elle; segundo—pela consideração do bem publico, por estar intimamente convencido, pela observação de longa serie de factos, que elle não tinha as qualidades elementares do homem de governo, para circumstancias ordinarias, e muito menos para os tempos que estavamos atravessando; terceiro, finalmente, porque o nosso apoio á candidatura do general Deodoro era principalmente motivado, segundo o que eu acabava de ouvir do dr. Castilhos e de outros autorizados companheiros, pela consideração de conservarmos no nosso Estado o apoio do poder central, e eu pensava que esse apoio conseguido por tal fórma, seria a nossa ruina partidaria; sempre encontramos em nós mesmos e na nossa propria força o ponto de apoio em que nos firmamos para prégár e preparar a Republica e, mais tarde, até para fazermos valer a nossa vontade contra a de ministros do governo provisório e contra o proprio chefe d'elle; trocando o ponto de apoio que tinhamos em nós mesmos pelo que nos fornecesse um elemento estranho, ficaríamos subjeitos á vida mais precaria e miseravel, expostos a ser arrastados a todo momento pela boa ou má sorte do nosso protector.

Por essa occasião, lembro-me ainda que comparei a situação que nos aguardava com aquella que figura a lenda celebre do dr. Fausto, que vendeu a alma ao diabo. Como ao velho sabio allemão, o nosso pacto com o diabo, ou com o general Deodoro, traria no principio a força, o vigor, todas as apparencias de interminavel e crescente prosperidade: um dia, porém, o nosso partido despojado do seu antigo espirito de independencia, havia de acompanhar fatalmente o sinistro fadario do cavalheiro phantastico, do novo Mephistopheles, a cujo carro, aparentemente triumphante, seguia jungido.

Um dos amigos presentes observou-me que, si nós não elegeassemos o general Deodoro, elle se implantaria pela força, desmoralizando a Republica, ou promovendo uma guerra civil, que o patriotismo nos impunha o dever de evitar. Respondi que era minha firme convicção, pelo conhecimento que eu tinha do espirito da guarnição do Rio, que uma imposição pela força seria rebatida com vantagem; mas, que, ainda no caso de ella realizar-se, seria mais decente para nós e para a Na-

ção, que se fizesse isso claramente e sem a hypocrisia dos nossos votos, acobertando uma violencia, que de facto existia: quanto á possibilidade de guerra civil, declarei que era meu pensamento que nós estávamos no portico da Revolução; entre-mos resolutamente nella, disse eu, e agora é a occasião mais propria, porque circumscreveremos toda a agitação na capital, ao passo que mais tarde a Revolução virá sempre e se derramará por todo o solo nacional, mil vezes mais terrível do que o seria hoje; appellei para os dois representantes rio-grandenses que eram tambem medicos e lhes perguntei si não seria muito mais sabio julgar no periodo agudo a enfermidade nacional, do que deixal-a tornar-se chronica e por conseguinte, rebelde aos mais energeticos remedios sinão absolutamente incuravel.

Esta minha confiança em que a direcção da Republica nos estava levando á revolução, não era filha do calor do momento. Eu já a tinha exhibido com altivez e franqueza ao proprio general Deodoro e a seus ministros, em uma das conferencias em que tomei parte para a organização do seu ministerio. Dizia isso mesmo na carta que publicou a «Gazeta de Noticias», em que eu explicava porque não pude fazer parte do ministerio. Escripta, porém, essa carta e sujeita ao juizo dos meus companheiros, foi o dr. Castilhos de opinião que se supprimisse, além de outros, o topico em que eu referia que tinha prophetisado a revolução, e todos concordámos com a suggestão do nosso amigo; mas eu guardei cuidadosamente os trechos supprimidos e disse, como todos recordarão: Ha de vir um dia em que eu terei de publicar isto». E parece que todos os companheiros concordaram que eu não dizia uma banalidade. Devo ter ainda entre meus papeis a prova graphica dessa claravidencia do futuro.

Os nossos companheiros, coroneis Flores e Menna Barreto, encarregados de levar a carta á «Gazeta de Noticias», palestrando no dia seguinte commigo, lembro-me bem que me disseram que estiveram para voltar do caminho, em busca dos trechos que se haviam cortado, certos de que elles constituíam a melhor parte da peça politica que iam publicar,—tão intimo era já nesse tempo o sentimento espontaneo de todos nós, em relação ao futuro que nos aguardava.

Nessa mesma carta eu escrevi, que considerava a pessoa do general Deodoro intimamente ligada á sorte da Republica, pelo passado e pelo futuro. Quizeram os interessados tirar dahi argumento para obrigar o meu voto áquelle cidadão. Não ha nisto logica nem bom senso.

Se eu tivesse de fazer presidentes da Republica a todos os cidadãos cuja existencia julgo interessar intimamente á mesma Republica, nem com a olygarchia de Veneza os accommodaria a todos. E' claro que eu podia estimar, como ainda hoje estimo, a pessoa do general Deodoro (e hoje ainda mais do que nunca, porque aos antigos se veio juntar mais nm sentimento, o da commiseración de ver o grande cidadão arrastado á ruina pelos explo-

radores da sua enfermidade) é claro que, dizia eu, podia ter a maior dedicação pessoal, e mesmo politica a qualquer homem, sem por isso estar obrigado a fazel-o presidente da Republica.

Não tenho necessidade de gastar palavras, para provar com que terrivel precisão tudo que eu annunciei se realisou, por se ter feito aquillo que eu entendia que não deviamos fazer.

Voltando para aqui, do Congresso Constituinte, onde havia resignado a minha cadeira, meu intuito era observar o procedimento que, sem ser indigno de mim, mais podesse convir ao fim de não crear embarços ao partido a que pertencia.

Eu havia discordado da direcção desse partido apenas em uma questão de facto, na qual o futuro poderia não dar-me razão.

Quanto a principios não julgava impossivel o meu accôrdo com o dr. Castilhos, que já então era o responsavel por tudo e que havia conseguido da dedicação e patriotismo dos nossos bons amigos de sempre a mais leal solidariedade, mesmo em relação a cousa que alguns delles intimamente não poderiam co-brir.

Eu fazia parte da commissão nomeada pelo general Candido Costa para elaborar o projecto na nossa futura constituição. Varias vezes dirigi-me ao meu amigo Castilhos, offerecendo-me para trabalhar naquella obra com elle, e ultimamente, vendo que o prazo que tinhamos se esgotava, propuz-lhe mesmo fazer eu o «rascunho» do trabalho que depois corrigiríamos de combinação. As suas respostas foram sempre mais ou menos esquivas, de tal modo que eu nunca puz mão á obra.

Na noite da vespera do dia em que o projecto devia ser publicado pelo governo (depois de já ter havido um adiamento de cinco dias) appareceu-me em casa o meu velho amigo, trazendo na mão o «borrão» do projecto, que me disse haver concluido naquelle momento e que vinha submetter á minha apreciação e assignatura.

Tomei os papeis que me passou, e, antes de lel-os, disse-lhe que a primeira observação que tinha a fazer era a da impossibilidade em que eu me reconhecia de estudar, senão de fazer, a constituição de um Estado, nos poucos minutos que tinhamos diante de nós; ia porém, fazer uma leitura com a possivel attenção, e veria no fim, que resolução me cumpria tomar.

Li, realmente, na presença do dr. Castilhos, a sua obra, e, concluída a leitura, fallei-lhe assim «Tenho de momento duas ordens de observações a fazer, a primeira sobre a doutrina que preside ao projecto, a segunda sobre algumas minudencias delle.

Quanto a doutrina, estou em completa opposição e o remedio que eu proporia seria fazermos um projecto inteiramente novo; mas sou o primeiro a reconhecer que, sendo tua a responsabilidade, deves sustentar este mesmo; apenas não poderei dar a elle a minha assignatura».

Fiz em seguida os reparos que uma leitura rapida me permittia, sobre disposições parciaes do projecto, com alguns dos quaes concordou plenamente o autor delle, com outros em parte, repellindo alguns dos outros «in limine»

Disse eu por esta occasião ao meu amigo que, mesmo não concordando com o seu trabalho, achava-o de muito valor, merecendo muitas disposições verdadeiro applauso e que mesmo a parte que não me agradava, continha, em relação ás outras constituições conhecidas, um cunho de originalidade, que não poderia deixar de provocar attenção.

Resumirei as observações que fiz sobre a doutrina constitucional do projecto do dr. Castilhos e essas poucas palavras bastarão tambem para satisfazer ás continuas interpeilações que a proposito me fazem varias pessoas.

O projecto da constituição procurava obedecer, tanto quanto o criterio do auctor julgou possivel, ao espirito da doutrina conhecida por philosophia positiva.

E' preciso ter a gente alguma coragem para dizer que não é positivista, por tal modo o espirito de seita, servido pela ignorancia fanatica, costuma tratar mal aos que assim se pronunciam.

Pois bem, apezar de tudo, eu direi—que não sou positivista. Poucos dos que, por isso, me hão de chamar ignorante (e quem sabe o que mais!) terão procurado mais do que eu conhecer pela leitura e pelo conselho de pessoas habilitadas a doutrina do immortal philosopho francez; tudo isso porém, fez nascer no meu espirito, direi antes—no meu bom senso a creença de que só o pedantismo me poderia levar a proclamar-me possuidor de uma escola que exige de quem a quer seguir e exercer—preparo scientifico, que eu não tenho e que sei que do mesmo modo falta á outros que não teem o mesmo escrupulo que eu.

Neste paiz pouco se estuda, e nos paizes em que se estuda muito, a sabedoria quasi só chega com a velhice; entretanto, não é raro que os nossos rapazes, ao sahirem das escolas onde aprenderam rudimentos de sciencia meros conhecimentos elementares que apenas os habilitam a continuar a estudar mais facilmente por si, venham proclamando-se sabios e ignorantes a todos os que não tem as suas fraquezas.

De tudo quanto tenho podido aprender do methodo do philosopho francez meu espirito sente-se inclinado a adoptal-o, e realmente não é outro o que eu procuro applicar na solução das questões, mas dahi a ser discipulo systematico da escola vai grande distancia.

A observação e a experiencia, que são dois grandes elementos do saber positivo, são tambem o criterio que me illumina.

O que eu nego é que esse methodo, applicado á sociedade actual, em que vivemos, dê como resultado cousa parecida com a constituição que foi votada para o Rio Grande do Sul.

Eu penso que o governo de que nós precisamos é o que mais se coadunar com as actuaes exigencias da opinião publica. Por mais bellas, por mais abstractamente logicas que sejam as theorias, ellas serão inocuas, senão prejudiciaes, quando impostas a uma sociedade que as repelle naturalmente.

O que a observação e a experiencia nos mostram é que a opinião do Rio Grande, como a de todo o paiz reclamam, senão perpetuamente, por emquanto ao menos, um governo democratico, e não dictatorial.

E' proprio da intolerancia das seitas, principalmente quando servidas por sacerdotes incompetentes, tomar horror a palavras. E' assim que entre certos beatos não se emprega a palavra—diabo—e que entre alguns « soi-disants » positivistas não se pode falar em « democracia. »

Pouco se dá a essa gente fazer a cousa, comtanto que se evite, ou se troque a palavra.

Assim, por exemplo, a constituição rio-grandense é proclamada pelos representantes da « sociedade », para não dizer « soberania » rio-grandense, que é palavra condemnada, embora seja nas actuaes circumstancias a mesma cousa que exprime o vocabulo preferido; os tres poderes publicos, do mesmo modo, existem, mais ou menos alterados na constituição, mas como a seita repelle a « divisão de poderes » e quer a « concentração » de todos elles nas mãos do dictador, chama-se alli aos tres « poderes » — « órgãos do apparelho governamental. » E disto ha ainda muitos exemplos. E' o caso de « se payer de mots », como dizem os francezes.

Ora, como a simples troca de palavras não é bastante para mudar a essencia das cousas, seguiu-se que a constituição rio-grandense não sahiu mais positivista por esse facto. Ella é, como eu disse atraz, simples mistura de positivismo e demagogia. Tirou o que havia de ruim em um systema, e apenas foi boa naquillo que não obedecia a preocupação alguma systematicamente de seita.

Temos na constituição a dictadura e a democracia, mas a dictadura sem os caracteres de estabilidade e competencia que o mestre lhe exige, porque fica sujeita aos azares da eleição, que pôde dar os mais extravagantes resultados; e a democracia exaggerada, para a nossa actual situação, a democracia que se confunde com a demagogia e que, como ella, só pode ser favoravel ao despotismo.

O que eu proporia em lugar disso seria um governo « democratico », no sentido de fundar-se no voto da maioria do povo, actualmente (e quem sabe por quanto tempo ainda?) criterio unico para instituição e apoio dos governos. Queria tambem que esse governo fosse « representativo » no sentido de não serem as principaes funcções desempenhadas pelo povo directamente. E queria mais que esse governo « não fosse parlamentar », no sentido de não se considerar delegação da assembléa, caracter que

lhe tiraria a estabilidade e independencia, sem a qual nem mesmo pôde haver exacta responsabilidade.

Eram essas ideias as que eu ia sahir a defender pela imprensa, quando, « por servir ao meu amigo Castilhos », deliberei adiar o meu pronunciamento.

Na mesma occasião, porém, a elle mesmo pedi que me proporcionasse um meio de eu falar directamente aos deputados que iam votar a constituição, já que pela imprensa não podia dirigir-me a todos os cidadãos.

Para esse fim, os deputados se reuniram uma noite no palacio do governo, e eu tive occasião de expôr diante delles o meu pensamento inteiro, acabando por propôr uma accomodação que dêsse em resultado eu poder cooperar com a direcção que tinha o nosso partido. As bases dessa accomodação eram: eu ceder da minha opinião no tocante ao modo de fazer as leis, que para mim só tinha o defeito de ser « democratico de mais », e a assembléa adoptar as outras disposições que eu propunha e das quaes não citarei de momento senão algumas, taes como eleição dos intendentés, conservação do jury, eleição dos vice-presidentes, redução a 3 ou 4 annos do tempo de governo dos presidentes e incompatibilidade delles para a seguinte eleição.

A discussão, bem que cordial e amavel, não teve muita ordem, e terminou por nada ficar positivamente assentado.

Nessa occasião (hão de lembrar-se os que a ella assistiram) fazendo considerações sobre a situação politica, eu mais uma vez tracei o quadro futuro que a minha previsão descobria, e parece que só me faltou dizer o dia e hora em que se tinham de realizar os desgraçados acontecimentos que conhecemos.

Nas linhas anteriores fiz quanto possível a dedução completa do passado; vou agora escrever o meu pensamento inteiro sobre a presente situação politica do Rio Grande, aproveitando sempre a occasião para esclarecer a parte de responsabilidade que nella tomei, bem como o caminho em que o patriotismo me indica, deste ponto em diante.

Começarei por declarar, contrariando a grita dos despeitados que me querem tornar odioso, que não fiz com homem ou partido algum politico, conchavo de qualquer especie.

Sou o que sempre fui—só e exclusivamente republicano.

Isto responde ao mesmo tempo aos calumniadores conscientes, que malsinam o meu procedimento, e aos bons amigos ingenuos de quem diariamente recebo interrogações sobre a veracidade do boato que fazem circular de que eu entrei em uma « colligação partidaria ».

Que fiz eu para auctorisar esse juizo?

Todo o meu procedimento e todas as minhas palavras demonstram cousa diametralmente opposta.

Vi o governo do Rio Grande acephalo pelo abandono do seu primeiro occupante ; vi o Estado inteiro commovido entre a hypothese de desordem e o expediente supremo de fazer occupar pelos meios summarios da Revolução os logares vãos ; fui chamado nominalmente pelos mais autorizados representantes do espirito de ordem :—ou eu seria miseravel egoista, indigno de respirar na athmosphera da Patria, ou havia de correr em auxilio da salvação della, acceitando o posto que as circumstancias me determinaram.

Dos tres membros da junta do governo provisorio acclamada pela população da capital eu era o unico presente.

Tomei resolutamente a deliberação de continuar no desempenho do meu dever, sem me lembrar sequer de que, nesse momento supremo, em que era a propria sorte da Patria que estava em questão, houvesse alguém tão alienado dos mais vulgares sentimentos—que concebesse ciumes a meu respeito.

E o que disse e o que fiz eu, tomando o governo abandonado do Rio Grande ?

No primeiro momento, escrevendo sobre a perna e sobre a pressão dos mais extraordinarios acontecimentos em cuja presença jamais me tenho visto—proclamei aos meus concidadãos que os unicos fins do governo revolucionario erão : fazer a sociedade recobrar o socego perdido, combater a grosseira dictadura do Centro e presidir, em seguida, com a maior imparcialidade, á eleição que viesse dar successores aos funcionarios que acabavam de abandonar os seus logares.

Declarei expressamente que a junta não faria obra partidaria e que não se julgava representante de partido ou facção qualquer que fosse.

Declarei que eu e meus companheiros não acceitariamos candidatura alguma e que, finalmente, só nos demorariamos no poder os instantes indispensaveis para pormos em pratica esses grandes intuitos.

Por muitos dias, a ausencia de meus companheiros obrigou-me a arcar só com a molle immensa de trabalho que recahia sobre o governo.

Pensei desde logo em tomar todas as medidas que dessem em resultado inculcar no grandioso movimento revolucionario o character mais amplo e nobre, expurgado de qualquer preocupação de partidarismo, que seria mesquinha, senão torpe, em face da grande causa nacional que nos inspirava.

Eu não procedia assim apenas para evitar desastres aos meus amigos politicos, mas pelo pensamento que não me abandonava e que ainda hoje acaricio com ardor, de levantar ainda mais a gloria do Rio Grande, que devia extravasar das fronteiras e alastrar por todo o territorio da Nação.

O mais completo successo veio coroar o meu empenho.

Estão no dominio publico, divulgados pela imprensa, os mais positivos e eloquentes attestados de como por toda a parte obede-

cendo a um sentimento unico, sem prévia combinação, os riograndenses se uniram e combinaram para a defesa da causa commum.

Não quero encarecer a influencia que a minha pessoa podesse exercer para esse resultado; mas é sabido, é de consenso unanime dos homens desprevenidos de pequeninos odios—que a minha presença no governo não foi inteiramente sem significação.

Os meus antigos companheiros de partido politico viam em mim uma garantia de que o movimento que se operava não podia ter por fim plano indigno contra a Republica, como quiz fazer crer o sr. Lucena, em relação aos successos do Rio, e como, copiando servilmente essa desculpa esfarrapada, assoalhavam tambem os representantes neste Estado da politica daquelle desastrado ministro. Por outro lado, os meus adversarios politicos faziam-me justiça de reconhecer o meu patriotismo, que faria calar qualquer outro sentimento, o meu espirito de cordura, o meu amor á verdade; do mesmo modo que confiavam nessas qualidades os representantes dos interesses estaveis da sociedade, em quem os vinculos partidarios são mais frouxos e a consideração da conservação da paz e da ordem mais pronunciada.

Consegui corresponder a essas esperanças, desviando o espirito publico de tudo o que não fosse a idéa fixa de dar batalha ao despotismo, augmentando a gloria já tão extensa da nossa extremecida terra.

A muitas pessoas eu disse, e aqui o repito: « não quero saber de partidos; meu unico fim é preparar o Rio Grande para a guerra; não estou em uma colligação, nem em um partido, estou em um exercito. Que elle quanto antes transponha a fronteira, em busca do tyranno, que não ousará vir ao nosso encontro,—e, nos acampamentos, nas marchas, nos perigos e nas batalhas nossos corações riograndenses se estreitarão, esquecendo para sempre as questiunculas que aqui nos dividiam.»

Sustentava eu, então, como ainda hoje affirmo, que o grande mal da nossa Republica ia ser a exuberancia da sua força e a fraqueza do inimigo, que não permittiriam que ella se terminasse em uma linha de fogo.

Por mais cruel que pareça este conceito, elle encerra a maior das verdades.

A Revolução, vencendo á força de armas, teria occasião de fazer os seus heroes e os seus homens capazes. Os homens são filhos das circumstancias. Si as circumstancias são extraordinarias, fazem apparecer os homens extraordinarios; si ellas são vulgares, pullularão com ellas as mediocridades, que não tardarão em comprometter as melhores obras.

A critica situação de todo o paiz reclama o apparecimento de homens capazes, e estes só poderão revelar-se em meio de difficuldades não communs.

Nenhum momento pode haver mais opportuno para a demonstração pratica dessa verdade do que a que atravessamos actualmente.

Ha de ser difficil, depois de uma revolução terminada nas mais vulgares e ordinarias condições, conter a onda perturbadora dos pretenciosos.

Era essa a difficuldade que eu previa e era a razão porque eu dizia e queria tornar crença de todos que não estavamos em uma obra partidaria, mas sim na arregimentação para uma guerra.

Desde que cessou a possibilidade dessa guerra, eu tambem julguei terminada a minha missão.

Declarei isso mesmo ao venerando patriota a quem com meus collegas da primitiva junta passei o governo provisorio do Estado e a todas as pessoas que me tem ouvido sobre o caso tenho repetido a mesma clara e positiva affirmação que hoje renovo publicamente.

Desde que terminou a dictadura do general Deodoro, não tenho mais parte alguma de responsabilidade no governo do Estado.

Eu continuaria no governo, ou conservaria pelo menos a responsabilidade d'elle, sómente com a condição de cumprir á risca o programma que tracei na proclamação da junta do governo provisorio.

Factos que sobrevieram, porem, entre os quaes o menor foi a substituição da junta de que fiz parte, tornaram impossivel a realisação daquelle meu empenho, que continúo a suppor que encerrava o melhor roteiro para conduzir a porto seguro a nau do Estado, batida por tantos ventos furiosos.

O procedimento practico que se deveria observar, de accôrdo com o programma a que alludi, seria em duas palavras este: respeitar como objecto sagrado todas as leis boas, ou más, que existem; conservar todos os funcionarios publicos que a revolução não destruiu, mudando apenas, e sempre segundo a lei, aquelles que se revelassem incompativeis com as vistas absolutamente imparciaes do governo; observar nessa mudança de pessoal o maior escrupulo, afim de não pôr no logar dos demittidos membros exaltados de qualquer dos partidos politicos; fazer, então, eleger presidente do Estado para a vaga do que abandonou o logar e deputados para as vagas dos que o acompanharam expressamente. Nessa eleição, o meu maior empenho individual seria influir no sentido de conseguir-se a escolha de um republicano, como tal reconhecido e aceito, que tomaria a si a responsabilidade da organisação do Estado.

Penso, como pensa a grande maioria do povo riograndense, que a actual constituição deve ser reformada; mas desse trabalho, respeitando a mesma constituição, se encarregaria o novo presidente eleito, que sem duvida, representando por livre eleição os votos da maioria dos rio-grandenses, concretisaria os principios e disposições que a opinião publica reclamasse.

Assim se chegaria ao mesmo resultado que todos almejam, sem sahir nunca do caminho regular e sem chocar os espiritos prevenidos contra as intenções do governo revolucionario; assim tambem ficaria á evidencia demonstrado que o movimento re-

volucionario não teve character local, mas nacional, e que, se alguma cousa teve de destruir aqui, foi sómente aquillo que pretendia impedir a marcha irresistivel.

A minha opinião, porém, não era a de todos os responsaveis pelos successos e creio que nem mesmo a da maioria; eu reconheci, por outro lado, as intenções purissimas de muitos dos que não pensavam como eu e observava que, nas actuaes circumstancias, era impossivel conter de todo a onda partidaria; não podendo prevalecer a minha opinião, lembrei com outros amigos um alvitre que só pode ser recusado por quem, esquecido de quaesquer outras preocupações que não sejam a sua irritação pessoal, repellira systematicamente o erro, como a verdade. Esse alvitre foi o de convocar-se uma "Convenção". A Convenção será uma assemléa soberana, que, filha de livre eleição, representará a maior somma da opinião publica. Ella não virá com determinados poderes. A sua convocação não importa o desconhecimento ou o reconhecimento de cousa alguma; será simplesmente appello feito ao povo do Estado para vir julgar os successos passados e preparar os futuros.

A Convenção poderá julgar a constituição de pé, como poderá derrocal-a e fazer outra; mas com o prestigio e autoridade que não assistem ao actual governo provisorio, que foi instituido apenas para os fins de guerrear a dictadura, ao passo que a Convenção virá armada da propria soberania, em nome da qual existem as leis e os representantes e órgãos.

A diferença entre este processo e o que eu entendia que se devia observar está apenas em que o outro seria mais simples e harmonisaria melhor os espiritos, evitando tambem as difficuldades na deliberação por parte de uma collectividade nas condições da de que se trata.

Eu não sentiria repugnancia alguma em continuar a prestar meus serviços ao governo que tem de realisar tal obra, si julgasse possivel no meio das actuaes difficuldades conter a erupção partidaria pelo menos até a eleição.

Vejo, porém, que essa tarefa se tornou irrealisavel, além de outros, por dois motivos.

O primeiro e menos importante é a obsessão das influencias locais, vencendo pelo cansaço o governo, de quem pretendem arrancar a montagem da machina partidaria.

O segundo e o mais importante e que tambem explica em grande parte o primeiro—é o procedimento do dr. J. de Castilhos, que, podendo fazer-se o primeiro cidadão desta terra, pondo-se desde logo á testa da revolução, reunindo e harmonisando todos os bons patriotas, firmando o seu prestigio e a força de seu partido, não teve, entretanto, genio para comprehender o momento, pôz-se ao serviço da dictadura, perseguindo e ameaçando os representantes da revolução e, afinal, declarando-se por ella, quando já a opinião estava no direito de tomar o seu pronunciamento por causa bem diversa do que elle talvez realmente fosse.

Tão grande ineptia perdeu a quem a praticou e a todos os que marchavam ao seu commando.

Ora, o presidente era, por mais que affirmasse o contrario, o unico chefe do partido puramente official que governava o Rio Grande e no qual serviam muitos distinctos rio-grandenses, por falta de observação e por mal entendido espirito de solidariedade, o que aliás, sem deixar de ser erro, sómente depõe em favor do dedicado patriotismo delles.

Eu não sou dos que pensão que o dr. Castilhos fosse algum dia partidario da dictadura, mas a ineptia do seu procedimento recusando o auxilio dos inimigos da vespera que se iam collocar ao seu lado, pretendendo depois fazer da revolução uma cousa qualquer mechanica que elle podesse fazer parar, para recommear no momento que lhe agradasse e conviesse, toda a sua attitude fez tomar o *generoso* partido a que elle presidia por inimigo da grande causa, ou pelo menos deu pretexto aos politiquieiros interessados de explorarem hoje o facto para conseguirem as suas "derrubadas".

Eu procurei por todos os modos evitar essa desgraça do partido republicano, esclarecendo, como podia, os seus mais conspicuos chefes, para que não fossem victimas do erro do dr. Castilhos e não deixassem de tomar parte nas glorias que ia colher a nossa terra.

Esbarrei, porém, em grande parte diante da vigilancia da policia, que, ou me privava de fazer as minhas communicações, ou violava-as miseravelmente, como aconteceu á carta que eu remettia ao illustre patriota rio-grandense, um dos melhores espiritos da republica. Apparicio Mariense. Este digno republicano, que hoje confessa que o dr. Castilhos o fez conduzir bilhete de preto, foi desrespeitado pela policia, que, tendo aviso prévio de um espião do presidente, apoderou-se em Santa Maria das cartas que o dr. Alvaro Baptista e eu dirigiamos a Apparicio e, não contente com a violação criminosa, extrahiu copia de taes epistolas de intriga entre os chefes de varias localidades do partido federal.

Provoco daqui o dr. Castilhos, ou quem possuir qualquer dessas cópias—que as faça publicar. Verão os meus correligionarios mais um attestado da pureza da minha alma; eu concitava o coronel Apparicio, em nome do patriotismo, contra a dictadura deodoriana, dizia-lhe que ainda poderíamos assim salvar o nosso amigo Julio de Castilhos, obsecado por más influencias, e rematava, affirmando que o nosso pronunciamento seria o unico modo de salvarmos o partido republicano e de evitar que nossa obra, que devia ser de todo o Rio Grande, « preponderassem os elementos da antiga colligação. »

O meu velho amigo, ao ler essas palavras, não podia ter deixado de reconhecer o antigo coração leal e generoso que elle estava habituado a respeitar desde a primeira infancia até aquelle dia: mas pôde mais o rancor no seu animo, a allucinação o trans-

viou, e não teve duvida em provocar, ou autorisar, ou fazer, quem sabe? a distribuição das copias da minha carta entre os homens com quem eu me encontrára accidentalmente no caminho da defesa da Patria, com o fim de promover discórdia entre nós.

E' esse rancor constitucional do dr. Castilhos, é esse odio substancial que o treslouca e tem levado a occupar-se desde que deixou o governo em acirrar a má vontade dos nossos correigionarios, provocando-os a se manifestarem inimigos da situação actual, que nenhum character politico devia ter e que, entretanto, tem de tel-o em toda a parte onde as palavras do despeito forem ouvidas.

Essa divisão, que não existia, mas que cada vez se pronuncia mais, essa feição partidaria que as cousas têm de tomar fatalmente—é o que me obriga a retirar toda parcella de responsabilidade da direcção dos negocios publicos.

A governação provisoria está entregue a um homem que só hontem conheci de perto, mas por quem a minha admiração e o meu respeito crescem a todo o instante.

O general Domingos Alves Barreto Leite está hoje, para mim, na altura dos rio-grandenses que mais têm merecido a Patria.

Ao seu espirito de justiça, á sua lealdade, ao seu character manso e energico se deve talvez não estar ainda a esta hora a nossa terra nodoadada de sangue. Algum dia se fará justiça ao nome deste honrado patriota.

Pelo conhecimento exacto que tenho das cousas do governo provisorio, posso ainda attestar que os chefes do partido que se suppõe hoje triumphante têm sido de uma cordura, que não fôra de esperar, diante das provocações diarias dos orgãos do dr. Castilhos. Com o proprio auxilio delles, tenho conseguido mais de uma vez acalmar as exigencias de varios representantes do partidarismo local, dentre os muitos que diariamente convergem para Porto Alegre.

Ainda que sem fazer parte do governo, hei de continuar a procurar influir no sentido de não serem tão grandes como podiam ser os desastres provocados por tantos erros.

Sem a menor pretensão politica, sem preocupação alguma pessoal, minha posição no momento actual será sempre ao lado de quem servir com lealdade a causa da paz e da honra do Rio Grande e sempre com os republicanos que quizerem levantar o partido nas mesmas bases em que elle floresceu outr'ora.

O dr. Castilhos, com a mesma razão com que se proclamava representante das classes conservadoras, depois de ser convidado pelo commercio da capital a largar o poder, proclama-se tambem director do partido republicano e promete dar a este a norma a seguir daqui em diante.

O partido republicano a que pertenco não tem director algum official ou officioso; elle rege-se, segundo as palavras textuaes

da sua lei organica, «por um congresso legislativo e por uma Comissão Executiva das deliberações desse congresso.»

O dr. Castilhos não tem autoridade nenhuma desse genero, assim como não tem para estar descompondo e mandando descompor pela «Federação» aos seus correligionarios.

O que se passa, em relação a esta folha, é a cousa mais indecente que dar se pôde: ella foi creada pelo partido republicano e com o dinheiro e influencia dos republicanos.

Em que se funda o administrador dessa folha para consideral-a órgão pessoal do dr. Castilhos?

O que se está commettendo é um verdadeiro estellionato, que deve cessar, pela honra pessoal do administrador da "Federação" e pela do dr. Castilhos.

Eu, particularmente, fiz um dia doação ao actual administrador da quantia, para mim avultada, com que soccorri o órgão do meu partido, em tempo em que, para dispor de taes economias, tinha de privar-me, a mim e minha familia, da mais vulgar abundancia, trabalhando ao lado dos peões da estancia e vestindo a roupa grosseira que a elles se distribuia. Não dou por mal empregado o meu presente, porque o cidadão Eduardo Marques bem o mereceu, pela sua boa administração da empreza; mas sempre queria conquistar a corriqueira cortezia de não me ferirem com a minha propria arma, e ainda mais dizendo de mim cousas que são elles os primeiros a saber que eu não mereço.

Fazem como certos antigos gaúchos de maus bofes, que pediam ao pacifico visinho a faca para fazer um cigarro, e cravam-lh'a no coração.

O que o partido republicano deve fazer quanto antes, para evitar a continuação de taes irreguralidades—é restaurar o seu sabio systema, no qual elle organisou-se, educou-se e preparava-se para vencer.

Convoquemos um congresso do partido.

Esse congresso que eleja a respectiva commissão executiva e esta que governe o partido, aproveitando o fecundo exemplo do passado, que, entre outras cousas, mostra bem claramente, quanto é funesto transformar partidos de opinião em simples exercescencia do officionalismo.

Eu entrei na liça, batendo-me contra a dictadura que feria o meu caracter de homem e cidadão.

Procurava salvar, senão os brios do paiz inteiro, pelo menos a honra de Rio Grande.

Não era isso uma luta partidaria.

O unico titulo que eu buscava em quem se approximava de mim era—o de inimigo do despotismo.

Foi a unica selecção que fiz.

Dizem que eram maus alguns instrumentos utilizados

nessa grande obra; convenho que sim; mas ha ainda alguma cousa peor do que elles: são os republicanos ineptos, que deixaram-se ficar vergonhosamente para traz de taes instrumentos.

Felizmente, foram bem poucos.

Agora, está vencida a tyrania, o Rio Grande está glorioso, mais do que nunca: eu ficarei na contemplação dessa grande obra, emquanto os que tem outros sentimentos procuram exploral-a ou a apedrejarem.

Minha missão está concluida.

Se morrer amanhã deixarei satisfeito uma vida que pude ter a ventura de occupar alguns instantes com a glorificação da minha Patria.

Se continuar a viver,—será para renovar constantemente esse nobre sacrificio e para constantemente desprezar e perdoar as pequenezas ou allucinações dos que não me comprehenderem.

Porto Alegre, 19 de Dezembro de 1891.

J. F. de Assis Brasil

*Doc. n. 3—Telegramma do dr. Julio
de Castilhos ao governo da União pedindo recursos
para suffocar a rebellião
contra o golpe de 3 de novembro*

Marechal Deodoro—Rio.—Em vista retardarem providencias que reclamei 8, aggravou-se muito situação.

Cidade Livramento foi tomada hoje, sendo gravemente ferido general Esidoro.

Algumas villas interior do Estado estão em poder dos revoltosos.

Estamos agindo com energia, mas precisamos mais recursos.

Urgente vinda encouraçados conduzindo mais forças. Barra dá passagem, sonda em mais de vinte palmos.

Envidaremos aqui todo esforço para suffocar rebellião.

Indispensavel declaração Estado de sitio.

Resposta urgente, via Buenos-Ayres. Uruguayana.— *Julio Castilhos.—Barão de Camaquã.*»

Doc. n. 4—*Decretos de adiamento
das eleições*

Decreto n. 28, de 2 de Maio de 1892.—Adia a eleição para preenchimento das vagas da representação rio-grandense no Congresso Federal.

O general governador provisório do Estado, pelos fundamentos constantes do decreto n. 27 desta data.

Decreta :

Art. 1.^o — Fica adiada para o dia 21 de Junho vindouro a eleição para preenchimento das vagas da representação rio-grandense no Congresso Federal.

Art. 2.^o—Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio do governo em Porto Alegre, 2 de de Maio de 1892.
Domingos Alves Barreto Leite.

Decreto n. 27, de 2 de Maio de 1892.—Adia para 21 de Junho vindouro a eleição da convenção rio-grandense.

O general governador provisório do Estado, considerando :

Que a convenção rio-grandense, convocada pelo governo provisório, será commettida a obra da reorganisação do Estado, por meio de seus órgãos legitimos, livremente instituidos pela opinião ;

Que será um obstaculo ao franco pronunciamento do eleito-rado a situação anormal em que se encontra o Estado, mal serenada a larga agitação de animos que se seguiu á revolução de Novembro ;

Que o principal empenho do governo consiste, na manuten-ção da ordem material, sem a qual não haverá construcção esta-vel e duradoura ;

Que o governo carece de tempo para a confecção de proje-ctos e exame das providencias que devem ser submittidas ao po-der legislativo, facilitando a uniformidade assim a acção deste ;

Que, finalmente, pelos motivos expostos, a eleição marcada para o dia 13 do corrente não consulta os altos interesses da so-ciedade ;

Decreta :

Art. 1.^o—Fica adiada para 21 de Junho vindouro a eleição da Confederação Rio Grandense, designada anteriormente para 13 deste mez.

Art. 2.^o — A referida Convenção se reunirá no dia 1.^o de Agosto.

Art. 3.^o—Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio do governo, em Porto Alegre, de 2 Maio de 1892.—
Domingos Alves Barreto Leite.

Doc. n. 5—*Telegramma do major Faria
ao gen. Bernardo Vasques*

«General Bernardo Vasques.—Respondendo vosso telegramma de hontem, transcrevo o topico do meu communicado ao marechal, alvitre proposto por Castilhos. General Barreto Leite entregará poder ao general Vasques, chefe do districto. Este chamará Castilhos, que não assumirá o poder, sendo seu unico acto renunciar, escolhendo vice-governador do Estado inclinado a aceitar accôrdo vossa escolha. Para evitar governo sem orçamento, seria chamado antigo Congresso que renunciará as suas funcções logo depois de votadas as leis de meios, procedendo-se então a eleição do governador e do Congresso.—(Assignado) Major Faria.

Porto Alegre, 2 de Julho de 1892.

Doc. n. 6—*Manifesto do general Barreto Leite*

Manifesto ao povo rio-grandense.

Chefe do governo instituido pela gloriosa revolução de Novembro, tive por principal preocupação, na difficil quadra que atravessamos, a manutenção da ordem publica.

No momento em que me cabe, renunciar este honroso posto, desnecessario é fazer o historico dos acontecimentos politicos no decurso do tempo de 12 de Novembro até esta data. Devem elles ainda estar vivos no espirito publico.

Continuaria investido das funcções que me foram delegadas pela revolução de Novembro, se julgasse efficaz a acção de meu governo no empenho de manter a ordem, preocupação que deve sobrelevar a quaesquer outras na actualidade, e em que deve consistir a suprema aspiração dos patriotas rio-grandenses.

As vacillações do governo central e as constantes perturbações que elle tem trazido ao funcionamento do apparelho administrativo deste estado, já adiando indefinidamente medidas de importancia capital, já confiando a um funcionalismo hostile a politica inaugurada pela revolução de Novembro cargos da maior relevancia, no que diz respeito a manutenção da ordem, collocaram o governo deste Estado em situação difficil.

Todavia, a conducta do governo federal não influiria na actual situação da politica rio-grandense, se a opinião manifestada pelo orgão de alguns chefes, não houvesse quebrado a unanimidade do partido que me levou ao poder.

Esta grave scisão, desde logo operada no seio deste partido, enfraqueceu as reacções de meu governo contra o poder central.

O publico teve occasião de assistir ás scenas que lhe offereciam constantemente meus companheiros de revolução e alliados politicos, que lançavam recriminações e apodos sobre meu governo, a proposito das mais nobres acções, que sempre exprimiram preocupações sinceramente republicanas.

A despeito dos maiores esforços tentados para a convergencia das actividades de que emergiu a actual situação, vi constantemente perturbado esse objectivo pelas preocupações pessoases, immoderado desejo de mando, ou por inconfessaveis caprichos.

O que é verdade é que o programma politico que devia servir de base á organização do Estado, foi atirado a margem por grande numero de companheiros de jornada, quando uma agitação esteril e perturbadora scindiu o partido que servia de forte apoio ao meu governo.

Então as autoridades de varios pontos do Estado, muitas das quaes adheriram ao programma perturbador, começaram a crear dificuldades ao funccionamento do poder publico, que se vio forçado a destituil-as em massa, entregando a direcção da politica local a sinceros amigos.

Ao mesmo tempo, a ordem publica era permanentemente ameaçada pelos partidarios do governo deposto pela revolução, os quaes confiavam e ainda confiam a restauração desse ominoso poder a uma possivel conflagração do Estado, empenho por mais de uma vez mallogrado.

Nesta emergencia, fôra difficil manter a politica governamental, porque ao obstaculo opposto pelos anarchistas sem ideal e sem fé, juntava-se a circumstancia acima apontada de achar-se profundamente modificada a attitude dos antigos companheiros politicos, muitos dos quaes, como disse, acham-se investidos de importantes funcções publicas.

Não era natural que o governo preferisse tomar a providencia de garantir nas localidades o seu intuito politico, o que poderia trazer unicamente perturbações promovidas pelos grupos hostís á administração, quando lhe era facil confiar a direcção do Estado áquelles que presumem ter o apoio do partido e que, pelo menos, tinham seus amigos investidos de funcções publicas.

Foi nestas condições que eu, para não assumir a responsabilidade de uma tal situação, que não foi creada por mim, nem por meus amigos, resolvi confiar, com a responsabilidade dos destinos deste Estado, a direcção politica ao grupo divergente.

Por outro lado, o governo entendia que o pleito eleitoral viria a dar logar a provaveis perturbações da ordem, e, sempre subordinado ao intuito de garantir a paz publica, julgou que não era esse o caminho por que devêra enveredar.

Assim, porém, não entenderam aquelles chefes politicos, que desde muito começaram a crear embaraços á acção adminis-

trativa e que affirmavam poder presidir, em plena calma, a uma eleição neste Estado.

A estes, pois, caberá a responsabilidade dos successos que se seguirem.

Ao passar a administração ao illustre marechal visconde de Pelotas, eu renuncio o cargo de que me investiu a revolução de novembro, e faço ardentes votos pela paz e prosperidade do Rio Grande do Sul.

Aos meus concidadãos devo declarar que não recusarei jamais os meus serviços á causa da ordem e da Republica, cuja consolidação só poderá ser perturbada por ambiciosos vulgares e politicos sem fé.

Não me liga ao novo governo nenhum laço de solidariedade politico; como rio-grandense e amigo da Republica, desejo ardentemente que elle possa levar a cabo a ardua tarefa de que está investido.

Aos meus concidadãos agradeço os inequívocos testemunhos de consideração de que fui objecto durante os mezes do meu governo.

Porto Alegre, 8 de junho de 1892.—General *Domingos Alves Barreto Leite.* »

Doc. n. 7—*Manifesto do Visconde de Pelotas*

«Ao Rio Grande do Sul.

Retirado ha muito da politica, sem ligações partidarias, ainda assim fui obrigado ao grande sacrificio de acceitar o governo desse Estado, com o unico intuito de evitar a perturbação de ordem e de que se proceda á eleição da Convenção, com a mais ampla liberdade.

Espero dos bons filhos desta terra a sua leal coadjuvação, sem a qual não ha governo que possa sustentar-se.

Tudo pela Patria e pela liberdade.

Porto Alegre, 8 de Junho de 1892. *Visconde de Pelotas.*»

Doc. n. 8—*Telegramma do vice-presidente da Republica ao Visconde de Pelotas*

«Fico inteirado de haverdes assumido o governo desse Estado e faço voto para que com o vosso prestigio possaes, sem o menor abalo, fazer entrar o Rio Grande no regimem da tranquillidade e segurança publica.

Doc. n. 9—*Telegramma do marechal Floriano
Peixoto ao general Bernardo Vasques*

«General Bernardo Vasques. —Fico sciente vosso telegramma que trata do estado sanitario forças, assim como de politica apaixonada. Li carta dirigida ao ministro e elle vos responderá sobre Izidoro, Bacelar, e commandantes que se interessam mais pela politica do que pelo cumprimento dos deveres militares. Por aqui felizmente tudo vai bem, acabaram-se os boatos, vai-se levantando a confiança publica, até no estrangeiro, onde nosso credito vai-se firmando.

« O que presentemente mais me preoccupa é a crise politica desse Estado que espero resolvel-a com vosso auxilio e vossa dedicacão.—(Assignado) *Floriano*. Rio de Janeiro, 3 de Junho de 1892.

Docs. n. 10—*Telegrammas do visconde de Pelotas
ao barão de S.^{ta} Tecla*

A)—« Constando que os inimigos da ordem pretendem conflagrar o Estado, cumpre estar alerta, prevenindo os amigos do governo e das instituicões. A' primeira noticia de movimento na Capital ponhão-se em armas para sustentar os effeitos da revolução de Novembro. »

B)—« Vencidos Novembro ameacão pertubar paz com a chegada de batalhões hoje a esta capital. Previno que general Silva Tavares, já nomeado, assumirá governo, momento preciso, mesmo em Bagé, se realisar-se intervençã forças federaes aqui ; caso houver movimento ahi convém amigos congreguem elementos para resistir e auxiliar proficuamente autoridades. »

Doc. n. 11—*Diario official de 18 de Junho de 1892*

Reincidindo na publicacão de noticias inexactas, um dos orgãos na imprensa desta capital inserio, hontem, um telegramma, «assegurando haver-se sublevado a guarnicão de Porto Alegre.»

Falsa é está asserçã do despacho telegraphico ; pois que as forças federaes, obedecendo patrioticamente á disciplina e á unidade da acçã, em todo o Estado do Rio Grande do Sul, se têm conservado neutras diante dos factos politicos alli occorridos.

O governo da Uniã, cumprindo restrictamente a lettra da Constituiçã Federal, não intervem e veda a intervençã das forças federaes na vida interna dos Estado autonomos. »

Doc. n. 12—*Exposição do Visconde de Pelotas.*
(*Reforma de 23 de junho de 1892*)

« Os acontecimentos do dia 17 de junho obrigam-me a dar os motivos porque passei o governo deste Estado ao benemerito general Silva Tavares, 2º vice-governador.

Ficando absolutamente sem forças para reagir contra a policia sediciosa, cercado unicamente por forças federaes, cujo auxilio me foi negado pelo commandante do districto, general Bernardo Vasques, entendi que passando o governo ao meu benemerito patricio, elle teria, mais do que eu, meios de agir contra esta pretensa «legalidade».

Quando assumi o governo do Estado fiz communicação ao sr. vice-presidente da Republica e pedi-lhe não consentisse que estacionassem nesta capital certos corpos, com cuja neutralidade não podia contar.

O sr. vice-presidente da Republica deu-me a resposta que transcrevo :

« Visconde de Pelotas — Não tem o menor fundamento boatos alarmantes ali espalhados ; nos Estados reina paz e tudo faz erer que ás continuas perturbações da ordem, succederá completo socego publico.

Quanto á parada dos corpos dessa guarnição, já approvei indicação general Vasques, em cujo criterio muito confio.

Confio tambem no bom senso e no patriotismo de nossos camaradas que, estou certo, não se apaixonarão pela politica até o extremo de, como receiaes, concorrerem para uma guerra civil, occasionando desmembramento Republica. — *Florianos.* »

Tive a «ingenuidade de acreditar».

Tive a «ingenuidade de acreditar», recebendo este telegramma, «na neutralidade do sr. general commandante do districto. »

Minha illusão porém, não durou muito.

A insurreição dos corpos de policia, unica força ás minhas ordens, não seria motivo para deixar o governo ; mas a «manifesta intervenção do sr. general commandante do districto, consentindo que do arsenal de guerra sahisse grande quantidade de armamento», que foi distribuido a pessoas estranhas ao exercito, segundo informações que tive, mostraram-me claramente a intervenção indebita de quem tinha o dever de ser neutro e que «me havia alguns dias antes», assegurado que a força armada não tomaria parte nos negocios deste Estado.

O pronunciamento de generaes, um dos quaes apresentou-se gentilmente de «Comblain» ao hombro nas ruas desta cidade, de officiaes superiores, indo um coronel de infantaria intimar ao digno official que commandava a guarda do palacio, a que os deixasse subir para o edificio, e ainda mais a do ajudante de ordens do sr. general commandante do districto, galopando pelas

ruas, dando vivas á «legalidade», não me deixaram a menor duvida que «a sedição era animada pelo sr. general Bernardo Vasques», que tinha o imperioso dever de se não envolver nos negocios do Rio Grande.

A' s. ex. officiei fazendo chegar ao seu conhecimento as denuncias que recebia do armamento tirado do arsenal, e o sr. general «commetteu a desconsideração de não responder-me», esquecendo-se que a isso o obrigava o cargo que exercia, e até mesmo a simples cortezia, quando quem se lhe dirigia, além de ser o governador deste Estado, era tambem a primeira patente do exercito.

A unica resposta que deu a este meu officio, foi a demissão ou suspensão do pobre porteiro do arsenal.

Julguei-me obrigado a romper o silencio que até agora tinha guardado, dando conhecimento ao paiz de um «facto revoltante», que estamos certos será altamente reprovado pelo sr. presidente da Republica, que lamentará o incorrecto procedimento do seu delegado militar neste Estado.

Lamento profundamente trazer ao conhecimento do publico estes miseraveis acontecimentos, mas não podia calar-me, sob pena de parecer covarde o meu silencio, ou de acceitar, resignado a intervenção do sr. commandante do districto, que se julgou com o direito de dar governador a este infeliz Rio Grande do Sul.
— *Visconde de Pelotas.* »

Doc. n. 13—*Telegramma do general Silva Tavares ao Visconde de Pelotas*

« Visconde de Pelotas.— Bagé, 19 de Junho, ás 6 horas da tarde—Em vista do vosso telegramma de hoje, officio de 14, communicando minha nomeação de 2º vice-governador do Estado, e transmittindo-me ao mesmo tempo exercicio do governo, participo-vos que nesta data assumi as funções do cargo de governador nesta cidade.—General *Silva Tavares.* »

Doc. n. 14—*Telegramma do marechal Floriano Peixoto ao general Silva Tavares*

« General Tavares, 15-6-92.—Sciente vossa nomeação 2º vice-governador, governo federal continúa firme em sua politica de não intervenção no regimen interno dos Estados, tendo recommendado á força federal ahi a mais completa neutralidade nas lutas politicas e partidarias.—*Floriano Peixoto.* »

Doc. n. 15—*Telegramma do marechal Floriano Peixoto ao dr. Victorino Monteiro*

« Dr. Victorino Monteiro.—Sciente do que me communicaes em vosso telegramma de hoje, faço votos para que tenhais a gloria de conseguir o completo triumpho das idéas republicanas, acalcamento de paixões partidarias para tranquillidade familia rio-grandense. Para consecução de tamanhos bens, podeis contar com o meu concurso, assegurando-vos que elles constituem uma das minhas maiores aspirações.—*Floriano Peixoto.* »

Doc. n. 16—*Decretos do dr. Julio de Castilhos relativos á escolha do vice-presidente e renuncia do cargo de presidente*

A) «Julio Prates de Castilhos, presidente constitucional do Estado do Rio Grande do Sul, tendo reassumido o governo em virtude do movimento revolucionario, operado hoje nesta capital pela multidão popular em fraternisação com a guarda civica, resolve no uso da attribuição que lhe confere o art. 10 da Constituição, decretada e promulgada a 14 de julho do anno passado, escolher para o cargo de vice-presidente o dr. Victorino Monteiro.

Palacio do Governo em Porto Alegre, 17 de Junho de 1892.—*Julio Prates de Castilhos.* »

B) «Julio Prates de Castilhos, tendo, por decreto datado de hoje, no uso da attribuição constitucional, escolhido para o cargo de vice-presidente do Estado do Rio Grande do Sul o dr. Victorino Monteiro, resolve renunciar o cargo de presidente do mesmo Estado, do qual foi investido por eleição da assembléa dos representantes, logo após a decretação e promulgação da Constituição de 14 de julho do anno passado.

Palacio do Governo em Porto Alegre, 17 de junho de 1892.—*Julio P. de Castilhos.* »

Doc. n. 17—*Decreto pelo qual são declarados insubsistentes todos os actos posteriores a 12 de novembro de 1891*

Decreto n. 31 de 18 de junho de 1892. — (Declara insubsistentes todos os actos relativos á organização judiciaria posteriores a 12 de novembro do anno passado).

Em virtude do restabelecimento da ordem constitucional que se opera neste Estado, o vice-presidente decreta : Ficam

insubsistentes todos os actos relativos á organisação judiciaria posteriores a 12 de novembro do anno passado, devendo continuar em vigor as leis e provimentos anteriores.

Palacio do Governo em Porto Alegre, 18 de junho de 1892.—
Victorino Monteiro.

Doc. n. 18—*Decreto de convocação
da Assembléa Estadual*

Considerando que a Assembléa dos Representantes, em virtude das occurrencias de Novembro do anno passado, que anarchisárão todos os serviços publicos, foi forçada a interromper os seus trabalhos ;

Considerando que, restabelecido o regimen legal da Constituição de 14 de Julho, é de maxima necessidade o funcionamento regular de todos os seus apparatus ;

Considerando que, no dominio de um governo constitucional, a confecção da lei orçamentaria impõe-se como o mais necessario e urgente de todos os serviços ;

Considerando que não é licito ao Governo republicano, constituido pela reposição gloriosa da legalidade constitucional, espaçar por mais tempo a normalisação dos serviços orçamentarios do Estado com a especificação das suas rendas e despesas ;

O Vice Presidente do Estado, exercendo a attribuição que lhe confere o art. 20 § 5º da Constituição Politica do Rio Grande do Sul, convoca a Assembléa dos Representantes para reunir-se extraordinariamente em 14 do mez corrente, afim de elaborar e votar o orçamento das rendas e despesas do Estado e exercer as demais attribuições constitucionaes que lhe competem.

Palacio do Governo em Porto-Alegre, 5 de Julho de 1892.—
Victorino Monteiro.

Doc. n. 19—*Mensagem do dr. Victorino Monteiro*

« Dirigindo-vos a palavra no momento em que reencetais o exercicio de vossas altas funcções, congratulo-me convosco pela victoria da inexcedivel revolução de 17 de Junho, levada a effeito pelo partido republicano. Bem conheceis as deploraveis occurrencias que tão tristemente assinalárão o periodo decorrido de Novembro a Junho.

Digno pela nobreza da causa que o determinou, patriotico pela elevação de seu verdadeiro objectivo, o movimento revolucionario effectuado contra a attentatoria dissolução do Congresso Nacional foi logo deturpado pela paixão partidaria e pelas ambições dos politicos que nelle tomarão parte á ultima hora.

Formada no estado uma junta governativa, que prometeu governar pela concordia e fraternidade, teve ella uma existencia de poucos dias. Desde logo ficou evidente que não se poderia constituir governo estavel sem o concurso activo do partido republicano. Os factos posteriores offerecem confirmação irrefragavel.

O espirito de fracção tomou conta do governo do Estado e creou uma situação insustentavel.

Fragmentando-se o partido denominado federal, manteve no posto governativo o representante de um dos grupos divergentes, isto é, do grupo que não tinha força numerica, ficando em posição hostile os partidarios da parlamentarismo.

Começou então a substituição brusca dos Governadores, anarchisando-se cada vez mais a administração, que perdera de todo a confiança publica. Ao mesmo tempo, forão successivamente apparecendo os decretos de adiamento da eleição que havia sido convocada como um pleito de honra, logo após os successos de Novembro. Estava assim installada a dictadura por aquelles mesmos que haviam tomado parte no protesto contra o acto dictatorial do Sr. marechal Deodoro.

Por outro lado, forão supprimidas todas as garantias no Estado exposto á mais desenfreada anarchia, que punha em constante perigo a propria segurança individual. Instaurarão-se inquisitorialmente processos illegaes e tumultuarios; effectuarão-se prisões em toda a parte, sem a minima observancia das leis, sem que fossem ao menos guardadas as apparencias dos mais rudimentares escrupulos; desacatou-se a familia; violou-se a propriedade; commetterão-se os mais selvagens assassinatos, succumbindo respeitaveis cidadãos. Em uma palavra, instituiu-se officialmente o regimen do terror.

Em uma tão angustiosa situação, o partido republicano, não podia fazer senão o que fez; reagir pela força contra o poder oppresso, libertando da dictadura e do opprobrio o Rio Grande do Sul.

Para este fim, os seus chefes planejáráo a revolução, que devia realizar-se no momento opportuno, esperando com anciedade.

Não poderia haver ensejo mais feliz do que o que foi proporcionado pela dictadura, ao entregar o governo do Estado á facção que alvorára a bandeira do parlamentarismo, contraria á Constituição da Republica

Está brilhantemente victoriosa a revolução em todo o Estado, cuja pacificação definitiva tem sido o meu principal empenho.

Exercendo o cargo de vice-presidente em virtude da nomeação feita, de accôrdo com a Constituição do Estado- pelo presidente resignatario, entendi que, restaurado o regimen constitucional, não podia e não devia eu governar sem os meios orçamentarios, legalmente decretados. Por isso convoquei a vossa reunião.

No decreto de convocação estão expostos todos os motivos da minha iniciativa ; peço para elles a vossa attenção.

Deixo de enviar-vos uma proposta de orçamento, porque entendo que, em face da situação excepcional, oriunda da revolução de 17 de Junho, não é possível decretar um orçamento regular para reger o segundo semestre do presente exercício financeiro.

Como sabeis, a revolução é um caso de força maior, que está fóra das previsões do legislador constituinte. O regimen constitucional foi interrompido por um movimento ; a a sua restauração foi o effeito de um movimento da mesma natureza, isto é, revolucionario tambem. As duas revoluções crearão circumstancias extraordinarias, que exigem providencias do mesmo caracter.

Penso, portanto, que deveis decretar um orçamento provisório para vigorar até o dia 31 de Dezembro do corrente anno, semelhante ao que decretastes em Agosto de 1891. Julgo tambem que na vossa proxima reunião de 20 de Setembro, deverá ser decretado o orçamento normal para regular o exercício de 1893.

Tenho providenciado para que sejam presentes á vossa attenção todos os dados e esclarecimentos relativos á situação actual do Thesouro do Estado, para servirem de base ás vossas sabias resoluções.

E' escusado accrescentar que estou prompto a ministrar-vos todas as informações de que carecerdes para o bom andamento de vossos trabalhos.

Depositario da confiança do partido republicano riograndense, portador fiel do pensamento grandioso da gloriosa revolução de 17 de Junho, asseguro-vos que, com o mesmo empenho que combati o golpe de Estado de 3 de Novembro, saberei honrar e defender o alto posto em que me collocou a confiança dos republicanos do Rio Grande do Sul. — *Victorino Monteiro.*»

Doc. n. 20—*Telegramma da commissão executiva*

O *Diario Popular*, de Pelotas, de 19 de Junho, publicou o seguinte telegramma :

« Os depostos pela brilhante e generosa revolução de 17 de Junho espalham boatos falsos e mentirosos. Em vez de corresponderem devidamente a attitudo calma e magnanima da legalidade triumphante, fazem vãos esforços para convulsionar a nossa terra querida.

Tude será baldado !

O Governo legal do dr. Victorino Monteiro, já reconhecido pelo Presidente da Republica, e apoiado pelas grandes forças do exercito nacional e pelas legiões republicanas, manterá a ordem, que os despeitados pretendem subverter.

8.000 homens o sustentam no norte do Estado; 4.500 nas fronteiras de Sant'Anna, Quarahy e Uruguayana. Para aqui marcham forças numerosas, entrando neste momento na cidade as brilhantes legiões gauchas de Pedro Osorio e Ismael Simões.

Em Porto Alegre, estão o 13., 14., 30. e 29. de infantaria, um parque de artilharia, escola militar toda unida ao lado do governo legal, 300 homens de guarda cívica.

Tudo que dizem os adversarios é falso porque elles não dispõem do telegrapho.

Viva a Republica!

Estejam tranquillias as familias; o partido republicano pelotense, conta com elementos de guerra infalliveis e está disposto a tudo.

Ver-se-ha que não blasonamos.

Viva a legalidade!—*Commissão Executiva.*

Doc. n. 21—*Intimação do dr. Barros Cassal
ao general Bernardo Vasques*

« *General Bernardo Vasques.*—Falseastes a vossa missão e faltastes ao cumprimento do vosso dever intervindo contra expressa disposição da Constituição da Republica, nos negocios politicos deste Estado.

Acabastes de instituir, por emboscada, um governo que o Rio Grande do Sul não pôde reconhecer, porque o condemnou a revolução de novembro. Collocastes na administração do Estado aquelles mesmos que o povo riograndense, em sua unanimidade, de armas na mão expellio da suprema direcção governamental, quando cúmplices do attentado de 3 de novembro, empunharam armas para defesa do grande crime.

Ao mesmo tempo trahistes o pensamento do governo federal, que, oriundo dessa gloriosa revolução, não a poderia jamais repudiar.

O commercio está alarmado. A familia porto-alegrense está ameaçada de graves perigos. Mandastes abrir as portas do arsenal de guerra a criminosos; as portas da cadeia civil foram violentadas, e condemnados recebem de vossos commandados armas e munições, que distribuiu em profusão.

Mandastes tomar violentamente as estações da estrada de ferro de Porto-Alegre a Uruguayana, e o major Telles de Queiroz, com o vosso assentimento, proclamou-se director dessa repartição federal.

O sangue do povo riograndense começa a tingir o solo deste glorioso Estado; em muitas localidades têm sido victimas dezenas de cidadãos.

A familia porto-alegrense está de lucto e vós sois o principal autor das tristes scenas que envergonham a patria rio-grandense.

Creastes para o glorioso exercito, que sempre foi aqui a guarda avançada da Constituição e da Republica, uma situação excepcional; julgando-vos orgam dos intuitos do governo federal, elle vacilla em desobedecer-vos, não porque se arreceie do cumprimento do dever, mas porque lhe repugna quebrar os laços de disciplina.

E', pois, em nome das forças de terra, da marinha e do povo, que concito-vos a abandonar a posição de que estaes investido, e na qual só vos poderei conservar á custa do sangue rio-grandense.

A bem da Republica, da Constituição e da tranquillidade rio-grandense, espero que, dentro de uma hora, vos dignareis responder-me. — *João Barros Cassal.*

Doc. n. 22—*Manifesto do capitão-tenente Candido Lara ao povo riograndense*

Ao povo da Capital :

Na triste e dolorosa situação que atravessou este Estado e especialmente a capital, eu e meus leaes camaradas da marinha tomámos a nós o compromisso de honra de velar pela familia porto-alegrense.

Sabem todos que o arsenal de guerra foi devassado; distribuiram-se armas e munições por bandos de sicarios e condemnados, aos quaes abriram-se as portas da cadeia.

As ruas da capital estão tintas de sangue de filhos queridos da familia rio-grandense.

Matam-se em pleno dia e em plena rua homens inermes ! O honrado cidadão Ernesto Paiva foi traioeiramente assassinado por um bando de policiaes armados !

Officiaes do exercito, pesa-me dizel-o, puzeram-se á frente de uma horda enfurecida de selvagens, armados de sabres da policia, e affrontaram os brios do glorioso exercito, injuriando atrozmente o seu mais elevado representante na ordem hierarchica.

Por honra da Patria, devo dizel-o, poucos foram aquelles que assim quizeram deslustrar a classe armada, a que eu e meus companheiros orgulhamos de pertencer.

Pois bem ; nesta grave emergencia a simulação da *neutralidade* é por si só indicio de cumplicidade nos crimes que se estão commettendo.

Tudo empenho em defesa da vida e da prosperidade do povo da capital. No momento em que bandos de sicarios armados, intitulados policiaes, assaltavam e matavam cidadãos inermes

nas ruas da cidade, eu e meus camaradas nos resolvemos a intervir de armas na mão em defeza da sociedade aggredda. Foi esta a minha attitude e continuará a ser.

O governo central ignora o que se passa, porque o telegrapho está sequestrado dos servidores publicos e em mãos da policia revoltada.

Falsificam-se ordens do governo para emprehender-se o exito de criminosos planos; foi assim que pela astucia pretendeu-se arrancar-me do commando desta flotilha por telegrammas visivelmente falsos e fantasiados no arsenal de guerra.

Quaes os responsaveis por esta desgraçada situação? o publico os conhece e com indignação pronuncia-lhe os nomes. Jamais tão grande crime foi commettido contra os brios de um povo livre e digno.

Saiba, porém, o publico que, se por instantes, levados por necessidade da ordem, eu e meus camaradas affastarmo-nos daqui, só faremos resolvidos a attender ao primeiro reclamo do povo da Capital.

Em nossa curta ausencia, elle tem a quem responsabilisar pela continuação dos crimes que se hão de seguir.

Em defeza da ordem, da sociedade e da patria, vilmente trahida pelo alto funcionario, cujo nome a população da capital repete com indignação, eu e meus camaradas nos collocamos ao lado do povo e do exercito, honrando assim os intuitos do governo da Republica.—Capitão-tenente *Candido Lara*; chefe interino da flotilha » (*)

Doc. n. 23—*Protesto do capitão-tenente Lara*

« CANHONEIRA MARAJÓ »—*Protesto necessario*:—Depois dos successos que se deram na capital do Estado e que tão vilmente têm sido adulterados e narrados pela imprensa dos aviltadores deste heroico Rio Grande, tenho procurado manter-me em uma posição completa de expectativa, sem nada dizer; porque espero occasião opportuna para, desaffrontando-me, confundir os miseraveis pescadores de aguas turvas, bachareis ignorantes, detractores, sem eira nem beira, dignos certamente de uma caldeira de Pedro Botelho.

Entretanto, factos têm havido, que não posso deixar passar sem uma terminante e energica contestação, para que, sejam apreciados e fulminados pela sensata opinião publica, que é o

(*) E' de toda a opportuidade lembrarmos que este official de marinha vindo ao Rio de Janeiro não foi submettido a processo; depois de uma curta detenção foi-lhe concedida a liberdade e pouco despois até distinguido com uma importante commissão a Europa. Era ministro da marinha o contra-almirante Custodio José de Mello.

unico juiz dos nossos actos, em uma quadra como esta, e tambem a unica soberania que deve imperar e mandar em uma terra de liberdade e independencia, como este brioso Rio Grande do Sul.

Quando cheguei a esta cidade, a população inteira foi testemunha de que só me entendi com os meus camaradas de mar, tendo á sua frente, como chefe da flotilha, o Sr. capitão de mar e guerra José Antonio de Alvarim Costa.

Entretanto, pelo telegramma do Sr. general Bernardo Vasques, instrumento de ataque aos brios rio-grandenses, vê-se que S. Ex. congratula com o Sr. tenente-coronel Antonio Fernandes Barbosa por ter-me prendido e aos meus dignos officiaes, na sua *monumental* opinião, meus cúmplices phantasticos de rebelião ! para não dizer a verdade, que é de desaffronta á minha corporação, tão covardemente atacada por S. Ex. na pessoa illustre de seu chefe o Sr. capitão de mar e guerra Eusebio de Paiva Legey, que foi por S. Ex. vilmente trahido.

Eis o referido telegramma :

« Porto Alegre, 26. — Sciende vosso telegramma de hoje, de terdes conseguido prender Lara e seus cúmplices no crime de rebelião aqui commettido contra o governo federal. Louvo esforços e zelo com que desempenhastes tão honrosa commissão, cujo resultado trouxe tranquillidade na população desta capital. — (Assignado) *Bernardo Vasques* ».

Em meu nome e dos meus leaes e briosos camaradas dos dias de Junho e da inelyta corporação da armada, protesto contra esse telegramma, que é mais uma affronta e atrevimento jogado contra os nossos brios e da corporação a que nos honramos de pertencer, e que tão desconsideradamente tem sido tratada, desde os perfidos dias de revolta e amotinação de meia duzia de soldados do glorioso exercito brasileiro, guiada traiçoeira e covardemente por chefes ingratos e impatriotas.

Jámais, eu ex-commandante da canhoneira *Marajó* e meus denodados camaradas, inclusive a ultima praça que a tripula, nos entenderiamos com quem quer que fosse, a não ser official de nosso officio e em caso de nenhum haver nesta cidade do Rio Grande, tinhamos telegraphado para dar contas nossas aos nossos superiores de mar e nunca áquelles que, fazendo vergonhosa excepção ao valente exercito brasileiro, entendem que este Brazil é burgo pôdre delles e devem dispôr a seu talante com toda a desfaçatez, encerrando em xadrezes nossos marinheiros e desfeitoando nossos chefes, como ultimamente aconteceu em Porto Alegre, por ordem e assentimento do pretenso e futuro candidato á presidencia da Republica Federativa do Estados Unidos do Brasil, o *preclaro* general Bernardo Vasques.

Lamento do fundo de minh'alma, que o Sr. capitão de mar e guerra, actual chefe da flotilha deste Estado, desacatado em sua autoridade e coberto de aviltamento pelo telegramma do truculento commandante do 6º districto ao seu preposto nesta cidade, não tivesse protestado immediatamente, como devia

fazel-o; porque ao illustre representante da marinha não lhe constava que tivesse desaparecido o seu ministro e que á frente da sua corporação estivesse collocado um Bernardo Vasques.

E' preciso que os Srs. generaes do exercito brasileiro, que fazem saliente excepção aos seus pares, e que aceitam missões tão tristes e perfidas, como o Sr. commandante do 6º districto se convençam de que a nação brasileira não paga só, com o suor de seu trabalho e locubrações, para defesa de sua honra interna e externa, manutenção da ordem e tranquillidade publica, ao preclaro exercito nacional, como tambem dessa missão, que é sagrada, não está desobrigada a armada brasileira, que é a força que opera sobre a agua.

« Fique certo S. Ex. que não conseguirá, nem ninguem neste paiz, insultar e affrontar impunemente uma corporação, que, como a de terra, *separando o joio do trigo*, e que tem sabido collocar-se sempre em posição digna, ha de ainda salvar este grande Brazil, preso das ambições de brasileiros, que só visam o vertice da pyramide para darem-se em espectáculo ao universo inteiro, ao tristissimo labor que só traria o descalabro desta nacionalidade.

Rio Grande, 15 de Julho de 1892.—*Candido dos Santos Lara*, capitão-tenente ».

Doc. n. 24—*Telegrammas do governo da União
a varias autoridades
federaes no Rio Grande do Sul*

Rio Grande do Sul.—Ao sr. general Bernardo Vasques :

« Sciende do vosso telegramma, declaro que não deveis ceder á intimação que, como dizeis, recebestes em nome de Cassal e capitão-tenente Lara.

Deveis protestar, fazendo recahir a responsabilidade inteira sobre esses cidadãos sem patriotismo.

Tomai todas as medidas de cautela ou para evitar perdas de vida, etc., bem como para garantir as familias, chamando tambem em providencias a respeito a força armada sob vosso commando.

Repito, recaia a responsabilidade sobre os mãos brasileiros. »

« Saudo a V. Ex. e a todos os bons camaradas e correligionarios que, estou certo, não pouparam esforços para o restabelecimento da ordem e tranquillidade nesse Estado, que desgraçadamente esteve sob o governo e dominio de homens perfidos e sem patriotismo.

Estou sciende da conducta e attitude criminosa da flotilha, de Cassal e Annibal, que, não contentes e satisfeitos do mal que pretendem fazer a esta Patria, já tão cheia de difficuldades, procuram victimar o grupo de crianças da Escola, que se deixam seduzir.

Responsabilidade inteira ha de recahir sobre esses mãos brazileiros, não excluindo o autor principal, que, em tempo, raspou-se para esta capital.

Sempre foi meu objectivo a união do partido republicano desse Estado, não me lembrando, nem mesmo ficando magoado da opposição que me faziam, certamente porque suppunham que eu seria capaz de esquecer a Republica para satisfazer odios e paixões pessoases dos que se dizem amigos do governo ; para alcançar esse objectivo, empreguei todos os esforços possiveis, que, afinal foram baldados.

Neste meu procedimento, nunca autorisei injustiças nem perseguições e, no emtretanto, eu acarretaria com a responsabilidade de todos os males que ahi se davam, e assim procedia por não dever hostilisar aquelles, que sempre apresentaram-se como amigos sinceros.

Apparecendo a crise levantada por esses amigos, que preferiram entregar o governo ao partido parlamentarista em vez de abraçarem-se aos companheiros do grande partido presidencial, a conducta delles foi logo reprovada.

A resistencia para a união vem só, estou certo de Demetrio e seu pequeno grupo.

Este governo não pôde, nem deve prestar seu apoio moral senão ao partido republicano e assim, chegada a occasião estatuída pela Constituição Federal, prestareis auxilio prompto e efficaz para o restabelecimento da ordem e tranquillidade da familia rio-grandense.

Em nossa Constituição está como sabeis, notado o caso de intervenção das forças federaes ; tendes, portanto, authorisação, com plenos poderes, para agirdes com aquelle criterio de que sempre dispuzestes.

Em presença do que se passa nessa capital, ficaria eu muito apprehensivo se não contasse como certo com o effeito das acertadas medidas que seguramente já deveis ter tomado para manutenção da dignidade e força moral das autoridades, bem como para restabelecimento da ordem e tranquillidade dos habitantes dessa bella capital.

Confio em vós, nos bons camaradas e nos republicanos que estão á frente desse governo, e podeis contar com o prestigio e apoio de que posso dispor.

Hei de provar a este Brasil que acima de qualquer interesse colloco esta grande Republica que, agora mais do que nunca, carece dos serviços de seus filhos. »

Ao dr. Victorino Monteiro :

« Fico sciente do que occorre nessa capital.

Vou agora mesmo telegraphar ao general Bernardo Vasques sobre medidas energicas a tomar, e o ministro da marinha, que ha pouco se retirou para casa, passará *ultimatum*, que tambem considero indispensavel.

Ficai certo, bem como os vossos amigos, que não pouparei esforços para reforçar vosso patriótico governo, que desta vez firmará a paz da familia rio-grandense.

Continuo a apreciar devidamente as medidas tomadas, e folgo de ver que o Rio Grande do Sul em sua maioria, levanta-se para defeza da bandeira republicana.

Penso tambem que Joca Tavares não resistirá; elle bem conhece os chefes que marcham para combatel-o.

O ministerio da marinha tem providenciado tambem para que seja impedida qualquer aggressão da canhoneira *Camocim* e telegraphou, como deveis saber, ao capitão-tenente Lara.

Acreditai que o nosso illustre almirante, sincero e leal como sempre, estará pela Republica, como todos que ainda amam esta patria.

Saúdo-vos e felicito-vos pela coragem e energia do vosso proceder, bem como aos republicanos sinceros e patriotas que ahi estão trabalhando pela boa causa da consolidação da Republica.

Já tomei todas as providencias para defeza de Pelotas e Rio Grande contra qualquer affronta da *Camocim*, fazendo tambem guardar a barra para sua livre navegação.

Sabeis que o general Bernardo Vasques tem poderes amplos para restabelecer a ordem e agir no sentido da manutenção do governo republicano. »

Ao dr. Victorino Monteiro :

« Em consequencia do aviso recebido sobre os acontecimentos dos rebeldes nessa capital, telegraphiei ao general Bernardo Vasques, afim de agir empregando todos os recursos para suffocar esta descommunal rebeldia.

Conto que esse illustre general fará restabelecer a ordem e a tranquillidade publicas, castigando severamente os inimigos desta patria republicana.

O ministro da marinha enviou *ultimatum* ao capitão-tenente Lara, providenciando desde hontem á noite no sentido de seguir o capitão de mar e guerra Alvarim Costa com a canhoneira *Camocim*, que fará render a *Marajó*.

Este chefe já communicou que ia seguir, estando ahi amanhã.

E' profundamente lamentavel que forças federaes batam-se, quebrando assim neutralidade; mas que fazer, se a patria está acima de tudo ?

Caia a responsabilidade inteira sobre esses mãos brasileiros que procuram convulsionar esse grande Estado, dando deste modo golpe profundo na consolidação da Republica.

Viva a Republica ! »

« Sciente conteúdo vossos telegrammas.

Não me surpreendeu conducta brilhante e patriotismo dos illustres membros do partido republicano, agindo como um só

homem para matar a hydra do interesse pessoal, do egoismo, do despeito e da inveja desses miseraveis inimigos da patria.

Louvores a todos esses e aos meus camaradas que, a par dos soldados, dão provas constantes do seu civismo.

Agora mesmo tomo todas as providencias para que a *Marajó* seja aprisionada no Rio Grande e presa a guarnição, com todos os criminosos que se acham a bordo.

Lêde meus telegrammas ao general Vasques, ao major Telles e ficareis sciente do movimento amigo da *Camocim*.

O que se passa nesse Estado é lamentavel e ao mesmo tempo util, porque desta vez ficará liquidada a situação politica que não pôde deixar de ser republicana.

Sempre a esta o meu apoio e a minha dedicação.

— Ao major José Caetano de Faria :

Sciente conteúdo vosso aviso sobre o barbaro proceder da *Marajó*, que teve felizmente resposta ao seu bombardeio.

Telegrápho agora mesmo ao general Vasques no sentido de defender a todo o transe esta importante capital, salvando assim vidas dessa população inerme, porquanto é esse o nosso rigoroso dever.

Conto que vós e demais camaradas secundareis esforços do nosso illustre general para completar satisfação dessa nobre missão.

E' profundamente lamentavel que forças federaes vejam-se na contingencia de baterem-se; mas que fazer, se a patria o exige ?

Recaia a responsabilidade sobre aquelles que, por amor de seus interesses, não trepidam levar esse Estado á guerra civil, o que não conseguirão, porque ainda existem patriotas.

Avante denodados camaradas !

Salvemos o partido republicano, porque assim salvaremos esta abençoada patria. »

Rio, 24 de junho (urgentissimo). Capitão-tenente Lara. — Intimo-vos a que immediatamente entregueis o commando ao capitão-tenente Nolasco, recolhendo-vos na primeira oportunidade, a esta capital. *Ministro da marinha.*

Rio, 24 de junho. — Bernardo Vasques. Segue para ahi a *Camocim* com pavilhão Alvarim, nomeado commandante da flotilha. *Ministro da marinha.*

Os telegrammas recebidos foram:

«*Porto Alegre*, 19 de junho. Cumprindo vosso telegramma recebido depois da entrega chefia flotilha, vou chamar commandante Garnier para empossal-o, seguindo eu para ahi. *Lara*, commandante da *Marajó*.

Porto Alegre, 19 de junho. Commandante Legey seguiu hoje para o Rio Grande. De manhã chamei com urgencia a esta capital o commandante Garnier. Este telegraphou ao chefe Legey pedindo como devia proceder em vista de meu chamado. Telegraphiei-lhe neste momento transmittindo-lhe vosso telegramma. A irresolução d'aquelle commandante me parece conveniente ordenar-lhe d'ahi que siga quanto antes para cá. *Lara*, commandante da *Marajó*.

Porto Alegre, 21 de junho.—E' de toda a conveniencia mandar entregar immediatamente o commando da *Marajó* ao capitão-tenente Nolasco.—O governador, *Victorino Monteiro*.

Rio Grande, 21—Primeira conducção amanhã sigo para assumir o commando da *Marajó*, conforme vossa ordem—*Garnier*, capitão-tenente.

Porto Alegre, 21 de junho—Acaba de regressar o capitão-tenente Nolasco a bordo da *Marajó*, tendo sido repellido pelo commandante *Lara*, tendo recusado a ordem do ministro. General *Vasques*.

Porto Alegre, 21 de junho. Acabo de receber vosso telegramma. Acto continuo dirige-me a *Marajó* afim de assumir commando. Não consegui, oppondo *Lara*, guarnição a postos bombardear cidade. Estão a seu bordo *Cassal*, *Annibal Cardoso* e outros dirigindo movimento hostile contra governo. Aguardo ordens. *Canhoneira Camocim* acompanha movimento *Marajó*.—*Pereira da Cunha*, capitão-tenente.

Uruguayana, 22 de junho. Recebi vosso telegramma dia 19. Fronteira Uruguayana tranquilla. *Christalino* commandante interino da flotilha.

Rio Grande, 23 de junho.—Chegou a *Camocim*. Nada de hostile. *Alvarim*, capitão do porto.

Rio Grande, 25 de junho. Chegou a *Marajó*. Nada de hostilidades. Por esta feliz noticia, peço-vos suspendaes máo juizo sobre *Lara*. Elle deseja justificação. *Garnier* tomou o commando da *Marajó*.

Exercito e autoridades civis muito coadjuvaram fortificando o porto. Officiaes ficam presos a bordo, civis entrego commandante militar. Saudo-vos e ao presidente. *Alvarim*.

O «Diario official» de 28 de junho de 1892 publicou ainda os seguintes documentos:

São estes os despachos telegraphicos trocados entre o snr. contra-almirante ministro da marinha e commandante e officiaes

da flotilha estacionada nos portos do Estado do Rio Grande do Sul, e relativos aos acontecimentos politicos alli recentemente occorridos.

«Do ministro da marinha ao commandante da flotilha:

Rio, 10 de junho.—Em vista dos ultimos acontecimentos havidos ahi, determino-vos a mais completa neutralidade attendendo, porem ao § 3 do art. 6.º da Constituição.

Do ministro da marinha ao commandante da flotilha do Alto Uruguay:

Rio, 10 de junho.—Em vista dos ultimos acontecimentos havidos ahi, determino-vos a mais completa neutralidade, attendendo porém ao § 3 do art. 6.º da Constituição.»

Do capitão do mar e guerra Legey, commandante da flotilha do Rio Grande, ao ministro da marinha:

Rio Grande, 18 de junho.— Por doente, deixei o commando da força ao commandante mais antigo, seguindo para o Rio Grande do Sul, onde aguardo vossas ordens para recolher-me a esta capital.»

«Rio, 18 de junho.—Legey — Lastimo que tivessesis adoecido exactamente quando eram mais precisos vossos serviços ahi. Ordeno-vos recolhais a esta capital.—*Ministro da marinha.*

Rio, 18 de junho.—Capitão-tenente Lara—Recommendo-vos mantenhais a mais completa neutralidade.—*Ministro da marinha.*

Telegramma de igual teor ao commandante da flotilha em Uruguayana, ao commandante da barra, e ao capitão do porto.

«Rio, 19 de junho.—Capitão-tenente Lara. Podeis entregar o commando da *Marajó* ao tenente Garnier e recolher-vos a esta capital.—*Ministro da marinha.*

«Rio, 19 de junho.—Garnier —Autoriso-vos a assumir o commando da *Marajó*, e recommendo-vos a mais completa neutralidade. *Ministro da marinha.*

Rio, 21 de junho.—Capitão-tenente Lara—Determino não deis execução ao que pretendes, nem á intimação feita sob pena de responsabilidade.—*Ministro da marinha.*

Rio, 21 de junho.—Capitão-tenente Lara. Entregue immediatamente o commando da *Marajó* ao capitão-tenente Nolasco. De novo Recommendo-vos a mais completa neutralidade. Acabo de saber que ameaçastes bombardeiar a cidade. Não acredito semelhante noticia, porém se fôr verdadeira e realisada a ameaça, sereis responsabilizado. *Ministro da marinha.*

Rio, 21 de junho.—Vice-presidente. Acabo de ordenar a Lara que entregue o commando da *Marajó* ao capitão-tenente Nolasco. *Ministro da marinha.*

Rio, 21 de junho.—Capitão-tenente Nolasco — Autoriso-vos a assumir o commando da *Marajó*, para o que acabo de telegraphar Lara. *Ministro da marinha.*

=====
 Doc. n. 25—*Correspondencia telegraphica entre o capitão-tenente Lara, 1.º tenente Cordeiro da Graça e ministro da marinha*

« General Vasques convidou-me vir sua presença; fil-o; expuz minha missão aqui. Convidou-me ir conferenciar Lara. Dirigi-me *Marajó*. Conferenciei Lara. Disse-lhe general Vasques desejava viesse ou enviasse official confiança entender-se directamente telegrapho comvosco. Cumpri missão. Lara autorisou-me dizer general Vasques podia telegraphar-vos, relatando factos seguintes :

Que Legey deixou commando, por ter general Vasques rompido neutralidade apoiar governo então ;

Que, sabendo Escola Militar seria atacada, collocou-se posição defendel-a, atacando cidade ;

Que, sabendo ferimento Paiva, diz-se assassinado, rompera hostilidade, dando alguns tiros a polvora secca, içando bandeira encarnada mastro traquete e atirando, creio, quatro tiros por elevação direcção Santa Theresa ;

Que casa sua familia foi invadida policia, sendo mesma familia entregue minha guarda por Lara e policia ;

Que se acha em posição defensiva ;

General Vasques, deixando-me plena liberdade dirigir-vos este telegramma, aguardando vossa resposta, explicará, elucidará e contestará certos factos.—*Cordeiro da Graça.* »

« *P. S.*—Este telegramma está rubricado general Vasques, Lara disse ter guardado Cassal a bordo, por sua vida correr perigo. »

Resposta do Ministro da Marinha sr. Custodio de Mello :

« Cordeiro da Graça—Vou dar-vos resposta para ser transmittida ao capitão-tenente Lara.

Que não posso acreditar que Bernardo Vasques, militar velho e conceituado, deixasse de cumprir as instrucções terminantes que lhe foram dadas pelo chefe Estado relativamente á flotilha ahi, as mesmas por mim transmittidas ás forças navaes estacionadas nesse Estado ;

Que Legey, em telegramma cifrado que me dirigio, disse-me que, por se achar doente, passára o commando da flotilha ao commandante mais antigo ;

Que eu ignorava, portanto, que fosse outro o motivo ;

Que Lara está mal informado quanto a este e aos outros motivos por elle allegados, e que, quando fossem verdadeiros, elle, em quem eu sempre depositei a maior confiança e que sabe que sou incapaz de transigir com as minhas opiniões, devia ter procedido de outro modo, communicando-me occurrencias para que eu providenciasse ;

Que appello para o seu patriotismo e lembro-lhe que, ha dous dias, respondendo a Victorino, disse que era elle um official da minha inteira confiança.

Communicai a resposta a Lara.— *Ministro da Marinha.*»

Telegramma de Cordeiro da Graça :

« Ministro da Marinha—Obedecendo vossa ordem, vou procurar general Vasques, mostrar vosso telegramma.

Procurarei ir depois a bordo fallar Lara.

Communicarei resposta e, se quizerdes ou ordenardes, pormenores.— *Cordeiro da Graça.* »

Telegramma de Candido Lara ao Ministro da Marinha :

« Li vosso telegramma.

Colloquei-me posição hostile ao commandante districto.

Corporação marinha atrozmente desconsiderada pessoa chefe Legey.

Este, desacatado, só tinha dous caminhos a seguir : romper ou retirar-se. Preferio ultimo alvitre. Coube-me desaffrontar minha classe.

General Vasques e chefe Legey, cumprindo ordens desse governo, accordaram posição neutral em face acontecimentos politica Estado. População confiante e tranquilla. Chefe Legey, depois de ouvir compromisso general Vasques, assegurou, sob palavra de honra, ao marechal Pelotas, que forças de mar e terra jámais tentarião desacatar sua autoridade. Visconde cerrou-lhe a mão, dizendo confiar sua palavra de honra.

Momentos depois, do Arsenal de Guerra sahiam armamento e munições, que, transportados para o recinto da cadeia, foram entregues á policia e a sentenciados tirados das prisões.

A' frente desse grupo sedicioso iam coronel Flores, general Frota e officiaes subalternos, todos da intimidade do general Vasques.

População accusava marinha, na pessoa chefe Legey, haver faltado compromisso de honra.

Policia percorria as ruas, espaldeirando e espingardeando o povo inerme.

Hontem, 21, foi espingardeado pela policia cidadão pacifico Ernesto Paiva, chefe movimento Novembro nesta capital.

Tudo isto traz graves consequencias para esta desgraçada terra, que nada em sangue !

Que, pois, cumpria fazer á marinha, nesta emergencia, ella que foi a alma glorioso movimento Novembro ?

Ainda hoje, quando Graça vos telegraphava, a meu pedido, foi o escaler de compras apprehendido no Arsenal de Guerra e presos os marinheiros que o tripolavam.

Foi grande indignação nossa ao presenciar occurrencia. Tomando posição e notada minha resolução, foram immediatamente soltos os marinheiros, que apresentaram-se a bordo.

Guarnição recusa-se acceitar pão e mantimentos da cidade, suppondo estarem envenenados.

Minha conducta, quando a conhecerdes em detalhe, o que farei em relatorio minucioso, será por vós applaudida, porque sempre soubestes collocar vossa honra militar acima de tudo.

Devo ainda communicar-vos que capitania porto foi invadida policia, achando-se a bordo seu delegado por sentir-se sem garantias.

Sobre desacato minha familia, já vos achais informado.

Tenho a bordo meu cunhado, que foi ameaçado por chefe policia.

Situação deste Estado gravissima.

« Ficai certo que saberei honrar a marinha brasileira ! »

Doc. n. 26 — *Exposição dos acontecimentos
no Rio Grande do Sul*

(DIARIO OFFICIAL DE 23 DE JUNHO DE 1892)

«Os recentes acontecimentos occorridos no Estado do Rio Grande do Sul, têm dado causa a commentarios pouco veridicos uns, outros inspirados por espiritos de opposição ao governo federal.

O que de importante ha occorrido, no referido Estado é o seguinte:

O general Barreto Leite, governador, transferio o governo ao marechal visconde de Pelotas que apenas investido no cargo, nomeou 2º vice-governador ao brigadeiro honorario Silva Tavares, residente em Bagé.

Procurando fortalecer, pela presença de força local, o vice-governador nomeado, determinou o visconde de Pelotas que o regimento policial seguisse para aquella cidade.

Desobedecendo a ordem dictada, sublevou-se o regimento policial, a que se reunio o povo, aclamando o dr. Julio de Castilhos para o cargo do governador do Estado.

Este cidadão, invertido da governação, resignou-a, após haver nomeado o dr. Victorino Monteiro, que assumio o governo.

Grande numero de municipios importantes têm adherido ao

governo do dr. Victorino Monteiro; enquanto as forças federaes se mantem na completa e inalterada neutralidade, seguindo, assim, as determinações do governo da União.

Excepto conflictos em duas localidades, a deposição ou retirada espontanea das autoridades pelo governo do general Barreto Leite, se tem effectuado sem alterações da ordem publica.

Por motivos, ainda não conhecidos pelo governo federal, a canhoneira *Marajó* tendo a seu bordo o dr. Barros Cassal e a *Camocim* dispararam alguns tiros contra a cidade de Porto Alegre, sem que produzissem damno algum.

Este acto contrario as ordens do governo da União, se não repetiu; e desde hontem retirou-se a canhoneira *Camocim*, que parece haver seguido para a cidade do Rio Grande.

O Estado do Rio Grande do Sul, em seu vasto territorio, se acha animado pelo espirito de adhesão ao governo instituido; conservando-se, apenas a cidade de Bagé sob o dominio do brigadeiro honorario Silva Tavares.

A manutenção da ordem, em quanto importa ás forças federaes de terra, está confiada ao general Bernardo Vasques, commandante do districto militar, conhecido por sua muita dedicação á Republica e espirito diseiplinar.»

Doc. n. 27—*Telegramma do dr. Gaspar Martins
ao general Silva Tavares
concitando-o a depôr as armas.*

« General Silva Tavares.—Bagé.—Governo central apoia com forças federaes situação politica por elle creada Estado ;

« Por mais numerosas sejam forças commandais, se não desarmardes, terrivel guerra civil, maior flagello pôde cahir sobre um povo será fatal consequencia.

« Centro não pensou guerra neste Estado abalará toda federação não ainda consolidada. Como em 1835, guerra pôde tornar-se de independecia; como em 1825, intervindo republicas visinhas, pôde tornar-se externa; vossa grande patria dilacerada pelos odios, enfraquecida pela intolerancia, se dissolverá.

« Que brasileiro hesitará fazer maximo sacrificio para evitar irreparavel calamidade ?

« Patriotismo manda supportar tudo; proteste contra precedente, resalve direitos Estado, mas entre accôrdo desarmar. Não ficará menor, antes muito elevado.

Haverá descontentes; não tem sua responsabilidade; historia registrará feito mais patriotico veterano guerra do Paraguay.

« General Mitre frente 7,000 homens depoz armas La Verde não arruinar patria pela guerra civil; Mitre ainda é o cidadão mais respeitado de toda Confederação.

« Não commandastes em chefe exercito alliado, não fostes chefe de Estado como Mitre, mas não sois menos brasileiro que Mitre argentino ; haveis de proceder como elle.

« Chefe partido aconselho, co-religionario peço, rio-grandense supplico—guerra civil não. Não é necessaria para conquistar poder e conter Governo Federal : difficuldades todo genero, erros naturaes governos, liberdade de imprensa, opinião publica fazem o que violencia não consegue.

« Só força maior tem impedido achar-me ahi poder verbalmente manifestar necessidade evitar todo transe guerra civil.

P. Alegre 21 de Junho 92. »

Doc. n. 28—*Acta da dissolução das tropas de Bagé*

Aos quatro dias do mez de julho de 1892, as 10 horas da manhã, nesta cidade de Bagé na casa de residencia do general João Nunes da Silva Tavares, presentes os abaixo assignados, membros do *comitê* e officiaes das forças civis aqui reunidas, declarou o presidente do mesmo *comitê* dr. Candido Dias de Borba que tinha sido convocada esta reunião para o fim de deliberar-se nas circumstancias actuaes devia continuar ou não a resistencia contra o pretenso governo do dr. Victorino Ribeiro Carneiro Monteiro sustentando aquelle de que se acha investido o general João Nunes da Silva Tavares, e depois de discutir o assumpto sob diversos pontos de vista foi unanimemente resolvido que se renunciasse a toda idéa de resistencia pelas duas razões seguintes ;

1ª A intervenção clara e manifesta do governo do centro nos negocios peculiares do Estado rio-grandense contra a expressa disposição da Constituição federal, esposando a causa do governo do referido dr. Victorino Monteiro ; a intervenção que claramente resulta dos factos que se passam a enunciar : o regresso ao Estado de diversos commandantes de corpos, que, por manifestamente hostis á revolução de novembro, haviam sido chamados ao Rio de Janeiro ; a manifestação visivel expressa da vontade do vice-presidente da Republica, em diversos telegrammas dirigidos ao commandante do 6º districto militar, general Bernardo Vasques, e ao dr. Victorino Monteiro, que correm impressos nos jornaes da capital e nos de outras cidades do Estado ; o pronunciamento sem reserva em favor dos revolucionarios das guarnições do Rio Grande, S. Gabriel e Jaguarão ; o fornecimento de armas dos arsenaes e depositos federaes a populares affectos a causa da revolução, nomeadamente a entrega a elles de boccas de fogo ao mando do alferes Napoleão de algumas praças do 1º regimento estacionadas em S. Gabriel ; a quebra de neutralidade assegurada pelo referido general Ber-

nardo Vasques ao capitão de fragata Legey, commandante da frotilha estacionada na capital do Estado seguida de clara manifestação de parcialidade daquelle general em prol da causa revolucionaria, factos estes que motivaram o bombardeamento da mesma capital; a ordem do dia n. 1 do general de divisão Izidoro Fernandes, em que se declara commandante em chefe das forças revolucionarias do Livramento, publicada em boletim naquella cidade, facto este que bem indica solidariedade do governo central com o procedimento desse general; finalmente o facto assaz conhecido da selecção odiosa que fez o general Bernardo Vasques, dos corpos afeiçoados á politica do dr. Julio de Castilhos, mandando-os seguir de Cassequi para Porto-Alegre, ao passo que aos outros em quem suspeitava sentimentos não identicos, deixou-os no campo de manobras, tirando-lhes as munições e privando-lhes dos meios de locomoção.

2ª Porque estando o movimento de reacção circumscripto aos municipios de D. Pedrito, Livramento e Bagé, para onde convergiram forças de S. Gabriel e Heval e não se podendo contar com elementos reaccionarios de outras localidades pelo facto de haverem sido inopinadamente occupadas pelos revolucionarios que impediram toda a reunião de forças a elles adversas, parecia não se poder esperar o seu valioso concurso, para o triumpho á causa, vinha a ser nestas circumstancias improficuo todo o sacrificio, e só em detrimento dos interesses do Estado, situação esta que como patriotas não deveriamos crear.

Assim deliberando, os abaixo-assignados julgam haver cumprido seus deveres civicos, devendo nesta emergencia accarretar cada um a responsabilidade do seo procedimento.

Em seguida o general João Nunes da Siva Tavares que se achava presente tomando a palavra disse que julgando ponderosas as rasões expendidas e justificados os motivos deduzidos pelos membros da reunião, conformava-se com a deliberação, e de accordo com ella ia proceder mandando dissolver as forças reunidas.

E nada mais havendo a tratar, encerrou-se a sessão, lavrando-se esta acta que vai assignada por todos depois de approvada

E eu Candido Tavares Bastos, servindo de secretario a escrevi e assigno.—dr. Candido Dias Borba, presidente.— dr. Tertuliano Ambrosio da Silva Machado.—dr. Candido Tavares Bastos.— dr. Nicanor Penha. — dr. Saturnino Epaminondas Arruda.—General João Nunes da Silva Tavares.—Coronel José Maria Guerreiro Victoria.—Coronel Amaro da Silveira.—Tenente-coronel Candido Xavier de Azambuja.—Tenente-coronel José Facundo da Silva Tavares.—Tenente-coronel Domingos Ferreira Gonçalves.—Coronel José Bonifacio da Silva Tavares.—Coronel João M. Epaminondas de Arruda.—Coronel Joaquim Nunes Garcia.—Tenente-coronel Leonardo José Collares.—Major Alexandre José Collares.—José Seraphim de Castilho.—Lourenço da Silva Oliveira.—Coronel Manoel Xavier.

Doc n. 29—*Correspondencia entre o general Joca Tavares e com. da guarnição de Bagé sobre os successos ahi occorridos*

« Bagé, 6 de Julho de 1892. — Illm. Sr. tenente-coronel Luiz Rabello de Vasconcellos. — Preciso que V. S. se sirva responder-me abaixo sobre o seguinte: Se é ou não verdade que em a noite de 4 do corrente, veio V. S. á minha casa por meu chamado e ahi propuz-lhe que fosse em commissão ao coronel Arthur Oscar, — para transmittir-lhe—que, em reunião havida no mesmo dia 4, tinha resolvido dissolver as forças populares: — que não consentiria absolutamente que entrassem aqui forças populares de Pedroso e Motta adversas;—que não obstante a resolução de dissolver as forças, eu não o faria enquanto não tivesse a devida solução; finalmente—que havendo V. S. transmittido o objecto dessa commissão ao coronel Arthur Oscar, elle a tudo accedeu.

Espero da honra e dignidade de V. S. se dignará dar a resposta que peço com a permissão de fazer uso della.

Seu velho camarada e amigo. (Assignado) João Nunes da Silva Tavares.

— Bagé, 6 de Julho de 1892. — Illm. Sr. general João Nunes da Silva Tavares. Em resposta á carta que hoje me dirigistes, cabe-me declarar-vos:

1º Na noite de 4 do corrente fui procurado pelo secretario e ajudante de ordens desta guarnição ao qual V. Ex. encarregára de pedir-me que comparecesse em vossa residencia ao que promptamente accedi.

2º Declarou-me V. Ex. que estava resolvido a dissolver as forças populares com a condição de que não marchariam sobre esta cidade as forças da cavallaria sob a direcção de Pedroso e Motta e para isso pediu-me que fosse ao encontro do coronel Arthur Oscar afim de que este com sua autoridade, caso a tivesse para com aquellas forças, conseguisse esse desideratum.

3º Que aguardaria o meu regresso para só então proceder ao desarmamento e dissolução das forças, dada a hypothese de ser aceito o alvitre por V. Ex. proposto.

Finalmente que o coronel Arthur Oscar embora não tivesse competencia nem autoridade sobre aquellas forças, todavia transmittiria a vossa proposta aos respectivos chefes, pedindo-lhes que sustassem todo e qualquer movimento e que viria pessoalmente tratar com V. Ex. Julgo ter satisfeito cabalmente o pedido que me fez V. Ex. por ser esta a verdade do que entre nós se passou, podendo V. Ex. fazer desta minha resposta o uso que vos convier.

Subcrevo-me de V. Ex. velho camarada e amigo. (Assignado.) Luiz Rabello de Vasconcellos.»

Docs. n. 30—*Ordem do dia e telegrammas das
principaes autoridades
militares sobre os acontecimentos de Bagé*

— Commando da guarnição e fronteira de Bagé, 5 de Julho de 1892.—Ordem do dia n. 2.—Acaba o general João Nunes da Silva Tavares de reconhecer a força federal, perante a qual comprometteu-se a proceder immediatamente ao desarmamento de suas forças.

A força do 3º batalhão de infantaria, 4º de artilharia e o 30º, que formáram a columna ás minhas ordens, portou-se nesta emergencia com a maior disciplina, e ninguem apresentou indícios de fraqueza; pelo contrario, todos manifestaram grande ordem. Louvo, portanto, a todos os officiaes e praças dessa columna.

O general que pela força de circumstancias acaba de submeter-se, o que fez com honra, é um general conhecido nos campos de batalha e a quem prestaremos o respeito que se deve aos velhos servidores da patria.

Viva a Republica dos Estados Unidos do Brazil. Viva o Estado do Rio Grande do Sul. Viva o 30º de infantaria. Viva o contingente do 3º e 4º de artilharia.—*Arthur Oscar de Andrade Guimarães*, coronel.

Guarnição.—Ordem do dia n. 19.—Tendo hoje aquartelado o 30º batalhão de infantaria, passo o commando desta guarnição e fronteira ao seu illustre e prestimoso chefe cidadão coronel Arthur Oscar de Andrade Guimarães.

Cabe-me por esta occasião ter o ensejo de louvar a todos os srs. officiaes e praças desta guarnição pela maneira honrosa com que procederam, respeitando fielmente as ordens severas emanadas do commando deste districto militar, pelo que agradeço cordialmente a prova de lealdade que tiveram para commigo, coadjuvando-me com interesse na emergencia difficil que atravessamos, nesta quadra agitada porque está passando o heroico Estado do Rio Grande do Sul.— (Assignado) *Luiz Rabello de Vasconcellos*, tenente-coronel.

« 6—7—92—General Vasques—Porto Alegre—Acabo de receber telegramma de J. Castilhos e outros; em que se me declara que devo abster-me intervenção directa junto a Tavares; que sustenha já qualquer accôrdo com elle: que o 30º deve secundar forças civis momento opportuno; que taes forças já estão em marcha; que não pode ser sustada e que não devo receber o armamento. Respondi que quando tratei com Tavares tinha poderes para isso; que o fiz sobre a garantia da lealdade e honra militar, e que, portanto, só a vós obedecia por serdes incapaz

de concorrer para manchar a minha honra e que, finalmente, comsigo estava o batalhão. Ora, já tratei com o general por ordens vossas, foi modificada uma condição que elle impôz; já recebi parte do armamento; já publiquei tudo isto em ordem do dia á guarnição, a cidade toda já o sabe, mesmo porque reintegrei autoridades; agora para voltar atrás seria deshonrar-me, porque faltaria a todos os principios da honra militar.

Teriam o direito de suppôr-me um trahidor a quem o inimigo se entrega e se deixa matar, e eu affronto tudo para salvar-me dessa mancha, tanto mais quando garanti-lhes as vidas. Peço, pois, vossas ordens—urgentissimas—para meu governo e confio em vós e no vosso amor ás tradições militares. Como disse, tudo farei para evitar a deshonra.

Embarguei o trem até chegar vossa resposta. — Assignado, coronel *Arthur Oscar*. »

Recebido de Porto Alegre, urgente—Coronel Oscar—Bagé—Deixai negociação Tavares no ponto em que está; ella só pôde valer quando e se fôr ratificada Vice-Presidente Estado. Vossa intervenção deve ser apenas de bons officios entre os civis que disputão o Governo. Limitai-vos *libertar* 4.º e manter livres estrada de ferro e telegrapho, afim de que não se allegue que Tavares depôz as armas diante forças federaes. Faça *constar* vossa missão ahi foi com aquelles intentos. Assim recommenda Marechal Floriano.— General *Vasques*.

Urgentissimo—General Vasques. Porto Alegre. As forças do general Tavares estão assoladas, está sendo arrecadado o armamento. A população, de hontem para hoje ficou alarmada com a noticia da approximação das forças republicanas de diferentes pontos, temendo que possa haver represalias e mesmo saque, o que me tem impressionado bastante, receiando ser desatendida se fôr necessaria minha intervenção. Se ellas entrarem violentando a propriedade e lar da familia Bagéense, entendeis que devo permanecer neutro diante do roubo criminoso e scenas de sangue que possam haver em plena cidade? Os consules portuguez, hespanhol, italiano e oriental já me procuraram pedindo garantias para vidas e propriedades. Julgão que a neutralidade deve subsistir diante do sangue e dos horrores que podem trazer esses acontecimentos? Aqui teme-se as forças de Motta e Pedroso para o que peço vosso interesse de brasileiro dedicado, afim de que não seja interrompida a gloria que cabe ao exercito nesta cidade, de ter evitado uma hecatombe posto que a contragosto de muitos brasileiros pouco generosos. Apello para a nossa honra immaculada de militar e para o vosso coração sempre generoso. —Tenente-coronel *Luiz Rabello de Vasconcellos*, commandante da guarnição. »

Doc. n. 31—*Telegramma da filha do general
Silva Tavares*

« Rio Grande, 23 de Julho:—Zecca Tavares, papai e Armando emigrados perseguidos pelas forças de Pedroso e Motta depois do desarmamento e accôrdo com coronel Oscar. Limoeiro (fazenda de meu irmão Zecca Tavares) arrasada, levantarão gados, cavallos e ovelhas. Casa e moveis estragados. Peça providencias. — *Umbelina Tavares.* »

Doc. n. 32 — *Explicação necessaria do cor. Arthur
Oscar sobre os successos de Bagé*

— O *Diario Popular* de Pelotas publicou a seguinte

« *Explicação necessaria.*— Relativamente á rendição de Bagé muito se tem escripto, muitos commentarios têm sido feitos e todavia tenho-me conservado silencioso, tragando injustiças, mas calmo, perante a convicção de haver cumprido o meu dever de soldado e confiante na justiça da historia.

Entretanto a ordem do dia n. 3 do honrado commandante da 4^a brigada força-me a romper o mutismo em que me conservava, porque, por ella, parece que, a 4 do corrente, forças do general Tavares tirotearão com as avançadas das forças do general Luiz Alves, no Candiota, ficando portanto a força sob minhas ordens entre essas avançadas e o grosso da força do general Luiz Alves.

Esta falta de clareza, que de certo não foi proposital, é que é preciso tornar patente.

A columna que commandava, composta do 30 de infantaria e dos contingentes do 3^o e 4^o de artilharia, chegou á Pedras Altas ao anoitecer de 3 do corrente e o tiroteio de que falla o digno general Luiz Alves já se tinha dado talvez a 2.

Em Pedras Altas havia uma força talvez de 600 homens, sob o commando do coronel Elias Amaro.

A 4 segui a pé para Bagé, levando apenas a artilharia nos wagons, mas sem um unico homem de cavallaria, porque não tinha ordem para utilizar-me da cavallaria civil e cavallaria de tropa de linha não a tinha.

Bivacando á noite no lugar denominado Ponte, a 9 kilometros da ponte do Candiota, entre as minhas columnas e as forças de Joca Tavares não havia força alguma.

Isto é que se torna preciso tornar bem claro.

Relativamente ao telegramma que a 4, nas Pedras Altas passei ao general Tavares, tambem preciso esclarecel-o :

Eu tinha ordem do general commandante do districto para restabelecer o trafego da Estrada de Ferro; portanto, quem tivesse interesse em que esse trafego continuasse interrompido, tinha que bater-se com a minha força; e sobre isso parece-me que não ha duas opiniões.

No dia 2, porém, pelas 10 horas da noite, aqui em Pelotas, uma comissão do comité revolucionario procurou-me e pedio-me que passasse um telegramma a Joca Tavares, prevenindo-o da minha missão, afim de que ninguem tivesse o direito de allegar de futuro que a força federal intervinha nas lutas estadoaes.

De facto, a 4, antes de deixar o acampamento de Pedras Altas, passei o telegramma, modificando-o.

O comité desejava que passasse o seguinte telegramma:

« Sigo para essa cidade, com forças das tres armas, unicamente para restabelecer o trafego da Estrada de Ferro e sem o menor fim hostile.»

Passei o telegramma tirando apenas as seguintes palavras: « sem o menor fim hostile.»

(A força de cavallaria que levava eram 10 officiaes e um cadete da mesma força, que prestaram-se a fazer o serviço de esclarecedores e flanqueadores).

Cumpra accrescentar que do outro lado do Candiota foi que recebi a comissão mandada pelo general Tavares, o que causou-me verdadeira surpresa.

Sempre suppuz que fosse recebido á bala e nesse caso a sorte seria de quem melhor soubesse aproveitar a de suas armas.

Fica portanto bem claro o seguinte:

1º Depois que sahi de Pedras Altas não havia força nenhuma legalista na minha frente com direcção a Bagé, pelo menos no sentido do traçado da Estrada de Ferro.

2º Avançava sem auxilio de ninguem e unicamente confiado nos 330 homens que compunham a minha columna.

3º O telegramma não foi espontaneamente meu; foi lembrança do comité revolucionario.

4º Chegando pela noite de 3 nas Pedras Altas, dahi segui a 4, e a 5 pelas 9 horas da manhã já estava do outro lado do Candiota sem dispôr de cavallaria.

A celeridade dessa marcha, o perigo a que estava exposto por não ter cavallaria e o que se poderia ter feito se dispuzesse della, são opiniões que deixo á consideração dos militares desapaixonados, levando-se em conta que eu fazia parte de uma força federal e portanto de um governo que não reconhecia o do general Tavares, que por isso mesmo devia enxergar na minha columna uma força inimiga, e com a qual sempre esperei que se batesse.

No que fica dito não ha a menor offensa ao valente general Luiz Tavares, a quem considero, nem a pessoa alguma; ha apenas uma explicação que julgo necessaria.

Pelotas, 19 de Julho de 1892.—Coronel *Arthur Oscar*, commandante do 30 de infantaria.»

Doc. n. 33—*Carta do general Silva Tavares dirigida a seu irmão barão de S.^{ta}*
Tecla, publicada no Diario do Rio Grande

« Republica do Uruguay, 9 de Julho de 1892. — Irmão, compadre, amigo. — Vou pôr-te ao facto dos ultimos acontecimentos, afim de ajuizares de meu procedimento se foi correto ou não:—De ha muito observei aos amigos e companheiros de diversos pontos do Estado que para sustentar a luta que estavamos obrigados, e que parecia imminente, precisavamos de recursos pecuniarios.

Apezar das promessas constantes, esses recursos não apparecerão e nem palavras de *consolo* durante 20 dias que tivemos de sacrificios insuperaveis. Nesta expectativa nos conservamos, até que no dia 4 deste mez, pela manhã, quando recebi carta de Alegrete por um proprio de toda confiança, de Candido Malmann, affirmando, nada haver que indicasse resistencia por aquelles lados; ao contrario, entregava-se tudo aos sediciosos, e pedindo-me instrucções a tal respeito! ao mesmo tempo o proprio confirmou o que eu já sabia, isto é, a chegada do general Hypolito ao Livramento com 2.000 homens, neste numero grande pessoal do Estado Oriental, capitaneado por Nico Coronel (oriental) e Vieira, no intuito de reunirem-se a Isidoro com o proposito de atacar Bagé.

Não acreditei neste numero, mas essa gente reunida á do brigadeiro Lima e á de S. Gabriel, constituída de 800 homens commandados pelo tenente-coronel Portugal, com quatro boccas de fogo, evidentemente alcançaria aquelle numero.

Sabendo ainda do movimento que se operava em Pelotas e outros pontos com o mesmo fim e intuito resolvi, nesse dia, reunir o comité e os officiaes superiores, meus auxiliares, e expuzlhes a situação, demonstrando a necessidade de dissolver-se as forças, a menos que não nos propuzessemos a uma guerra de recursos, que podia com justiça ser considerada de bandidos, ao que em caso algum me prestaria.

Foi, pois, aceita aquella deliberação como consta de uma acta que lavramos. Em a noite desse mesmo dia recebi o seguinte recado telegraphico:

« Pedras Altas, 4 de Julho de 1892, ás 11 horas e 40 minutos da manhã.

General Tavares — Bagé — Sigo para ahi com forças das tres armas com o fim de restabelecer o trafego da estrada de ferro. (Assignado), coronel *Oscar*.»

Ora, diante da franca intervenção da força federal, da falta de recursos pecuniarios e do silencio dos amigos de outros pontos que nem se annunciavão!... resolvi, de accordo com o que já havíamos deliberado, enviar o coronel Rabello de Vasconcellos,

commandante da guarnição de Bagé, a entender-se com o coronel Arthur Oscar no character de emissario, levando a seguinte proposta :

Que eu não embarçaria a entrada da força federal, mas que não permittiria a dos civis Pedroso e Motta ; que se, elle, Oscar viesse só, eu dissolveria as forças, sob meu commando, ao contrario aceitaría combate.

Recebi em resposta telegramma do coronel Rabello de Vasconcellos, garantindo que as cavallarias não seguirião, pondo-se elle Oscar a caminho desde logo com o fim de descansar.

Effectivamente a entrada desse coronel e seu batalhão verificou-se ás duas horas da tarde, na melhor ordem e disciplina, procurando-me logo o coronel para conferenciar como cavalheiro e leal soldado, folgo de o declarar ; em vista, pois, do que conversamos e mesno já estava assentado, ordenei incontinenti a dissolução das forças, fazendo entrega das armas reunas.

Tendo em seguida aviso de que as forças que ficárão em Pedras Altas se approximavão de Bagé com intuitos que aqui não mencionarei... e conhecendo de quanto são capazes esses homens, a que, desgraçadamente, estão entregues essas forças e os destinos do infeliz Rio Grande. — resolvi retirar-me para a Republica Oriental, onde permaneço.

Depois de aqui chegar, fui informado que o coronel Arthur foi desconsiderado, vendo-se obrigado a reagir com energia, afim de não violar o compromisso que commigo contrahio, vendo-se o referido coronel obrigado a retirar-se de Bagé, antes do que pensava (com o batalhão) para não assistir, quiçá, a scenas dolorosas.

Avaliarás perfeitamente que, com 4,000 homens, bem dispostos e commandados por bons amigos, eu poderia manter-me, fazendo destroços, assenhoreando-me da campanha, mas sem recursos pecuniarios, seria campanha de salteadores, lesando a propriedade, o Estado e manchando a nossa justa causa, missão que, por certo, não era a nossa.

Diz-me a consciencia ter procedido correctamente.

Submetto-me, pois, com calma, ao juizo da historia, que não póde deixar de ser justa.

E' o quanto me basta.

Saudades do teu irmão e amigo — *Jóca*.

Doc. n. 34—*Ordem do dia do general Pego Junior*

— Acabo de assumir o commando deste districto para o qual fui nomeado por decreto de 16 de Julho ultimo. Sei bem comprehender quanto é difficil e melindroso o exercicio de tão elevada commissão em quaesquer circumstancias, especialmente

nas que se têm dado neste Estado, cuja organização, ha muito encetada, ainda não pôde infelizmente chegar a seu fim, como tanto convinha e todos desejão.

Se não fôra o sentimento do dever que tanto prepondera em mim, de nunca deixar de cumprir, de prompto, as ordens superiores, de prestar á patria todos os serviços que forem exigidos para a manutenção da ordem publica, para a fiel observancia da lei e da disciplina da classe militar, a que me desvanço de pertencer; eu procuraria, ainda que contra os habitos de minha vida de soldado, esquivar-me ás grandes responsabilidades do exercicio do commando deste districto.

Mas a patria reclama meus serviços e o Governo julgou que eu ainda os posso prestar, não faço pois mais que cumprir o dever de soldado e obedecer a sentimentos de patriotismo, occupando o cargo cujo exercicio acabo de assumir.

Estacionada neste Estado uma parte consideravel do exercito brasileiro, em cujas fileiras diviso muitos dos meus velhos camaradas, que, commigõ fizeram a longa campanha do Paraguay, grande numero de discipulos meus e outros distinctos militares que encetando a carreira das armas, percorrerão, como eu, as diversas phases da vida de simples soldado até a de official; conto ser por todos acolhido como amigo, auxiliado e coadjuvado com o maior zelo e solícitude, afim de que as ordens deste commando sejam executadas com a promptidão e pontualidade determinadas pelos nossos regulamentos e mantida com todo o rigor a disciplina militar.

Venho encontrar, com bastante pezar meu, a briosa familia riograndense dividida, e seria uma difficuldade, um embaraço para o exercicio do meu cargo tão deploravel divisão, se minha missão não fosse exclusivamente a de manter severa disciplina na força armada, não tolerando que se desvie da linha traçada pela Constituição Federal ou que se envolva em questão de organização deste Estado, que a outra o compete, mas não a ella, só destinada á defesa da patria no exterior e á manutenção da ordem no interior.

Inteiramente alheio a factos que derão causa a tal divisão, que lamento, quando nunca foi tão necessaria a união de todos os riograndenses e o seu patriotico concurso para se effectuar a urgente organização deste Estado; procurarei manter rigorosa neutralidade da parte da força sujeita ao meu commando, no tocante áquella organização, para a qual nenhum partido politico deverá contar que o soldado brasileiro possa se constituir factor.

Aos Srs. commandantes de corpos recommendo, particularmente, que procurando reunir o maior numero de praças nos respectivos quartéis e acampamentos, solicitando o recolhimento das que estiverem destacadas, se esforcem para conservar sempre preocupados com exercicio e instrucção os srs. officiaes e praças, de modo a se afastarem tanto quanto fôr possivel das lides politicas que tem dividido a altiva população deste Estado.

E' elle um dos mais ricos e populosos da Federação, e, por sua posição geographica, carece ser organizado quanto antes, e cumpre á força armada não concorrer, sequer de longe, para a procrastinação de tão urgente beneficio, quanto mais quando já estão difinitivamente organizados quasi todos os Estados da Republica Brasileira.

Minha missão é toda de paz, de ordem, de respeito á lei e á autoridade legal, e de manutenção á disciplina.

Para a realização de tão elevados intuitos, conto com o concurso de todos os meus camaradas, que, como eu, devem estar convencidos de que a ingerencia da força publica em lides politicas, é antes elemento de perturbação do que de ordem e de successo.

Doc. n. 35 — *Telegrammas circulares do general Pego Junior*

Telegramma circular. Porto Alegre, 17 de setembro de 1892.

Guarnições: Rio Grande, Pelotas, Jaguarão, Bagé, Quarahym, Livramento, Uruguayana, Itaquy, S. Borja, Alegrete, Caecy, Rio Pardo, Saycan, S. Victorino.

Até hoje sempre que me tenho dirigido ás forças deste districto, referindo-me a pequenos assumptos politicos das localidades, tenho recommendado muita observancia dos arts. 3, 9 e 13 do Decreto n 431, em ordem do dia do exercito n 218, ainda essas citações foram produzidas na circular de 29 de outubro, porém terminei essa circular lembrando :

1º O que accarretará para União a sorte politica deste Estado ;
2º Que, se o Estado não «parar», a Republica não se consolidará ;

3º O aniquilamento da nossa classe pela reparação dos Estados da União e, portanto, perdido o futuro de nossas familias ;

4º A manutenção da ordem publica, mantendo o Governo Estadual ;

5º Qual o papel da instituição militar ;

6º Que os inimigos do Governo devem vencel-o na bocca das urnas ;

7º Predizendo o quanto a historia no futuro nos verberará, se continuar as deposições no Rio Grande.

Sendo, pois, natural que, achando-se marcadas as eleições para 20 e 21 do corrente, antes de 20 se dê invasão para, perturbando socego publico, tentarem que ellas se não realizem ; se continuar periodo sempre de agitações, tenho dever imperioso declarar forças sob meo commando o seguinte:

Que Governo União, segundo me tem ordenado, considerando invasão de brasileiros emigrados como inimigos da Republica,

determina-me que acautele-me para repellir qualquer ataque dos invasores.

Ora, tendo eu me acautelado, collocando forças nos lugares que entendi conveniente, segundo numero e armas de que disponho, só resta agora aos Snrs. chefes, officiaes e praças cumprirem o seu dever, quando se der a invasão, evitando-a a todo o transe com a maxima energia e valor, até o sacrificio da vida, pois o dever em holocausto da Patria, assim o exige.

Se, porém, a despeito desse sacrificio, que conto será prestado com toda a abnegação, a invasão se effectuar, os invasores tratarão logo de cortar as communicações telegraphicas; devo determinar que os chefes deixem nos povoados em que se achão simples piquetes o mais resumidos possiveis, marchem sempre acompanhando os invasores, picando-lhes a retaguarda, fazendo-lhes todo o mal possivel, nunca as percaõ de vista para, quando se encontrarem com forças pela frente, serem batidos entre dous fogos.

E' muito natural que os inimigos invasores procurem Cacequy, Pelotas, Rio Grande; todas as precauções possiveis estão tomadas; só o que resta é cada um cumprir com o seu dever. O objectivo do inimigo é chegar ao Rio Grande e á capital estadoal; o objectivo, de nossas forças é evitar isso, e, quando não possão, devem ter tambem o mesmo objectivo, seguindo sempre o mesmo inimigo o mais de perto que puderem e sempre que fôr possivel hostilisa-lo o quanto puder. Nenhuma força que fôr vencida deverá ficar estacionaria, deverá sempre procurar Pelotas, Rio Grande e capital estadoal, conforme melhor convier.

Eu não fiz a Republica, ao contrario, com forças sob o meu commando oppuz-me a ella, e ainda hoje reconheço que procedi bem, pois cumpri o meu dever occasional de então, como agora estou cumprindo o meu dever de actualidade; espero, pois, de meus camaradas a mesma sinceridade e esforço de que fui, sou e serei sempre capaz.

Já disse um philosopho que nas emergencias politicas a difficuldade não estava em cumprir o dever até o sacrificio da vida, e sim conhecer-se, na occasião, qual o dever.

Os meus camaradas que fizeram a Republica têm obrigação de mantel-a para honra e dignidade da nossa classe, e da felicidade da Patria que não póde, não deve mais continuar na serie de perturbações em que está ha tres annos. Considerando o perigo em que está a ordem publica deste Estado, póde-se affiançar que está em perigo a nossa Patria se a invasão triumphar, seguir-se-hão revoluções em outros Estados e a Patria esphacelar-se-ha.

Com ella, ai! das instituições republicanas.

Diante, pois, deste quadro nenhum militar federal tem o direito de cogitar em ser Castilhista, ou Federalista, ou Cassalista; isto e nada, são circumstancias minimas diante da imagem da Patria, é preciso dar paz e socego a esta, para que se possão desenvolver a agricultura, o commercio, a industria, a mineração uni-

cas forças vivas que são os factores principaes da grandeza da Patria.

Lembremo-nos de que nossa classe está cahindo na odiosidade publica sobretudo, e mui merecidamente neste Estado, que por ter a maior facção do Exercito da União, quasi um terço della, é o Estado unico em que as deposições se succedem com uma rapidez assombrosa, a ponto de, em menos de tres annos, já contar desenove Governadores!!!

Hoje a imprensa só relata os factos, ainda não commenta; no futuro, porém, a historia fará a autopsia com o escalpello bem causticante e cheio de acrimonias para nossa classe, pelo papel que tem aqui desempenhado nessas deposições.

Não minto, nem exagero o quadro que acabo de pintar, olhem para os tão pequenos Piauby, Parahyha do Norte e Espirito Santo, não podem sustentar-se por si só, precisão de um auxilio pecuniario da União, porém, estão organizados e vivem em paz, porque não tem a irrisoria felicidade de ter tanta força militar federal. Como corroborante do paralelo considerem agora os opulentos estados de S. Paulo e Minas Geraes, que não têm senão um corpo militar federal.

Telegramma circular—Porto Alegre, 29 de Novembro de 1892

Guarnições: Rio Grande, Jaguarão, Bagé, S. Gabriel, Livramento, Alegrete, Uruguayana, Quarahim, S. Borja, Cachoeira, Rio Pardo, Saycan, S. Victoria.

Segundo noticias que chegam, parece approximar-se momento calamitoso para este Estado, portanto, repereutirá toda Patria Brasileira. E' natural perturbadores ordem, invasão cortando communicações telegraphicas; centro ficará sem ellas, pelo que lembro-me habilitar-vos agir independentemente, dado caso interrupção communicação, ou, mesmo as havendo, emergencia ser tão rapida, não permitta consulta. Assim, pois, deveis reunir officialidade toda, lêde este telegramma e recommendai fiel observancia Decreto 431, ordem do dia 218, especialmente art. 3º § 1º art. 9º todo art 13º principalmente parte final, seu 2º periodo; só se deve agir entre esses limites.

Não fui, não sou, em Deos espero morrer sem ser politico; respeito, porém, vossas opiniões, pois sois senhores independentes nella; porém força federal só pôde operar nos limites traçados por lei; não pode mover-se por sympathia a crenças politicas. Só assim desempenharemos missão da União Federal.

Lembremo-nos que com sorte deste Estado, estamos jogando sorte de toda a Republica e portanto nossa Patria. E' preciso «parar» para haver estabilidade. Se não pararmos, virá a anarchia. Republica não consolidará—virá esphacelamento Patria, pela separação Estados. Nossa classe será anniquilada e dissolvida; jogamos futuro nossas familias; só união nos salvará e com ella vossa Patria pelo rigoroso dever abstenção politica, mantendo tranquillidade e ordem publica, portanto mantendo Governo.

Instituição militar quer dizer instituição essencial e imprescindivelmente conservadora. Precisamos convencer pelo nosso procedimento aos inimigos do Governo, que este se deita abaixo na bocca das urnas, não na bocca das armas.

Olhemos para futuro. Historia, quando houver liberdade escrevel-a, dará suas maiores e causticantes censuras nossa classe, principal causadora males este Estado. Acusai recebimento deste telegramma.

Doc. n. 36 — *Telegramma do general Telles ao mar. Floriano Peixoto, informando-o sobre a situação politica do Rio Grande do Sul*

« Urgentissimo. Reservado. S. N. Estação de Bagé. Expedido em 2 de novembro de 1892.—Marechal Floriano.—Hontem estive com o general Tavares que não concordou na conciliação, visto estar seriamente compromettido com seus amigos. A revolução no meu entender é inevitavel desde que não se tome já as providencias necessarias. Pelo modo por que chegaram as cousas aqui, acho que V. Ex. deve declarar já o Rio Grande em estado de sitio, nomeando immediatamente um governador militar, mas que este seja alheio ás paixões politicas do Rio Grande. V. Ex. não faz idéia dos horrores que se têm praticado; os assassinatos são em numero muito elevado, pois por toda a parte se degola homens, mulheres, crianças, como se fossem cordeiros; o saque está por demais desenvolvido, assim é que não ha nenhuma garantia quer individual, quer material. V. Ex. não conhece nem a terça parte dos horrores que se têm commettido, sendo infelizmente praticados por pessoas que deviam ser os mantenedores da ordem publica. Em Porto Alegre, por occasião de effectuar-se a prisão de Facundo Tavares, foram feridos com dous balasios o meu sobrinho major Pantaleão Telles e tambem um official que compunha a força e mortos dous filhos de Facundo; de modo que isto na minha opinião vem aggravar mais a situação por demais melindrosa. Os animos exaltadissimos e por isso supponho que a invasão se fará com brevidade. Os coroneis Pedroso e Motta, chefes republicanos Piratiny e Cangussú e tambem o tenente coronel Candido Garcia d'aqui, de Bagé, segundo estou informado, são os maiores assassinos e ladrões do Rio Grande e é a quem mais se deve este estado de cousas.

Assim me parece que V. Ex. deve quanto antes tomar providencias energicas afim de evitar uma catastrophe que necessariamente reflectirá em todo o paiz.

Supponho que o unico meio a seguir é como já disse a V. Ex. considerar já o Rio Grande em estado de sitio nomeando sem perda de tempo um governador militar mesmo por ser essa medida a desejada pelo povo rio-grandense.

Saúdo-vos affectuosamente. Sigo amanhã para a cidade do Rio Grande a levar a familia.— Zqkjsen—ddy— Ldyzodq—cd—bdijlnt—nroj—vdb—ddrj.—General *João Telles.*»

Doc. n. 37—*Cartas do ten.-cor. Facundo Tavares sobre a projectada conspiração*

« Porto-Alegre, 16 de Outubro de 1892—Illm. Snr. Felipe Nery Portinho — Correligionario e amigo—Já está no dominio publico, e por isso não lhe será desconhecido que projectamos reagir contra este governo que tantos males tem acarretado ao nosso desgraçado Estado.

Não é possivel que mostremo-nos já desbriados a ponto de deixarmos correr tudo a revelia e não lhe oppôrmos a menor resistencia. Assim é que de accôrdo com meu irmão, general Silva Tavares, estamos nos preparando para a luta.

Está elle no Estado Oriental, donde recebe recursos, escassos sem duvida, para a força que tem ; mas, com os elementos que tiver invadirá a fronteira e virá de marcha batida para o Rio-Grande, enquanto que eu, Visconde de Pelotas e o General Barreto Leite e outros amigos, já de accôrdo com os coroneis Vicente Gomes e Antonio Ignacio e mais o tenente-coronel Baptista, de S. Francisco, movemos o Norte.

E a todos daremos aviso por telegramma em cifra.

Meu irmão dará de lá instrucções aos amigos que já estão de tudo prevenidos, desde a Eneruzilhada até S. Borja, visto que nós daqui não teremos certeza de poder fazer estas communicações á tempo, porque o nosso Governo desconfiado de nós cortará todas as communicações. Elle (meu irmão) de lá pôde fazer tudo por proprios.

Nós daqui só faremos as communicações aos amigos já citados de cá e a V. S. por chave telegraphica e por proprios. Esperamos aviso 15 dias antes da invasão e apenas chegue lhe transmittiremos.

Espero que V. S. transmitta convite aos nossos correligionarios Timotheo de Souza Feijó e capitão Garcez para que nos auxiliem e vão dispondo seus elementos.

Armas, cada um se servirá das que tiver.

Quando ha boa vontade até a cacete se briga.

Consta-me que o Pinheiro Machado tem dous depositos de armas na Cruz Alta. Descoberto o lugar do deposito, um assalto a elles e serão nossos. Convém não deixar respirar o inimigo. As primeiras forças, reunidas, já devem estorvar a reunião do inimigo e perseguir os chefes, obrigando-os a fugir, se não puderem pega-los. São os elementos da guerra; V. S. sabe disso muito bem, e estou certo que porá em pratica logo.

O portador é o capitão Barcellos, que promette entregar esta em mãos de V. S. Se tiver occasião de escrever-me com segurança, espero merecer-lhe esse favor, avisando-nos dos recursos com que conta, para nosso governo. Ponho á sua disposição meu limitado prestimo e muito fazer, assignando-me. De V. S. correligionario e amigo obrigado, José Facundo da Silva Tavares.»

« P. S.—A chave telegraphica : Nery Porto—Cruz Alta—Urg. seu negocio será até dia (tantos será o dia da invasão)—(assignado) Corrêa.

Convirá começar a reunir quatro ou cinco dias antes e cortar logo o fio telegraphico em differentes pontos.»

« Porto Alegre, 26 de Outubro de 1892.

Illm. collega e amigo.—Tenho demorado a escrever-lhe satisfazendo o pedido que faz no seu cartão, por falta de segura proporção.

Agora aproveito a ida do capitão Barcellos que vai para a Cruz Alta e promette-me entregar-lhe esta com segurança. Cassal nada conferenciou connosco, nem procurou a nenhum. Só esteve com o dr. Wenceslão Escobar.

Afinal safou-se no sabbado á noite, levando a familia, deixando o Governo emaranhado em angusturas e os amigos comprometidos.

Dous delles estão na cadeia já e o Junqueira incommunicavel. Nós todos ameaçados

Nada receio. Com este aviso, meu collega, comece logo a preparar-se, porque não demorará que lhe chegue aviso do dia da invasão.

Consta aqui que ha desaccôrdo ahi entre o delegado de policia e os ladrões do Motta por causa dos roubos que aquelle tem arrecadado e mandado entregar ; dizem até que estão a ponto de pegar-se.

Será verdade ?

As noticias que nos chegam de toda a parte são muito satisfactorias. Todos dispostos para o primeiro aviso.

Que noticias me dará do meu parente Antonio Bonifacio ? Está bem disposto ?

Podendo escrever-me com segurança, não se esqueça porque muito preciso estar em dia com os elementos com que poderemos contar.

Comprimenta-o o camarada e amigo José Facundo da Silva Tavares.

Nota—A assignatura do telegramma será—Oliveira.

Abri esta para preveni-lo que fomos á noite avisados que seremos presos eu, dr. Bettencourt, dr. Wenceslão Escobar e Appolinario Porto Alegre.

Este e Bettencourt hoje ausentão-se. Eu, porém, não o posso fazer, porque, como sabe, tenho de dar direcção aos amigos logo que tenha aviso do general para prover-nos.

Mas desde que saiba ahi que fui preso, não demore o movimento; ponhão-se logo em campo, reunindo e entrando em operações, pois não duvide que irá logo ordem para prender todos os chefes na Campanha, o que será um desastre para a causa que defendemos.

Sei que o Joca tem recebido muito armamento e munição. Esta noticia tive hontem.

Recommendo a Gaspar Barreto para mandar logo proprio ao Joca avisando de ter-se adiantado o movimento para elle lá accelerar a invasão e vir em nosso auxilio. »

Doc. n. 38—*Boletim-relatorio do governo do Rio Grande sobre os acontecimentos de novembro de 1892*

« Cabe ao governo do Rio Grande o dever sagrado de relatar ao povo e ao partido republicano os gravissimos successos, as infernaes machinações que nas trevas tramavam e começaram a levar a effeito os inimigos da republica. »

De facto o governo acaba de apprehender, por via das autoridades de Santa Maria e em mão do capitão Felisberto Barcellos, por alcunha *Gato Pingado*, uma numerosa e gravissima correspondencia de chefes daqui, a amigos seus da campanha e na qual o mais feroz e sinistro plano da revolução está esboçado, sendo suas principaes partes a do exterminio dos chefes republicanos e invasão do estado e da patria pela fronteira, até com elementos estrangeiros !

A correspondencia apprehendida descobriu completamente os intuitos malvados dos inimigos do governo e da republica, que pretendiam conflagrar o Rio Grande e lançal-o aos horrores de uma guerra civil.

Os *federaes*, que não quizeram acudir ao appello patriotico formulado pelo nosso governo, todo de paz e brandura, de justiça e protecção aos interesses e direito do povo—os *federaes*, sempre perversos, prepararam aos poucos um pavoroso movimento revolucionario, para convulcionar profundamente o estado, arrancar o socego das familias rio-grandenses e de todas as classes, matar enfim pelo assassinato infame os principaes directores do nosso glorioso partido !!!

Os inimigos da ordem e progresso e de nossa querida patria viveram durante os mezes do governo constitucional a machinar nos seus conhecidos centros, nas suas ferozes e repetidas reuniões celebradas no estrangeiro, a desgraça da familia e da sociedade, preparando elementos para conspiração sanguinolenta, que levasse o luto, o terror, o sobresalto a todos os lares e localidades do estado.

Deram os nossos inimigos principio á execução da sua maldita revolução, que constava de tres partes capitaes :

1ª Manter o alarme na população com boatos, perturbações parciaes de ordem, motins e guerrilhas neste ou naquelle ponto.

2ª Invadir o Rio Grande do Sul pela fronteira do Uruguay e cahir sobre os nossos amigos na campanha e em todas as localidades, a um momento e a um signal dado.

3ª Assassinar, antes e durante a conflagração, os chefes republicanos de mais prestigio e valor !!

De accôrdo com os dados segurissimos, irrespondiveis, absolutamente certos, que com toda segurança colheu, o governo está habilitado a assegurar que a revolução alludida abortou, para felicidade do Rio Grande do Sul e paz e glória da republica, que tanto amamos.

O plano dos amaldiçoados motineiros era, além do que já expuzemos, o seguinte :

O general Joca Tavares fazia a invasão da fronteira, e vinha de marcha batida, tomando todo o sul até Pelotas e Rio Grande, onde se apoderaria da barra, trancando-a.

Ao mesmo tempo outros chefes federaes se encarregavam de invadir o norte e marchar rapidamente sobre a capital do estado, fazendo as duas invasões a sua junção, e apoderando-se os cacilhas colligados de todo o territorio rio-grandense.

As causas da revolução planejada reduzem-se a essa simples razão—os inimigos do partido republicano não querem o estado nas mãos honradas de um partido que zela estremecidamente os direitos, o suor, os interesses do povo e visa ardentemente a consolidação da republica brasileira.

Os reaccionarios não querem o imperio da lei, o regimen da justiça e do direito; respiram o sangue e devastação; só estão a gosto no meio das agitações, que arruinam miseravelmente as finanças, o credito, os capitaes, o de corô, a honra de uma terra valente e digna de um futuro grandioso.

Por isso tramaram a revolução que a energia do governo, a rapidez e o acerto das medidas tomadas, o valor e denodo dos auxiliares da administração, promptos a sustentar a ordem em todos os terrenos conseguiram suffocar na fonte, garantindo a sociedade rio-grandense contra os seus perpetuos expeculadores.

Abaixo reproduzimos as noticias que nos chegaram sobre o movimento na campanha e em outros pontos.

Esteja plenamente confiado o povo de nossa terra no governo que felizmente rege-lhe os destinos.

Sim, porque o governo está cercado de todos os elementos de vida e victoria; é sustentado decisivamente pelas gloriosas forças federaes, sempre patrioticas e destemidas; pelas abnegadas forças estadoaes, zelosos mantenedores da ordem publica; pelas forças civis do partido, prompto e em armas, em toda a parte, e pelo apoio magnanimo da opinião publica, que sempre estima e abençoa os governos conservadores como o nosso.

Esteja confiado o povo.

A ordem será observada : a lei não descerá do seu pedestal.

Eis alguns dados, colhidos em noticias que nos vêm chegando a respeito da revolução abortada. O general Joca Tavares e outros caudilhos federalistas, José Castilho, Guerreiro Victorio, etc. concentraram as suas forças (1,000 homens) em Rivera, ameaçando invadir o estado por Sant'Anna e desse ponto marchar rapidamente sobre Pelotas e Rio Grande, tomando todo o sul do estado e trancando a barra.

O convite, o estímulo dado aos mercenários que compõem esse exercito é o do saque livre!!

Os caudilhos federaes promettem que embora a victoria da revolução falhe a idemnisação dos prejuizos que soffrerem os seus correligionarios não falhará, porque o saque dará para resarcir tudo!!!

Doc. n. 39—*Narrativa dos successos do Rio Grande do Sul feita pelo Jornal do Commercio de 17 de novembro de 1892*

A situação do Estado do Rio Grande do Sul impressiona tristemente a opinião desta Capital e acreditamos que de toda a Republica. Os acontecimentos que alli têm occorrido e os que parecem imminentes já não interessão sómente ao Estado, mas a toda a União. Esta não pôde ser indifferente á politica que traghão as desordens e os homicidios havidos em Porto-Alegre e á guerra civil em um dos seus Estados integrantes.

Tão falhos são os telegrammas que o nosso correspondente, que aliás é de provada actividade, nos tem passado e tão deficientes são as noticias da imprensa rio-grandense, que difficilmente se poderá tirar de uns e de outras conceito verdadeiro da afflictissima situação estadual a que alludimos. Conseguimos, entretanto, conversar com um cidadão eminente por longos e gloriosos serviços á Patria, e que tendo chegado ha poucos dias de Porto-Alegre, nos pôde dar alguns dos esclarecimentos que procuramos.

Occorre em Porto-Alegre o que acontece sempre em periodos de despotismo e de força. A imprensa está coacta ou antes manietada ás ordens do Governo. Ouvimos do nosso illustre informante que os jornaes que ainda alli se publicão, mandão provas dos artigos á repartição da policia para poderem inseril-os no numero a sahir. Nenhum cidadão, qualquer que seja a sua posição social e a gloria reflectida de um passado de heroismo, julga-se seguro na rua se incorreu no desaffecto dos personagens que cercão o Governo do Estado.

O marechal Visconde de Pelotas tem uma notoriedade tal

de civismo e de gloria militar que não precisamos de lembra-la á memoria de seus concidadãos. Foi ao seu prestigio, á sua autoridade e ao seu criterio que o Governo Provisorio confiou a 15 de Novembro a direcção do Rio Grande do Sul, de que acabava de sahir para esta capital o presidente senador Gaspar da Silveira Martins. Desde o dia 15 de Novembro o illustre Visconde de Pelotas tem experimentado as mais varias transições da vida politica e a dictadura de 4 de Novembro, honrando-o com a sua suspeição, não lhe poupou amofinações e desgostos. Ninguem, porém, cogitou que em qualquer parte do Brazil e muito menos naquella que lhe foi berço, a vida do vencer do Aquidaban estivesse exposta ao ferro de assassinos.

Pois o Visconde de Pelotas teve de sahir doente de Porto Alegre para esta Capital, a instancias de amigos receiosos pela sua existencia ameaçada, não pela molestia, mas pela crueza e pela ferocidade de adversarios politicos.

Para embarcar encontrou o Visconde de Pelotas em um dos seus antigos camaradas da guerra paraguaya todo o apoio e protecção. O general Pêgo, commandante do districto militar, seguido de officiaes armados foi busca-lo á casa de sua residencia e acompanhou-o como escolta de honra e de segurança até o lugar de embarque. Ahi, por ordem do mesmo commandante do districto militar, foram-lhe prestadas as honras militares por uma força de guarnição. O general Pêgo acompanhou o Visconde de Pelotas até duas leguas distante de Porto Alegre.

Se esses acontecimentos occorrem no interior do Estado, no exterior, affirmão as noticias que obtivemos, não são menos graves. O general João Nunes da Silva Tavares chefe do partido federalista rio-grandense e emigrado, achava-se na villa de Mello, do Estado Oriental, reunindo gente armada para entrar no Rio Grande e reagir pela força contra o partido castilhistas dominante. A morte de seus sobrinhos em Porto Alegre e o ferimento e a prisão de seu irmão, destruirão talvez os esforços que outros chefes federalistas fazião para evitar a guerra civil. Esta parece-nos assim inevitavel e o seu resultado, pertença a quem pertencer a victoria, será o regresso daquelle prospero e brioso Estado, sentinella avançada do Brazil.

As autoridades dos departamentos fronteirigos do Estado Oriental não mostram a imparcialidade de neutras que deviam ser. Consta-nos que os emigrados que seguem a bandeira do general Silva Tavares encontram mais do que tolerancia nessas autoridades; têm dellas auxilio efficaç e material. Soldados dos regimentos de linha do Estado Oriental têm sido licenciados para se incorporarem ás forças do general rio-grandense. Estas são calculadas por uns em 5.000 homens e por outros em 8.000 homens dispondo de armamento aperfeiçoado.

As despesas desse armamento são custeadas, pelo que ouvimos, por fazendeiros rio-grandenses de aquem e de alem Uruguay. O Governo Federal deve ter informações melhores e mais au-

torisadas desse estado de cousas que nos afflige, nos impressiona e nos inquieta.

—Como complemento dessas informações inserimos aqui uma correspondencia de Porto-Alegre sobre os lutosos acontecimentos do dia 1.

«Porto-Alegre, 3 de Novembro—No dia 23 ou 24 de Outubro ultimo sahio daqui o capitão honorario do exercito Felisberto José Pereira de Barcellos, director interino da colonia militar do Alto-Uruguay, conduzindo dinheiro para as despezas da colonia e levando uma escolta de 20 praças de linha.

A 25 começaram a correr boatos de ter sido atacado perto de Cruz Alta o coronel Evaristo Teixeira do Amaral, chefe governista da Palmeira.

A 26 a *Federação* dá como verificada a morte do referido coronel e mais cinco companheiros, depois de renhido tiroteio com uma força de 60 homens, dirigidos por Manoel Garcez e Camillo Fagundes.

A 27 seguiu uma força de linha de 50 praças, com um capitão, e um alferes acompanhando-a tambem um filho do referido coronel Evaristo. Essa força devia seguir da margem do Taquary pela estrada de ferro até Santa Maria da Bocca do Monte e dahi por terra até Cruz Alta.

Constou que ao chegar a Santa Maria o filho do Evaristo telegraphára ao Governador, ponderando-lhe que sendo Felisberto Barcellos federalista não convinha que seguisse com a força que estava sob suas ordens, para o mesmo ponto: Cruz Alta. O Governo entendeu-se com o commandante do districto militar, e o capitão Felisberto teve ordem de parar em Santa Maria.

A cidade da Cruz Alta desde 26 que estava em sitio, isto é, nenhum individuo contrario á politica do Governo podia sahír da cidade.

A *Federação*, ao noticiar a morte do coronel Evaristo, em um artigo violentissimo, dirigio as mais francas ameaças aos chefes do partido contrario; o filho da victima despedio-se em um inconvenientissimo escripto, attribuindo a morte do pai ás obras da *Reforma*.

Em vista de tão categoricas ameaças, os drs. José Bernardino da Cunha Bittencourt (membro da directorio federal) e Wenceslão Escobar (redactor da *Reforma*) resolverão ausentar-se da cidade, e a 31 tomáráo passagem para o Rio Grande e dalli seguirão para a Capital Federal.

Os boatos circulavão, cada qual mais atterrador; mas a cidade apparentava certo socego até a noite de 31.

Pela madrugada, porém, de 1.º sentio-se grande movimento de forças pelas ruas da cidade.

Disse a *Federação* que, em poder do capitão Felisberto Barcellos, em Santa Maria, havião sido encontradas cartas escriptas pelo tenente-coronel José Facundo da Silva Tavares para diver-

sos chefes da Campanha, dando-lhe instrucções sobre a revolução que estava a arrebentar.

O Governo, de posse dos documentos desde meia noite, tomára todas as medidas sobre as prisões que tinha de effectuar, contando assim fazer abortar o plano sedicioso.

A's cinco horas da manhã cercárão a casa do tenente-coronel Facundo Tavares, que mora no centro da cidade, em um predio de esquina. E' horrorosa a scena que ahi se passou.

Com grande algazarra batêrão á porta. Facundo chega á janella e é recebido com uma descarga. Embalde elle e mulher gritão que está prompto a entregar-se; mas na rua o major Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz, commandante da brigada policial, e que tomou a si a incumbencia de prender Tavares, para o que fez-se acompanhar de 25 homens, ordenava ás praças que fizessem fogo, no que era ferozmente secundado por um individuo á paisana, cujo nome ignoramos.

O alferes Marçal, da guarda civica, vae pular uma das janelas; Tavares, então, desesperado, já ferido, vendo o modo barba-ro por que querião effectuar a sua prisão, homem de coragem, como sempre foi, servio-se das armas que tinha na mão, e fez fogo, que durou um momento, e não 15 minutos, como diz o re-latorio official.

Da propria janella, obedecendo á intimação, entregou a arma que empunhava, e foi então effectuada a prisão.

Facundo é homem de 70 annos; estava vestido de camisa de meia e calças de chita (bombachas), chinellos, sem chapéo, e nestes trajos, gotejando sangue dos ferimentos que havia recebido, foi conduzido á cadeia, não consentindo o major Telles que o cobrissem com uma colcha; como de mãos postas lhe pedia uma das desgraçadas filhas.

Facundo sabio de casa e ignorando o lugubre quadro que deixára e até hoje ainda ignora.

Seus dous filhos, jòvens, um de 29 annos, outro de 21, ficão mortos. Um fôra morto, ao levantar-se da cama, por uma bala, que lhe levantou parte da região frontal; o outro recebera mortal ferimento na clavícula esquerda.

E' inexacto que tivessem feito fogo sobre a tropa: este acto de grande e louca coragem só foi praticado por seu pai, no auge da maior afflicção.

Imagine-se a consternação profunda em que ficárão a mulher de Facundo e suas filhas, ao verem os trastes, os espelhos quebrados pelas balas, a sala um lago de sangue e os cadaveres de dous filhos e irmãos.

Para se effectuar a prisão de um homem, em uma casa no centro da cidade, vem 25 praças armadas á Comblain, commandadas por um alferes e dirigidas pelo proprio commandante geral da brigada policial. A casa alli está patente aos olhos de todos, mostrando a grande quantidade de balas que receberão as paredes exteriores e interiores; nenhuma consideração se guardou a

uma casa de familia, nenhum respeito á lei, que em casos taes outra cousa determina!

O major Telles ficou levemente ferido em uma perna, e o alferes Marçal no dedo grande de um pé, tendo sido preciso amputal-o.

Pelos telegrammas publicados pela *Federação*, na Capital Federal considerão como acto de grande heroismo a façanha da policia em casa de Facundo; mas quem attender que forão vinte e tantos homens para atacar um, ou tres se o quizerem por certo que não dará grande apreço á decantada bravura.

O enterro dos dous jovens, effectuado no mesmo dia, espectáculo contristador, foi muito concorrido, especialmente pelos alumnos da escola militar.

—A' mesma hora em que era atacada a casa de Facundo o foi a do commendador Frederico Haensel.

Este e familia têm por habito levantarem-se cedo; a casa em que habitão fica ao fundo, tendo na frente um jardim, com portas para a rua. Uma filha de Haensel regava flores no jardim, quando vê entrar portão dentro, muitos homens armados; pergunta-lhes o que querem?

—Está em casa o Sr. Haensel?

—Sim, senhores, está no banho; vou chamal-o. Encaminha-se para o logar do banheiro; os soldados a seguem.

A moça aterra-se, e pergunta-lhes: que vêm fazer?

—Prender Haensel; e como elle pôde escapar-se, vamos tambem ao banheiro.

A moça fez-lhes ver a situação da casa, que não permittia a fuga.

Chamado pela filha, Haensel vem ao jardim, e recebe a intimação da prisão.

Não oppôz resistencia alguma; foi para o interior da casa, vestio-se e apresentou-se á força, trazendo na mão uma pequena bengala.

A mulher e a filha de uma janella, advinhando o sinistro intento dos soldados, pedirão compaixão para o preso, dizendo-lhes que era um pai de familia que alli levavão. Haensel voltou-se e diz-lhes: não se assustem; estes senhores estão cumprindo ordens; a minha ausencia será curta, pois darei satisfações que provem a injustiça de minha prisão. Encaminha-se para o portão; as praças dão dois tiros para o ar; Haensel pede-lhes que não assustem a familia; dá mais um passo, e o proprio official ou sub-official, um Sr. Francioni que commandava a escolta, desfecha-lhe pelas costas um tiro, ferindo-o sobre a columna vertebra-dorsal. Haensel cahe, e a escolta sem voltar-se sahe rua fóra!

Simplemente um frio e barbaro assassinato aos olhos da mulher e da filha!

Haensel é allemão, brasileiro naturalisado, e vive entre nós ha mais de 30 annos.

Tinha sido homem da politica activa do partido liberal, re-

presentando-o diversas vezes na assembléa provincial. Desde, porém, que foi proclamada a republica deixou de militar em partidos, e occupava-se exclusivamente dos interesses da Companhia Fluvial, da qual é gerente ha muito annos, e com tal habilidade a tem dirigido que é a associação que maiores dividendos distribue neste Estado.

Não se atina, pois, com o odio que tivesse podido acarretar dos homens da situação, quando não os contrariava na sua politica.

Diz-se, porém, que foi victima dos deveres de seu cargo de gerente de uma companhia de navegação, porque em Junho não satisfizera promptamente a todas as exigencias que lhe forão feitas em relação aos vapores a seu cargo.

E por tal motivo se mata um cidadão prestimoso, pobre, chefe de familia. Haensel fica agonizando. Tem um filho que mora em S. Sebastião do Cahy, sabendo do estado do pai veio hoje á capital, e a policia da terra commetteu a barbaridade de prendel-o á sua chegada, sem deixal-o ir a casa. Este facto tanto revoltou os proprios amigos do governo, que depois de tres horas de prisão, á noite o soltárão.

O orgão official para cohonestar tão vil e traçoeiro attentado declarou que Haensel atirou sobre a força, quando nenhuma arma trazia. Calcule-se por ahi que credito se deve dar ao relatos officiaes.

Foram estes os factos sanguinolentos que se derão no lutuoso dia 1.º, e que causárão na cidade a mais profunda o dolorosa impressão, revelando ao mesmo tempo o grão de perversidade com que são dadas ou executadas as ordens para as prisões de cidadãos que o Governo julga criminosos.

A cidade esteve alarmada durante todo o dia, as partidas de escoltas, os esquadrões se crusavão por diversas ruas. Muitas prisões forão effectuadas, como se vê das partes da policia que têm sido publicadas.

Ha algumas que causárão verdadeiro pasmo, como a do tenente-coronel Leopoldo Masson, negociante de joias, homem paco, cidadão muito considerado; a do dr. Gaspar Bechsteiner, engenheiro distinctissimo, que servio no gabinete do ministro Demetrio, e foi aqui director da estrada de ferro, republicano historico, mas sem nunca ter tomado parte nas lutas politicas. E' possivel que a sua prisão fosse motivada por ser casado com uma sobrinha de Facundo Tavares. Quando o prendêrão estava tratando do enterramento de seus dous infelizes parentes.

Foi preso o gerente da companhia de bonds Virgilio do Valle, sem se poder suspeitar os motivos, porque nunca foi homem que militasse activamente em politica.

Está tambem preso o dr. Victor de Brito, medico oculista, republicano historico; e Emilio Ferreira, gerente da companhia telephonica.

Emfim as prisões são muitas; têm vindo escoltados diversos cidadãos dos arredores e proximidades da capital.

Corre que um dos presos, Praxedes da Silva, pardo, artista colchoeiro, tem soffrido na cadêa o castigo de palmatoadas.

Tem sido soffregamente procurados Appollinario Porto-Alegre, um dos redactores da *Reforma*, e Guilherme Magnus, negociante importador. Dizem que o crime deste foi ter iniciado uma subscrição para se offerecer uma espada ao capitão-tenente Lara.

Não será fóra de proposito dizer que Facundo Tavares reside em Porto-Alegre ha pouco mezes, exercendo o cargo de gerente da Companhia Hydraulica.

Ora, esta companhia sustenta, ha muitos annos, pleitos com o tabellião José Vicente da Silva Telles, que, havendo comprado pedaços de terras marginaes do arroio que suppre a agua, por vezes tem feito reprezas para obstar o curso das aguas, e trazido serios embaraços á companhia.

No fóro judiciario tem Telles perdido todas as questões; e agora está muito esperançado de ganhá-las, valendo-se do prestigio de parentes.

E' irmão do general Telles, ha pouco vindo da Capital Federal.

Um sobrinho, o dr. Manoel Telles, foi chefe de policia, nomeado na revolução de Junho e que commetteu as maiores tropelias.

Outro sobrinho, o major Joaquim Pantaleão é commandante geral da brigada policial, que foi em pessoa prender Facundo. Este tinha sido escolhido como homem energico, capaz de sustentar o direito da companhia, mesmo diante da audacia do tabellião Telles, que zombou sempre das autoridades.

O que é real, porém, é que os habitantes da bella Capital do Rio Grande vivem debaixo da maior pressão, sob o dominio do terror.

A palavra de ordem é—matar; na revolução franceza forão trucidadas milhares de pessoas, dizem os litteratos do sangue.

Quizerão plantar no Rio Grande, de novo, o Governo do sr. Julio de Castilhos: eis ahí as consequencias, cujo curso terrivel ninguem sabe quando parará.

Quem se amerciará dos pobres rio-grandense?

Outr'ora confiava-se na força publica para reprimir os excessos; hoje, porém, as autoridades militares crusão os braços, pretextando que não se envolvem nas questões estadoaes.

Completa irrisão! O Governo faz espalhar a noticia, que matarão um de seus adeptos, a morte do coronel Evaristo até 31 não estava verificada, segundo dizia o chefe de policia) e no dia seguinte força federal marcha em perseguição dos criminosos.

Diariamente, aos olhos de todos, sahe armamento e munição do arsenal para casa de diversos cidadãos.

Agora o reverso. A uma quadra de distancia do quartel ge-

neral do districto militar morava o tenente-coronel Facundo Tavares; para prendel-o prepara-se uma força de 25 homens, bem armados e municados, e, sem usar de nenhum meio brando, de nenhuma fôrma legal de intimação, essa força sustenta um tiro-teio de 15 a 20 minutos (assim o disse a *Federação*), e o commandante do districto assiste indifferente a um spectaculo tão repugnante, só digno de barbaros, assim como não interpõe a sua autoridade, nem a sua força para obrigar o Governo do Estado a usar como quizesse de sua acção, mas respeitando os direitos individuaes, garantindo até aos mais terriveis facinoras; o commandante do districto cruza os braços, e consente que se commettão cobardes assassinatos, que se aterre uma população, com a pratica dos mais nefandos crimes.»

Doc. n. 40 — *Rectificação essencial da maioria da representação riograndense sobre a narrativa dos successos occorridos em Porto Alegre*

(JORNAL DO COMMERCIO)

A proposito da publicação hontem feita sobre os successos do Rio Grande do Sul, escreve-nos a maioria da representação rio-grandense ora nesta Capital :

« Havendo lido attentamente as considerações que addiccionastes a uma correspondencia de Porto Alegre, publicada hoje na vossa conceituada folha, esperamos da vossa gentileza que não recusareis espaço á publicação das seguintes linhas, nas quaes se encerra a rectificação essencial das noticias que vos forão transmittidas.

Não tanto por causa da alludida correspondencia, saturada de inexactidões, como principalmente em attenção á vossa acatada palavra, julgamo-nos obrigados a este trabalho, para justa defesa da presente situação governamental do Rio Grande do Sul.

Deprehende-se de vossa declaração que foi o Sr. visconde de Pelotas quem vos prestou as informações que servirão de base aos vossos conceitos. Eis o que basta para serem ellas eivadas de suspeição.

Ninguem ignora que S. Ex. é abertamente infenso aos republicanos do Rio Grande e, portanto, ao actual Governo do Estado, sendo natural que ainda se ache sob a pressão do despeito ou da magua que lhe causou o movimento revolucionario do mez de Junho,—época em que S. Ex. foi desalojado do posto governativo, onde fôra collocado por indicação do dr. Silveira Martins, em nome do parlamentarismo e de outras idéas deste conhecido tribuno. E' claro, pois, que, apezar do respeito que nos merece pessoalmente S. Ex. a sua voz, neste momento, não

é a da serena imparcialidade, que esclarece e aconselha, mas, sim, a voz da paixão exaltada, que é sempre má conselheira.

Vejamos os factos.

Não é exacto o que disse o vosso informante quanto á suppressão das garantias da lei no Rio Grande e a attentados alli commettidos.

A verdade é que, desde o mez de Setembro, propalava-se que estavam aparelhados os elementos para uma revolução cruenta, a qual rebentaria em Novembro, para o fim de abater o Governo do estado e restaurar a dominação do dr. Silveira Martins e dos seus parciaes. Em face de taes boatos, que se avolumávão dia a dia, a ponto de serem propalados com igual insistência nesta Capital, aquelle Governo entendeu dever tomar todas as precauções para assegurar a ordem publica e evitar qualquer tentativa de conflagração, pondo-se em guarda contra os conspiradores, cuja maior parte, segundo se dizia, estava no Estado Oriental, junto da fronteira, prompta a invadir bellicosamente o territorio rio-grandense.

Conservou-se nessa attitude o Governo, até que, poucos dias depois do selvagem assassinato do chefe republicano do municipio de Palmeira, coronel Evaristo Teixeira do Amaral, assaltado e esquartejado na estrada por um bando de 66 homens, forão apprehendidas em poder do capitão honorario Felisberto Barcellos, emissario dos conspiradores, muitas cartas do Sr. Facundo da Silva Tavares, dirigidas a chefes locais no sentido revolucionario.

O vosso *jornal* publicou, ha dias, na sua integra, duas dessas cartas, nas quaes o respectivo signatario, na qualidade de representante do seu irmão general Silva Tavares, havia exposto o tenebroso plano da revolução, cuja primeira clausula era o *assassinato prévio* de todos os chefes republicanos! De posse dellas, que conducta devia observar o Governo? Cruzar os braços e deixar que se desencadeasse a tormenta revolucionaria, ou dissipar-la pela applicação de promptas e energicas medidas precautionarias, que evitarião males muito mais graves?

Collocado nessa alternativa, o Governo optou pelo segundo alvitre, conforme aconselhava o mais rudimentar bom senso, e determinou a prisão immediata do Sr. Facundo Tavares e dos cabecillas envolvidos na conspiração sinistra. No momento da prisão, Facundo e dous filhos maiores resistirão com as armas nas mãos, despedindo balas sobre a força policial que fôra incumbida de effectuar a diligencia, sendo feridos o official que commandava e o proprio commandante da brigada militar, o qual quiz estar presente para impedir qualquer excesso. Se não fosse opposta tão insensata resistencia, não teria corrido a minima gotta de sangue, e a prisão se effectuaria normalmente.

Segundo consta do inquerito policial, o Sr. Facundo confessou que foi elle o primeiro a fazer fogo sobre a força. A mesma confissão se encontra expressamente em uma carta por elle

assignada, a qual deu hontem inserção um dos diarios vespertinos desta cidade. Como, pois, é accusado o Governo do Rio Grande, a proposito do occorrido com o Sr. Facundo, que commetteu um duplo crime—o da conspiração sanguisedenta e o da resistencia armada a uma ordem de prisão?

Além do Sr. Facundo, forão presos outros cidadãos, residentes em Porto Alegre, por estarem compromettidos como conspiradores, inclusive o Sr. Haensel, que, havendo resistido, recebeu um ferimento, do qual lhe resultou a morte, infelizmente; os outros, porém, forão soltos logo depois de concluidas as indagações policiaes, que habilitarão o Governo a conhecer os principaes culpados e a conserva-los debaixo de vigilancia.

As efficazes providencias que se tomárão em Porto Alegre forão tambem empregadas em outros municipios, onde a ordem publica estava sériamente ameaçada. Não occorreu, felizmente, nenhum incidente lamentavel, salvo no municipio da Cruz Alta, cuja séde, depois de ser occupada violentamente, de surpresa, pela mesma horda de vandalos que havião decepado a cabeça, os braços e pernas do coronel Evaristo, foi recuperada pelas autoridades legaes, que supplantarão o banditismo disfarçado em facção politica.

Como era natural, taes occurrencias levárão o alarme ao seio das laboriosas populações Rio Grandenses, sobresaltadas tambem pelos boatos adrede propalados. Mas graças ás salutaes medidas do Governo do Estado, recuperárão a tranquillidade, apenas perturbada pelas insensatas e ridiculas ameaças oriundas dos degenerados brasileiros que, fugindo para territorio estrangeiro, perpetrão o monstruoso delicto de intentarem fazer do solo do Rio Grande, do sólo da Patria, o theatro de uma hecatombe fratricida.

Podemos asseverar que o Rio-Grande está em paz, ameaçada esta de longe pelos grupos que, nos departamentos orientaes de Cerro Largo e Rivera, departamentos fronteiriços, conservão-se em comica attitude bellicosa. Dissolvidos esses grupos, em virtude de intimação do Governo Oriental, a paz publica no Rio-Grande estará plenamente assegurada.

Fica assim demonstrada a primeira inexactidão commettida pelo vosso informante.

— Tambem não é exacto que a imprensa rio-grandense esteja coacta; ao contrario do que vos informárão, todos os jornaes do Rio-Grande continuão a exercer a mesma liberdade, desde a capital do Estado até o mais humilde municipio.

Em Porto-Alegre, onde existem cinco jornaes diarios, só a *Reforma*, orgão do parlamentarismo e da restauração monarchica, suspendeu a sua publicação, em virtude do vão temor de seus redactores, que se ausentarão occultamente daquella capital. Em Pelotas continuão a ser publicados todos os diarios, com excepção do *Nacional*, cujo proprietario fugio da referida cidade, sem motivo conhecido. Na cidade do Rio-Grande editão-se dia-

riamente os seus cinco jornaes, inclusive a *Actualidade* que é folha ostensivamente monarchica. Nos outros municipios, onde existem jornaes, estes são publicados do mesmo modo.

O que acabamos de expôr deixa patente que a imprensa rio-grandense, longe de soffrer qualquer pœa, usa de sua liberdade como entende.

— Não passa de mera phantasia a versão extravagante que vos transmittio o Visconde de Pelotas, relativa ao seu planejado assassinio.

Disse-vos elle que, para não ser assassinado em Porto-Alegre, foi preciso que o general Pego e muitos officiaes do exercito o escoltassem desde a sua residencia até a bordo do paquete em que tomára passagem...

Quem se lembraria disso? Irrisão!...

Apezar de ser o Sr. Visconde um homem bellicoso, capaz de todos os heroismos, apezar de estar providamente envolvido na conspiração destinada a conflagrar o Rio-Grande, apezar de ser o seu nome invocado nas cartas do Sr. Facundo como um dos chefes dos conspiradores, o Governo do Estado não cogitou de S. Ex., nem seria capaz de permittir qualquer desacato á pessoa do marechal doentio. S. Ex. está phantasiando...

— O vosso illustre informante não se esqueceu de dizer que nos departamentos do Estado Oriental, fronteiriços, estão acampados os inimigos do Governo do Rio-Grande, dispostos a fazerem a invasão do nosso territorio, em numero de 5,000 a 8,000 homens, dispondo de armamento aperfeiçoado... Ainda mais: accrescentou que os emigrados obedientes ao general Tavares obtiverão das autoridades orientaes não sómente a tolerancia, mas tambem auxilios materiaes, directos e efficazes. Ainda mais: accrescentou que soldados dos regimentos de linha do Estado Oriental hão sido licenciados para se incorporarem ás forças invasoras.

Nada mais ridiculo, nada mais impatriotico!

Em primeiro lugar em vez de 5,000 ou 8,000 homens, as forças do general Tavares, reunidas no territorio oriental (Cerro Largo) montão, quando muito, a 500 homens, mal armados e mal montados, segundo fidedigna communicação que recebemos de Bagé.

Em segundo lugar, não pôde haver opprobrio maior para os taes conspiradores do que aquelles que resulta do facto de pedirem apoio ás autoridades orientaes para a sua obra de vandalismo na terra natal!

Por ultimo, é o vosso proprio informante que affirma que fazem parte das forças do general Tavares as praças licenciadas dos regimentos de linha do Estado Oriental, propositalmente licenciadas!

Que mais se pôde dizer contra essa facção nefanda?

Não ha qualificativo que exprima a indignação de todos quantos assistem a essa tentativa de villipendio nacional!

Doc. n. 41. — *Exposição do dr. Silva Tavares
sobre a conferencia da Carpintaria.*

Correndo diversas versões sobre o que passou na conferencia realizada no dia 1.^o do corrente em Carpintaria, em casa do fallecido Belchior Silveira, entre o meu irmão, o General João Nunes da Silva Tavares e o General João Baptista da Silva Telles, enviado do marechal Floriano Peixoto, vice-Presidente da Republica do Brazil, julgo conveniente expôr o que nella houve para que a opinião do Rio Grande fique bem informada do fim dessa missão e do seu resultado e possa com justiça apreciar a situação politica creada naquelle infeliz Estado pela indevida intervenção do mesmo Marechal Peixoto.

Refugiado neste paiz para escapar á sanha de adversarios politicos e achando-se coacta a imprensa rio-grandense pelo regimen do terror inaugurado naquelle Estado pelos homens da situação, vejo-me impedido de nella publicar a exposição que julgo conveniente fazer e portanto peço ao Sr. director do *El-Dia* a inserção das seguintes linhas no seu acreditado jornal.

Tendo-se encontrado no lugar e dia já designado, os generaes Tavares e Silva Telles, retirárão-se para uma sala com alguns amigos e começou a conferencia que pôde resumir-se deste modo :

O general Tavares expoz os acontecimentos do Rio-Grande desde a revolução de Novembro. Disse que essa revolução deu como resultado a queda do marechal Deodoro e a sua substituição pelo marechal Floriano no Governo da Republica e no Rio Grande a separação de Julio de Castilhos da presidencia do Estado e a elevação ao poder do partido federal, iniciador da revolução ; que todos esses actos forão sancionados pelo marechal Floriano e pelo Congresso ; que tendo sido nomeado segundo vice-governador do Estado assumio o governo em Bagé no dia 17 de Junho do corrente anno, por ter-lhe transferido o vice-governador Visconde de Pelotas, quando no dia 17 soube que em Porto Alegre tinha havido uma revolução castilhista com o fim de restabelecer a situação derrubada em Novembro, tornando Julio de Castilhos a assumir o governo ; que entendendo ser o seu dever sustentar a situação creada pela revolução de Novembro, e na convicção de que nenhum obstaculo lhe seria opposto por parte do Marechal Floriano, que por lealdade e consequencia politica não podia apoiar a contra-revolução castilhista e desfazer a obra do patriótico movimento de Novembro, ao qual o proprio Marechal devia o poder, procurou reunir elementos para resistir a essa contra-revolução, e tinha perto de tres mil homens em Bagé, quando soube que, contra a sua expectativa, o Vice-Presidente Floriano intervinha directamente nos negocios do Estado, reconhecendo o novo Governo, e sustentan-

do-o com a força federal ; que querendo evitar a guerra civil e a luta com o centro, resolveu dissolver a força que tinha reunido, entendendo-se para esse fim com o coronel Oscar, representante da força federal, o qual lhe garantiu que podião todos retirar-se em paz e segurança para as suas casas; que á vista disso dissolveu as forças, e apenas dissolvidas começou a mais desenfreiada perseguição contra os federaes, sendo alguns presos e assassinados em suas casas, assaltadas, saqueadas as estancias, tratadas sem respeito as familias, arrebatada grande quantidade de animaes vaccuns e cavallares, emfim, uma devastação vandálica, praticada pelas forças castilhisias, á sombra da protecção que lhes dispensava o Governo Federal, e isto quando não tinha, em nenhum lugar do Estado, resistencia contra o novo governo, do que resultou que se refugiassse no Estado Oriental e na Republica Argentina crecido numero de federaes, abandonando familias e interesses para salvarem a vida.

E concluiu o general Tavares perguntando : « Quer o marechal Floriano que voltemos á patria ? que garantias offerece o Governo aos emigrados, dos quaes a maior parte foi despojada das suas propriedades e muitos ha que perderam pessoas que lhes são caras, cobardemente assassinadas pelos chefes castilhisias ? Por que razão o Governo não reprimio estes attentados ? »

Respondeu o general Silva Telles que a amnistia tinha apagado todos esses crimes. Replicou-lhe o general Tavares :

Não, a amnistia só é applicavel aos actos praticados até á rendição de Bagé e todos estes attentados foram commettidos depois da dissolução das forças e agora mesmo estão os castilhisias commettendo tropelias e violencias contra os federaes e continuarão a commettel-as, porque se considerão seguros com a protecção do exercito federal. E, se o marechal Floriano deseja restituir a paz e o socego á familia rio-grandense, porque não cohibio esses excessos ? »

Disse então o general Telles que ignorava esses attentados e que o marechal Floriano tambem os ignorava, e affirmou que faria cessar desde já as perseguições e que ao voltar para o Rio de Janeiro informaria de tudo ao vice-presidente da Republica para que resolvesse como as circumstancias exigião, para que os emigrados pudessem regressar aos seus lares com plena segurança.

E tendo logo depois o general Telles mandado chamar o coronel José Tavares, conversou com elle sobre politica do Rio-Grande. e o coronel José Tavares fez a historia do partido federal desde a organização da União Nacional até á reunião que se effectuou em Bagé, mostrando os intuitos patrioticos dessa comunidade politica, que procurava sustentar a situação creada pela revolução de Novembro, tanto no Rio-Grande como no centro, só pugnando no terreno da propaganda, pela adopção do regimen parlamentar no Governo da Republica.

Estavão neste ponto da conferencia, quando chegarão á Carpintaria diferentes pessoas de Bagé perseguidas pelas autori-

dades policiaes, entre ellas um filho do proprio general Tavares e narrou as violencias praticadas na mesma cidade de Bagé, a retirada precipitada de muitas familias, e tal era o terror, que muitos chegarão a Pirahy á pé.

Essas tropelias occorrerão logo depois da sahida do general Telles, de Bagé para Carpintaria. lugar da conferencia. Então, o general Telles, visivelmente contrariado, se expressou assim : « Em vista do que me disserão os senhores, e que eu ignorava e do qu se está passando, acho que fazem muito bem em conservar-se no estrangeiro.

Eu já nada lhes posso propôr ; vou fazer cessar este estado de cousas e informar ao marechal de tudo o que elle ignora. »

E assim terminou a conferencia.

O general Telles insistio com o general Tavares para que se retirasse antes d'elle, porque receiava que Candido Garcia, que estava perto dalli, á frente de uma força castilhistas, assaltasse o proprio Tavares ao retirar-se este. E muito significativo este incidente e dispensa commentarios.

O emissario do marechal Floriano confessava não ter a força moral necessaria para conter os grupos armados dos castilhistas e entretanto vinha propôr aos emigrados que voltassem á patria, em nome do Marechal Peixoto.

E, nesse mesmo dia em que se realizava a conferencia em Carpintaria, em Porto Alegre, um sobrinho do general Telles, commandante da brigada policial assaitava, com uma força de 25 homens armados á Comblain, a casa do coronel Facundo Tavares, irmão do general Tavares, matava-lhe dous filhos e prendia o mesmo Facundo, depois de o ter ferido ! E os jornaes, orgãos do Governo do Estado, affirmavão, nesse mesmo dia, que o general Tavares estava em Rivera, á frente de 1,000 homens para invadir o Rio Grande.

Em vista do que fica exposto, é evidente que o Marechal Floriano, com a missão que confiou ao general Silva Telles, não teve outro fim senão o de mascarar o proposito de anniquillar, no Rio Grande, o partido republicano federal e de perseguir, ainda mesmo em territorio estrangeiro, os seus principaes homens, com a internação que insistentemente pedem.—*Francisco da Silva Tavares.*

Doc. n. 42 — *A prisão do ten-cor. Facundo Tavares descripta por elle mesmo*

Muitos dias antes do attentado de que fui victima, já se propalava na cidade a minha prisão e assassinato.

Vendo cada dia mais insistente esse boato, tratei de estudar um meio para evitar que se commettesse tão barbaro crime e o

que me pareceu mais curial era entregar-me preso á primeira intimação que me fizessem, inda mesmo que fosse ella feita por um simples soldado.

No dia 31 do passado, vespera do attentado que soffri, indo ao quartel-general disse ao honrado general Pego Junior a resolução que tinha tomado de entregar-me á prisão, accrescentando que, para evitar qualquer excesso de indignação que me obrigasse a repellir qualquer offensa, andava completamente desarmado. S. Ex. respondeu-me que eu fazia muito bem nisso.

Nesse mesmo dia multiplicaram-se os avisos até de respeitaveis senhoras, do que me ia succeder.

Eu nenhuma providencia podia mais tomar senão a de realisar o meu plano de entregar-me á prisão.

No dia seguinte (1 de Novembro) ás 5 horas mais ou menos da madrugada, eu fui despertado por pancadas violentas em minha porta e perguntei :

— Que é lá ?

Respondeu-me uma voz estrepitosa :

— Abra a porta !

Levantei-me, abri a janella do meu quarto, que bota para a rua, e levantei a vidraça a meio e, vendo 2 soldados encostados, perguntei :

— Que há, camaradas ?

— Snr. alferes ! gritaram elles. Aqui está o homem !

Chegado este, agarrou-me bruscamente o braço direito e disse aos soldados : — Agarrem !

Arranquei-lhe o braço das mãos, deixando cahir a vidraça, que se fez em estilhaços, fechei a janella e disse :

— Se querem alguma cousa commigo, venha o chefe de policia.

Responderam de fora :

— Agora vem o chefe de policia !

Supuz que realmente o fossem chamar, vesti a calça e fui ao lavatorio lavar o rosto e vestir-me.

Isto fazia quando ouço bater machados em minha porta para a arrombar. Com o rosto ainda molhado, empunhei uma pistola Lafaucheux e um revolver e corri ao corredor, esperando que arrombassem a porta. Senti logo que batiam, arrombando a janella da sala de visitas. Para lá corri e, ao transpôr a primeira alcova, vi que subia á janella o mesmo official que me tinha agarrado o braço. Engatilhei a pistola e desfechei-lhe um tiro.

Meu filho menor, que já me acompanhava, desfechou outro de revolver. O official deixou-se cair para fóra. Cheguei á janella arrombada e gritei :

— Chamem o chefe de policia ! Chamem o general Pego !

A tudo isso já se fazia um fogo vivissimo de Comblain para dentro de minha casa.

Por todas as janellas e portas da casa cruzavam balas, fazendo terriveis estragos.

Logo que demos os dois tiros citados, disse a meu filho :

— Não atires mais.

Meu fim era esperar socorro. Continuamente gritava :

— Venha o chefe de policia ! Venha uma autoridade ! Chamem o general Pego !

Nesta afflicção, meu filho, vendo um grupo de povo atravessar a rua, chegou á janella e gritou :

— Povo ! Ide chamar o general Pego Junior !

No mesmo instante uma balla atravessou-lhe o peito ! Elle voltou para dentro com passo vacillante e me pareceu gravemente ferido, suppul-o morto ! Continuei só, em defeza da entrada de minha casa.

As balas continuavam a cruzar dentro de casa e logo senti-me ferido na mão esquerda.

Ouvi o clamor de minha pobre mulher agarrada ao filho que julgava moribundo !

Ao levantar-se, passa-lhe uma balla queimando-lhe a fronte e vai ferir mortalmente meu outro filho, que cahiu redondamente no chão !

Neste acto, outra bala atravessou-me o braço esquerdo, cortando-lhe os vasos, e um grande lago de sangue forma-se logo ao pé de mim.

Minha pobre mulher, no auge de desespero, vendo seus dois filhos mortalmente feridos, cahidos no assoalho, corre para mim, gritando e arrancando os cabellos e ao ver-me tambem ferido e banhado em sangue, atira-se á janella e grita :

— Não atirem mais ! Basta de desgraças ! Elle se entrega ! Elle está muito ferido !

Suspenderam então o fogo. Eu approximei-me da janella e disse :

— Aqui está o meu revolver ! Alguem o agarrou, mas não sei quem foi, porque estava encostado na parede da parte de fóra.

A pobre velha, desgrenhada e angustiada, abriu a porta da rua, que tinha resistido ao machado. Eu appareci no corredor e outro alferes (unicos officiaes que me appareceram) gritou-me com arrogancia :

— Saia ! Saia ! Saia já !

— Respondi-lhe :— Eu saio sim, eu saio. Minha filhinha lavada em lagrimas pedia : Não matem o papae !

Sai. Logo o alferes mandou formar quadrado e collocou-me no centro, levando-me sem chapéo, de bombachas, camisa de flanella e chinellos sem meias, pela rua Riachuelo até a cadeia civil !

Não se julgue que era eu desconhecido do alferes que mandava esses homens em numero de 25 ou 30 ! Alguns passos de marcha, elle disse :

— Snr. coronel, o Snr. é muito valente, mas não pôde resistir ao numero.

Ao que lhe respondi :— Nunca me gabei disso !

Daqui se vê que elles sabiam que eu era official superior, não coronel como me chamavam, mas tenente-coronel da guarda nacional, official da Ordem da Rosa e cavalleiro do Cruzeiro, postos e honras que ganhei servindo á patria com muita honra e lealdade.

Cadeia Civil de Porto Alegre, 4 de Novembro de 1892.—
Tenente-coronel *Facundo da Silva Tavares*.

Doc. n. 43 — *Telegramma do mar. Floriano
Peixoto ao dr. F. Abbot sobre a invasão*

« Palacio presidente—Rio, 3 de novembro de 1892.— Dr. Abbot, presidente (urgentissimo)—Sciente vosso telegramma em additamento e aqui sempre acautelado para fazer castigar conspiradores sebastianistas, inimigos desta cara patria.

« O ministro do exterior vai hoje conferenciar com o ministro oriental aqui acreditado para pedir providencias a respeito de emigrados que tentam invadir esse Estado.

A consolidação republicana ha de ser feita pelo esforço dos bons e nobres republicanos—*Floriano*.»

Doc. n. 44—*Ordem do dia do cor. Menna Barreto*

Tendo chegado aos acampamentos destas forças o cidadão coronel Arthur Oscar, trazendo sob seu commando força do exercito nacional, e convindo methodisar as operações que se estão praticando ao sul do Estado,—determino que o 4.º corpo provisório, commandado pelo tenente-coronel Sotero Pedroso, fique d'ora avante pertencendo á brigada d'aquelle digno chefe, com quem préviamente accordei, recebendo por conseguinte as forças aqui em movimento a seguinte organização.

A primeira brigada se comporá : do 30.º batalhão de infantaria, do 5.º regimento e do 4.º corpo provisório ;

A segunda constará : dos 1.º, 2.º e 3.º batalhões de infantaria e forças de cavallaria sob o commando do cidadão coronel Elias Amaro.

Para bôa marcha do serviço e ordem nos acampamentos, determino mais :

1.º—que nesta brigada nenhum official ou praça poderá, quer nos acampamentos ou em marcha, sahir da fôrma ou d'aquelles sem licença dos respectivos commandantes ;

2.º—que é vedado a todó o official de qualquer patente ordenar recrutamento de cavallos, potreação e retenção de animaes

de qualquer especie, por competir a este commando dar taes ordens quando urgirem ;

3.º que quer em marcha, quer acampada esta brigada—só poderão galopar os snrs. commandantes de corpos, seus ajudantes e os empregados deste commando.

Para todas estas disposições chamo a especial attenção de todos os commandantes de corpos, responsaveis pela fiel execução das ordens.—*Menna Barreto*, coronel.—*Ismael Simões*, secretario.

Doc. n. 45—Parte do com. do 6.º regimento de cavallaria sobre o ataque de D. Pedrito.

« Commando da guarnição de D. Pedrito, 1 de março de 1893.—Cumpro o doloroso dever de relatar-vos o lamentavel desastre occorrido nos dias 22 e 23 de fevereiro ultimo, por ocasião em que as forças revolucionarias, sob o commando do brigadeiro honorario do exercito João Nunes da Silva Tavares, atacaram esta guarnição.

O 6.º regimento além de dispôr de pouca munição, estava quasi a pé, como por diversas vezes tive occasião de ponderar-vos ; a cavallada, extremamente magra, não só pelas constantes marchas, como pela secca horrorosa que se seguiu á nossa chegada em D. Pedrito, estava morrendo consecutivamente.

« O corpo tinha em carga apenas 102 clavinas, destas algumas se achavam no destaeamento, em S. Victoria, outras estavam estragadas e deviam ser enviadas ao arsenal de guerra ; não era, portanto, muito lisongeiro o estado do regimento, quanto ao armamento.

« Tratando da força civil, creada provisoriamente neste municipio, em numero de 200 homens mais ou menos, estava quasi desarmada. Não obstante as condições precarias em que me encontrava, resolvi, contando apenas com o 6.º regimento, tudo sacrificar pelo cumprimento do dever. Logo ás primeiras noticias da invasão, procurei conhecer a direcção das forças invasoras ; soube que o grosso das forças se dirigia a Bagé, outra parte tambem não pequena passara a linha e acampara no Capão Alto e pontas do Upamaroty, divisas entre este municipio e o do Livramento.

« Constando-me que alguns grupos percorriam este municipio, reunindo elementos, resolvi fazer descobertas e, se fosse possivel, batel-os. Verifiquei realmente que diversos grupos, em numero de 600 homens, mais ou menos, percorriam o municipio, concluindo que essas forças se destinavam a atacar este ponto, e ás quaes eu poderia com vantagem repellir e desbaratar. Impossibilitado, como já disse, pelo pessimo estado da cavallada e mesmo pelo pouco pessoal, de fazer descobertas muito afastadas,

limitára-me a ter a vigilancia necessaria e evitar um ataque imprevisto das forças inimigas mais proximas.

Tendo cessado as communicações telegraphicas, resolvi, pela falta de noticias, enviar um proprio a Bagé e outro a S. Gabriel, de harmonia com o intendente municipal. Pelo primeiro eu procurava saber a posição da força que havia invadido a fronteira de Bagé, e pelo segundo o intendente pedia para este ponto a força commandada pelo coronel Portugal. Soube em seguida que as forças de Joca Silva e Gumercindo Saraiva estavam na Carpintaria.

« Tendo eu mandado no dia 19 uma força de 100 homens, sob o commando do capitão José Ignacio Alves Teixeira, reconhecer uma força inimiga, que, mudando frequentemente de acampamentos, me pareceu observar esta guarnição, foi o reconhecimento feito debaixo de vivo fogo, retirando-se a força inimiga, proximamente de 400 homens, e dando lugar a que no dia 21 se conseguisse restabelecer por algumas horas a linha telegraphica para Bagé. Temendo que as forças inimigas acampadas na Carpintaria, abandonando o intento de marchar sobre Bagé, se dirigissem ao Livramento, passando por esta guarnição, telegraphiei ao commando da primeira d'essas guarnições n'esse sentido, o qual me respondeu que não lhe constava o alludido movimento. No mesmo dia recebi um telegramma do dr. presidente do Estado declarando que, de harmonia comvosco, tinham sido dadas as ordens para que o corpo de transporte e um outro provisório do Rosario, viessem conciliar a defesa n'este ponto. N'esse dia mandei ainda o intrepido capitão Vargas, do corpo provisório, com 30 praças explorar o banhado do Ponche-Verde e mattos do campo do dr. Leopoldo Maciel, regressando á noite, sem que encontrasse vestigios de forças inimigas.

« Infelizmente na madrugada de 22, fui avisado que approximava-se uma grande columna pelo outro lado do arroio Santa Maria, em direcção ao passo de D. Pedrito. Pouco depois os piquetes avançados tiroteavam com as avançadas do inimigo. Quando dispunha as forças para attender ao ponto atacado rompia o tiroteio de todos os piquetes que circumdavam a cidade, com o inimigo que se approximava de todos os lados.

« Compreendi a gravidade da situação, não obstante dispuz a pequena guarnição para a defeza até ao ultimo extremo. No fim de duas horas mais ou menos cessou completamente o tiroteio nas linhas inimigas e fui avisado que uma bandeira branca assignalava um parlamento do inimigo. Ordenei que um official se inteirasse do que pretendia o commandante das forças sitiantes, o qual eu até então ignorava quem fosse.

« Regressando, o official, communicou-me que o general Silva Tavares desejava fallar-me. Fui ao seu encontro e esse chefe fez-me formal intimação a capitular, entregando-lhe o armamento, declarando dispôr n'aquelle momento de 2.500 homens; que a minha resistencia seria impropicua e fazendo ainda al-

gumas considerações, segundo sua apreciação, sobre o Estado do Rio Grande.

« Declarei ao general Tavares que não poderia assumir a responsabilidade de uma resolução definitiva, qualquer que ella fosse, sem ouvir a officialidade da guarnição; mas que, entretanto, a minha opinião individual, e que eu desejava que elle conhecesse desdo logo, era a seguinte : Não entregar o armamento do regimento sem haver esgotado os meios de resistencia.

« Regressando á cidade e consultando a officialidade que me honrou de commandar, tive a ineffavel satisfação de encontrar todos dispostos á heroica resistencia.

« Reflectindo maduramente sobre a nossa critica situação, pois eramos 300 homens entre militares e civis, estes quasi desarmados, cercados por 2.000 homens, mais ou menos, resolvi protelar a decisão, propondo ao general Tavares enviar minha resolução definitiva no dia seguinte pela madrugada.

Tomei essa resolução porque esperava até meia noite ou dia seguinte auxilios de S. Gabriel e Bagé, cujas forças, naturalmente, teriam seguido ao encalço dos invasores.

« Tendo o general Tavares concordado esperar a solução, mandou, entretanto, passadas duas horas, mais ou menos, declarar-me que se tinha arrependido e que ia atacar a cidade, respondendo eu que podia atacar quando entendesse e dispuz as forças logo para a defeza.

A's 3 horas da tarde começou um nutrido fogo, que prolongou-se até ás 8 horas da noite, sem que o inimigo pudesse ganhar terreno.

Já noite cerrada e protegidos pela escuridão, soube que parte da força de Gumercindo Saraiva se havia abrigado em uma casa em frente ao deposito do regimento, occupando os muros circumvizinhos, e para no dia seguinte recommençar o ataque.

Immediatamente fiz marchar para ahi uma pequena força do 6º, que, debaixo de um vivo fogo, conseguiu desalojar-os a arma branca. Foi este um acto de heroismo das praças do regimento. Este feito terminou o combate deste dia, estando a soldadesca exausta de cansaço e fome e a cavallada pasmada de fome e sede.

No dia seguinte não tinhamos munição, sinão para resistir, quando muito, uma hora. As hostes de Joca Silva, especialmente os mercenarios estrangeiros, que transpuzeram a fronteira para deshonra do Rio Grande, estavam encolerizados por uma resistencia, que não esperavam, de um punhado de soldados escravos do dever e da honra. Os auxilios esperados não appareciam, a luta era muito desigual, impossivel prolongar-se, era a luta do pygmeo com o gigante. Era forçoso succumbir, succumbio-se, mas a honra do 6º regimento ficou illesa.

Uma segunda conferencia com o general Tavares pôz termo á acção, compromettendo-se o general sob palavra a garantir a vida dos vencidos tanto militares como civis, declarou que levaria o

armamento e as praças que o quizessem acompanhar, deixando entretanto armadas 50 praças para a garantia da ordem na localidade, condições estas que não foram cumpridas, porque, o armamento foi todo arrebatado, e as praças obrigadas a fazer parte de suas forças, fugindo a maior parte dos soldados á sanha do banditismo ; não obstante algumas praças foram assassinadas.

Após a capitulação, as forças de Gumerindo Saraiva, compostas de orientaes invadiram a cidade, o deposito do regimento foi arrombado e completamente saqueado, assim como algumas casas commerciaes e destruíram os utensilios.

Os livros da repartição do quartel-mestre, esquadroes e casa da ordem foram despedaçados, escapando o archivo da secretaria por estar na casa de minha residencia, e o que é ainda mais grave, por ser offensivo aos nossos brios, a bandeira da republica foi arrastada pelos bandidos estrangeiros, assalariados por alguns maos brasileiros para deshonrar-nos.

Seria longo descrever-vos todos os actos de vandalismo praticados.

O inimigo teve, segundo informações, mais de 60 homens fóra de combate.

Terminando, tenho a informar-vos que tanto os officiaes como as praças do 6.º regimento foram dignos cumpridores de seus deveres, tendo alguns praticado actos de verdadeiro heroismo.—*Alfredo Barbosa*, tenente-coronel, commandante.

Doc. n. 46—*Quesitos sobre o combate de D. Pedrito propostos pelo com. do 6.º regimento de cavallaria aos officiaes do mesmo*

O commandante do 6º regimento de cavallaria propoz diversos quesitos sobre o combate em que foi envolvido este batalhão aos officiaes do mesmo.

Eis os pontos:

1.º sobre o numero de praças do 6º regimento ; 2º quaes as forças do general Silva Tavares ; 3.º as providencias tomadas ; 4º os projectos de paz dos adversarios ; 5.º resposta que deu a sua consequente proposta ; 7º o precedimento do general Tavares, rompendo o fogo apezar de suas declarações ; 8.º o piquete que acompanhava o capitão Braulio ; 9.º o que se passou quando se esgotaram as munições ; 10º as posteriores declarações do general Tavares ; 11.º sobre o assassinato de algumas praças ; 12.º quanto á retirada das outras ; 13.º sobre o receio de saques da força de Gumerindo ; 14.º quanto a concessão de 20 praças armadas para acompanhar os officiaes presos ; 15.º sobre os compromissos dos officiaes do 6.º de cavallaria.

Aos quatro primeiros quesitos nada adiantam as respostas ao que já sabíamos.

Damos as respostas aos outros quesitos :

Quanto ao 5º

O convite do general Tavares foi accedido pelo commandante, e, após a conferencia, reuniu todos os officiaes e expôz a conferencia—declarando—que aquelle general intimára o rendimento da força porque precisava de armamento, das munições e das praças do 6.º regimento, que o quizessem acompanhar. A esta intimação o cidadão commandante respondera assim nol-o declarou, que era soldado; que sabia cumprir com os seus deveres; que não entregaria seu armamento, sem esgotar os meios de resistencia; que, no entanto, não assumia a responsabilidade dessa resolução sem consultar a seus officiaes.

Feita a consulta, todos foram de opinião de resistir até ao ultimo extremo.

Quanto ao 6º:

Depois de mais maduramente haver-se reflectido, resolveu-se propor ao chefe dos sitiantees aguardar a nossa resolução até a madrugada do dia seguinte; deliberação esta tomada em vista de auxilios que eram esperados de S. Gabriel e Bagé, e tambem para se levar a effeito uma sortida, durante a noite, a despeito mesmo do pessimo estado da cavallhada.

Quarto ao 7º:

E' exacto que assentado o que acima ficou exposto, foi o capitão Braulio encarregado de levar ao general Tavares aquella resolução, com a qual elle declarou estar de accordo. Mandando, no entanto, pouco depois, um official dizer—que o dito por não dito; que resolve-se o quanto antes, pois tinha inimigo pela retaguarda e ia dispor suas forças para o ataque. Em vista do que me determinou o commando do regimento que guarnecesse a praça com os atiradores a pé, conservando os lanceiros, como reserva. O que feito, teve começo a acção. Esta durou das 2 horas mais ou menos da tarde até a noite, cerrada terminando pelo desalojo de uma força sitiante acantonada em uma casa por atiradores do regimento ao mando do alferes Bandeira.

Quanto ao 8.º:

E' falso que o piquete que acompanhou o capitão-ajudante quando foi entender-se com o chefe dos atacantes tivesse atirado sobre o piquete dos mesmos. Manda, porem, a verdade que se diga—que o soldado do regimento Justo Peres atirou sobre um official dos sitiantees, quando as forças contrarias estavam em armisticio. O official foi ferido e este facto deu-se em occasião que o major Franco e Tenente Peixoto confabulavam com officiaes do general Tavares.

Quanto ao 9.º:

E' certo que, na noite de 22 para 23, achando-se quasi esgotada a munição do regimento, os cavalloos magros e *pasmados* de fome e sede, ainda discutia-se sobre a possibilidade de uma

surtida, que não se levou á effeito por julgar-se impraticavel com exito.

Quanto ao 10.º:

E' verdade que, sendo precaria a nossa posição pelos poucos elementos de que dispunhamos relativamente á numerosa força sitiante e não chegando os auxilios esperados, resolveu-se então capitular sob condições.

Quanto ao 11.º:

E' exacto que o general Tavares garantiu ordem, liberdade aos officiaes e respeito a todos os cidadãos e suas propriedades. Não sei se prometteo deixar de 30 a 50 praças armadas na localidade. Sei que prometteu dar 30 praças armadas de espada e revolver para acompanhar os officiaes do regimento.

Quanto ao 12.º:

Tambem é verdade que o general mais tarde declarou que os officiaes eram seus prisioneiros e que as praças eram obrigadas a segui-lo, sendo logo após á capitulação a cidade invadida por gente das forças revolucionarias, entre as quaes orientaes da columna de Gumerindo Saraiva. Foram ao deposito do regimento, levando comsigo o que havia em arrecadação, destruíram moveis, o archivo da repartição do quartel-mestre, casa da ordem e esquadrões; invadindo o quartel, onde fizeram excavações em procura de munições. Ouvi de dous officiaes, e por isso tenho como certo, que a bandeira do regimento fôra arrastada por soldados desenfreados de Gumerindo Saraiva.

Quanto ao 13.º:

E' certo ainda que, após a capitulação, foram mortas praças do regimento pelas dos assaltantes. As praças do regimento que foram com os revoltosos, algumas foram de *motu proprio*, outras aterrorisadas e outras violentamente levadas.

Quanto ao 14.º:

E' certo que o general Tavares marchou no dia 24 deixando na retaguarda a força de Gumerindo, que por sua vez tambem marchou nessa mesma tarde. Esta marcha, ao que se disse, foi devida á approximação de forças ao mando do coronel Arthur Oscar.

Quanto ao 15.º:

E' certo que alguns officiaes tiveram aviso de que as forças de Gumerindo voltariam á noite á cidade para fazer saques e assassinatos. Foram encontrar estas forças dous cidadãos do partido federal, com o fim de saber o que havia de verdade em tudo aquillo. Do que se passou entre Gumerindo e os dous emissarios, não sei.

Quanto ao 16.º:

E' certo ainda, como já disse, que o chefe da revolução prometteu deixar armadas 30 praças para acompanhar os officiaes, chegando mesmo a mandar separar trinta espadas e igual numero de revolveres, mas as forças de Gumerindo, indo ao quartel levaram esse armamento.

Quanto ao 17.º:

Nenhum compromisso tomaram os officiaes de não se envolverem n'essa revolução.

Quartel em Porto Alegre, 14 de abril de 1893.—*Carlos da Fontoura Barreto*, major.

Doc. n. 47 — *Proclamação do general Jóca Tavares distribuída pela campanha a 5 de fevereiro de 1893.*

CONCIDADÃOS, A'S ARMAS!

Os inimigos da Patria, arvorados em governo legal, inplanfaram nella o terror como meio de acção; lançaram mão do punhal para matar em plena paz, das Comblains para assaltarem casas de familia, do saque para saciarem a sua voracidade.

A imprensa clamou contra todas essas atrocidades, tendo como unica resposta o tripudiar dos algozes sobre o cadaver das victimas.

O Rio Grande, patria de herões, está convertido em terra de escravos com os pulsos algemados e a bocca amordaçada. O lar deixou de ser inviolavel e sagrado; qualquer esbirro nelle penetra, matando chefes de familias, ferindo mulheres, derrubando a tiros de revolver crianças indefezas.

A estatistica do crime nunca registrou factos tão atrozes como os praticados, em plena paz, depois da rendição de Bagé, não havendo inimigos a combater em parte alguma do Estado.

O nosso patriotismo aconselhou o desarmamento para evitar a luta fratricida; o instincto mau de adversarios desleaes aproveitou o ensejo para matar, roubar, estuprar, regando de sangue e de lagrimas o abençoado solo rio-grandense!

Ha 8 longos e dolorosos mezes que muitos de nossos irmãos amargam, no exilio, o duro pão da necessidade, soffrendo outros os vexames que se lhes impoem nas cidades, e outros errantes pelas mattas fogem ao punhal homicida.

Para acabar com este estado de cousas não ha para quem appellar. Os nossos brados, os gemidos das viúvas e dos orphãos não são ouvidos pelos dominadores que se banqueteam nos palacios.

O unico recurso que nos resta é reconciliarmos a liberdade de nossas armas.

Concidadãos: a Nação inteira, os povos cultos têm, neste momento, os olhos voltados para nós.

Povo de herões, sempre habituado a libertar a humanidade escravizada, mostrai-vos dignos da herança de glorias que nos legaram os nossos antepassados, libertando a nossa terra do odio pego que a opprime.

Luctemos pois, concidadãos !

A nossa causa é justa, porque queremos reconstituir a nossa patria em bases liberaes; e grande, porque é a causa de um povo inteiro que tem sêde de justiça e não a encontra, clama, pede e a vê calcada aos pés pelos agentes do poder publico.

A's armas, compatriotas ! Luctemos pela liberdade da patria e Deus será comnosco !

Viva a nação brasileira ! Viva o Rio Grande do Sul ! Viva o exercito libertador ! Viva o Partido Federal !

Doc. n. 48—*Notificação do governo sobre a invasão federalista*

(DIARIO OFFICIAL, 21 DE FEVEREIRO DE 1893)

«São destituídos de fundamento os boatos que correm de perturbação em S. Paulo. A tranquillidade é completa nesse Estado. A respeito do Rio Grande do Sul podemos declarar que o governo não tem recebido telegramma que justifique quanto se tem dito ou confirme graves informações telegraphicas publicadas em algumas folhas diarias. Quer o governador, quer o commandante do districto militar em suas communicações não falam em invasão. Referem á apresentação aquem da fronteira, de um bando quasi todo composto de orientaes, que fugio ao primeiro ataque.

Para debellar um movimento mais serio que possa haver, acha-se a nossa fronteira meridional fortemente guardada. Ha elementos para esmagar immediatamente qualquer invasão. O governo confia, entretanto, que a ordem não será perturbada (*)

(*) Com relação a este artigo a *Gazeta de Noticias*, publicou em seu numero de 3 de março a seguinte carta de um congressista :

Sr. Redactor.—Como é preciso que alguém fale, quando se calam todos os organs da opinião publica,—aterrorisados pela eminencia da delação ou da violencia illegal, rogo-lhe que, sob a responsabilidade do meu nome, publique as seguintes linhas que se seguem.

O sr. Valladão acaba de declarar em estado de sitio a opinião nacional.

Sabe-se que o sr. Valladão não é mais do que o discreto enunciado do sr. vice-presidente da Republica.

Todos os desmentidos dados ás falsas informações que o governo fornece ao publico, são tomados como attestados de anti-patriotismo.

E' preciso evitar esta exploração do sentimento popular.

Sei bem, que me attribuirão motivos pessoas para desvirtuar o sentimento que me inspira nesta campanha suprema. Outros virão que devem julgar-nos—a todos.

O que é preciso dizer desde já—serena, mas seguramente,—é que nós protestamos contra a indigna exploração da credulidade republicana.

Doc. n. 49—Cercos de Sant'Anna do Livramento

(DIÁRIO OFFICIAL, 3 DE MARÇO DE 1893)

« Não consta absolutamente ao governo que se tenha dado assalto á cidade de Sant'Anna do Livramento, como diz um telegramma hontem publicado, nem que se tenha incorporado ás forças revolucionarias o 3º regimento de cavallaria, fiel ás tradições de firme heroismo do soldado brasileiro.

Por conter revelações que interessam á historia publicamos o seguinte telegramma dirigido pelo deputado Valladão, secretario particular do vice-presidente da Republica, aos governadores dos Estados, em data de 3 de março de 1893.

« A condescendencia do coronel Arthur Oscar, deixando de bater, em junho do anno passado, as forças do general Silva Tavares, em Bagé, está dando logar a consequencias lamentaveis, a males cuja fonte alli podia ser estancada.

Deveis conhecer os preparativos de invasão ás nossas fronteiras do sul feitos ás escancaras em territorio argentino e oriental, sob a direcção do sr. Gaspar Martins, e protegidos escandalosamente por algumas auctoridades que, me parece, não levaram muito em conta as instrucções de seus respectivos governos!

Depois de muito annunciada e transferida, realisou-se, finalmente, a dita invasão, nos ultimos dias do mez que hontem findou.

Para gloria do Brasil, e particularmente do Rio Grande do Sul, nas fileiras invasoras predomina o elemento estrangeiro—

Documentos positivos existem de que o sr. vice-presidente da Republica entendeu-se—para o bom exito da revolução de 23 de novembro—com os elementos que elle hoje considera monarchicos, e sobre elles fundou a base do seo poderio.

Escrevendo-lhe ao correr da penna, sr. redactor, não posso salientar como, para combater o general Rosas, elevamos ao general Urquiza.

O que urge é, no momento de abatimento geral, protestar que não serão os republicanos aquelles que se hão de conformar com a decretação de estado de sitio para todo o paiz, feito por um subalterno do vice-presidente. Já forão publicados em junho do anno passado telegrammas ordenando o assassinato de republicanos dignos. Esta ordem presidencial pode cumprir-se a todo o tempo. O que não ha de conseguir, é a unanidade na traição e na crueldade...

A bandeira do sr. Valladão, o homem de 30 de dezembro, já tremulou no Itamaraty, mas o seu decreto de suspensão de garantias não terá execução senão alli.

Os homens livres falarão como d'antes e hão de agir como devem.

Seguro de que V. me permittirá defender, nas columnas de seo jornal a causa commum, confio que o publico ha de aguardar contra a arbitraria insolencia de um poder despotico, a palavra dos verdadeiros republicanos, como se preza de ser *Annibal Falcão*.

vergonha eterna para esses brasileiros desnaturados, que não se pejam de ir, além da fronteira, armar o braço mercenario para golpear o coração da Patria.

Não se pôde negar que os invasores acabam de obter uma victoria, isto é, que souberam tirar partido da imprevidencia ou do erro que houve em se deixar n'uma fronteira tão extensa como aquella, pequenos corpos de tropa isolados, a grandes distancias uns dos outros, quando a prudencia aconselhava a concentração em tres ou quatro pontos dos mais importantes, para delles então serem destacadas as columnas incumbidas de repellir a invasão.

Da inobservancia do desprezo desta medida, resultou o successo de D. Pedrito, que, lamentavel embora, servio para pôr mais uma vez em evidencia a coragem do soldado brasileiro, o seu amor á disciplina e á ordem.

A guarnição de D. Pedrito compunha-se do 6.º regimento de cavallaria de linha, ao mando do brioso tenente coronel Alfredo Barbosa, com um effectivo de cerca de 250 praças; os atacantes, commandados por Silva Tavares, eram em numero superior a 2.000 homens, quasi o decuplo.

Não tendo a guarnição obedecido á intimação de Silva Tavares, para render-se, foi por este vigorosamente atacada; e só depois de oito horas de heroica resistencia e de haver queimado o ultimo cartucho, teve de ceder, esmagada pelo numero.

Tomada a cidade, foi entregue ao saque, praticando-se as maiores atrocidades.

Presume-se que alguns officiaes e praças do 6.º tenham conseguido escapar-se; mas até agora são ignorados os seus destinos.

Até o presente, foi este o feito mais importante da invasão, tendo hávido em outros pontos pequenas correrias.

Os invasores ameaçam os pontos menos guarnecidos, evitando aquelles em que o ataque lhes pôde custar a derrota.

Tendo o presidente do Rio Grande solicitado o auxilio de que trata o art. 6.º n. 3 da Constituição, e, além disto, sendo federal a força desbaratada em D. Pedrito, o governo da União começa a agir no sentido de restabelecer a ordem e a tranquillidade.

Quando taes razões não bastassem para justificar a intervenção do governo federal nos acontecimentos do Rio Grande, bastaria o simples dever que lhe assiste de, na fórmula do referido art. 6.º n. 2, manter a fórmula republicana federativa, ameaçada pelos pseudos federalistas, pois, como é sabido por informações insuspeitas, elles desfraldam sem reboço a bandeira da restauração.

E de facto, quem houver lido os seus boletins, as proclamações de seus chefes, ha de ter notado que em taes documentos não existe uma só palavra em favor da Republica.

Para tornar efficaz a sua intervenção, o governo federal tratou de lançar mão dos recursos de que dispõem.

E' assim que já ordenou a concentração de forças nos pontos que julga mais convenientes, tendo já feito seguir para o Rio Grande petrechos bellicos e um reforço de cerca de 700 praças, ás ordens do general Silva Telles.

Nesta capital os republicanos começam a assumir a attitude decidida e correcta que sempre tiveram desde os tempos da propaganda.

D'entre as manifestações de apoio ao governo para sustentação da Republica, citarei a do illustre deputado Luiz Murat, que tem sido um dos mais ardentes opposionistas do actual governo no Congresso Nacional.

A sua carta, publicada n'*O Paiz* de hoje, é um documento de inestimavel valor para a Republica, uma nota vibrante de patriotismo e dignidade.

Tudo pois, se prepara para o triumpho da causa republicana.

O successo de D. Pedrito não affecta sómente á politica e ao governo do Rio Grande; elle affecta a nação inteira, e mui especialmente ao exercito, alli ultrajado nesse punhado de heróes do 6.º regimento de cavallaria, brutalmente massacrado.

Talvez, porém, não decorram muitos dias que este mesmo exercito, para o qual a Republica é sagrado penhor, não vingue o opprobrio que lhe foi infligido, mostrando que sabe comprehender a sua missão.

Ha de ser mesmo lá do Rio Grande do Sul, para onde neste momento se volvem tantos olhares de cubiça, que ha de vir a prova mais irrefragavel da pujança da Republica, a ultima desillusão dos restauradores.

Doc. n. 50—*Teleg. do gen. Telles ao mar. Floriano
sobre o levantamento
do sitio de Sant'Anna do Livramento*

Livramento, 19 (via Montevideo).

« Marechal Floriano.—Ante-hontem quando me approximei desta cidade, vindo sahir no acampamento onde se achava Silva Tavares, forças sitiadas levantaram cerco sahiram precipitadamente, separando-se delle muitos grupos, que me dizem emigraram Estado Oriental.

Não creio forças invasoras sejam capazes bater-me, porque tenho tomado devidas precauções.

Como ja vos disse hontem, cheguei aqui sem menor novidade, sendo destituído fundamento boato ahi espalhado que eu fora batido forças Gumercindo ou outro qualquer caudilho. Empreguei hoje todo o dia fazer descobertas; vou agora mesmo tomar providencias sentido perseguir invasores.

Inimigos fizeram publicar boletim aqui, noticiando minha derrota pelas forças Gumerindo em Upamaroty. O que deo-se foi isto; nesse logar Gumerindo, tendo mandado descobrir nossas forças, estendeo linha atiradores, perdendo 9 homens 3 mortos e 6 feridos, retirando-se precipitadamente Upamaroty acima. Convem dizer-vos que até hoje não perdi ninguem minha força, excepto uma praça que morreo desastre. Saudo-vos. — General *Telles*.

Doc. n. 51—*Carta do cor. Salgado ao mar. Floriano demittindo-se do exercito nacional.*

« Marechal.—Como brasileiro, e sobretudo como rio-grandense, não posso por mais tempo ficar neutro diante da miseranda e excepcional situação de minha terra natal.

De um lado—um governo sem orientação politica, sem patriotismo, abafando liberdades, violando direitos e dirigindo os destinos do grande e glorioso Estado do Rio Grande do Sul como um dos mais audazes tyrannetes dos tempos modernos, alli infelizmente nascido e criado. Sedento de sangue e faminto de vinganças, esse rio-grandense desnaturado está servindo-se das forças da União e do prestigio de seo governo para tripudiar sobre ruinas; plantar a discordia entre seos conterraneos e irmãos; saquear e incendiar as propriedades dos que não se curvam ao imperio da sua caprichosa vontade; talar os campos que entretem a industria e o commercio; perseguir a ferro e fogo, fazendo viuvas e orphãos; finalmente trucidar até aquelles que ha pouco mais de um anno se levantaram em torno da bandeira nacional, combatendo pela Constituição da Republica, golpeada pelo vosso antecessor, elevando-vos ao fastigio do poder.

De outro lado—a alma afflicta e desesperada da Patria encarnada nos peitos valorosos dos que afinal se arrojaram á temeridade de uma nobre e santa reacção, e, depois de oito mezes de cruciante exilio e das provações mais dolorosas, regressam ao lar com as armas na mão para derrubar a tyrannia com todo o seo cortejo de males, restabelecer o direito conculcado firmar a paz, base de todo o progresso, garantir a liberdade que é a alma da democracia, e desaffrontar a honra da patria envilecida.

Nestas condições supremas, que os acontecimentos vão cada vez mais aggravando e que reclamam desenlace immediato, não vacillo, não posso vacillar no caminho a seguir.

Coronel do exercito e até hoje ao serviço da nação perante a justiça e magnitude da causa pela qual batem-se meos conterraneos, abandono esse posto honroso sem medir as consequencias, e corro pressuroso a luctar nas fileiras do glorioso exercito libertador do Rio Grande do Sul, sob o commando do denodado general João Nunes da Silva Tavares.

Tranquillo com a minha consciencia de patriota, a Deos entrego minha sorte, confiando na victoria da sacro-santa causa que passo a servir.

Quando abatida a tyrannia, ficai certo, marechal, jámais negarei meos serviços, quer de simples soldado, quer de cidadão á patria brasileira, servindo-a sempre, como soube servir, com abnegação e civismo.

Se porém, dias mais luctuosos ainda nos esperam por castigo inescrutavel da Providencia, e, contra a ordem natural da civilisação dos povos, acontecer que a ominosa tyrannia triumphe na lucta actualmente travada, prefiro morrer pela patria ou esmolar no estrangeiro o pão do exilio, aguardando melhores tempos que infallivelmente hão de chegar, a servir de algoz de meus irmãos debil instrumento ao brutal despotismo contra que me revolto, resolutos e impavido.

Rio, 19 de março de 1893.—*Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado,* »

Doc. n. 52—*Manifesto do dr. Barros Cassal*

RIO-GRANDENSES

Vindo occupar um posto nas fileiras do exercito libertador do Rio Grande do Sul, é meu primeiro empenho dirigir-vos solemnemente as palavras que me tendes insistentemente reclamado, para determinação de vosso procedimento e explicação de minha attitude, na gravissima situação a que foi arremessado o povo rio-grandense.

Tendo mantido longa e deliberadamente o silencio que me era imposto pelo dever de aguardar até aos ultimos momentos a solução pacifica da crise do nosso Estado e como haja perdido totalmente a esperanza do restabelecimento da ordem constitucional em nossa terra por outro meio que não seja o da acção militar de seos filhos, resolvi associar-me aos que tentam, com as armas na mão, a reconquista de nossos lares, a restauração das liberdades asseguradas em lei e a pratica sincera do regimen republicano.

N'este empenho supremo, invoco o concurso patriotico dos meus valorosos correligionarios.

E, dirigindo este appello ao patriotismo de meus correligionarios rio-grandenses, faço á nação brasileira, da qual nos orgulhamos de ser parte integrante, juiz e ultimo arbitro dos irrecusaveis motivos que nos lançam neste pleito sanguinolento, em que disputamos a vida, a honra a liberdade civil e politica!

Assignalarei rapidamente os factos.

Menos de tres mezes depois da revolução que apeara do governo do Rio Grande o sr. Julio de Castilhos, impenitente collaborador do golpe de Estado de 3 de novembro, o general Bar-

reto Leite, modelo de pureza administrativa e de devoção patriótica suffocava pelas armas uma sedição levantada em Porto Alegre, com o fito de restabelecer o presidente condemnado pela revolução triumphante. A's primeiras medidas garantidoras da ordem oppôz sua intervenção o marechal Floriano Peixoto, assegurando aos criminosos absoluta impunidade, em favor dos quaes invocava pretensas immunidades parlamentares.

Desde então, apesar das injurias que não lhe doeram—injurias mortaes, accusações repetidas de traição, de deslealdade, de insidia;— desde então, entre o cúmplice do golpe de Estado e o marechal, beneficiario desse crime politico, estabeleceu-se a indefectivel alliança para ruina do governo republicano do Rio Grande.

Tenho em mão as provas directas dessa conspiração presidida pelo representante supremo do poder central; e como divergissem do governo do general Barreto Leite muitos que, depois de o haverem subscripto, repudiavam o programma do partido republicano federal, em prova de nossa sinceridade e patriotismo entregámos o poder áquelles que se reputavam fortes, para resistir em bem do Rio Grande, indo nós, resignatarios da auctoridade publica, disputar perante a opinião a victorla de nossas ideias politicas.

Poucos dias depois deste acto de desprendimento, sahia da cadeia civil de Porto Alegre, aclamado pelos respectivos presos—desde então livre de culpa e pena—um governo instituido pelo general Bernardo Vasques, commandante do 6º districto militar, delegado de confiança do vice-presidente da Republica.

Foi nesse momento em que um general, esquecido dos seus deveres, com a força nacional sob suas ordens, a grande parte da qual trahiu afastando ou desarmando, protegeo um governo que se definia pela sua sêde inicial e pelos seus primeiros servidores—réos de cadeia publica;—foi nesse momento que começou a revolução rio-grandense, obra funesta do vice-presidente da Republica!

A suspensão de todas as liberdades foi o primeiro decreto—não escripto—d'esse governo sahido do carcere; e não lhe foi preciso, para começar os assassinatos, recorrer aos malfeitores escapos da penitenciaria. Ernesto Paiva cahio aos golpes da policia.

Então, com intimo regosijo da população de Porto Alegre, com applausos publicos do commercio estrangeiro, cujos representantes consulares lhes garantiam a liberdade de manifestação de pensamento—a *Marajó*, commandada pelo intemerato e digno Lara, orgulho de nosso povo, hasteou sua vingadora flammula de guerra!

A covardia dos defensores do governo de presidiarios de Porto Alegre—milhares contra dezeseite, appellou para a cumplicidade do chefe supremo da União; e, como a nação vio de-

pois, as mais infames ordens de assassinato foram directamente expedidas pelo marechal Floriano Peixoto contra os que ousaram sustentar os designios da revolução que o levara ao poder!

Rendendo-se prisioneira, na cidade do Rio Grande, ante o silencio do Brazil attonito, a *Marajó* arriou, com seu pavilhão de guerra, as esperanças dos patriotas rio-grandenses, que foram pedir na terra estrangeira a defeza contra os assassinos politicos, garantia para suas familias e seus direitos de homem, que os menos civilizados dos povos asseguram e protegem.

Ahi mesmo, nas obscuras povoações onde refugiamos a nossa desgraça, perseguia-nos com tentativas reiteradas contra a nossa vida, o odio dos despotas suspeitos, apesar de triumphantes; e quotidianamente chegavam-nos horrorosas noticias de morticínios, estupros, depredações, dos maiores crimes contra os nossos, resignados ao destino, submissos e indefesos.

O formidavel accumulo de motivos tão graves e urgentes forçava-nos a armar-nos para a defeza de tudo o que um povo o mais rudimentar das aggremações humanas tem de nobre, de digno, de primordial; a liberdade, a honra, a própria existencia.

Mais de uma dezena de milhar de emigrados, resolveram-se a voltar ao Brazil, apesar de todos os obstaculos.

Na perspectiva de uma sanguinolenta guerra civil, decidi-me a tentar uma solução pela qual, sacrificando-nos ainda, asseguraríamos talvez a paz ao povo rio-grandense. N'este intuito voltei a Porto Alegre, d'onde alguns dias depois sahia fugitivo, para não ter a sorte de Haensel e dos moços Tavares sacrificados friamente á sanha dos triumphadores.

Foragido, evitando ciladas, resistindo aos sicarios aprestados para meu assassinato, impellio-me ainda o patriotismo a dirigir ao vice-presidente um appello sincero, grave e solemne para a pacificação do Rio Grande. Representei-lhe a eminencia de desgraças ainda maiores do que aquellas que nos abatiam; a luta armada entre os filhos do Brazil, o descredito da Republica, o desespero dos bons cidadãos, o compromettimento de toda a obra de 15 de novembro, a desaggregação possivel da patria.

Ao telegramma que lhe dirigi de S. Sepé respondeo o auctor da descommunal tragedia rio-grandense:

« Rio, 23 de Dezembro—Urgente.—Dr. Barros Cassal.— Fico inteirado vosso telegramma. Tenho empregado, não cessarei de empregar meios ao meu alcance para pôr termo excessos partidarios desse Estado, tanto mais lamentaveis quando occorrem entre cidadãos dedicados e cheios de serviços á Republica. Posso ter errado, posso errar ainda, mas vos asseguro que outra cousa não tem animado meus intuitos senão o desejo de ver solidamente nossa patria regimen republicano.

Dependesse de mim, extinguir n'um momento todas causas perturbadoras União republicanos rio-grandenses, unil-os n'um

amplo fraterno, fazel-os trabalhar conjunctamente regeneração Patria, eu o faria sem hesitações, com a mais decidida vontade. Para isto é mister me auxiliem, havendo de ambos os lados contentadores (contendores), elevação de vistas, bastante despreendimento, olvido de odios e de vinganças, para chegarmos desejado fim. Faço justiça vosso character fortalecido por ardente fé republicana e tenho certeza de que acima de vossos resentimentos pessoas collocareis interesses geraes da Republica.

Nos limites de minhas attribuições constitucionaes e até onde me fôr possível o emprego de meios conciliadores, eu me esforçarei para que o heroico Estado do Rio Grande do Sul entre, quanto antes no regimen normal da ordem e tranquillidade de que tanto carecemos. Saudovos.—*Floriano Peixoto*.

Eu assegurára ao marechal Floriano Peixoto, que tudo faria—até o sacrificio da vida—para evitar que no Rio Grande do Sul estalasse a guerra civil, latente desde 17 de junho. Havendo recebido de S. Ex. o telegramma transcripto, seguia, com minha senhora e os meus seis filhos, para o Alegrete, quando, por determinação do dr. Fernando Abbot, uma escolta nos prendeo.

Foi-me exhibida ordem expedida por aquelle representante da União e governador de meu Estado, de deixar-me conduzir a Cacequy, onde seria degollado (como e onde fôra victimado o velho servidor da Patria, coronel Moura): minha senhora e filhos iriam presos para S. Gabriel.

Estes fatos commentavam clarissimamente o telegramma do marechal vice-presidente.

Refugiei-me novamente em paiz estrangeiro, ao abrigo de cujas leis vivi até que me chegou a ordem de internação ou expulsão.

Tornara-se inevitavel a explosão que ao preço da propria vida eu procurara evitar. O chefe do governo da nossa patria provocava-a scientemente. Em sua alma de criminoso um impulso dominava todas as ponderações do patriotismo: esmagar!

Assediado de angustias, esperei ainda a revolta da opinião nacional. Não! semelhante crime não se consummaria com a aquiescencia dos nossos irmãos brasileiros!

Mas travaram-se os combates, corre a jorros o sangue riograndense, e, á ordem do sanguinario despota, os batalhões do exercito federali vêm oppôr-se aos nossos conterraneos, que procuram volver ao seio da patria.

Chego, portanto, a occupar o meu lugar entre os que têm de morrer ou restaurar o Rio Grande, como elle deve existir entre as patrias brasileiras, altivo e livre!

No momento opportuno reivindicaremos integralmente o nosso glorioso compromisso republicano, em cuja fé nos conservamos e que manteremos a despeito de todas as difficuldades: aquelle mesmo codigo politico, proclamado em nosso programma partidario, concretisado no projecto da Constituição que tive a

honra de submeter á apreciação e aos votos do povo rio-grandense. (Doc. n. 24 de 29 de março de 1892).

Já tive occasião de protestar perante a opinião brasileira contra a calumniosa imputação de intuitos monarchistas attribuidos á revolução rio-grandense, restauradora da liberdade civil e politica em nosso Estado. Não posso melhormente reiterar este protesto do que occupando—logar nas fileiras dos insurgidos contra o despotismo de Floriano Peixoto,—criminoso nato que tem por arma uma nação credula e generosa.

Correligionarios e amigos! Ante nossas almas patrioticas não invoco a imagem da victoria, represento-vos a necessidade do poder civico.

O maior poder militar da Europa foi vencido com a resistencia do povo hespanhol. E mais, Chamava-se Napoleão Bonaparte o capitão illustre a quem resistiram as mulheres e os velhos de Saragossa. O antigo exercito de Hoche e de Marceau prestava a sua bravura republicana aos designios infames do despota maldito. Ruio esse poder tremendo aos golpes desesperados do povo, que defendia seu lar e a sua honra.

Esperemos que os rio-grandenses saberão justificar ante o Brazil e o mundo o seu direito de povo livre, vencendo o ignobil despotismo, ou que, vencidos pela força material, procederemos como patriotas dignos.

... *nullam sperare salutem.*

Acampamento do exercito libertador na margem do Quarahim, 20 de abril de 1893. *J. de Barros Cassal.*

Doc. n. 53 — *Telegramma do gen. Pego Junior ao ministro da guerra sobre a acção de Itaroquem.*

« 2 de Março.—Vos dou sciencia do seguinte telegramma do general Lima, commandante da guarnição de S. Borja: communica-vos gratas noticias do desbarato completo das forças invasoras deste municipio, tendo marchado o 25.º para atacar o inimigo.

Encontrei fugitivos, tendo sido hoje batidos em Itaroquem pelo coronel Salvador Pinheiro, sendo morto em acção Jacques de Simony.

Estou acampado a margem esquerda do Urutahy.

Os invasores praticaram toda a ordem de atrocidades; o luto e a desolação se encontram na região batida por essa horda, que não trepidou em conspirar fóra do solo da patria para sulcal-o com o elemento estrangeiro.

O bravo coronel Correia assim como officiaes do 11.º regimento muito e muito me coadjuvaram.

Prompto restabelecimento da paz nesta fronteira.

Viva a Republica! Saudos-vos.—*Pego Junior.* »

Doc. n. 54—*Teleg. do dr. Julio de Castilhos
ao mar. Floriano
sobre a batalha do Inhanduhy*

« Palacio — Porto-Alegre, 6 de maio de 1893.

« Marechal Floriano. — Victoria ! Victoria ! Abraço-vos jubilosamente. Acabo receber, via Montevidéo, o seguinte telegramma dos generaes Hippolyto Lima, Drs. Pinheiro Machado e Abott :

« Viva a Republica ! Inimigos foram encontrados e vencidos. As glorias *Inhanduhy* celebradas pelos Farrapos de 1835 reverdecera hontem ás 11 horas da manhã. Sobre margem direita daquelle rio, alcançamos, após rapida marcha, coronel Salgado. Ao estendermos linha combate, operou elle junção de suas forças com Tavares e Gumerindo. Eramos 4.500 e batemos completamente 6.000. Pelejamos 6 horas. Inimigo foi rechassado em todos suas investidas. Esmagamos flanco e centro ; retiraram-se em precipitada fuga, aproveitando-se da noite. Revolução estrangulada. Seguimos em perseguição. Mais tarde mandaremos pormenores. Viva a Republica !

« Campo de batalha, 4 de maio de 1893. — (Assignados) *Hippolyto Ribeiro*, general. — General *Rodrigues Lima*. — *Pinheiro Machado*. — *Fernando Abott*.

« Tambem tive confirmação desta communicação, transmitida pelo dr. Rocha Barros, chefe do districto telegraphico do Rio Grande. Abraço-vos em nome de todos os republicanos. — (Assignado), *Julio de Castilhos*.

Doc. n. 55—*Proclamação do alm. Wandenkolk*

Camaradas.

Pouco mais de meio seculo nos separa da época memoravel em que os navios da nossa esquadra percorriam os mares da conquista da liberdade. Não intimidou-a nem o prestigio, nem a força de Portugal ; chegando um punhado de bravos ao Tejo, na fragata *Nietheroy* até a afrontar com os seus canhões as baterias do forte S. Julião.

Mais tarde, quando Rozas e Solano Lopez opprimiam as republicas do Prata e Paraguay com os horrores da tyrannia, correo ainda nossa esquadra cheia de entusiasmo a libertar estes povos, sem mais esperanças que de bem cumprir seu dever e a satisfação da consciencia !

Na época anormal que atravessamos, quando o egoismo, a ambição e a má orientação politica têm manietado a Nação á

tyrannia, escravizando-a aos caprichos de um soldado desleal, que desassombradamente passou sem solução de continuidade de *Ajudante General do Exercito da Monarchia* para o da *Republica* e procura manter-se no poder pela força das bayonetas e sem apoio da opinião publica, violando a lei com applausos do pequeno numero de brasileiros desnaturados e Jacobinos, a *Marinha Nacional* ciosa de suas tradições de ordem, de respeito ás leis e sustentaculo da *unidade da Patria e da soberania Nacional*, não pôde deixar de protestar e collocar-se, como sempre, ao lado do povo que não cessa de clamar do Rio Grande ao Amazonas por todos os orgams da imprensa, que não é official, contra o jugo que o oprime e o avilta, perante si mesmo e o mundo civilisado.

E' pois chegado o momento de agir com o povo e pelo povo ! No cumprimento desse dever me encontrareis sempre ao vosso lado prompto a secundar os esforços desse punhado de bravos, desses heróes cheios de abnegação e civismo que, com as armas batem se ha mezes pela liberdade nos campos do Rio Grande do Sul.

Por demais conheceis os factos ; a desigualdade da luta, os horrores e os massacres ordenados pelo marechal Floriano e o seu preposto Julio de Castilhos !

E', pois, tempo de agir em soccorro de nossos irmãos e abater esse soldado sem escrupulos que fez da trahição profissão de fé e procura, por todos os meios desde a intriga e a calúnia até ás armas reduzir á escravidão sob o regimen Republicano, uma Nação que foi sempre a mais livre e a mais Republicana sob o regimen Monarchico.

Camaradas, tudo pela Patria que periga sob o domimo do terror !

Abaixo a tyrannia ! Viva a Republica Brasileira ! Viva o heroico Rio Grande do Sul ! Viva a Marinha Brasileira ! O almirante *Eduardo Wandenkolk*.

Doc. n. 56—*Carta dirigida ao chefe do estado-maior general da armada, pelo almirante Wandenkolk*

« Devido á consideração e amizade que lhe consagro, comunico-lhe pôde dar como official á minha partida hoje, no vapor *Brésil*, para Montevideu e Buenos Ayres, onde pretendo demorar-me pouco tempo, visto tencionar tomar parte nos trabalhos do Senado.—Do amigo *E. Wandenkolk*.»

Doc. n. 57—*Denúncia da Procuradoria Seccional
de Porto Alegre
sobre a tentativa do alm. Wandenkolk*

« Exm. Sr. Dr. juiz federal—São por demais conhecidos os successos occorridos, em julho do anno passado, no Rio Grande, e que, embora sem lograrem o alcance que visavam seus promotores—devido á acção energica e efficaz do poder publico, não deixaram de alarmar a população da localidade.

Na madrugada de 8 daquelle mez, um grupo de inimigos da situação apoderaram-se clandestinamente do vapor mercante nacional *Italia*, que se achava ancorado no porto, tomando conta sofregamente de grande quantidade de armamento, munições e fardamento, que se destinavam ao governo em Porto Alegre.

Depois seguiram até á barra, encontrando-se ahí pela manhã com o *Jupiter*, a cujo bordo vinha o almirante Eduardo Wandenkolk e a cujas ordens se collocou aquelle vapor.

Este procedimento obedecia ao plano combinado do ataque á cidade e da submissão desta pela imposição da força, como um novo concurso ao movimento revolucionario que devastava o Estado.

Os rebeldes empregaram todos os meios, nada respeitando para a consecução do fim sinistro, que pensavam realisar, bombardeando a cidade por mar, emquanto que esta, de terra, receberia o fogo da malta de Gumercindo Saraiva.

A investida falhou, não sem que aliás tivessem sido commettidas violencias, arbitrariedades, extorsões sem conta.

Aprisionaram varias embarcações existentes nas aguas da barra e forneceram-se de xarque, carvão, varios generos, de que estavam carregados navios mercantes; assaltaram, á mão armada, a villa fronteira de S. José do Norte, onde rudemente saquearam a intendencia municipal, a mesa de rendas estadoal, casas commerciaes, levando ainda os revoltosos o armamento que encontraram, da guarda municipal e recrutando gente para engrossar-lhes as fileiras, talvez não mui densas; levantaram trilhos e cortaram o fio telegraphico da estrada de ferro Southern e Costa do Sul; finalmente bonbardearam a cidade, cuja guarnição resistiu com dignidade. Até que na madrugada de 13, fugiram—para o norte o *Jupiter* e para o sul o *Italia*, sendo, pela canhoneira *Cananéa*, apprehendida a chata *Helena*, onde foram apanhados grande numero de rebeldes.

Tratando-se de um factio criminoso, com o qual incorreram seus auctores na penalidade do art. 115 § 2.º do código penal brasileiro,—para o fim de serem elles devidamente punidos, o procurador da Republica, usando da attribuição que lhe confere o art. 52 letra *a* do decreto n. 848 de 11 de outubro de 1890, vem denunciar perante V. Ex. ; »

Segue-se depois os nomes de todos os denunciados, cuja lista é demasiadamente longa.

Conclue o Sr. procurador seccional nos seguintes termos :

«Arrolo maior numero de testemunhas do que exige o art. 52 letra *d* do decreto n. 848 citado, por applicar-se ao caso o disposto no art. 268 do regulamento n. 120 de 31 de janeiro de 1842.

Residindo as testemunhas no termo do Rio Grande, requeira a V. Ex., em face do art. 55 da lei organica da justiça federal, se digne de mandar expedir a competente precatória, afim de ali deporem ellas com intimação do dr. promotor publico da commarca e citação dos réos, de accôrdo com o prescripto no art. 54 da citada lei.

Estando alguns dos réos recolhidos presos á cadeia civil desta cidade, requeira as providencias legaes no sentido de assistirem ao summario da culpa.

Devo consignar que só agora offereço esta denuncia e só ultimamente tenho procedido a respeito dos successos delictuosos de que me occupo—por força das circumstancias de excepção a que me refiro a fl.

Testemunhas : Trajano Augusto Lopes, José Maria de Freitas, João da Silva Azevedo, João Pinheiro da Cunha, tenente-coronel João Luiz Vianna, José Maria Garcia, Antenor F. Frontino, Adolpho F. Frontino e Ernesto Sagebin.

Informantes : Eugenio Peixoto Junior, Antonio Damasio Laranja, Augusto Boleim, Manoel Luiz Ferreira, Victorino Pereira de Souza, Israel José de Freitas, José Vieira Ramos, José Luiz Augusto da Silva Junior, Manoel Lopes Morales, Norberto Hippolyto Passos, Rogerio F. de Souza Junior, Miguel Nunes Ribeiro, Demosthenes Fonseca, Hostilio Lopes, João Agapito Corrêa e Joaquim Ramos da Encarnação— P. deferimento— Porto Alegre, 18 de outubro de 1894. »

Doc. n. 58—*Resposta do coronel Carlos Telles
aos officiaes que faziam
parte das forças sitiadas de Bagé*

« Commando da guarnição e fronteira de Bagé. — O coronel Carlos Telles, respondendo ao appello que de Pirahy foi dirigido aos officiaes desta guarnição em data de hontem e assignado por onze individuos, declara, por si e por seus camaradas, que não toma conhecimento do mesmo appello, porque não quer nem deve corresponder-se com desertores do exercito. «Bagé, 23 de novembro de 1393.—Carlos Maria da Silva Telles, coronel».

Doc. n. 59—*Ordem do dia n. 14—Commando da 1.^a
Brigada da Divisão do Sul.—Acam-
pamento em Pedras Altas, 6 de Janeiro de 1894*

Cidadãos commandantes de corpos, officiaes e praças da 1.^a Brigada !

E' chegado o momento em que devemos dar uma lição ao inimigo e de resgatarmos nossos irmãos prisioneiros, libertando ao mesmo tempo da fome os nossos camaradas e suas familias que se acham em Bagé sitiados.

Todo o sacrificio que fizermos, todos os trabalhos por que passarmos serão poucos pela bençãam que teremos de nossos irmãos d'armas ; a justiça da causa que defendemos nos dará alento nos tranzes mais dolorosos, encherá os mais tímidos da coragem necessaria a aniquillar os inimigos da Republica; e todos com o mesmo pensamento reunidos, dispostos a morrer ou vencer, carregaremos sobre elles até reunidos, a guarnição de Bagé ; e então bradaremos.

Viva a Republica !

Viva a 1.^a Brigada da Divisão do Sul !

Viva o marechal Floriano Peixoto ! *Francisco Felix de Araujo*, tenente-coronel.

Doc. n. 60—*Officio do Ministro da Guerra
ao ajudante general
do exercito, sobre o sitio de Bagé*

«Ministerio dos negocios da guerra—Porto Alegre, 14 de janeiro de 1894—Sr. ajudante-general—Viva a Republica !—A cidade de *Bagé* sitiada desde 24 de novembro por numerosas forças inimigas ao mando de Tavares, resistiu com o maior heroismo até retirar-se o inimigo precipitadamente no dia 8 do corrente, ao aproximar-se a divisão expedicionaria sob o commando do coronel João Cesar de Sampaio.

Não foram ainda recebidas partes officiaes detalhadas sobre este importante feito das armas republicanas; entretanto, pelos telegrammas inclusos, que mandareis publicar em ordem do dia ao exercito, vê-se quão brilhante foi a defesa.

O imperterrito coronel Carlos Maria da Silva Telles, commandante da praça, e a brava guarnição composta do 4.^o regimento de artilharia, corpo de transporte, 31 batalhão de infantaria, um corpo da brigada militar do Estado e algumas forças de patriotas civis, pelo procedimento que tiveram durante esses 45 dias de sitio apertado, soffrendo toda a sorte de privações, resis-

tindo com o maior denodo e abnegação aos ataques successivos de forças muito superiores em numero, fizeram jus á nossa admiração e ao reconhecimento da patria — Saude e fraternidade—*Francisco Antonio de Moura.*»

Doc. n. 61 — *Telegramma do dr. Julio de Castilhos
ao dr. Cassianno
do Nascimento sobre o sitio de Bagé*

«Porto Alegre, 15—Ao dr. Cassiano do Nascimento—Sitio *Bagé* levantado dia 8. Inimigos fugiram em debandada sem munições e mal montados. Intrepido coronel Carlos Telles com sua valorosa guarnição resistiu heroicamente ao fogo incessante e assaltos durante 18 dias e 19 noites.

Tivemos 36 mortos, dois alferes de linha e dois capitães civis ; 90 feridos entre praças de linha e civis. Os prejuizos dos inimigos superiores a 400 homens, entre mortos e feridos, além de 500 deserções de bandidos orientaes. Cidade muito damnificada, tendo elles saqueado e incendiado muitas casas, degolado muitos homens indefesos e até queimado vivos dois soldados.

Sampaio chegou a *Bagé* no dia 10, encetando logo perseguição, cujo resultado ainda não conhecemos. Viva a Republica—*Julio de Castilhos.*»

Doc. n. 62 — *Ordem do dia do commandante da 1.^a
brigada da divisão
do sul sobre o cerco de Bagé*

Commando da 1.^a Brigada da Divisão em operações ao sul do Estado. Acampamento em Bôa-Vista, 13 de janeiro de 1894. Ordem do dia n. 15.

Camaradas da 1.^a brigada !

O quadro desolador visto por nós em *Bagé*, traduz e é um vivo attestado das scenas de vandalismo praticadas por estrangeiros, que o pouco escrupulo de desorientados Brasileiros trouxe a nossa Patria para reunidos em numero muito superior aos nossos companheiros tentarem tomar a praça, batendo sua heroica guarnição.

Narrar-vos os factos com suas particularidades seria descrever as scenas descriptas por Põe, se não o inferno de Dante em que por longos dias estiveram não só vossos camaradas como as familias residentes nessa cidade.

Não forão poupados os velhos octogenarios, quando choravam a perda de seus filhos e parentes degollados no Rio Negro, não se condoeram das pobres esposas que viram seus maridos levados á sanga para depois do massacre, terem a garganta atravessada pela faca, foram surdos aos gritos das pobres crianças que com estertor, no auge da maior angustia, pediam que poupassem as vidas de seus innocentes paes !

Scenas dolorosas para esses a quem fizeram viúvas e orphãos. Canibaes !

Como se tudo isso não fosse bastante para saciar a esses descendentes de Nero, obrigaram as criancinhas a morrerem inanidas, prohibindo a venda do leite, deitaram fogo a diversas casas, saqueiaram a todas, exigindo de muitos moradores quantias avultadas. Os insultos, os doestos, as palavras obscenas, as injurias assacadas aos nossos companheiros, o faziam sem respeito a moral com grande gaudio de seus directores. Pois bem ; emquanto tuda isso succedia a briosa guarnição de Bagé, dando vivas a Republica, defendia a praça com valor stoico, supportando com toda a resignação os vexames da fome e quiça muitas vezes da sede.

Emmagrecidos, macillentos os nossos camaradas não fraqueiaram um só momento ! Que nos sirva de exemplo essa abnegação, esse heroismo, e todos da 1.^a Brigada de quem espavorido foge o inimigo, marchemos a seu encalço para dar-lhes a devida punição.

Viva a guarnição de Bagé !

Viva a brigada da 1.^a Divisão do Sul !

Viva a Republica ! *Francisco Felix de Araujo*, Tenente-Coronel

Doc. n. 63—*Parte official do combate em S. Francisco de Paula.*

« Villa de S. Francisco de Paula, 8 de fevereiro de 1894.— Cidadão general ministro da guerra — Viva a Republica ! Como brasileiro republicano e soldado, congratulo-me comvosco pela victoria alcançada hontem e hoje, em luta renhidissima entre os inimigos das instituições da patria e as forças sob meu commando.

A estrada da Taquara do Mundo Novo aos campos de Cima da Serra, desfiladeiro de difficilissima subida, maxime com 6 leguas de extensão, foi conquistada pelas tropas legaes com heroismo e tenacidade inexcediveis. Não nos embargaram o passo pontes destruidas, grossas arvores derrubadas sobre a estrada para trancal-a, nem trincheiras de pedra, quer na frente quer nos flancos.

Tudo foi vencido pela bravura, abnegação e perseverança dos servidores leaes da Republica, sob vivissimo fogo de fuzilaria dos inimigos emboscados no matto em grande numero.

Chefes, officiaes e tropa da columna que dirijo, tanto dos corpos de linha como da brigada militar do Estado e corpo de cavallaria civil, bem mereceram da patria.

Relativamente ao fogo do inimigo, e aos obstaculos que superamos, o nosso prejuizo foi pequeno; tivemos fóra de combate 24 homens, sendo 5 mortos e os outros feridos. Entre os primeiros um official do 2.º batalhão da brigada militar do Estado, o alferes Souza Lemos; nos feridos estão incluídos o tenente-coronel do 2º batalhão da brigada militar Cypriano Ferreira, tenente do 11.º regimento de cavallaria, assistente da 1ª brigada Raymundo Nonato da Silva, e alferes Oscar Capistrano, assistente junto ao commando da divisão; seus ferimentos não são de gravidade.

Eis o resumo, sr. general, do que occorreu. Darei mais tarde parte detalhada da acção.

Aguarda vossas ordens e sauda-vos respeitosamente. — O coronel *Thomaz Flores* ».

Doc. n. 64—*Telegrs. trocados entre as autoridades orientaes sobre o ataque de S. Borja*

(LA NACION, 24 DE FEVEREIRO DE 1894)

« Barra da Conceição, 23 de fevereiro — Ao Sr. ministro da guerra—Official—Urgente—Communico-vos que hontem, ás 8 horas da tarde, tive sciencia pelo telegrapho de S. Thomé de que os revolucionarios brazileiros apoderaram-se de S. Borja, onde se entrincheiraram, dando combate aos navios brazileiros que estavam em aguas argentinas em Horniguero, em frente a esse porto, chegando as balas á referida povoação.

Como tivesse cessado o combate pelo adiantado da hora, fazendo suppôr que continuaria hoje, enviei uma secção de artilharia, que devia encontrar-se em S. Thomé com o 6.º de cavallaria para garantir a inviolabilidade do territorio. Ao mesmo tempo mandei ao chefe das forças brazileiras um despacho do teor seguinte :

» Ao chefe das forças em hostilidade contra os navios fundeados em frente a S. Thomé—Official—Previno-vos que as balas com que combateis os navios de guerra brazileiros, surtos em frente a Horniguero, caem em aguas e territorio argentino, cuja inviolabilidade farei respeitar com a divisão ás minhas ordens, se tal facto se repetir.

Esse despacho lhe será entregue pelas autoridades argentinas do porto de S. Thomé—Coronel *C. Sarmiento* ».

Ainda não recebi resposta alguma, espero-a porém de um momento para outro e terei a honra de transmitil-a, assim como qualquer novidade que occorra.

Creio que a presença das forças nacionaes que enviei a S. Thomé imporá o devido respeito e garantirá a tranquillidade aos habitantes de Hormiguero. Saude, etc.—Coronel *C. Sarmiento*.»

» Ao Coronel Carlos Sarmiento, chefe da linha militar do Alto Uruguay—Recebi o seu telegramma, foi approvedo o procedimento observado, igualmente deve fazer saber aos navios brazileiros, que considerará violação do nosso territorio o acto de romper em aguas argentinas, ainda que seja para repellir um ataque—*Luiz de Campos*, ministro da guerra.»

Doc. n. 65 — *Telegr. de Gumercindo ao alm. Custodio, aconselhando-o a occupar a cidade do Rio Grande*

« Almirante Mello—Paranaguá—Estou convicto de que a victoria da revolução depende presentemente de penetrarmos na barra do Rio Grande.

A fraca resistencia que por ventura encontrar-mos alli será nada em relação a que já vencestes tantas vezes, forçando a barra do Rio de Janeiro contra centenas de canhões grossos.

A passagem do intrepido *Uranus* é um feito assombroso sem igual na historia do mundo.

Salvemos, pois, o resto da valente esquadra, engrandecendo a revolução, e alcançaremos pelo menos a independencia do nosso caro Rio Grande.

Viva a Revolução!

Saudo-vos.—*Gumercindo Saraiva*.»

Doc. n. 66 — *Parte official do com. do 6.º districto sobre o combate do Rio Grande*

« Commando do 6.º districto militar.—Quartel general da cidade do Rio Grande do Sul, 26 de abril de 1894.

Ao illustre general ministro da guerra.

De posse de todos os documentos necessarios, com excepção da parte do distincto coronel Carlos Maria da Silva Telles, relativamente á derrota que inflingiu ás forças dos inimigos, no encontro que com ellas teve na manhã de 10, na estação da Quinta, passo, no cumprimento de meus deveres a completar as

noticias que em telegrammas successivos já tive a honra de transmittir-vos, acerca dos acontecimentos que aqui se desenvolveram, de 6 a 11 do corrente.

Na manhã de 6 recebi um telegramma do illustre cidadão coronel Valladão, no qual me avisava que constava no Rio os inimigos da Republica haviam abandonado o Paraná e Santa Catharina para virem atacar este Estado, desembarcando provavelmente no Chuy.

Não só devido á origem de onde partiu como tambem por estar ella de pleno accordo com a opinião, que mais de uma vez, manifestei em documentos officiaes isto é, de que os revoltosos não deixariam de vir atacar esta cidade, ponto de indiscutivel importancia, dei todo o peso á informação do coronel Valladão.

Os factos vieram demonstrar a quanta razão me assistia. Justamente quando eu vos communicava e ás autoridades a quem mais de perto interessava essa noticia, recebi do capitão de fragata Borges Machado communicação de que a léste apparecia cinco vapores suspeitos e armados em guerra.

Pouco depois o mesmo official me participou que um dos vapores parecia o *Aquidaban*, que mais tarde reconheceu ser o *Republica*.

Das 10 para as 11 horas da manhã cinco navios pertencentes a esquadra pirata investiram os bancos e dirigidos pelo ex-official de marinha Costa Mendes, pratico da barra e commandante do corsario *Uranus*, transpuzeram a barra.

A heroica, bizarra e denodada guarnição de suas fortificações oppoz-lhes a mais tenaz resistencia.

Durante 2 horas e 40 minutos, cento e poucos defensores da Republica, dispendo de quatro Krupps apenas e dois canhões Withworth 32, lutaram com excepcional bravura, contra cinco navios poderosamente artilhados, tendo conseguido fazer a bordo delles, e principalmente do *Metebro*, estragos materiaes.

Vencendo as baterias e a linha de torpedos, dos quaes nenhum detonou em consequencia de se terem deteriorado os fios conductores, devido ao muito tempo de submersão pretenderam os piratas desembarcar as forças numerosas que traziam a bordo no trapiche da companhia franceza; disso os impediu a inexcedivel bravura, calma e tino do 2º sargento Avelino Alves Setubal, do 35 batalhão de infantaria á frente de oito homens, pertencentes ao mesmo batalhão, cujos nomes não posso calar, e que são os seguintes: cabos de esquadra Octaviano Geminiano de Brito, Marcelino Pereira, Aureliano José de Carvalho, soldados Isaac Alves dos Santos, João Francisco dos Prazeres, Amaro Antonio da Silva, Antonio Severiano e Alexandre Barboza Rego.

Reconhecendo o valoroso official que commandava as forças que defendiam a barra, que não mais podia resistir e que poderia ficar com a retirada cortada, visto como os inimigos já estavam desembarcando no trapiche da 4ª secção, resolveu retirar toda a força com a maior ordem e criterio.

Poucos homens perdemos na entrada dos piratas á barra, e seus nomes constam das partes juntas.

Emquanto se passavam esses acontecimentos na barra, inesperados, porque nenhuma noticia eu havia recebido, a não ser o telegramma, já alludido, do coronel Valladão recebido poucos momentos antes da invasão, tratei de tomar todas as medidas que a gravidade da situação exigia.

Assim é que reconhecendo a insufficiencia da guarnição desta cidade, naquelle dia desfalcada de 280 praças, que se achavam em serviço de guerra, 100 em Camaquam e 180 em perseguição do bandido Carlos Chagas, como sabeis, ordenei sem demora aos commandantes do 20.º e 32º batalhões de infantaria, que guarneciam a estrada de ferro, que immediatamente se recolhessem á esta cidade, e para isso fiz as necessarias combinações com a direcção da dita estrada, que com a maior solicitude tratou de providenciar.

Bem compenetrado da gravidade da situação, ordenei ao general Santiago que me enviasse um reforço da guarda nacional e ao coronel Carlos Telles, em Bagé, que seguisse, não olhando sacrificios, com toda a sua força para esta cidade.

Folgo em declarar que sollicitamente fui attendido em todas a minhas reclamações, sendo certo que do illustre marechal presidente da Republica, de vós e do abnegado presidente do Estado recebi sempre provas de animação e conforto, quanto é certo, entretanto, que não só eu como toda a valente guarnição estavamos firmes no proposito de morrer a nos entregarmos, porque isso seria dar enorme ganho de causa ao inimigo e quiçá conceder-lhe oportunidade, de, por muito tempo e com mais vantagem, prejudicar a consolidação da Republica Brasileira.

Como não ignoraes, era bastante precario o estado desta guarnição, que, além de resumida achava-se muito desfalcada, devido a termos 100 homens em Camaquam e 180 perseguindo grupos de bandidos que infestavam Santa Isabel, Tahim, etc. etc.

Nestas condições comecei a tomar as medidas que as circumstancias criticas e urgentes do momento me aconselhavam.

Assim é que nomeei para commandar as forças do littoral ao tenente-coronel Francisco Felix de Araujo, e as que deveriam guarnecer as trincheiras do parque ao major José Carlos Pinto Junior.

Dadas as necessarias ordens, dentro em pouco estava estabelecida a defeza da cidade, tanto quanto permittia a insufficiencia da força

Durante todo o dia conservaram-se os navios junto ao trapiche da 4ª secção.

Emquanto isso, iamso tornando mais forte a defesa e tomando varias medidas a ella necessarias.

Ao escurecer chegou do Cerro Chato o valente 32º batalhão de infantaria, que tomou posição nas trincheiras do Parque.

A' noite obstruiu-se o canal da barra, mettendo-se a pique um

pontão, trabalho de que se encarregou o illustre dr. Ernesto Ottero, de accôrdo com o sr. capitão do porto, de combinação com este commando.

Ainda cedo ficou interrompida a linha telegraphica para a estação da Quinta, o que logo nos fez julgar que a linha ferrea tambem o teria sido para impedir a vinda do batalhão de engenheiros, que era esperado de Pelotas, e um reforço do 3.º batalhão da guarda nacional.

Mais tarde verificou-se a exactidão da previsão.

Tenho enorme satisfação em vos declarar que durante todo o dia e noite officiaes e praças, com a maior dedicação e enthusiasmo, empenharam todos os esforços e trabalharam abnegadamente para que a defeza se estabelecesse o melhor possivel.

Por parte das autoridades civis, guarda municipal e populares, encontrei o mais franco e decidido apoio, já não fallando da guarda nacional.

Todas as cousas dispostas, com animo calmo, resolução firme e dispostos a lutar e resistir até o extremo, aguardamos os successos.

Emquanto em terra se trabalhava, no mar as valentes canhoneiras *Cananéa* e *Camocim*, sob a direcção do invicto capitão-tenente Fiuza Junior, commandante da flotilha, efficazmente auxiliado por seus dignos officiaes, tudo faziam para atacar e resistir aos navios piratas.

Mais ou menos, ás 7 horas da manhã, os navios punham-se em marcha para a cidade, onde pouco depois chegaram; não podendo penetrar no canal, devido á obstrucção, tomaram a direcção de S. José do Norte.

Neste momento rompeu o fogo, ousadamente iniciado pela *Cananéa* e bizarramente seguido pela *Camocim* e valente e denodada bateria da macega.

Renhidissimo tornou-se o combate; porém, nossas forças não cederam um instante.

Não podendo as canhoneiras, principalmente a *Cananéa*, que era o alvo predilecto da poderosa artilharia do *Republica*, continuar na luta desigual, e já estando ferido o bravo cammandante Fiuza e varias praças, retiraram-se ellas para o fundo do porto; e porque era necessario prever os peiores casos, resolveu aquelle commandante fazer afundar a *Cananéa*, evitando assim que ella fosse presa de inimigo.

Por minha parte tambem, devendo tudo acautelar, tudo prever, ordenei o entrincheiramento da praça Silva Telles, trabalho de que se encarregaram principalmente os distinctos engenheiros major Medeiros Germano, capitão Lindolpho Silva, tendo tambem nella trabalhado o digno major Silva Chaves e outros illustres officiaes. (*)

(*) Começou então a ser distribuido pela população o seguinte boletim:
« Na qualidade de chefe militar desta praça, cabe-me o supremo dever

A's 9 1/2 horas da manhã, mais ou menos chegaram ás trincheiras do Parque, apoz marcha ousada e arriscadissima, o 2.º batalhão de engenharia e o 29.º batalhão de infantaria e contingentes do 3.º batalhão da guarda nacional de Pelotas e do 28.º batalhão de infantaria.

A 1 hora e 20 minutos da tarde começou a mover-se em direcção á cidade o exercito de terra, calculado sem exagero em 2.000 homens.

A certa distancia desenvolveu extensa linha apoiada em grosso reforço.

O inimigo avançava com animação e enthusiasmo ; pouco tempo depois, rompeu o fogo de nossa artilharia, que foi seguido pela fuzilaria.

Tal foi a efficacia e impetuosidade dos fogos que os bandidos não tiveram outros recursos senão moderar a marcha e tornar visível o seu esmorecimento.

Todavia sustentou fogo até o escurecer, quando retirou-se.

Seria tarefa difficil pintar-vos o valor, denodo, dedicação e enthusiasmo com que portou-se toda a guarnição das trincheiras, officiaes e praças, durante todo o combate.

Permittir-me-heis, todavia, que aqui especialise o seu intrepido e pundonoroso commandante José Carlos Pinto Junior, pelo acerto de suas ordens, calma e bravura com que attendia a toda a linha, e bons e relevantes serviços que prestou não só nesse dia mas durante todo o tempo que se conservou ainda n'aquelle commando.

Elle confirma mais uma vez o elevado conceito em que é tido.

De volta do Parque, á noite, recebi uma pretenciosa intimação do ex-contralmirante Custodio de Mello, para evacuar a cidade, intimação a que não dei a menor resposta; apenas tornei-a publica, porque ella interessava ás familias, enfermos e estrangeiros. (*)

de prevenir á hospitaleira população desta cidade que não obstante o selvagem, barbaro e criminoso procedimento dos piratas que se acham embarcados no *Republica* e frigoríficos e que hoje malvadamente começaram a bombardear esta cidade, conservando-se ainda em posição hostil e ameaçando atacal-a por terra, que pode a mesma população estar tranquilla e confiada, porque todas as medidas estão tomadas para a defeza da cidade e manutenção da ordem publica.

Pode o povo do Rio Grande ficar tranquillo, porque a guarnição que aqui se acha saberá morrer cumprindo o seu dever. Viva a Republica ! Viva o marechal Floriano ! Viva o Rio Grande do Sul ! — Rio Grande, 7 de Abril de 1894. — Antonio Joaquim Bacellar, general de divisão.»

(*) « Unicamente em attenção á população desta cidade a quem ella se refere na sua ultima parte, faço transcrever em seguida a insolita intimação que dirigio-me o contra-almirante Custodio José de Mello, intimação qu

No dia 8 continuaram á vista das nossas as forças inimigas que haviam desembarcado; houve tiroteio durante todo o dia, troando de parte a parte a artilharia e portando-se nossos officiaes e praças com a costumada galhardia e enthusiasmo.

Os navios piratas que eram o *Republica*, *Uranus*, *Metéoro*, *Iris* e *Esperança*, continuavam em S. José do Norte, tendo seguido o *Esperança*, cedo, em direcção á Pelotas, voltando no mesmo dia, aprisionando o rebocador *Lima Duarte*, que voltava dos pharões da Lagôa.

Nesse mesmo dia ficamos com todas as communicações cortadas.

No dia 9 muito cedo, tendo findado o prazo para a entrega da praça, louca esperança de Custodio, começou o bombardeio que durou sem interrupção quatro horas, atirando o *Republica* e um frigorifico, collocados na ponta da macega, contra as trincheiras do Parque, principalmente mandando tambem algumas balas para a cidade.

veio de S. José do Norte pelo navio allemão *S. Pedro* e só chegou ao meu conhecimento á noute, quando voltei do Parque. Aquellas pessoas, pois, que não confiando na promessa que fiz no boletim hontem publicado, quizerem retirar-se desta cidade podem fazel-o, devendo antes vir a este quartel general munir-se do necessario salvo conducto.

Eis a intimação :

« Commando-chefe das forças libertadoras, bordo cruzador *Republica*.— Rio Grande do Sul, 7 de Abril 1894.— Ao Sr. General de divisão Antonio Joaquim Bacellar, commandante do 6.º districto militar. Ha mais de um anno que o facho da guerra civil foi ateado no glorioso Estado do Rio Grande do Sul para satisfação de ambições pessoaes impudentemente patrocinado pelo dictador de nossa patria.

Ha sete mezes justos que a esquadra nacional, compartilhando desse grande povo, atirou-se a luta para auxiliá-lo na defeza de seus direitos e de suas liberdades, que outros não podem ser senão os do povo brasileiro. A necessidade de operar em outros Estados do Sul da Republica, como os do Paraná e Santa Catharina, hoje em dia em nosso poder, impediu-nos de prestar até agora o apoio franco e decisivo que de nós carecia a luta do Rio Grande. Esse momento é, porém, chegado. Não ha retroceder; aqui estamos e aqui nos conservamos emquanto for preciso. Em consequencia, e para poupar a vida a milhares de nossos concidadãos, convido-vos a que no prazo de 24 horas a contar do recebimento desta, abandoneis a cidade içando no ponto mais elevado da cidade uma bandeira branca em signal de adhesão ao movimento revolucionario.

Se por desgraça, porém, julgardes que não deveis acquiescer ao meu convite obrigando-me assim a derramar o sangue de nossos irmãos pelo ataque simultaneo a que submettrei a cidade por terra e por mar, então praticai um acto de humanidade, mandando retirar d'ahi, antes de findo aquelle prazo, as familias e as pessoas inermes e doentes.—Saude e fraternidade—*Custodio José de Mello*, contra-almirante. »

E ocioso declarar que absolutamente não cederei á pretenciosa intimação. Rio Grande, 8 de Abril de 1894.—*Antonio Joaquim Bacellar*, general de divisão. »

As trincheiras ao mesmo tempo que recebiam pela retaguarda e flanco os fogos dos piratas embarcados, pela frente recebiam dos que se achavam em terra.

Nada disto intimidou a destemida guarnição que resistiu com heroísmo.

Continuaram os navios o bombardeio, porem, espaçado até 3 horas, quando se retiraram para S. José do Norte, donde ainda á noite atiraram contra a cidade.

No dia 10, ao meio dia mais ou menos, notou-se grande movimento no acampamento inimigo: pouco depois verificou-se que elle operava rapida e atropellada retirada, deixando um canhão Krupp 8, algumas munições e varios objectos.

Soubese-se mais tarde que tal retirada era a consequencia da tremenda derrota soffrida pela força que Salgado havia destacado na Quinta, para impedir a marcha do bravo coronel Telles com sua gloriosa divisão para esta cidade.

Nesse mesmo dia, com excepção do *Esperança*, todos os navios foram collocar-se na barra, donde no dia seguinte, já estando com elles o *Esperança*, e depois de terem dispensado o *Lima Duarte* e cruelmente abandonado no mar a lancha *13 de Maio*, fizeram-se ao largo, tomado o rumo de sudoeste.

No dia 11 fez sua entrada nesta cidade a bizarra guarnição de Bagé trazendo á sua frente o bravo coronel Telles.

No dia 12 ficou restabelecido o telegrapho e então soubemos que os piratas que d'aqui foram enxotados, onde fizeram o mais ridiculo e covarde papel, onde receberam o tiro de misericordia, estavam desembarcando suas forças em Castilhos, fazendo humilhante entrega do armamento e pedindo misericordia.

Estava morta a negregada revolução.

Eis, illustre Sr. ministro da guerra a synthese dos graves acontecimentos que aqui se desenrolaram de 6 a 11 do corrente.

Doc. n. 67—*Telegr. do cor. Carlos Telles ao ministro da guerra sobre o combate do Rio Grande*

« Acaba de regressar da barra uma escolta de 4 officiaes e 100 praças do 31.º batalhão, que ali foi informada por moradores do logar que inimigo no combate de ante-hontem na Quinta, perdeu 2 coroneis que devem ser Franklin e Portinho, o tenente-coronel ex-sargento Padão, 2 majores, que parecem ser Ignacio Pereira e Vasco, o capitão ex-alferes Pedro Becker, além de outros officiaes e duzentas e tantas praças, que depois do combate viram embarcar oitenta e tantos feridos; que o inimigo chegou á barra depois do combate em extraordinaria confusão e tomado

de tal pavor que calculou minha columna em 300 homens; que Salgado, que ia observar combate levando reforço, ao chegar ao lugar, onde está a machina descarrilada, encontrando derrotados, que vinham em debandada do combate, retrocedeu em verdadeira disparada, tendo feito tambem meia volta o reforço, que debandou, que ao reembarcarem na barra houve discussão entre os chefes, declarando Salgado que bem andava opinando contra desembarque por não se julgar com gente sufficiente para combater, mas que Custodio de Mello fôra quem insistira que se effectuasse o tal desembarque; calculando os mesmos moradores, á vista da séria divergencia que reinava entre os chefes, que iam se debandar, mas que elles declaram seguir para Santa Catharina.

Até hoje ainda se agarram extraviados do combate pelos mattos, banhados e praia fronteira á ilha dos Marinheiros. Do que occorreu durante minha marcha participei ao general commandante do districto, que naturalmente vos communicou immediatamente».

Doc. n. 68—*Officio do alm. Mello ao presidente da Intendencia Municipal da cidade do Rio Grande, intimando-o a evacuar a cidade*

«Commando-chefe das forças libertadoras, bordo do cruzador *Republica* no Rio Grande do Sul, 7 de abril de 1894.

Incluso vos remetto pôr cópia o officio que em data de hoje dirigi ao commandante do districto militar convidando-o a evacuar a cidade pelas forças sob o seu commando, afim de poupar-a de um duplo ataque por terra e por mar.

Levando esse facto ao vosso conhecimento julgo prestar um testemunho de respeito e consideração á primeira autoridade Civil do lugar.

Saude e fraternidade — *Custodio José de Mello* ».

Doc. n. 69—*Officio do alm. Mello ao Pres. da Rep. Argentina solicitando a protecção da bandeira daquella nação*

«A bordo do cruzador *Republica*, no porto de Buenos-Ayres, 16 de Abril de 1894.—Ao Exm. Sr. Dr. Luiz Saenz Penna, presidente da Republica Argentina.—Não podendo continuar por falta absoluta de recursos com a luta em que ha cerca de 8 mezes se acha empenhada a armada brazileira, com as leaes e patrioti-

cas intenções de defender a constituição politica do paiz, pacificando-o e annullando o poder do militarismo que tanto o tem anarchisado, venho a este porto com a esquadra ao meu commando, composta do cruzador *Republica* e os paquetes armados em guerra *Iris*, *Meteoro*, *Uranus*, *Esperança*, afim de nos collocar á sombra da bandeira da generosa nação argentina.

Estamos embarcados aqui com todo o pessoal dos ditos navios, composto de officiaes da marinha e exercito e regular numero de patriotas e soldados da armada.

Desde este momento entrego os ditos navios ao governo argentino, para que possa dar-lhe o destino que achar conveniente.

Aproveito a oportunidade para offerecer ao Exm. presidente os protestos da minha mais alta consideração e estima—*Custodio José de Mello*, contra-almirante.»

Doc. n. 70—*Boletim do commando do 6.º districto á população do Rio Grande*

« Tendo este commando garantido em boletim de 7 do corrente que podia ficar tranquillo, porque a guarnição do Rio Grande saberia morrer cumprindo o dever de deffender a cidade, tenho a maior satisfação em annunciar que a confiança depositada na mesma guarnição foi por ella perfeitamente correspondida.

Volta a cidade ao seu estado normal, com a vergonhosa derrota e fuga dos barbaros ao serviço dos restauradores monarchistas, e é chegado o momento de vêr-se a actividade industrial e commercial do Rio Grande manifestar-se. Peço pois ao commercio, ás officinas e á imprensa que voltem aos labores quotidianos, continuando a confiar na força armada, ora constituída não só pela antiga guarnição da cidade como tambem pela de Bagé ao mando do intrepido coronel Carlos Telles, e cuja aproximação accelerou a fuga dos miseraveis e covardes.

Viva a Republica!

Viva o Rio Grande do Sul!

Viva o marechal Floriano!

Commando do 6.º districto militar na cidade do Rio Grande, 12 de abril de 1894—*Antonio Joaquim Bacellar*, general de divisão.»

Doc. n. 71—*Excerptos da ordem do dia do alm.
Mello depois do desastre do Rio Grande*

.....
«Sabendo que as forças de desembarque não haviam tentado um ataque decisivo contra as trincheiras, apressei-me, fazendo appello á valentia e ao patriotismo dos generaes que as commandavam, excitando-os que, sem perda de tempo, se puzessem em marcha para a cidade, sob pena de ficarem em maiores difficuldades, em vista da provavel chegada de novos contingentes de Pelotas e Bagé.

Em outra nota dei a conhecer a minha intenção de bombardear os pontos fortificados, ainda que de grande distancia, e se fosse preciso a cidade, no caso de não conseguir uma solução favoravel á intimação que acabava de dirigir ao commandante da praça.

A resposta do general Salgado, datada de 7, foi que não sabia se poderia satisfazer os desejos que eu manifestava em minha nota, de que a cidade fosse tomada no prazo de 24 horas; porém que empregaria todos os seus esforços para tomal-a no menor prazo possivel, pois saberia manter-se no posto que o indicavam o patriotismo e a dignidade militar.

A nota mencionada vinha acompanhada de outra com data de 8, na qual esse general dizia-me que, reunidos em conselho os officiaes superiores dos diversos corpos para resolver sobre a situação, tinham considerado de seu dever declarar, francamente que, por ser fortificada a cidade e perfeitamente provida de artilharia, infantaria e alguma cavallaria, além de estar defendida por fortes trincheiras, o projectado assalto não seria coroado de bom exito, sobre tudo se chegasse a faltar o concurso espontaneo do corpo de exercito ás ordens do general Laurentino Pinto.

Este general, por sua parte, declarava textualmente, em uma nota da mesma data, que a tentativa de um assalto tinha de ser forçosamente fatal; porém que, apesar de tudo, iria até ao sacrificio, se fosse necessario e se recebesse ordem de atacar.

Em semelhantes condições só me ficavam dois caminhos a seguir; ou levar a cabo o projectado bombardeio, ou seguir mar em fóra abandonando uma praça defendida por 600 homens no maximo, entricheirados por trás de montões de areia, contra os quaes estavam assestados quatro canhões, e quando tambem o exercito sitiador, composto de mais de 2.000 homens das tres armas, não tinha tentado mais do que simples reconhecimento das fortificações, apesar das ordens terminantes recebidas de atacar sem perda de tempo.

Decidi-me pelo primeiro, e assim foi que, sabendo que o commandante da praça repellia formalmente a intimação de rendição que lhe tinha feito ao amanhecer do dia 9, fui collocar-me com o *Republica* e o *Meteóro* em frente da Ponta da Mangueira,

de onde rompi continuado fogo, com grandes intervallos, contra as trincheiras, capitania do porto, quartéis e estabelecimentos militares que defendiam a cidade.

O ataque tinha começado, quando recebi do general Salgado a seguinte nota, datada de 8 :

«Accuso recebida a sua nota, na qual me communica V. ter intimado ao inimigo a rendição da praça do Rio Grande no prazo de 24 horas, sob pena de ser bombardeada por todas as partes. Por minha vez participo-lhe que apenas começado o bombardeio, atacarei a praça por terra.»

Essa noticia me alegrou tanto mais quanto depois de tres disparos contra o unico canhão inimigo visto de bordo, este caíra completamente desmontado, e isto de distancia de 5.000 metros.

Uma vez conseguido tão brilhante resultado, escrevi ao general Salgado, ordenando que sem perda de tempo fizesse um reconhecimento ao ponto batido, com o fim de começar por ahí o assalto da praça.

Varias vezes suspendi o bombardeio, temendo que as balas dos navios fossem ferir nossos soldados, e outras tantas vezes tive de recommençar o fogo, por não descobrir indício algum que me revelasse que as tropas amigas avançassem como deviam.

Assim passou-se todo o dia, até que pela tarde, vendo que os esforços da esquadra não eram correspondidos pelas forças de desembarque, mandei cessar o fogo e volver ao fundeadouro em frente a villa de S. José do Norte.

Pela manhã do dia 10 fiz levantar ancora ao *Republica* e pôr-se em marcha aguas abaixo, indo collocar-se em frente ao pharol da barra, mais perto da margem opposta, para informar-me melhor do occorrido e tomar as medidas segundo as circumstancias ; soube pelos generaes Salgado e Laurantino que a nossa vanguarda estava lutando contra umas forças inimigas, calculadas em mais de 600 homens bem armados e montados.

De outros pontos, e especialmente pelos valentes coroneis Jonathas Pereira e Portinho, que voltavam feridos do campo da batalha, soube que essa valente vanguarda resistia todavia, porém que suas munições estavam-se esgotando e que entre outros officiaes não menos valentes, o coronel Franklin Cunha e o aspirante Nicoláo tinham chagado até a bater-se corpo a corpo contra seus inimigos, que haviamos perdido quasi todo o 25 batalhão de infantaria e cerca de 10 homens da armada.

Então apressei-me em dirigir ao general Salgado a seguinte carta :

«Creio que, não deve vacillar em atacar o inimigo hoje mesmo, antes que receba novos contingentes.

Aqui se acham os barcos para recolher os restos do nosso exercito, se por acaso fôr derrotado.»

Nada podendo conseguir, e tendo a segurança de que no momento de começar a luta nossa vanguarda estaria a mais de

duas leguas do grosso do exercito, e que por outro lado este se retirava para ir collocar-se a uma milha de distancia sem que se tivesse preocupado de fazer chegar munições aos que se batiam mais além, escrevi novamente ao general Salgado, ás 7 horas da noute, e nos seguintes termos :

«Não temos tempo a perder ; ou atacaes o inimigo amanhã pela madrugada ou retiro-me deixando o vosso exercito em terra :

Uma demora de 24 horas nos póde ser fatal, e então nem sequer os restos do vosso exercito em caso de derrota poderiam salvar-se.

Intelligente e militar prudente como sois, comprehendeis bem a gravidade da nossa situação.»

A's 9 horas da noute recebia em meu camarote do *Republica* os generaes Salgado e Laurentino, que vinham declarar-me que não podiam cumprir a ordem que lhes havia dado de atacar o inimigo, porque seu proprio exercito estava sitiado.

Então tornei a repetir o que lhes havia dito antes, que a divisa que elles e seus soldados haviam tomado era «vencer ou morrer», que jámais se offereceria oportunidade tão favoravel para tornar effectiva o que rezava esta divisa.

Por ultimo lhes disse claramente que a responsabilidade de uma retirada não justificada, e antes de intentar um assalto, no qual tivessesmos perdido 200 ou 300 homens ou mais, cairia inteiramente sobre elles.

Não podendo fazel-os mudar de resolução, fiz pela manhã do dia seguinte o reembarque das tropas.

Isto era necessario, porque meu coração de brasileiro e de revolucionario exigia o cumprimento dos deveres de humanidade, que nunca regatearia a meus proprios adversarios.

Foi assim que sahimos do Rio Grande do Sul, sem nada haver conseguido, depois de tantos esforços e sacrificios por parte da marinha revolucionaria e de alguns officiaes do exercito libertador, que se bateram com verdadeiro denodo.

Todavia, tenho o coração enlutado, ao lembrar-me que um exercito de 2.000 homens das tres armas, dispondo de artilharia e de metralhadoras, não se julgasse capaz de intentar um assalto a umas trincheiras inimigas, que consistiam apenas de montões de areia e que pelo contrario fugiriam ao primeiro combate com as forças inimigas.

Tinha resolvido seguir para S. Francisco, e não havia levado a effeito essa resolução por não ter sido a convenção manifestada pelos commandantes dos navios e officiaes nelles embarcados de que nossos esforços seriam inuteis se continuassemos a luta, e que nos faltavam os meios para prover as necessidades da esquadra, agora mais do que nunca desprovida de recursos.

Foi então que de accôrdo com todos os officiaes resolvemos refugiar-nos á sombra do pavilhão argentino com os navios e suas tripolações, assim como os officiaes de terra que nos qui-

zeram acompanhar, deixando sem embargo, em Castilhos, em territorio oriental, o exercito de desembarque em vista do grave inconveniente de encontro possivel com a esquadra inimiga, que sem maior proveito o sacrificaria inteiramente. Esta resolução foi communicada ao general Salgado antes de deixar o porto do Rio Grande.

O que succedeu está no dominio do publico; não se torna necessario repetil-o aqui.»

Doc. n. 72—*Ordem do dia do commando da Divisão do Norte, datada de 6 de dezembro de 1893, de Blumenau*

«Soldados da divisão do norte! — Deveis estar satisfeitos. As ingentes fadigas e rudes trabalhos porque tendes passado não têm sido inuteis.

A vossa estoica perseverança iguala o vosso valor temerario.

Desde o extremo sul da Republica até aqui, n'um longo percurso de mais de 300 leguas, quasi sempre a pé, atravessando aspero terreno, intremeiado de extensas picadas, sulcando por caudalosos rios, haveis com tenacidade admiravel feito desaparecer os obstaculos com pasmo do proprio inimigo.

As florestas densas não têm esconderijos que vos intimidem; os rios, apezar das balsas e canôas queimadas ou quebradas pelos inimigos, são por vós em poucas horas transpostos sobre jangadas improvisadas pela vossa actividade inegalavel.

O Rio Grande, posto que vasto, já não era assás grande para abrigar o fugitivo inimigo que, procurando cansar-vos, transpôz a divisa daquella generosa terra.

Baldado intento!

A vossa patriotica obstinação cresce á medida que os castelhanos internam-se no coração da patria.

Batidos no *Ibicuhy*, onde tomastes mais de 4.000 cavallos a Salgado, matando e dispersando acima de 300 homens de sua força, que, acobardada pela vossa audacia, entregou-vos barcas e canôas; de novo os alcançastes, já reunidos a Gumercindo, no Matto Portuguez, perto dos limites que os antepassados deste disputaram aos vossos no seculo passado.

Apertado na matta o sanhudo castelhanao ousou embargar-vos o passo.

Caro pagou sua temeridade!

Muitos feridos, dez mortos, armas e o estandarte de guerra de Apparicio Saraiva, que conservais em vossas fileiras, attestam o vosso triumpho.

Sempre com a bayoneta nos rins os obrigastes a buscar guarida neste Estado.

Aquem de Pelotas, Salgado com 1.000 homens, separou-se de Gumercindo, descendo pela serra do Oratório para Tubarão. Alli encontrou a columna do bravo general Oscar, que o tem acossado de derrota em derrota.

Gumercindo, o torvo degolador, tomou para Lages. Seguis-tes-lhe no encalço. No rio Canôas, onde a vossa vanguarda, commandada pelo tenente-coronel Bento Porto, o alcançou ficaram na ribanceira direita 12 cadaveres inimigos, além dos que atiraram á corrente do rio.

De então para cá não tivestes mais adversarios em vossa frente, e sim um aggregado informe de fugitivos, tomado de pânico, que enxotado de serro em serro, por aqui passou em debandada, buscando o oceano como ultimo e supremo refugio.

Bem tendes merecido da patria, soldados da divisão do norte !

A sobranceira intrepida com que encarais o perigo ; a resignação patriótica com que supportais as crueis privações, apavoraram o inimigo e salvaram a Republica sériamente ameaçada.

O vosso velho general está certo que tudo deve confiar do vosso admiravel amor á liberdade.

Nús, descalços, com os pés sangrando, sem alimento muitas vezes, nunca descrestes da victoria.

Agora, após haverdes com incredulidade geral feito passar, graças á actividade do coronel Sálvador Pinheiro e seus auxiliares, a artilharia por entre penhascos, immensos atoleiros e precipicios, ides transitar por melhores caminhos, atravessando uma zona fertil, abundante de recursos alimenticios, povoada por uma população amiga, generosa e humanitaria, na qual pulsa ardente a alma republicana.

Seus habitantes, quasi todos, são vossos irmãos de crenças, dignos do vosso apreço, pelos já notaveis serviços prestados á Republica.

Soldados da divisão do norte ! a revolução agonisa, breve dar-lhe-heis o golpe final, e então regressareis aos vossos lares, cercados da veneração que acompanha os herões, tendo pacificado a patria e firmado o governo constitucional da Republica com o cimento indestructivel argamassado com o vosso generoso sangue.

Viva a Republica ! Viva o marechal Floriano ! — *Francisco Rodrigues Lima*, general de brigada.

Docs. ns. 73—*Teleg. do ministro da guerra ao ajudante gen. do exercito sobre o combate da serra do Oratorio*

A—«PORTO ALEGRE, 11 de março.—Ao general Costallat.

Acabo de receber communicação do general Lima de ter uma expedição de sua columna, ao mando do coronel Salvador Pinheiro, batido a gente de Salgado, em Tijucas, Estado de Santa Catharina. Calcula-se em cento e tantos o numero de inimigos postos fóra de combate.

Inimigos deixaram no campo 25 carabinas Comblain, uma Kropatschek, 24 lanças, sabres, espadas, pistolas, facões, 6.000 cartuchos Comblain, muitas bolsas de munições, barracas, ponches, cobertores e outros objectos. Inimigo fugiu descendo a serra.

Tivemos um homem morto e tres feridos.

O combate que acabo de mencionar é confirmado por um telegramma que neste momento recebo do general Oscar, que diz:

«Companheiros nossos escapos da columna Salgado e chegados a Torres por Araranguá, declaram Salgado batido por Salvador em cima da serra, descendo pela estrada de S. Bento para Laguna. Informai de tudo isto ao marechal. Viva a Republica! (Assignado), *Ministro da guerra.*»

Ordem do dia do com. da Divisão do Norte depois do combate da serra do Oratorio

B—«Commando da divisão do norte, acampamento na margem direita do rio dos Touros, 16 de março de 1894.

ORDEM DO DIA N. 87.—Soldados da divisão do norte!

Ameaçada esta região pela invasão da horda de Salgado, passastes o Pelotas transbordado.

A vossa presença conteve o inimigo, e desde logo, emquanto aguardaveis os recursos de dinheiro, vestuario e munição de guerra que o providente ministro, o Carnot da Republica Brasileira, vos enviava, em diversas excursões rapidas, batestes e afugentastes os grupos que infestavam os municipios visinhos.

A 5ª brigada sob o commando do intrepido coronel Firmino de Paula, 1.º regimento da activa e da reserva do Estado, dos quaes são chefes os tenentes-coroneis Pilar e José Bento, no dia 12 de fevereiro encontraram no Capão Bonito, a vanguarda de Salgado, esmagando-a no primeiro choque, fazendo-a refluir para a costa da serra de S. Bento.

Isto feito, retrocedestes immediatamente para velar pelo precioso comboio que vinha da capital, destacando, entretanto, simultaneamente duas expedições com objectivos diferentes: uma composta da 4.^a brigada commandada pelo coronel Salvador Pinheiro, partindo do passo do Carro no dia 7 de fevereiro, repassou o Pelotas e em uma marcha de assombrosa celeridade venceu vinte leguas, sitiando a cidade de Lages na noite de 18, não encontrando infelizmente a força do littoral catharineta que viera áquella cidade: outra commandada pelo coronel Menna Barreto, organizada com a 2.^a e 6.^a brigadas, tomou o rumo do Turvo, no municipio da Lagôa Vermelha, onde constava existirem bandos inimigos, os quaes effectivamente encontrou, bateu e perseguiu serra a dentro pela picada do Carreiro.

Recebidos os recursos de que tanto carecieis, congregadas ao grosso da columna as forças expedicionarias, vos dirigistes ao encontro de Salgado, que receioso conservava suas forças apoiadas sobre a ribanceira esquerda do rio Pelotas e do rio das Contas até ás nascentes deste na entrada da serra de S. Bento.

Presentida as avançadas do inimigo no dia 27, fizemos seguir pela esquerda o coronel Menna Barreto com a 2.^a, 3.^a e 6.^a brigadas, afim de ataca-lo além do rio Leão, no morro Agudo, onde estava acampada a vanguarda de Salgado sob o commando do celebre bandido Ignacio Côrtes.

No dia seguinte, ás 11 horas, levantámos acampamento com o grosso da divisão, tendo marchado ás 10 horas com a 4.^a brigada o coronel Salvador.

Durante nosso trajecto iamso recebendo avisos de que a força que operava na esquerda tiroteava os piquetes inimigos.

Precipitámos a marcha, transpuzemos ao anoitecer o arroio Leão, tendo feito avançar durante a noite a 4.^a brigada, cujo commandante preveniu-nos que o inimigo fugira costeando os mattos do Pelotas.

Apezar de densa cerração seguimos de madrugada, ouvindo logo o tiroteio da força da vanguarda, que alcançara a rectaguarda inimiga.

Em apoio á 4.^a brigada incontinentemente mandámos a cavallaria da 3.^a, 5.^a e 6.^a brigadas, commandadas pelos coroneis Caminha, Firmino e tenente-coronel Irineu, tendo acampado esta força o coronel Vargas, ajudante-general junto a este commando, ficando nós á frente da infantaria, artilharia e cavallaria desmontada, attendendo os passos do Pelotas, para onde o inimigo poderia encaminhar-se.

A 4.^a brigada, já distanciada, continuou a acossar o inimigo, até que desviando-se da estrada geral por um atalho, caminhando durante a noite por terreno accidentado e escabroso, conseguiu na madrugada de 2 do corrente, em Tijucas, attingir e derrotar a columna inimiga que, reforçada por forças estacionadas

na bocca da picada de S. Bento, já ia então commandada pelo proprio Salgado.

Desbaratado alli o inimigo, foi sempre sob intenso fogo de fuzilaria proseguindo, sendo obrigado, no dia 3 pela manhã, reduzido á metade, tendo deixado a estrada percorrida de cadaveres, a despenhar-se pelas penedias do Oratorio sob um chuveiro de balas.

Nesta expedição merecem justos louvores, embora não estivessem no combate, a cavallaria da 3^a, 5^a e 6^a brigadas que, fazendo um percurso longo por entre serranias quasi intransitaveis, caminhava dia e noite, já a pé, para contornar o inimigo caso tentasse tomar para Lages, conforme era seu proposito.

Soldados da divisão do norte operosos servidores da Republica ! A fadiga não encontra guarida nos vossos organismos de ferro, a victoria já está familiarisada com as vossas bandeiras, a patria applaude e admira os vossos heroicos esforços, o vosso velho general, confiante, tudo espera do vosso ardente patriotismo e amor á liberdade !

Viva a Republica !

Viva o marechal Floriano Peixoto ! *Rodrigues Lima*, general de brigada.»

Doc. n. 74—*Teleg. do gen. Lima ao ministro da guerra sobre a batalha de Passo Fundo*

Ao governo o general Moura, ministro da guerra, transmitiu o seguinte telegramma do general Lima :

«Caudilhos Gumercindo, Apparicio e Prestes, depois de seis e meia horas nutrido fogo, derrotados completamente, fugindo vergonhosamente campo luta, levando como trophéos grande numero feridos deixando campo luta juncado cadaveres.

Fizeram duas cargas cavallaria, infantaria, que fomos encontrar, desbaratando a sabres.

Commandantes brigadas e corpos, officialidade e praças portaram-se heroicamente, fazendo tremer terra nossa fuzilaria. Eu ferido, restando-me ainda muito sangue derramar pela Republica.

Inimigos, numero superior a tres mil, perseguidos meia legua approximação dispararam completa debandada, indo refugiar-se serra tomando direcções diversas.

Muitas Comblains, Mauser, Manlicher e munição tomadas.

Calcúlo ter mais de cem homens fóra combate, entre elles alguns officiaes.

Impossivel hoje descrever grande feito heroico. Amanhã darei noticias detalhadas.

Viva a Republica ! Viva marechal Floriano ! Viva ministro guerra ! Viva presidente Estado ! »

Doc. n. 75—*Parte official do chefe da 3.^a brigada federalista sobre a batalha de Passo Fundo*

« Camaradas !

E' com o coração cheio ao mesmo tempo de afeição e contentamento que me dirijo a vós outros para dar-vos uma succinta resenha, em ordem do dia, do occorrido na grande batalha que hontem teve logar nos campos circumvisinhos.

A afeição nasce em mim, camaradas, não só da continuação desta luta fraticida, na qual vejo, ao mesmo tempo o desmoroamento do edificio nacional, o descalabro da consciencia publica, senão tambem dos homens que hei visto cahir victimas da vaidade, prepotencia, arbitrariedade e venalidade de um governo como o que desgraçadamente dirige os destinos de nossa angustiada patria.

O contentamento é consequencia da alta prova de valor, heroismo e dedicação por nossa justa causa que hontem me haveis dado.

Hontem, ás 7 horas da manhã, achando-me acampado com as forças que constituem a brigada, na paragem conhecida por Passos de Violinos, ao sudoeste da cidade de Passo Fundo, recebi de um dos ajudantes do General em Chefe, communicação da approximação do inimigo e ordem de pôr a brigada em movimento e disposta para o combate.

Achando-se sufficientemente municiaados os corpos, fiz pôr a brigada em columna de marcha, levando na frente a banda de musica do 8.^o batalhão e me dirigi para o sitio de reunião, denominado Umbú, distante proxivamente dous kilometros, donde se achavam já forças deste exercito, algumas das quaes, em pequeno numero, sustentavam tiroteio com as avançadas do exercito ao mando de general Rodrigues Lima. Uma vez alli recebi ordem de opposição no flanco esquerdo da 1.^a brigada enviada pelo coronel Apparicio Saraiva e que constituia o centro das forças em operação.

Fraccionando-os immediatamente, em ordem mixta, avancei para o flanco que se me indicava, observando a seguinte disposição : batalhão 8.^o (Deodoro) commandado pelo tenente-coronel Jorge Cavalcanti, na extrema esquerda ; batalhão 10.^o (Garibaldinos) ao mando do coronel Colombo Leoni, como centro de brigada ; 2.^o batalhão debaixo da direcção interina de Garnier, á direita. Neste momento já era intensissimo o fogo da fuzilaria, fazendo convergir seus fogos o inimigo, que visivelmente perdia terreno, sobre a infantaria daquelle 1.^a brigada. Aproveitando então as vantagens que me deixava o inimigo, ordenei ao commandante do 8.^o que fizesse desprender uma guerrilha de vinte atiradores, afim de que, emboscados, desalojassem o inimigo de uma matta, de onde fazia vivissimo fogo sobre nossa infantaria. Executada essa commissão com a maior

habilidade e sangue frio pelo capitão Molina, tiveram os adversarios que ceder-nos seus reductos, para ir tomar posição em outro ponto.

De novo fiz sahir outra guerrilha, do mesmo corpo commandada pelo alferes Verissimo. Sempre em desgraça, foram mais uma vez repellidos. Vi então que nenhum obstaculo, salvo o espesso fumo dos campos incendiados, impedia as operações da brigada.

A fiz avançar mais tres kilometros, procurando no possivel rodeiar o inimigo e envolvel-o em fogos cruzados, porém, este se retirava com tal celeridade que mais parecia fugir espavorido. Não desisti sem embargo de meu intento, até que o consegui á um kilometro mais adiante, donde encastellado na matta visinha logar conhecido por Potrero do Medo, o inimigo fez cahir sobre minhas forças uma tremenda granizada de balas. Alli empenhou-se a luta de maneira titanica e amedrontadora.

Chegámos quasi a falar. A minha ordem de avançar o 8º batalhão, avançou contra nós o 8º. corpo da Vaccaria do exercito de Lima, no supposto de que essa ordem emanava de sua gente, quando havia emanado de mim. Bem caro pagou o inimigo sua audacia, porque o commandante deste corpo, capitão Ferreira, veio cahir sobre nossa linha de atiradores, victima de nosso fogo, retirando-se então a sua gente e cedendo-nos o reducto. Nessa posição que me permittia ver os quadros do inimigo, me sustive por largas horas, fazendo convergir durante este tempo toda a acção dos Garibaldinos e do 2º. batalhão sobre esses quadros, e o fogo do 8º. sobre as linhas dispersas que o inimigo tinha proximas aos quadros, empregando tambem as reservas e os reforços. Já se fazia sentir em quasi toda a linha acentuada falta de munição, porém, foi supprida recebendo a brigada a protecção do corpo de cavallaria do coronel Amaral. Reforçada a brigada na direita pelos carabineiros dirigidos pelo major Pedro Amaral, e protegida na esquerda pelos lanceiros do commandante citado, fiz, em cumprimento de ordens superiores, varrer a fogo de fuzilaria, para dar uma carga de lança que foi intentada, porém, que não pôde ser levada á effeito, devido aos obstaculos insuperaveis do terreno, que consistiam em um valle profundo, com immenso banhado e cercas.

Durante o combate o inimigo fez contra a brigada varios disparos de artilharia, felizmente sem resultados. Ao cahir da tarde recebi ordens de retirar-me lentamente afim de attrahir o inimigo para um terreno que nos conviesse mais. Ao que, sem embargo, não se atreveu a sahir do caminho, preferindo permanecer naquelle reducto repleto de cadaveres e regado do sangue de tantos brasileiros que o general Lima e seus apaniguados arrastaram á esta luta dolorosa e fraticida, deixando-nos immunes áquelles que haviamos dado tremenda e merecida lição.

Como se fizesse noite, acampeei de novo em Vallinhos, já incorporado ao exercito. Durante o combate foram mortos o alferes Turibio Ogallo e o soldado Luiz Palma do 8º. batalhão, e feridos, o capitão Fernandes, um 2º sargento e oito praças. Extraviadas : 4 praças.

A memoria dos bravos companheiros, sacrificados, á tyranhia do desastroso governo do Brazil, ficará eternamente gravada em nossos corações.

Os acompanho nos votos que fazeis pelo completo e rapido restabelecimento dos companheiros feridos.

Ao terminar, é meu dever agradecer á todos os senhores commandantes de corpos, á seus officiaes, inferiores e praças, a maneira com que me auxiliaram, cumprindo com dignidade e boa vontade extremas as ordens deste commando. Elogio com particular menção aos coroneis Colombo Leoni, Jorge Cavalcanti de Albuquerque e Aristides Garnier, commandantes dos corpos já citados ; aos capitães João Manoel Roman Molina e Raphael Cosetti, e não posso olvidar o tenente-coronel Fabio Patricio de Azambuja, chefe de meu Estado Maior, e o major Francisco Moreira de Pinho, tambem deste corpo, pelo grande concurso que me prestaram facilitando o bom exito das operações.

Viva a Republica Federativa !

Viva o Exercito Libertador ! (Assignado), coronel *Paim*.

Docs. ns. 76 — *Telegrammas sobre a 3.^a invasão federalista publicados na imprensa uruguaya*

A—Rivera, 10 de março.—Saldanha da Gama acompanhado dos chefes Ulysses Revebel e coronel Saigado, invadiu o Rio Grande por Quarahim, passando pelo passo de Ricardinho.

Os visinhos do Tocuman (Yperapuitan) onde se effectuou o encontro com Sampaio sepultaram 75 cadaveres.

B—Santo Eugenio, 10.—Consta que a columna de Apparicio retrocedeu de D. Pedrito, em virtude de ter sido advertido da approximação do coronel Telles.

Rivera, 10.—Espera-se por momentos noticias de uma batalha a effectuar-se junto de D. Pedrito.

C—Santo Eugenio.—A parte de Apparicio Saraiva sobre o combate de Turiumau é verdadeira quanto ao numero dos mortos, porém não quanto á gente de Sampaio, pois este tinha sómente 150 homens, tendo-se retirado, antes do encontro, os 21 que o acompanhavam.

Tambem não é exacto o que diz sobre os prisioneiros, pois consta que se matavam todos quantos eram apanhados.

Doc. n. 77—Parte official sobre a acção do Indurá

— Commando do 15.º corpo de cavallaria em operação no municipio de Uruguayana, 31 de maio de 1895— Exm. sr. Participo a v. ex. que hoje, ás 9 horas da manhã, surprehendi no logar denominado— *Indurá*— campos de Prado, uma força inimiga de 40 homens sob o commando do capitão Manoel Mendes Ribeiro.

Tomámos ao inimigo 14 armas de fogo, 16 lanças, 8 espadas, 40 cavallos, algumas roupas, arreios e mantimentos.

O inimigo soffreu as seguintes perdas: 14 mortos, 1 prisioneiro e muitos feridos, entre os quaes o capitão Mendes Ribeiro, que conseguiu evadir-se, internando-se no matto da costa de Quarahim.

Tivemos um morto e dois feridos levemente, sendo aquelle o alferes Affonso dos Santos e estes um cabo e um alferes. Lamento sinceramente a perda de tão distincto official e companheiro.

— Illm. e ex. sr. almirante Luiz Felipe Saldanha da Gama. M. d. chefe das forças libertadoras do Rio Grande do Sul.— *Carlos Lebindo de Menezes*, tenente-coronel.»

*Doc. n. 78—Telegramma do dr. Julio de Castilhos
ao presidente da Republica,
relatando o combate do Campo Osorio.*

PORTO ALEGRE, 4.—Pelo interesse que encerram, apressome transmittir-vos pormenores, hontem recebidos, sobre combate em que pereceu Saldanha da Gama. São estes: « Dia 24 de junho, 11 horas da manhã, 2ª e 5ª brigadas e corpo de exploradores, pertencente á divisão do general Hippolyto, ao todo 700 homens, sob o commando do coronel Candido Azambuja e effizamente auxiliado pelo tenente-coronel João Francisco Pereira de Souza, no Rincão de Artigas, campos de Osorio, atacaram os rebeldes em numero superior a 700, dirigidos por Saldanha. Entrincheirados em mangueiras e cercas de pedras, protegidos por excellente posição de defesa, bem armados e municados, cheios de ardor e heroismo, digno de melhor causa, não puderam resistir á impetuosidade das brilhantes cargas da cavallaria e do nutrido fogo do 18.º corpo provisório de infantaria. Bento Martins e o general Hippolyto, estes de cavallaria—depois de uma hora e tres quartos de combate, vendo assaltadas, tomadas as suas melhores posições, o inimigo debandou em retirada para o arroio Invernada, que estava cheio: bem poucos conseguiram transpô-lo e chegar á margem oriental. Os demais fugitivos occultaram-se

em mattas e brenhas d'esse largo arroio e em territorio brasileiro. Calcula-se em 200 o numero de mortos do inimigo: entre elles Saldanha, tenente-coronel Horacio Machado, Luiz Timotheo Pereira da Rosa, Lovader, majores Laert Carvalho e Nicoláo Tolentino, muitos officiaes e praças, sendo a maior parte da brigada naval. Ignora-se o numero de feridos, que occultaram-se nas brenhas e mattos não percorridos ou passaram para o Estado Oriental. As forças legaes têm para lamentar a morte de cinco soldados, o ferimento de cinco officiaes, 14 inferiores e sete praças. O inimigo perdeu quasi todo o armamento, munições, mais de 1.000 cavallos, algumas rezes, uma ponta de ovelhas magras, correspondencia, papeis, etc.— Saudações.— *Julio de Castilhos.*»

Doc. n. 79— *Parte official do combate do Campo Osorio e Ordem do dia publicadas pelo general Hippolyto Ribeiro*

A)—Commando interino do 2.^o regimento de cavallaria Bento Martins. —Acampamento no Rincão de Artigas, 25 de junho de 1895. —Parte do combate—Cumpre-me levar ao conhecimento do intrepido e valoroso tenente-coronel commandante da 2.^a brigada para os fins convenientes, que, tomando posição na direita onde foi por v. s. determinado, desprendi os 1.^o e 4.^o esquadrões de atiradores os quaes incontinentemente estenderam linha no alto da coxilha a 200 metros da dupla linha inimiga que já nos fazia mortífero fogo, devido não só ao crescido numero, como também á posição vantajosa que occupava, servindo-lhes de trincheira uma cerca de pedra em toda a extensão da linha, a qual sahia do ponto base de operações do inimigo, onde se achavam seus fortes reductos e vinha morrer sobre a restinga do Quarahym: não podendo a nossa linha avançar um só passo para a frente, devido ao grande despenhadeiro que existe em sua frente.

Ao toque de avançar as cavallarias fiz incontinentemente avançar os 2.^o e 3.^o esquadrões que não podendo penetrar na posição em que se achavam as citadas linhas pelos motivos acima justificados, tive que com elles pender para a esquerda, procurando a entrada afim de poder, operar na direita, o que se effectuou dando logar a retirada precipitada do inimigo, mandando-se nessa occasião o 2.^o esquadrão operar na esquerda que, segundo parte do tenente commandante Antonio Larré, operou junto com o esquadrão do capitão Amaro do corpo de exploradores. Pondero mais que com a approximação do 3.^o esquadrão pela rectaguarda do inimigo, foram suas posições abandonadas em precipitada fuga em direcção a restinga Quarahym, em cujo trajecto ficaram muitos cadaveres do inimigo, sahindo gravemente ferido

o major Horacio Machado, commandante da dita linha, o qual mais tarde foi morto, devido a sua resistencia por occasião de intimado a render-se, disparando nessa occasião tres tiros de revolver.

Segundo parte do capitão Arthur Augusto Itaquy que commandava a linha de atiradores, foram gravemente feridos os segundos sargentos, Verissimo Ribeiro e Maximiano Alves de Azambuja, cabo Anastacio Gomes da Rosa e soldado Laurentino Alves, contuso o cabo, Victorino Hippolyto da Silva: cavallos mortos 3, feridos 11, sendo um do tenente Argemiro Altino de Freitas e outro do alferes porta-estandarte Constantino Etcheverry.

Segundo parte do capitão Braulio Marques, do 3.º esquadrão foi gravemente ferido em uma mão o cabo Esequiel dos Santos e contuso o segundo sargento Athanzio Francisco Ferreira.

Foram apprehendidos 28 cavallos.

Cumpre-me mais o dever de levar ao vosso conhecimento, que fiquei summamente penhorado por ter a honra de commandar nesta memoravel jornada um regimento cujo é inestimavel, tanto nos srs. officiaes inferiores como praças, tendo todos conjuntamente contribuido para o triumpho das armas republicanas.

Não posso porém deixar de fazer particular menção ao commandante do 1.º esquadrão Arthur Augusto Itaquy que commandava a linha de atiradores por haver este official revestido-se de uma serenidade e valor admiravel: assim como tambem os srs. capitão Manoel Antonio de Carvalho, tenente Argemiro Altino de Freitas e alferes secretario Constantino Etcheverry, alferes Julio Antonio Xavier e José Marques Vianna que faziam parte da linha de atiradores e o cidadão capitão Braulio Marques Vianna, tenente Antonio Larré, alferes Marianno Marques, Antonio Dornelles e Basilio Antonio da Silva pela bravura com que carregaram o inimigo.

Ao cidadão major José da Camara Couto, tenente Estevão Hilario Beheregaray pelo sangue frio e bravura com que se houveram, quer no cumprimento de minhas ordens como diante do inimigo, demonstrando assim serem todos educados no caminho da gloria pelo nosso velho chefe, o bravo, inclito general Hippolyto Antonio Ribeiro.»

B) — «Ordem do dia n. 120; para conhecimento da divisão publico o seguinte:

Camaradas! E' com o maior enthusiasmo e exultando de satisfação que dirijo-me a vós ainda uma vez para annunciar-vos a gloriosa e estupenda victoria que alcançamos sobre o rebelde inimigo na manhã de 24 do mez findo no Rincão de Artigas, onde ruiam para sempre as ultimas esperanças do monarchismo.

Partindo para aquelle ponto uma força nossa commandada pelo valente e brioso coronel Antonio Candido de Azambuja, força composta das brigadas 2.^a e 4.^a e corpo de exploradores, alli chegaram, sendo logo recebidos por vivissimo fogo, o qual foi galhardamente correspondido pelos nossos leaes e bravos soldados. O inimigo forte de mais de 700 homens, bem armados e municiaados e occupando superiores e excellentes posições de defeza e levado por um enthusiasmo, valor e heroismo, dignos de melhor causa, não logrou deter sequer, um momento, as nossas brilhantes e impectuosas cargas de cavallaria e o intenso fogo de infantaria, que abria claros numerosos em suas fileiras.

E' assim meus camaradas, tanto mais gloriosa a nossa victoria, quanto que tivemos de bater-nos, pela vez primeira nesta malfadada revolução com um inimigo que soube defender até o heroismo, a causa que combatemos.

Ascende a mais de duzentos o numero de rebeldes que perderam a vida no campo da acção e entre elles contam-se os chefes Saldanha da Gama e muitos officiaes.

Lhes tomaram quasi todo o armamento e munição que se inutilisou por falta de meios de transporte, mais de quinhentos cavallos, correspondencias, papeis, etc.

Camaradas! Deveis de render um preito de homenagem que a nossa lealdade e o nosso character não podem recusar ao valor intrepido daquelles que cometeram o crime de empunhar armas contra a Patria, mas que souberam regastar, perecendo nobremente no campo da honra, volvamos o olhar para os nossos leaes defensores da Republica, agora mais forte e pujante e sempre vencedora.

E celebremos e louvemos os nomes do coronel Antonio Candido de Azambuja, a quem coube a insigne gloria de commandar a expedição, ao tenente-coronel João Francisco Pereira de Souza, o sempre victorioso chefe que a frente de seus bravos exploradores, que commandou, traz encarnada em si a victoria que ainda desta vez lhe é em grande parte devida.

Louvemos tambem aos demais chefes officiaes e praças que com galhardia e denodo souberam manter com firmeza posições que lhes foram confiadas especializando entre estas pela altivez e sobranceria com que investiu contra o inimigo, o destemido e bravo sargento do 4.^o regimento de cavallaria, Faustino de Vargas Jiloca o que custou-lhe atroz e cruel ferimento de balas em ambos os braços quebrando o direito.

Temos a lamentar a perda de quatro praças que pereceram no cumprimento de seus deveres civicos defendendo a Patria e a lei.

Fazendo minhas palavras as dos srs. commandantes de brigadas e corpos louvo e agradeço a todos os srs. officiaes e praças a boa coadjuvação e empenho que mostram para que o successo pelo qual aspiramos fosse com brilhante realidade.— (Assignado), general *Hippolyto A. Ribeiro.*»

Doc. n. 80—*Ordem do dia publicada pelo general em chefe do exercito federalista sobre o combate do Campo Osorio*

« Quartel-general do commando em chefe das forças revolucionarias, em 30 de Junho de 1895.—Ordem do dia.

Armas em funeral !

O almirante Luiz Felipe Saldanha da Gama que, apezar de suas conhecidas idéas, mostrou-se sempre disposto a servir o governo civil de sua patria ou a retirar-se á vida privada se seu nome fosse um obstaculo á pacificação do nosso glorioso Estado, acaba de desaparecer das fileiras dos lutadores pela liberdade.

No dia 24 do corrente pela manhã forças inimigas, em numero de 1,500 homens, atacáram os 250 bravos marinheiros commandados pelo inclýto Almirante que, depois de heroica resistencia, foi aniquillado com todos os seus companheiros pela brutalidade numerica.

A perda foi sensível tanto para a revolução como para o paiz inteiro. Saldanha da Gama é um nome historico e que muito honra a nossa patria nos diversos certamens profissionaes em que a representou, fazendo sobresahir a marinha brazileira. A mutilação de seu cadaver é a deshonra das forças legaes lançadas contra os libertadores da nossa terra natal, asselvajada por uma horda de fanaticos pela dictadura positivista.

A nossa causa continúa a ser a causa da liberdade e da humanidade e quanto mais barbaro e selvatico fôr o procedimento dos nossos adversarios, mais justificada será perante a historia o nosso procedimento, a nossa resistencia heroica, a nossa tenacidade na luta.

Chamam-nos os — assassinos do Rio Negro, — onde aprisionamos o marechal Isidoro, o coronel Pantoja, toda a officialidade do 28 batalhão de infantaria, que hoje gosam de plena liberdade: e elles, os puros, os immaculados queimam cadaveres e nunca fizeram um só prisioneiro !

As forças legaes têm se conservado fóra das leis da humanidade e enquanto durar o dominio do assassinato e das mutilações no Rio Grande do Sul, com armas ou sem ellas, conserva-se de pé o nosso protesto contra o aviltamento da patria.

Armas em funeraes !

Que todos os nossos companheiros se cubram de luto por 8 dias em honra a memoria de S. da Gama, são as ordens que deveis transmittir aos vossos commandados.

Não vos recommendo coragem e resignação porque essas são as vossas companheiras dos dias de gloria e das horas de amarguras. (Assignado), *João Nunes da Silva Tavares*, general em chefe.

Doc. n. 81 — *Instrucções do chefe da revolta
ao cap. de mar
e guerra Frederico G. Lorena*

Commando em chefe da esquadra revolucionaria. — Bordo do encouraçado *Aquidaban*, no Rio de Janeiro, em 16 de setembro de 1893.

Instrucções que deverão reger ao sr. capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, no exercício da commissão de guerra que vae desempenhar fóra do porto do Rio de Janeiro :

O objectivo que se propõe conseguir no commando em chefe da esquadra revolucionaria, por meio da divisão expedicionaria, composta do cruzador *Republica*, torpedeira *Marcilio Dias* e transporte *Pallas*, ao mando superior do capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena é acelerar a terminação da luta contra o governo dictatorial do sr. vice-presidente da Republica, fazendo entrar a Nação no dominio da paz e na posse de si mesma.

O commando em chefe da esquadra deixa á habilidade, prudencia e zelo do sr. capitão de mar e guerra Lorena a adopção das medidas que convenha empregar para a consecução desse importante objectivo, e, portanto, limita-se a fazer as seguintes prescripções :

1^a—Transposta a barra do Rio de Janeiro, no correr da noite de hoje, 16 de setembro, como é de esperar da impotencia dos fortes da nossa barra e da coragem daquelles a quem incumbe realizar o primeiro acto de ousadia da esquadra revolucionaria, singrar em demanda do porto de Sepetiba, afim de ahí obstar as communicações do governo por via de mar ;

2^a—Destruir ou inutilisar os elementos de defesa de que possa dispôr o governo, tanto naquella paragem, como nos portos intermediarios ou mais proximos, utilizando os que aproveitem aos intuitos da revolução ;

3^a—Apprehender a bordo dos navios mercantes nacionaes, mediante recibo, todos os generos ou comestiveis precisos ao entretenimento da esquadra ;

4^a—Destacar opportunamente ou mais de um navio incorporado á divisão, ou que a ella se venham encorporar, para communicar com os vasos de guerra estacionados ao norte e sul da Republica, incumbindo a uns, como a outros, de transmittir, observar ou fazer executar as instrucções que julgue necessario expedir em bem dos serviços a desempenhar.

5^a—Instruir ao commando em chefe da esquadra dos acontecimentos mais importantes que se forem dando, servindo-se para esse fim, e na falta de outros meios de communicação, da torpedeira *Marcilio Dias*. — (Assignado) *Custodio José de Mello*, contra-almirante.

Docs. n. 82—*Telegrs. trocados entre o mar. Floriano Peixoto e o com.^{te} do 5.º districto militar sobre a occupação de S.^{ta} Catharina*

Δ)—«S. P.—Palacio P. Republica, 17-9-93—Urgente.—Parece que cruzador *Republica* com um paquete armado em pachto conseguiu fugir esta noite por causa máo tempo e dirigiu-se para sul. Tomai providencias energicas para impedir entrada no porto. Fortaleza norte deve preparar-se para repellir esses navios revoltosos. Dito cruzador é de madeira, facil ser atravessado balas.

Capitão porto esteja de accôrdo comvosco para tomarem medidas efficazes, acertadas.

Vigilancia, muita vigilancia. Viva a Republica!—*Floriano.*»

Β)—«S. P.—Rio, 29 setembro—(Urgentissimo)—Coronel Serra Martins.—Desterro.—Não deveis nada recuar com idéa bombardeio capital. Como sabeis, *Republica* unico que isto podia fazer, não chega porto e na distancia de duas leguas só por acaso uma ou outra bala attingirá cidade. *Pallas*, navio madeira, poderá ser mettido a pique pela artilharia Krupp. Não deveis igualmente receiar sitiamento ilha consequente falta recursos. Para isso evitar e desde já de accôrdo presidente e capitão porto deveis providenciar para que maioria familias sob vossos auxilios passem Estreito sigam S. José augmentando assim os recursos que ficarão na ilha. Dando o brilhante exemplo de Nietheroy não deixarão desembarcar marinheiros revoltosos. Jámais deveis consentir que a revolta se vanglorie posse dessa bella capital. Governo mais uma vez confiante no vosso patriotismo e coragem das forças que commandais saberão repellir heroicamente esses audazes aventureiros e pezae bem responsabilidade para que não se venha a dizer que ahi foi primeiro ponto em que o exercito e o povo não salvaram a Republica dos golpes com que a ameaçam. Repito: pezae bem vossa responsabilidade. Certo não dareis vergonhoso exemplo de uma capitulação sem queimar ultimo cartucho e das acertadas providencias que tomem, dependem a victoria da causa Republica e do governo constitucional. Viva a Republica » Marechal *Enéas*.

Γ)—«S. P.—Quartel, 29 de setembro—Via cabo de Santos—(Urgentissimo).—Commandante districto—Cumpre que essa guarnição da qual sois seu digno chefe e a quem o governo tudo espera saiba antepôr a qualquer sorte de difficuldades o patriotismo valor e disciplina que sempre tem dado provas. Fazei ver a todos os officiaes do exercito e bem assim as guarnições de artilharia e batalhão 25º que é da honra militar secundar com toda a lealdade a seu chefe e com elle devem succumbir na de-

feza desse Estado mantendo a integridade da nação e governo não esquece de providenciar para que não falte recursos a esse Estado. Aqui continuamos em paz, a não ser pequenos bombardeios da esquadra.

Nossas forças animadas e enthusiasmas offerecem resistencia decidida. — *Enéas Galvão.* »

D)—S. P. — (Urgentissimo) — Marechaes Floriano e Enéas Galvão — Rio — Desterro, 28 de Setembro de 1893—Sigo com o tenente-coronel Castello Branco, duzentos homens e 2 canhões Krupp, commandados primeiro tenente Muricy, para Cannavieiras, afim de bombardear *Republica* e *Pallas*. Fica n aqui o coronel Caldeira com 300 homens para defeza desta cidade. Findo o bombardeio volto a esta capital amanhã mesmo. Coronel *Serra Martins*.

Segui hontem como vos communiquei, para ponta das Canôas, com a força e duas boccas de fogo. Voltei hoje a 1 hora da tarde.— Caminhos difficeis, artilharia subiu morros, além de tracção pulso soldados.

A's 5 horas da manhã avistei *Republica* de 800 a 1,000 metros distante da costa. Colloquei forças entrincheiradas na estrada altos barrancos. Rompi fogo ás 6 horas da manhã espaçado para não perder tiro, durante hora e meia. Depois de o ter surpreendido, apitou appareceu *Pallas*, fazendo ambos fogo e fugindo do alcance das nossas armas e boccas de fogo. Covardia!

Aqui estou na cidade á espera d'elles. Já os mostrei que este Estado os receberá por esse modo.

Viva a Republica ! Sem perda alguma. Saudo-vos.—Coronel *Serra Martins*.

(Identico a todos, os governadores dos Estados, e commandantes do 1º, 2º, 3º, 4º, 6º e 7º districtos e commandante guarnição de Paranaguá e Corityba, major Firmino, Araranguá—ao todo 27 telegrammas).

E)—S. P.—Marechal Floriano e Enéas—Rio—Em additamento—meu telegramma sobre vapores revoltosos, devo dizer que tenente-coronel Castello Branco, tenente Muricy observaram que duas balas dos Krupps attingiram bordo *Republica*, quando fundeado perto, a 1,000 metros

N'este momento sou avisado pelo chefe do telegrapho que os navios revoltosos demandam a barra do sul. Aqui estou cumprindo vossas determinações e instrucções a respeito desembarque. —Coronel *Serra Martins*.

F)—S. P.—Marechaes Floriano e Enéas Galvão.—Rio—Vapores *Republica* e *Pallas* entraram pela barra do sul, ficando este encalhado. *Republica* está em frente quartel. Estou prompto esperando-os. Viva a Republica !—*Serra Martins*, coronel.

G)—S. P.—Marechaes Floriano e Enéas—Rio—*Pallas* fundeu hoje ás 6 horas da manhã junto *Republica*, este mandou a S. José uma lanchinha vapor pela manhã cedo.

Acabo receber prefeito municipal Paranaguá. João Guilherme, seguinte telegramma: Coronel Eugenio Mello pede-vos ordeneis urgente lhe sejam remettidos de Corityba quarenta mil cartuchos embalados. »

Mandei ordem commandante guarnição remetter referida munição.

Peço v. ex. me expliqueis melhor a ordem contida seguinte telegramma ministro Marinha ao capitão porto: — « Sciente recommendo-vos pontaria *cheminé Republica*, communicae coronel Serra Martins. »

Já dei cumprimento a esta ordem. Mas, só fazer-se fogo no cano de um vapor, marechal?

Acabo receber vosso telegramma reservado de Bagé. Agradeço a alta prova de consideração que immerecidamente me faz.—Coronel *Serra Martins*. Desterro, 28.—9—93.

H)—S. P. Urgentissimo.—Desterro, 26 setembro de 1893.—Marechaes Floriano e Enéas.—Rio.—Neste momento *Republica* acaba de bombardear cidade. Tres balas alcançaram fortaleza Sant'Anna, ferindo tenente, um soldado. Bombardeio durou das 4 ás 5 horas, tendo fortaleza nutrido fogo constante.

Nesta occasião sou chamado a palacio para uma conferencia com presidente Estado e outras pessoas, entre as quaes marechal Gama d'Eça, Germano Wendhausen, presidente da camara municipal, capitão do porto Mourão. Na conferencia devem ser tratados seguintes pontos: mandar urgente uma commissão bordo do *Republica* saber quaes as suas intensões e evitar bombardeio cidade.

Não consenti mais uma palavra, citei artigos de guerra perante os dois militares acima.

Presidente do Estado declarou-me que a força policial não estava mais ás minhas ordens.

Findando conferencia eu disse que era brasileiro e só respeitava governo constituido, e que responsabilisava-me pela cidade, enquanto tivesse um só soldado a meu lado.

Viva a republica!

Nenhuma morte a lamentar, e nem ferimento no povo.—*Serra Martins*, coronel.

I)—Força maior—S. P.—Marechaes Floriano e Enéas.—Acabo receber o seguinte officio do capitão de mar e guerra Lorena. (segue-se o officio da intimação do chefe da divisão expedicionaria doc. n. 87).

A officialidade da guarnição, em numero de 28 officiaes, reunidos pelas tres horas da tarde e sendo-lhe apresentado o officio acima, foram concordes todos unanimemente que em vista de

males futuros e inevitáveis que provirão de uma resistencia impossivel e inefficaz de 3 a 4 dias no maximo de fogo ; attendendo a que todos os elementos de resistencia são nullos em vista da posição em que se acham os navios fóra completamente do alcance maximo dos dois unicos canhões de campanha existentes e com a maxima força de 400 homens entre exercito e policia ao vosso lado ; unanimemente foi resolvido que não dispomos absolutamente de meios para uma resistencia proficua ; e que se quizermos mesmo passar para o continente não teremos elementos sendo que ali pouco ou nenhum resultado conseguiremos de tal empreza, visto que lá nos faltarão os recursos necessarios e pelo que só capitulamos arrastados pela força das circumstancias. — *Serra Martins*, coronel commandante 5.^o districto.

No autographo deste telegramma ha mais este periodo, que está riscado, com a rubrica—*Coronel Serra* : — « Finalmente, se determinardes que passemos para o continente hoje mesmo o faremos da melhor fórma. »

J)—S. P. — (Urgente)—Marechaes Floriano e Enéas—Rio—E' com o maior pesar que vou dar-vos noticia capitulação guarnição, com a qual concordei na deliberação que tomou, impellido imperio circumstancias, visto faltar-me elementos necessarios para oppôr resistencia com probabilidade exito favoravel.

Pelos reiterados telegrammas que vos dirigi parece-me que estais habilitado a julgar meu procedimento, como cidadão e sobretudo militar.

Em virtude de vosso telegramma, hoje, em resposta aos que vos dirigi hontem, dando sciencia resultado conferencia que tive com officiaes guarnição, reuni novamente hoje estes em numero de 42, entre effectivos e reformados e da armada, achando-se presente dois generaes e o governador do Estado, aos quaes li vossos telegrammas e propuz que cumprissemos as vossas ordens no sentido de resistirmos. Os officiaes unicamente opinaram pela negativa, declarando que não dispunham de elementos para resistencia com resultado efficaz, pelo que com bastante sentimento, aceitei essa deliberação, que produziu-me desagradavel impressão, embora as razões que foram expostas e que me pareceram de alguma importancia, attentas as condições em que nos achamos.

Entre as condições que apresentei e que julguei airozas para o vosso governo, inclue-se a de terem os officiaes plena liberdade de escolherem a quem tenham de prestar seus serviços ao governo constituido ou aos revoltosos.

Até este momento declararam continuar a prestar seus serviços ao vosso governo os seguintes officiaes :

O abaixo-assignado, major Affonso Firmo Pereira de Mello, tenente-coronel Seraphim, chefe da secção de material, capitães Buchule, Coelho Junior, Luiz Ignacio, Conceição, e os tenentes Camisão, Acastro, Muricy e os alferes Villas-Boas, Octavio, Herminio Coelho, Serra Martins e Campos, tenente-coronel Castello

Branco, Julio Lima, Alleluia, tenente Telles, Luiz Ignacio, alferes Lemos Carpes, Olympio, alferes Coelho.

Se mais alguns se apresentarem, levarei ao vosso conhecimento os seus nomes.

Bem podeis avaliar a decepção que acabo de passar, e vos asseguro evitaria se fosse possível.

Basta-me consolação que me dá paz consciencia de haver procurado sempre cumprir arduos deveres, cargo que me confiastes neste Estado, dominando-me desejo ardente corresponder vossa honrosa confiança.

Para vós e para o paiz apello e espero julgamento meu procedimento. Saúdo-vos. Coronel *Serra Martins*.

Doc. n. 83—*Ordem do dia do contra-almirante
Custodio de Mello
sobre a sahida do Pallas e Marcilio Dias*

Commando em chefe da esquadra revolucionaria. Bordo do encouraçado *Aquidaban*, no Rio de Janeiro, em 18 de setembro de 1893. *Ordem do dia n. 4.*

Mais um acto de valor e de coragem acaba de ser praticado pela esquadra sob o meu commando, em confirmação do que fôra protogonista o cruzador *Republica*, na noite de 16 do corrente.

Quero me referir ao segundo forçamento da barra do Rio de Janeiro, na manhã do dia de hoje, pelo paquete frigorifico *Pallas*, armado em guerra, e pela torpedeira *Marcilio Dias*, ambos de fragil contextura.

Eram duas horas da madrugada quando a fortaleza de Santa Cruz rompeu vivo fogo contra a torpedeira *Marcilio Dias*, que, impavida, singrando as aguas do canal, parecia zombar das pontarias dos nossos adversarios.

Trinta e nove tiros foram contra ella disparados, no longo espaço de 20 minutos, sem que um só a attingisse.

Mal dissipada ainda a fumaça dos canhões, volvia o porto á sua primitiva serenidade, quando novos estrondos da Lage, São João e Praia Vermelha, vieram annunciar-nos que o *Pallas*, não menos digno que a sua ousada companheira, seguia-lhe a esteira, ardente de coragem e avido de gloria.

Cincoenta e um tiros foram a salva de honra com que o saudaram na partida e que, como signal convencionado da sua victoria, respondeu com seis espaçados tiros de canhão rapido.

Registrando mais esse acto de energia, louvo os brios da-

quelles valentes camaradas. — *C. José de Mello*, contra-almirante. Conforme.—*Berfort Guimarães*, secretario.

Doc. n. 84—*Comunicação do alm. Mello ao cap. de mar e guerra Lorena—Sahida do Meteóro*

Bordo do encouraçado *Aquidaban*, no Rio de Janeiro, em 10 de outubro de 1893.—Ao sr. capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena.—E' portador desta o sr. 1.º tenente Augusto Clemente Monteiro de Barros, commandante do transporte *Meteóro*, que para ahi segue em seu navio a incorporar-se á divisão sob o vosso commando.

Corre com certa insistencia nesta capital que o *Republica* não foi bem succedido em Santos, mas que, em compensação, conseguindo desembarcar gente em S. Francisco, tomou posse da cidade do Desterro e nella tem sabido conservar o seu prestigio, com satisfação da maioria da população. A ser verdadeira esta noticia, como é de esperar de vosso zelo e dedicação e dos vossos commandados, manda o almirante chamar a vossa attenção para o Estado do Paraná, cuja posse e occupação effectiva seria de enorme alcance para a revolução. Elle vos faz tambem saber que o dr. Barros Cassal tem já promptos cerca de mil homens para embarcar para o Rio de Janeiro á primeira requisição, uma vez que se lhe garanta o armamento para essa gente e efficaç proteccção para o desembarque.

Estas condições, desde que o sr. tenente Machado e seus amigos do governo queiram fornecer o dito armamento, facil vos será obter o resultado acima, bastando para isso que vos dirijaes ao sr. Cassal directamente ou por intermedio do sr. Ruy Barbosa, que se acha em Montevidéo, em nome do almirante.

Se fôr preciso que daqui siga um outro navio com armamento e munições disponiveis, cerca de trezentas armas e dois canhões de tiro rapido, além do que ora vos remetto, o almirante procederá nesse sentido o mais promptamente que lhe fôr possivel, em vista do pedido vosso.

Em qualquer caso, porém, urge que estejaes prevenido contra qualquer tentativa ou ardil do governo, no sentido de tomar Santa Catharina ou de invadil-a pelo Estado do Paraná com os reforços que dizem partirão para ahi.

Diversas tentativas têm sido feitas já, e se até hoje não foram levadas a effeito, que vos conste, é que o almirante entendeu-se com os commandantes das forças navaes estrangeiras estacionadas neste porto, as quaes se têm mostrado bastante energicas no cumprimento de seus deveres de neutralidade, bem que ainda não fossemos reconhecidos belligerantes por parte de seus respectivos governos, o que todavia não será difficil, desde

que consigamos estabelecer um governo de facto com apoio e dedicação da população dessa zona importante do territorio nacional. Isso se justifica pela possibilidade de uma luta prolongada. Se é certo, porém, que esta é a opinião dominante, não é menos possível que as cousas possam tomar, de um momento para outro melhor feição, como verá dos factos que passo a expôr :

A fortaleza de Willegaignon acaba de declarar-se aberta e francamente do lado da revolução, tendo hasteado a bandeira branca e dirigido aos commandantes das fortalezas da barra o manifesto que vae junto.

Com o seu auxilio pretende o almirante, dentro em poucas horas, bombardear energicamente as referidas fortalezas da barra.

O almirante Saldanha prometteu ao almirante Mello vir collocar-se ao seu lado dentro em poucos dias, trazendo todos os elementos que puder reunir, inclusive os aspirantes e guardas-marinha, que já uma vez vieram apresentar-se na esquadra, mas que della se retiraram em virtude de solicitação que lhes fizera a bordo aquelle almirante, mediante solemne compromisso tomado comnosco.

O coronel Joaquim Pedro Salgado veio expressamente, como emissario do sr. Gaspar, conferenciar com o almirante Mello, ficando estabelecido pleno accôrdo entre elles. Esse coronel trouxe-nos a noticia confirmada da tomada de Itaquí, tendo havido neutralidade por parte da esquadilha do Uruguay, e as noticias recebidas á ultima hora pelo sr. Gaspar Martins da tomada de Bagé e S. Gabriel.

Nestas circumstancias acredita o almirante que será possível a desistencia do marechal dos seus disgnios de resistencia. Se, entretanto assim não succeder, o almirante tomará o alvitre de forçar a barra com toda a esquadra, dividindo-a em duas secções, das quaes uma irá reunir-se provavelmente á vossa divisão, e a outra, ou ambas conjuntamente, conforme as circumstancias, se conservarão nas proximidades da costa para bloquear esta capital e Santos.

Na carta do sr. Gaspar Martins, lembra este a conveniencia de se estabelecer quanto antes um governo provisorio em Santa Catharina, medida a que já me referí, devendo acrescentar que o almirante aconselha-vos a que essa junta governativa provisoria seja organisada sem perda de tempo de v. ex., do governador desse Estado (tenente Machado) e do presidente do tribunal estadual ou outra autoridade hierarchica superior, na conformidade das proclamações que vos serão entregues.

Junto encontrareis egualmente o ultimo manifesto do almirante, pelo qual vereis os meios de que se tem servido o «bravo» marechal para nos vencer.

Este manifesto, como o do commandante e officiaes da fortaleza de Willegaignon e bem assim as reclamações, pede-vos o almirante que os mandeis publicar immediatamente, distribuindo

em profusão não só ahi no Estado como por toda a parte para onde possam ser levados.

Ao terminar peço-vos a benevolencia de recommendar-me a todos os companheiros do *Republica*, *Marcilio Dias* e *Pallas*, e aproveito o ensejo para reiterar-vos os protestos de minha mais subida consideração e alto apreço.

Attento venerador e criado affectuoso—*José Nunes Berfort Guimarães*, 1.^o tenente secretario.

P. S. — O almirante manda prevenil-o da conveniencia de que, logo que estabeleça o governo provisório de que fará parte, telegraphie sem perda de tempo aos ministros estrangeiros residentes nesta capital, fazendo seguir para o Rio da Prata um transporte, ou ainda melhor, o *Republica*, para levar a nova ao sr. Gaspar e as credenciaes que o acreditam junto aos governos oriental, argentino e paraguay, independente dos telegrammas que a cada um delles dirija.

A ida do *Republica* para o Rio da Prata talvez seja mais conveniente, em razão da possibilidade da completa adhesão do *Tiradentes*, cuja guarnição está toda do nosso lado, segundo affirmação do sr. Gaspar.—*O mesmo*.

Docs. ns. 85 — *Partes dos commandantes das fortalezas da barra do Rio de Janeiro sobre a sahida do Uranus*

A) — FORTALEZA DE S. JOÃO, 14. — Fortaleza atirou esta madrugada contra navio rebelde, que pretendia todo o vapor forçar barra, tiros foram certos e efficazes, causando grandes avarias, detendo-lhe marcha, obrigando descer bandeira meio pão e arriar insignia branca. Estes tiros foram feitos especialmente pelos tenentes Manoel José Santos Barbosa, João Baptista Conceição Monte, das baterias da barra, e pelo 2.^o tenente José Telles de Miranda pela bateria da escola de aprendizes.

Cerrado fogo contra esse frigorifico *Uranus* que pedia socorro, Villegaignon fez vlvissimo fogo contra esta fortaleza, 6 horas manhã.

Nova bateria assestada interior bahia respondeu dignamente bombardeio, dirigindo fogos capitão Crispim Ferreira, 1.^o tenente Ferraz, 2.^o tenente Octavio Confucio e Augusto Confucio e alferes Emilio Sarmiento.

Terminou combate sem desastre algum, sómente prejuizos materiaes.

Dirigio acção baterias barra major Araujo Corrêa. — Coronel *Marciano de Magalhães*.

B)—FORTALEZA DA LAGE, á barra do Rio de Janeiro, 14 de Outubro de 1893.

Exm. Sr. marechal Antonio Enéas Gustavo Galvão, ajudante general do exercito.—Hoje pouco depois das 3 horas da madrugada, fui avisado pelo official de quarto de que um vulto, parecendo ser um vapor, atravessava da Bôa Viagem para o costão de Santa Cruz. Immediatamente corri ás baterias do canal e pude divulgar esse vulto, que era com effeito um vapor grande, mandando fazer-lhe fogo, logo que se collocou em posição conveniente. A fortaleza de Santa Cruz, que já o percebera, tambem fez-lhe fogo.

Depois de haver disparado todos os canhões do canal, continuei o fogo com as baterias de fóra da barra, com pontaria mais ou menos certa, tanto quanto me permittiam as trevas que ainda eram densas, vendo algum tempo depois, que o vapor achava-se parado nas proximidades da Cotunduba, entre a fortaleza de Santa Cruz e o Pão de Assucar.

Sobre elle continuava esta fortaleza a atirar, a de Santa Cruz e a de S. João, até que a luz da manhã nos permittio vêr distinctamente o vapor com a pôpa muito baixa e a prôa levantada, parecendo prestes a submergir-se.

No mastro grande estava a bandeira nacional a meio, o que indicava soccorro, e por isso fiz cessar o fogo.

Momentos depois um escaler com muita gente sahio de bordo em direcção, creio a Santa Cruz; regressando ao vapor com algumas pessoas sómente.

Alguem de bordo, que pareceu-me ser official, subio ao passadiço do vapor e tirando o bonet, com os braços abertos acenava pedindo soccorro. Mandei que me trouxessem a bandeira nacional, e fil-a abrir sobre a muralha a que subi e com gestos esforcei-me para fazer comprehender ás fortalezas de Santa Cruz e S. João, que não atirassem mais sobre esses infelizes irmãos que clamavam por soccorro.

A fortaleza de S. João creio que me comprehendeu, porque calou-se.

Por momentos nutri a esperanza de salvar a vida a esses que nol-a pediam porque a lancha da escola militar largára do caes da praia da Saudade, e approava para esta fortaleza, mas ao chegar á altura de S. João aproou para ella e não mais appareceu.

No referido vapor, por cima da bandeira nacional, vimos erguer-se uma bandeira branca com cruz vermelha, que foi algum tempo depois arriada e em seu lugar levantada a bandeira de guerra ingleza.

Posto que este signal fosse o de soccorro á bandeira ingleza, de novo insisti para que Santa Cruz cessasse o fogo, com signaes que antes fizera, continuando o official sobre o passadiço a fazer gestos de soccorro, e do convez do vapor acenavam por diversas vezes com um panno branco.

A minha intenção, foi desviada para outro ponto, por ter a

fortaleza de Villegaignon, secundada depois pelo *Aquidaban* e *Trajano*, rompido fogo contra nós, o qual durou até depois das 9 1/2 horas.

Soube depois por praças da guarnição que o vapor frigorifico afastara-se vagarosamente, parecendo esconder-se por traz da Cotunduba. Perdemos assim occasião de alcançar uma esplendida victoria, pois com uma lancha ter-se-hia chegado até ao frigorifico *Uranus*, recebido a seu bordo aquelles poucos rebeldes que restavam e clamavam por soccorro, rebocando-se até o vapor para debaixo de nossas baterias.

Os prejuizos que soffremos, devido ao bombardeio, limitaram-se apenas a estragos materiaes, não se podendo dizer o mesmo quanto aos tiros e disparos feitos contra o vapor frigorifico *Uranus*, pois o official de quarto o sr. 1.º tenente Ticiano Correggio Daemon, ficou bastante contundido em uma perna por ter sido apalhado pelo reparo de um canhão que mandára disparar sem a devida precaução.

Esse official, pelo zelo e dedicação que tem manifestado no cumprimento de seus deveres, é digno de louvor, o que a V. Ex. scientifico para ser tomado na devida consideração.

Antes que as fortalezas de Santa Cruz e de S. João cessassem de atirar, fiz calar o fogo dos canhões desta fortaleza, por contar que o *Aquidaban*, como já em outras vezes tem feito, se viesse collocar á pequena distancia para bombardear-nos. Não tardou que a minha supposição se tornasse em realidade, pois esse couraçado, vendo, que não atiravamos, approximou-se da fortaleza, recuando e fugindo depois que sobre elle fizemos diversos tiros certos.

Termino esta cumprindo um dever de justiça, participando a V. Ex. que o Sr. capitão honorario do exercito Ticiano Pimentel, ajudante desta fortaleza, me tem prestado reaes e importantes serviços por occasião dos bombardeios, pelo seu valor, coragem, sangue frio e dedicação inexcedivel no cumprimento do dever.

A' consideração de V. Ex., pois, colloco os serviços desse official, digno de louvor.—Saude e fraternidade.—*Antonio Ilha Moreira*, tenente-coronel.

C)—Commando em chefe da Esquadra Libertadora, bordo encouraçado *Aquidaban*, no Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1893. *Ordem do dia n. 11*

Cheio de anciedade foi o amanhecer do dia de hoje, como já o haviam sido as tres noites em que quatro dos nossos navios forçaram incolumes as fortalezas da barra.

Cabia, porém, ao quinto sorte diversa dos que lhe precederam em tão ousada empreza. Clara a noite, mas imperiosa a partida, que só pudera ter logar pelas tres horas da manhã, por motivos dos afanosos serviços de carga e descargas do cruzador *Uranos* seguia mar em fóra com destino a Santa Catharina, quando

foi attingido pelas balas adversarias pouco aquem da ilha da Cotunduba.

Quem, porém, poderia acreditar nesse infortunio, a não ser com auxilio da propria visão, desde que, além do signal que fizera o *Uranus*, de boa passagem, por todos visto da esquadra, já era vesos de nossos adversarios atirar e atirar sempre a esmo e ao acaso para fazer crer que perseguiam o que não vião.

Tal o que succedeu com o *Republica* e com o *Meteóro*, este de doze milhas de velocidade e aquelle de dezeseite, contra os quaes, ainda meia hora depois de sua passagem pelas fortalezas, estas continuavam a fazer-lhes fogo na escuridão da noite.

Cerca de duzentos tiros haviam vomitado os canhões do dictador contra o *Uranus*, quando ao romper d'alva e contra a geral expectativa, o official de quarto annunciou-me navio á vista na altura da Cotunduba, e que reconheci ser o *Uranus*.

A pôpa derreada e o fumo pouco denso das fornhalhas a sahir por uma unica chaminé faziam saber que os pontos feridos tinham sido o compartimento estanque da pôpa e uma das caldeiras.

Ainda bem: os ferimentos não erão mortaes, e, dous tiros acertados por acaso, equivaliam por certo aos duzentos perdidos no espaço.

Apenas o tempo necessario para puxar os fogos do *Aquidaban*, seguí com este a dar combate aos nossos adversarios, na intenção calma e serena de forçar a barra, dando ensejo a que desviadas as vistas do *Uranus*, até então alvo do mais renhido tiroteio, a que por sua honra respondia de espaço a espaço, pudesse reparar as avarias e tomasse a resolução que mais conviesse ao momento.

Já nesse tempo a gloriosa fortaleza de Willegaignon e o galhardo cruzador *Trajano* haviam tomado parte no combate.

Qual, porém, não foi o enthusiasmo das nossas guarnições ao verem que na mesma occasião em que o *Aquidaban* se dispunha a investir as baterias do dictador, sereno como quem tem a consciencia do dever, traçar uma rota segura por sobre a vastidão do mar o valente cruzador *Uranus*.

A victoria estava ganha. O *Uranus*, que parecia prestes a tornar-se uma presa inestimavel dos nossos adversarios, pouco depois livre, daquella liberdade que só podem conceber os que fazem do mar profissão honrosa, singrava ao rumo sul, em demanda de Santa Catharina, onde o aguardavam nossos valorosos companheiros.

Ao perder-se no horizonte, içava as velas brancas como signal de despedida, a que responderam as fortalezas com o ultimo dos trezentos tiros contra elle disparados.

Congratulando-me com os meus heroicos camaradas por tão ingente feito, faço votos pela prospera viagem do ousado cruzador *Uranus*.—*Custodio José de Mello*.—Confere—*Belfort Guimarães*, 1º tenente-secretario.

Doc. n. 86—*Ordem do dia do alm. Mello sobre a sahida do Aquidaban e Esperança*

Commando em Chefe da Esquadra Libertadora. Bordo do couraçado *Aquidaban* em viagem para Santa Catharina, 1.º de dezembro de 1893.—*Ordem do dia n. 19.*

De ha muito que o governo do marechal Floriano Peixoto faz constar *urbe et orbe* que a revolução da esquadra estava prestes a ser soffocada.

A mingua de provas com que pudesse justificar tão emphatica asseveração, fez publicar recentemente no estrangeiro um extenso telegramma—depois transcripto n' *O Paiz*—em que chegou a affirmar que a esquadra se achava bloqueada e que medidas do maior alcance tinham sido tomadas para impedir que o *Aquidaban* sahisse ao mar e se fosse unir aos navios revoltosos que operavam no sul da Republica.

Qual o valor da enganosa insinuação, com que se procurava illaquear a boa fé dos fracos e dos timidos, sabiam-n' o quantos se achavam empenhados na ingente luta que ha já tres mezes sustentamos contra o governo pessoal e despotico daquelle mau cidadão.

O forçamento da barra em dias pelo cruzador de guerra *Republica*, pelo *Pallas*, pelo *Meteóro*, pelo, sobre todos inovidavel cruzador *Uranus*, frageis navios de commercio, a que a dedicação dos seus valentes commandantes transformou em poderosas fortalezas de combate, e finalmente a pequena torpedeira *Marcilio Dias*, cujo nome ainda hoje echoa aos nossos ouvidos como uma epopéa de abnegação e de patriotismo, tecida em honra ao marinheiro brasileiro, ahi estavam para attestar de quanto eramos capazes.

Tornava-se porém preciso dar um novo e cabal testemunho que, confundindo os nossos adversarios, fizesse ainda uma vez reviver na memoria publica as passadas glorias da gloriosa Armada Nacional.

A noite de hontem favoreceu-nos o almejado ensejo.

Onze horas soavam, quando, ao signal de uma lanterna branca, tres vezes agitada na pôpa do navio capitanea, um vulto negro avança lentamente na escuridão da noite, como quem cauteloso aguarda o momento azado para enfrentar o perigo.

Era o cruzador *Esperança* que, a pouca força procurava occultar-se ás vistas dos poderosos holophotes de S. João e da Gloria, até então dirigidos sobre a barra.

Pouco tempo durou essa doce expectativa.

Os holophotes acabavão de descobri-lo, por volta das onze e um quarto, pelo travez da Lage para não mais deixal-o proseguir livremente embuçado no manto de trevas que o envolvião.

O ataque brusco e repentino dos canhões da tyrannia fez crear vigor.

Abertas as communicações do vapor accumulado nas caldeiras para a machina, ganhou carreira, e n'um frenesi de gloria e de renome, investe resolute e celere por entre o chuveiro de balas com que debalde procurarão impecer-lhe o passo.

Nada o detem, nem a fragilidade da sua contextura, nem a irritabilidade dos seus contendores.

Ao entrar, porém, nas aguas do canal, como que o navio retrocede.

Densa aureola de fogo e fumo o envolve por instantes, mas o *Esperança* avança, avança sempre.

Uma bomba de grosso calibre, lançada a esmo e ao acaso, de S. João, penetrára-lhe o costado, entra pelo paiol das tintas e vai explodir com horrído fragor em meio das latas de agua-raz e kerozene alli depositadas, determinando uma segunda explosão.

Contiguo a esse paiol e delle apenas separado por uma ligeira antepara, jaziam milhares de kilogrammas de polvora destinada aos effeitos da guerra.

Atordida com o estampido, a guarnição recobra promptamente a sua reconhecida coragem e pressurosa corre ao logar do sinistro afim de circumscrever o incendio que tudo ameaçava devorar.

Dentro em pouco, o mar esconderia os escombros de mais uma triste e luctuosa catastrophe, se aquelle punhado de herões, zombando do saraivar da fuzilaria de Santa Cruz, que os dominava a cavalleiro, não tivesse a nitida comprehensão da honra e do dever.

Filas de marinheiros e soldados estendidos pela tolda, linha de officiaes, grupo de corajosos cidadãos, animados no mais nobre e santo ardor conseguiram no entanto, com o auxilio das mangueiras e dos baldes que passavam de mão em mão, dominar o fogo, que, com inexcedível rapidez e segurança ficou completamente extincto em alguns minutos.

Já neste tempo singrava o *Esperança* as aguas do oceano, quando duas outras balas, entrando cada uma por seu bordo, attingem-lhe a machina destruindo em sua passagem algunsapparelhos de facil reparação, entre os quaes a valvula de segurança que, arrebrandando, produz serias queimaduras no 1.º machinista Joaquim Alcaez, cabo de foguistas João Chrisostomo dos Santos e foguista José Dias de Castro,

O *Aquidaban* não se fez esperar.

Artilharia carregada, metralhadoras fornecidas, guarnição a postos, desenvolvendo as machinas motoras uma velocidade de doze milhas, bello era de ver como seguia intemerato e resolute para a luta.

Ao enfrentar com a fortaleza da Lage partiu de bordo o primeiro tiro que devera levar a desolação e o pavor ao seio dos nossos adversarios.

Ao ronco deste primeiro tiro succedeu por curto espaço o

cadenciado sibilar da bomba, que certa se foi fazer em pedaços no recinto d'aquella fortaleza.

Mais dous tiros do reducto de vante, mais outro do de ré e estava conseguido o effeito desejado: a Lagé tão intrepida e valorosa contra o *Esperança* agora attonita e humilhada não mais ousou fazer rugir a sua artilharia.

E o *Aquidaban* seguia sempre avante disparando ora um ora outro dos seus canhões de caça e retirada contra S. João, que mal respondia ao desafio, acoçado como estava pelos canhões de grosso calibre da nunca assaz lembrada fortaleza de Wille-gaignon.

Vacilantes os holophotes de terra, o *Aquidaban* approximava-se demais de Santa Cruz, e, ao investir a barra, a torre de vante vomita, por assim dizer á queima-roupa, os dous tiros dos seus poderoso canhões, dos quaes um penetra no recinto da fortaleza por uma portinhola e o outro, uma bomba, se foi espedaçar de encontro á parte da muralha comprehendida entre a cinta da bateria mergulhante e a orla do mar.

Foi quanto bastou para que a *Sebastopol* brazileira, na linguagem dos mais obsecados dos nossos adversarios emmudecesse por algum tempo, supprindo o fogo de sua pesada artilharia pelo de fuzilaria em toda extensão do alto parapeito que olha para fóra.

A resposta não podia ser mais digna, nem mais satisfatoria, em razão do nutrido fogo que sustentaram as metralhadoras de bordo em quanto se sentia o tilintar das balas de fusil no costado e convez do navio.

Estava pois franqueada pela sexta vez a famosa barra do Rio de Janeiro, recebendo o *Aquidaban* apenas um tiro de canhão na carvoeira de bombordo que nenhum prejuizo lhe causou além do rombo regular de facil reparação.

Registrando esses factos, agradeço cordialmente a todos os meus commandados, que tomaram parte em tão glorioso feito, a sua franca, leal e valiosa coadjuvação. — *Custodio José de Mello* contra-almirante.

Doc. n. 87—*Intimação do chefe Lorena ao com.^{te}
do 5.º districto militar
para entregar a cidade do Desterro*

«Bordo do cruzador *Republica*, no porto do Desterro, Estado de Santa Catharina, 28 de setembro de 1893— Ao sr. commandante do 5.º districto militar, coronel Julião Augusto de Serra Martins. — Deveis saber que desde 6 do corrente mez, estão a marinha brazileira e parte das forças de terra em luta armada contra o vice-presidente da Republica, o general Floriano Pei-

xoto que se collocou fóra da lei. Este movimento, todo de caracter nacional, conta com os applausos da opinião, que desde muito codemna os desvarios daquelle general, que, para firmar o seu poderio, não duvidou fomentar odios entre os proprios membros das classes armadas da nação perseguindo aos que não o seguem incondicionalmente.

O illustre almirante Custodio de Mello dirige de bordo do encouraçado *Aquidaban* o bloqueio do porto do Rio de Janeiro, e de ordem do mesmo almirante vimos fazer o bloqueio dos portos, nos quaes o marechal pensa contar com forças. Será para nós doloroso, se, pela vossa resistencia, tivermos de cumprir o nosso dever pela força das armas, o que faremos, entretanto, com a certeza do exito da nossa causa, que é a causa da patria contra a tyrannia que a avilta.

Pesae a responsabilidade que sobre vós recahirá, se, procurando impedir a nossa acção, nos obrigardes ao sacrificio de vidas que devem ser poupadas e de propriedades que devem ser respeitadas.

A população de Santa Catharina, se pudesse manifestar-se livremente, acclamaria a Esquadra Libertadora, que de modo algum pensa em levar a desordem e o panico ao lar das familias, mas que ver-se-ha obrigada dolorosamente a bombardear os pontos de onde partir a aggressão, ficando inteira a responsabilidade desse acto sobre aquelles que, sem o poderem fazer, collocaram artilharia em logares habitados.

Da vossa decisão depende a victoria completa sem derramamento de sangue.

Acreditamos que, patriota como sois, não vacillareis em collocar-vos ao nosso lado, para ajudar-nos a manter a Republica dentro dos moldes prescriptos pela Constituição Federal.

Esperamos pela vossa resposta, afim de podermos agir como nos ordena o dever. E, se por desgraça, entenderdes que deveis resistir, cumprí o acto humanitario de fazer sentir ás familias os perigos a que ficam expostas, para que possam providenciar como convém. — *Frederico Guilherme Lorena*, commandante da divisão expedicionaria.»

**Doc. n. 88—Acta da capitulação da guarnição
da cidade do Desterro**

Aos vinte e nove dias do mez de setembro do anno de mil oitocentos e noventa e tres, presentes no quartel do vinte e cinco batalhão de infantaria, nesta cidade do Desterro, a convite do sr. coronel Julio Augusto de Serra Martins, commandante do 5º districto militar, os officiaes do exercito e da armada abaixo assignados, foi pelo mesmo sr. coronel declarado que, havendo na

vespera sido communicado ao governo federal a resolução tomada por unanimidade pelos officiaes da guarnição por elle convocadas, para resolver ácerca da possibilidade e meios de defeza desta capital diante da intimação que lhe havia sido dirigida pelo commandante da divisão da esquadra revolucionaria ancorada neste porto, e composta do cruzador *Republica* e vapor *Pallas*, resolução esta de—capitular-se, arrastados pela força das circumstancias—e tendo o sr. marechal ministro da Guerra lhe determinado, em resposta, a resistencia, conforme constava dos telegrammas então apresentados, pedia o concurso de todos para verificar-se se a dita resolução tinha sido ou não acertada. Pelo sr. capitão do porto foram tambem apresentados telegrammas do sr. contra-almirante ministro da Marinha, fazendo-lhe identicas determinações. Considerando os abaxios assignados, que os meios de defeza da cidade e os de ataque dos revolucionarios haviam—aquelles diminuido e estes augmentado pela captura feita durante a noite, e impossivel de evitar-se, pelos mesmos revolucionarios, dos vapores *Itapemirim* e *Legalidade*; que por parte do governo havia equívoco em suppor que o *Republica* não podia ancorar no porto a distancia de com sua artilharia attingir a cidade para bombardeal-a, pois que por occasião de aqui chegar respondeu elle com efficacia aos tiros que lhe foram dirigidos pela fortaleza de Sant'Anna, excedendo as balas de alguns desses tiros de muito a mesma fortaleza; que o sitio da cidade já declarado pela intimação acima referida começava a produzir os seus effeitos pela escassez de generos; que toda resistencia sendo improficua com os fracos elementos existentes e só podendo acarretar a perda de vidas no seio da população e a de propriedades; que finalmente, o cumprimento do dever militar não podia chegar até um sacrificio inutil, e antes tão pernicioso, era a resolução já mencionada inteiramente acertada e a unica patriótica.

Havendo sido tambem resolvida a nomeação de uma commissão a qual ficou composta dos srs. capitães Julio Cesar da Silva Lima e Tobias Becker e primeiros tenentes Durval Melchhiades de Souza e José Candido da Silva Muricy, para ir a bordo do cruzador *Republica* entender-se com o chefe da divisão sobre as bases da capitulação de um modo honroso para ambas as partes, seguiu a mesma commissão e foi a sessão suspensa até sua volta.

De volta a commissão, foi declarado pelo relator da mesma recusarem-se os revolucionarios á qualificação de *capitulação* que lhes havia sido communicada, substituindo-a pela de *accôrdo*, e apresentadas as bases combinadas, as quaes, conforme disse o chefe da divisão, poderiam ser modificadas ou accrescidas, caso não satisfizessem os abaxio assinados. Taes bases foram acceitas por serem bastante honrosas e ao mesmo tempo permittirem inteira liberdade de procedimento individual ulterior a qualquer dos abaxio assignados.

E para constar lavrou-se o presente termo em duas vias, a cada uma das quaes fica annexada uma outra do termo autentico das bases do accôrdo.

O marechal Manoel d'Almeida Gama L. d'Eça — O contra-almirante reformado Philippe Orlando Short — Coronel commandante Julião Augusto de Serra Martins — O coronel Luiz Gomes Caldeira de Andrade — Tenente-coronel Sergio T. Castello Branco — Major Affonso Firmo Pereira de Mello — Capitão Julio Cesar da Silva Lima — Capitão Tobias Becker — Dr. Alfredo de Paula Freitas, major medico de 2ª classe — Dr. José Amado Coutinho Barata, medico de 2ª classe da armada — 1º tenente João Carlos Mourão dos Santos — Capitão Romualdo de Carvalho Barros — 1.º tenente Durval Melchhiades de Souza — Major reformado Alexandre Francisco da Costa — Capitão Valeriano Gomes de Meirelles — Capitão Antonio Manoel da Silva Coelho Junior — 1.º tenente Tito Livio Lucio de Oliveira Ramos — Capitão Luiz Ignacio Domingues — 1º tenente José Candido da Silva Muricy — Tenente Carlos Alberto Camisão — Tenente Gonçalo Muniz Telles — Tenente Francisco de Salles Brazil — Tenente Camillo Euzebio de Carpes — Capitão Dr. Antonio de Franco Lobo — Tenente Acastro José de Campos — Pharmaceutico Manoel Antonio Gondra — Alferes João Machado Lemos — João Nepomuceno da Costa, 2º tenente de artilharia — Alferes Henrique Americo Coelho dos Santos — Tenente Duarte de Alleluia Rios — João Leopoldino Gondim, Commissario 2.º tenente — Alferes honorario Jacintho Feliciano da Conceição — Alferes Olympio Saturnino Alves — Alferes Octavio Ignacio da Silveira — Alferes em commissão Raymundo Bayma da Serra Martins — Alferes em commissão José do Patrocinio Campos — Capitão Francisco de Borges Conceição — Tenente-coronel reformado Alexandre Augusto Ignacio da Silveira — Antonio Francisco da Silva Junior, 1.º tenente.

=====
Doc. n. 89—Excerptos do telegr. do pres. de Santa Catharina ao vice-presidente da Republica

«A cada momento sentimos ecoar no coração catharinense os gritos lancinantes de nossos irmãos do Rio Grande do Sul, que, empenhados na luta de liberdade, tendo á sua frente o heroico e denodado general Tavares, derramam o seu sangue em prol da terra que tantos herões tem dado a Patria Brasileira.

Do interior do Itamaraty mandaram-nos dizer que a revolução riograndense, que vinha do estrangeiro, trazia em seu bojo a restauração, contai comnosco.

Mas o nosso voto não servia, porque era condicional: precisava-se lançar contra a phalange libertadora do Brazil inteiro,

e nós abriamos o nosso territorio, os nossos domicilios e os nossos corações para abrigar os perseguidos homens politicos — honrados e patriotas, senhoras honestas que fugiam á deshonra, donzellas que traziam nos labios o brado sacrosanto — Viva a Republica.

Não podiamos, pois, merecer os applausos daquelle que, fugindo um dia á responsabilidade do derramamento do sangue brasileiro, declara que a constituição da Republica o impede de fazer cessar a guerra civil.

E, não merecendo applausos, mereciamos ser castigados.

Eis porque vemos o nosso territorio invadido por um commandante de fronteira, que vae derramando cinheiro e armamento por aquelles que se declararem inimigos do actual governo do Estado.»

Doc. n. 90—*Proclamação do chefe Lorena
ao povo catharinense*

A Esquadra Expedicionaria ora em face de vós é portadora da liberdade da Patria, de ha muito envilecida pela tyrannia do marechal Floriano Peixoto, o homem que, em satisfação de mesquinhas ambições, mandou verter o sangue dos pacificos catharinenses, cobrindo de luto os lares de um povo ordeiro. Esse mesmo homem, que tem levado a guerra fratricida a todos os Estados da União; que tem, como nenhum outro, feito derramar o sangue dos brasileiros; que tem, por meio dos assassinos ao seu serviço, levado a deshonra ao lar das nossas patricias,—não encontrou embaraços aos seus planos nem no grito do orphão que, desamparado, pede pão, nem no soluçar da viuva ante a familia desolada, nem no gemer da donzella a debater-se entre a virtude sua protectora e a voracidade do algoz armado pelo poder criminoso!

Tendes sido testemunhas dos horrores praticados no Estado visinho, onde o banditismo conta com o apoio do governo central; tendes mesmo experimentado a nefasta influencia desse governo de horrores. Mas não pára ahi a malvadez:

As classes armadas têm sido proposital e criminosamente anarchisadas e annulladas. Os nossos camaradas do exercito, os bons cidadãos têm sido victimas dos mais dolorosos desacatos. Generaes desacatados por ordem do chefe da nação; officiaes superiores presos em xadrezes por suppostos delictos politicos; e, mais do que isso, camaradas de armas degelados por assalariados do poder, ficando os cadaveres expostos, para pasto dos urubús, com a farda e os distinctivos da classe!

Depois de tudo termos tentado, já perante o proprio poder executivo, já perante o Congresso Nacional, para que se puzesse termo a tantos e tão repetidos desmandos, os quaes acarretam a

perda da honorabilidade de uma Nação civilisada e o desbarato dos dinheiros publicos, gastando-se centenaes de contos de réis para a manutenção da luta armada entre irmãos, ficou evidente que o marechal Floriano Peixoto, que fomenta a destruição das instituições e a desintegração da Patria, só poderia encontrar barreira aos seus desatinos na Revolução aconselhada pela opinião nacional.

Por isso, a Marinha Brazileira e parte do Exercito, de armas na mão, têm, desde o dia 6 do corrente mez, o tyranno encerrado na Capital Federal, onde em vão elle organisa resistencia que o ampare na quêda inevitavel que está eminente. Em fortalezas e corpos substituiu os bons militares por servidores do seu capricho pessoal, pensando que, cercado de ambiciosos e de poucos homens illudidos, poderá triumphar contra os interesses nacionaes.

A Esquadra, porém, demonstrou o nenhum valor dos aprestos do tyranno, bombardeando as fortalezas que lhe são fieis, fazendo-as calar e respondendo vantajosamente aos fogos das baterias, imprudentemente, barbaramente, collocadas em diversos pontos da cidade, onde apraz manter-se ou para cevar-se em sangue de innocentes ou para esconder-se por traz de habitantes indefesos.

Saiba o digno Povo Catharinense que não se trata, no momento, de luta entre classes, como o quiz fazer acreditar o cruel marechal. Não é tambem um partido que pretende collocar-se no poder. O almirante Custodio Mello, director d'este movimento glorioso, declara bem alto que cousa alguma pretende para si, que não aceitará nada de politica, conservando-se na esphera das suas funcções militares.

Visamos a liberdade da Patria, afim de que os nossos concidadãos, livres de quaesquer pês, possam escolher aquelles que devem consolidar as instituições, fazendo effectivas as garantias offerecidas pela Constituição e que pondo em vigor o regimen federativo n'ella estabelecido, sempre fraudado pelos chefes dos governos que tão mal têm dirigido os destinos da Patria.

O Povo Brazileiro que tem mostrado aos tyrannos que elles nada valem contra a vontade nacional, que saiba mostrar ao mais cruel dos infelicitadores do Brazil a improficuidade a que recorre para abater o civismo que nos é tradicional.

A causa publica pede ainda os nossos esforços. A Patria ainda exige os nossos sacrificios.

Operemos com firmeza e perseverança, e ruirá por terra a tyrannia, deixando a Nação entregue á posse de si mesma.

Viva a Republica Federal!

Viva o Povo Catharinense!

Bordo do cruzador *Republica*, em 30 de setembro de 1893.

Frederico Guilherme Lorena, Chefe da Divisão Expeditionaria

Doc. n. 91—*Comunicação do com.^{te} do 5.^o districto entregando o respectivo commando*

DESTERRO, 1 de outubro —Commandante fortaleza Santa Cruz —Entreguei hontem commando districto ao cidadão capitão de mar e guerra Lorena, commandante divisão expedicionaria, a quem prestareis obediencia.—*Serra Martins*, coronel.

Doc. n. 92—*Instrucções do chefe da revolta ao com.^{te} do vapor Pallas*

Bordo do cruzador *Republica*, no porto do Desterro, 1 de outubro de 1893.—(Reservadissimo). — Sr. 1.^o tenente commandante do transporte *Pallas*. — O transporte *Pallas*, do vosso commando, deve sahir amanhã com destino á ilha Grande, conduzindo o coronel Julião Augusto da Serra Martins, que ficará aos cuidados do director do lazareto, de quem requisitareis conducção, afim de que possa elle seguir para o Rio de Janeiro, por Sepetiba.

Desse porto seguireis até á barra do Rio de Janeiro, onde procurareis por qualquer meio fazer chegar ás mãos do contra-almirante Custodio José de Mello a correspondencia enviada por este commando, aguardando delle as respectivas ordens.

Se encontrardes o vapor *Iris* passai para seu bordo um official e algumas praças, e ordenai que siga para este porto.

Se avistardes a torpedeira *Marcilio Dias*, quando em vossa viagem de ida, entreguai o officio junto ao respectivo commandante; no caso de não a avistardes na ida, sêde solícito em fazel-o quando regressardes.

Cumprida essa missão na barra do Rio de Janeiro segui para Santos e procurae communicar-vos com a terra, por meio das psssoas que tendes a bordo, o que feito regressareis a este porto.

Vossa commissão é melindrosa e urgente: estou certo de que a cumprireis com o zelo que sabeis empregar no cumprimento dos vossos deveres.

Saude e fraternidade — (Assignado), *Frederico Guilherme Lorena*.

Doc. n. 93—*Officio do chefe Lorena ao almirante Mello, relatando a viagem da primeira expedição*

«Bordo do cruzador *Republica*, no porto do Desterro, Estado de Santa Catharina, em 1 de outubro de 1893—Cidadão contra-almirante Custodio José de Mello.—Em cumprimento ás instrucções que vos dignastes dar-me em officio de 16 de setembro do corrente anno, preparei o cruzador *Republica* para forçar a fortaleza de Santa Cruz o que realisei ás 2 horas da madrugada de 17, arrancando este navio dezoito milhas por hora, com tiragem forçada. A fortaleza começou desde logo a atirar sobre o *Republica*, fazendo-lhe nutrido fogo, mas sem que nenhum projectil o attingisse.

Até ao clarear do dia, pairou o *Republica* em frente á Ilha Raza, dirigindo-me depois em busca do *Pallas* e da torpedeira *Marcilio Dias*, que, segundo as instrucções recebidas pelos respectivos commandantes, deviam achar-se proximo á Ilha Redonda. Depois de amanhecer, fui em procura dos referidos navios, demorando-me nesse serviço até ás 9 horas da manhã. Não os tendo encontrado, segui para a ilha Grande, fundeando na enseada do Abrahão. A's 3 horas da tarde desse mesmo dia suspendi em direcção á barra de oeste da ilha, por haver sabido não existir na bahia de Sepetiba nenhum navio de commercio e apenas ter seguido para Mangaratiba o vapor *Lamego*, cujo commandante recebeu ordem do ministro da marinha, por telegramma, de mettel-o a pique.

Impossibilitado de ir a Mangaratiba, pois apenas dispunha de uma pequena lancha ao serviço do lazareto da ilha Grande, sendo que nessa mesma lancha seria eu obrigado a passar por forças do governo, não pude verificar o que houve relativamente ao telegramma a que alludo.

Na manhã de 18, segui em direcção ao porto de Santos, passando pelo canal de S. Sebastião afim de saber noticias dos rebocadores *Mauro* e *Republicano*, que não encontrei. Fundeando pouco além do pharol da Moella ás 8 horas e 30 minutos da noite, todo o dia 19 passei nessa pesquiça.

Reconhendo a impossibilidade de ir o dr. Manoel Lavrador a terra (para o que viera expressamente), por não conseguir elle noticias dos amigos que dizia contar para operarem em favor da revolução, não obstante ter o mesmo, por intermedio de um canoieiro, que não voltou, enviado um bilhete com destino a determinadas pessoas, resolvi suspender ferro ao meio-dia de 20, tendo ás 6 horas da manhã entrado o transporte *Pallas*. (O commandante deste navio communicou-me haver deixado a torpedeira na ilha Grande).

Approximei-me da fortaleza de Santos, trocando com esta e duas peças postadas na praia da ilha alguns tiros, por simples

desfastio. Segui depois em direcção a S. Francisco, em cujo porto fundeei ás 10 $\frac{1}{2}$ horas do dia 21.

A entrada no porto de S. Francisco foi motivada pela necessidade de receber carvão que sabia alli existir e agua para o *Pallas*. Com effeito, este transporte recebeu sessenta toneladas de carvão, em deposito na Companhia de Navegação Costeira, passando eu o competente recibo, e tambem oitenta pipas de agua.

Em terra, depois de acautellar-me quanto ao telegrapho, recebi constantes manifestações de apreço e sympathia por parte de toda a população.

Mandei a Joinville uma expedição dirigida pelo dr. Annibal Cardoso e pelo 1º tenente Felinto Perry, que d'alli trouxeram osapparelhos telegraphicos.

De Joinville veio a S. Francisco, estando a bordo do *Republica*, o dr. Abdon, que prestou-me serviços inestimaveis.

Realizados os suprimentos indispensaveis aos navios, fiz sahir o *Pallas* com direcção a Itajahy, afim de attestar de carvão, seguindo o *Republica* para Ponta das Cannas, onde fundeou ás 11 $\frac{1}{2}$ horas da noite de 25.

Accedendo ao offerecimento do cidadão João José Cesar, que tem o encargo de meu secretario civil, deixei que elle fosse á terra, em uma canôa, afim de saber com verdade o que se passava. Voltando da excursão emprehendida, aquelle amigo relatou-me que estivera em reunião com alguns cidadãos, cujos nomes vos envio, combinando com elles um ataque ao 25º batalhão, ás ordens do coronel Serra Martins, entrando em acção o corpo de policia, varios marinheiros com um canhão Withworth e alguma gente de desembarque dos navios desta divisão. Devido á falta de resolução de alguns e a certas circumstancias que só demoradamente poderão ser explicadas, não se realizou o plano combinado entre o sr. Cesar e os amigos do Desterro. Tambem fui inteirado de que o coronel Serra Martins preparava-se para atacar o *Republica*, e, por isso, aquelle cidadão deixou em terra assentado o plano de destruição de pontes e telegrapho, afim de impedir que o referido coronel tivesse facil regresso com as forças.

A 27, pela manhã, fundeados o *Republica* e o *Pallas*, que chegou de Itajahy ás duas horas da madrugada, em Ponta de Cannas, partiram de Cannavieiras tiros de Krupp e de fuzilaria da força alli collocada pelo coronel Serra Martins. O *Republica* respondeu aos fogos, atirando para aquelle ponto, e, logo após, obedecendo ao que foi assentado por mim, de accôrdo com os amigos da terra, segui com o *Republica* e o *Pallas* para a barra do sul, fundeando no porto da cidade ás 5 horas da tarde. Fundeados os dois navios, a fortaleza de Sant'Anna dirigio-lhes tiros infructiferamente, obrigando-me a mandar o *Republica* fazer alguns tiros, que causaram não pequeno mal á fortaleza.

A 28, entendi dever dirigir uma intimação ao coronel Serra

Martins (documento n. 1), para que, ou confraternizasse com a revolução da esquadra, ou, em caso contrario, mandasse retirar da cidade as familias, visto como o *Republica* bombardearia os logares de onde sobre elle atirassem. Sendo já noite, foram á terra o 1º tenente Torelly, o capitão Miranda Carvalho e o dr. Aquilino do Amaral Filho, afim de saber o que occorria, e voltaram em companhia do tenente Nepomuceno Costa, que declarou-me que o coronel Serra Martins havia convocado uma reunião de officiaes, na qual fôra realisada a *capitulação* das forças de terra.

No dia seguinte, recebi a bordo uma commissão composta dos officiaes que accordaram nos termos do documento n. 2. A 30, recebi a acta constante do documento n. 3.

Resolvida a entrega da força armada e, consequentemente, a da cidade, e parecendo-me que não devia permanecer nesta o coronel Serra Martins, convidei-o a vir a bordo, o que se verificou, ficando accordado a retirada desse coronel para o Rio de Janeiro, ao que elle accedeu, seguindo na madrugada de amanhã, em companhia de um filho e tres ordenanças, a bordo do transporte *Pallas*.

Ao commandante do *Pallas* determinei que desembarcasse o coronel Serra Martins no lazereto da ilha Grande, a cujo director deveria solicitar transporte, via Sepetiba. Ao mesmo commandante recommendei que procurasse, por todos os meios ao seu alcance, fazer chegar ás vossas mãos o presente officio, respectivos documentos, bem como alguns numeros do jornal *O Estado*, que publicou o manifesto por mim dirigido ao povo Catharinense.

Providencio no sentido de organizar a força publica, confiando esse serviço aos distinctos amigos dr. Annibal Cardoso e capitão Miranda Carvalho, que se empenham patrioticamente na defesa deste Estado, afim de que eu possa, antes de deixar este porto, assegurar a perfeita tranquillidade da sua população.

Parecendo-me possivel o restabelecimento da navegação entre este porto e o de Montevidéo, peço para o facto a vossa attenção, afim de que determineis no sentido de sahir para aqui alguns navios, caso assim o julgardes conveniente.

Não devendo este cruzador permanecer inactivamente no porto da cidade, ver-me-hei obrigado a ir até o Rio da Prata communicar com o *Tiradentes*, por não me ser possivel dirigir telegrammas ao respectivo commandante, em vista da prohibição requisitada pelo ministro Victorino Monteiro; mas devo ponderar que não é conveniente abandonar esta posição sem deixal-a ao abrigo de navios de guerra. Assim entendo ser de grande conveniencia que venham para aqui pelo menos dois frigorificos (sendo um delles o *Venus*, onde estão as munições do *Republica*).

Se puderdes enviar-me pequenos canhões e metralhadoras, além do armamento dos frigorificos, será da maior importancia,

visto como disponho aqui de um vapor forte, que supporta artilharia de tiro rapido, e de um rebocador da capitania, o qual igualmente pôde ser artilhado.

Com dois frigorificos e os dois navios de que trato, ficará este porto regularmente defendido.

Esta capital dispõe de recursos para pagamento das guarnições dos navios e das de mais dois ou tres, bem como das forças de terra, por dois ou tres mezes.

Se fôr possível a vinda do batalhão naval, em muito serão attendidas as necessidades de momento, por ser imprescindivel aqui a organização, em terra, de forças de defesa e de ataque.

Faço votos pela victoria da causa que com tanto ardor defendeis, desejando-vos— Saude e fraternidade.— *Frederico Guilherme Lorena*, commandante da Divisão Expedicionaria.

Doc. n. 94—*Telegrs. remettidos pelo governo da União e recebidos pelos revolucionarios*

A)—Rio, 30 setembro.—Governador. — Até hontem navios revoltosos atiraram ora sobre Nitheroy ora sobre esta Capital causando algumas mortes e ferimentos principalmente de crianças ; foi sobre barra de S. Christovão que canhões inimigos lançaram hontem com maior furia seus projectis mostrando grande empenho tirar carvão dos depositos apezar propriedades estrangeiras tentativas desembarque frustradas pelas vigilantes forças que guarnecem littoral, são incomparaveis os nossos soldados, guarda nacional, batalhões academicos, Tiradentes e vinte tres de Novembro, policia da Capital e de Nitheroy tem rivalisado com Exercito em bravura e patriotismo, com taes soldados não ha causa que perigue ; dos navios que conseguiram sahir *Pallas* e *Republica* achando-se proximos barra do norte Santa Catharina foram alli atacados dia 27 por forças ao mando coronel Serra Martins que apenas com infantaria e 2 canhões Krupp de campanha obrigou taes navios levantarem ferro rumo Sul. Com as medidas tomadas conta-se que em breve estes navios estejam sem combustivel. Torpedeira *Marcilio Dias* com elles sahio tem apparecido em diversos pontos da costa entre Santos e esta Capital praticando pequenas depredações, continuam fuga pessoal de bordo principalmente de machinistas cujo numero segundo depoimentos está muito redusido. O governo firme no proposito debellar revolta multiplica meios de o fazer. Saudo-vos.—coronel *Valladão*.

B)—Rio, 30.—Aos governos Estados.—Hoje, 2 horas tarde, navios revoltosos romperam fogo contra fortalezas barra ; aqui

responderam ; ás 4 1/2 retiraram-se interior bahia, collocando-se fóra do alcance baterias.— *Ministro do Interior.*

©—Palacio Itamaraty, 30 de setembro.—Governador e comandante districto. — Desterro. — Hoje, das 2 da tarde até 4 1/2, nutrido canhoneio entre fortalezas e navios revoltados ; nas fortalezas apenas pequenos estragos materiaes, tendo as de Santa Cruz e Lage feito excellentes tiros ; governo recebeu hontem telegramma nosso ministro em Montevideo, communicando haver força coronel Pinheiro Machado dissolvido columna coronel Salgado, tomando-lhes 4,000 cavallos, e que continuava perseguição de outras columnas federalistas.— *Ministro Interior.*

Doc. n. 95—*Assemblea Legislativa do estado
de Santa Catharina*

—*Sessão do dia 4 de out. de 1893*

Presidencia do Sr. Salles Brazil

Responderam á chamada os srs. Salles Brazil, Nepomuceno Costa, Ricardo Barbosa, Evangelista Leal, Durval Melchidades, Leopoldo Engelke, Emmanuel Liberato, Elesbão Luz, Tiberio Capistrano, Walter Kleine, Arthur de Mello, Castro Gandra e Tobias Becker.

Aberta a sessão o sr. presidente explica as razões porque convocou a Assembléa a continuar nos seus trabalhos legislativos.

Tendo o governo do Estado confraternizado com a attitudo da Armada Nacional cessavam os motivos porque a Assembléa havia suspendido os seus trabalhos, visto como, por isso mesmo, não havia razão de continuar a execução do estado de sitio entre nós, decretado pelo governo da União.

As actas das sessões anteriores são approvadas sem reclamações.

EXPEDIENTE—ORDEM DO DIA—1ª parte

São lidas, apoiadas e entrão em discussão as seguintes moções, cada uma de per si, as quaes são approvadas unanimemente:

A Assembléa Legislativa do Estado, reconhecendo que o paiz está revolucionado e que a attitudo da esquadra, em operações n'esta cidade e em outros pontos da Republica, é da mais solenne garantia dos direitos constitucionaes, confraternisa com essa mesma attitudo, ficando desde já, na esphera das attribuições desta assembléa, separado o Estado, nas suas relações officiaes, do governo da União e dos demais poderes desta, emquanto o marechal Floriano Peixoto fôr o chefe do Poder Executivo Federal.

Sala das sessões, 4 de outubro de 1893.—(Assignado)—*Arthur de Mello, Leopoldo Engelke, João Nepomuceno da Costa, Tobias Becker, Emmanuel Liberato, Elesbão Pinto da Luz, Pedro A. T. Capistrano, Francisco de Salles Brazil, João Evangelista Leal, Carlos Walter Kleine, Antonio de Castro Gandra, Ricardo Barbosa, Durval Melchhiades.*

O Sr. Arthur de Mello pronuncia em defesa da moção que apresenta, um discurso, o qual publicaremos depois.

A Assembléa Legislativa do Estado de Santa Catharina convida o cidadão tenente Manoel Joaquim Machado, Presidente do Estado, a reassumir as suas funcções, visto terem cessado os motivos que o levaram a deixar o governo.

Os revolucionarios não podem esperar a decisão da justiça federal n'um processo manifestamente illegal e que só foi até aqui acatado pela coacção da força publica.

O Povo Catharinense não pode consentir que continue afastado do governo do Estado, o presidente legitimo, que d'elle foi arrancado caprichosamente para ferir a dignidade desse mesmo Povo.

A Assembléa Legislativa que viu invadida a esphera de suas attribuições, entende que nem mais um dia deve ser respeitada uma illegalidade que tanto contribuiu para que nos revoltássemos e julga assim interpretar os sentimentos do Povo Catharinense.—Desterro, 4 de outubro de 93.—*N. Costa, E. Liberato, E. Luz, E. Leal, T. Becker, A. de Mello, T. Capistrano, Salles Brazil, L. Engelke, Durval Melchhiades, Walter Kleine, C. Gandra.*

A Assembléa Legislativa do Estado de Santa Catharina, agradece em nome do Povo Catharinense os bons serviços prestados ao Estado pelo cidadão 2º Vize-presidente Christovão N. Pires durante o tempo que esteve exercendo as funcções, pelo zelo, intelligencia, e criterio com que se houve no periodo difficil que atravessámos.—Desterro, 4 de outubro de 93.—*N. Costa, E. Liberato, E. Luz, E. Leal, T. Becker, Salles Brazil, T. Capistrano, L. Engelke, A. de Mello, C. Gandra, W. Kleine, D. Melchhiades.*

Doc. n. 96—*Proclamação dos membros da Assembléa Legislativa do estado de Santa Catharina*

-aos nossos concidadãos do estado de Santa Catharina

Não vos são extranhos os acontecimentos politicos que se têm desenrolado na capital da Republica a começar de 6 do passado.

A patriotica Esquadra Brazileira, corporificando, no momento actual, os sentimentos nacionaes, rompeu, desde esse dia,

em hostilidades contra o marechal Floriano Peixoto, intimando-o a deixar a vice-presidencia da Federação, por julgal-o incompativel com esse alto cargo.

E' sabido de todos que esse mão compatriota, trahindo o compromisso de 23 de Novembro, que essa mesma Esquadra creou, despretenciosamente, auxiliada pelo glorioso Exercito, tem continuamente desrespeitado a Constituição, cimentado a guerra civil e provocado o terror no commercio, que vive coagido nas suas transacções, nas industrias, que lucha com o retrahimento dos capitaes, no proletariado, emfim, que vê-se ameaçado pela fome diante da carestia dos generos de primeira necessidade, consequencia do depreciamento da nossa moeda, já quasi sem cambio.

Como se não bastasse a questão economica, que tudo asoberba, que, num apice, elimina todos os germens impulsionistas, que são as forças com que contão as nacionalidades para desenvolverem-se e engrandecerem-se, desnúda-se o marechal, perante o Paiz, arvorando a bandeira da reeleição presidencial, intuitos que firmou claramente em face do *vêto* á lei do processo eleitoral para o exercicio de tão elevadas funções, lei que no artigo 5.^o corrobora o acerto do codigo politico da União, incompatibilizando-o nessa aspiração!

Foi para salvar o nome de um Paiz americano, onde a liberdade tem o mais completo asylo, foi para garantir a Constituição da Republica, que a briosa Marinha Nacional operou o movimento rector contra as ambições do tyranno do Itamaraty.

Nós, que particularmente o conhecemos, porque, cortando elle as relações officiaes com o governo legal do Estado pelo altruismo que este tivera — denunciando-o ao Paiz como anarchisador, fazemos-lhe a justiça de supô-lo capaz de todas as perfidias.

Este periodo de tremenda commoção interna, que o despota nos preparou e que deu em resultado o fusilamento de nossos compatricos, veio esboçar-lhe mais profundamente o character.

Lembram-se os nossos concidadãos que, depois do tiroteio do Palacio, depois do morticinio em varias localidades, dos nossos amigos, factos determinados pelo Governo Central e executados por *civicos* e soldados federaes, a serviço do districto militar, o marechal, não podendo fugir á attitude da imprensa do Rio e do Congresso Nacional, tendo de sustentar o Presidente Constitucional, mandou-lhe dizer que seu velho coração de soldado rejubilava-se, que não havia mais vencidos nem vencedores, que um alferes, aqui então residente, era um *benemerito*, por ter cumprido FIELMENTE as suas ordens!

Isso, concidadãos, é o cumulo da hypocrisia, a ultima palavra do impudôr!

E a Nação assistia a todo esse falseamento das normas governamentais, a todo esse continuo golpear da Constituição e da Republica, não que homologasse o vandalismo, mas porque, es-

pectralmente aterrorizada por tantas e sucessivas tyrannias, petrificou-se, temporariamente, na acção que lhe cumpria desenvolver.

A Esquadra Libertadora desatrophiou-lhe o organismo, deu-lhe impulso, e vamos agora caminho das nossas reivindicações.

A fatalidade historica demonstra que o actual Chefe do Poder Executivo Federal tem de ceder ao imperio da vontade popular, como cederam os dois Braganças e o marechal Deodoro.

O dictador cahirá.

Concidadãos!

Deveis saber que a Assembléa Legislativa deliberou separar as relações do Estado com a União emquanto o marechal Floriano Peixoto exercer as altas funcções de Vice-Presidente da Republica, pois outro procedimento não podia ter esta corporação nas actuaes emergencias.

Dado, porém, esse passo, não nos é licito mais recuar, quando já presentimos que a victoria, que nos aguarda, vem surgindo nos horisontes constellados do Brazil.

Concidadãos!

Nós, os deputados á essa mesma Assembléa Legislativa vos dirigimos, neste momento, um solemne appello.

Em todos os tempos de lucta formarão-se batalhões patrioticos para a defesa das idéas.

Sendo igualmente de lucta a posição que assumimos e que nos ha de dar immorredouro renome, é justo que impetremos o concurso dos bons compatrioticos para a defesa do Estado e segurança da Republica Federativa.

Vos concitamos, por isso, a vos alistardes em nossas fileiras, formando esses gloriosos batalhões.

Concidadãos! ás armas!

A's armas, em nome da Autonomia do Estado, em nome da Redempção do Brazil!

Cumpramos esse dever, que envolve a nossa honorabilidade politica.

Viva a Autonomia do Estado!

Viva a Republica Federativa!

Viva a Esquadra Libertadora!

Desterro, 10 de Outubro de 1893. — *Francisco de Salles Brazil.* — *João Evangelista Leal.* — *Tobias Becker.* — *Emmanuel Pereira Liberato.* — *Leopoldo Engelke.* — *Durval Melchiades de Souza.* — *Carlos Walter Kleine.* — *Christovão Nunes Pires.* — *Ricardo Martins Barbosa.* — *Joaquim d'Almeida Gama Lobo d'Eça.* — *Pedro A. T. Capistrano.* — *Elesbão P. da Luz.* — *Lydio Barbosa.* — *Arthur F. de Mello.*

Doc. n. 97— *Boletim do pres.^{te} de S.^{ta} Catharina
communicando
haver assumido o governo do Estado*

Assumo hoje o governo do Estado, acatando a decisão da Assembléa Legislativa.

Necessito dizer aos meus concidadãos quaes as idéas que trago para a alta administração no actual momento politico de nossa Patria.

Julgo que o movimento civico que irrompeo do seio da Marinha Brazileira no dia 5 do mez passado, não é mais do que a continuação da revolta que aqui iniciamos contra os desmandos do sr. vice-presidente da Republica, por isso julgo tambem que patrioticamente, não temos outro caminho a seguir se não prestar á revolução todo o nosso apoio quer moral, quer material. Confiado no vosso apoio tudo envidarei para que triumphe a revolução, e portanto, a constituição, a lei.

Logo que seja realisado o supremo *desideratum* dos revolucionarios, isto é, logo que se achar restabelecida a ordem, pelo afastamento do governo federal, do principal director da anarchia, eu deixarei o poder para aguardar a decisão do Supremo Tribunal Federal, que só por uma coacção sem nome, pode ter demorado até hoje a decisão de um processo manifestamente inconstitucional.

Viva a Republica!

Viva a Revolução!

Viva o Povo Catharinense!

Desterro, 5 de outubro de 1893.—Tenente *Manoel Joaquim Machado*.

Doc. n. 98 — *Telegrs. de officiaes revolucionarios
convidando varios camaradas a se pronunciarem pela revolta*

A)—Commandante Vasconcellos—Agencia Lloyd—Montevideo—Venha immediatamente Desterro. Avise Belham, *Tiradentes*.—*Lorena*.

B)—Capitão-tenente Carvalhaes Gomes, commandante cruzador *Tiradentes*—Montevideo—Estamos senhores do Estado de Santa Catharina, nossa base de operações. Almirante Mello no Rio senhor absoluto da bahia. Triumpfantes, pois, os revolucionarios da Armada esperam vosso concurso. Vinde cumprir vosso dever camarada, patriota e brioso official marinha. Nomeado commandante Divisão Expedicionaria, Espero-vos Desterro com vosso navio mais breve possivel.—*Frederico Guiltherme Lorena*.

C)—Aos officiaes do *Tiradentes*—Montevideo—O commandante da Divisão Expedicionaria da Armada revolucionada appella para os seus briosos camaradas officiaes *Tiradentes* para que venham quanto antes ajudal-o vencer governo tyrannico nos avilta. Estamos senhores Santa Catharina, onde aguardamos *Tiradentes*—*Lorena*.

D)—Commandante flotilha Rio-Grande—Porto-Alegre—Commandando a Divisão Expedicionaria esquadra revoltada, estou bordo *Republica*, tendo *Pallas*, torpedeira *Marcilio Dias* conmigo. Senhores Estado Santa Catharina, em cujo porto nos achamos. Mesmo Estado adherio revolução em absoluto. Appello nossos leaes camaradas Rio-Grande, afim abatemos tyranno que no governo desse Estado nos avilta—*Lorena*.

E)—Tenente Cuuha Lemos, cruzador *Primeiro de Março*.—Bahia.—Desde 5 corrente marinha nacional luta pela liberdade da Patria. Almirante Mello tem a seu mando todos corpos marinha, navios guerra e mercantes, mantendo rigoroso bloqueio Rio, tendo bombardeado fortificações.

Almirante Saldanha occupou militarmente com aspirantes ilha das Cobras, estabelecendo alli hospital de sangue esquadra.

Madrugada 17 *Republica* forçou baterias sahindo barra, 18 *Marcilio Dias*, *Pallas* tambem forçaram, constituindo Divisão Expedicionaria, sob commando *Lorena*.

Estado Santa Catharina adherio revolução, sendo nossa base operações.

Contamos apoio camaradas e briosa guarnição desse cruzador.

Telegrammas governo mentirosos. Imprensa Rio amordaçada. Revolução cada vez mais pujante.

Venham para Desterro, onde esperamos. Viva a Republica. —*Graça*.—*Theotonio*.—*Arnaldo*.—*Pacheco*.—*Perry*.—*Torelly*.—*Honorio*.—*Collatino*.—*Piragibe*.

(Identicos ao tenente Gabaglia, cruzador *Parnahyba*, Recife, e ao commandante do couraçado *Bahia*, Assumpção).

Doc. n. 99—*Acta da 30.^a sessão ordinaria da
Assemblea Legislativa
do estado de Santa Catharina*

PRESIDENCIA DO SR. LEAL (VICE-PRESIDENTE).

As 12 horas da manhã do dia 14 de outubro de 1893, reunidos na sala das sessões da Assembléa Legislativa, os srs. deputados, Leal, Ricardo Barbosa, Durval Melchiades, Gama d'Eça, Becker, Engelke, Kleine, A. de Mello, Gandra, Capistrano, Lydio Bar-

bosa, Liberato e Cordova Passos, faltando com causa participada os srs. Elyseu Guilherme, Christovão Pires, Varzea e dr. Bayma, e sem ella os demais srs. deputados.

Abre-se a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Lido o expediente que constou de requerimentos, pareceres etc.

Passando-se á 1.^a parte da ordem do dia, o sr. Arthur de Mello, com a palavra, justificou a seguinte moção.—A Assembléa Legislativa, considerando que o acto patriótico que acaba de praticar o capitão de mar e guerra, Frederico Guilherme Lorena, assumindo, provisoriamente, a suprema direcção da Republica, por investidura revolucionaria, é o mais auspicioso possivel para a Patria, que não pôde supportar a tyrannia do marechal Peixoto; considerando que esta Assembléa e o Governo do Estado têm unido os seus esforços, que são os do Povo Catharinense, para auxiliar a Esquadra Libertadora no sentido de acelerar-lhe a victoria, resolve apoiar o mesmo Governo Provisorio em todas as emergencias e declarar feriado o dia de hoje.

Sala das sessões, 14 de outubro de 1893.—*Arthur de Mello.*

Encerrada a discussão e a votos a moção, foi approvada.

E' lida a seguinte declaração de votos:—Declaramos que votamos contra a indicação apresentada pelo cidadão deputado Arthur de Mello, por não concordarmos com a parte em que declara-se feriado o dia 14 de outubro.—Sala das sessões, 14 de outubro de 1893.—*Durval Melchiades e Ricardo Barbosa.*

Doc. n. 100—*Noticia da cerimonia da proclamação
do governo
provisorio de Santa Catharina*

(O ESTADO de 16 de outubro de 1893)

No dia 14 do corrente ao meio dia, no salão de honra do Palacio do Governo do Estado, reunidas autoridades federaes e estaduaes de todas as graduções, membros do exercito e da Armada Nacional, grande multidão de pessoas de todas as classes sociaes, ao chegar s. ex. o sr. Almirante Frederico Guilherme de Lorena, chefe da divisão Expedicionaria, que vinha acompanhado do commandante da Guarnição, major Tiberio Capistrano, 1.^o tenente Mourão dos Santos e major Annibal Cardoso, foi recebido, apoz o toque de general em chefe dado pelo clarim da guarda de honra, pelo sr. vice-presidente do Estado, dr. chefe de Policia, juiz de direito, dr. promotor publico, e por distinctos chefes e membros do partido Federalista, que acclamaram s. ex., a Esquadra Expedicionaria, ao Almirante Cus-

todio José de Mello, a Marinha Nacional, ao dr. Barros Cassal, etc., Introduzido no salão, leu o distincto almirante a proclamação que abaixo publicamos, sendo delirantemente aclamado quando declarou installado o Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, na capital do Estado de Santa Catharina.

Findo o acto da proclamação, durante o qual tocarão as bandas do 25.º Batalhão de Infantaria, Aprendizes Marinheiros Corpo policial, foi s. ex. cumprimentado pelas pessoas presentes.

PROCLAMAÇÃO

Ao assumir o exercicio da suprema administração do Paiz por investidura revolucionaria, devo aos meus concidadãos a exposição das razões de ordem publica que me forçaram ao cumprimento desse inilludível dever.

São de dominio publico os successos occorridos desde o dia em que partiu do Rio de Janeiro a Divisão Expedicionaria do Sul, sob o meu commando, até ao momento em que, vencidas as frageis resistencias que aqui se oppuzeram á nossa acção, pisamos o sólo de Santa Catharina.

O Governo Constitucional do Estado, o Poder Legislativo e as forças de terra e mar uniram os seus esforços ás manifestações unanimes da população no empenho de acelerar a victoria generosa da Revolução, restauradora da Constituição e das leis republicanas.

Assim unificadas essas forças para a consecução do objectivo commum, desde logo se impoz a todos os espiritos a necessidade da instituição de um governo director do movimento revolucionario.

O Estado de Santa Catharina achava-se em toda a sua extensão territorial dominado pela mesma aspiração de que se fez organ a Esquadra Brasileira.

Elle estava, pois, destinado a ser provisoriamente a séde do primeiro governo revolucionario, que funcionará nesta capital.

Designado insistentemente pelos diversos orgãos da opinião para o exercicio do cargo de que fui hoje empossado, eu não poderia eximir-me á aceitação dessa honrosa e difficil incumbencia sem faltar a um dever de patriotismo.

Todavia não tomaria sobre hombros tão grave responsabilidade se me não estimulasse a convicção de que essa investidura provisoria me era conferida por designação do illustre chefe da Armada Brasileira, o cidadão almirante Custodio José de Mello, e de posse della me conservarei apenas o periodo de tempo estriitamente indispensavel para a proclamação da victoria definitiva.

Julgo de meu dever ponderar que a circumstancia de ter o governo por séde esta capital não embaraçará a completa autonomia dos poderes locais, até ha pouco profundamente perturbada pela criminoso oppressão da tyrannia central.

Concidadãos!

A causa pela qual combate o Povo Brasileiro, secundado pelo esforço unanime de nossa marinha de guerra é a propria causa da Patria, cuja Constituição e integridade cabe-nos a missão de defender.

E' esse o nosso dever; para satisfazel-o não recuarei deante de quaesquer obstaculos, e, amparado no civismo do Povo Brasileiro, luctarei, resolutamente, pela Restauração do Regimen Constitucional.

Viva a Nação Brasileira!

Viva a Republica!

Desterro, 14 de outubro de 1893.

Frederico Guilherme de Lorena, capitão de mar e guerra.

Docs. n. 101—*Primeiros actos officiaes do governo provisorio de S.^{ta} Catharina*

A)—DECRETO—O capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, constituído para a defesa da Constituição da mesma Republica, resolve decretar o seguinte:

Artigo unico.—E' nomeado para o cargo de Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Guerra o dr. Annibal Eloy Cardoso, ficando interinamente incumbido dos Negocios da Fazenda e Relações Exteriores.

O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha, o primeiro tenente João Carlos Mourão dos Santos, assim o faça executar.

Palacio do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, na cidade do Desterro, 14 de outubro de 1893.
—*Frederico Guilherme Lorena*.—*João Carlos Mourão dos Santos*.

B)—DECRETO—O capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, constituído para a defesa da Constituição da mesma Republica, resolve decretar o seguinte:

Artigo unico—E' nomeado para o cargo de Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha o primeiro tenente João Carlos Mourão dos Santos ficando interinamente incumbido dos Negocios da Justiça e Interior, e Viação, Industria e Obras Publicas.

O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Guerra, o dr. Annibal Eloy Cardoso, assim o faça executar.

Palacio do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, na cidade do Desterro, 14 de outubro de 1893.
—*Frederico Guilherme Lorena*.—*Annibal Eloy Cardoso*.

C)—DECRETO N. 1—O Capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, constituido para a defesa da Constituição da mesma Republica, resolve decretar o seguinte :

Art. unico. A cidade do Desterro, capital do Estado de Santa Catharina, fica provisoriamente considerada séde do Governo Provisorio.

O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça e Interior, o primeiro tenente João Carlos Mourão dos Santos, assim o faça executar.

Palacio do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, na cidade do Desterro, 14 de outubro de 1893.

—*Frederico Guilherme Lorena.*— *João Carlos Mourão dos Santos.*

D)—DECRETO N. 2—O capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, resolve decretar o seguinte :

Art. 1.º E' desde já mobilisada a Guarda Nacional dos municipios desta capital e de S. José para a defeza da Constituição e das Leis da Republica.

Art. 2.º Fica creado o logar de Commandante em Chefe da Guarda Nacional do Estado.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrario.

O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça e Interior expedirá as necessarias instrucções para a execução deste Decreto.

O mesmo Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça e Interior, o primeiro tenente João Carlos Mourão dos Santos, assim o faça executar.

Palacio do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, na Cidade do Desterro, 14 de outubro de 1893.

—*Frederico Guilherme Lorena.*—*João Carlos Mourão dos Santos.*

E)—DECRETO N. 3—O capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, constituido para a defesa da Constituição da mesma Republica, resolve decretar o seguinte :

Art. 1.º E' desde já mobilisada a Guarda Nacional dos municipios de Lages, Campos-Novos e Curitiba para a defeza da Constituição e Leis da Republica.

Art. 2.º O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça e Interior expedirá as necessarias instrucções para a execução dessa mobilisação.

Art. 3.º A Guarda Nacional do municipio de Lages será composta de dois corpos de cavallaria e de dois batalhões de infantaria.

Art. 4.º Revogam-se as disposições em contrario.

O primeiro tenente João Carlos Mourão dos Santos, Ministro e Secretario de Estado interino dos Negocios da Justiça e Interior assim o faça executar.

Palacio do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil na Cidade do Desterro, 15 de outubro de 1893.—*Frederico Guilherme Lorena.*—*João Carlos Mourão dos Santos.*

F)—DECRETO N. 4—O capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, constituído para a defesa da Constituição da mesma Republica, resolve decretar o seguinte :

Art. 1.^o E' desde já mobilisada a Guarda Nacional dos municipios de S. Francisco, Joinville e São Bento para a defesa da Constituição e das Leis da Republica.

Art. 2.^o A Guarda Nacional desses municipios será composta de dous batalhões em cada um d'elles.

Art. 3.^o Revogam-se as disposições em contrario.

O 1.^o tenente João Carlos Mourão dos Santos, Ministro e Secretario dos Negocios da Justiça e Interior assim o faça executar.

Palacio do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, na Cidade do Desterro, 16 de outubro de 1893.—*Frederico Guilherme Lorena.*—*João Carlos Mourão dos Santos.*

G)—DECRETO—O capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil constituído para a defesa da Constituição da mesma Republica, resolve nomear o cidadão coronel Laurentino Pinto Filho, general de brigada graduado e commandante em chefe da Guarda Nacional do Estado de Santa Catharina.

O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça e Interior, o primeiro tenente João Carlos Mourão dos Santos, assim o faça executar.

Palacio do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, na Cidade do Desterro, 14 de outubro de 1893.—*Frederico Guilherme Lorena.*—*João Carlos Mourão dos Santos.*

H)—DECRETO—O capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, constituído para a defesa da Constituição da mesma Republica resolve nomear o cidadão Germano Wendhausen, coronel commandante superior da Guarda Nacional do municipio desta Capital.

O ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça e Interior, o primeiro tenente João Carlos Mourão dos Santos, assim o faça executar.

Palacio do Governo Provisorio da Republica dos Estados

Unidos do Brazil, na Cidade do Desterro, 14 de outubro de 1893.
— *Frederico Guilherme Lorena.* — *João Carlos Mourão dos Santos.*

I)—DECRETO—O capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, constituido para a defeza da Constituição da mesma Republica, resolve nomear o cidadão Catão Vicente Coelho tenente-coronel secretario do commando em chefe da Guarda Nacional do Estado de Santa Catharina.

O Ministro e secretario de Estado dos Negocios da Justiça e Interior, o primeiro tenente João Cardoso Mourão dos Santos assim o faça executar.

Palacio do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, na Cidade do Desterro, 15 de outubro de 1893.
— *Frederico Guilherme Lorena.* — *João Carlos Mourão dos Santos.*

J)—DECRETO—O capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, Chefe do governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, constituido para a defeza da Constituição da mesma Republica, tendo em consideração os serviços prestados a tão patriótica causa pelo cidadão Joaquim Pardo de Araujo Vieira, resolve conceder-lhe as honras de segundo tenente da Armada Nacional.

O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha, o primeiro tenente João Carlos Mourão dos Santos, assim o faça executar.

Palacio do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, na cidade do Desterro, 14 de outubro de 1893.
— *Frederico Guilherme Lorena,* *João Carlos Mourão dos Santos.*

K)—DECRETO—O capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, constituido para defeza da Constituição da mesma Republica, resolve exonerar do cargo de commandante superior da guarda nacional desta capital o coronel Gustavo Richard.

O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça e Interior, o primeiro tenente João Carlos Mourão dos Santos, assim o faça executar.

Palacio do Governo Provisorio da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, na cidade do Desterro, 14 de Outubro de 1893.
— *Frederico Guilherme Lorena.* — *João Carlos Mourão dos Santos.*

L)—DECRETO—O capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Es-

tados-Unidos do Brazil, constituido para defeza da Constituição da mesma Republica, resolve nomear o cidadão dr. Henrique de Almeida Valga major secretario do commando superior da Guarda Nacional desta capital.

O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça e Interior, o primeiro tenente João Carlos Mourão dos Santos, assim o faça executar.

Palacio do Governo Provisorio da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, na cidade do Desterro, 15 de Outubro de 1893. — *Frederico Guilherme Lorena.* — *João Carlos Mourão dos Santos.*

M)—DECRETO—O capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, constituido para a defeza da Constituição da mesma Republica, resolve nomear o cidadão Urbano Villela Caldeira capitão ajudante de ordens do commando superior da Guarda Nacional desta capital.

O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça e Interior, o primeiro tenente João Carlos Mourão dos Santos, assim o faça executar.

Palacio do Governo Provisorio da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, na cidade do Desterro, 15 de Outubro de 1893. — *Frederico Guilherme Lorena,* *João Carlos Mourão dos Santos.*

N)—DECRETO—O capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, constituido para defeza da Constituição da mesma Republica, resolve nomear o cidadão Fausto Augusto Werner, Director Geral das Secretarias de Estado deste Governo.

O 1.º tenente João Carlos Mourão dos Santos e major dr. Annibal Eloy Cardoso Ministros e Secretarios do Estado, assim o façam executar.

Palacio do Governo Provisorio da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, Desterro, 14 de Outubro de 1893.—*Frederico Guilherme Lorena.*—*João Carlos Mourão.*—*Annibal Eloy Cardoso.*

O)—DECRETO—O capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, constituido para defeza da Constituição da mesma Republica, resolve nomear para a Guarda Nacional do municipio de Lages os cidadãos tenente-coronel Ignacio José da Costa, coronel commandante superior; Emilio Virginio dos Santos, major secretario e ajudante Leovigildo Pereira dos Anjos, capitão quartel mestre do mesmo commando; capitão Elebão Antunes Lima, tenente-coronel commandante do 1.º corpo de cavallaria; José Delphes da Cruz, major-fiscal do mesmo

corpo ; Polycarpo José Pereira de Andrade, tenente-coronel commandante do 2.º corpo de cavallaria ; Antonio Amancio Muniz, major-fiscal do mesmo corpo ; José Joaquim de Cordova Passos, tenente-coronel commandante do 1.º batalhão de infantaria ; Mauricio Ribeiro Cordova, major-fiscal do mesmo batalhão ; José Antonio Correia Lima, tenente-coronel commandante do 2.º batalhão de infantaria ; tenente Vidal José de Oliveira Ramos Sobrinho, major-fiscal do mesmo batalhão.

O 1.º tenente João Carlos Mourão dos Santos, Ministro e Secretario dos Negocios da Justiça e Interior, assim o faça executar.

Palacio do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, na cidade do Desterro, 15 de Outubro de 1893.
— *Frederico Guilherme Lorena.* — *João Carlos Mourão dos Santos.*

2) — INSTRUCCÕES a que se referem os artigos 2º e 3º dos decretos ns. 2 e 3, datados respectivamente de 14 e 15 de Outubro de 1893.

A mobilisação da Guarda Nacional determinada pelos decretos ns. 2 e 3, datados de 14 e 15 do corrente mez, regular-se-ha pelas disposições legaes relativas ao assumpto e mais as seguintes :

1ª No prazo de 24 horas, nas freguezias sédes dos municipios onde a mobilisação acha-se decretada, e no de 72 horas nos demais, contados esses prazos a partir da publicação das presentes instruccões, deverão todos os officiaes em serviço activo da Guarda Nacional nos mesmos municipios apresentar-se aos respectivos commandantes superiores.

2ª No municipio da capital findos os prazos estipulados no artigo anterior, o commandante superior immediatamente apresentará ao commandante em chefe os officiaes que se lhe tiverem apresentado, dando tambem conta daquelles que não houverem comparecido, com declaração dos motivos.

3ª Nos demais municipios os commandantes superiores respectivos, findo os mesmos prazos, farão immediatas e identicas communicações por escripto ao referido commandante em chefe sem prejuizo do que fica determinado nas disposições subsequentes.

4ª No prazo de 48 horas nas freguezias da séde do municipio e no de 72 horas nas demais todos os cidadãos maiores de 19 annos e menores de 40 apresentar-se-hão aos respectivos commandantes superiores, que immediatamente farão alistal-os designando os batalhões ou corpos onde deverão servir.

5ª Só serão admittidas as isempções legaes quando rigorosamente provadas.

6ª As publicações que devem servir de origem á contagem dos prazos estipulados nos arts. 1.º e 4.º serão as feitas em ordem do dia dos respectivos commandantes superiores, segundo determinar o commandante em chefe.

7ª Os batalhões e corpos aquartelarão nos edificios para esse fim destinados.

8ª Serão applicadas as penas legaes aos cidadãos que não observarem rigorosamente as precedentes disposições.

Secretaria de Estado dos Negocios da Justiça e Interior, Desterro, 15 de Outubro de 1893.—*João Carlos Mourão dos Santos.*

Q)—ORDEM DO DIA N. 1. Commando em chefe da Guarda Nacional do Estado de Santa Catharina, em 14 de Outubro de 1893.

Camaradas !

Por decreto do Governo Provisorio da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, instituido para defeza da Constituição e das leis, fui nomeado commandante em chefe da Guarda Nacional do Estado de Santa Catharina—posto que promana da revolução gloriosa da Esquadra Libertadora.

Assumindo este encargo, pesando a responsabilidade da difficil conjunctura em que me colloco, como revolucionario que recebeu a investidura nos campos da grandiosa epopéa de sangue do Rio Grande do Sul, saberei como sempre, cumprir o dever que o civismo me impõe, tendo por objectivo a reorganisação da Patria Brazileira.

Para os camaradas sob o meu commando appello n'este momento supremo de agitação reconstructora, crente de que elles me auxiliarão a vencer os obstaculos que por acaso se antepuzerem ao ideal que congrega os verdadeiros defensores da liberdade republicana.

Sem o concurso dos cidadãos impulsionados pela nitida comprehensão do dever, ser-me-ia difficil levar por diante a tarefa que me foi determinada pelo honrado governo hoje instituido, e é por isso que conto com a dedicação, com a firmeza e com a perseverança de todos os catharinesees, afim de que não seja mais longo o periodo da tyrannia central, contra a qual revolta-se de ha muito a opinião, intemeratamente affirmada por todos quantos, de armas na mão, lutam pela reivindicación dos brios e das tradições nacionaes.

Camaradas !

Consciente de minha missão e certo de que não encontrarei ao meu lado senão auxiliares poderosos e convictos, nem um só momento vacillarei em apressar o restabelecimento da fôrma republicana, crimosamente fraudada, dia a dia, pelo traidor das instituições emergidas da insurreição de Novembro de 89.

Viva a Republica Federal !

Viva a Republica Libertadora !

Viva o Governo Provisorio dos Estados-Unidos do Brazil !

Viva o Povo Catharinense !

Laurentino Pinto Filho, general de brigada graduado.—
José Luiz da Silva Pires, capitão secretario.

R)—ORDEM DO DIA N. 1.—Commando Superior da Guarda Nacional da Comarca da Capital do Estado de Santa Catharina, 16 de Outubro de 1893, ás 10 horas da manhã.

Para conhecimento das forças sob meu commando, faço publico que S. Ex. o Sr. general commandante em chefe da Guarda Nacional d'este Estado, de conformidade com os arts. 2 e 3 das instrucções que baixaram com os decretos de 14 e 15 do corrente, determinou a apresentação a este commando superior no prazo de 24 horas, a todos os officiaes em serviço activo da Guarda Nacional d'esta Capital, e no prazo de 72 horas os das demais freguezias da Comarca, devendo outrosim os respectivos commandantes dos diversos corpos dar conta d'aquelles officiaes que deixarem de comparecer, com declaração dos motivos—*Germano Wendhausen*, coronel commandante superior.—*Henrique de Almeida Valga*, major secretario.

Doc. n. 102—*Carta do dr. Silveira Martins ao alm. Mello sobre o governo de S.^{ta} Catharina e na qual são prestadas varias informações sobre a revolução*

Illmo. Ex. Snr.

Recebi as communicações que fez-me a honra de transmittir pelo Coronel J. P. Salgado. Meu objecto propondo que ambos fizéssemos virtualmente parte do governo provisório não era vaidade, não tenho nenhuma nem quero nada, era necessidade para dar prestigio e força moral ao novo governo. Que vale o governo provisório para a esquadra sem V. Ex. ?

Nada ! Vale tanto quanto vale o exercito revolucionario do Rio Grande do Sul sem mim. Parece-me pois, que a organização por V. Ex. proposta não era a mais conveniente; mas o patriotismo ajudado da boa vontade podia supprir a falta commettida. Eu não faria questão disso, aceitava cordialmente o facto praticado como V. Ex. o diz em sua proclamação, em nome da revolução do Rio Grande, da Esquadra e S. Catharina. Mas o que está feito é tudo quanto ha de mais contrario aos principios de revolução Rio Grandense, é um arremedo do Florianismo, que tira á revolução a sua razão de ser—o cap. de mar e guerra Lorena na proclamação que incluo, e que explica a razão do governo nos dous paragraphos que vão assignados, *desgoverna*, para fallar linguagem de marítimo: no primeiro parece um subalterno que seinsurge contra seu superior, pois é o commandante d'uma divisão, que se faz governo a pedido dos varios órgãos da opinião Catharinense porque o *patriotismo* não admite escusa; no segundo é uma investidura conferida por

delegação do Commandante da Esquadra. E o Rio Grande em tudo isto o que é? o que representa? Nada! No entanto foi elle quem primeiro levantou o estandarte da revolução, quem achase ha 8 mezes com as armas na mão, quem tem dado dez combates, sempre victorioso.—Por isso, e porque nem se quer o novo governo communicou sua criação aos governos estrangeiros não pude aceitar a commissão com que honrou-me para obter o reconhecimento de belligerante para os revolucionarios. Depois do que acabo de dizer é meu dever acrescentar, que é urgente reorganisar o governo provisório em nome da revolução, que não admittre nem militarismo nem *Comtismo* que no Brazil é producto hybridado das Escolas militares, pois pela doutrina do mestre—*Comtismo* e militarismo s'excluem. V. Ex. conhece Peixoto, um quasi irresponsavel, cego instrumento da escola superior de guerra; como admittir no governo Annibal Cardoso, honrado cidadão, sem duvida nenhuma, mas *Comtista* fanatico, separado dos nossos adversarios por odios e paixões, mas não por idéas. Não tenho paixões, não tenho incompatibilidades com ninguem, a minha doutrina politica, o parlamentarismo é todo transacção e quer em cada momento só o que é possível; elles porém, são intransigentes, sectarios d'uma doutrina religiosa— e não transigem.

Vale a pena tão enorme luta, tanto sacrificio para lutar de novo? V. Ex. é soldado; eu sou rio-grandense; temos o mesmo objectivo, temos nossa honra, nossa vida, nossa gloria empenhada nesta batalha que damos ao despotismo; a patria tem direito a todos os sacrificios; os do amor proprio são os que mais elevam os homens; permitta-me que use de minha habitual franqueza— para vencer não faça questões de etiquetas, de precedencias, de antiguidade, lembre-se só que a revolução da esquadra é sua, e sua principalmente será a gloria do triumpho;—procure pessoalmente Saldanha, lisongeie-o, forme governo com elle; obrigue-o a aceitar, que o acto será seu não delle; e V. Ex. juntará aos fóros de bravo soldado, de grande almirante que ninguem pôde contestar-lhe o de habil homem politico. O facto de baver Lorenna assumido já o governo não obsta a modificação necessaria; Cassal aqui disse a Salgado que foi elle quem obrigou-o a aceitar o governo, que recusava. Não importa que não haja ninguem do Rio Grande no novo governo; basta que este seja formado tambem em nome da revolução; mas se quizer bem podem nomear o Conselheiro Maciel, que irá para Desterro immediatamente.

O estado de nossas forças é excellente; temos na serra Salgado e Gumerindo com 5.000 homens, por falta de cavahada podem correr grande perigo e tambem entrar por Santa Catharina; temos sitiando Bagé 1.400 homens com Tavares, e em marcha para se lhe encorporarem e tomar a cidade 1.200 homens perfeitamente armados são os que com Cabeda tomaram de assalto Quarahim.—Hoje recebi 2 telegrammas:—um noticia que 40 alumnos inclusive officiaes se reuniram a Tavares; são da

escola militar que o governo fechou distribuindo os alumnos pelos corpos ; outro é o que incluo sobre a frotilha do Alto Uruguay.

Aqui estão armando em guerra o Santos e o Desterro, que com Tiradentes e Bahia formarão esquadra para atacar Santa Catharina—Bahia está de leme partido. Dizem mais que compraram em Nova-York um lança torpedos pelo ar, mas só no fim de novembro poderá estar prompto. Em todo caso, não se deve desprezar nenhum elemento de informação para não sermos surpreendidos por um desastre ; a nossa victoria é fatal, se as cousas correrem naturalmente. O que escrevo-lhe é um relatorio não é carta ; são informações que não tenho tempo de reler pelo adiantado da noite ; mas o portador, meu particular amigo, ainda que filho da Bahia conhece perfeitamente os negocios do Rio Grande. Póde francamente nelle confiar, é pessoa de maior probidade e criterio, e lhe informará sobre a politica da terra com a maior verdade, pois elle é uma verdadeira influencia em S. Gabriel.

A S. Ex. o Sr. Almirante

Custodio José de Mello
De V. Ex.
Compatriota e Admirador
G. da Silveira Martins.

Montevideo, 1º de novembro de 1893.

Doc. n. 103—*Carta do alm. Mello ao chefe Lorena sobre a constituição do governo provisório em S.^{ta} Catharina*

Bordo do «Aquidaban». no Rio de Janeiro, novembro de 1893
—Lorena—Recebi uma carta do dr. Gaspar da Silveira Martins, na qual se mostra muito queixoso com a organização do Governo Provisorio e concluindo por declarar que não póde aceitar a missão de que esse governo deve tel-o incumbido, por indicação anterior minha, para representar a revolução no Rio da Prata. Elle tem muita razão nas reflexões que faz, e eu mesmo fiquei muito contrariado com estas difficuldades que já principiam a apparecer e que podem impedir o triumpho da revolução ou pelo menos retardal-o consideravelmente.

A meu ver tudo isto se teria evitado se o governo provisório não se tivesse formado «antes» de ahí chegar a minha proclamação e as indicações por mim feitas para certas nomeações. O mal não seria grande se não fosse a sua «natureza especial», isto é, o germen de uma rivalidade entre o nosso amigo Demetrio e o dr. Gaspar Martins, que diz, com razão, que «a revolução rio

grandense não está representada nesse governo, que deve ser o producto das revoluções que estão em campo contra o governo do Floriano, ao tempo em que, parece, diz elle, se dá preferencias aos «demetristas» e «comtistas», fazendo embora justiça aos merecimentos e honradez dos nomeados».

O dr. Gaspar aconselha, no interesse da Patria e da revolução, que se constitua um governo de accordo com as minhas vistas primitivas, e propõe para representar o Rio Grande na junta governativa o conselheiro Maciel.

Colocado na dura necessidade de ser um alliado dos revolucionarios do Rio Grande ou a desprezar este elemento de guerra, e convencido de que sem elle não poderemos tão cedo alcançar o triumpho final—o que importaria em augmentar as desgraças de nossa patria e do proprio Rio Grande, cuja situação deve affligir profundamente aos seus filhos e, portanto, ao dr. Demetrio—eu, para não desgostar os meus amigos, cheguei a pensar no abandono desta tarefa que o dever e o patriotismo me impuzeram; mas, vencendo estes elementos, resolvi fazer concessões que, além de razoaveis, são necessarias, e rogar ao dr. Demetrio que tambem as faça por seu lado.

Neste sentido acabo de escrever-lhe, e como não posso duvidar de seu patriotismo e de sua abnegação, nem da de seus amigos e co-religionarios, espero tranquillo que elles respeitem a decisão que acabo de tomar de reconstituir o Governo Provisorio, transformando-o em junta governativa pela nomeação do conselheiro Maciel.

A junta governativa deverá ficar composta de você como presidente, do conselheiro Maciel e do tenente Machado (ou de um civil por elle escolhido, ou seja o presidente do congresso estadual ou do mais elevado tribunal do Estado).

Para dar conhecimento ao publico desta reconstituição ahi vae a proclamação que você deve publicar. E' para não perder tempo que já vae ella redigida, podendo você corrigil-a se entender conveniente. Feita a sua proclamação, dê immediatamente communicação ao Maciel, por intermedio do Silveira Martins, que está em Montevideó.

O Demetrio, conforme escrevi a elle, continúa a ser o representante do Governo Provisorio, e neste sentido lh'o officie.

Como já lhe disse anteriormente, o dr. Gaspar continuará a representar o governo em Montevideó e no Paraguay, assim como a ficar encarregado de levantar um emprestimo com o concurso do dr. Ruy Barbosa. Se ainda não fez estas communicações, faça-as quanto antes.

De tudo isto já dei conhecimento aos interessados e bem comprehende a confusão e a desmoralisação que resultaria da não realisação e communicação destas nomeações ou commissões.

Pelo facto da reconstituição do governo provisorio não precisa mudar-lhe a denominação, evitando-se assim a critica que

póde sempre tender para o ridiculo. Pelo cabeçalho e assignatura da nova proclamação verá que essa alteração de «nome ou fórma» não é necessario tornal-a sensível ou «explical-a», bastando as palavras de simples communicacão da proclamação e que de ora em diante os decretos governamentaes sejam assignados por tres em vez de um só governante. Isto não passa de uma reflexão, podendo v. proceder conforme achar mais apropriado.

Quanto ás operações de guerra, não sei o que por ahi ha de positivo, mas confio no seu tino e no dos rapazes. Entretanto, para seu governo digo que é da mais alta conveniencia impedir que o «Tiradentes» e o «Bahia» entrem no Rio Grande. O «Republica» póde encarregar-se d'esta missão, mettendo-os a pique, se fosse necessario, aonde os encontrar. Mas para evitar complicacões desagradaveis, se os metter a pique em aguas do Uruguay, dê á bandeira d'esta Republica a satisfacão do estylo.

Por aqui continuam a trazer o Floriano humilhado e demoralizado, e parece que approximamo-nos a grandes passos do desenlace final. Floriano já está desesperado, e tem mandado incendiar os paiões de polvora de Mocangué e do Mattoso, «mas só depois que d'elles já não precisamos».

O mais importante é que o Saldanha resolveu-se a fazer causa commum connosco, de modo que, se eu tiver necessidade de sahir d'aqui, elle me substituirá. Até lá o «Tamandaré» deve ficar prompto para operar.

Sem mais tempo, digõ-lho adeus e aos amigos, fazendo votos pelo bem de todos.—O amigo, *Custodio de Mello*.

P. S.—O seu grande amigo Abreu foi demittido, ignorando-se a causa desse acto.

NOTA:—Na carta que escrevi ao dr. Silveira Martins submetti á sua approvação um plano de operações no sul, que consiste na accção em commum das forças rio-grandenses com as que possam partir de Santa Catharina com o fim de tomarem Porto Alegre pelo norte do Estado, aonde as tropas farão junecção. Para esse fim convem preparar ahi as forças de infantaria e artilharia de que possam dispor, dizendo (se não puder de todo guardar o mais absoluto segredo) que é uma expedicão que se prepara para o Paraná. E guarde este segredo até ahi chegar o conselheiro Maciel.—*C. M.*

Eis a proclamação enviada pelo almirante Custodio ao capitão de mar e guerra Lorena:

«Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil.—Cidadãos:—Para vosso conhecimento vos declaramos que os chefes revolucionarios do Estado de Santa Catharina, do Estado do Rio Grande do Sul e da Esquadra Nacional, accedendo aos votos manifestados por seus co-religionarios, resol-

veram que aquelles Estados e a esquadra sejam expressamente representados no Governo Provisorio da Republica. Este governo fica, portanto, constituído pelos abaixo assignados—Presidente, capitão de mar e guerra Frederico Guilherme de Lorena, representante da Esquadra Nacional.—Conselheiro Francisco Antunes Maciel representante do Rio Grande do Sul.—Tenente M. J. Machado representante do Estado de Santa Catharina.

Doc. n. 104—Carta do cap. de mar e guerra Lorena ao alm. Mello, pedindo-lhe para assumir a direcção do governo de S.^{ta} Catharina.

A) — DESTERRO, 26 de novembro de 1893.—Meu caro Mello. —Com profundissima magua respondo á sua carta confidencial deste mez, tratando da transformação do Governo Provisorio em junta, a conselho de Gaspar Martins. Ella resolveu-me e aos meus mais dedicados companheiros a passar o governo a mãos mais habeis, o que já não realizei por não estar presente o dr. Francisco Maciel, que será por nós recebido com intima satisfação.

Dizeis que o sr. Gaspar Martins « mostrou-se muito desgostoso com a organização do Governo Provisorio », desgosto proveniente, segundo o mesmo doutor, de « não estar a revolução rio-grandense representada no governo, que deve ser um producto della », e desgosto que se estende « ás preferencias dadas aos demetristas » e « comtistas », aliás de « muito merecimento e de muita honradez. »

Em vista da « razão » de taes « reflexões », o dr. Gaspar Martins não acceita o encargo de representante do Governo Provisorio no Rio da Prata.

Passo a responder ás arguições do dr. Gaspar Martins, por v. infelizmente acceitas, fazendo-o com a lealdade do amigo e camarada que luta pela victoria da Revolução contra a tyrannia, mas não pela victoria do egoismo perturbador do « gasparismo », sempre funesto á Republica.

Tem v. perfeito conhecimento do que havemos realizado, com os diminutos elementos de que dispomos, e tambem sabe qual a nossa situação em face do inimigo.

Para mais esclarecer o seu espirito a respeito, o Annibal escreve-lhe extensa carta. Por ella verá v. quanto são desarrazoadas as « queixas » do dr. Gaspar Martins : 1.^o, porque a organização do Governo Provisorio foi levada a effeito por força de circumstancias do momento, as quaes exigiam soluções diversas, e isso mesmo o fiz depois de instancias do dr. Barros Cassal e de outros amigos de igual valia ; 2.^o, porque a revolução do Rio

Grande veio bater ás portas do governo, que a alimenta de tudo, onerando-se espontaneamente e fazendo-lhe toda a classe de concessões, até elevar Salgado á posição de chefe (infeliz inspiração minha, devo confessá-lo!), para que elle demonstrasse á evidencia a maior incapacidade militar, como ha de ficar registrado sem o menor desmentido; 3.º, porque não ha taes preferencias a « demetristas e comtistas », factos que absolutamente desconheço, pois todas as exigencias da gente do dr. Garpar têm sido satisfeitas sem a menor reluctancia, por pensar o governo—ingenuo que foi! — que não se tratava de politicagem, e sim de servir apenas a Revolução em nome da Patria.

Desfazer, portanto, os actos praticados, seria uma desconsideração sem nome a todos os que trabalham ao meu lado e com os quaes sou inteiramente solidario; porque se « demetrisimo » e « comtismo » é servir com honestidade, sem perceber vencimentos e zelando pelo bem commum, sem desprezar a moralidade administrativa, não attendendo a nenhuma sùggestão pessoal, eu sou « demetrista » e « comtista » ao mesmo tempo, por ver que esses qualificativos representam o que ha de serio na vida publica e particular.

A desconsideração a mim, ao Annibal, ao Mourão e aos demais companheiros, teria prolongamento até ao Demetrio encarregado de levantar o emprestimo, desde que elle fosse destituido para dar « preferencia » a Gaspar Martins e Ruy Barbosa — aquelle o maior perturbador da paz no Rio Grande do Sul e este o mais criminoso dos arruinadores do credito da Republica, accusação merecida que v. já lhe fez muitas vezes.

Praticar semelhantes actos seria attentar contra o exito futuro da revolução e proclamar ao paiz que apenas fazemos questão de homens, e de homens ruíns, porque entre Floriano e a sua troupe, de um lado, e Gaspar e Ruy, do outro, não sei como escolher...

Não tenho preocupações individuaes ao fallar assim, bem o sabe v., que bem me conhece, mas não devo assistir, com a responsabilidade da posição que occupo, ao esphacelamento das instituições que vos arrastaram á lucta em prol da nação enxovaihada pelos falsos republicanos. E, se me externo com esta franqueza, cumprindo um dever de amigo leal e desinteressado, é porque acredito que v. foi illudido em suas puras intenções de patriota. Desde, porém, que assim não seja, cabe-lhe vir quanto antes assumir a chefia do governo, para que vingtem, «com toda a sua responsabilidade », os novos planos que propõe. Eu, sempre obediente ás prescripções de honra, ficarei no posto de combate que por ella me for designado.

Deve, pois, v. vir sem a menor demora para que possa ouvir de viva voz os protestos contra a descortesia do sr. Gaspar Martins, que vem mais uma vez perturbar a obra gloriosa da Revolução. Odirá v. do proprio Salgado o que já deste ou vimos: « a revolução do Rio-Grande estava perdida inonte

tavelmente ; o estabelecimento do Governo Provisorio veio salvar-a ! » Saberá mais você, saberá tudo quanto de pernicioso existe na direcção do exercito de Salgado, que acaba de consentir na invasão do Estado, ficando de braços cruzados, por entre os protestos de innumerados officiaes que o querem abandonar. Tubarão está sendo fortificado pelas forças do Oscar e do Firmino, e isto depois do bravo Perry haver obrigado o Firmino a evacuar Tubarão e Araranguá, apezar de dispôr apenas de um punhado de valentes !

Se já era afflictiva a nossa situação depois que chegaram a este Estado as forças de Salgado, as quaes só têm servido para onerar os magros cofres de que dispõe o governo e para arrancar-nos o pouco armamento que serviria para preparar expedições eguaes ás já organizadas, imagine v. como ficámos depois da sua carta, portadora dos máos conselhos do anarchico dr. Gaspar Martins !

E' preciso dizer-lhe ainda, quanto ao Ruy, que este, em carta que me dirigio, declarou-me não ser possivel levantar dinheiro na Republica Argentina para compra de armamento, e pedio-me insistentemente para que lhe fossem enviados os « seiscentos contos de réis » que dizia existirem na alfandega de Santa Catharina.

Em vista do que exponho e tendo de lutar com a tenacidade, do Annibal e de outros camaradas, que, a todo o transe, querem abandonar a revolução, espero que v. corra ao nosso encontro, afim de ver se é tempo ainda de salvar uma revolução cada vez mais complicada—graças á ineptia de uns, e a malevolencia de outros.

Assim pensando, e apezar da minha « natureza especial », não tenho duvidado em fazer concessões e preocupar-me com outras, da unica fôrma possivel, a bem da causa *commum*, como v. verá da carta que ora lhe escreve o Mourão.—Do amigo e velho camarada, *Lorena*.

Carta do dr. Annibal Cardoso ao alm. Mello,
declarando retirar-se da revolução

B)—Santa Catharina, 25 de novembro de 1893.—Almirante Custodio Mello—Li a carta que escrevestes ao chefe do governo provisorio.

Por ella fiquei conhecendo as vossas novas resoluções, as queixas do dr. Gaspar Martins e as vossas preocupações quanto ao elemento revolucionario do Rio Grande do Sul.

Do nosso actual modo de pensar e das queixas do dr. Gaspar, as quaes aceitaes, decorre a minha posição perante a revolução, de que sois agora chefe.

Como sabeis, só me determinei a tomar parte em uma agitação armada, nas circumstancias especiaes do nosso paiz, depois de termos recorrido a todos os meios pacificos e capazes de

conter o tyranno, que se mergulhava em desmandos e cruezas, e ainda depois de saber—por um lado que fazeis questão de um governo civil e por outro que não estaveis disposto a deixar a politicagem tomar conta da direcção dos negocios publicos, ao menos durante a luta.

A revolução na qual nos mettiamos tinha a seguinte significação, em ultima analyse: livrar o paiz do tyranno que, profanando o lar domestico, avilta-o, e corrigir a administração publica entregue á corrupção pelo governo do Itamaraty e seus servidores, dignos continuadores, dos Quintino, Glycerio, Ruy e outros.

As cousas, porém, tomam outra face. Nestas condições, resta-me tambem outra attitude relativa aos acontecimentos.

Desejava poder ter crenças que me conduzissem a prestar serviços á revolução, na hypothese de ser ella util á Patria. Agir sem fé, porém, é um impossivel.

Tirado o ideal do bem patrio aos que neste momento tudo sacrificam por elle, e nada mais resta que os possa conduzir na lucta.

Os que agem por interesses pessoaes, ou por sêde de vinganças, ainda que a lucta pareça desviar-se do anterior objectivo, podem continuar a luctar; anima-os a ambição de mando ou de riqueza, ou o odio. Os que, porém, agem só por preocupação social, são incapazes de luctar quando lhes parecer que será nullo ou prejudicial á sociedade o resultado do pleito, isto é, quando parecer que, depois da lucta, as cousas vão ficar no mesmo ou peor estado, os que têm o ideal do aperfeiçoamento social são incapazes de luctar.

Ora, desde que vos subordinaes ao dr. Gaspar Martins, nós podemos dizer que as cousas vão piorar. Este homem, com a sua politicagem ou por sua incapacidade, creou o tufão de crueza dos tyrannos que leva a morte e a deshonra a todos os cantos da terra rio-grandense.

Hoje, não podemos agir do lado de Floriano, pois isso seria uma deshonra; mas tambem só temos motivos para combater a nova catastrophe que ameaça a sociedade brasileira.

Já agora parece-me falta de patriotismo prestar serviços a esta revolução.

Vossa subordinação ao dr. Martins já era a completa negação das idéas que nos levaram á revolução. Mas a vossa confiança em Ruy Barbosa se me afigura alguma cousa de bem grave. Esse emprestimo, de que falaes, será um desastre pouco honroso, mesmo na hypothese mais que possivel de não se realisar.

Assim, pois, só posso, de hoje em diante, ser um espectador das luctas que arruinam a nossa pobre Patria.

Pensaes que não podemos dispensar os elementos da revolução do Rio Grande, pois que isso se reduziria a prolongar a dolorosa lucta brasileira. Não pensamos em desprezar elemento

algum, muito menos esses aos quaes nos ligam circumstancias de ordem muito elevada. Mas tambem não comprehendemos como possam esses elementos ser afastados pelo facto de continuar a dirigir a guerra, no Estado de Santa Catharina, os que, ahí chegando, sem forças de desembarque, sem armas, sem recursos, dispõem das sympathias de um povo nobre e de um pequeno thesouro, com o qual, satisfazendo em dia os compromissos contrahidos em virtude da guerra e os preexistentes, fornecem armas, munições de guerra e de bocca ás forças vindas do Rio Grande, e têm em operações, além dos exercitos dos generaes Salgado e Gumerindo, tres columnas, pequenas, é verdade, mas não só dispostas, como regularmente armadas.

Ao approximarem-se as forças do Sul, tinhamos :

O major Firmino, instrumento da tyrannia, corrido para fóra do Estado, pela fronteira do Araranguá, ao impulso da columna do bravo Perry. No centro da fronteira (Lages), o activissimo coronel Paulino tomava Passos, inutilisava meios de passagem, podendo contar-se garantido o municipio de Lages, em começo, e mais tarde tendo-se allí forças para atacar. (Boa força allí podiamos ter se podessemos entregar a Paulino as armas que fomos forçados a distribuir com o exercito rio-grandense). Ao norte, o general Piragibe tolhia o passo ao general Argollo.

As situações mudaram á approximação dos exercitos do sul. Duas columnas inimigas das tres armas vieram sobre as nossas fronteiras de Lages e Araranguá. Bem armadas, avançaram, fazendo recuar os nossos auxiliares, mal armados, para o interior do Estado, enfraquecendo mais os nossos elementos de acção.

Com a melhor bõa vontade acolhemos aqui os nossos irmãos de luctas e nada lhes difficultámos. No Sul do Estado, apenas chegando o general Salgado, o general Laurentino, que fôra substituir o nosso valoroso Perry, passou-lhe immediatamente o commando geral, e no centro o mesmo fez Paulino.

Não ficou ahí a acção franca e leal do governo: o general Laurentino, logo que aqui chegou, além de promovido a esse posto para servir na guarda nacional, foi nomeado commandante em chefe desta, para começar a mobilisal-a.

Salgado, promovido a general de brigada, foi investido do commando geral de todas as forças de terra em operações.

Em um Estado que se acha em revolta contra o Centro, e com um governo que tem como unica missão a guerra contra a tyrannia, não creio que haja commissões mais importantes do que essas.

Ora, sendo nomeados pessoas da maior adherencia ao dr. Gaspar Martins, é estranho que se diga, a não ser por má fé, que só nomeamos «demetristas» e «comtistas», que não conheço aqui.

E' exacto que sou elemento suspeito a toda politicagem que não tenha como lemma—SUBORDINAÇÃO A' MORAL.

E tão convencido estou disso, que, ao approximarem-se as

forças do exercito revolucionario do sul, pedi uma conferencia ao chefe Lorena e ao ministro Mourão, á qual compareceu o general Laurentino, e mostrei-lhes que já não convinha a minha continuação no governo.

— Até aqui, disse-lhes eu, a nossa acção teve inteira unidade, em virtude do que dispunhamos; de agora em diante, as cousas tomaram outra feição. Quaesquer que fossem os nossos esforços, as circumstancias collocarão a desconfiança acima da nossa obra.

Eu não podia inspirar confiança á gente de Gaspar, e tanto bastaria para que a acção fosse sem unidade e, portanto, prejudicial á revolução.

Protestos dos nossos camaradas fizeram-me comprehender que elles, mal apreciando os meus poucadissimos prestimos, não dispensavam os meus serviços. Razões de ordem social, que expuz, mesmo invocando as conveniencias revolucionarias, não foram sufficientes para convencel-os. Terminei por ficar vencido, pensando que talvez não tivessem muita razão nos meus receios. Acabo, porém, de ter a confirmação de que o meu modo de vêr era justo e que errei condescendendo.

Despedindo-me, pois, da Revolução, levo um sentimento: é o de deixar no campo, nessa lucta que julgo sem resultados uteis, tantos amigos dedicados á causa publica, cheios de valor e nobreza.

Assim como não me era dado cruzar os braços quando me parecia que do nosso sacrificio podia resultar a salvação publica, tambem agora, que julgo a Revolução desviada, não sou livre em me collocar. Tenho posição obrigada pelos meus deveres civicos. Sou forçado a desligar-me da Revolução. E o faço com a mesma firmeza com que para ella entrei, porém mais cheio de apprehensões dolorosas!

Se me fosse dado fazer votos pelo triumpho da Revolução alegre pensaria na victoria de tantos caracteres respeitaveis e distinctos que nella estão envolvidos.

Admirador da vossa intrepidez, vosso camarada particular, fico ás vossas ordens, como criado, obrigado—*Annibal Eloy Cardoso*.

Carta do 1.^o tenente J. C. Mourão dos Santos
ao alm. Mello sobre o
governo provisorio em Santa Catharina

C)—Ao illustre amigo e sr. almirante Custodio José de Mello —Accidentalmente collocado na posição de membro do governo provisorio da Republica, aqui estabelecido, tendo-se-me offerecido ensejo de tomar conhecimento da carta que dirigistes ao sr. capitão de mar e guerra Lorena, chefe do mesmo governo, julgo dever com a maxima lealdade explicar-vos, ainda que succintamente, a situação em que nos achamos, sua origem e meios

mais adequados, em minha opinião, de resolver as dificuldades presentes e futuras.

Antes, porém, cabe-me assegurar-vos que jámais alimentei nem alimento a minima velleidade de governo, nem tambem preocupações philosophicas desta ou daquella escola, procurando sempre a congregação de todos os elementos que tendam ao mesmo desideratum immediato—queda do actual vice-presidente marechal Floriano Peixoto principal obstaculo á marcha constitucional do nosso paiz.

Neste intuito tenho procurado auxiliar-vos e a todos os nossos camaradas empenhados na lucta sem medir sacrificios de toda a casta.

Se acceitei o encargo que me foi confiado pelo sr. chefe Lorena, fil-o conscio de que era isso uma necessidade de occasião por me achar collocado para com o governo e população do Estado n'uma posição sympathica, creada pela sua benevolencia na apreciação de acontecimentos anteriores aqui occorridos e nos quaes coube-me uma pequena parte, e nos attinentes ao presente movimento revolucionario.

Feitas estas ligeiras observações de character pessoal, é verdade, porém necessarias para bem historiar e definir o objectivo principal, já alludido, das presentes linhas, passo a della occupar-me.

De posse a esquadra desta capital, onde seus membros foram recebidos de braços abertos por quasi toda a população e pelo governo, apresentou-se immediatamente a todos os espiritos a necessidade imprescindivel da formação de um governo destinado não só a dirigir a organização urgente de elementos de defesa do territorio do Estado, como tambem para tratar de no estrangeiro conseguir-se a belligerancia.

A primeira solução a este problema apresentado pelo dr. Barros Cassal, então presente, foi a do estabelecimento de uma junta governativa da qual fizesse parte o dr. Gaspar Martins, solução que não foi levada a effeito por falta de telegrapho que permittisse consultal-o a respeito, «logo», como as circumstancias o exigiam.

Uma vez que por motivo de tão alta valia na occasião, qual o resultado da perda de tempo, não podia um representante da revolução riograndense ser incluído na organização projectada, outro alvitre não havia senão o da entrega do governo unicamente ao chefe Lorena, vosso delegado aqui: dahi a actual situação, situação que sem violencia e não obstante a escassez de recursos pecuniarios, tem tentado e conseguido encaminhar, folgo em dizel-o, a maior somma de actividade para o fim commum.

Apezar de pensarmos dever o governo, que pelas condições e fins em que foi estabelecido antes merecia a qualificação de «comissão de guerra», ser composto do menor numero possivel de membros para mais facilidade e harmonia e resoluções collectivas urgentes, como as que exigem as questões que a todo

momento se apresentam, desejando demonstrarmos não nos animar a menor tendencia exclusivista de individualidade ou principios, por diversas vezes cogitamos de assimilar-lhe outros elementos, como os que indicastes em vossa carta, completando-o, porém, e não transformando-o como governo.

Neste sentido mesmo o chefe Lorena entendeu-se com o general Salgado, quando aqui presente, pedindo-lhe a indicação de alguém, que representando os principios do dr. Gaspar, tivesse as precisas condições para a administração de uma pasta.

O general declarou não haver aqui rio-grandense algum em taes condições de modo que fomos obrigados a adiar mais esta demonstração do nosso modo de ver.

Muito propositalmente acabo de empregar os termos de mais esta demonstração—pois com effeito temos entregado, incorrendo em pequenas censuras por parte dos filhos do Estado, ao proprio Silveira Martins e aos seus amigos as missões as mais delicadas e importantes, como sejam as de nosso representante em Montevideo e os commandos em chefe do exercito e da Guarda nacional.

Para o segundo desses cargos, cumpre notar ainda, havia antes da chegada de Salgado sido convidado um outro amigo do dr. Gaspar, o marechal Gama d'Eça, que por motivo de saude não pôde acceital-o.

A questão da entrada de um representante catharinense, tambem resolvida nos mesmos termos do precedente, e a ella intimamente ligada para manutenção do equilibrio politico entre o Estado iniciador do movimento revolucionario e o que serve de base ás nossas operações, ficou da mesma forma adiada até que se offerecesse oportunidade de satisfazer a ambas simultaneamente.

Neste particular duas observações me parecem cabiveis, uma acerca da posição do actual governo do Estado para conosco, outra acerca da escolha da pessoa que fizestes afim de preencher a lacuna concernente ao mesmo Estado no governo provisorio.

Aquella sendo a da mais intima, franca, leal e patriótica colaboração ao governo provisorio, dispensaria a entrada de qualquer outro representante do Estado para seu seio, se novo elemento do Rio Grande não viesse juntar-se aos já ennumerados.

Quanto á outra, isto é, a escolha da pessoa que fizestes para o completo da junta, oriunda, segundo creio, da apreciação que a distancia fazeis dos acontecimentos, longe de nos vir prestar poderosos concursos, seria de effeito negativo, apezar de nosso dedicado amigo.

Para corroborar o que digo basta citar-vos o facto de haver elle logo após a occupação do Estado pela divisão expedicionaria reassumido o governo do mesmo Estado e nesse posto apenas conservar-se dois ou tres dias por falta de apoio da maioria dos proprios amigos.

Relativamente aos inconvenientes resultantes da transformação completa que determinastes, parece-me desnecessario insistir depois da exposição fiel que acabo de fazer; basta-me somente salientar o desgosto e afastamento certos que semelhante transformação acarretaria por parte do governo e do publico do Estado, e bem assim a completa desorganização da marcha que as operações militares têm tido até hoje.

Terminando as ponderações, feitas unicamente com o intuito de não ver a gloriosa revolução, de que sois chefe, embaraçada em sua marcha, e nunca com a pretensão de vos dar conselhos, devo declarar-vos que aguardo ansioso a vossa chegada para em qualquer outro posto auxiliar-vos no limite de minhas forças. — *João Carlos Mourão dos Santos.*

Doc. n. 105—*Ordem do dia do com. em chefe do
corpo do Exercito
provisorio, organisando o mesmo corpo.*

Ordem do dia n. 1—Quartel General do Commando em Chefe do Corpo do Exercito Provisorio em operação no Estado de Santa Catharina, em 21 de Outubro de 1893.

Para conhecimento da guarnição faço publico, que, por decreto de hoje datado, fui nomeado commandante em chefe do corpo do Exercito Provisorio, em organização que deve operar neste Estado, conforme me foi communicado por aviso do Ministerio da Guerra de hoje datado, cargo este que hoje assumo.

Outrosim.

De conformidade com o decreto numero 8 de hoje, organiso neste Estado um corpo do exercito com a denominação de: «Corpo do Exercito Provisorio» afim de operar neste territorio e do qual farão parte todas as forças armadas aqui existentes, segundo o plano abaixo transcripto.

Art. 1.º E' nesta data creado um corpo de Exercito Provisorio que operará no Estado de Santa Catharina.

Art. 2.º A sua organização constará de:

§ 1º Duas Divisões comprehendendo cada uma dellas: 2 Brigadas com 4 corpos de infantaria, 1 de Artilharia e 1 de cavallaria com os respectivos Estados Maiores.

§ 2º Cada corpo de Infantaria terá um effectivo de duzentas praças com 4 companhias.

§ 3º Cada Corpo de Artilharia compor-se-ha de 2 baterias.

§ 4.º Cada corpo de Cavallaria terá o effectivo de cem praças em 2 esquadrões.

§ 5.º Os quadros do pessoal serão preenchidos com voluntarios.

§ 6.º Os Estados Maiores compor-se-hão de :

Corpo de Exercito : 1 Commandante em chefe, 1 Secretario, 2 Ajudantes de Ordens, 1 de Campo ;

Divisão — Commandante, 1 Secretario, e 2 Ajudantes de ordens ;

Brigada — 1 Commandante, 1 Secretario 1 Ajudante de ordens ;

Corpo ou Batalhão — 1 Commandante, um Fiscal, 1 Secretario, 1 Ajudante e 1 Quartel-Mestre.

O General *Antonio Carlos da Silva Piragibe*, Commandante em Chefe.

Doc. n. 106—*Proclamação do governo provisório de S.^{ta} Catharina*

AOS NOSSOS CONCIDADÃOS—As revoluções do Rio Grande do Sul, da esquadra nacional e deste Estado de Santa Catharina nasceram da inadiavel necessidade de restabelecer o imperio da lei, a ordem e a paz da Republica.

A essa unidade de pensamento devia corresponder a unidade de acção, sob pena de não conseguir-se aquelle *desideratum*. Por outro lado, a necessidade de agirem de commum accordo determinou os chefes dessas revoluções a formarem um governo provisório, que ficou composto dos abaixo assignados e tendo a sua séde nesta capital.

Constituido este indispensavel instrumento de governo e dispondo a revolução de grandes meios de acção, o seu triumpho é simplesmente uma questão de tempo.

Nestas condições, nós vos exhortamos a unir os vossos aos nossos esforços, afim de que esse triumpho tenha lugar o mais promptamente possivel.—*Frederico Guilherme Lorena*—*Manuel Joaquim Machado* (presidente do Estado de Santa-Catharina).—(O nome do terceiro membro).—Desterro, em... de Outubro de 1893.

Doc. n. 107—*Telegr. do ministro da marinha do governo provisório de S.^{ta} Catharina ao mar. Floriano Peixoto*

«Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil.—Secretaria de Estado dos Negocios da Justiça e Interior, Desterro, 19 de Outubro de 1893.—Rio.—Para vossa sciencia communico-vos que neste glorioso Estado se acha desde 14 do corrente estabelecido o Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, destinado a defeza da Constituição e

Leis da Republica contra a tyrannia do Vice-Presidente, que, em nome da mesma Constituição, subiu ao poder em 23 de Novembro de 1893.

O mesmo Governo está constituido da seguinte forma: Chefe, capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena; Ministro da Guerra e interino da Fazenda e Exteriores, tenente Annibal Eloy Cardoso, e Marinha e interinamente Viação e Justiça o abaixo assignado.

Como vedes todos desertores, porém não das fileiras da honra e do brio.

População em sua totalidade em verdadeiro delirio lucta por pegar em armas em defeza de sua liberdade e para palmo a palmo conquistal-a em todo territorio brasileiro.

Em contrario ás inverdades que pelo telegrapho espiritos perversos teem propalado para o paiz e estrangeiro, vapor «Uranus» acaba aqui chegar, trazendo seu bordo generaes Piragibe e Ouriques Jacques, tenente-coronel Bandeira e muitos companheiros.

A inexpugnavel barra do Rio de Janeiro tem dado passagem «Republica», «Pallas», «Marcilio Dias», «Metéoro», «Uranus» e dará a todos que, animados fogo sagrado patriotismo, dispuzerem-se a transpol-a mesmo em canôa.

A victoria difinitiva de tão elevada causa, quando servida como agora por homens dispostos a tudo sacrificar, até a vida, não pôde ser posta em duvida.

Ficai certo que a Patria ha de forçosamente sacudir os grilhões desta outra escravidão ainda mais aviltante que a extincta a 13 de Maio de 1888. Saúdo-vos.—(Assignado) *João Carlos Mourão dos Santos*, Ministro interino do Interior do Governo Provisorio da Republica.

=====
 Docs. n. 108—*Correspondencia entre o cor. Salgado e o vice-pres. de S.^{ta} Catharina*

Δ)—«Commando em chefe do Exercito Libertador.—Rio-Grande do Sul, Lagôa Vermelha, 17 de outubro de 1893.—Ao exm. sr. governador do Estado de Santa Catharina.—Sciente de que v. ex. assumio o governo do Estado, em accôrdo perfeito com a revolução levantada e sustentada contra os tyrannos Julio de Castilhos e Floriano Peixoto, e achando-me com o meu Exercito em marcha sempre triumphante para o municipio da Vaccaria, entendi de toda a vantagem para a causa da Patria commum, dirigir este a v. ex., com o fim de colher noticias certas e veridicas dos successos havidos, ao mesmo tempo scientificar-me se ha ou não necessidade ou vantagem de fazer entrar forças de meu commando no Estado de Santa Catharina, para o fim de apressar a victoria geral que se me afigura certa.

Nesse intuito, espero que v. ex., com a urgencia que o caso exige, me informará de tudo. Julgo de necessidade que v. ex. conferencie com o chefe da armada, ou de qualquer navio de guerra revoltado, communicando-lhe a approximação do exercito libertador. Cheguei ao ponto d'onde me dirijo a v. ex. derrotando completamente o inimigo, que se achava emboscado nos mattos Castelhana e Portuguez e que, depois de alguma resistencia, fugio em debandada. Ancioso espero a resposta de v. ex. a quem saúdo.—*Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado.*»

B)—«Ao coronel Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado, commandante em chefe do exercito libertador do Rio Grande do Sul, na Lagôa Vermelha.—Palacio do governo, 26 de outubro de 1893.—Com summa satisfação recebi o vosso officio de 17 do corrente, no qual communicaes achar-vos com o exercito sob o vosso commando em marcha sempre triumphante para o municipio de Vaccaria, procurando salvar a causa da liberdade contra os tyrannos Julio de Castilhos e Floriano Peixoto, assim como scientificaes-me que estaes prompto a entrar no territorio deste Estado, se assim este governo julgar conveniente, para apressar a victoria da causa pela qual nos achamos empenhados.

Em resposta, cabe-me dizer-vos que o governo provisorio da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, estabelecido em data de 14 do corrente, é assim composto: «chefe capitão de mar e guerra Frederico Guilherme de Lorena; ministro da Marinha, encarregado interinamente dos negocios da Justiça e Interior, Industria, Viação e Obras Publicas, o 1.º tenente João Carlos Mourão dos Santos; ministro da Guerra, encarregado interinamente dos Negocios da Fazenda e Interior, dr. Annibal Eloy Cardoso.

Com elle estou de perfeito accôrdo pelos patrioticos sentimentos de que está possuido, dei-lhe sciencia do vosso dito officio, afim de que delibere como julgar conveniente.

Pelos jornaes inclusos vereis o que aqui tem occorrido depois que os navios da Esquadra Libertadora chegaram a este porto, onde foram recebidos pela população com o mais vivo prazer.

Cabe-me mais dizer-vos que o territorio deste Estado está franco a receber todos aquelles que commungarem as nossas idéas.

Saude e fraternidade.—*Christovão Nunes Pires.*

Doc. n. 109—*Ordem do dia das tropas legalistas sobre a invasão de S.^{ta} Catharina*

«Commando da 1.^a brigada de linha, acampamento em marcha no Belchior, Estado de Santa Catharina, 16 de Dezembro de 1893.—Ordem do dia n. 5.—Para conhecimento dos corpos

publico a parte que fiz chegar ao conhecimento do cidadão general commandante desta divisão com relação aos ultimos acontecimentos:

Commando da 1ª brigada de linha, acampamento junto á cidade de Itajahy, á margem direita do rio Itajahy-Mirim, 11 de Dezembro de 1893.—Ao illustre e bravo cidadão general de brigada Francisco Rodrigues Lima, digno commandante da divisão do norte do Estado do Rio Grande do Sul, em operações neste Estado de Santa Catharina.

Parte. —Venho, como é de meu dever, participar-vos as occurrencias que se deram nos ultimos dias. Em marchas forçadas e successivas continuou a divisão suas operações da villa de Blumenau, tendo como vanguarda a brigada sob meu commando, até que na manhã de 8 enfrentou com o inimigo, que, destruindo a grande ponte, obra prima e de grande valor, que existia no Rio Conceição e dava passagem daquella villa á cidade de Itajahy, achava-se na margem direita entrincheirado e artilhado, disputando a passagem de nossas forças, que soffreram desde logo terrivel bombardeamento. A's 12 horas da noite do referido dia 8 continuamos as nossas operações, afim de, como acertadamente resolvestes contornarmos o inimigo por seu flanco esquerdo. O inimigo, prevendo de antemão semelhante movimento, havia tambem destruido uma outra ponte, collocada sobre o ribeirão Canhanduva, afluente do rio Conceição, e por onde tinhamos de passar, achando-se tambem entrincheirado e artilhado; de maneira que resolvestes contornal-o novamente, atravessando altos serros, afim de sahirnos em sua retaguarda, o que foi levado a effeito com toda a pericia, não servindo de menor obstaculo as difficuldades quasi que insuperaveis que encontramos, e isto devido sem duvida a vos achardes á frente da força, guiando-a com aquella coragem, intrepidez e resolução que vos são peculiares; assim é que na manhã de hontem, tendo levado a effeito o nosso desideratum, achamo-nos de posse daquellas importantes posições, abandonadas pelo inimigo, que, segundo parece, havia presentido vosso gigantesco plano.

Emquanto as forças, em entusiasticos applausos e vivas á Republica, ao marechal Floriano Peixoto e a esta divisão, chegavam aos logares abandonados pelo inimigo, determinei ao 9º batalhão provisorio que, seguindo a estrada por onde havia fugido o inimigo tomasse a vanguarda e posição conveniente. Aquelle corpo, tendo a frente seu distincto e bravo commandante, tenente-coronel Joaquim da Silveira, cumprindo aquella ordem, teve desde logo de engajar combate com o inimigo, que, emboscado em diversas casas, valados, picadas e mattos, formando assim sua posição uma verdadeira garganta inexpugnável, nos esperava com a sua artilharia, fazendo com ella e infantaria vivissimo fogo; pelo que ordenei que os batalhões 13º e 30º de infantaria seguissem em auxilio daquelle corpo e se engajassem na luta, o que foi brilhantemente cum-

prido por seus bravos e destemidos commandantes, capitães Jayme da Silva Telles e João Pedro do Rosario.

Aquelles tres corpos lutaram bravamente, repellindo com heroismo tremendo fogo dirigido pelo inimigo até ás 7 horas da noite, em que fôra esta brigada substituida na linha de fogo pela 3^a, sob o commando do bravo e patriótico coronel Antonio Pedro Caminha.

Superfluo seria continuar a dizer-vos o modo por que procederam aquelles batalhões, pois sois testemunha ocular do quanto elles primam em bravura, amor á Republica e lealdade no cumprimento de deveres.

O inimigo, que parecia tão forte e disposto comnosco a lutar, teve de mais uma vez abandonar suas posições, continuando a fugir, e covarde e precipitadamente embarcar-se em navios que de antemão os aguardavam, seguindo barra fóra, pois hoje pela manhã suas posições foram encontradas completamente abandonadas.

Como trophéo de guerra temos em nosso poder bastante armamento, munição de diversas especies, fardamento do que usa como uniforme a marinhagem da armada nacional, arreiaamentos, etc., etc.

Apresentando-vos em original as inclusas partes dos respectivos commandantes dos corpos, torno meus os elogios por elles feitos aos seus commandados.

Durante o combate tivemos que lastimar a morte do alferes do 30^o batalhão de infantaria Antonio Alves de Oliveira e de 5 praças, assim como os ferimentos do capitão do 9^o batalhão provisório Pedro Ghem, alferes do 30^o batalhão de infantaria José Coelho Maciel, 15 praças e mais 2 contusas, como tudo vereis das relações que acompanham as referidas partes.

O inditoso alferes Alves, gloriosamente morreu em seu posto de honra, portando-se, como sempre, com muita bravura; assim tambem o capitão Ghem e o alferes Maciel, heroicamente feridos, lutando quasi braço a braço com o inimigo. Cumpro o dever sagrado de vos recommendar os commandantes dos corpos 9^o provisório, 13^o e 30^o batalhões de infantaria, tenente-coronel Theodoro Joaquim da Silveira, capitão Jayme da Silva Telles, e João Pedro do Rosario, major fiscal daquelle corpo Sebastião Machado, pela bravura e sangue frio que mais uma vez demonstraram em todo o combate e acertadas providencias que tomaram no sentido de repellir os fogos do inimigo, desalojando-o de suas posições.

Tambem são dignos de louvor pela bravura e coragem que demonstraram no commando das avançadas o tenente Affonso Miranda e alferes Luiz Soares de Mendonça e Paulo Emilio da Silva Souto, os quaes intemeratamente avançaram até quasi junto ás linhas inimigas, sendo que o tenente achava-se como subalterno da linha avançada sob o commando do bravo e destemido capitão Pedro Ghem.

Louvo tambem pela coragem e sangue frio que demonstraram todos os demais officiaes e praças de que tratam os commandantes em suas supracitadas partes. Não posso deixar de recommendar o alferes Sebastião José Amado, assistente junto a esta brigada, pela coragem e sangue frio que demonstrou em todo o combate e acerto com que transmittiu todas as minhas ordens.

Assim tambem torna-se digno de louvor o capitão da guarda nacional Pedro José Leite Junior, que servindo junto ao estado-maior do commando da 3.^a brigada, se me apresentou no mais renhido do combate, voluntariamente, para trasmittir minhas ordens, o que fez com sangue frio e coragem.

Ao concluir, congratulo-me comvosco por mais esse brilhante feito d'armas levado a execução pela divisão do norte, verdadeiro sustentaculo da Republica e que tem a felicidade de ter-vos á sua frente como seu bravo e audaz commandante. Viva, pois, a Republica, o seu inclito marechal presidente, a divisão do norte e os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catharina!—*Antonio Tupy Ferreira Caldas*, major commandante.

=====
 Docs. n. 110—*Telegrs. dirigidos ao alm. Mello
 pelo gen. Oliveira Salgado*

A)—Almirante Mello—Curityba—Respondo vosso telegramma de hontem, convidando-me a ir operar S. Paulo. Convencido como me acho de que presentemente, e só, não posso levar a effeito o plano de operações que tinha em vista sobre o Rio Grande, consequencia falta elementos bellicos, dispondo enfrentar fortes columnas inimigas, detem-se municipios e diferentes pontos, pelos quaes teria de encaminhar plano traçado; não estou fóra a acceder vosso convite, tanto mais quando appellais meu patriotismo; e mesmo porque como revolucionario não devo, nem me é lícito momento actual ficar inactivo. Entretanto, vos observo que a columna de Pinheiro Machado e Lima, com a qual travei combates e guerilhas dias 13, 15 e 28 passado; 1, 2 e 3 corrente, tres armas e cerca tres mil homens, acha-se actualmente municipio S. Joaquim, onde mandei observar seus movimentos. A de Thomaz Flôres, ao norte Rio Grande, municipio Vaccaria, de 1.200 homens, tambem tres armas, até dia 3 sobre Rio Tainhas, e que a de Arthur Oscar, 1.300 homens, continúa em Torres. Por emquanto não posso precisar objectivo ou plano que obdecem, mas presumo que com tão fortes elementos tratão formar junção:—Flores com Pinheiro em Lages e operar sobre Paraná, tomando retaguarda forças invadirem S. Paulo, emquanto Oscar mantem sua posição Torres, garantindo-

lhes retirada qualquer emergencia. Em taes condições não seria de melhor tactica, e mais reaes vantagens batê-los de preferencia e em seguida invadir S. Paulo, evitando-se d'esta arte que as referidas columnas tambem possam convergir sobre o exercito de Tavares e embaçar suas operações ou mesmo inflingir-lhe derrota? o exito desta ultima operação não seria mais seguro e garantido. Deixando, pois, ao vosso julgamento o que levo dito, aguardo contestação para minha definitiva resolução.—*Salgado*—Tubarão, 7 de Março de 1894.

B)—Almirante Mello—Paranaguá.—Lamento profundamente acontecimento operações sobre o Rio Grande ha muito se devia ter realizado evitar embaraços seguramente teremos encontrar e porque talvez tivéssemos podido evitar desastre acaba enfraquecer revolução. Podeis mandar navios receber exercito desde que não occetiais planos vos vou appresentar. Entendo de melhor alvitre forças dividirem-se em duas columnas—as desse Estado marcharão direcção Lages a fazerem junção com as minhas mesmo município, onde trocaremos plano operação. Para isso necessito me mandeis mais quinhentos homens, de preferencia, praças de linha, uma metralhadora 25, mais um canhão Krupp e munições e tambem munições de infantaria e para as metralhadoras 25 e 11. Maiores vantagens, melhor tactica marcharem todas as forças por aqui direcção Torres tomarmos capital. Inimigo nesses pontos fraco, facil derrota. Forças podem marchar a pé, levando munições em cargueiros. Basta mandardes 200 mullas. Marcha por ahí difficil, longa talvez prejudicial operações. Rio Grande, Estrada até Porto Alegre boa. Esquadra caso vertente ameaçará cidade Rio Grande desde que não possa fazer entrada barra.—*Laguna, 20—3—94—Salgado.*

C)—Almirante Mello—Paraná.—Estou de pleno accôrdo desembarque minhas forças de Laurentino cidade Rio Grande, porque, tendo eu alli amigos, muito poderei delles conseguir para plano levo em vista. Acho, porem grave erro tactico mesmo sem explicação marcha Gumercindo Paraná a sahir Rio Grande não sei que ponto. Se tem algum plano, este em nada absolutamente auxilia o que temos em vista tomada cidade Rio Grande, Pelotas, etc., nem consulta objectivo revolução. Ao contrario, póde determinar mallogro, porque forças Arthur, Flôres e Pinheiro, sem ter quem lhes embarace o passo marcharão certamente Porto-Alegre e Rio Grande, o que sem duvida será fatal forças de desembarque. Repito marcha Paraná sobremodo prejudicial á revolução, pela longa demora chegar, ponto onde são prestar apoio nossas operações. Qual objectivo leva? Que forças pretende elle bater em seu trajecto? Por que ponto vai fazer entrada Rio Grande? Com quem vou operar e qual a columna pretende dar apoio? Por que não marcha elle sobre Torres onde se acha Oscar ou sobre Villa Velha e Lagôa Vermelha, onde está

Pinheiro Machado? Não tem elle forças superiores tres mil homens perfeitamente armadas e municiaidas? Se pretende fazer junção com Tavares, ou proteger suas operações, quando isto terá lugar devido distancia immensa que tem a percorrer? Assim pensando, entendo que V. Ex. deve dissuadi-lo desse proposito encaminhando-o a que marche sobre Torres, Vaccaria ou Lagôa Vermelha, sendo que a marcha sobre estes dous ultimos pontos pôde ter lugar mesmo do Paraná. Cumprido como fica o meu dever, peço mandardes receber exercito quanto antes seguir Rio Grande dar desembarque cidade.—*Salgado*.—Laguna, 22 de Março de 1894.

D)—Almirante Mello—Desterro—Armamento mandastes completamente enferrujado quasi imprestavel. Ahi ha armamento Comblain distribuido Guarda Nacional e patriotas que não vão operar. Como pois, com armas taes, exigir-se em combate o cumprimento do dever militar!? Agora mesmo acabo saber que o coronel Becker foi retirado deste exercito e mandado commandar artilharia que se acha. Parece continúa o proposito de querer-se não sei com que fim, tirar-se exercito elementos de acção. Peço pois, providencias a respeito, isto é, para que as inuteis, e desprezadas armas Chassepot antigo systema, algumas quebradas e em absoluto enferrujadas sejam substituidas por outras e para que coronel Becker volte occupar seu cargo neste exercito.—*Salgado*.—Imbituba, 1 de Março de 1894.

Doc. n. 111—*Officio do ministro da guerra do governo provisorio ao chefe da revolta relatando-lhe o estado da divisão expedicionaria*

« Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil—Secretaria de Estado dos negocios da marinha, Desterro, 6 de novembro de 1893.—N. 4. — Ao sr. contra-almirante Custodio José de Mello, commandante-chefe da esquadra nacional.—Para que possais avaliar a necessidade da divisão da esquadra nacional destacada em operações nos portos do Estado de Santa Catharina e vos dignardes satisfazel-as com os recursos ao vosso alcance, passo a relatar-vos o seu estado presente.

A referida divisão compõe-se do cruzador *Republica* e vapores *Iris*, *Metéoro*, *Uranus*, *Itapemirim*, *Angra dos Reis* e torpedeira *Marcilio Dias*.

O *Republica* em boas condições de defesa e ataque, salvo a necessidade de ligeiros accessorios, para a confecção e aquisição dos quaes estão dadas as precisas providencias, apenas carece para ser melhor utilizado de torpedos Whithweed.

Este cruzador acha-se guardando a barra do norte do porto desta capital contra qualquer aggressão que por ventura possa

surgir de um momento para outro, agressão de temer e que resultados gravíssimos para a nossa causa pode acarretar se levada a effeito com vantagem, quer pelo lado material quer pelo moral.

A importancia desse cruzador, unico navio de guerra de que aqui dispomos, não preciso encarecer-vos: basta dizer-vos que de sua conservação, a meu vêr, depende principalmente a continuação da posse deste Estado, a melhor base de operações para a esquadra e forças revolucionarias.

Os vapores *Iris*, *Meteóro* e *Uranus*, incapazes actualmente de moverem-se passam pelos reparos necessarios e dentro em cinco ou seis dias devem estar promptos tanto quanto os meios ao nosso alcance o permitem.

As avarias soffridas por elles são as seguintes:

Iris, o melhor de todos, um dos eixos partidos.

Meteóro, bronzes e valvulas diversas inutilizadas.

Uranus, uma caldeira completamente imprestavel, rombos diversos no costado e chaminé, além de outras avarias de menor importancia, todas recebidas por occasião da passagem da barra do Rio de Janeiro. Conforme deixei acima declarado taes avarias estão em via de serem remediadas, de modo a permitirem o aproveitamento dos navios, sem entretanto ser possível com elles contar-se como primitivamente.

O *Itapemirim*, navio do Lloyd, empregado na navegação entre os portos do Estado, anteriormente ao movimento revolucionario, armado com um canhão de tiro rapido, e em boas condições, tem estado empregado nas operações do sul, achando-se agora em Araranguá.

O *Angra dos Reis* quasi serviço algum presta pela sua insignificante marcha (cinco milhas em boas condições).

A torpedeira *Marcilio Dias*, que aqui entrou a reboque do *Iris* com as caldeiras em pessimas condições, ainda mesmo quando ellas reparadas da melhor forma possível, de pouco servirá pela carencia absoluta de torpedos que permittam utilisal-a como elemento de ataque.

Além desses vapores, dispunhamos mais do *Pallas*, que, infelizmente, perdeu-se completamente no pontal da barra de Itajahy salvando-se entretanto o pessoal e a artilharia. (*)

(*) Com relação ao sossobro deste frigorifico foram publicados os seguintes telegrammas:

« Cópia. — Telegramma. — Urgente. — Coritiba, 8 de novembro de 1893. — Ao coronel José Jardim. — Santos. — Acabamos ter certeza naufragio do *Pallas* barra Itajahy salvando-se todo pessoal. Não ha força alguma dos revoltosos em Joinville, pois a pouca que alli havia foi no *Republica* para Desterro segundo presume-se. — Saudações. — Assignado, Vicente Machado, governador.»

« Cópia. — Telegramma. — Paranaguá, 8 de novembro de 1893. — Coronel Jardim. — Santos. — Pelo mestre hiate Baptista, agora mesmo che-

Ainda mesmo quando promptificados todos os alludidos vapores, difficilmente poderemos tentar, apesar de resolvidos isso mesmo assim, a operação que temos em vista e que é a tomada do Paraná, pela acção combinada de forças de terra e mar, com receio de desguarnecer este porto, sob a ameaça de um ataque do *Tiradentes* que para esse fim prepara-se em Montevideo, juntamente com os vapores *Santos* e *Desterro*.

Além disso é imprescindível um navio em S. Francisco de protecção ás forças da fronteira do norte, e um outro pelo menos para cruzar entre Santos e Paranaguá, de modo a impedir a passagem daquelle porto para este de forças, armamento, etc.

D'ahi a necessidade de augmentar-se a divisão com tres ou quatro navios mais bem artilhados entre os quaes o *Laguna* sob a direcção do seu proprio commandante; ou outro do mesmo typo, apropriado á navegação entre os portos do Estado.

O *Javary* segundo penso, ainda que impossibilitado de locomoção, seria de vantagem como poderosa bateria fluctuante para defesa da barra do norte, permittindo então a liberdade do emprego do *Republica*.

As fortalezas completamente desguarnecidas, pois em tanto importa a artilharia obsoleta de que dispõem, reclamam canhões sufficientes e adequados de que talvez ahí possaes dispôr.

Para esse fim occorre-me a lembrança os de calibre 70, que entenceram á *Nietheroy*.

Sobre a barra do sul defensavel mediante o emprego de poucas minas submarinas, que em grande quantidade devem existir na Armação, estão tomadas as providencias para inutilisar-lhe a entrada, em momento opportuno, providencias falliveis é verdade, porém as unicas compatíveis com os escassos elementos de que dispomos.

A totalidade dos soldados navaes que vieram nos navios da divisão e parte dos marinheiros nacionaes dispensaveis para guarnecer-se os mesmos navios, constituindo um corpo provisório que ahí organisamos com o concurso de alguns voluntarios, sob a denominação de «batalhão de marinha», com aquartelamento nesta capital, opera presentemente com o corpo policial do Estado, um batalhão patriotico e praças de linha da an-

gado S. Francisco, soubemos que o *Pallas*, tentando principios corrente mez entrar noite barra Itajahy, bateu pedra e tal rombo soffreu que o fez sosobrar; salvou-se seu pessoal, dizendo mesmo informante que mór parte tem fugido diversas direcções—Que de Itajahy e S. Francisco retiraram para Desterro toda força que alli tinham achando-se assim estes dois pontos completamente desguarnecidos. População estes pontos e Joinville indignadas contra marinheiros revoltosos, que quando ahí passaram commetteram toda sorte de violencias e attentados. Saúdo V. Ex.—(Assignado) Alferes *Aristides Villas Boas*.—Conforme os originaes, José Baptista de Azevedo Marques, major secretario.»

tiga guarnição ; parte no Araranguá, sob o commando dos primeiros tenentes Monteiro de Barros e Felinto Perry, e parte em S. Bento sob o commando do primeiro tenente Torelly e segundo tenente Piragibe.

A estas forças juntaram-se voluntarios adquiridos na Laguna e S. Bento.

Além dellas temos em preparo a guarda nacional, mobilizada em diversas comarcas.

A da capital dispõe, aquartelado já, de um batalhão (200 praças) e a de S. José poderá ter em poucos dias 300 a 400 nas mesmas condições.

Em Lages temos 800 homens, falta, porém, armamento de mão, para cuja aquisição no Rio da Prata já foram dadas as precisas providencias.

Não obstante se ahí fôr possível dispordes ainda de algum, bem como de canhões de tiro rapido e metralhadoras, montadas em carretas de campanha, tudo acompanhado das respectivas munições, grande auxilio fornecereis para o bom exito de nossa causa.

Os recursos pecuniarios encontrados na alfandega, cuja renda diminue dia a dia, apenas são sufficientes á manutenção dos diversos ramos da administração e das forças, não dando margem alguma á aquisição do que torna-se imprescindivel.

Um meio, porém, offerece-se na occasião de remediar esse inconveniente, e até mesmo de attender ás necessidades mais urgentes da esquadra sob o vosso commando, enquanto não realizam-se as nossas esperanças de no estrangeiro obter capitaes.

Tal meio é o carregamento para aqui de todos os artigos que não forem necessarios ao consumo da esquadra e que nella existam entre os quaes creio deve ser dada preferencia ao café, afim de exportar-se para o Rio da Prata, conforme em muito diminuta escala acabamos de proceder com o intuito de, sem prejuizo, e antes com vantagem, lá ter alguns pequenos recursos em ouro, para occorrer á despeza com a compra de armas.

Inclusa encontrareis uma relação resumida das nossas mais urgentes necessidades, que julgo haver succintamente justificado. — Saude e fraternidade. — *João Carlos Mourão dos Santos.*

»Relação do material de guerra mais preciso em Santa Catharina :

Torpedos Whithwead para a torpedeira *Marcilio Dias* e cruzador *Republica*.

Minas submarinas com todos os respectivos accessorios como sejam : carga, tubos, escovas, fecha circuitos, baterias electricas, etc.

Canhões para fortalezas, com competentes reparos (os de calibre 70 de Nichteroy estão em condições de serem aproveitados para esse fim).

Tubos para a caldeira da *Marcilio Dias*, que podem ser re-

tirados de uma das outras torpedeiras de alto mar, que porventura não possa mover-se.

Armamento de mão disponível com a respectiva munição.

Munição de carabina Kropatscheck de 8 e 11 mm. e de Westley Richard.

Munições de canhões de tiro rapido Nordenfeldt de calibre 37 e 47 e de Hotekiss calibre 47.

Directoria geral das secretarias de Estado, 8 de Novembro, de 1891.—*Fausto Augusto Werner.*»

Doc. n. 112—Ordem do dia do com.^{te} em chefe da esquadra legal e partes dos com.^{tes} de torpedeiras relativas ao combate do Aquidaban no porto do Desterro

A)—Commando em chefe da esquadra Brasileira em operações de guerra nas costas do Brazil ao Prata e seus afluentes. Bordo do cruzador *Andrada* em 17 de abril de 1894.

Para conhecimento e devida execução na esquadra sob meu commando, faço publico a presente ordem do dia.

Camaradas !

Durante a presente commissão já tive oportunidade de publicamente manifestar a satisfação que tenho de dirigir uma expedição composta de bravos e briosos patriotas que, allian-do ao exacto cumprimento do dever o mais elevado civismo, marcham denodados á conquista dos mais sagrados direitos — a liberdade da Patria e a defesa da Republica. Que obstaculos se podem oppôr ? que barreiras se podem levantar ? para deter a marcha de uma pleiade de bravos que possuem a tenacidade no dever, o valor na acção e o entusiasmo na hora suprema da luta ! Adeptos da mesma idéa e vinculados para a defesa da causa commum avançamos, como um só homem, altivos e resolutos para bater os inimigos da Patria ! os inimigos da Republica. Ao entrarmos no porto, onde se achavam fortificados, provocamol-os a um combate. Elles, porém, abrigados á terra, não tiveram a coragem precisa para avançar e como campeão leal, acceitar a peleja na grande arena da luta — o Oceano — Dispondo de poderosa artilharia, protegidos por uma muralha de aço e cercados por defesas submarinas — tudo podiam tentar — mas faltava-lhes a convicção da idéa, o prestigio da causa, a força moral, e finalmente a coragem, predi-cados esses que transformam os fracos em fortes, os pequenos em grandes e que só possuem aquelles que esposam as grandes causas e que se batem pela conquista das liberdades patrias. E, assim é, que na memoravel data de 16 de abril, após o bombardeio dos navios da esquadra ás fortalezas rebeldes e do vigoroso ataque feito pelas torpedeiras ao encouraçado re-

belde *Aquidaban*, desbaratamos completamente em algumas horas os inimigos da Patria, os inimigos da Republica. Cabe-me, pois, o dever, e com a maior satisfação o faço, de mandar louvar nominalmente a todos os chefes, commandantes, officiaes e praças da armada, do exercito e dos corpos patrioticos pelo valor que deram de exuberantes provas durante a acção. Cumpre-me, todavia, salientar o chefe commandantes, officiaes e guarnição das torpedeiras *Gustavo Sampaio*, *Pedro Affonso* e *Silvado*, que, sob verdadeiras abobadas de fogo e correndo risco imminente de suas proprias vidas, portaram-se com todo o valor e galhardia e muito contribuíram para decidir da sorte do ataque, principalmente o primeiro tenente Altino Flavio de Miranda Corrêa, commandante da torpedeira *Gustavo Sampaio*, cujo torpedo lançado com exito sobre a parte de vante do encouraçado rebelde *Aquidaban*, determinou a perda do mesmo, obrigando a respectiva guarnição composta de 275 homens a abandonal-o. Faço extensivo este louvor, aos commandantes, officiaes e guarnição dos navios da esquadra, encouraçado *Bahia*, cruzador *Parnahyba* e torpedeiras *Tamborim* e *Sabino Vieira*, que, quanto não tomasse parte directa no combate de 16 de abril corrente, todavia pela dedicação, zelo e valor de que deram sempre prova, quando chamados a prestarem serviços, muito contribuíram para a harmonia do conjuncto e para o feliz successo de tão grandioso empreendimento.

Faço tambem menção especial do valioso concurso que me têm prestado os officiaes de meu estado maior e que commigo compartilham dos arduos trabalhos da presente commissão, desde seu inicio no Rio de Janeiro.

Camaradas!

Attingimos o inimigo na parte vital. O encouraçado *Aquidaban* por elles cognominado *Leão de aço*, jaz por terra em nosso poder.

O ultimo baluarte dos rebeldes desmoronou-se com fracasso e arrasta consigo na queda todos os productos hybridos gerados por esse monstro social de duplo nome, denominado *esquadra* e *exercito libertador*.

Remido da culpa pelo baptismo de fogo e para que passe á posteridade tão gloriosa data, determino que o encouraçado *Aquidaban* se denomine d'ora em diante *16 de Abril* data esta que tambem commemora a passagem do exercito brasileiro pelo Passo da Patria.

Dentro em breve gosaremos da tranquillidade do lar e do bem estar que proporcionam a paz e a tranquillidade da Patria, elementos esses indispensaveis a seu progresso e desenvolvimento.

A maior recompensa que podemos almejar, está na gratidão de nossos concidadãos e tambem na satisfação propria da nossa consciencia de bem termos cumprido o nosso dever

como patriotas, não só restabelecendo a paz na Patria, como também robustecendo a união e a amizade que deve existir entre duas classes que tendo o mesmo fim nobre e elevado, qual o de defender a honra e a integridade da Patria, só devem operar e pensar de commum accôrdo para realização do mesmo objectivo.

E' pois, com o maior jubilo e possuido de enthusiasmo que saudando a Patria por tão glorioso feito levanto um viva á legalidade e a Republica.

Jeronymo Francisco Gonçalves, Commandante em chefe.

B)—Bordo da *Gustavo Sampaio*, na bahia de Tijucas, 16 de abril de 1894 — Ao Sr. contra-almirante commandante da esquadra em operações — A' vossa apreciação apresento as partes a mim dirigidas pelos commandantes das torpedeiras sob o meu commando; nellas vereis que demos execução ás ordens recebidas do commando-chefe da esquadra de atacar o couraçado *Aquidaban* a todo o risco, na madrugada de hoje. Em cada uma das partes podeis avaliar o que cada um fez. Pela *Gustavo Sampaio*, navio capitanea, foi elle chocado por um torpedo de bombordo, por baixo da torre de vante, não podendo eu dizer-vos o resultado deste torpedo, julgo, porém, quasi certo que não poderá o *Aquidaban* sair do logar em que se acha, pois sondavamos em sete metros.

Na parte do commandante da *Gustavo Sampaio* vereis os prejuizos que teve; a torpedeira *Silvado* e a *Pedro Affonso* nada soffreram.

Ao concluir a nossa missão forçaram as torpedeiras as passagens dos fortes, fundeando ao signal do almirante.

Saude e fraternidade. — *Gaspar da Silva Rodrigues*, commandante da 2ª divisão.

C)—Bordo da caça-torpedeira *Gustavo Sampaio*, capitanea da divisão de torpedeiras—Enseada de Tijucas, Santa Catharina 16 de Abril de 1894.

Ao Sr. capitão de mar e guerra, commandante da divisão de torpedeiras da esquadra — Passo a dar-vos a parte official do combate travado pelo navio do meu commando com o couraçado rebelde *Aquidaban*, fundeado na barra do norte de Santa Catharina, entre os fortes de Santa Cruz e dos Ratonos, na madrugada de hoje.

A's duas horas e vinte e cinco minutos da manhã reconhecido o signal do navio almirante para dar começo ao ataque investi resolutamente a meio do canal a toda força de vapor, sendo em seguida obrigado a diminuir de marcha para não perder de vista as outras torpedeiras que navegavam pela pôpa, e assim a meia força cortei pelo centro da linha de torpedos, que consta existir entre os fortes de Santa Cruz e Ponta Grossa, continuando a navegar em direcção aos Ratonos, sem se ter dado a menor

explosão. Chegando bastante proximo áquellas ilhas, mandei andar de vagar, em procura do inimigo, que encoberto pela escuridão da noite, até então não dera signal de vida, o que me fez receiar ter elle conseguido escapar-se barra fóra antes de iniciado o bombardeio da esquadra legal. Felizmente, porém, guinando a BE., approximei-me bastante do sacco de S. Miguel a ponto de receiar o pratico não haver bastante agua (pelo que tive de navegar de prumo na mão), fazendo a volta por BE., ainda contra as observações do pratico, conseguindo afinal, depois de momentos de maior anciedade, descobrir já a pequena distancia da prôa o couraçado rebelde que immediatamente rompeu sobre mim vivissimo fogo de metralhadora 25 m/m e dos canhões Armstrongs de 15 c/m dos seus reductos, fogo esse que prohibi que fosse de bordo respondido emquanto não terminasse o ataque de torpedos. Reconhecendo que me achava enfiado pela prôa voltada ao sul, quasi um pouco a BB., para obter lazeira e manobrando com as machinas, consegui fazer ala e largo por BE., de modo a atacal-o com o torpedo de prôa, na normal ao meio de seu casco a BB., a uma distancia estimada em uns 200 metros. Quando, porém feita perfeitamente a visada para as machinas e dou a voz de fogo soube com desgosto que, por confusão, o official desse tubo de torpedos julgára ouvir antes essa voz e como a confirmassem as praças presentes disparára esse torpedo antes que o navio estivesse aproado ao inimigo de modo que foi elle inutilmente perdido.

Tentei guinar a BE para atacal-o com o torpedo de BB, mas receei perdê-lo por estar conteirado para um angulo de 30.º da normal para a prôa e mudando de idéa, carreguei de novo o leme a BB., até montar a popa do inimigo, guinando então a BE., e manobrando com as machinas de modo a prolongar o meu costado de BE., com o seu BB., a tiro de pistola como pessoalmente o presenciastes, e parando ambas as machinas, dei voz de fogo, logo que a linha de mira attingiu o seu centro, tendo havido, porém, uma certa demora na execução da voz, o que produziu naturalmente um certo desvio.

Depois de alguns segundos de indizível anciedade, vi perfeitamente levantar-se uma columna d'agua e como que a proa do couraçado suspender-se, ao mesmo tempo que cessava o terrível e bem nutrido fogo que sobre mim fazia desde que descobriu-me.

Julgando minha tarefa concluida, não querendo arriscar-me a perder mais um dos tres torpedos unicos que tenho, e desejando deixar ás outras torpedeiras a gloria de concluirem a obra, rezolvi fazer a retirada e carregando o leme a BB, forcei a todo o vapor a linha de torpedos e fui reunir-me á esquadra.

Só no momento de retirar foi que dei ordem de fazer fogo com a artilharia, sendo esta ordem recebida com o maior entusiasmo e arrancando cada disparo estrondosos vivas á Republica, ao marechal Floriano, ao almirante Gonçalves, á ma-

rinha nacional, ao exercito e a vossa pessoa, do peito de toda minha briosa e patriótica guarnição, que tambem não se esquecia de saudar seu commandante.

A minha satisfação é tanto maior Sr. commandante da divisão, quanto ao dar-vos a parte official do combate de hoje não tenho de mencionar o menor desastre ou ferimento a não ser uma ligeira escoriação no dedo minimo do cadete Augusto Conrado Fleury, chefe do canhão Hotchkiss, que foi attingido na culatra por duas balas.

Annexa encontrareis a relação das balas que attingiram o navio de meu commando e as avarias sem gravidade por ellas causadas, as quaes serão facilmente reparaveis. Tenho a mencionar, porém, uma avaria na bomba de ar da machina, avaria esta que demanda certo tempo para ser reparada, attendendo o facto de achar-se inteiramente extenuado o pessoal da machina pelo trabalho sem descanso que tem tido.

O pessoal da machina é incansavel e de uma dedicação rara e digna dos maiores elogios.

Cabe-me o prazer de communicar-vos que os officiaes e o pessoal sob as minhas ordens portaram-se com a maior coragem e bravura desafiando as balas dos inimigos da Patria, as quaes não se atreveram a attingil-os, apesar de muito se terem exposto.

Saude e fraternidade.—*Altino Flavio de Miranda Corrêa*
1º tenente commandante.

D)—Bordo da torpedeira *Pedro Affonso*, na enseada dos Ganchos, 17 de abril de 1894.

Ao illustre cidadão capitão de mar e guerra Gaspar da Silva Rodrigues, commandante da 2ª divisão da esquadra em operações.—Cabe-me o dever de levar ao vosso conhecimento o occorrido com esta torpedeira hontem por occasião do ataque ao couraçado *Aquidaban*, actualmente a serviço dos inimigos da patria, com séde hoje neste Estado.

No intuito de dar plena execução ao plano emanado do commando-chefe, para a realização do referido ataque, suspendi em virtude do signal feito pelo navio-capitanea ás 11 horas da noite, occupando em seguida o logar que me fôra designado na 2ª divisão, logo que vos puzestes em movimento.

Tendo sido este o quarto, naveguei sempre á pôpa da torpedeira *Silvado*, que na linha me precedia, até o momento em que começaram as hostilidades das divisões de cruzadores ás fortificações inimigas, afastando-me algumas vezes da minha primitiva posição quando a isso era obrigado por circumstancias imprevistas.

Ao signal convencionado feito pelo commando-chefe, ordenando o avançamento da 2ª divisão até então parada sobre machinas a meio canal, tomei minha verdadeira posição, nella

mantendo-me até a altura onde suppunha-se existir uma linha torpedica inimiga, isto é, entre as fortalezas de Santa Cruz e Ponta Grossa.

Depois de varias pesquisas, quando a capitanea dirigia-se para o Sacco dos Caixeiros, eis que o mesmo se denuncia com tres ou quatro disparos de metralhadora, dando assim a conhecer sua verdadeira posição.

No momento em que manobrava para atacal-o, sentindo-se o inimigo sob a ameaça dos nossos torpedos cobriu o navio sob meu commando de uma verdadeira chuva de projectis, que pela elevação de sua mira iam perder-se nas suas circumvizinhanças.

Achando-me nessa occasião a 180 metros presumiveis do seu costado, fiz disparar successivamente os dois torpedos da tolda atirando o primeiro em linha obliqua, dirigido á alheta de BE e o segundo quasi em linha normal ao mesmo costado, não o tendo podido fazer ao de proa por se me haver partido a haste da corrediça da machina de comprimir ar, quando procurava encher os accumuladores para seu disparo, como disto fiz sciente, momentos antes da investida, ao Sr. commandante desta divisão.

Não posso affirmativamente attestar a esse commando a efficacia de alguns desses disparos, mas a dar credito ao que diz quasi toda a guarnição do meu navio, consegui fazer explodir o primeiro, sendo, porém esta affirmativa para mim impossivel, devido a minha posição de commandante que tinha que attender aos multiplos affazeres inherentes ao meu cargo em tão melindrosa occasião.

Julgando terminada a minha missão no scenario da luta mandei agir as machinas a toda força afim de mais rapido possivel furtar-me ao fogo ininterrupto e cerrado de que era alvo, livrando assim a torpedeira e as vidas a mim confiadas de um desastroso e fatal fim. Vindo descrever-vos pallida mas fielmente a parte tomada pelo navio sob meu commando na acção empenhada hontem contra o altivo vaso da marinha brazileira hoje desgraçadamente coito de individuos traidores a seus deveres de cidadãos e militares, passo a dar-vos uma informação succinta referente ao pessoal de sua briosa guarnição. Bastava a sua presença a bordo deste vaso de guerra, uma das poderosas alavancas escolhidas pelo governo para fazer ruir por terra todos os pedestaes de falso patriotismo de tresloucadas ambições de indisciplina militar tão pungentemente começados ao erguer-se da madrugada de 6 de setembro, para solemneamente attestar de quanto patriotismo, de quanta abnegação e de quanta bravura achavam-se repletos os seus nobres peitos de verdadeiros brazileiros e sinceros crentes das instituições que nos regem.

A sua officialidade composta na sua maior parte de homens já acostumados a render homenagem á deusa do direito e da justiça, em uma occasião em que pereclitava a candidez de

suas vestes e o manto negro da anarchia a mais feroz surgia lugubre tentando envolver-lhe a frente cumpriu o seu dever; salientando-se, porém, não pelo excesso de correcção no cumprimento de seus deveres mas sim pela sua qualidade de civis, agora militarizados, os officiaes Eduardo Augusto Montandon, alferes do batalhão Tiradentes e José André Maia Filho, guardamarinha em comissão e commissario deste navio, que sem os laços que existem na disciplina e principios militares tem até hoje supportado, resignantes e confiantes as duras privações desta luta ingloria e fratricida.

Attendendo á maneira brilhante e correcta por que portou-se a guarnição deste navio, acho de justiça suprema pedir-vos a promoção das praças que a compoem, de conformidade com a lista já existente na secretaria do commando em chefe e enviada pelo digno antecessor.

Antes de terminar não posso deixar de salientar a praça do corpo de marinheiros nacionaes de 1.^a classe n. 592, da 19.^a companhia, Julião José do Espirito Santo, que pelo sangue frio provado pela obediencia ás ordens recebidas, pela presteza de acção e pelo conhecimento da arma que maneja torna-se merecedora de vossa attenção.

Eis o que me cumpre informar-vos certo de que busquei o quanto pude approximar-me da verdade e cumprir meus arduos deveres de militar e verdadeiro adepto das instituições que nos regem. — *Amyntas José Jorge*, 1.^o tenente, commandante interino.

E)—Bordo da torpedeira *Silvado*, bahia de Tijucas em Santa Catharina, 16 de abril de 1894.—Ao cidadão commandante em chefe da esquadra nacional em operações de guerra.— Por este meio cumpre-me levar ao vosso conhecimento os pormenores do ataque que a divisão de torpedeiras deu na madrugada de hoje contra o couraçado revoltoso *Aquidaban* fundeado na bahia de Santa Catharina.

Tendo mais ou menos ás 2 horas da manhã visto o signal convencionado, que indicava o começo da marcha para forçar a barra, que constava estar defendida por minas, segui avante, collocando-me pela pôpa da *Pedro Ivo*. Logo depois de estar com o meu navio a toda velocidade, reconheci que a *Pedro Ivo* não podia conservar sua posição e segundo vossas ordens tomei sua frente e acompanhei de perto todos os movimentos da caça torpedeira *Gustavo Sampaio*, navio chefe da divisão.

Sem a menor resistencia forçamos a barra passando sobre a linha de torpedos e começamos, andando devagar, a procurar dentro da bahia onde o ponto em que estava o *Aquidaban*. Parece incrível que andassemos quasi uma hora mudando de rumo e percorrendo a bahia sem encontral-o! Atribui este facto a escuridão da noite, que não podia destacar o vulto do *Aquidaban* no fundo verde-escuro da bahia e a posição escolhida estudada-

mente por esse navio rebelde para esconder-se aos olhos dos defensores da unidade nacional e preparar-se para não ir ao fundo, devia ser o resultado da immensa somma de males que por meio d'elle nossos desvairados compatriotas causaram á nossa estremecida Patria.

Finalmente, quando já commeçavamos a descer de enconral-o, estando a *Gustavo Sampaio* andando muito devagar por minha proa e este navio parado, afim de ganhar maior distancia, para bem manobrar, eis que da sombra, por trás de Anhatomirim, rompe fogo um navio, que reconhecemos ser o *Aquidaban*, secundado pela fortaleza de Santa Cruz na ilha de Anhatomirim, os quaes nos cobriram de metralha, que felizmente nenhum mal nos causou por causa da elevação de suas pontarias.

Manobrei immediatamente com as machinas e quando tive o dito couraçado pela proa me vi impedido de disparar o torpedo desta ponta por causa da *Gustavo Sampaio* que guinava para BB e assim corria risco de ser chocada si eu o disparasse.

Continuei no meu intento de perseguir o encouraçado rebelde quando por meu travez de BB. surge a *Pedro Affonso*, a qual, como trazia mais seguimento, porque não estava gyrando pelo effeito das helices no mesmo ponto, me obrigou a mudar de alvitre e tentar fazer o gyro em sentido opposto.

Com esta coincidência, que muito me contrariou, perdi a oportunidade de disparar torpedos e debaixo de um vivissimo fogo do *Aquidaban* e da fortaleza de *Santa Cruz*, recebi communição de que um navio rebelde avançava contra o meu travez de BB. a toda a força.

Não sendo uma torpedeira capaz de soffrer um choque desta ordem sem perda immediata, tendo visto o navio que sobre mim se dirigia, sendo alem disto descoberto por um holophote que realmente não sei donde partiu e tendo visto sahir á barra a *Gustavo Sampaio* e *Pedro Affonso*, só tive uma solução a tomar para safar-me da precaria situação em que me achava, e essa foi a de recolher-me ao grosso da esquadra sob o vosso glorioso commando, forçando de novo a barra sob o fogo das duas fortalezas que a defendem.

Felizmente não foi inutil a presença dos navios sob o meu commando, porque sua proximidade dos navios rebeldes serviu de alvo de muitissimos tiros que lhe faziam, distrahindo sua attenção e permittindo que elles fossem mais bem atacados pelos que estavam occasionalmente mais bem collocados.

Nenhum prejuizo material nem pessoal soffreu o navio sob o meu commando. Apenas um projectil de canhão de tiro rapido amoldou a chapa do embono da lochea de BB. desta torpedeira.

Cumpre-me vos declarar que fanto a officialidade, como a guarnição e pessoal de machinas, digno de todo o elogio, portaram-se com calma e denodo, mostrando assim estarem possui-

dos realmente da justiça e da grandeza da causa que defendemos.

Congratulando-me comvosco vivamente pelo successo obtido nesta gloriosa manhã faço votos para que em breve possamos delirantes entoar hymnos á victoria final de nossa estremecida patria e de sua liberrima organização politica.

Viva a Republica! Viva o governo legal! Viva o exercito e a armada! — *Americo Brazilio Silvado*, 1.^o tenente commandante.

Doc. n. 113—*Carta do com.^{te} Alexandrino de Alencar relatando o combate no porto do Desterro*

Sertão do Rio Grande do Sul, em 17 de Julho de 1894.

Descripção do ultimo combate do *Aquidaban* em que elle foi inutilisado, por um torpedo que o ferio, na madrugada de 16 de Abril de 1894.

Como commandante desse navio, vou descrever com simplicidade esse feito contado em prosa e verso pelos *herões*, que receberam do governo, não só o titulo de bravos como tambem recompensas extraordinarias.

Achava-se o *Aquidaban* na barra do Norte de Santa Catharina, fundeado perto das *Caieiras* esperando solução da expedição feita pela esquadra ao mando do contra-almirante Mello ao porto do Rio Grande e com instrucções para seguir os navios do Governo, caso esses se dirigissem para alli, afim de bloquear a esquadra revolucionaria. A esse tempo aproveitavamos a occasião, para concertar as caldeiras e as machinas que se achavam em estado deploravel, em consequencia do trabalho consecutivo e forçado que já durava seis mezes. Faziamos grandes esforços para reparar tres canhões das torres, completamente inutilisados. de modo que pudessemos fazel-os funcionar quando fosse necessario. De combinação com o segundo governo provisorio, envidavamos todos os meios para pôr a *barra do Norte* em estado de defesa, visto que o primeiro governo só cuidou de politica, abandonando completamente a defesa de seu porto. Assoberrados com essas difficuldades, sem meios pecuniarios, sem operarios, sem material emfim, era preciso lançarmos mão de objectos inuteis para com elles guarnecer a nossa porta, escancarada ao inimigo. Foi assim que conseguimos montar duas peças na fortaleza de Santa Cruz, duas nos Ratoes Grandes, e tinhamos duas pequenas em via de serem montadas na Ponta Grossa. Quanto a torpedos, estava a pequena officina da cidade do Desterro, aproveitando tubos de ferro fundido, vindo da Estrada de Ferro de Ibituba para arranjal-os como torpedos de fundos. Infe-

lizmente, experimentando um delles na fortaleza de Santa Cruz, nenhum resultado podemos obter, não só devido á sua fórma longitudinal, como tambem porque as extremidades não correspondiam á solidez do centro e o effeito tornava-se completamente nullo. Nessa difficil emergencia, sem recursos de qualquer genero, procuramos substituir os verdadeiros torpedos por algumas *boias simples*, esparsas em todo o canal, apparentando aquillo que não existia. Apesar das difficuldades, não perdiamos a coragem e adiantavamos todo o serviço de preparativos, não só no *Aquidaban*, como nos fortes. Infelizmente a aproximação do inimigo, fez cessar de algum modo certas providencias urgentes, não só porque os operarios fugiam do trabalho, como tambem porque o partido do Governo agitava-se na cidade e trabalhava livremente.

Eis a razão porque, como mais tarde explicarei, fomos trahidos no *Aquidaban*, dando assim lugar á victoria do inimigo. A não ser esta *politica* dos partidarios do Governo, caro e muito caro deveria custar aos *heroicos* vencedores o triumpho tão facilmente ganho e cantado como um feito glorioso da famosa esquadra que se bateu a dez milhas de distancia.

Honra seja feita ao Sr. 1.^o tenente Altino Corrêa, commandante da torpedeira *Gustavo Sampaio*, a elle, sómente a elle, deve-se ter sido inutilizado o *Aquidaban*. Quanto aos outros que sejam julgados pelos seus proprios companheiros.

Vejamos. Nós, do *Aquidaban*, fomos classificados de covardes, em ordem do dia espaventosa, depois que o nosso navio foi abandonado como inutil, do que foi préviamente avisado o almirante Gonçalves por um commandante de navio de guerra allemão. A bordo havia então um gallo de olho furado. A gente da grande esquadra foi classificada heroica. O que dirá mais tarde a historia de nossa Patria? Qual será hoje o juizo dos nossos concidadãos? Qualquer que elle seja, de minha parte, eu me conformarei, não deixando entretanto, de contar o facto tal qual se deu.

Não podendo precisar bem o dia, porém creio que a 8 ou 9 de Abril, foi avistado o *Itaipú* entre Rapa e o Arvoredo. Sem meios de perseguil-o, porque não tínhamos com que, visto o *Aquidaban* não lhe poder dar caça, em virtude de sua marcha de seis milhas, enquanto elle podia desenvolver 16 ou 17 milhas, ficamos entretanto, convencidos de que o inimigo estava a chegar. Certos disso, esperamol-o tranquillos para cumprir o nosso dever; mas a minha preocupação principal era saber se os navios do Governo dirigiam-se ao Sul em perseguição da esquadra revolucionaria, ou se ficavam bloqueando o porto. Tendo tomado providencias para vigilancia nos morros, porque não tinha torpedeiras, nem navio capaz de fazer uma pequena exploração, fiquei prompto, de accôrdo com as instrucções que tinha, para acompanhar o inimigo na retaguarda, caso elle fizesse derrota para o Sul, ou recebel-o no porto com as honras

devidas. Nessa expectativa, passaram os dias, até que a 11 de abril, recebi a triste noticia de que a expedição do Rio Grande se tinha mallogrado e que a esquadra revolucionaria abandonára o porto... Tendo combinado com o almirante Mello, que elle regressaria a Santa Catharina, caso a expedição se mallograsse, anciosos esperavamos o regresso dos nossos companheiros, na esperança de um combate naval, que tanto almejávamos, para decidir de uma vez a nossa sorte. Providencias foram tomadas de modo que os morros, da barra do Sul e outros pontos nos assignalasses a approximação de nossos companheiros, afim de que a elles nos podessemos reunir rapidamente, para entrarmos conjuntamente em acção.

Promptos sempre para combate e activando o recebimento do carvão que escaceiava e era difficilimo, passavamos as noites e os dias em constante vigilancia e actividade.

Da esquadra inimiga conheciamos os movimentos pelos vigias dos morros e proprios que vinham da enseada das Tijucas, onde ella se achava. Contavamos tambem com um grande desembarque, e providencias foram tomadas nesse sentido, de modo que não fosse surprehendido nenhum dos fortes da barra.

Durante a noite a esquadra inimiga fazia evoluções entre o Arvoredo e o Rapa e dava alguns tiros muito de longe, de dez e doze milhas de distancia, porém como os morros queimavam tijelinhas e sobretudo o do Rapa, que annunciava os seus movimentos, pela madrugada ella se retirava em boa paz, para o fundeadouro.

Assim se passaram os dias entre 11 e 16 de abril; a nossa anciedade crescecia á proporção que as horas corriam, porque não podiamos explicar a demora de nossos companheiros, que, tendo sahido do Rio Grande no dia 11 e havendo bom tempo e vento favoravel para o norte, ainda não haviam chegado. Depois de alguns dias de espera, uma duvida terrivel começava a invadir o espirito dos meus camaradas de bordo e do dia 15 para 16 accentuava-se a convicção de que não podiamos contar com os nossos companheiros...

Ha uma circumstancia importantissima que é necessario referir antes de entrar na descripção do famoso ataque levado a effeito pela *esquadra heroica*, ao mando do muito bravo e inexcédível tactico, o chefe Jeronymo Gonçalves.

Os morros e as fortalezas, que até á noite de 15 sempre assignalavam o movimento da esquadra inimiga por meio de tijelinhas, na noite de 16 de abril conservaram-se de olhos fechados, como o meu pobre gallo cego, que teve a heroicidade de esperar impavido na sua capoeira, a bordo, o terrivel inimigo que o veio degolar no seu posto e que morreu, tendo visto as figuras sinistras dos assassinos dos mais heroicos companheiros Carvalhos.

A 1 hora da madrugada do dia 16 de abril, estando silenciosos os vigias dos morros e das fortalezas, o rebocador ao serviço do *Aquidaban*, em ronda, com um official de bordo, assi-

gnalou movimento da esquadra e veio participar-me que tinha visto entre Arvoredo e Rapa, navios que se moviam. Achei extraordinario que os vigias do Rapa e do forte Ponta Grossa não dessem signal, entretanto, ordenei ao mesmo official que fosse vigiar o canal entre Santa Cruz e a terra, por onde podia passar, costeando, uma torpedeira, e vir surprehender-nos,—manobra essa que eu mesmo já fizera muitas vezes na esquadra commandada pelo almirante Jaceguay, estando ella prevenida do ataque, em horas determinads, fazendo funcionar muitos holophotes para devassar o horizonte, tendo as guarnições descansadas e vigilantes, e eu apenas duas horas para realizar a surpresa, que nunca falhou.

Voltando á minha descripção: pouco depois de 1 hora da madrugada, estando o navio prompto para combate e com quasi todos os meus officiaes no passadiço, prestavamos attenção ao movimento da esquadra inimiga: em seguida, começamos a ver os clarões dos tiros de artilharia, porque ouvir era impossivel, tal a distancia do inimigo—dez milhas pelo menos. Como as fortalezas não respondiam ao fogo, tirámos a conclusão de que ellas não queriam perder munição em tão grande distancia e certos de que estavam vigilantes e promptas continuámos a observar as evoluções da esquadra, estando no entretanto com a machina prompta para mover o navio e amarração sobre fio, esperando tranquillo o signal das fortalezas, no caso de uma tentativa de ataque. Estando o mais proximo possivel de terra, encoberto pela sombra do matto, adoptei tactica diversa daquella commumente seguida; não tendo outras torpedeiras para constituir a vanguarda e fazer explorações, confiando na vigilancia dos fortes, ordenei que apagassem todas as luzes visiveis pelo exterior de modo que a sombra da terra projectada em grande distancia envolvesse tambem o *Aquidaban*, e confiando eu nestas providencias o tempo foi correndo até ás 4 da manhã.

As fortalezas tinha instrucções precisas e bem explicitas, para assignalar a passagem de navios ou torpedeiras. Uma circumstancia importante: esperava eu da cidade, as 4 horas da madrugada um vaporzinho, o *Itapemirim*, com um reforço de tropas, para guarnecer um ponto de terra em frente á fortaleza de Santa Cruz; o governador tenente Machado, que me telegraphara, nelle viria conversar commigo.

Já tinham dado 4 horas quando o bravo 1.º tenente Alvaro de Carvalho disse-me: «Commandante vejo um vulto pela prôa na direcção da cidade (porque o navio estava filado a vasante) e eu respondi-lhe: «Deve ser o *Itapemirim*. que espero justamente ás 4 horas como tive aviso; Elle respondeu-me: «Não parece ser o *Itapemirim*». Então immediatamente disse-lhe: «Faça fogo por elevação, que elle responderá immediatamente ao signal»; e rapido o mesmo bravo dirigiu-se á prôa e fez com a sua propria mão uma descarga de metralhadoras; ao som estridente dessa descarga os vigias assignalaram «torpedeiras». Immediatamente

ordenei: Fogo! Pontarias certeiras, e calma—machina adiante e largar amarração.»

Com a rapidez do pensamento as minhas vozes de mando foram executadas—e o *Aquidaban* despedio de suas entranhas uma salva geral, fazendo fugir como relampagos as torpedeiras que tinham ousado apparecer-nos pelos bordos e pela pôpa, approximando-se entretanto com rapidez, a que tinha sido vista pela prôa em a direcção BB e que eu suppoz ser o *Itapemirim* esperado a essa hora.

Esta torpedeira cumpriu o seu dever, antes de fugir—lançando um torpedo na prôa do *Aquidaban*, emquanto as outras desapareciam no horisonte, deixando de secundar o seu bravo companheiro, que se fôsse auxiliado, teria escripto uma pagina gloriosa para a marinha de guerra brasileira e que serviria de lição ás marinhas de outras nações.

Os outros companheiros procuraram a salvacão na fuga... Tudo isso pasou-se com rapidez quasi igual a dos relampagos das descargas de metralhadoras; porém o velho colosso, ficára ferido de morte. Pois bem, se o commandante da torpedeira falar a verdade, como julgo, porque é um bravo, ha de dizer: «Quando lancei o torpedo tive em resposta um enorme grito retumbante: «Viva o *Aquidaban*! viva o nosso commandante!» e e naturalmente por isso elle pensou que não nos tinha tocado. Digo-lhe eu agora, o abalo foi grande em virtude do choque: quasi todos cahiram, sobretudo os que estavam á prôa, porém o animo da minha guarnição não se arrefeceu um segundo e a explosão do torpedo foi respondida com hurrahs e vivas. E foi essa a guarnição chamada de covardes pelo *grande chefe* que estava a dez milhas de distancia!

Apezar da grande vibração soffrida pelo navio que foi logo invadido pela agua, ninguem abandonou o seu posto de combate, nem houve um grito de alarme; serenos todos, calmos, esperavam os acontecimentos, promptos a morrer pela liberdade da Republica e não pela monarchia, porque no *Aquidaban* a imagem da Republica era mais veneranda do que nos escriptorios dos calumniadores e no palacio do Governo.

Tendo recebido parte do meu immediato, o calmo e bravo 1º tenente Pedro Velloso Rebello, de que o rombo tinha sido grande, visto que todo o compartimento de avante já estava completamente cheio de agua, mandei chamar incontinentemente o valoroso, intelligente e incansavel 1º machinista Ernesto de Moura e por elle soube que a machina nada tinha soffrido. Confiando no fechamento dos compartimentos estanques, ordenei toda força á machina e segui avante em direcção á barra perseguindo o inimigo que fugia a todo o vapor.

Apezar da lentidão da marcha do chamado *Leão de Aço*, elle avançava sempre, tendo sua grande garra toda mergulhada no oceano e a juba banhando-se tambem com o esforço supremo que fazia para seguir no rasto de seus adversarios. Mal e

mal se movia elle sangrando sempre e andando com verdadeiros arrancos, já quasi sem alento ; contudo arrastava-se para vêr ao menos de longe á luz do dia—aquelles que o tinham ferido á sombra da noite e que agora, em corrida vertiginosa escapavam no horizonte.

A esquadra composta de 12 navios, com apparatus de tres divisões dava a pôpa ao velho moribundo, que vinha procural-os, não para vencer, porém ao menos para morrer dignamente. Esta pagina da nossa historia, teve infelizmente como testemunha o estrangeiro : A corveta de guerra allemã *Arcóna*.

Depois de esperar o inimigo fóra das fortalezas, por um grande espaço de tempo, vendo-os a todo o vapor desapparecer no horisonte e não tendo mais nada que fazer, primeiro porque não tinha a quem combater e segundo por não poder perseguil-os, pois o navio já não podia navegar, visto mergulhar de todo na prôa e levantar de um modo tal sua pôpa que as helices funcionavam fóra d'agua, nessa emergencia difficil e dolorosa para mim, só me restava um alvitre : salvar a minha heroica guarnição e o *Aquidaban*, que ainda podia mais tarde dar á minha patria dias de gloria, defendendo-a. Com esse pensamento, regresssei ao porto já com muita difficuldade, procurando um fundeadouro mais abrigado e de pouco fundo, de modo que o *Aquidaban* encontrasse um leito onde mais tarde pudesse estancar a sua ferida, sem perigar a sua salvação.

Na convicção firme de que tinha sido atraído pela fortaleza de Ponta Grossa e vigias dos morros, que não deram signal da passagem das torpedeiras, quando, no entanto, todos deviam estar vigilantes, porque o inimigo evolucionava nas proximidades ; com o meu navio completamente inutilizado, visto que além do grande rombo feito pelo torpedo, elle tinha quasi toda a sua artilharia imprestavel; sem esperanza de concertal-o no Desterro, em virtude das difficuldades já conhecidas e que seriam ainda maiores logo que se soubesse em terra do resultado da luta, conferenciei com o governador, que veio a bordo no tal *Itapemirim*, esperado ás 4 horas da manhã, e que, entretanto só chegou depois das 8 o que deu lugar á fatalidade do engano havido e permittio á torpedeira do 1º tenente Altino Corrêa, approximar-se mais do *Aquidaban*, sem soffrer um fogo vivo e cerrado que a impossibilitaria de lançar o torpedo. O resultado da conferencia com o Governador vem confirmar que só o *Aquidaban* era a garantia do governo, não só porque este dispunha de muito pouca força, como tambem porque propalada a noticia do desastre do Rio Grande, a *débacle* seria completa.

Ora, o *Aquidaban* inutilizado, não podendo prestar mão forte ao Governo de Santa Catharina, estava previsto o que havia de acontecer, o abandono desse governo aos florianistas, que fallavam sem rebuço na cidade, que penetravam na officina e incitavam os engenheiros a abandonar o serviço, etc.

Não frequentando a terra, comtudo estas noticias chegavam-me a bordo por diversos canaes.

Vendo clara a situação, sentindo e palpando bem o terreno, só me restava um alvitre: Livrar a minha guarnição de cahir prisioneira de guerra.

A's 11 horas da manhã, depois do almoço, reuni todos os meus officiaes e expuz-lhes a situação, e elles foram unanimes em abandonar a molle de aço, em que tinhamos nos esforçado para conquistar a liberdade da Patria. Resolvido este ponto importante, reuni toda a minha guarnição e disse-lhes o meu modo de pensar, aconselhando-os a que fossem para terra e cada um procurasse modos e meios de se abrigar, até, que as cousas serenassem, para que elles então se pudessem apresentar; disse-lhes mais que a expedição ao Rio Grande tinha fracassado e que nossos companheiros necessariamente tinham ido para o estrangeiro; descrevi-lhes as difficuldades de uma expedição por terra, visto que nos faltavam recursos pecuniarios, armamentos de mão (a bordo só existiam 15 carabinas) meios de locomoção para tão grande pessoal, e que, para vivermos atravessando o sertão, era necessario fazermos guerra, não ao Governo, porém aos habitantes do interior, que não podiam comprehender a nossa missão.

Tendo esclarecido bem a situação, não quiz arrastar esses bravos a maiores trabalhos e soffrimentos. Via claro o futuro, diante da desorganisação das forças revolucionarias; assim em despedida dolorosa e triste, misturando as lagrimas destes com as minhas, nos separamos—embarcando todos elles no vapor *Itapemerim* ás 2 horas da tarde, conjunctamente com o Governador tenente Machado, que me promettêra mandar distribuir a cada um dellés, uma certa quantia, de modo que pudessem ter alguma cousa para as primeiras despezas.

Quanto aos meus bons camaradas officiaes, tomaram um pequeno rebocador ao serviço do «Aquidaban», e seguiram todos com suas bagagens, em direcção á corveta de guerra allemã «Arcôna», afim de pedirem refugio e transporte para o primeiro porto estrangeiro, o que lhes foi negado peremptoriamente. Um incidente: Esta corveta allemã, que ora se approximava do porto, ora se afastava para junto da ponta do Rapa, teve livre pratica no porto do Desterro, atravessava constantemente na sua lancha a vapor as linhas de defeza, de dia e de noite, foi a mesma que levou ao «heroico» chefe Gonçalves a communicação de que o «Aquidaban» e as fortalezas estavam abandonadas. Rigorosa neutralidade! A esquadra americana e a divisão allemã forão de uma neutralidade que mais tarde se apreciará convenientemente.

Emquanto toda a guarnição seguia no «Itapemerim» para a terra e todos os officiaes para bordo da corveta allemã, que estava muito distante, o commandante do «Aquidaban» ficou só a bordo desolado, a ver que a fatalidade esmagava tanto patriotismo, tanto esforço, tanto soffrimento, tanta dedicação e tanta bravura.

A's 5 horas da tarde regressava o rebocador com toda a officialidade, communicando-me que nada tinham conseguido da corveta allemã. Diante da minha resolução de ficar só a bordo, todos os officiaes instárão, rogárão para que eu os fosse dirigir ainda em terra, para salvar-nos juntos; diante dessa tão forte razão resolvi seguir com elles para terra, afim de tomarmos rapidas providencias e internarmo-nos, diligenciando ganhar as fronteiras estrangeiras.

Por volta das oito horas da noite do mesmo dia 16 de abril, chegamos a terre—lado opposto á cidade, lugar denominado Estreito; ahí esperamos o Governador, que nos prometeu fornecer cavallos afim deprehendermos a viagem para o interior; porém, como tardassem as providencias e chegasse-nos a noticia de que o Governador já tinha tomado outro rumo, tomamos a resolução de seguirmos a pé, até á cidade de S. José, onde poderíamos encontrar recursos. Ahí chegados, esperamos debalde o Governador, e os recursos promettidos; só viamos caravanas de partidarios seus, que procuravam internar-se. Desenganados, sem orientação precisa, avançavamos para o desconhecido, sempre a pé, até que chegamos, pela manhã, a uma cidadezinha do interior, chamada Santo Amaro.

O unico cavalheiro que nos tinha orientado em conversa quando estavamos no porto, foi o coronel da Guarda Nacional Costa, que já tinha passado em nossa frente, porque ia montado; assim, chegamos na tal cidade, dirigimo-nos a uma bodega allemã, onde tomamos café e, dizendo-nos membros de uma commissão de engenheiros, tratamos de comprar com os nossos recursos cavallos, burros, etc., etc., tudo quanto alliviasse nossos pés que já davam parte de fracos, pois tinhamos vencido, durante a noite, quatro leguas! Com effeito, entre nove e dez horas, eu já tinha conseguido um burro e todos os meus companheiros estavam mais ou menos montados, em cavalgaduras alugadas e compradas.

Só nos faltava um vaqueano e o coronel Costa já tinha tomado grande avanço. Felizmente para nós, a estrada era uma só no sertão, até á cidade de Lages.

Fazendo a vanguarda da caravana, com o meu immediato e tenente Horacio, que tinhamo arranjado bons cavallos, avancei para o interior em perseguição do mesmo coronel, que cada vez se distanciava mais, até que, ao terceiro dia, á uma hora da madrugada, pude encontrar esse amigo, a quem nos juntámos. Já depois de quatro dias de viagem em grande attitude, podemos reunir, formando ao todo um grupo de 17 individuos. Em marcha, pois, já no sertão, abandono por momentos a caravana e volto a fazer algumas apreciações sobre o famoso combate, em que a sciencia unida á tactica, de harmonia com a bravura, deu retumbante victoria á esquadra legalista.

Sim, foram victoriosos da esquadra *legalista*, porém de que modo? Como classificar esta victoria? O facto presenciado pelo estrangeiro e pelos habitantes de terra, deve mais tarde ter

uma explicação clara e precisa, se a minha simples e despreziosa narração, não fôr confirmada pelo meus adversarios; sobretudo pelo commandante da *Gustavo Sampaio*, 1º tenente Altino Corrêa, unico que teve parte activa na surpresa do *Aquidaban*. Como explicar o heroico feito de uma grande esquadra, commandada por um Almirante, dividida em tres divisões, que, depois da victoria, abandona o adversario, deixa-o senhor do porto e (cousa estupenda!) foge diante deste adversario vencido, que a persegue para ainda combater? Teria tido realmente consciencia e certeza, o 1º tenente Altino Corrêa, de ter mettido um torpedo no *Aquidaban*? Se teve, como explica elle o facto de ter o almirante fugido com toda a sua esquadra diante da perseguição do *Aquidaban*, que, ferido de morte, veio, arrastando-se para fóra das fortalezas, offerecer combate áquelles que, á sombra da noite e confiados talvez na cegueira de um dos fortes, ousaram atacar o inimigo dentro do porto? Os homens de guerra naval, como especialistas, os meus concidadãos, como interessados em um facto historico, julguem de que lado está a covardia, porque nós, do *Aquidaban*, fomos chamados de covardes em ordem do dia, depois que o commandante de um navio de guerra estrangeiro foi a bordo da capitanea legalista prevenir que tinhamos abandonado o navio.

No meu fraco entender, victoria teria havido, se após a surpresa, a esquadra ao mando do bravo chefe Gonçalves tivesse entrado no porto, atacasse o *Aquidaban*, «no seu escondrijo» tomasse-o á viva força, fazendo prisioneiros aos que encontrasse com vida, dando depois assalto ás fortalezas, como fazião os revolucionarios no porto do Rio de Janeiro, que, sempre, em menor numero, atacarão ilhas montanhosas e fortificadas—e, victoriosos, tratavão os prisioneiros com humanidade propria daquelles que se batião pela liberdade de sua Patria.

Teria havido realmente uma victoria, se a esquadra não estivesse a dez milhas de distancia; se não tivesse ao clarear do dia, fugido do vencido, que a procurava em pleno mar, já agonizante, em virtude do grande ferimento que recebera, com quasi toda a sua artilharia inutilizada, sem quasi poder manobrar, porem, que no entretanto, queria dar ao Brazil a occasião de dizer: Os meus filhos tambem sabem morrer com honra, quando é preciso sacrificar a vida pela liberdade. Tambem fomos classificados de *covardes*, na famosa ordem do dia, porque guarnecendo um navio tão poderoso, não sahimos para o mar, afim de atacar a grande esquadra. Para os homens de guerra não precisamos explicação, porque elles sabem perfeitamente, que ninguém sahe do posto onde espera ser atacado, quando tem coragem para defender-se.

Em todo o caso eu vou dar aos meus concidadãos os motivos porque não sahi logo para o mar a offerecer combate á grande esquadra, de que hoje bem me arrependo.

Minhas instrucções mandavam-me seguir na retaguarda da

esquadra inimiga, para dar protecção á esquadra revolucionaria, no Rio Grande, caso esta fosse bloqueada ou então esperar o desenlace da expedição de meus companheiros, ou o seu regresso, caso fossem infelizes. Prompto e alerta sobre os movimentos da esquadra inimiga, recebi no dia 11 de Abril communição do nosso desastre no Rio Grande e da sahida de nossos navios, que haviam deixado aquelle porto, e fiquei convicto de que os mesmos se dirigião ao Desterro, conforme a promessa do almirante Mello. Ficamos promptos para dar protecção aos nossos companheiros e animados para entrarmos em combate.

Assim, não quiz comprometter só o meu navio em um lance ousado sacrificando os interesses da revolução e os meus companheiros, que deviam contar com a minha dedicação. Além disso, o *Aquidaban* tinha esgotado todo o carvão existente no Desterro e não havia outro lugar onde abastecer-nos.

Com uma marcha insignificante, que, nas melhores condições, só poderia desenvolver de cinco a seis milhas, desde que encontrasse um pouco de mar ou vento, só poderíamos alcançar de duas a tres milhas, como já nos tinha acontecido muitas vezes. As caldeiras tinham ficado em tal estado, que de dia, com o calor do fogo, remendavam-se aquellas, que tinham trabalhado durante a noite; da machina, faltavam peças importantes, que tinham sido levadas para o Itamaraty, sem que tivéssemos conseguido outras iguaes do estangeiro, apezar dos meus esforços. Só a pericia e habilidade do 1.^o machinista Ernestino Moura, conseguiu fazer mover o *Aquidaban*. Como pois, nestas condições, poderia eu fazer escaramuças a uma esquadra, de que o navio que menos andava possuía a velocidade de quinze milhas?!

Seria em pura perda, porque o inimigo tomaria o papel de cavallaria ligeira, enquanto nós representariamos infantaria pesada em plena planicie.

A tactica contraria seria então fazer-me gastar carvão, objecto esse, para mim, de primeira necessidade, porque não havia mais no Desterro, nem onde ir busca-lo. Ora, o heroico chefe chama-nos de covardes, porque realmente elle é muito bravo, porém não quiz chamar de inepto o commandante do *Aquidaban*.

Creio que estes motivos aliás de exposição desnecessaria, bastão para mostrar que não foi «covardia» que me deteve no porto, mas sim a previsão de homem do mar, que sentia a responsabilidade da sua missão e a confiança que devia inspirar aos seus companheiros. Se a esquadra legalista, em vez de abalar o oceano, com a sua velocidade e a sua bravura, houvesse secundado o arrojo do 1.^o tenente Altino Corrêa, teria praticado uma bella acção cumprindo o seu dever; a maneira porque se houve, porém, dá-me o direito de classificar o seu commandante e officiaes de modo bem diverso.

Se a esquadra, pois, tivesse dado volta e investisse para o porto, encontraria o *Aquidaban* com tres canhões das torres com-

pletamente inutilizados, os apparatus hydraulicos das mesmas em máu estado, os dous canhões do reducto de vante fóra de combate pelo effeito do torpedo, o canhão de tiro rapido da tolda alta, montado dous dias antes com culatra differente e ageitada, não funcionando desde a segundo ou terceiro tiro.

Só restava ao velho *Aquidaban* para fazer frente á grande esquadra legalista, composta de tres divisões e commandada por um almirante valentissimo, que tinha dado havia pouco tempo provas exuberantes de seu heroismo na fortaleza de Villegaignon, apenas, dous canhões no reducto de ré, um na torre, de difficil movimento rotativo, quatro canhões Krupp de sete e meio montados na tolda alta em carretas de campanha e nove metralhadoras de 25 mm. Nas fortalezas: em Santa Cruz, dous canhões raiados, de calibre 70; na dos Ratos, um de 70 c. e outro Krupp de 8; e na Ponta Grossa, dous pequenos canhões em via de serem montados.

Quanto a torpedos na barra, ou, por outra, no canal entre Santa Cruz e Ponta Grossa, os commandantes das torpedeiras devião ter communicado ao almirante que elles não passarão de uma ballela, pois que por alli tinham passado e repassado sem incidente. E, além disto, o almirante devia ter recebido noticias de seus partidarios e dos pescadores da localidade que a prisionou e que o informarão da verdade.

Estando o *Aquidaban* nesse estado não seria facil a victoria? Deixo aos nossos concidadãos examinar e analysar bem os factos, de modo a poder classifica-los com inteira justiça e decidir onde houve covardia.

Volto á caravana em marcha em seu pouso, uma noite antes de passarmos pela cidade de Lages, reunidos todos em um rancho de palha, onde discutiamos o nosso destino. O coronel Costa, nosso vaqueano e guia, morador antigo em uma fazenda dos arredores de Lages, grande cenhecedor da localidade e da fronteira de Santa Catharina e muito interessado na nossa salvação, aconselhava-nos e pedia-nos constantemente para nos dividirmos dizendo-nos que deviamos quanto antes separar porque iam entrar em uma zona povoada e logo despertariamos desconfiança num grupo tão numeroso.

Além disso, tinhamos sabido que o estafeta do Desterro, com ordem do nosso Governo já tinha-nos passado e com rapidez se dirigia á cidade de Lages. Por informações de tropeiros que vinham do interior, soubemos que a Villa de Campos-Novos estava em poder do governo e que piquetes desta mesma força devastavam o interior, degollando e roubando. Com este quadro sombrio em perspectiva, foi resolvida a dolorosa separação, para que ao menos mais tarde, aquelles que se pudessem salvar, contassem as peripecias da guarnição do *Aquidaban*. Subdividio-se em tres pequenos grupos a grande caravana e o coronel Costa deu as providencias necessarias para obtermos tres vaqueanos, que nos guiasse atravez do sertão, ficando elle, seu filho e mais ami-

gos, no local em que nos achavamos, não só porque conhecia bem a localidade, como também porque desejava ficar ali. Tínhamos deixado também dous operarios do Arsenal de Marinha, que acompanhavam o 1.º machinista e aconselhados por este, ficaram tranquilos, por serem desconhecidos, e poderem melhor occultar-se sem arriscar-se a maiores trabalhos. Na discussão travada junto de uma fogueira, em um ranchinho de palha, o ardente e destimido 1.º tenente Arthur de Carvalho, declarou que se ligaria ao grupo que quizesse descer pelo caminho de Blumenau, em direcção a S. Francisco, onde encontraria navios mercantes estrangeiros, e se contrataria como marinheiro, ganharia o mar.

Continuando a discussão, tornaram-se adeptos do fogoso orador, o seu irmão, o heroico 2.º tenente Alvaro de Carvalho, o calmo e bravo 1.º tenente Camisão, o valente aspirante Motta e o commendador Lacerda, que tinha a bordo participado de todos os nossos trabalhos, mostrando sempre boa vontade e ardor, pela causa que defendiamos.

O segundo grupo, dirigido pelo Dr. Hungria Bicalho, conhecedor da zona que tinha a percorrer por ter estado como medico na exploração feita pelo engenheiro Soares, e constituido pelo 1.º tenente Magalhães Castro, o incansavel salvador nas occasiões difficeis da machina do *Aquidaban*, machinista Ernestino de Moura, intrepido paisano auxiliar, o destemido sr. Sartine, seguiu em direcção a Curytibanos com rumo para o Porto da União. O terceiro grupo, composto do commandante do *Aquidaban*, immediato 1.º tenente Pedro Velloso Rebello e o bravo 1.º tenente Horacio Coelho seguiu em direcção ao rio do Peixe, afim de ganhar o campo de Palmas e internar-se na fronteira Argentina.

Foi bem triste a despedida daquelles que estiverão unidos por sete mezes, em defesa da mesma causa, ligados pelo mesmo ardor e tisonados ainda pelo fumo dos mesmos combates. Entre lagrimas e abraços, nos separamos, entregando ao destino a nossa sorte. Eis-me hoje só, separado de meus amigos e de meus companheiros, em pleno sertão, escrevendo estas linhas em um ranchinho de taboas de pinho, todo aberto ás intemperies.

Sobre um cêpo de pinho, á semelhança de tôros de madeira em que se corta carne nos açougues, escrevo eu estas linhas. Tiritando de frio, tendo como luz um candieiro de cêbo, com pouca roupa, e esta já bem usada, derramo olhos cubiçosos sobre uma carôna fria, que constitue a minha cama, estendida no chão, tendo por cobertura o meu ponche rasgado, e considero que estou em um paraizo, a lembrar-me dos dias que já passei.

Depois que deixei o *Aquidaban* e liguei-me ao exercito revolucionario, já estive em diversos tiroteios e uma batalha campal (27 de junho), em que tive o meu cavallo ferido por uma bala e o meu palla varado por outra; mais tarde, se tiver vida, contarei detalhadamente estas peripecias e direi a razão porque estou só e separado do exercito revolucionario, que, em marchas for-

çadas se dirige á fronteira, abandonando tudo, tendo por unico desideratum a salvação.

Que destino da Republica! Enquanto nossos adversarios são classificados de heróes, banqueteados-se entre festas, risos e flôres, nós, os *covardes*, ainda nos batemos em terra, arriscando nossas vidas, soffrendo frio, fome e miseria, tendo o coração dilacerado pelas saudades dos entes queridos que também soffrem. Muito exige a liberdade da Patria. Oh! imagem santa da Republica, quantos crimes, quanta profanação commettida á tua sombra; nasceste entre flôres e estão te afogando em sangue.—*Alexandrino Faria de Alencar.*

Doc. n. 114—*Nota do alm. Mello ao governo da Nação Argentina pedindo a protecção da bandeira deste paiz*

A bordo do cruzador Republica, no porto de Buenos-Ayres, 16 de Abril de 1894.—Ao Exm. Sr. Dr. Luiz Saenz Peña, presidente da Republica Argentina.—Não podendo continuar por falta absoluta de recursos com a lucta em que ha cerca de oito mezes se acha empenhada a armada brasileira, com as leaes e patrioticas intenções de defender a constituição politica do paiz, pacificando-o e annullando o poder do militarismo que tanto o tem anarchisado, venho a este porto com a esquadra ao meu commando, composta do cruzador *Republica* e os paquetes armados em guerra *Iris*, *Metéoro*, *Uranus*, e *Esperança*, afim de nos collocar á sombra da bandeira da generosa nação argentina.

Estamos embarcados aqui com todo o pessoal dos ditos navios, composto de officiaes da marinha e exercito e regular numero de patriotas e soldados da armada.

Desde este momento entrego os ditos navios ao governo argentino, para que possa dar-lhes o destino que achar conveniente.

Approveito a oportunidade para offerecer ao Exm. presidente os protestos da minha alta consideração e estima.—*Custodio José de Mello*, contra-almirante.

Doc. n. 115—*Correspondencia entre o alm. Mello e o gen. Salgado e outros sobre o ataque da cidade do Rio Grande*

A.)—Commando em Chefe das Forças Libertadoras, bordo do cruzador *Republica*, no Rio Grande do Sul, em 7 de Abril de 1894.

Ao Sr. general de divisão Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado—Communico-vos, para os fins convenientes, que em data de hoje officiei ao Sr. commandante do districto convidando-o a que evacuasse a cidade no prazo de vinte e quatro horas sob pena de bombardeal-a.

Assim, pois, se até ás 5 horas da tarde do dia de amanhã não houver recebido resposta satisfactoria áquelle meu convite, começarei o bombardeamento a todos os pontos da cidade.

Saude e fraternidade.—*Custodio José de Mello* contra-almirante.

B)—Commando em Chefe das Forças Libertadoras, bordo do cruzador *Republica*, no Rio Grande do Sul, em 7 de Abril de 1894.

Ao Sr. general de divisão Luiz Alves de Oliveira Salgado.— A permanencia e inactividade da Esquadra neste porto, sem uma acção energica e decisiva por terra, podendo dar lugar a factos altamente prejudiciaes e de cuja consecução é difficil medir as consequencias, determinão-me a, appellando para a vossa bravura e patriotismo, convidar-vos a que marcheis sem perda de tempo sobre a cidade do Rio Grande afim de occupa-la definitivamente.

Aguardando a vossa resposta, devo entretanto accrescentar que se no prazo de vinte e quatro horas não estiver a cidade rendida, como é para esperar, serei forçado a fazer-me ao mar com toda a Esquadra, afim de poupar-me e aos meus commandados um serio desgosto.

Saude e fraternidade.—*Custodio J. de Mello*.

C)—Acampamento junto á cidade do Rio Grande, 8 de Abril de 1894.

Ao Sr. almirante Custodio José de Mello—Tendo disposto as forças do meu commando e transmittido ao general Laurentino Pinto instrucções para tomar de assalto, á viva força, a praça fortificada do Rio Grande, ao romper da alvorada recebi do mesmo general o officio que vos remetto por cópia; ordenei immediatamente aos chefes do 2.º corpo do Exercito Libertador que se reunissem em conselho e resolvessem sobre a inesperada attitude daquelle general e seus chefes, reunião effectuada depois de discutido o alludido officio, que foi presente ao conselho que deu em resultado a declaração que tambem vos transmitto cópia.

A' vista do occorrido, do prazo fatal de vinte e quatro horas que me dais para occupar a cidade, lapso de tempo em que me é impossivel assegurar o triumpho do assalto, por não poder conhecer positivamente os elementos de que dispõe o inimigo, e de não poder a esquadra bombardear o ponto fortificado do inimigo, vos submetto, a vós como commandante em chefe de todas as forças, a questão para resolverdes como julgardes con-

veniente, assegurando-vos o cumprimento de vossas ordens com a lealdade de que costume sempre usar. As minhas forças hontem soffrerão baixas regulares, entre mortos e feridos.

Aguardo as vossas ordens com anciedade. Saude e fraternidade.

D)—Quartel General do 2º corpo do Exército Nacional Provisorio junto á cidade do Rio Grande, 8 de Abril de 1894.

Exm. Sr.—Sobre o assalto a viva força ás trincheiras que defendem cidade do Rio Grande, sitiada neste momento pelas forças revolucionarias, assalto que haveis determinado para levar-se a effeito na madrugada de hoje, tenho a fazer-vos as seguintes considerações, para salvar a minha responsabilidade em um feito de tanta importancia.

Tratando de providenciar no sentido deserem tomadas as posições convenientes, os commandantes dos diversos corpos que commando, o de marinha, 17º e 25º de infantaria, 8º de cavallaria, declararão-me que só em obediencia ás ordens tentarião o assalto, por ser muito duvidoso o resultado, attendendo-se aos importantes trabalhos de defesa que guarnecem a cidade, e a força de artilharia excellente na mesma, e por não dispormos de cavallaria que possa proteger essa retirada, quasi provavel, e impedir o massacre immediato.

E, como seja minha a opinião e dos dignos officiaes, levo a vosso conhecimento esta consideração, para que sob vossa exclusiva responsabilidade se execute as ordens que entenderdes conveniente dar-me e que serão cumpridas.

Saude e fraternidade.

Ao Exm. Sr. general Luiz Alves de Oliveira Salgado.—
Laurentino Pinto Filho.

E)—Commando em Chefe das Forças Libertadoras, bordo do cruzador *Republica*, no Rio Grande do Sul, 8 de Abril de 1894.

Ao Sr. general de divisão Luiz Alves L. de Oliveira Salgado.—Não conhecendo a natureza das fortificações que defendem os arredores da cidade, lembro-vos o alvitre de reunir os commandantes dos corpos sob as vossas ordens afim de, ouvindo-os, delibereis se convém ou não investir as vivas fortificações á viva força.

Qualquer que seja a deliberação que houverdes tomado, deveis communicar-me tão promptamente quanto vos seja possivel.

Accresce, entretanto, dizer se houverdes de retirar, parece-me que o melhor é que façais pelo lado do Sul, ordenando que o batalhão de marinha embarque para bordo dos navios da esquadra, e reunidas ás vossas forças os batalhões de linha, permittindo, porém, aos officiaes que não quizerem acompanhar-vos de seguirem para bordo dos navios.

Saude e fraternidade.—*Custodio José de Mello*, contra-almirante.

F)—Quartel General do 2 corpo do Exercicio Nacional Provisorio junto ao Rio Grande, em 8 de Abril de 1894.

Exm. Sr.—Pela declaração assignada pelos dignos officiaes commandantes de divisões, brigadas e corpos do vosso exercito, que tive occasião de lêr em vossa presença, motivada pela minha declaração a vós presente, relativo ao modo por que pensão os commandantes de meu corpo de exercito e eu sobre o ataque á cidade do Rio Grande, deprehende que os mesmos officiaes comprehenderão na dita declaração uma negação de concurso para o assalto.

Como já vos manifestei verbalmente, não negamos auxilio para qualquer feito que possa trazer vantagens á revolução, nem tão pouco deixaremos de cumprir as ordens que os chefes responsaveis derem. Assim, em tempo, declaro que se houver desaccôrdo com o meu parecer e de meus officiaes, ainda está muito em tempo ordenardes o assalto, porque as posições que hontem tinhamos são as mesmas, não tendo nossa artilharia se retirado, e antes, hoje avançado. Posso garantir-vos que iremos até o ultimo sacrificio.

Saudo-vos.—Exm. Sr. General Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado. D. commandante em chefe das forças em operações.—(Assignado) General *Laurentino Pinto Filho*.

G)—Acampamento do 2º Corpo do Exercicio Libertador, junto á cidade do Rio Grande, 8 de Abril de 1894.

Exm. Sr. General em chefe do 2.º Corpo do Exercicio Libertador.

Os officiaes abaixo assignados, commandantes de divisões, brigadas e corpos, reunidos em conselho para resolverem a presente situação em referencia ao assalto á viva força á cidade do Rio Grande, fortificada e guarnecida excellentemente, por artilharia, infantaria e alguma cavallaria e defendida por fortes trincheiras, tomando em consideração a declaração escripta pelo general de brigada *Laurentino Pinto Filho*, digno commandante do 2.º Corpo do Exercicio Nacional Provisorio que tambem sitia a praça do Rio Grande, julgão de seu dever declararem com franqueza que o assalto referido nos dará brilhantes resultados desde que seja coroado de bom exito, mas, que nos falta o concurso espontaneo do mencionado Corpo de Exercicio, tendo em vista os ingentes sacrificios a fazer-se.—Todavia asseguramos a V. Ex. o cumprimento de suas ordens, com satisfação e lealdade.—Saude e fraternidade.

Coronel Estacio de Azambuja, Coronel Cortes, Coronel Gaspar Barreto, Coronel Vasco Alves Pereira, Coronel Laurindo dos Santos Pereira, Coronel Felipe Portinho, Tenente-coronel Clementino Molina, Tenente-coronel Tiburcio Silveira, Tenente-coronel Annibal Padão, Tenente-coronel Joaquim Cunha, Tenente-coronel João Theophilo Claverie, Tenente-coronel Laurindo Machado, Tenente-coronel Jonathas, Tenente-coronel

Gregorio Soares, Tenente-coronel Avelino Vieira, Major Ferreira e Santos.

H)—General Salgado.—Acho que não deveis evitar em atacar o inimigo e hoje mesmo, antes que elle receba reforços.

Aqui estão os navios para receberem os destroços de vosso exercito, se por ventura fôr vencido.—Do camarada e amigo.—*Custodio de Mello.*

I)—Almirante Mello—O inimigo já recebeu o reforço que esperava que não foi possível cortar a junção, tendo nossas forças muitas baixas. As forças do general Laurentino ficarão extraviadas no combate e as restantes fizeram marcha contraria. Não inspirão confiança. A carta agora recebida em que ordenaes immediato ataque parece-nos ter sido escripta antes deste facto. A maior força vinda do inimigo hoje é de cavallaria, de forma se formos tentar atacar, poderemos ficar entre dous fogos, ou elle retirar-se, se por acaso lhes convenha, sem que possamos alcançar.—Amigo, *Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado.*

J)—Almirante Mello.—Desculpai o papel pois não tenho outro na occasião. A trincheira de que fallais isto é, um pequeno reducto, foi effectivamente attingida por uma bala da esquadra, tendo o inimigo a abandonado, encontrando-se em linha de reducto á direita. Mandei reunir os chefes de Divisão e Brigadas para resolvermos sobre o assumpto de vosso officio de hontem e do qual foi portador o commandante Pery, que aqui chegou ás 9 horas da noite.

Acredito levar pela madrugada a effeito o tentamen que vos communiquei em data de hontem.

Nossas baixas têm sido regulares. Se por ventura a minha opinião com relação áquelle tentamen for vencida, dar-vos-hei claro conhecimento por meio de dous disparos de artilharia na direcção do pharol da Barra, logo que cahir a noite e cujos tiros serão ao mesmo tempo. E para que este signal se torne por vós bem conhecido, após os referidos disparos nenhum outro mandarei dar.—De V. Ex. amigo e criado—*Luiz Alves Leite Oliveira Salgado.*

K)—Bordo do Cruzador Republica, 10 de Abril de 1894—Não temos tempo a perder general Salgado ou atacais amanhã de madrugada ou me retiro deixando em terra o vosso exercito. Uma demora de 24 horas me poderá ser fatal, pois é provavel que o Floriano, sabendo que estais em situação critica, mande para aqui sua esquadra, e então nem mesmo os destroços do vosso exercito, se fôr vencido, poderão ser salvos.

Intelligente e militar como sois, comprehendéis e avaliaes bem a gravidade da nossa situação.—Do camarada e amigo, *Custodio de Mello.*

L)—General Salgado.—Acabo de ter informação fidedigna de estar a esquadra do Floriano bloqueando os portos de Santa Catharina provavelmente a nossa espera.

Assim pois seria demasiado perigoso irem os navios para um daquelles portos afim de desembarcar nelle vossas forças.

A' vista disto resolvi seguir para o Sul com o intuito de fazer o desembarque em Castilhos, no Estado Oriental.—Do vosso camarada e amigo.—*Custodio de Mello.*—11—4—1894

N. B. Previno-vos que os navios sahirão hoje impreterivelmente.

M)—Exm. Sr. Almirante Custodio José de Mello.

Acabo de receber vossa carta. Em vista do que me communicaes de achar-se a Esquadra de Floriano bloqueando os portos de Santa Catharina, e como já me fizestes ver não ser possivel o desembarque do exercito em Camaquan, isto é sobre a Barra do Velhaco, e mais ainda de não poderdes garantir por mais tempo sua retirada deste ponto, o que seria de vantagem para a revolução, acceito pelas forças da circumstancia o alvitre que apontaes de desembarca-lo em Castilhos.—Barra do Rio Grande, 11 de Abril de 1894.—*G. L. A. Oliveira Salgado.*

Doc. n. 116—*Nomeação do cor. A. Moreira
Cezar para governador
provisorio de Santa Catharina*

«O vice-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil:

Considerando que o territorio do Estado de Santa Catharina foi abandonado recentemente pelos representantes do Governo ali constituido que d'est'arte tornou-se acephalo;

Considerando que nem só o referido governo, em todos os grãos de sua organização hierarchica, como o congresso legislativo estadual foram co-autores e tomaram parte activa no movimento de rebeldia que acaba de ser reprimido: e pois havendo um e outro incorrido na sancção das leis penaes é inadmissivel que continuem a exercer autoridade que lhes era propria e da qual se prevaleceram para attentar contra a Republica;

Considerando que o caso occorrente, anomalo e excepcional, não foi previsto pela Constituição federal e leis organicas subsequentes; e nestas condições cabe ao governo da União prover em ordem a que a liberdade, a vida e a propriedade dos habitantes d'aquella parte do territorio nacional sejam garantidas em sua plenitude e não haja solução de continuidade

na administração dos negocios locais, até que o poder competente providencie a esse respeito;

Resolve nomear o coronel do exercito Antonio Moreira Cesar para exercer as funções de governador provisorio do Estado de Santa Catharina.

Capital Federal, 19 de Abril de 1894, 6.º da Republica.—
FLORIANO PEIXOTO.—*Cassiano do Nascimento.*

Doc. n. 117 — *Boletim do governador do estado do Paraná*

Paranaenses !

Chega-nos a dolorosa noticia da tomada da heroica cidade de Paranaguá, onde os nossos soldados, os valentes defensores da Republica, se bateram como heroes, contra os bandidos da revolução, que matam e roubam dando vivas á monarchia !

Por maior que seja o pesar que este facto nos cause, e não obstante o cortejo lugubre de tristezas com que elle se nos apresenta, podeis estar socegados, meus patricios, que a ordem legal no Estado será mantida, pelo firmissimo proposito em que estou de assegurar a integridade do solo paranaense ainda que tenha de regal-o com o proprio sangue !

Guardando o posto em que fui collocado pelos votos dos meus patricios, delle não me arredarei um momento sequer, provendo a todas as necessidades da ordem publica para que nestes instantes dolorosos que atravessa a nossa querida terra, seja garantido o lar de nossas familias, a propriedade e a vida dos nossos concidadãos, e mais do que tudo, a vida ameaçada da Republica !

Em quasi um anno de governo, e em época das mais agitadas da nossa vida politica, sob o regimen republicano, tenho dado sobejas provas aos meus concidadãos de que sei me manter calmo e sobranceiro no meio do torvelinho das paixões mais incandescentes, fugindo ás medidas de violencias, em mais de tres mezes de estado de suspensão de garantias constitucionaes, isto apezar das constantes machinações dos inimigos da Patria e da Republica !

Agora mais do nunca domina-me essa calma, mas a consciencia do dever e das responsabilidades que me pesam, leva-me a declarar solemnemente aos meus patricios, que hão de ser os meus juizes, que para garantir o lar de nossas familias, a vida, a honra e a propriedade ameaçada dos nossos concidadãos, não recuarei diante de medida alguma, por mais severa que seja, por mais que ella me aperte e dilacere o coração !

Disposto a morrer ao lado dos ultimos soldados que neste pedaço de terra da patria se baterem pela Republica, me encon-

trareis neste posto até que um sopro de vida me anime, prompto para todos os sacrificios, haja o que houver, custe o que custar.

Paranaenses! Que cada um saiba cumprir o seu dever, como cumprirá o seu, o depositario de vossa confiança na alta administração do Estado!

Viva a Republica!

Viva o Estado do Paraná!

Viva a Constituição!

Palacio do Governo do Estado do Paraná, 16 de Janeiro de 1894, 5.º da Republica. *Vicente Machado.*»

Doc. n. 118—*Acta da capitulação da praça de Tijucas*

Aos 19 dias do mez de Janeiro de 1894, depois de discutidas e accordadas as bases da capitulação, entre o seu commandante e o coronel Adriano Pimentel e o Dr. Annibal Cardoso, representante parlamentar do commandante em chefe do exercito revolucionario, bases acceitas pelo coronel commandante da praça, e seus officiaes, attentas as condições extremas a que está reduzida a praça de um lado envolvida completamente e dominada pelas forças revolucionarias, privada por isso de todo e qualquer auxilio, interceptada totalmente de meios de comunicação com a base das suas operações, demonstrada como foi por documentos que ficam em poder do mesmo commandante da praça, cuja procedencia e verdade forão cathegoricamente confirmadas pela palavra do referido representante, annunciando e assegurando a occupação da Capital do Estado do Paraná e da cidade de Paranaguá pelas forças revolucionarias, factos que collocão a praça de Tijucas inteiramente isolada no centro da zona occupada, e por outro lado balda a mesma praça de munições de guerra e de bocca, o que torna impossivel prolongar por mais tempo a resistencia oposta pelas forças da guarnição, durante oito dias de luta quasi incessante, com tenacidade constancia e bravura, que o commandante em chefe do exercito revolucionario é o primeiro a proclamar e attestar, foi feita com as formalidades militares a capitulação da praça, sob as condições seguintes:

1.ª A capitulação será feita com todas as honras de guerra.

2.ª E' assegurada e garantida a liberdade plena para todos os officiaes da guarnição da praça, sem excepção, e constante da relação annexa, assignada pelo coronel commandante, sob a condição unica de não pegarem em armas contra a revolução, salvo o caso de se proclamar esta restauradora. Igual garantia se estende aos inferiores, cabos e soldados que não forem praças effectivas do exercito brasileiro (tropa de linha.)

3ª Serão facultados e fornecidos pelo exercito revolucionario os meios de transporte dentro do Estado do Paraná, não só para os officiaes, como para todos os feridos e doentes.

4ª Por parte do commandante da praça será feita a entrega do armamento e material de guerra nella existente, constante da relação assignada pelo referido commandante, exceptuando o armamento dos officiaes sem excepção.

E para fiel observancia das condições acceitas, referidas nos quatro artigos supra assignão este termo o general commandante do exercito revolucionario e o coronel commandante da praça, em duplicata, ficando uma em poder de cada um. (Assignado).—*Gumercindo Saraiva—Coronel Adriano Pimentel.*

Doc. n. 119—*Manifesto do 1.º governador do estado do Paraná no dominio revolucionario*

AO PARANÁ.

Depois de dois annos de cruel captiveiro, depois desse largo espaço de tempo em que vimos desaparecer, uma por uma, todas as regalias e garantias que as leis sociaes estabelecem como principios invariaveis á felicidade da communhão humana; depois da mais desabrida bachanal em todos os ramos dirigentes da sociedade paranaense—surgio deslumbrante e poderosa a luz da liberdade, trazida pela onda revolucionaria que vae heroicamente quebrando os negros grilhões que prendem ao poste da ignominia e da tyrannia os valorosos braços brazileiros.

A poderosa esquadra e os invenciveis rio-grandenses, abraçando-se fraternalmente, prenderam já nesse bello amplexo os dois independentes Estados—Santa Catharina e Paraná, e corridos pela vergonha e pela covardia, os instrumentos perversos do negregado dictador Floriano, fogem espavoridos, desorganisadamente, n'um atropello de bandidos, e—bandidos são porque não se esqueceram até de saquear os cofres das repartições publicas!

Aclamado governador pelo povo, depois de haver patrioticamente resignado esse alto posto o illustre coronel Theophilo Soares Gomes, eu bem comprehendo o perigo que me vai cercar porque: si já é difficil governar quando tudo está organizado, muito mais o é quando tem-se de dirigir uma sociedade desbaratada, completamente anarchisada por um governo de terror e de vandalismo, e que se preoccupou em desorganisar tudo para delapidar a todos.

Não pôde, porém, o povo desta minha terra duvidar da sinceridade dos meus esforços para a estabilidade completa e feliz da paz social paranaense; e por mais perverso que seja o adversario, jámais poderá hesitar quanto a honorabilidade das minhas promessas. Pois bem, eu posso assegurar a todos meus concida-

dãos que : entrei para o governo sem o mais leve resentimento de quem quer que seja que me houvesse offendido ou perseguido jamais me preocupará o mais tenue desejo de vingança ; jamais deixarei de ter o espirito perfeitamente calmo de modo a impedir a mais insignificante justiça.

A paz da familia, as garantias do cidadão, o respeito á propriedade, serão por mim mantidos religiosamente, e desde já declaro que estando o Paraná completamente livre da tutella do tyranno Floriano, não ha motivo para conservar-se minha terra em estado de sitio e por isso considero restabelecidos todos os direitos e liberdades individuaes.

Meus concidadãos !

O anjo da victoria tem guiado e guiará os valorosos revolucionarios Custodio de Mello e Saldanha da Gama, que têm com a sua bravura inexcedivel, mantido o valor da esquadra nos mares brasileiros.

Gumercindo, Salgado, Piragibe e Laurentino Pinto, vão rompendo os mattos e campos da nossa patria, e em cada terra, pisados por seus camaradas, entõa a propria natureza, sagrados hymnos de liberdade !

Mas dessa luta em prol da verdadeira Republica brasileira, não pôde nascer a odiosidade dos inimigos irreconciliaveis ; filhos da mesma patria, o vencido nas guerras politicas não é o inimigo rechaçado, mas o irmão dignamente supplantado.

Precisamos salvar a Patria ; somos todos brasileiros !

Marchando a panno seguro a Republica—a filha da liberdade —leva envoltos nos seus braços, aos deslumbramentos da victoria, os abnegados e invenciveis revolucionarios !

Unamo-nos, pois ! Paranaenses, e amparados pela justiça da causa que defendemos, retemperemos no nosso patriotismo, as forças enfraquecidas pela tyrannia—Floriano—e marchemos tendo por divisa :

Tudo pela Patria !

Tudo pela liberdade !

Curityba, 22 de Janeiro de 1894. *Dr. João de Menezes Doria*, (Coronel do Exercito Libertador).

Doc. n. 120—*Telegrammas do marechal Floriano ao governador do Paraná e recebidos pelos revolucionarios*

▲ « Este governo agradece e applaude em nome da Republica aos heroicos defensores da cidade de Paranaguá, confiando sempre no patriotismo dos bons filhos desta grande terra —*Floriano* ».

B) « Mandem noticias de Morretes e Lapa. Têm-se tomado energicas medidas para remessa de munições de guerra.—Floriano.»

Doc. n. 121—*Telegr. de Gumerindo Saraiva ao mar. Floriano Peixoto concitando-o a deixar o poder*

« Marechal Floriano— Itamaraty.

Desde capitulação Tijuca e occupação Curityba, 18, que Paraná está conquistado.

Vossas forças evadiram-se.

Estou concentrando n'esta cidade meu exercito para marchar sobre S. Paulo.

Muito luto e muita dôr enchem nossa querida Patria, e antes de travarmos novas lutas faço um appello vosso patriotismo, concitando-vos deixar suprema magistratura paiz e reclamar vossa lealdade velho soldado torneis publico que, descendente de *farrapo* e republicano convicto, me opporei pela força qualquer tentativa restauradora.

Mocidade vos apoia está illudida: presume bater-se pela Republica, que eu e meu exercito juramos defender, mas bate-se entretanto por um homem, cujas intenções não suspeito, mas que tem fraudado Republica.

Dizei-lhe verdade, e como vos presumo patriota concitai-a respeitar, como eu, vosso succesor constitucional, pois consequencias luta em que nos empenhamos não podem ser duvidosas. *Gumerindo Saraiva.*

Doc. n. 122—*Proclamação do cor. Carneiro á guarnição da Lapa*

Curityba, 25 de Janeiro de 1894.

« Aos batalhões da Lapa.—Desde o dia 16 do corrente que soffreis o ataque dos inimigos da Republica, aos quaes tendes sabido resistir com patriotismo e valor, que ficarão gravados na nossa historia como bello exemplo para os nossos filhos.

Tendes vencido sempre esses inimigos, que reconhecendo a sua propria fraqueza appellaram agora para as intrigas, os falsos boatos e as traições.

Não lhes deis credito. Conservai-vos no caminho do dever e da honra, que é tambem o da victoria.

Congratulando-me comvosco, pelos triumphos que alcançastes, peço-vos alguns dias mais de constancia e resignação em

bem dos vossos proprios interesses e da Republica, que estará muito brevemente vencedora e em paz.

Viva a Republica ! Viva a legalidade ! Viva o povo da Lapa !

Acampamento na cidade da Lapa, 24 de janeiro de 1894.—
Coronel *Antonio Gomes Carneiro*, commandante da divisão.»

Doc. n. 123—*Mensagem do gen. Laurentino Pinto
ao cor. Lacerda concitando-o a depôr as armas*

« Quartel-general do commando do 2.^o corpo do exercito nacional provisório, acampamento nos arredores da Lapa, 10 de Fevereiro de 1894 :

Cidadão coronel Joaquim Lacerda. — O patriotismo vai appellar para o patriotismo; isto é, nós forças militares organisadas, dirigimo-nos aos chefes da resistencia na Lapa. Não deveis ignorar a nossa e a vossa situação; sabeis, com certeza, que neste momento tres corpos de exercito, o do general Piragibe, o do general Gumercindo e o meu sitião a cidade que defendeis. Sem exagerar, essas forças montão a um effectivo de tres mil homens, devendo-se acrescentar as forças que levantamos neste Estado, a força de linha que aprisionamos em Tijuca, assim como o vosso armamento e munição de artilharia e infantaria que apprehendemos em Paranagua, Curityba e Tijuca. Deveis saber ainda o quanto fomos generosos e patriotas com os rendidos de Tijuca. Julgamos desnecessario appellar para a vossa razão e bom senso, afim de garantir-mos que temos elementos sufficientes para vencermos, attendendo ainda a que estais cortados de qualquer protecção, visto que para impedir a que vos pudesse vir do Norte temos um exercito, do general Salgado, completamente desoccupado, e quanto á protecção com que sonhais, de Pinheiro Machado, limito-me a remetter-vos o original telegramma junto. E, francamente não fôrão as familias que dentro dessas trincheiras se achão, não fôrão a certeza absoluta que temos de vencer, devido ás consequencias desse sitio rigoroso, desobrigando-nos de dar um ataque, por demais sangrento, e já com os elementos de que dispomos, apezar da bravura inefficaz, com que impatrioticamente tendes resistido, teriamos terminado a questão da Lapa.

Assim, cidadão, como chefe das forças de linha do exercito nacional, forças essas que se compõem do batalhão de marinha, do batalhão naval, do 25 de infantaria, do 17 da mesma arma, e em nome dos officiaes de marinha e do exercito que servem sob as minhas ordens, concito-vos a depôr voluntariamente as armas em homenagem á Familia e á Patria, visto que a vossa resistencia por mais heroica que seja não conseguirá derrocar a logica fatal dos acontecimentos que nos indicão que seremos

victoriosos. Podeis ficar certo de que, como chefe das forças de linha, conheço e respeito religiosamente todas as leis da guerra, acatando-as, assim como as leis sociaes e humanas, de sorte que as garantias de vida e liberdade que neste momento vos offereço, serão fielmente cumpridas, quer em relação a vós, quer em relação a todos os vossos companheiros. Este convite a vós dirigido, o é também a todos os que vos acompanham e poderá também se-lo a outro, que não vós, caso desse outro dependa a solução da presente questão. Se, porém, nenhuma dessas razões actuar em vosso espirito, quero ainda como cidadão, como chefe de familia, como homem, fazer-vos a seguinte declaração: serão inteiramente respeitadas todas as pessoas que alheias á luta em que nos empenhamos, transitarem pelos centros das nossas linhas; deveis portanto, conceder-lhes, plena liberdade de locomoção. Se alguma cousa tiverdes a responder, as forças sob as minhas ordens occupão uma posição extensa nas proximidades do engenho de vossa propriedade; emquanto não vier essa resposta, nos conservaremos em nossos postos, sem prejuizo algum da nossa acção.

Saude e fraternidade.—*Laurentino Pinto Filho.*

Doc. n. 124—*Acta da capitulação da praça da Lapa*

Aos onze dias do mez de Fevereiro de mil oitocentos e noventa e quatro, na cidade da Lapa, no Quartel General da Segunda Brigada, presentes os Generaes, Gumercindo Saraiva, commandante do Exercito revolucionario do Rio Grande do Sul e em chefe das forças em operações neste Estado; Antonio Carlos da Silva Piragibe, commandante do Primeiro Corpo do Exercito Nacional Provisorio; Laurentino Pinto Filho, commandante do segundo Corpo do mesmo Exercito; coronel Julião Augusto de Serra Martins, commandante da Primeira Brigada; coronel Joaquim Lacerda, commandante da Segunda Brigada, os officiaes abaixo assignados, pertencentes ás referidas Brigadas por elles foi convenciona a capitulação da praça da Lapa, sob as seguintes condições: Os tres Generaes como representantes do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, acceitam a Capitulação, concedendo aos commandantes e mais officiaes da guarnição todas as honras de guerra, attendendo á forma heroica por que defenderam a praça, rendendo-se apenas por circumstancias especiaes supervenientes, sendo-lhes entregues todas as armas, munições e tropas. Aos officiaes é concedida plena liberdade e meios de transporte dentro do Estado para com seus bagageiros tomarem o destino que lhes convenha, sob condição de não mais tomarem armas contra a Revolução, que tem por fim a defeza da Constituição e das Leis da Republica.

E' do mesmo modo garantida a liberdade, vida e propriedade de todos os civis que se acharem em armas e que não queiram adherir á nossa causa, devendo tambem fazer entrega de armas e munições. E por acharem todos conforme lavrou-se a presente acta, que assignam. Gumercindo Saraiva.—Antonio Carlos da Silva Piragibe.—Laurentino Pinto Filho.—Coronel, Julião Augusto de Serra Martins.—Joaquim Lacerda.—Capitão Augusto Maria Sisson.—Major Ignacio Gomes da Costa.—Alferes Secundino Eustachio da Cunha.—Capitão José Olintho da Silva Castro.—2º Tenente, Mario Alves Monteiro Tourinho.—Capitão Praxedes A. Morocines Borba.—Tenente, José Lourenço C. Chaves.—Alferes, Alvaro Cezar da Cunha Dima.—Capitão, Clementino Paraná.—Major, Frederico Koch Angelo.—Tenente, José Mansbergert.—Tenente, Alberto J. Ponallz.—Major, Menandro Barreto.—Tenente, José Meinl.—Alferes, Amaro Cecilio de Oliveira.—Alferes, Domingos José dos Santos.—Tenente-coronel, Libero Guimarães.—Capitão, Torquato Pinho Ribas.—Alferes, Pedro Hoffmann.—Alferes, Ascendino Ferreira do Nascimento.—Tenente, Oscar Candido Capell.—Capitão Dr. José Seutari, commandante do pelotão de Sapadores.—Alferes, Candido Gomes Coelho, (dos Sapadores).—Alferes, Junkwalder.—Tenente, Ricardo Stiegler.—Alferes, Quintino Jaguaribe de Oliveira.—Alferes, Candido José Pamplona.—Alferes, Max Schieler.—Alferes, Antonio Gomes Ferreira.—Alferes, Manoel A. Botelho Athayde.—Major, engenheiro, Joaquim Gonçalves Junior.—Tenente-coronel, Emilio Blum.—Americo Vidal.—Alferes, Theodoro T. Mello.—Tenente, Raymundo de Abreu.—Major, Fellepe Schmidt.—Dr. Tenente medico, Felipe Maria Wolff.—Capitão, José Maria Sarmento de Lima.—Tenente, Adalberto Menezes.

Doc. n. 125—*Proclamação do gen. Piragibe aos seus commandados sobre a tomada da cidade da Lapa*

« Quartel General do Commando do 1º Corpo do Exercito Nacional Provisorio. Acampamento na cidade da Lapa, 11 de Fevereiro de 1894.

Camaradas !

A capitulação da guarnição da Cidade da Lapa, que se acaba de dar, marca para a historia mais um facto glorioso para a causa que defendeis com abnegação e patriotismo, para vós a satisfação intima de haverdes sabido cumprir o dever de quem se bate pela liberdade !

Há 26 dias que tomastes posição em torno dos canhões inimigos, assestados sobre as muitas trincheiras que os guardavam !

O vosso entusiasmo de patriotas não arrefeceu diante dos difíceis e penosos trabalhos impostos pela posição arriscada em que vos achastes! A vossa tenacidade na resistência deu á Revolução a victoria de hoje como recompensa de vossa dedicação e esforços!

Tendes diante de vós submettidos ao poder de vossas armas uma guarnição composta de cerca de 500 homens com duas bandas de musica, todo o armamento inclusive 8 canhões e duas metralhadoras, muitas munições, arreamento, barracas e outros utensilios, cavallos, carroças e outros objectos!

Não vos deveis esquecer de que vencestes um adversario valente e abundante de recursos bellicos: elle cedeu, sem duvida, á vossa tenacidade e intrepidez, mas só o fez depois de uma resistencia verdadeiramente heróica!

Camaradas!

Está terminada a vossa missão na Lapa! Acabais de libertar o futuro Estado do Paraná, como o fizestes em S. Catharina, com gloria para a Revolução que sustentamos.

Avante Camaradas!

Confiai na justiça de nossa causa, amparada pela providencia e vereis em breve triumphar a revolução com a libertação do grande Estado de S. Paulo!

Abaixo a tyrannia!

Viva a Republica!

Viva o Exercito e Armada Nacional!

Viva o Estado do Paraná!

Viva a Revolução Libertadora

General.—Antonio C. da Silva Piragibe.»

Doc. n. 126—*Parte do com. do 1.º Corpo de exercito Nacional Provisorio sobre o sitio da Lapa*

A capitulação da guarnição da cidade da Lapa, após o sitio de 26 dias pelos vossos esforços, heroismo e tenacidade nos combates contra o inimigo entrincheirado, deu em resultado a completa liberdade d'este Estado.

Para bem orientar-vos dos factos anteriores, que se prendem á nossa victoria de hoje, me permittireis recapitular acontecimentos desde a marcha que fiz do acampamento da Roseira.

A 17 de Janeiro ultimo, dando execução ao plano combinado fiz marchar da Roseira todas as forças do meu commando, divididas em 3 columnas, a saber: a 1ª composta das divisões Rio-Grandenses, commandadas pelos valentes coroneis José Seraphim de Castilhos e Torquato Antonio Severo e sob a minha direcção flanqueou pela esquerda a posição inimiga; a 2ª composta da Brigada de Voluntarios do Paraná e uma metralhadora

sob o commando do bravo coronel Dr. João de Menezes Doria, flanqueou pela direita; e a 3ª composta da Brigada Ligeira, um canhão Krupp e uma metralhadora sob o commando do intrepido Ajudante General Tenente-Coronel Sebastião Bandeira avançou tomando posição sobre a frente do inimigo, começando o bombardeio ao clarear do dia, ocasião em que simultaneamente as duas primeiras columnas atacavam o inimigo pelos flancos e retaguarda.

Estabelecido o sitio fiz cortar o fio electrico a 17, e a 18 tomei posse da Estrada de Ferro, com todo o seu material rodante, o que infalivelmente determinou a fuga de Vicente Machado e do general Pego Junior que teve de deixar em seu caminho 5 wagons carregados com armamento, munições, fardamento, barracas e outros utensilios que recolhi, e forão aprisionados pelo capitão secretario Dr. Fernandes Pires Ferreira Filho com 11 homens armados.

A 19 fiz marchar sobre Palmeiras 100 homens e os coroneis Drs. João de Menezes Doria, Manoel Lavrador e Felicio de Sá Ribas onde encontrou-se a Villa já desoccupada pelo inimigo que se tinha evadido, apoderando-nos de 20 armas com munição, 50 ponches e 30 cavallos.

A 20 occupei militarmente a cidade de Curytiba, com 150 homens ao mando do distincto coronel Dr. João de Menezes Doria, onde apoderei-me de 3 boccas de fogo e grande quantidade de armamento, munições, equipamento, arreiamentos e outros objectos.

A 22 dirigi uma nota aos chefes das forças fortificadas, pelo tenente José Schiaffitela, meu ajudante d'ordens, na qual mostrava a improfiquidade da resistencia diante das repetidas derrotas das forças da dictadura; e terminei fazendo um appello aos sentimentos humanitarios dos ditos chefes, para no caso de insistirem na resistencia, fazerem retirar as familias e demais individuos alheios á lucta para podermos bombardear as fortificações.

O nosso parlamentar, porém, foi repellido á bala pelas forças inimigas.

A vista de tão descommunal selvageria, fiz romper o canhoneio sobre as fortificações e avançar a infantaria até estreitar mais o sitio.

Tomaram parte nas operações d'esse dia as forças commandadas pelo bravo coronel Franklin Cunha que havia chegado na vespera.

Dois dias passados começaram a chegar as forças do exercito de V. Ex. que indubitavelmente mais concorreram para a victoria que acaba de alcançar as forças revolucionarias.

A 31, tudo de Janeiro, chegou o distincto general Laurentino Pinto Filho com o seu Exercito que muito nos coadjuvou até a capitulação.

Demasiado conheceis o valor de todas as forças Rio-Gran-

denses, Paranaenses e Catharinenses sob o meu commando para que me dispenseis de mencionar um por um todos os nomes d'essa legião de bravos; assim especificarei apenas os nomes d'aquelles chefes que são dignos representantes de seus commandados, pela bravura nos combates, constancia e tenacidade na resistencia contra as privações e soffrimentos: Coroneis José Seraphim de Castilhos, Torquato Antonio Severo, Dr. João de Menezes Doria, Franklin Cunha, João Filgueiras de Camargo, Felicio de Sá Ribas, tenentes-coroneis Carlos José de Menezes, Carlos Soares, Galvão Gomes Lisboa, José Rodrigues da Silva, Bruno Jacintho Pereira, Romão Candido Pereira e major Miguel Soares Fragoso.

Os officiaes que compoem o meu Estado-Maior desempenharam sempre todas as commissões que lhes encarreguei, com bravura, zelo e intelligencia, entre os quaes não posso deixar de mencionar os nomes dos seguintes; tenente-coronel Sebastião Bandeira, que exerce as funcções de ajudante e Quartel-Mestre General, major David d'Araujo, capitães Dr. Fernandes Pires Ferreira Filho, Secretario do Commando, Raul Rodrigues Teixeira, Leopoldo Engelke, Dr. Julio Cesar de Castilhos e Souza, Francisco Moreira Pinho, 2.º tenente d'armada Eduardo Piragibe, tenente José Schiafitella, Jorge Cavalcante, Ernesto Strobell, Guardiano Rodrigues e os alferes Januario Ayres da Silva e Paulo Loreiro.

Os medicos e pharmaceuticos que compoem o Corpo de Saude tornaram-se dignos de menção, pois que não se limitaram ao cumprimento de seus deveres profissionaes mas foram além, tomando posição nas linhas avançadas onde a fusilaria e metralha os attingiam: coronel-chefe Dr. Manoel Lavrador, capitão Dr. Germano Fritz, tenente pharmaceutico Luiz do Campora que mais de uma vez dirigio uma bocca de fogo e o alferes Casemiro Ramos.

O coronel Dr. Manoel Lavrador, procurando os lugares mais arriscados, mostrou sempre invejavel calma.

Tivemos a lamentar a perda de companheiros, cuja memoria jamais será esquecida dos que se batem pela liberdade.

Nossas baixas entre mortos e feridos durante o periodo decorrido não excede a 90, deixando de mencionar os respectivos nomes por não tel-os completos na occasião.

Ao illustre cidadão Gumercindo Saraiva, General em Chefe das forças Libertadoras acampadas na Lapa.—(Assignado) General *Antonio Carlos da Silva Piragibe*.

Está conforme.—*Fernandes Pires Ferreira Filho*, Capitão-Secretario do Commando do 1.º Corpo d'Exercito Nacional Provisorio.

Doc. n. 127—*Teleg. do gen. Laurentino Pinto aos chefes do Governo Provisorio, Ministro da Guerra e alm. Custodio de Mello sobre o compromisso da acta de capitulação da Lapa.*

Peço-vos providencias no sentido de não continuar a revolução que se está fazendo do compromisso de honra que tomei em nome do Governo Provisorio, com a guarnição da Lapa, garantindo liberdade, vida e propriedade aos commandantes, officiaes e povo, que confiados nisto cederam.

Outrosim foi condição imposta e por nós aceita, tomarem os capitulados o destino que lhes conviesse.

Agora tem sido mudado este compromisso em todos os sentidos, pelo que levo ao vosso conhecimento, afim de que providencieis como entenderdes de justiça, ficando por mim e meu exercito lavrado protesto solemne contra acto tão indigno e que por mim só não reprimo por faltar-me elementos. Saúdo-vos.—*Laurentino Pinto Filho.*

Doc. n. 128—*Resposta ao teleg. do gen. Laurentino Pinto Filho pelo Ministro da Guerra*

Desterro, 16 de Março de 1894.—General Laurentino.—Curytiba.

Sciante vossa communicação. Todos os compromissos assumidos acto capitulação serão mantidos, porém, como já tive ensejo de declarar ao Sr. Governador desse Estado, Governo Provisorio entende rigor nisso não deve ser levado extremo de altamente prejudicar-se os interesses do movimento revolucionario. Assim é que resolveu deixar aos officiaes a escolha de residencia nesse ou neste Estado, emquanto circumstancias não permittirem retirada para onde mais lhes convier.—*Saudações. Mourão.*

Doc. n. 129 — *Relatorio do chefe da revolta ao Ministro da Marinha do Governo Provisorio sobre a conquista do Paraná*

Commando em Chefe das Forças Libertadoras em operação no estado de Santa Catharina, em 4 de fevereiro de 1894.

Ao Sr. 1.º tenente Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha.

De volta a esta Capital, onde cheguei ás 11 horas da manhã do dia de hoje, passo a relatar-vos os principaes incidentes da gloriosa e recente expedição ao Estado do Paraná, lastimando que a escassez das partes officiaes, relativas ás operações commettidas ao exercito, me não permitta d'ellas occuparme tão circumstanciadamente quanto o faço em relação á marinha.

Em satisfação aos planos de antemão concertados de um duplo ataque por terra e por mar, quasi ao mesmo tempo em que o nosso exercito franqueava a fronteira terrestre d'aquelle Estado, era a sua fronteira maritima franqueada pela esquadra.

N'esse intuito foi que a 11 de Janeiro ameaçamos Ambrosios e Lapa e no dia 13 investimos o porto de Paranaguá.

Longa e pertinaz foi a resistencia offerecida pelos defensores de Ambrosios que, em numero superior a 750 homens, bem entrincheirados e dispondo de quatro canhões Krupp, vieram comtudo a capitular ao cabo de tres dias, apesar da inferioridade numerica das nossas forças, representada por um total de quinhentos homens, inclusive cento e cincoenta praças do Batalhão de marinha.

Os termos da Capitulação são os constantes do documento junto, que por copia submetto á consideração do governo.

Conseguindo esse primeiro resultado, era preciso marchar sobre a Lapa que, melhor defendida, ainda hoje resiste ao sitio, que lhe impuzemos, ha já tantos dias.

A 13 do mez de Janeiro, isto é, 7 dias antes da capitulação de Ambrosios, a esquadra libertadora conscia de seu dever, investio o porto de Paranaguá.

As 7 horas da manhã seguinte os cruzadores *Urano* e *Esperança* pela barra do norte, emquanto o *Republica* pairando na do sul protegia-lhes a passagem, vivo combate travou-se entre os nossos navios e a fortaleza da Ilha do Mel.

Essa vetusta fortaleza, a principio energica e disposta á luta, foi a pouco e pouco espaçando o seu canhoneio até que, por volta das 3 horas reconhecendo a ineficacia da sua resistencia, ao decimo oitavo tiro com que respondeu á nossa aggressão, calou os seus fogos fugindo toda a sua guarnição para as mattas dos arredores.

Já n'esse tempo os dois primeiros cruzadores dando cumprimento ás instrucções recebidas, despegavam na ponta do Bicho os contingentes de desembarque.

Em menos de dez minutos foi ladeada a distancia que os separava do seu objectivo, penetrando sem a menor resistencia no recinto da fortaleza, onde, em substituição ao pavilhão nacional, hastearam a bandeira branca da paz e da concordia.

Ahi foram apprehendidos dois canhões Krupp em perfeito estado de conservação e limpeza, com setenta tiros onze peças de alma lisa, das quaes duas ainda carregadas, alguma munição, muitos projectis esphericos, setenta carabinas de diversos

systemas com cerca de 30 mil cartuchos, seis barris de pólvora, velas mixtas e outros appparelhos de menor valia.

Emquanto se procedia o arrolamento do material abandonado, os fugitivos, em perseguição dos quaes seguiram alguns destacamentos, se foram apresentando, de modo que em poucas horas de pesquisa haviamos feito cincoenta prisioneiros, entre os quaes o commandante da praça, alferes Joaquim Severiano da Silva Filho, sem esquecer dois sargentos, um cabo e seis soldados do 3.º Regimento de artilharia, que declararam estavam promptos a servir a revolução, a que só por dever de disciplina combatiam até então.

O resto d'esse dia, como todo o correr do seguinte, foram empregados em arrecadar o material transportavel, restabelecer com a nossa gente o serviço da fortaleza e dispôr os elementos de ataque á cidade de Paranaguá.

A's 8 horas da manhã de 15, ordenei aos navios que deixassem o fundeadouro que haviamos tomado na tarde anterior em frente á Ilha das Cobras e seguimos avante em direção áquella cidade, collocado o *Republica* na vanguarda da linha de combate, o *Urano* pela alhata (*sic*) de boreste, com ordem de forçar a margem e ir tomar posição conveniente para bater as trincheiras do porto d'Agua, seguindo o *Esperança* á distancia a pôpa do *Republica* afim de entreter os fogos com as baterias situadas mais proximo.

Logo que os navios se puzeram a descoberto da Ilha da Cotinga, vivo fogo rompeu de terra.

A nossa resposta não se fez esperar.

A luta tornou-se renhida então de parte a parte, e assim se manteve emquanto durou a nossa passagem, lenta e propositalmente demorada, diante das 6 bocas de fogo que defendiam o litoral.

Em meio do combate o General de Divisão Antonio José Maria Pego Junior que se achava ocasional ou propositalmente em Paranaguá, esquecido dos deveres inherentes ao alto cargo de commandante em chefe do districto militar, desapareceu inesperadamente, seguindo caminho de Curitiba em um trem expresso com todo o seu estado maior e a quasi totalidade dos officiaes da guarnição daquella cidade.

Cousa não menos digna de nota é que, ao passo que as nossas bombas causavam sensiveis prejuizos em terra, ceifando vidas e ocasionando não pequenos estragos materiaes, tanto nas trincheiras dos nossos adversarios, como nas edificações mais proximas, apenas duas balas adversarias tocaram os nossos navios; uma que atravessou de lado a lado a chaminé do «Urano» e a segunda que penetrando o anteparo exterior do camarim de avante do «Esperança» se foi alojar n'uma das gavetas colladas por abaixo do beliche do commandante.

A's 11 horas da manhã ainda do dia 15 transposta a ultima trincheira do porto d'Agua, mandei cessar o fogo, para que e

as guarnições repousassem e tomassem a sua primeira refeição.

Ao meio dia tendo chegado o «Iris», com um reforço de cento e cinquenta homens, voltamos de novo á carga, d'esta vez resoltidos a não abandonar a luta emquanto não houvesse realisado o desembarque que projectava.

N'esse sentido dispuz-me a bater o adversario por partes, começando o ataque pela trincheira levantada á direita da estação do Caminho de Ferro, quasi ao desembocar de uma estreita rua, traçada em continuação á ponte do Lloyd.

Pela má configuração d'essa trincheira, que, além de outros defeitos, possuia uma unica canhoneira voltada para a Ilha das Cobras, restricto e limitado era o campo do tiro de canhão que a guarnecia.

Aproveitando-me d'essa particularidade, aliás muito propicia aos fins que tinha em vista, vim collocar-me com o «Republica» em posição tal que a pudesse ferir pelo flanco, sem que fosse attingido pelas balas adversarias.

Em menos de um quarto de hora do mais nutrido fogo contra aquelle reducto de areia, foi elle abandonado, refugiando-se no matto os poucos dos seus defensores que ainda poderam escapar com vida ao mortífero e certo fogo da nossa artilharia.

N'esse interim o cruzador «Urano», que tivera ordem para approximar-se o mais possivel de terra, veio collocar-se a uns sessenta metros da praia, fazendo largar de bordo os seus escaleres atopetados de officiaes e valorosos soldados dos batalhões «Fernando Machado» 25 de Infantaria e Corpo Policial do Desterro, respectivamente commandados pelo coronel Nepomuceno da Costa, tenente Carpes, e alferes Annibal Gonçalves.

Antes que os escaleres abicassem á terra, partiram do matto fronteiro successivas descargas de fuzilaria, que para logo tiveram resposta condigna das metralhadoras e dos canhões de tiro rapido do «Urano» e do «Republica».

Dois magnificos disparos de bomba, partidos d'este ultimo cruzador, cahindo precisamente no lugar em que maior parecia a contracção dos nossos adversarios, pôl-os em completa debandada, deixando apos si muita arma e munições, além de alguns de seus companheiros que cahiram na luta para não mais se erguerem.

Dada esta circumstancia, de todos os navios partiram escaleres com o restante do pessoal de desembarque, prefazendo um total de 316 homens assim divididos, cento e cinquenta do exercito libertador ao mando do coronel Franklin Cunha, noventa e seis do batalhão Fernando Machado, vinte do Corpo de Policia do Desterro e cinquenta do batalhão de Marinha sob o commando do 1.º tenente Honorio de Barros.

Todos estes contingentes tinham por commandante em chefe o coronel Pahim.

Facil tornou-se o seu desembarque.

Senhores do littoral, os nossos soldados avançam para a cidade pela estrada do Caminho de Ferro, seguindo na vanguarda os bravos e intrepidos marinheiros, a cuja aproximação os nossos adversarios temerosos da sua tradicional ousadia e temeridade, abandonam o campo da luta e fogem desordenadamente, deixando dois canhões que foram trazidos para bordo do «Urano» por alguns soldados do batalhão Fernando Machado.

Ao penetrarem porém em Paranaguá tiveram os nossos de suspender a marcha para repellar o ataque dos dois canhões Krupp, retirados do littoral para defeza interna da cidade.

O combate tornou-se pouco e pouco desesperado, mas os nossos marinheiros, n'um dado momento, zombando da metralha inimiga, avançam resolutos a peito descoberto, como quem desprendidos da vida buscam na morte o meio honroso de perpetuar as suas gloriosas tradições.

A fortuna os guia n'esse transe arriscado e os canhões, até então em actividade, são tomados a mão e feitas prisioneiras as suas guarnições.

Batidos ainda uma vez, os nossos adversarios pensam ainda poder resistir nos arredores da cadeia, acobertados do infortunio de quarenta e dois prezos politicos e em enjo numero contava-se o 1.º tenente da armada Francisco de Souza Mello.

Que se enganaram, porém, bem o demonstrou o cerco que lhes puzemos e ante o qual não tiveram remedio senão render-se, humilhados da sua propria fraqueza. O general Eugenio de Mello, comprehendendo que a resistencia por mais tempo seria inutil, recolhia-se á sua habitação quando foi feito prisioneiro, sendo immediatamente conduzido, para bordo do «Urano».

Assim foi que a cidade de Paranaguá defendida por cerca de noventa homens de infantaria e artilharia e guardada por seis canhões modernos, foi occupada, perdendo as nossas forças apenas seis homens, emquanto dos contrarios cahiram por terra cerca de cento e cincoenta, além de muitos feridos.

Acto continuo á nossa occupação, as portas da cadeia foram abertas de par em par para deixar passar, aos applausos da população, quarenta e dois criminosos politicos, victimas da insolita prepotencia do marechal dictador.

Na cidade e seus arredores foram apprehendidos seis Krupps com cem tiros, trezentas e poucas carabinas de diversos systemas com cerca de oitenta mil tiros, cem espadas, alguns reflex, quarenta bestas de carga, dois caixões, um com uniforme para soldados e outro com calçado.

A 16 de janeiro fiz seguir o cruzador «Iris» para Antonina, á cuja presença a cidade rendeu-se á discripção (*sic*), fugindo os seus defensores, que desorientados deixaram o armamento em abandono.

Pouco depois de haver o «Iris» fundeado seguiu para Morretes um destacamento de cincoenta praças sob o commando do tenente Carpes, á cuja aproximação essa cidade a exemplo pre-

cedente também rendeu-se. N'uma e n'outra cidade, apreendemos dois canhões Krupp, com sessenta e seis tiros, um caixão com pólvora, cento e vinte carabinas com trinta mil tiros, noventa e quatro rifles, oitenta e quatro cinturões, quarenta e oito patronas e quatro espadas.

A' semelhança de Antonina e Morretes, Curityba rendeu-se no dia 17, sem a menor resistência á simples aproximação de um contingente de cem praças ainda sob o commando do tenente Carpes, fugindo para a fronteira do Estado o ex-governador dr. Vicente Machado, o commandante do Districto, general de divisão Antonio José Maria Pego Junior e grande numero de officiaes.

Eis pois como em concisos termos se effectuou a conquista do Estado do Paraná.

Congratulando-me com o Governo por tão auspiciosa victoria, faço votos pelo prospero triumpho da causa que defendemos.

Custodio de Mello.—Contra Almirante.

Doc. n. 130—*Proclamação do general Piragibe ao cor. Pires Ferreira, chefe das forças do governo, concitando-o a fazer causa commum com a revolução*

Quartel General do Commando do 1.^o Corpo do Exercito Nacional Provisorio, acampamento na villa de Jaguarahybe, em 15 de março de 1894.

Aos meus antigos Camaradas.

Manda a lealdade de brasileiro e de militar que aconselhe aos nossos adversarios occasionaes a não proseguirem no caminho em que se acham.

Lembrai-vos Compatriotas que como filho do mesmo paiz, bem compenetrado dos nossos deveres civicos, igual é a nossa missão sempre que se trata da salvação da patria.

N'este momento afflictivo para todos nós quem ousará duvidar da lisura e sinceridade da santa causa da Revolução?

Quem ainda duvidará do despotismo exercido pelo governo do Marechal Floriano Peixoto desde que a fatalidade lhe entregou a direcção do nosso caro Brazil que elle tem desacreditado, ensanguentado e perseguido?

O Governo de 23 de Novembro que subiu em nome da legalidade tem caprichado em menoscabar a lei para fazer predominar apezar de tudo a omnipotencia de sua vontade absoluta.

A constituição e a lei são letras mortas!

Já deveis conhecer as sympathias que ha inspirado á nossa causa e Nação.

Deveis saber também que o Estado de Santa Catharina está

completamente livre; as forças de Pinheiro Machado, Lima, Arthur Oscar, Flores e outros Chefes castilhistas forão alli batidas pelas forças de Gumerindo e Salgado, que as fizeram fugir para o Rio Grande, abrindo grandes claros nas suas fileiras.

Não deveis ignorar também que o coronel Antonio Ernesto Gomes Carneiro foi victima do Marechal Floriano (Peixoto) na Lapa, onde succumbiu, capitulando sua forte divisão de 800 homens com 6 bocas de fogo.

Coronel Eugenio de Mello capitulou em Paranaguá com cerca de 1000 homens, e 10 bocas de fogo.

O general Pego Junior e Governador Vicente Machado evadiram-se de Curytiba, deixando 4 bocas de fogo, 800 armas diversas, muitas espadas, grande quantidade de fardamentos e lanças.

A' vista pois de todas estas victorias alcançadas pela Revolução, o que é que vós esperaes?

Sacrificar cada vez mais o sangue de nossos irmãos, por certo que não; sois Brasileiros e amantes da nossa querida Patria; vinde pois a nós que vos aguardamos como antigos Camaradas acostumados a defender do nosso lado as liberdades e a honra da patria.

E não podeis duvidar que a Patria está comnosco. Para que proseguir Camaradas nesta lucta fraticida de Brasileiros contra Brasileiros só para servir as ambições de um dictador sem patriotismo que nem o privilegio da farda que o honra soube respeitar sacrificando até velhos e antigos generaes, cobertos de glorias e serviços com o descredito para todo o exercito.

Pela Republica, pela Patria vinde a nós para evitar mais derramamento de sangue de irmãos a que nos forçaes em defesa da liberdade de nosso caro Brazil, contra a oppressão de um tyranno.

Tudo pela liberdade!

Viva a Republica!

(Assignado) General Antonio Carlos da Silva Piragibe

Doc. n. 131—*Manifesto do 1.º vice-governador do Paraná, depois da occupação da capital pelas forças rebeldes.*

«PARANAENSES—Ha perto de dois mezes que, com o coração tranzido de dôr e com o cerebro sob um verdadeiro atropello de idéas, por factos sobre os quaes julgará com imparcialidade o futuro, tive necessidade de retirar-me da capital do nosso querido Estado, pela falta occasional de elementos para offerecer resistencia á invasão revolucionaria que por mão criminosa havia

sido guiada das nossas fronteiras do sul para o coração do Paraná.

A 18 de janeiro, depois de ter por decreto e utilizando os poderes discricionarios de que fui investido pelo benemerito congresso legislativo, transferido provisoriamente a sede do governo para a cidade de Castro, para ali tomei direcção acompanhado de pequena força estadual, e de numerosos amigos que commigo queriam partilhar das agruras em que uma phase dolorosa lançava o representante constitucional do poder executivo do Estado.

Desviado desse proposito pelo chefe das forças militares que me garantia já estar a cidade de Castro em poder da invasão, vim para as fronteiras do norte pedir ao governo da União os elementos necessarios de força para restabelecer a ordem constitucional do Paraná e varrer do sólo da minha terra natal o bando invasor dos inimigos das instituições e da patria.

Aqui me tendes hoje, paranaenses, pisando de novo o territorio querido do Estado, ao lado do numeroso exercito dedicado á causa da lei, da Republica, e com serena e confiante esperança na victoria da causa da justiça, afim de recuperar as seguranças para nossa vida pacifica e laboriosa: o socego e a tranquillidade para o lar de nossas familias e para o seio das classes de nossa sociedade; a garantia para a vossa propriedade, pela restauração do dominio da constituição, ao serviço da ordem e do progresso da nossa communhão politica, constituida pelos delegados de vossa soberania pela investidura livre dos vossos suffragios.

E o difinitivo triumpho e a victoria decisiva serão nossos, diz a justiça indefectivel da causa a cuja defesa servimos.

A invasão, essa torva e desgraçada invasão, gerada da ambição e do despeito, heterogenea, incolor, sem ideal, desnaturada e torpe, deixará como rasto de sua passagem pelo sólo paranaense a desolação, o pranto, o luto, os attentados contra a vida e a propriedade, lembranças que só servirão para amaldiçoal-a.

Breve reentrareis, meus patricios, na serenidade proveitosa e honrada de vossa vida normal; brilhará a alegria em vossos lares, tão limpida, como o sol que doira nossas campinas, o brilho das bayonetas dos nossos soldados, dedicados a causa da Republica e de sua constituição.

Esse lapso de tempo em que tivestes sequestrados todos os vossos direitos, annullada a vossa soberania, aniquilada a vossa liberdade individual, ameaçado o vosso lar, confiscada a vossa propriedade, e sob constante perigo a vossa vida, vos servirá de estímulo para a sustentação do livre e democratico regimen da nossa lei fundamental, ampla de garantias para o vosso socego e para o progresso material, intellectual e moral.

Sob as franquias do regimen constitucional do nosso Estado, breve apresentarei ao vosso julgamento, ao qual sempre fui e serei submisso, toda a minha conducta, durante o periodo re-

volucionario como homem politico carregado de responsabilidades pela investidura do alto mandato que me conferistes, e pela minha posição no seio do meu partido republicano paranaense, cheio de abnegações pela causa publica, intemerato na lucta, magnanimo e generoso no dia da victoria.

Por agora só vos peço, meus patricios, toda a cooperação do vosso patriotismo, todo o desprendimento civico, toda a vossa dedicação incondicional á Republica, para esmagar de vez essa revolta, já tão condemnada pelo paiz inteiro que impede a consolidação da fôrma de governo amada e querida dos brasileiros.

Paranaenses! Todos os vossos sacrificios pela Republica e pelo governo constitucional.

Viva a Republica!

Viva o governo constitucional!

Viva o marechal Floriano Peixoto, vice-presidente da Republica!

Viva o exercito brasileiro!

Viva o Estado do Paraná!

Acampamento no Itararé, 7 de Março de 1894—6º da Republica—*Vicente Machado.*»

Doc. n. 132—*Proclamação do chefe da divisão das tropas leaes em operações no Paraná.*

Quartel general do commando da divisão em operações no Estado do Parana, acampamento nas margens do Itararé.

CONCIDADÃOS! — Investido do commando da divisão em operação no Estado do Paraná, venho declarar-vos que trago a honrosa missão de garantir a integridade do territorio nacional, o direito de propriedade em toda a sua extensão, o restabelecimento da paz publica, o socego do lar e a concordia no seio da familia brasileira.

A' frente de forças armadas e tendo á minha disposição os poderosos meios que os recursos de guerra offerecem para uma acção resoluta e efficaz, nunca deixarei, entretanto, de ver, com a mais pungitiva angustia, que são nossos irmãos os que se encontram em fileiras oppostas, pois que nós e elles somos filhos dessa mesma patria, que está a pedir-nos, a todos nós unidos por uma fraternal communhão de sentimentos, a contribuição de esforços, de que ella tanto carece para completar o seu desenvolvimento e poder levar o seu concurso á grandiosa obra do progresso humano.

Infelizmente, separados de nós pelo esquecimento do dever patriotico e deixando-se levar pela fatalidade de um máu destino a tomarem as armas contra a suprema lei da nação, são elles, os inimigos das instituições e da ordem, que nos impellem á

esta lucta profundamente deploravel, na qual, para honra nossa, não é outro o nosso papel senão o de defensores da Republica e da Patria.

Concidadãos!

Não é nescessario que eu faça appello ao vosso patriotismo para que cada um de vós saiba cumprir o seu dever neste momento de sacrificios e de dôr para todos.

Os bons patriotas sabem que a primeira condição de felicidade publica é a paz; e esta só pode ser restituída á nação brasileira depois que, pela energia dos defensores da ordem, tiverem sido extinctos os elementos de perturbação e anarchia, postos em agitação.

E' necessario e urgente dominar a revolta.

Estão preparados e em acção os meio de vencel-a.

Concidadãos!

Annunciando-vos sob a minha fé de brasileiro, como sob a minha honra de soldado, que esta é a missão confiada ás briosas forças do meu commando, nutro a convicção de que guardareis calmos e tranquillios, os vossos lares, garantidos, como estaes, em todos os vossos direitos, collocados agora debaixo da protecção segura da força legal que é a propria da lei.

Concidadãos!

Confiai na nossa força, que é a representação legitima do direito assim como nós confiamos na firmeza e na sinceridade do patriotismo brasileiro.

E a vós, paulistas, invocando o vosso glorioso passado na formação da patria brasileira e os vossos assignalados serviços na obra da fundação da Republica, a vós, particularmente, eu peço a contribuição indispensavel de vossa energia e de vossa coragem para impedir que este sólo tão bello, tão rico e tão fertil, venha a ser esterilizado pelas pégadas dos invasores.

Viva a Republica!

Viva o marechal Floriano Peixoto!

Vivam os povos de S. Paulo e Paraná.

Firmino Pires Ferreira, Coronel commandante.

Doc n. 133—*Ordem do dia de Gumerindo annunciando a invasão de S. Paulo*

ORDEM DO DIA N. 6.—Quartel General do commando em chefe das forças de terra em operação no estado do Paraná, Ponta-Grossa, 7 de abril de 1894.

Levo ao conhecimento das forças do exercito as occurrencias seguintes:

Camaradas!

Acaba de assumir o governo do estado do Paraná, de accordo com o exercito libertador e em nome da revolução, o importantissimo chefe paulista, Dr. José Antonio Ferreira Braga, que pelo seu reconhecido criterio, illustração e tino administrativo, como já o provou no regimen passado, quando presidente do Pará, será mais um dos grandes elementos para a victoria da grande causa que defendemos.

Camaradas! Pelas noticias que nos chegam do heroico estado do Rio Grande do Sul, posso garantir aos meus intrepidos e valentes commandados, que com o auxilio do Deus dos Christãos, está perto e muito perto o dia em que a bandeira da liberdade fluctuará nos angulos desta grande Republica.

Camaradas! Como já sabeis, á esta hora o grande almirante Custodio José de Mello com seus quattros mil companheiros de luta, a bordo da heroica esquadra libertadora, forçando a barra do Rio Grande do Sul, para fazer desembarque naquella região e tomar o Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, de accordo com os denodados chefes Tavares, Salgado, Prestes Guimarães, Pina, Cabeda, Silveira Martins, Machado, presidente do visinho estado de Santa Catharina e tantos outros, e de uma vez para sempre fazer desaparecer o despotismo daquelle valoroso Estado.

Camaradas! A nossa missão neste momento é espinhossissima, pois que temos de garantir a liberdade dos povos paranaense e catharinense, ameaçados novamente pela tyrannia encarnada em Floriano Peixoto. E contando eu com o vosso reconhecido valor e Patriotismo, confio na Providencia, que me mostre o caminho por onde devo seguir para atirar com o despota em terra. Estou certo que em breve eu poderei dizer a vós, meus leaes companheiros de campanha e ao mundo inteiro:—está livre o Brazil das garras do dictador—e o povo usando do direito de completa liberdade, pôde ir ás urnas eleger o presidente que deve dirigir os destinos desta grande Republica.

Camaradas! Vou concentrar o meu exercito, que, como sabeis se acha em diversos pontos da fronteira do seguinte modo: uma brigada em Paranaguá, sob as ordens dos denodados coroneis Pahim, Leoni e tenente-coronel Cavalcanti; outra no Assunguy, debaixo das ordens dos valentes coroneis Jocelyn Borba, Teixeira de Freitas e Abranches; outra no Rio Negro, sob o commando dos intrepidos coroneis Felicio Filgueiras e Fragoso; outra no Porto da União á Palmas, debaixo das ordens dos illustres coroneis Antonio Bodzisk, Miguel Jesus, Verneck e major Roberto Silva; outra na fronteira de Itararé, entregue aos audazes coroneis Telemaco Borba, Pereira Pinto, e tenente-coronel Carlos Libindo Menezes; uma divisão em Guarapuava ao mando do destemido Juca Tigre, outra em Cupim debaixo das ordens do invencivel Apparicio; o grosso do exercito em Ponta Grossa ficará ás ordens dos intrepidos coroneis Torquato Severo, Vasco

Martins, Manoel R. de Macedo (Folião), Carlito Gama, Varella Raquin e tenente-coronel Julio Cezar; e na capital a guarnição ficará sujeita ás ordens dos destemidos coroneis Cesario e Amaral e regimento de artilharia, commandado pelo digno coronel Colonia.

Camaradas! Preparai-vos, que eu vou recommençar, depois de dois mezes de descanso do meu invencivel exercito, as operações de guerra para de uma vez para sempre ficarem os dictadores e o mundo inteiro, sabendo que não se calca aos pés da dictadura os direitos de um povo livre, rasgando-lhe a sua constituição, impunemente. E para isso camaradas conto como sempre contei, com a vossa bravura, com o vosso patriotismo, com a vossa lealdade e com vosso amor pela santa Republica.

Camaradas! As nossas operações vão se dirigir sobre a grossa columna das forças do despota que tenta avançar pela fronteira do visinho estado de S. Paulo, certo como estou que diante do meu grande e valente exercito ella terá a sorte que tiveram aquellas que avançaram sobre o heroico estado de Santa Catharina, como sejam as que foram por Paranaguá por Ambrosios e Lapa, que vós, melhor do que ninguem, sois testemunhas da derrota que soffreram e da humilhação porque passaram os officiaes comprados pelo dictador.

Camaradas! Expulsadas, como vão ser para sempre do estado do Paraná, as forças do dictador, cumpre-me dizer-vos, que chegando a fronteira de S. Paulo, se este não se mover para repellir do seu solo os servidores do despota, eu não darei um passo alem; mas se o povo paulista pegar em armas levantando-se como um gigante para defender seus direitos eu irei com todo o meu exercito em seu auxilio e então certa será a derrota das forças do tyranno, sendo plantada a bandeira da liberdade não só nesse estado, como em todos os outros.

No caso contrario, a consciencia me diz que eu devo proclamar a independencia do estado do Paraná e dos seus dois irmãos do Sul.

Camaradas! Estou certo que com o auxilio da Providencia e o vosso valor, eu conseguirei os meus desejos, que consistem em garantir o direito, a justiça e a liberdade da familia brasileira, visto serem os vossos e assim tambem os da população sensata da nossa grande patria.

Viva a Constituição!

Viva a esquadra libertadora!

Viva o exercito libertador!

Viva o Paraná independente!

Viva a Republica!

Gumercindo Saraiva.

Doc. n. 134—*Adhesão do batalhão
Franco-Atiradores*

Aos 21 dias do mez de fevereiro de 1894, achando-se presentes no quartel do 1.º batalhão de infantaria do exercito, á rua Aquidaban n. 15, nesta cidade de Curitiba, reuniram-se os officiaes abaixo assignados para declararem o seguinte :

Considerando que a ordem do dia n. 1 de 12 do corrente mez andante e assignada pelo coronel dr. José Maria Vaz Pinto Junior, é em tudo uma verdade, como são testemunhas de facto e de vista ;

Considerando que a marcha do batalhão Franco-Atiradores para o sul da Republica tinha por fim o impedimento da invasão de um exercito anarchisador, que queria a restauração da monarchia no Brazil ;

Considerando que, ao enfrentar-se com o inimigo, foi-se surprehendido ao ver-se distinctos e reconhecidos co-religionarios á frente de suas forças militarmente constituídas a se baterem pela Republica civil, pondo de margem a intervenção do militarismo nos negocios politicos do paiz ;

Considerando que o objectivo do exercito libertador é por todos os pontos de vista mais sympathico, patriotico e util que a manutenção de um governo que se sustem pela força das armas ;

Considerando mais que, quanto maior for o numero que avance contra as forças do marechal Floriano Peixoto, menor será o numero de victimas-irmãos, por isso que o numero não permittirá a luta e que, se nas columnas do exercito libertador forem encontrados os illudidos de hontem, maior será a perplexidade dos lutadores :

Resolvem prestar o seu concurso e apoio aos irmãos do exercito-libertador com o mesmo ardor e o mesmo entusiasmo que lhes impelliram a marchar para este Estado contra a pseudá restauração da monarchia e dar ao 1.º batalhão de infantaria a mesmo fama e nome que tinha o extincto batalhão Franco-Atiradores que vai agora auxiliar os chefes que, fazendo-o capitular, fizeram a justiça de ver nelle um punhado de brasileiros valentes.

Aggremiados, pois, resolvem com o exercito libertador bradar vivas ao partido federalista brasileiro ! A' Republica Brasileira !
--Major Alipio José Pinto Cerqueira—Capitão-ajudante Ildefonso Leão Amorim—Tenente-secretario José Pestana de Aguiar—Tenente quartel-mestre Frederico Emilio Feital—Capitães Lauriano de Andrade—José Candido dos Reis—Quirino Ignacio da Cruz—Francisco Oscar Gondim—Tenentes Alberto Carvalho—Themistocles Leão Filho—Graciliano de Mattos—Aferes João Baptista Loureiro—Luiz Augusto de Barros—José Bezerra de Mello—Thomaz José do Nascimento—Newton de Lima Ribeiro—Alfredo Orozimbo da Silva.»

Doc. n. 135—*Manifesto do alm. Mello aos paranaenses sobre a junta governativa*

CONCIDADÃOS.—Tendo se exonerado o Governo Provisorio, que incontestavelmente assignalados serviços prestou á causa nobre e santa que nós, revolucionarios, defendemos, como chefe da revolução d'Armada resolvi, attendendo ás circumstancias actuaes e aos progressos da revolução em geral e ainda de accordo com o meu programma revolucionario, cujo um dos seus alevantados intuitos é a annullação do militarismo, instituir, em vez do governo de um só, uma junta governativa, da qual façam parte representantes civis dos tres Estados: Rio Grande do Sul, Santa Catharina e Paraná.

Dependendo a escolha do representante do Rio Grande do dr. Silveira Martins, chefe que, sem duvida, é do homerico movimento revolucionario naquelle Estado, só foram por ora escolhidos os dos dous outros Estados, sendo elles: o dr. Ferreira de Mello, presidente do Supremo Tribunal Federal por parte de Santa Catharina, e o dr. Emygdio Westphalen por parte do Paraná.

Estes dous illustres cidadãos, que accederam ao meu convite para acceitarem esse posto de sacrificios, só por esse acto tornaram-se credores da consideração do paiz, quando já não tivessem um governo passado que lhes dá direito a esta consideração.

E' que nessa escolha só tive em vista a victoria da revolução para que tenhamos uma verdadeira Republica e consequentemente para que nossa patria seja grande, livre e feliz e estou certo que o grande patriota, dr. Silveira Martins, abundando nessas ideias, escolherá para representar seu glorioso Estado um homem digno e competente.

Agradecendo aos escolhidos, conto firmemente que saberão corresponder á confiança que nelles depositamos, eu e meus companheiros de luctas, assim como tambem, com o seu valioso e intelligente concurso em breve entoaremos hozanas pelo triumpho final das armas revolucionarias.

Viva a Nação brasileira!

Viva a Republica!

Curitiba, 11 de Março de 1894.—*Custodio de Mello*, contra-almirante.

Doc. n. 136—*Officio do dr. Menezes Doria ao gen. Cardoso Junior transmittindo-lhe o governo do Paraná*

«Ao Cidadão General Francisco José Cardoso Junior.

Tendo de seguir com a maxima urgencia para as Republicas do Prata, em missão do governo federal, resolvi passar-vos o

governo do Estado, de que me acho investido em virtude de aclamação do povo paranaense e assenso unanime das forças revolucionarias de mar e terra, por occasião da tomada deste Estado; e tomei esta resolução porque vos reconheço como militar prestigioso e cidadão dotado de grande intelligencia para dirigir os destinos do Paraná e porque representais perfeitamente o pensamento do partido ora dominante, de cujo Directorio sois presidente.

E como, em conferencia que comvosco tive, me declarastes que podia contar com o vosso patriotismo e valioso concurso, tenho a honra de vos convidar para assumirdes o governo do Estado, amanhã, 25 ás 9 horas do dia, neste palacio.

Asseguro-vos a minha franca e leal coadjuvação em tudo que fôr para o bem da nossa patria.

Saude e fraternidade.—24—3—94.—*Dr. João de Menezes Doria.*

Doc. n. 137—*Manifesto do gen. Cardoso Junior aos paranaenses annunciando haver assumido o governo do Paraná.*

AO POVO PARANAENSE.

Solicitado instantemente pelo illustre governador deste Estado, assumi, hontem a direcção politica e administrativa do mesmo, não trazendo para este posto provisorio outra politica que não seja a defesa das instituições republicanas, o amor pelos adversarios momentaneos e o acato ás familias, cujo respeito colloco acima de tudo.

O meu passado foi sempre pautado pela discrição, ora harmonizando as idéas que me parecem mais seguro penhor á effectiva organização republicana, ora pondo em jogo toda a minha actividade no sentido de conciliar as facções oppostas, e apparentemente hostis. Não tenho odios, nem paixões. O meu governo será um phenomeno occasional e succedaneo á marcha natural da politica paranaense.

Vimos para este posto de alta e melindrosa responsabilidade apenas para substituir provisoriamente o governo deste Estado.

O seu governador não podia deixar de partir para as republicas do Prata, em missão especial do Governo Federal, segundo o manifesto em seu officio a nós dirigido.

A sua ausencia será breve.

Assim, pois, dentro em poucos dias volverá ao seu posto trazendo á sua terra natal os recursos de que carece para a immediata realisação do objectivo politico a qual, ha mezes preoccupa e acendra o orgulho dos seus co-estadinos.

Confiamos na sua actividade, no seu patriotismo e na sua

intelligencia. Quanto a nós saberemos proseguir na politica de conciliação e de fraternisação pela qual propugnamos sempre, tomando em conta que a escolha cahio antes na tradicção singela mas immaculada da nossa patente, do que no prestigio ou na popularidade politica que a vaidade nos levasse por ventura a aspirar.

Venho, portanto abraçar os receiosos e harmonisar os partidos, aos quaes não assiste o direito de se hostilizarem.

Curityba, 26 de Março de 1894.—General *Francisco José Cardoso Junior*.

**Doc. n. 138—Manifesto do gen. Cardoso Junior
passando o governo do Paraná.**

AO POVO PARANAENSE.

Ao assumir a gravissima responsabilidade de presidir os destinos do Paraná, em um periodo anormal e cheio de agitações, em que a autoridade civil seria absorvida pela militar, nenhum movel actuou em meu espirito senão o desejo unico de poder ser util á população, garantindo a ordem e conciliando os espiritos desvairados pela politica das paixões partidarias.

Quando a 24 de março o dr. João de Menezes Doria transmittio-me a administração, durante sua ausencia, ponderei áquelle cidadão que o estado de minha saude não permittia corresponder áquelle apello patriotico que a mim fazia, tanto que já teria solicitado, desde a designação, a exoneração do cargo de Ajudante General do Exercito. Insistindo elle e amigos pessoas de todos os matizes, fui forçado a aceitar o posto de sacrificios.

Em manifesto que dirigi ao povo salientei os intuitos que me animavam e creio que não deixarei de cumprir aquillo a que me comprometti, tendo sido coadjuvado por todos.

Hoje, porém, que as circumstancias tornaram-se diversas e graves pela corrente dos acontecimentos, entendi que em tal emergencia devia deixar a administração, e passal-a a um cidadão, que gozando do respeito geral, pôde ser mais util que eu ao povo paranaense no momento actual, impedindo a reacção que pôde resultar de uma mudança de situação.

Por muito amor que dedico ao povo paranaense, por muito civismo que me anima, creio que ninguem poderá exigir mais.

Na situação que corre, aos interesses politicos é forçoso que cedão os interesses de conciliação, e ninguem mais no caso de conseguir este desideratum de que o dr. Tertuliano Teixeira de Freitas, a quem neste momento passo a administração, e que estou certo, com seu prestigio garantirá a tranquillidade publica e particular.

Curityba, 3 de abril de 1894.

Marechal *Francisco José Cardoso Junior*.

Doc. n. 139—*Declaração do senador Cunha Junior sobre a sua missão ao Sul.*

«Sem liberdade para entrar n'este debate, que aliás prende-se á missão que desempenhei no Sul, tenho, em todo o caso, o dever de atalhar para que não corram com a minha responsabilidade conceitos que não são de todo ponto verdadeiros.

Alguns dos emittidos pelo illustre dr. Francisco Tavares na interview com o *Jornal do Commercio* estão n'este caso.

Do que ficou pactuado entre o representante do marechal Floriano, presidente da Republica e o general Joca Tavares lavrou-se uma acta.

Esta jámais poderá ser alterada. A este documento, pois, me reporto.

Confirmo a intervenção do illustre barão de Sta. Tecla para realisar-se, no Estado Oriental, a mesma conferencia com o general Tavares.

Assim tambem não é menos certo ter eu dito ao illustre barão e a um outro amigo que *regressaria* ao Rio Grande—*para tratar da paz*—, mas não accrescentei que esta *seria feita*.

Regressei do Rio Grande a 4 de julho e a 11 do mesmo mez *deveria voltar*, no *Itaipú*, quando a 7 ou 8 desse mez surgiu o entrave Wandenkolk.

Esse facto perturbou a auspiciosa tentativa. A esse seguiram-se outros que destruíram todo o empenho do marechal Floriano Peixoto, que, como todos os brasileiros, queria a paz, mas, na sua dupla qualidade de cidadão, e chefe de Estado, a queria digna e elevada para todos os poderes publicos e honrosa para todos.

Por ora fico aqui».

Doc. n. 140—*Carta do gen. Galvão ao gen. Tavares, solicitando-lhe uma conferencia.*

«*Capital Federal*, 28 de maio de 1895.—Cidadão general João Nunes da Silva Tavares.

Tendo sido nomeado commandante do 3.º districto militar e de todas as forças em operações no Rio Grande do Sul, tenciono partir para lá nos primeiros dias do mez vindouro. Meus intuitos são de todo o ponto patrioticos, e feliz me julgaria se a pacificação do Rio Grande se realizasse, sem que uma só gotta de sangue fosse vertida por aquelles que luctão, sabendo que se batem com irmãos.

Inteiramente alheio aos interesses e planos partidarios do vosso Estado natal, não tendo odios ou vinganças a exercer; deseioso que termine essa guerra de irmãos que vai conduzindo

á ruina um Estado que pôde prosperar e feliz no gozo da paz; interessado pelos credits da Republica e pela sorte futura do paiz, como brasileiro que sou e soldado que tem o dever de sustentar as instituições de sua patria; aninhando assim com sinceridade taes principios, não posso, não devo atirar-me á lucta antes de empregar meios conciliatorios para alcançar dos revoltosos a deposição das armas, mediante condições honrosas para o governo federal, que represento, e para os rebeldes de que sois o verdadeiro chefe.

Crendo no vosso patriotismo e dedicação á terra que vos foi berço, estou intimamente convencido de que não hostilisaes as instituições do paiz, e sei que nem hombridade vos falta, nem de maior honorabilidade precisaes para que vos repute um homem de bem e um cidadão prestimoso. Assim, pois, antes de hostilisar as forças que commandais, é meu dever ouvir-vos e tratar comvosco, como chefe, a pacificação do vosso Estado.

Para isso é que vos dirijo estas linhas, dictadas por amor dos credits do exercito que commando e pela consideração que mereceis como cidadão de valor e serviços prestados á Patria; para isso é que vos convido a marcar dia em que vos possa mandar receber na fronteira de Bagé, afim de conferenciardes comigo no meu Quartel-General.

Podeis acreditar na lealdade do vosso camarada.—General *Innocencio Galvão de Queiroz*.

Doc. n. 141—*Carta do gen. Tavares ao gen. Galvão em resposta á deste.*

Pontas de Ponche Verde, 18 de junho de 1895. — Cidadão General Innocencio Galvão de Queiroz.

Acabo de receber a vossa carta datada de 28 do mez de maio, invocando o meu patriotismo e dedicação á terra que me deu berço, para comvosco combinar os meios de pacificar o glorioso Estado do Rio Grande do Sul, de modo honroso para o governo da União, que dignamente representais, e para a revolução.

Permitti que vos pondere que nunca estiveram em jogo nem o Governo Federal, nem as instituições da nossa patria, a despeito da intervenção da União em uma questão de character puramente local, que obrigou o paiz ao desgosto de presenciar uma lucta entre irmãos, durante a qual tem desaparecido milhares de cidadãos uteis á patria brasileira, ao Estado e á familia.

Sou o primeiro a lamentar as desgraças occorridas em tão largo periodo; mas bem o sabeis, não foi mero capricho que me levou ás armas, e mais tarde o Brazil inteiro fará justiça ás nossas intenções e a historia será inflexivel na apreciação dos factos.

Comquanto parte neste pleito de honra, sinto-me como vós com o animo calmo e sereno para tratar a paz, com honra para todos, e com a paz conquistarmos o direito de vivermos em liberdade.

Não vos posso marcar o dia em que me deveis mandar receber na fronteira, porque o exercito revolucionario acha-se muito internado no Estado: e eu, como vós, desejo suspender as hostilidades emquanto durar a nossa conferencia.

Por telegramma, logo que se approxime o exercito, que para isso ja mandei ordem, marcarei dia e logar em que estarei á vossa disposição.

Confiado na vossa lealdade, vos sauda o vosso camarada—
João Nunes da Silva Tavares.

Docs. n. 142—*Telegrs. entre os generaes Tavares e Galvão sobre a conferencia.*

A) — «1 de julho—General Galvão—Pelotas—No dia 8 do corrente estou ás vossas ordens, no Passo da Viola. Dei ordem para a suspensão de hostilidades; desde já espero identico procedimento da vossa parte. Estando o vosso quartel general em Pelotas, peço-vos seja a vossa conferencia em Bagé. Aguardo vossa resposta.—General *Tavares.*

B) — «2 de julho—General Tavares—Mello—Recebi vosso telegramma. Ordenei suspensão de hostilidades. No dia 8 mandarei official e força de confiança receber-vos no Passo da Viola. Meu estado de saude não permite ir a Bagé. Peço-vos a fineza de vir até Pelotas, em trem especial. Meu estado-maior vae receber-vos alli. Confiai na minha lealdade, e dos camaradas. A conferencia será demorada e aqui melhor trataremos. Saudades. — General *Galvão de Queiroz.*

Docs. n. 143—*Protocollo da pacificação do Rio Grande do Sul*

a). Acta da conferencia que, em 10 de julho de 1895, teve o general de divisão Innocencio Galvão de Queiroz, commandante em chefe das forças em operações no Estado do Rio Grande do Sul, com o general honorario João Nunes da Silva Tavares, chefe dos revolucionarios contra o governo do Estado, em Piratiny.

O general Silva Tavares declarou em nome de seus commandados que nunca luctou nem lucta contra a Republica nem con-

tra o governo da União ; que é e sempre será sustentaculo das instituições republicanas ; que sómente o governo do dr. Julio de Castilhos o levou a pegar em armas com seus companheiros, para defeza de seus direitos politicos e evitar violencias de que foram victimas.

Declara mais que está prompto a depôr as armas perante o governo da União desde que este lhe garanta e a seus companheiros effectiva posse de todas as garantias e direitos que a Constituição confere a todo o cidadão brasileiro, procedendo-se á reconstituição do Estado do Rio Grande, de accôrdo com a Constituição Federal e ficando-lhes o direito salvo de requerer indemnisação por prejuizos que soffreram com o abastecimento das forças do governo e outros em suas propriedades. Eu tenente Emilio Sarmiento, ajudante de ordens, servindo de secretario, a presente escrevi em duas vias, que vão pelos dois referidos generaes assignadas.—*Innocencio Galvão de Queiroz*.—General *João Nunes da Silva Tavares*.

b). Gabinete do ministro da Guerra—Capital Federal, 31 de julho de 1895—Reservado—Ao sr. general Innocencio Galvão de Queiroz, commandante do 6.º districto militar e das forças em operações no mesmo districto.

Da acta que acompanhou o vosso officio de 12 do corrente, relativa á conferencia que tivestes com o general Silva Tavares, consta que este declarou que elle e seus companheiros de rebelião estão promptos a depôr as armas, perante o governo da União mediante as condições seguintes :

1ª, garantia da effectiva posse dos direitos e garantias que a Constituição confere a todo cidadão brasileiro ;

2ª, reconstituição do Estado do Rio Grande, de accôrdo com a Constituição Federal ;

3ª, resalva do direito de requerer indemnisação por prejuizos que soffreram com o abastecimento de forças do governo, e outros, em suas propriedades.

Communico-vos que o sr. presidente da Republica examinou esta proposta e resolveu o seguinte :

Quanto á 1ª condição—E' dever do poder publico, federal e estadual, assegurar a todos os brasileiros obedientes á lei a posse effectiva ou o livre exercicio de todos os direitos e garantias que a Constituição lhes confere e a sinceridade do regimen republicano impõe.

Depostas as armas pelos rebeldes, com a sua submissão á lei, o governo cumprirá esse dever em relação a elles e não consentirá que seja illudido.

Se a intenção dos rebeldes, estabelecendo esta condição, é isentarem-se do processo e das penas em que incorrem como criminosos politicos, só conseguirão isso se obtiverem amnistia, a qual só pôde ser concedida pelo Congresso Nacional, que, a julgar-se por sua deliberação ultima, não a concederá emquanto os rebeldes se mantiverem com armas na mão.

Quanto á 2ª condição. — Não pôde ser aceita essa condição.

O governo federal não assume, nem poderia assumir, o compromisso de intervir na reconstituição do Estado do Rio Grande porque o unico poder competente para reconstituir um Estado, reformando a sua Constituição, é o seu poder Constituinte, sem intervenção de autoridade estranha. O Rio Grande do Sul é um Estado constituído.

Se a Constituição desse Estado incide nas disposições dos arts. 6.º § 2.º e 23.º da Constituição Federal, só ao Congresso Nacional compete resolver: porém, este só poderá occupar-se do assumpto e resolver-o como entender em sua sabedoria, ou por iniciativa de um de seus membros, ou por meio de petição ou representação, de interessados, mas não por exigencia de rebeldes, que indicam o sentido em que querem que seja tomada a deliberação, como condição para deporem as armas e submettem-se ao dominio da lei.

Quanto a 3ª condição.—Cessada a lucta armada no sul, não só os rebeldes como os que luctaram pela legalidade e os que tomaram parte na lucta, ficarão todos com o direito salvo para reclamar, pelos tramites legais, de quem de direito, a indemnização dos prejuizos que houverem soffrido.

A autoridade competente julgará se as reclamações são procedentes e se estão devidamente provadas.

Se os rebeldes não luctam contra a Republica, se desejam sinceramente a paz, deponham as armas, submettam-se ás instituições adoptadas pela Nação, e aos poderes por ella constituídos, os quaes, desde que aquelles entrem no regimen legal, tornarão effectivo o livre exercicio de todos os seus e garantias constitucionaes.

Restabelecida a paz no Rio Grande, os poderes publicos procurarão reparar os grandes males causados pela guerra civil áquelle Estado, auxiliando a restauração e o desenvolvimento de suas industrias.

Tal é a deliberação do governo, que vos communico para vosso conhecimento e devidos effectos.

Saude e fraternidade.—*Bernardo Vasques.*

c). Quartel em Pelotas, 23 de agosto. — Sr. presidente da Republica.

Está assignada a paz do Rio Grande, de accôrdo com vossos desejos e decisão.

Tavares está aqui. Pelotas em regosijo indescriptivel. Aceitai sinceros parabens pela glorificação do vosso nome, acatamento da vossa autoridade e paz do Estado do Rio Grande. Viva a Republica! — General *Galvão.*

d). PALACIO PORTO ALEGRE, 23.—Dr. Prudente de Moraes, presidente da Republica.—Acabo de receber vosso telegramma, que cordialmente agradeço, confessando-me penhorado pelas vossas expressões.

Restabelecimento da paz neste Estado, mediante submissão dos rebeldes, nos elevados termos da vossa digna decisão, determina immenso regosijo no Rio Grande do Sul, que, como theatro principal da caracterisada tentativa contra instituições republicanas, soffre desde fevereiro de 1893 os funestos effeitos da lucta armada.

Ao mesmo tempo tão auspicioso successo envolve vossa justa e nobre benemerencia, attenta a situação honrosa em que se conservam prestigiados os poderes publicos.

Faço-vos para que aquella submissão seja definitiva. Pela minha parte, tudo envidarei no sentido de auxiliar-vos a tornar effectivas as garantias e direitos constitucionaes.

Em nome do Rio Grande do Sul dirijo-vos sinceras congratulações, extensivas ao vosso governo.

Acceptae minhas cordiaes saudações. — *Julio de Castilhos.*

e). Aos 23 dias do mez de agosto de 1895. 7.º da Republica, no Quartel-General do commando do 6º districto militar e de todas as forças em operações no Estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Pelotas, reunidos os generaes bacharel Innocencio Galvão de Queiroz, commandante em chefe, e João Nunes da Silva Tavares, chefe das forças revolucionarias contra o governo do dr. Julio de Castilhos, para ajustarem a pacificação do Estado, foi pelo general de divisão Innocencio Galvão de Queiroz, declarado, em nome do presidente da Republica:

Que o governo da União tomando em consideração a proposta de paz que, por intermedio do commandante das forças legaes lhe fôra presente, resolvera acceitar duas das condições da mesma proposta, recusando a terceira por estar fóra das attribuições do Poder Executivo da Republica, determinar a revisão da Constituição dos Estados e ser isso da competencia exclusiva do Poder Legislativo;

Quo o governo entende ser dever do poder publico federal e estadual assegurar a todos os brasileiros obedientes á lei a posse effectiva ou o livre exercicio de todos os direitos e garantias que a Constituição lhes confere e a sinceridade do regimen republicano impõe;

Que, depostas as armas pelos rebeldes com a sua submissão á lei, o governo cumprirá esse dever em relação a elles e não consentirá que seja illudido;

Que taes garantias, não importam amnistia que só o Congresso Federal pôde conceder e concederá provavelmente desde que os rebeldes depuzerem as armas, visto já lhes ter negado por se acharem elles com as armas na mão

Que, cessada a lucta armada no sul, não só os rebeldes, como os que luctaram pela legalidade e os que não tomaram parte na lucta, ficarão todos com direitos para reclamarem pelos tramites legaes, de quem de direito, a indemnisação dos prejuizos que houverem soffridos.

E, exposta a decisão do governo federal pelo commandante em chefe das forças em operações no Rio Grande do Sul, consultado a respeito o general João Nunes da Silva Tavares, respondeu este :

Que a condição da revisão da Constituição estadual, exigida pelos revoltosos para deposição das armas, não foi com vistas ao governo executivo da Republica : esperam os revoltosos que tendo della conhecimento, o Congresso resolva acerca do assumpto, afim de firmar-se real e duradoura a paz no Rio Grande do Sul, esperança que ainda nutrem, portanto quaesquer que sejam os bons desejos e a sinceridade do presidente da Republica affirmando a effectividade dos direitos e garantias permittidas, serão taes direitos e regalias illusorios deante da impossibilidade de uma fiscalisação permanente a effectiva sobre justiça e governo que se baseiam em uma constituição contraria á lei federal ;

Que, confiantes no patriotismo e lealdade do chefe do governo da União, vão depôr as armas para que o facto de se acharem em lucta armada não seja empecilio a que se lhes reconheça a justiça da causa pela qual até hoje se bateram, que outra não foi senão a necessidade de repellirem pela força, as violencias e o arbitrio de um poder inconstitucional e discricionario ;

Que acredita no criterio e justiça do Congresso Federal para o qual vae, em nome dos rebeldes, appellar no momento em que estes se submettem ao regimen da lei, o que, no dizer do governo da Republica, lhes permite gozarem dos direitos e regalias que o poder publico deve assegurar a todos os cidadãos brasileiros ;

Que os rebeldes não fizeram questão de indemnisação de prejuizos que soffreram nem reputam favor ou concessão o que o governo promete a todos — neutros e os que luctaram — e o que decorre da simples condição de brasileiros ;

Que não acredita que o governo deseje desarmal-os para punil-os pelo facto de se haverem rebellado contra o governo do Estado, porquanto, seria isso o requinte da má fé e da iniquidade, que têm na lealdade e correcção do Exercito brasileiro os mais significativos penhores para não recusarem depôr com hombridade perante elle as armas de que lançaram mão, não para combatel-os, mas para luctarem com adversarios politicos do seu Estado ;

Que elle, chefe dos revolucionarios, não pôde, porém, prescindir para a deposição das armas que o commandante em chefe das forças legaes tome tambem o compromisso de dirigir-se ao governo da União pedindo o exame da Constituição do Estado do Rio Grande, que vae de encontro á lei federal. E o general em chefe das forças legaes, annuindo a essa exigencia, lavrou-se a presente acta que eu, capitão-escriptuario Marcellino Antonio dos Santos, escrevi. — General *Innocencio Galvão de Queiroz*. — General *João Nunes da Silva Tavares*.

f). Capital Federal, 25 de agosto de 1895. — Ao commandante do 6.º districto militar. — Pelotas.

Vosso telegramma de 23 diz :

«Está assignada a paz do Rio Grande accôrdo vossos desejos e decisão.»

Em outros telegrammas accrescentastes — «que os revoltosos haviam deposto as armas, perante o exercito». Essa auspiciosa noticia, que nos encheu de sincero jubilo, foi logo transmittida a todos os Estados e ao estrangeiro.

Com o telegramma de hontem transmittistes, como vos foi recommendado, a integra da acta da pacificação. Por ella vimos terdes affirmado que o governo recusava a terceira condição por estar fóra das attribuições do Poder Executivo determinar a revisão das Constituições dos Estados e ser isso da competencia exclusiva do Poder Legislativo.

O governo federal não firmou, nem poderia firmar em sua decisão esses conceitos que lhe attribuistes.

O aviso de 31 de julho diz: «Quanto á segunda condição: Não pôde ser aceita esta condição».

O governo federal não assume, nem poderia assumir o compromisso de intervir na reconstituição do Estado do Rio Grande, porque o unico poder competente para reconstituir um Estado, reformando a sua Constituição é o seu poder constituinte, sem intervenção de autoridade estranha.—O Rio Grande do Sul é um Estado constituído.»

A acta termina assim : «que elle, chefe dos revolucionarios não pôde, porém, prescindir, para deposição das armas que o commandante em chefe das forças legaes tome tambem o compromisso de dirigir-se ao governo da União, pedindo o exame da Constituição do Estado do Rio Grande, que vae de encontro á federal. E o general em chefe das forças legaes annuindo a essa exigencia, lavrou-se a presente acta, etc.»

Annuindo a exigencia do chefe dos revolucionarios, tomastes compromissos que o governo, em sua decisão, declarou não assumir, nem poder assumir.

Com estas restricções o governo ratifica o que se contém na acta, estando certo de que o restabelecimento da paz e congraçamento dos brasileiros não serão perturbados por esse motivo.

O governo federal confiando, como confia, na sinceridade republicana do governo do Rio Grande do Sul, não tem duvida de que todas as garantias individuaes e politicas se tornarão effectivas.

Já o presidente desse Estado em sua recente circular ás autoridades locaes deu testemunho do empenho que tem para que seja sincera a paz e isso deve inspirar plena confiança. Sob essas garantias, pelas quaes respondem os governos da Republica e do Estado, todas as idéas e aspirações poderão desenvolver-se e procurar triumphar.

Acceptae nossas saudações.— *Prudente de Moraes.*— *Bernardo Vasques.*

Doc. n. 144 — *Telegr. dos generaes Galvão e Silva Tavares ao Congresso Nacional sobre a pacificação.*

Pelotas, 23.

Congratulamo-nos com o Congresso Nacional pela pacificação do Estado do Rio Grande do Sul, que acabamos de assignar.

Dependendo a consolidação da paz e o congraçamento da familia rio-grandense da effectividade e permanencia no gozo dos direitos e garantias que o governo da Republica prometeu aos que depuzeram as armas, da revisão da Constituição do Estado, que é indubitavelmente contraria á lei federal, esperam os abaixo assignados do patriotismo e justiça do Congresso Nacional que essa revisão seja tomada na devida consideração.—General *Innocencio Galvão e Silva Tavares* .»

Doc. n. 145 — *Mensagem que o dr. Prudente de Moraes enviou ao Congresso, participando a pacificação.*

« Srs. Membros do Congresso Nacional—Cumpro o grato dever de vos comunicar a terminação da lucta civil que tem perturbado a vida da Republica ha mais de dous annos.

Submettendo-se ao regimen legal e ás autoridades constituídas da União e do Estado do Rio Grande do Sul, depuzeram as armas em 23 do corrente.

O congraçamento dos brasileiros, sob o regimen republicano, é um facto auspicioso para a nossa patria.

Trazendo ao vosso conhecimento os documentos officiaes a elle referentes tenho a mais viva satisfação em assegurar-vos que as autoridades federaes e as do Estado do Rio Grande do Sul firme e sinceramente tudo farão para que seja efficaç e fecunda á pacificação.

Capital Federal, em 26 de agosto, de 1895.—*Prudente J. de Moraes Barros*, Presidente da Republica.»

Doc. n. 146 — *Telegr. do gen. Galvão ordenando a suspensão de hostilidades.*

(COMMERCIO, 2 DE SETEMBRO)

Δ)—«Coronel *Carlos Telles*. Bagé : Chefe forças revolucionarias General Tavares acaba suspender hostilidades para conferenciar commigo. Ordeno forças meu commando suspendam tambem hostilidades e recommendo fiel observancia aos preceitos de armis-

ticio impedindo rigorosamente qualquer violação contraria credito exercito brasileiro.—General *Galvão.*»

Boletim do gen. Galvão annunciando o desarmamento das forças revolucionarias

B)—«Commando do 6.^o districto militar e de todas as forças em operações no Estado do Rio Grande do Sul.—Ordem do dia —Pelotas, 8 de outubro de 1895.—Verificando-se das partes dadas a este commando pelos chefes superiores do Exercito:— Coronel Carlos Maria da Silva Telles, commandante da 2.^a divisão que guarnece toda a fronteira de Bagé desde D. Pedrito á Uruguayana e defende a zona da estrada de ferro de Pelotas á fronteira, coronel José Joaquim de Aguiar Corrêa, commandante da brigada que occupa a zona atravessada pela estrada de ferro do norte desde a estação inicial até S. Gabriel; coronel Lydio Costa, commandante da 3.^a brigada de observação na fronteira de Jaguarão; tenente-coronel Paula Castro, commandante da 2.^a brigada e das forças que guarnecem Sant'Anna do Livramento, tenente-coronel José Carlos Pinto, ex-commandante da brigada de observação e defeza á fronteira do Chuy, que se acham inteiramente dissolvidas, dispersas e desarmadas todas as forças que compunham as tres divisões de Apparcio Saraiva, sob o mando dos chefes: Cabeda, Azambuja e Torquato Severo, e bem assim as do coronel Ladislau Amaro e outros chefes, taes como Manoel Machado, Vasco Amaro, Ribeirinho, etc. tendo chefes, sub-chefes e todos os ex-rebeldes regressado a seus lares e a seus pacificos labores, o que consta dos telegrammas que em seguida publico, faço saber ás forças de meu commando que estão satisfeitos os compromissos tomados pelo general João Nunes da Silva Tavares, que na qualidade de chefe principal dos ex-revolucionarios assignára o protocollo da paz em 23 de agosto passado.

Deante da palavra official e honrada dos distinctos chefes do Exercito, signatarios do telegramma a que alludo, não é mais licito duvidar de que a paz do Rio Grande do Sul seja uma realidade, restando apenas para que o Estado volte a seu periodo de normalidade que os bons brasileiros secundem o honrado Presidente da Republica no glorioso e patriotico empenho de tornar a paz duradoura e fecunda para estabilidade da Republica e felicidade da Patria.

O desarmamento e dispensa das forças civis não tardará, estou certo, a ser ordenado pelo governo da Republica por ser, com effeito onus pesadissimo para os cofres publicos manter uma força civil de cerca de nove mil homens acarretando despeza superior a mil contos de réis mensaes quando equal força de linha existe e é sufficiente para a garantia da ordem no Estado.

Congratulo-me, pois, com as forças que commando por ver coroados do mais brilhante exito os seus esforços em prol de

uma causa que o Paiz todo havia feito sua, e dirijo meus parabens á Patria.

• Ordem do dia do gen. Galvão sobre a pacificação

C)—Pelotas, 24.— «Perante o exercito brasileiro, perante vós defensores da Republica, depuzeram hoje as armas os rebeldes, que sem treguas durante cerca de tres annos estiveram empenhados em uma lucta tão deshumana quanto prejudicial á patria, tão sentida pelos brasileiros, quanto excitada pelos odios e paixões ou pelo sordido interesse de cidadãos degenerados. A patria tinha sobre vós voltada a sua attenção, confiando na vossa lealdade e dedicação, na vossa disciplina e patriotismo tantas vezes correctamente revelados no passado, sob as ordens de Caxias, Osorio, Deodoro e Floriano, que serviram de exemplo e vos ensinaram o caminho da honra e do dever.

A patria tudo esperava de vós e não se illudio, pois está assignada a paz, sem humilhação para os vencidos, sem falta de generosidade da parte do exercito, sem a mais leve quebra de dignidade da auctoridade e do prestigio do presidente da Republica.

Soubestes, camaradas, cumprir a vossa obrigação de soldados, o vosso dever de irmãos tão generosos quanto bravos, tão disciplinados quanto humanos. A pacificação do Rio-Grande do Sul não era sómente a maior das aspirações nacionaes, não significava sómente a cessação de uma ameaça permanente de perturbações, contaminando todo o paiz pela irradiação de paixões e odios, não exprimia sómente o termo do escoamento funesto de todos os nossos recursos financeiros em uma lucta cruel e esteril, era mais do que isso uma questão de honra e decoro nacionaes. Havia uma parte de territorio da patria em que os mais rudimentares sentimentos de humanidade e civilisação tinham sido esquecidos.

Os attentados de todo o genero, as crueldades praticadas na lucta, eram uma ignominia que nos faziam recuar aos tempos mais barbaros dos povos selvagens. Apagar essa nodoa, que nos envergonhava perante nossa consciencia de povo culto e perante o conceito universal, tornava-se urgente, inadiavel necessidade. Era missão reservada ao exercito. Vós acumpriestes, cobrindo-vos de benções lançadas pelas mães, pelas filhas, pelas esposas rio-grandenses, que desejariam talvez engrinaldar com flores estas bayonetas que ha pouco lhes inspiravam terror, imaginando-vos com ellas ferir o coração de seus filhos, paes e esposos.

Feliz o exercito que sabe assim merecer de sua patria thesouros de sentimentos e sabe enlaçar aos louros marciaes as flores da alma.

São apenas decorridos dois mezes e meio que assumi o commando do exercito em operações, periodo de tempo suffi-

ciente de certo para os mais completos triumphos pelas armas em uma guerra do seculo; mas vos affirmo que não vacillaria um instante em preferir a sorte que me coube, a cobrir-me das glorias mais virentes que pudesse alcançar nessa lucta que termina ainda recommendando-me como o mais bravo dos generaes hodiernos. Até o completo desaparecimento dos odios e resentimentos, que só o tempo poderá extinguir, é necessario que o exercito dê ainda provas de seu criterio, conservando-se como emissario da paz entre os que devem ser amigos mais tarde. E' essa a conducta que vos recommendo.

Viva a Republica!—*Innocencio Galvão de Queiroz*, general.

Doc. n. 147—*Ordem do dia do gen. Cantuaria ao assumir o commando do 6.º districto.*

Commando do 6.º Districto Militar no Estado do Rio Grande do Sul.—Quartel General em Pelotas, 28 de Janeiro de 1896.—Ordem do dia n. 1.

Assumindo o commando d'este districto, para o qual fui nomeado por Decreto de 2 do corrente, devo tornar bem claro que a minha missão tem por fim, antes de tudo, dar completa execução ao convenio de 23 de Agosto do anno passado, mediante o qual os revolucionarios d'este Estado obrigaram-se a depôr as armas, submeter-se ás instituições adoptadas pela Nação e reconhecer as autoridades legalmente constituidas, compromettendo-se, por seu lado, o Governo Federal que hoje aqui represento, a fazer effectivas, em favor delles, todas as garantias constitucionaes.

Desde que os citados revolucionarios, que foram todos depois, amnistiados pelo Congresso Federal, cumpriram lealmente o compromisso tomado, já entregando as armas que traziam, já dissolvendo as forças em que se achavam organizados, o Governo Federal não pôde, de modo algum, deixar de, por sua vez, honrar a sua palavra, não só por ser esse o seu dever, como porque somente desse modo se poderá obter a consolidação da paz, que é hoje a suprema aspiração nacional.

Para a suprema consecução desse *desideratum*, escusado é dizer que tudo espero dos bons esforços da Guarnição Federal deste Districto, a cujos officiaes, principalmente aquelles que commandão guarnições ou fronteiras, muito e muito recommendo que nas zonas de sua jurisdicção, impeçam que se pratique qualquer violencia, contra os ex-revolucionarios amnistiados, ou contra emigrados que regressem á Patria, quer providenciando directamente, quando preciso fôr, quer reclamando providencias das autoridades locaes, e dando sempre de tudo immediato conhecimento a este commando.

E sendo esta a primeira oportunidade que se me offerece, para dirigir-me aos meus bons camaradas do exercito em serviço n'este Estado, do qual tenho a honra de ser filho, não encerrarei esta ordem do dia, sem lhes fazer vêr a todos e com especialidade áquelles que exercem commandos que, representando nós a acção benéfica do Governo da União, não nos é licito alliar-mo-nos a um partido contra outro, por isso que a nossa missão, elevada e patriótica, é servir de garantia a todos sem a menor distincção de partidos.

Assim procedendo, melhor concorremos para a felicidade do Estado do Rio Grande do Sul e consequente engrandecimento da Republica Federativa do Brazil.—*João Thomaz Cantuaria*.—General de Divisão.

Doc. n. 148—*Parecer n. 192 da commissão de Constituição, Poderes e Diplomacia do Senado Federal acerca do ultimo projecto de amnistia que foi convertido em lei.*

A proposição da Camara dos Deputados n. 76 do corrente anno, ora submettida á commissão de Constituição, Poderes e Diplomacia, para sobre ella interpor o seu parecer, amnistia a todas as pessoas que directa ou indirectamente se envolveram nos movimentos revolucionarios occorridos no territorio da Republica até 23 de agosto do corrente anno, e determina ao mesmo tempo que os officiaes do exercito e da armada comprehendidos nessa amnistia, não possam voltar ao serviço activo antes de dous annos contados da data em que se apresentarem á autoridade competente, ficando ainda depois desse prazo sujeitos á mesma condição si assim o julgar conveniente o Poder Executivo.

Esta proposição exprime, como é publico e notorio, o accordo a que poderam chegar as opiniões controvertidas no debate dos differentes projectos apresentados sobre esse importante assumpto, opiniões expressamente manifestadas nas proprias deliberações divergentes adoptadas pelas duas casas do Congresso.

A simples resenha chronologica dos diversos projectos submettidos á deliberação do Senado demonstra-o sufficientemente.

Pelo projecto n. 3 de 7 de maio do corrente anno, (apresentado pelo Sr. Senador Costa Azevedo) concede-se a amnistia a todos os brasileiros que directa ou indirectamente tomaram parte na revolta de 6 de Setembro de 1893, promovida por uma parte da esquadra nacional, excluindo da amnistia os militares de mar e terra da classe activa e das classes annexas do exercito e da armada, officiaes de patente.

Essa mesma exclusão foi determinada no projecto substitutivo offerecido, perante as commissões reunidas de Legislação e Justiça e Constituição e Poderes, pelo Sr. Senador Campos Salles, com relação aos militares ou civis que como cabeças tivessem deliberado, excitado ou dirigido o movimento (Cod. Crim. art. 108) ou assumido o commando de corpos organizados ou tomado parte com governo ou junta revolucionaria.

As Commissões reunidas aceitando o pensamento geral desse projecto alteraram comtudo algumas das suas disposições e no substitutivo que offereceram ampliaram o beneficio da amnistia a *todos os individuos* que houvessem tomado parte nos referidos movimentos revolucionarios, o do Rio Grande do Sul e o do porto do Rio de Janeiro e outros, desde que depuzessem as armas e se apresentassem no prazo de noventa dias e dentro do territorio nacional, ás autoridades, civis ou militares da União e fóra delle ás Legações e Consulados da Republica.

Rejeitado pelo Senado este projecto, reviveu a questão da amnistia geral ao ser submittida á deliberação do Senado a proposição da Camara dos Deputados, n. 23, do corrente anno, pela qual se concedia amnistia ás pessoas que, directa ou indirectamente tomaram parte nos movimentos politicos, de character sedicioso, occorridos nos estados de Alagôas e Goyaz.

A essa proposição foi offerecida uma emenda sbstitutiva, assignada por 27 Srs. Senadores, pela qual ficavam amnistiadas *todas as pessoas* que directa ou indirectamente tomaram parte em movimentos sediciosos ou em acto de conspiração ou rebellião que se deram no territorio da Republica até a data de 23 de agosto do corrente anno.

Essa emenda substitutiva foi approvada pela maioria do Senado e nella ficou expressamente manifestada a intenção de tornar a amnistia geral, ampla e absoluta, sem reservas nem condições, quer quanto á nacionalidade de individuos compromettidos nos movimentos revolucionarios quer quanto ás categorias ou classes a que pertencessem.

Posteriormente á adopção deste projecto foi apresentado um outro pelo Sr. Senador Severino Vieira, pelo qual creava no exercito e na armada uma reserva especial para a qual seriam transferidos os officiaes de terra e mar que tendo desertado de suas fileiras, voltassem a ellas *por qualquer circumstancia* que não fosse em consequencia de sentença proferida em tribunal competente.

Embora concebido em termos geraes, pareceu que o projecto abrangia casos já occorridos além dos que pudessem occorrer no futuro, e que portanto directa ou indirectamente attingia ou podia attingir os militares que desertaram de suas fileiras para envolver-se nos movimentos revolucionarios comprehendidos no projecto de amnistia geral já approvado pelo Senado a ainda pendente da deliberação da Camara dos Deputados.

Por essa razão e seguramente por outras que a Comissão

deixa de apreciar, foi apresentado um substitutivo subscripto por 20 Srs. Senadores determinando que a reserva especial fosse *de character provisorio*, que para essa reserva fossem transferidos os officiaes effectivos que tendo se envolvido em conspiração ou sedição até 23 de agosto do corrente anno, obtivessem amnistia.

Neste substitutivo ficou bem claro o pensamento de que as suas disposições referiam-se directamente aos militares amnistiados pelo projecto que passara no Senado e constituia portanto uma restricção ao pensamento da amnistia ampla e incondicional que fôra o pensamento vencedor pela manifestação do voto da maioria do Senado.

Taes projectos não mereceram o assentimento do Senado e desde então como a formula da sua vontade e deliberação, ficou prevalecendo a emenda substitutiva á proposição n. 23 da Camara dos Deputados e a esta Camara submettida para final de liberação.

A Camara dos Deputados por grande maioria rejeitou a emenda do Senado e como consequencia desse acto, foi apresentada e approvada por unanimidade de votos a Proposição ora submettida á deliberação do Senado e sobre a qual a Commissão de Constituição, Poderes e Diplomacia vem interpôr o seu parecer.

Por essa proposição como acima já assignalamos, a amnistia é *concedida a todas as pessoas* que directa ou indirectamente se tenham envolvido nos movimentos revolucionarios occorridos no territorio da Republica até 23 de agosto do corrente anno: não podendo, porém, voltar ao serviço activo, antes de dous annos, contados da data em que se apresentarem á autoridade competente, os militares comprehendidos na amnistia, devendo assim permanecer dentro do referido prazo e ainda depois d'elle si o Poder Executivo assim julgar conveniente.

Tal foi o pensamento vencedor da Camara dos Deputados, cabe agora o Senado pronunciar-se sobre elle.

A commissão acredita e julga podel-o assegurar que a maioria do Senado continúa a achar preferivel a formula da sua emenda rejeitada pela Camara dos Deputados que na sua opinião a amnistia ampla e incondicional é a medida politica que melhor corresponde ao facto de desarmamento dos rebeldes, ainda ha pouco em armas contra a autoridade dos Estados Unidos do Brazil e ao ajuste de paz, com elles negociada, pelo general que commanda em chefe as forças da União no Sul da Republica como delegado do Poder Executivo; mas si este é sentimento intimo da maioria do Senado, não pôde nem deve a commissão exercer ou pôr em duvida as razões de alta politica e de patriotico desvelo pela sorte das instituições da Republica, que influiram, no animo da Camara dos Deputados para acceitar as restricções contidas na proposição que adoptou e para cuja approvação concorreram patrioticamente os votos daquelles mesmos que an-

teriormente se haviam manifestado em favor da amnistia ampla e incondicional.

Nestas circumstancias o Senado só poderia adoptar um destes tres alvitres : sustentar o seu voto, rejeitando a proposição da Camara ; emendar a proposição no sentido da sua opinião já manifestada, finalmente adoptar a mesma proposição como meio de affastar a hypothese de uma collisão politica entre as duas Casas do Congresso, impedindo ao mesmo tempo a consolidação da paz e a realisação dos beneficios que devem resultar da amnistia, como acto de soberana clemencia, destinado a promover o apaziguamento das paixões e a pôr termo ás agitações que têm conturbado a Republica e das quaes só podem resultar as mais funestas consequencias.

Como corporação que representa, na nossa ordem institucional, o elemento ponderador, como a Camara que constitue a representação dos Estados, isto é, o vinculo federal da União Brasileira, a garantia effectiva da autonomia, e da felicidade dos Estados, bem como da unidade nacional, symbolo supremo da grandeza e da prosperidade da Patria commum dos Brasileiros, o Senado, nesta emergencia, dará prova da alta sabedoria e do profundo criterio com que costuma deliberar sobre os grandes interesses nacionaes, conformando se com o pensamento da Camara dos Deputados adoptando a proposição que está submittida á sua deliberação.

Tal é, pelo menos, o parecer da Commissão de Constituição, Poderes e Diplomacia.

Sala das Comissões, 17 de Outubro de 1895. — *Q. Bocayuva.*
— *Gil Goulart.*

Proposição da Camara dos Deputados n. 76 de 1895 a que se refere o parecer supra.

O Congresso Nacional decreta :

Art. 1.º Ficam amnistiadas todas as pessoas que directa ou indirectamente se tenham envolvido nos movimentos revolucionarios occorridos no territorio da Republica até 23 de agosto do corrente anno.

§ 1.º Os officiaes do exercito e da armada amnistiados por esta lei não poderão voltar ao serviço activo antes de dous annos contados da data em que se apresentarem á autoridade competente, e ainda depois desse prazo, si o Poder Executivo assim julgar conveniente.

§ 2.º Esses officiaes, emquanto não reverterem á actividade apenas vencerão o soldo de suas patentes e só contarão tempo para reforma.

Art. 2º Revogam-se as disposições em contrario.

Camara dos Deputados, 11 de outubro de 1895. — *Francisco de Assis Rosa e Silva*, presidente. — *Thomaz Delfino*, 1.º secretario. — *Augusto Tavares de Lyra*, 3.º, servindo de 2.º secretario.

INDICE

1.^a PARTE

	PAGS.
PREFACIO.....	V
PRECEDENTES HISTORICOS.....	IX
O ROMPIMENTO.....	XXXVII
AS INVASÕES E A LUTA.....	LIII
OCCUPAÇÃO DE SANTA CATHARINA.....	LXXXIX
INVASÃO E DOMÍNIO DO PARANÁ.....	CVII
A PACIFICAÇÃO E A AMNISTIA.....	CXXIII

2.^a PARTE

DOCUMENTOS.....	1
Documento n. 1—Manifesto dos principaes chefes federalistas.....	3
» n. 2—Manifesto do dr. Assis Brazil.....	5
» n. 3—Telegr. do dr. Julio de Castilhos ao gov. da União pedindo recursos para soffocar a rebelião contra o golpe de 3 de novembro.....	30
» n. 4—Decretos de adiamento das eleições....	31
» n. 5—Telegr. do major Faria ao gen. Bernardo Vasques.....	32
» n. 6—Manifesto do gen. Barreto Leite.....	33
» n. 7—Manifesto do visc. de Pelotas.....	34
» n. 8—Telegr. do vice-pres. da Republica ao visconde de Pelotas.....	34

Documento n. 9—Telegr. do mar. Floriano Peixoto ao gen. Bernardo Vasques.....	35
» n. 10—Telegrs. do visc. de Pelotas ao barão de Santa Tecla.....	34
» n. 11—Desmentido do Diario Official de 18 de junho de 1892 sobre o rompimento da revolução.....	35
» n. 12—Exposição do visc. de Pelotas.....	36
» n. 13—Telegr. do gen. Joca Tavares ao visconde de Pelotas communicando haver assumido o governo.....	37
» n. 14—Telegr. do mar. Floriano Peixoto ao gen. Joca Tavares scientificando-o da neutralidade das forças federaes.....	37
» n. 15—Telegr. do mar. Floriano Peixoto ao dr. Victorino Monteiro, assegurando-lhe apoio.....	80
» n. 16—Decretos do dr. Julio de Castilhos relativos á escolha do vice-pres. e renuncia do cargo de presidente.....	38
» n. 17—Decreto pelo qual são declarados insubsistentes todos os actos posteriores a 12 de novembro.....	38
» n. 18—Decreto de convocação da Assembléa Estadual.....	38
» n. 19—Mensagem do dr. Victorino Monteiro	39
» n. 20—Telegr. da commissão executiva sobre o rompimento da revolução.....	41
» n. 21—Intimação do dr. Barros Casal ao gen. Bernardo Vasques.....	42
» n. 22—Manifesto do cap.-tenente Candido Lara ao povo rio-grandense.....	43
» n. 23—Protesto do cap.-ten. Lara.....	44
» n. 24—Telegrs. do governo da União a varias auctoridades federaes do Rio Grande do Sul.....	46
» n. 25—Correspondencia telegraphica entre o cap.-ten. Lara, 1º tenente Cordeiro da Graça e ministro da marinha.....	52
» n. 26—Exposição dos acontecimentos do Rio Grande do Sul.....	54
» n. 27—Telegr. do dr. Gaspar Martins ao gen. Silva Tavares concitando-o a depôr as armas.....	55
» n. 28—Acta da dissolução das tropas de Bagé.....	56
» n. 29—Correspondencia entre o gen. Joca Tavares e commandante da guarnição de Bagé sobre os successos alli occorridos.....	58

Documento n. 30—Ordem do dia e telegrs. das principais autoridades militares sobre os acontecimentos de Bagé.....	59
» n. 31—Telegr. da filha do gen. Tavares....	61
» n. 32—Explicação necessaria do cor. Arthur Oscar sobre os successos de Bagé.....	61
» n. 33—Carta do gen. Silva Tavares dirigida a seu irmão, barão de Santa Tecla, sobre o cerco de Bagé.....	63
» n. 34—Ordem do dia do gen. Pego Junior sobre a invasão do Rio Grande do Sul.....	64
» n. 35—Telegrs. e circulares do gen. Pego Junior.....	66
» n. 36—Telegs. do gen. Telles ao mar. Floriano informando-o sobre a situação politica do Rio Grande do Sul.....	69
» n. 37—Cartas do ten.-cor. Facundo Tavares sobre a projectada conspiração.....	70
» n. 38—Boletim-relatorio do governo do Rio Grande do Sul sobre os acontecimentos de novembro de 1892.....	72
» n. 39—Narrativa dos successos do Rio Grande do Sul feita pelo «Jornal do Commercio» de 17 de nov. de 1892.....	75
» n. 40—Rectificação essencial da maioria da representação riograndense sobre a narrativa dos successos occorridos em Porto-Alegre....	81
» n. 41—Exposição do dr. Silva Tavares sobre a conferencia da Carpintaria.....	85
» n. 42—A prisão do ten.-cor. Facundo Tavares descripta por elle mesmo.....	87
» n. 43—Telegr. do mar. Floriano ao dr. Fernando Abbott sobre a invasão.....	90
» n. 44—Ordem do dia do cor. Menna Barreto sobre a organização das forças.....	90
» n. 45—Parte do com. do 6º reg. de cavallaria sobre o ataque de D. Pedrito.....	91
» n. 46—Quesitos sobre o combate de D. Pedrito propostos pelo com. do 6º reg. de cavallaria aos officiaes do mesmo.....	94
» n. 47—Proclamação do gen. Joca Tavares distribuida pela campanha a 5 de fevereiro de 1893.....	90
» n. 48—Notificação do governo sobre a invasão federalista.....	98
» n. 49—Cerco de Sant'Anna do Livramento..	101
» n. 50—Telegr. do gen. Telles ao mar. Floriano Peixoto sobre o levantamento do sitio de Sant'Anna do Livramento.....	101

Documento n. 51—Carta do cor. Salgado ao mar. Floriano demittindo-se do exercito nacional....	102
» n. 52—Manifesto do dr. Barros Cassal.....	103
» n. 53—Telegr. do gen. Pego Junior ao ministro da guerra sobre a acção de Itaroquen.	107
» n. 54—Telegr. do dr. Julio de Castilhos ao mar. Floriano sobre a batalha de Inhanduhy.....	108
» n. 55—Proclamação do alm. Wandenkolk ..	108
» n. 56—Carta dirigida ao chefe do estado-maior general da armada pelo alm. Wandenkolk ..	109
» n. 57—Denuncia da Procuradoria Seccional de Porto-Alegre sobre a tentativa do almir. Wandenkolk ..	110
» n. 58—Resposta do cor. Carlos Telles aos officiaes que faziam parte das forças sitiadas de Bagé.....	111
» n. 59—Ordem do dia sobre o levantamento do acampamento em Pedras Altas da Divisão do Sul.....	112
» n. 60—Officio do ministro da guerra ao ajudante-general do exercito sobre o sitio de Bagé.....	112
» n. 61—Telegr. do dr. Julio de Castilhos ao dr. Cassiano do Nascimento sobre o sitio de Bagé.....	113
» n. 62—Ordem do dia do com. da 1ª brigada da divisão do sul sobre o cerco de Bagé....	113
» n. 63—Parte official do combate em S. Francisco de Paula.....	114
» n. 64—Telegrs. trocados entre as autoridades orientaes sobre o ataque de S. Borja....	115
» n. 65—Telegr. de Gumercindo ao alm. Custodio concitando-o a occupar a cidade do Rio Grande.....	116
» n. 66—Parte official do com. do 6º districto sobre o combate do Rio Grande.....	116
» n. 67—Telegr. do cor. Carlos Telles ao ministro da guerra sobre o combate do Rio Grande.....	122
» n. 68—Officio do alm. Mello ao presidente da Intendencia Municipal da cidade do Rio Grande, intimando-o a evacuar a cidade....	123
» n. 69—Officio do alm. Mello ao pres. da Republica Argentina solicitando a protecção da bandeira daquella Nação	123
» n. 70—Boletim do com. do 6º districto á população da cidade do Rio Grande.....	124

Documento	n. 71—Excerptos da ordem do dia do alm. Mello depois do desastre do Rio Grande.....	125
»	n. 72—Ordem do dia do com. da divisão do norte datada de 6 de dezembro de 1893, de Blumenau	128
»	n. 73—Telegrs. do ministro da guerra ao ajudante-gen. do exercito sobre o combate da serra do Oratorio.....	130
»	n. 74—Telegr. do gen. Lima ao ministro da guerra sobre a batalha de Passo Fundo.....	132
»	n. 75—Parte Official do chefe da 3ª brigada federalista sobre a batalha do Passo Fundo.	133
»	n. 76—Telegrs. sobre a 3ª invasão federalista publicados na imprensa uruguaya.....	135
»	n. 77—Parte official sobre a acção do Indurá.....	136
»	n. 78—Telegr. do dr. Julio de Castilhos ao pres. da Republica relatando o combate do Campo Osorio.....	136
»	n. 79—Parte official do combate do Campo Osorio e ordem do dia publicadas pelo gen. Hippolito Ribeiro.....	137
»	n. 80—Ordem do dia publicada pelo gen. em chefe do exercito federalista sobre o combate do Campo Osorio.....	140
»	n. 81—Instrucções do chefe da revolta ao cap. de mar e guerra Frederico G. Lorena.	141
»	n. 82—Telegrs. trocados entre o mar. Floriano Peixoto e o com. do 5.º districto militar sobre a occupação de Santa Catharina.	142
»	n. 83—Ordem do dia do alm. Mello sobre a sahida do Pallas e Marcilio Dias.....	146
»	n. 84—Communicação do alm. Mello ao cap. de mar e guerra Lorena—Sahida do Metéoro.....	147
»	n. 85—Partes dos coms. das fortalezas da barra do Rio de Janeiro sobre a sahida do Uranus.....	149
»	n. 86—Ordem do dia do alm. Mello sobre a sahida do Aquidaban e Esperança.....	153
»	n. 87—Intimação do chefe Lorena ao com. do 5.º districto militar para entregar a cidade do Desterro.....	155
»	n. 88—Acta da capitulação da guarnição da cidade do Desterro.....	156
»	n. 89—Excerptos do telegr. do pres. de Santa Catharina ao vice-pres. da Republica.	158
»	n. 90—Proclamação do chefe Lorena ao povo catharinense.....	159

Documento	n. 91—Comunicação do com. do 5.º distrito militar entregando o respectivo comando.....	161
»	n. 92—Instrucções do chefe da revolta ao com. do vapor Pallas.....	160
»	n. 93—Officio do chefe Lorena ao alm. Mello, relatando a viagem da primeira expedição.....	162
»	n. 94—Telegrs. remettidos pelo governo da União e recebidos pelos revolucionarios....	165
»	n. 95—Assemblea Legislativa do Estado de Santa Catharina. Sessão do dia 4 de outubro de 1893.....	166
»	n. 96—Proclamação dos membros da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catharina.....	167
»	n. 97—Boletim do pres. de Santa Catharina communicando haver assumido o governo do Estado.....	170
»	n. 98—Telegrs. de officiaes revolucionarios convidando varios camaradas a se pronunciarem pela revolta.....	170
»	n. 99—Acta da 30ª sessão ord. da Assembleia Legislativa do estado de Santa Catharina.....	171
»	n. 100—Noticia da cerimonia da proclamação do governo provisorio de Santa Catharina.....	172
»	n. 101—Primeiros actos officiaes do governo provisorio de Santa Catharina.....	174
»	n. 102—Carta do dr. S. Martins ao alm. Mello sobre o governo de Santa Catharina e na qual são prestadas varias informações sobre a revolução.....	181
»	n. 103—Carta do alm. Mello ao chefe Lorena sobre a constituição do governo provisorio em Santa Catharina.....	183
»	n. 104—Carta do cap. de mar e guerra Lorena ao alm. Mello, pedindo-lhe para assumir a direcção do governo de Santa Catharina....	186
»	n. 104 A).—Carta do dr. Annibal Cardoso ao alm. Mello declarando retirar-se da revolução.....	188
»	n. 104 B).—Carta do 1.º ten. J. C. Mourão dos Santos ao alm. Mello sobre o governo provisorio de Santa Catharina.....	191
»	n. 105—Ordem do dia do com. em chefe do corpo do Exercito provisorio, organisando o mesmo corpo.....	193

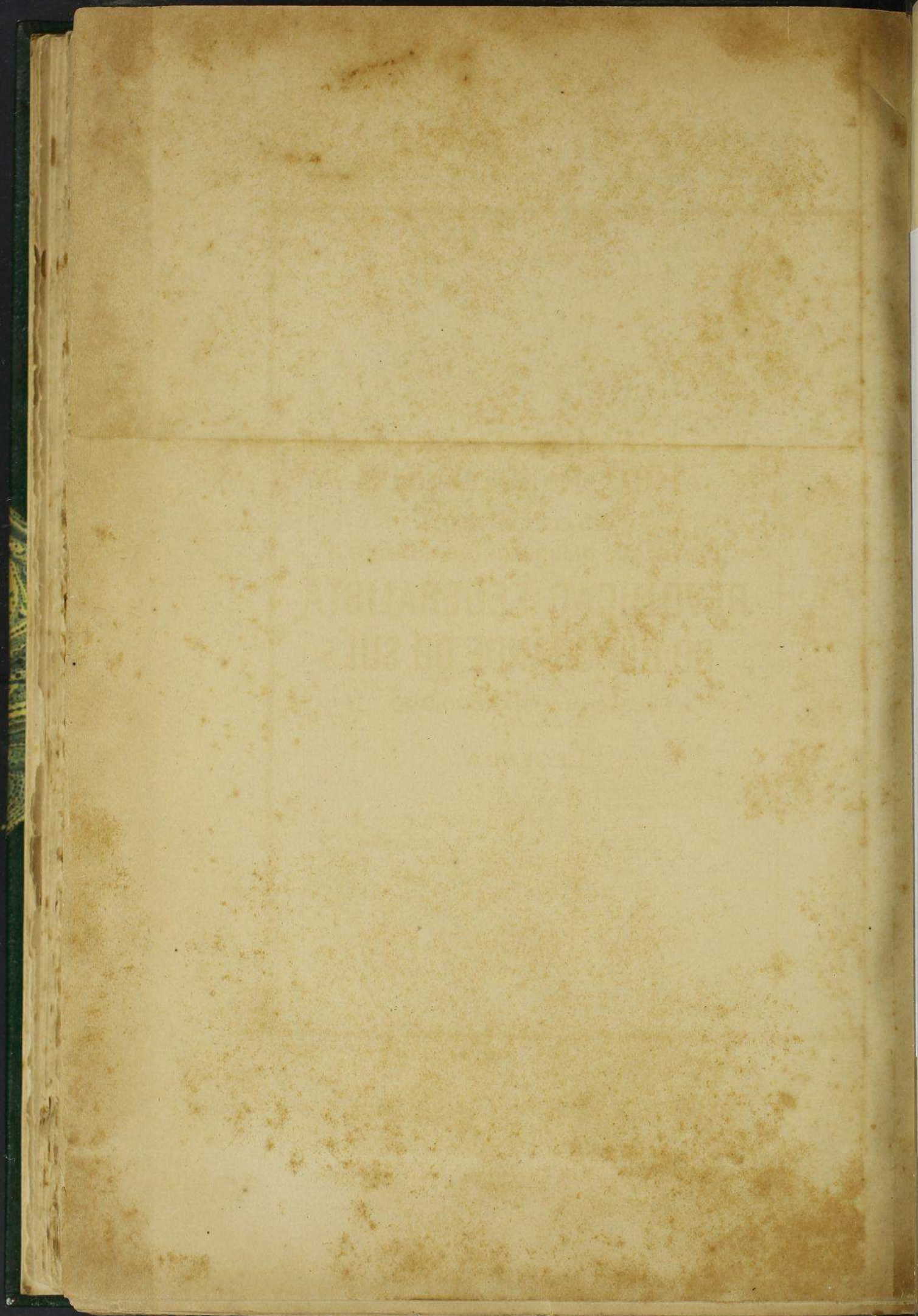
Documento	n. 106—Proclamação do governo provisório de Santa Catharina.....	195
»	n. 107—Telegr. do ministro da marinha do governo provisório de Santa Catharina ao mar. Fl. Peixoto.....	195
»	n. 108—Correspondencia entre o cor. Salgado e o vice-prês. de Santa Catharina....	196
»	n. 109—Ordem do dia das tropas legalistas sobre a invasão de Santa Catharina.....	197
»	n. 110—Telegrs. dirigidos ao alm. Mello pelo cor. Oliveira Salgado.....	200
»	n. 111—Officio do ministro da guerra do governo provisório ao chefe da revolta relatando-lhe o estado da divisão expedicionaria.....	202
»	n. 112—Ordem do dia do com. em chefe da esquadra legal e parte dos coms. das torpedeiras relativas ao combate contra o Aquidaban no porto do Desterro.....	206
»	n. 113—Carta do com. Alexandrino de Alencar relatando o combate no porto do Desterro.....	214
»	n. 114—Nota do alm. Mello ao governo da Nação Argentina pedindo a protecção da bandeira deste paiz.....	226
»	n. 115—Correspondencia entre o alm. Mello e o cor. Salgado e outros sobre o ataque da cidade do Rio Grande.....	226
»	n. 116—Nomeação do cor. A. Moreira Cesar para governador provisório de Santa Catharina.....	231
»	n. 117—Boletim do governador do estado do Paraná.....	232
»	n. 118—Acta da capitulação da praça de Tijucas.....	233
»	n. 119—Manifesto do 1.º governador do estado do Paraná no dominio revolucionario.....	234
»	n. 120—Telegrs. do mar. Floriano ao governador do Paraná e recebidos pelos revolucionarios.....	235
»	n. 121—Telegr. de Gumerindo Saraiva ao mar. Floriano Peixoto concitando-o a deixar o poder.....	236
»	n. 122—Proclamação do cor. Carneiro á guarnição da Lapa.....	236
»	n. 123—Mensagem do gen. Laurentino Pinto ao cor. Lacerda concitando-o a depôr as armas.....	237
		36

Documento	n. 124—Acta da capitulação da praça da Lapa.....	238
»	n. 125—Proclamação do gener. Piragibe aos seus commandados sobre a tomada da cidade da Lapa	239
»	n. 126—Parte do com. do 1º corpo do exercito Nacional Provisorio sobre o sitio da Lapa.....	240
»	n. 127—Telegr. do gen. Laurentino Piñto aos chefes do Governo Provisorio, Ministro da Guerra e alm. Custodio de Mello sobre o compromisso da acta da capitulação da Lapa	243
»	n. 128—Resposta ao telegr. do gen. Laurentino Pinto dada pelo Ministro da Guerra....	243
»	n. 129—Relatorio do chefe da revolta ao ministro da marinha do governo provisorio sobre a conquista do Paraná.....	243
»	n. 130—Proclamação do gen. Piragibe ao chefe das forças do governo legal concitando-o a fazer causa commum com a revolução.	248
»	n. 131—Manifesto do 1º vice-governador do Paraná, depois da occupação da capital pelas forças rebeldes.....	249
»	n. 132—Proclamação do chefe da divisão das tropas leaes em operações no Paraná..	251
»	n. 133—Ordem do dia de Gumercindo annunciando a invasão de S. Paulo.....	252
»	n. 134—Adhesão do batalhão Franco-atiradores.....	255
»	n. 135—Manifesto do alm. Mello aos paranaenses sobre a junta governativa.....	256
»	n. 136—Officio do dr. Menezes Doria ao gen. Cardoso Junior transmittindo-lhe o governo do Paraná.....	256
»	n. 137—Manifesto do gen. Cardoso Junior aos paranaenses annunciando haver assumido o governo do Paraná.....	257
»	n. 138—Manifesto do gen. Cardoso Junior passando o governo do Paraná.....	258
»	n. 139—Declaração do senador Cunha Junior sobre a sua missão ao Sul.....	259
»	n. 140—Carta do gen. Galvão ao gen. Tavares, solicitando-lhe uma conferencia.....	259
»	n. 141—Carta do gen. Tavares ao gen. Galvão em resposta á deste.....	260
»	n. 142—Telegrs. entre os generaes Tavares e Galvão sobre a conferencia.....	261
»	n. 143—Protocollo da pacificação do Rio Grande do Sul.....	261

»	n. 144—Telegr. dos generaes Galvão e Silva Tavares ao Congresso Nacional sobre a pacificação.....	267
»	n. 145—Mensagem que o dr. Prudente de Moraes enviou ao Congresso, participando a pacificação.....	267
»	n. 146—Telegr. do gen. Galvão ordenando a suspensão de hostilidades.....	267
»	n. 146 B)—Boletim do gen. Galvão annunciando o desarmamento das forças revolucionarias	268
»	n. 146 C)—Ordem do dia do gen. Galvão sobre a pacificação.....	269
»	n. 147—Ordem do dia do gen. Cantuaria ao assumir o commando do 6. ^o districto.....	270
»	n. 148—Parecer da commissão da Constituição, Poderes e Diplomacia do Senado Federal sobre o projecto de amnistia que foi convertido em lei	271

INDICE DOS RETRATOS

	Pags.
Retrato do mar. Floriano Peixoto.....	XIII
» » dr. Julio de Castilhos.....	XX
» » » Silveira Martins.....	XXIII
» » gen. Silva Tavares.....	XXXII
» » dr. Barros Cassal.....	XXXIX
» » gen. Pinheiro Machado.....	LX
» » » Gumercindo Saraiva.....	LXVIII
» » alm. Saldanha da Gama.....	LXXXII
» » ten-cor. João Francisco.....	LXXXVI
» » alm. Custodio de Mello.....	XC
» » cap. de mar e guerra Lorena.....	XCI
» » cor. Piragibe.....	CXI
» » » Gomes Carneiro.....	CXIV
» » gen. Galvão de Queiroz.....	CXXVI



Foldout

PAULO

... S. CATARINA,
O GRANDE DO SUL.

com o itinerario
das belligerantes durante a

LUÇÃO FEDERALISTA
IO GRANDE DO SUL.

(approx^o) 1:2,800,000

LEGENDA

- +++ *Fronteira*
- *C. de Ferro em trafego*
- - - " " " " *construção*
- . - *1.^a invasão*
- . - *2.^a "*
- . - *3.^a "*
- *Forças legalistas*
- *Capital*
- *Cidade*
- *Villa*

Foldout

do Sul á fronteira paranaense de S. Paulo, mas tambem pela exactidão das suas designações geographicas. Esta parte é superior ás outras cartas publicadas dos mesmos Estados.

(Da *Noticia*, de 3—5—97.)

O Sr. Epaminondas Villalba, illustre autor do excellente livro *A Revolta da Armada*, não tem descansado na tarefa (que a si mesmo impoz e que o torna digno de elogios) de organizar e publicar documentos valiosos sobre a agitação politica que convulsionou o paiz desde 1892 até 1894. Já tivemos occasião de salientar o merito do seu primeiro livro sobre a revolta de 6 de Setembro e agora podemos e devemos annunciar um outro—*O Federalismo no Rio Grande do Sul*—prestes a ser publicado e do qual faz parte integrante o mappa que o Sr. Villalba nos remetteu.

A carta geographica dos estados do Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, com o itinerario das forças belligerantes durante a revolução do sul, é um trabalho bem feito e merecedor de encomios. A *Noticia* não os regateará ao perseverante e distincto Sr. Villalba.

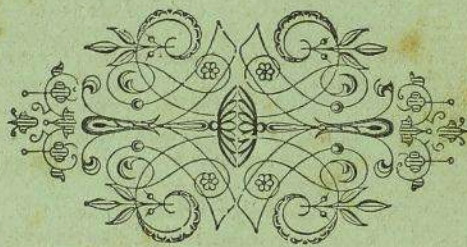
(D'*O Paiz*, de 3—5—97.)

O Sr. Epaminondas Villalba, que já enriqueceu a nossa bibliotheca historica com um volume sobre a revolta de 6 de Setembro, collocando-a no seu verdadeiro papel, acertando na apreciação dos seus injustificaveis intuitos e colleccionando documentos de grande valor politico e historico, acaba de annunciar a publicação de um volume sobre a revolução federalista no Rio Grande do Sul.

E' intuitivo que será de grande valor uma obra contende todos os documentos relativos áquella longa campanha politica. Devemos mesmo declarar que podemos desde já julgar do merito do livro pelo mappa que nos remetteu o Sr. Villalba: é uma carta geographica dos Estados do Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, com o itinerario das forças belligerantes durante aquella revolução.

A carta está bem traçada explica minuciosamente as marchas e contra-marchas das forças legalistas e revoltosas, augmentando muito o valor do livro que o Sr. Epaminondas Villalba vai publicar.





011895



420-

